



Camila ♥ Marciano

Família Ferreira | *Livro Dois*

O ÚNICO HOMEM
da MINHA MULHER
sou eu

VOCÊ SERIA CAPAZ DE AMAR A
GORDINHA QUE NÃO BRONZEIA?



Feito a oito mãos.

(E inteirinho escrito em casa de vó!)

Codas

Eles aos doze anos.

Chovia. E eu já tinha imaginado esta cena mais de um milhão de vezes. Ali estava meu primo, olhando para mim, rindo de uma piada que ele mesmo fez, conta a piada e ri sozinho do mesmo jeitinho que a mãe dele. Chovia e a gente ficou na varanda de puro tédio, sorvete na mão, olhando a grama.

Parecia que o mundo ia acabar, mas eu não tinha medo. A vó costumava dizer que de uma coisa tão bonita dessas não se pode ter medo. A Bia, mais velha, sempre me colocava debaixo da asa dela para me proteger, fechava a janela e deixava Alicinha e eu só olhando. Cobria nós duas com o corpo e desenhava besteiras no bafo da janela.

Nunca me deixou correr no gramado. Olhando o Lipe rindo, tomando sorvete e riscando o assoalho molhado com as pontas do chinelo, eu quis ir lá só de boba. Coloquei o pote de plástico no banco e corri.

Se a mãe visse brigaria muito. Se a mãe visse ou a Alicinha dedurasse, porque aquela ali era um demônio em forma de menina. Corri para o gramado e, como uma boba, fiquei correndo lá fora fugindo do granizo duro.

— Sai daí, Dê! – O Lipe queria assumir o lugar da Bia quando ela não estava, mas ele não era nem velho como a Bia, nem forte como ela.

— Vai dedurar para a minha mãe?

— A Tia Geca vai ficar doida se ver você na chuva.

— Eu vou dizer que você me empurrou.

— Uau, que vaca.

E a mãe acreditaria porque o Lipe era o sobrinho mais atentado e eu era a filha mais doce.

— Corre aqui, Lipe.

— Nem ferrando.

— Mas paulista é tudo medroso, né?

Era essa a cena que eu imaginei mil vezes dentro da minha cabeça. O Lipe e eu na chuva. Ele chutava as poças de água em mim e eu ria, mas eu queria parar, olhar bem para dentro daqueles olhinhos escuros dele e...

Se eu fosse a Bia, eu faria. A Bia vive falando para mim “o que você quer, você vai e pega”, mas eu nunca fui dessas. Nunca beijei ninguém na vida, nunca tive coragem de dizer ao Lipe como eu me sentia, eu não podia virar para o menino que eu amei desde vai saber e pedir um beijo.

Menina não pede beijo não, sô! Se pede, é puta. Vivem falando isso lá na

escola. Joguei água nele de volta até surgir a voz do além berrando mais que o sino da matriz, mandando a gente para dentro.

Na verdade, eu não entrei na chuva de boba. Entrei foi para me molhar, mas, e coragem? Gosto dele desde que me entendo por gente, desde antes da vó e do vô morrerem. Desde que ele ficou com medo de não ser mais nosso primo e dar uma flor para eu não me esquecer dele. Desde todos os dias.

E, pelo jeito, eu vou morrer amando em silêncio.

Eles, aos catorze

O status do Facebook dizia assim: Felipe Ferreira está namorando Gabriela Moreno. Abri o perfil dela de revolta. Aquela menina é tudo o que eu não sou. Linda, bronzeada, sorridente, extrovertida, cheia de amigos e marcações e curtidas em fotos mas, o pior de tudo...

Ela era magra.

A primeira coisa que eu fiz quando vi quem era a namorada do Lipe foi chorar. Subi para o quarto e não saí de lá. Me escondi do mundo, o celular na mão, o cheiro de alho e cebola refogando lá embaixo, era quase hora da janta. Chorei porque eu só conseguia entender o quanto aquilo era injusto. Nem tentei procurar explicações, só chorei.

Como ele pôde? Eu esperando pelas férias como uma louca e ele... e ele...

Nem jantei. Fiquei sozinha chorando os sonhos que eu construía com ele, amarga e toda quebradinha por dentro. Catorze anos, o primeiro coração quebrado. Demorei, até. Minha irmã menor já tinha chorado muito e eu, boba, só fui saber o quanto sonhar doía ali.

Primo que já tinha me dado flor naquele ano. Deitada na cama, chorando como uma doida, a Bia e a Alicinha, que provavelmente já tinham visto o horror que o Lipe fez no próprio Facebook, me trouxeram jantar. Era comida que eu gostava, cheirava bem, mas eu não conseguia comer.

Me arrastei por mais de mês. Triste que só. As minhas irmãs já odiavam o Lipe de tabela, me encheram de mimos para eu melhorar, me faziam bolo para me alegrar, meu pai e minha mãe logo ficaram sabendo do porquê eu estava tão triste e eu morri de vergonha que eles soubessem que eu amava meu primo.

A única coisa boa daquela desilusão foi isso. Meus pais e minhas irmãs não riram de mim por causa disso. Não me fizeram eu me sentir pior. Eles me amaram mais que o de costume, minha mãe me encheu de mimo que eu gosto, meu pai pediu para eu ir arrumada para o trabalho dele só para eu sentar na mesa com os outros chefões e ver que eu não sou só uma menininha boba que sofre de amor pelo primo, mas muito mais além do que eu via.

Desde os doze que eu sento à mesa com meu pai na queijaria que foi dos meus avós e ajeito as planilhas dele. De primeiro, foi só para eu conseguir dinheiro e comprar a coleção *deluxe* do Harry Potter que eu queria. Ele disse, com todas as letras:

— O pai não vai te dar, filha.

— Uai, pai, por que não?

— Custa 700 reais!

Não era tanto dinheiro para o sócio majoritário da queijaria mais tradicional de Minas Gerais. Ainda mais com a minha mãe como a outra sócia. Na hora eu resmunguei muito, mas aos poucos o consegui convencer:

— Eeeeeeeee se eu trabalhar para o senhor?

— Trabalhar para mim? – Na hora eu não vi o sorriso que ele disfarçou, mas agora, lembrando da cena, meu pai mente mesmo muito mal.

— É, você me paga um salário, eu trabalho para você e depois quando eu conseguir o dinheiro do box, eu compro.

— E o que você tem a oferecer, Gatinha?

— Eu mexo no computador muito melhor que você.

E mexia. Foi assim que consegui meu primeiro emprego. Sentei na mesa adjacente à mesa do meu pai e comecei a arrumar a papelada que ele tinha. Juntei os setecentos reais com pouco mais de três meses de trabalho, comprei o box e o tenho até hoje, mas não parei de trabalhar. Acabei gostando. Quando não tinha muito o que fazer eu sentava na mesa com ele e fazia meus para-casa até a hora de ele sair do trabalho.

Aos catorze aquele ainda era o meu posto. Eu era a assistente dele. Me envolvia em todos os setores da fábrica, da casa de coalho até a distribuição nos supermercados. Sabia quem devia dinheiro, qual queijo precisava de maior demanda, quando precisaríamos encomendar a próxima remessa de leite.

No dia que o meu pai me viu cabisbaixa por um coração partido, ele mandou fazer uma pastinha de briefing para uma reunião importante com os representantes dos supermercados da região e pediu para eu ir com ele até um centro luxuoso em Belo Horizonte.

Foi meu melhor dia daquela fase de fossa. Minha mãe passou o vestido que eu gostava, eu saí da escola, almocei, me vesti inteirinha do jeito que eu me sentia bonita, nenhum comentário de que eu seria mais bonita SE fosse menos gorda e fui, meus saltinhos de cinco centímetros, meu colarzinho ganhado da vó antes de ela morrer, a pasta que meu pai deixou preparada para mim só por amor e a malinha de viagem com não mais de uma muda de roupa para o dia seguinte.

Entrei na Queijaria que era do meu avô, mas agora da minha família, como se eu fosse a dona. Subi as escadas do galpão, entrei numa das salas lá em cima e encontrei meu pai prontinho para a gente viajar para a capital. Era uma reunião séria, meu pai estava bonitão, todinho arrumado pela minha mãe e eu me senti importante sentando do lado dele com a minha pastinha, a caneta cara que ele sempre me deixava usar e ficamos, como dois adultos, a manhã seguinte inteira falando sobre a qualidade e a capilaridade dos nossos produtos.

Naquele dia eu me senti mais do que mocinha de coração partido. Depois que tudo deu certo, nós dois num hotel chique na capital, ele me chamou para

jantar, só eu e ele, para comemorarmos o quanto tudo tinha saído perfeito e o quanto eu era muito mais do que moça-chutada-por-primo. Entramos num lugar que nem existe mais, mas eu lembro que foi num Restaurante Italiano.

Ele puxou a cadeira para mim e nós ficamos nos divertindo, falando mal da aparência e da voz dos representantes dos mercados até a gente se cansar de comer, de rir e de falar besteira.

No outro dia eu já não chorava mais. Não sei que mágica os pais usam para acalmar as filhas, mas funcionou. Ainda doía, não vou mentir, saber que as férias chegavam e que eu veria o Lipe de novo me deixava muito deprimida, mas não era mais como antes. De repente eu ainda era a gorda que ama secretamente o primo, mas depois de me ver numa mesa cheia de gente importante me ouvindo falar como se eu fosse um deles eu me senti grande.

E não grande só de gorda, disso também, mas grande em dimensões em que não se mede um manequim. Eu me via diferente. Eu fui para o trabalho do meu pai, ajudei-o como pude, fui ouvida e teve o depois, também. Todo o carinho do meu pai no restaurante, cuidando de mim, me fazendo rir e dividindo a sobremesa dele comigo sem me olhar feito do jeito que a minha mãe fazia.

Eu entendi ali, entre o refri e a sobremesa, que não fazia a menor diferença para o meu pai, eu ser gorda ou eu ser magra. Eu era a filha dele e isso bastava.

Desfiz a amizade com meu primo pelo Facebook ainda naquela noite, bloqueei qualquer coisa dele e continuei seguindo os passos do meu pai, futura sócia dele, o pai disse, se eu completasse dezoito anos e ainda quisesse cuidar de queijo.

Esta era a grande diferença dos Ferreira para as Botelho. O tio Digo é um máximo, coloca cor onde chega, mas não soube ensinar para os filhos o valor do trabalho duro. Ele vestiu, comeu e bebeu do queijo que os pais dele deram duro para fazer, mas não soube valorizar o bastante para passar a lição para os filhos. O Lipe e o Guto veem a Queijaria como um galpão à parte da fazenda que agora é minha casa. Eles não têm ligação nenhuma com qualquer coisa que envolva o motivo que fez a família deles ser tão famosa em Poços de Caldas.

Coisa que nós, Botelho, aprendemos porque vivemos dele. Comemos do queijo que vendemos, nos vestimos com o queijo que vendemos e, fora o meu pai, filho de prefeito e formado em Universidade Pública, a Bia, minha irmã mais velha, vai ser a primeira da família a pisar numa Faculdade.

Isso, para a minha mãe que pagou faculdade para as irmãs, mas ela própria não o fez, era muito. Era mais do que vitória. A minha mãe via a Bia estudando e se enchia de orgulho.

Está certo, nenhuma das irmãs da minha mãe, minhas tias, deram valor

ao sacrifício da minha mãe. Nenhuma das irmãs ajudaram a minha mãe a pagar a própria faculdade e nem a endireitar meu pai que já foi viciado em drogas.

Por isso, até antes dos meus quinze anos, segurando a pastinha e a caneta emprestada do meu pai, eu já sabia: vou fazer faculdade também. Pública ou particular, isso era o de menos. Os Ferreira têm a excelência da Universidade Pública na cabeça, a mãe deles é professora universitária agora, tudo o que eles sonham é passar no vestibular concorrido e aglomerar títulos.

Mas nós, Botelho, temos outros ideais. Não somos felizes de percorrer cada qual o seu caminho, não funcionamos assim. Se crescemos, nós três, eu e minhas irmãs, tudo vendo pai e mãe trabalhando junto na fábrica, nós não vamos nos separar depois do ensino médio. A gente não quer uma faculdade, a gente não quer saber de título, a gente quer saber de crescer junto.

Eu vejo a Bia de chapéu de cowboy para lá e para cá e entendo. Os Ferreiras são ótimos do jeito deles, expansivos, cheios de tiradas malvadas e festas por nada, mas nós, as Botelho, somos muito mais que rabicho de outra família. Cuidamos umas das outras e ficamos satisfeitas só com o nosso mundo, curtindo Minas Gerais, porco no rolete e café no fim da tarde, só desejando que tudo corra bem no final.

Já dizia um sábio: Mineiro não observa, espia. Eu, Andressa Botelho, sou infinitamente mineira. Dos pés à cabeça. E aos catorze anos, a pastinha na mão, o coração mais bobo e inocente do mundo, eu sabia o que queria quando crescer. Muito mais que a namorada de um Lipe inalcançável ou dar meu primeiro beijo nele. Eu entendia, conforme meu pai me fazia ver além do muro, que o mundo podia ser meu. Meninos vêm e vão, mas o que fica é aquilo que a gente constrói.

Ele, meses depois.

— A Gabi me traiu, vou chorar, buábuábuá!

— Nina...

— Que que é, Dio, não torra! Esse menino vai aprender logo a escolher direito. Eu não ligo muito para esta dor de corno, não, teve o que mereceu; escolheu errado. Todo mundo avisou, não avisou? Ninguém gostou desta Gabi.

— Só que eu gostei!

— Desgostasse!

É bem assim que a minha família resolve as coisas. Senta na mesa e fica tirando onda do pobre-diabo sofrido. Dona Fernanda fazia o que fazia de melhor, ria da minha cara. Sentada com uma latinha de cerveja enquanto o Guto lavava os pratos e a Manu secava. O pai e a mãe ficavam na mesa olhando para mim como se estivessemos num interrogatório e eu, mais besta que naquele dia só décadas depois, só sabia engolir o choro e o orgulho.

— Você gostava da Gabi mais do que gostava da Dê, Lipe?

O Guto era esse cara. Esse cara que mete a mão na tua ferida só para te ver fazer careta.

— Todos nós sabíamos, todos nós te avisamos: “Feliipe, você está sendo babaca, Feliipe, para de comer bola”. Sinto muito, mas você foi um tremendo babaca.

— Aprendeu, Lipinho, que o carma é uma puta? – E meu pai, quando dá para concordar com a mãe, mete mais pressão ainda. Pior que os dois, carrascos iguais, se olham por cima dos ombros e ficam conversando em silêncio. Parecem até que começam a transar bem ali na nossa frente quando concordam em fazer maldade com os filhos.

— Ainda dá tempo de você ser príncipe da Dê, Lipe. – A Mãe sugeriu.

— Nem ferrando. – E o pai foi logo cortando. – Esse moleque não vai estragar a festa daquela menina, mas nem que a vaca tussa.

Pouco antes de eu virar piada para a escola inteira, a Dê me ligou e perguntou, numa ligação muito estranha, a ligação mais rápida da vida dela, acho, se eu queria ser príncipe da sua festa de quinze anos e eu, que achei estar num namoro comum, não aceitei porque concluí que ser príncipe da festa de quinze anos da minha prima era como trair. Pedi para o Guto fazer esta por mim e ele fez. Em duas semanas ela seria princesa numa festa só dela e teria um príncipe à altura.

— Se você for se arrastar para a Dê, Lipe, te mato.

— Uau, Dio, que másculo.

— Pai...

— Sem pai, moleque. Não vai, pronto e acabou, para o bem dela. Ou você acha que o pai dela não veio me contar do como ela ficou mal quando soube que você estava namorando?

— Mas não se pode esconder nada dessa família. – O Guto desligou a torneira e secou a mão na calça do uniforme da escola. – Pai, essas coisas não se conta. Fossa se sofre sozinho, porra.

— Gutinho, sem palavrão, amor.

— Desculpa, mãe.

— Mas o Guto tem razão, Dio. Não devia ter dito isso.

— Só um moleque muito burro para não saber que aquela menina gosta de você. – E meu pai parecia gostar mais da Dê que de mim. Estava bravo de verdade. Tinha o olhar sério de quem não vai ceder e quando ele diz que não vai ceder, não tem nada que o faça trocar de ideia. Meu pai era TeamDessa e eu não tinha ninguém TeamLipinho.

— Lipinho não gosta da Dê. – A Manuzinha de seis aninhos sorria com seu sorrisinho banguela tentando alcançar o último prato da pilha, no fundo do escorredor de prato.

— Aqui, Monstrinha – O Guto entregou o prato para ela e foi, mesmo sabendo que era meu dever guardar a louça daquela semana, guardando as coisas nos lugares.

— Obrigada, Gutão.

— Por que você diz que o Lipe não gosta da Dê, Monstrinha? – E o pai não trocava de assunto nem ferrando.

— Ele nunca liga pra ela.

— Explica isso melhor, Amor.

— Ah, ele não liga. O Guto vive falando pra ele “Liiipe, a Dê perguntou de você, hoje”. Lá na casa da tia Geca ele nunca fica muito perto dela, também.

— Meu Deus, criei um idiota. - A mãe olhava para o pai e se lamentava como se eu fosse burro igual porta.

— Eu não gosto da Dê. – Parte era verdade, parte era mentira. Eu gosto da minha prima, quer dizer, ela era a minha prima, né.

Só que gostar dela como eu gostava da Gabi? Não. A Dê era outro tipo de menina, mais calma, mais quieta, mexia bem menos comigo. De primo a gente não fala coisa assim, mas entre a Dê e a Gabi, mil vezes a Gabi. A Dê era nerdinha, sempre foi, sempre enfiada nos livros, essas coisas sem graça. Às vezes ela era engraçada, sempre que fica com vergonha fica engraçada, mas não mexe comigo como a Gabi mexia.

Desde que eu me entendo por gente tem alguém me empurrando para a Dê. É tão besta, isso. Primo com primo, aff, que merda. Tanta mulher no mundo,

velho, mas tanta... E eu nem queria casar, nem nada. Meu pai vivia de cachorrinho da minha mãe e eu não nasci para isso.

— Tem só quinze, Nina. Deixa. — O pai respondeu, pegando a Monstrinha no colo — E a senhorita não tomou banho ainda, né?

— TOMEI!

— Tomou não, Manuzinha, pai tá sentindo o cheiro de bode daqui!

— Eu sou menina! Não tô cheirando a bode!

— Menina cheira a bode sim, Manuzinha.

— A BODE?? Pai, qual é a mulher do bode?

— Você quando não toma banho!

— Eu não sou bode!!

— É brincadeira, Amor — E virou para a minha mãe — Nina, como que chama feminino de bode?

— Não sei, sou de exatas.

— É Cabra. — O Guto respondeu, saindo da cozinha.

— Pelo menos o Teco não é tão burro, né? Já o Tico... — A Manuzinha pulou do colo do pai para o da mãe e o pai ria.

— É só vocês pararem de empurrar a minha prima para mim que tá tudo certo — me defendi.

Festa de Quinze anos

Eram quinze meninas, entre irmãs, amigas e demais primas, descendo a escada cada uma com um vestido bonito que escolheu. Um salão de festas bonito, toda a parentada sorrindo, comendo e falando mal uns dos outros. A Dê ainda não tinha descido as escadas e meus pais já tinham achado um buraco na multidão para escapar. O Guto no pé da escada, de terno, todo arrumado e segurando uma florzinha que eu falei para ele dar para ela quando descesse.

E eu, sentado numa mesa, servia de guarda-volumes. Cuidava das bolsas das famílias e via o tempo passar. A Bia ia e vinha, esquisita que só, a minha prima mais velha, de vestido e maquiagem.

Quem conhece a Bianca um pouco, mas só um pouquinho, sabe que aquela ali cabe em tudo, menos em roupa de mulher. De chapéu e bota é minha prima, montada para festa parecia tudo, menos a menina que eu conheço.

— Mas com essa sua cara você parece que tá num enterro, caralho.

Estuda veterinária, quatro anos mais velha que eu e uma boca santa de dar inveja.

— Olha, você, pintada desse jeito não tá muito melhor que eu, não. — E ri, dando espaço para ela se sentar do meu lado, procurando um garçom que molhasse a nossa garganta com qualquer coisa.

— A mãe me obrigou. Ave Maria, tô estranha pra caralho com pintura nas fuça.

— Tá, mesmo.

— Cavalheiro você, né Lipinho?

Se eu fosse cavalheiro eu estaria lá, no lugar do Guto, servindo de príncipe da sua irmã.

— Mas o cabritinho tá uma gracinha de príncipe, né? Jesus, olha pra isso, sô!

— Não perdoa nem os novinhos, Bia?

— Perdoo, uai. Só comentário.

— Sei...

— Gata mesmo tá minha irmã. — Jogou no ar como se eu nunca entendesse que todo mundo tentava jogar a Dê para cima de mim — Se você visse, Lipe... Aquilo é que é moça de se pintar.

É, é, Bia. Grandes merdas.

— Bom, curte a fossa aí, hoje não é dia de enterro.

E saiu sem nem esperar um garçom chegar.

Eu gostava da Gabi pelo que me fazia sentir. Eu me sentia grande, especial, inteiro. Único cara no planeta. Ela sorria e tudo ficava bem. Vivia dizendo que não queria nada sério comigo, mas quando apareci com alianças, ela quis. Tirou foto do par e tudo e eu pensei, bom, agora estamos bem.

Nunca pensei que durante as férias ela fosse fazer o que fez. Pegou um repetente burro como uma porta numa festa e nenhum dos meus amigos disse qualquer coisa para mim. Há duas semanas eu vivia sozinho e isolado. Rompi o namoro com a menina que chorou não sei nem porquê quando falei que estava terminando com ela e rompi também com meus amigos. Começo de ano de bosta.

Até aquele ponto da minha vida, meus quinze primeiros anos de existência, eu era o moleque bonito demais para ser bom em matemática. Ninguém acreditava nas fotos que a minha mãe me marcava no Face. Era cada projeto louco que a gente fazia, que eu me sentia bonito, inteligente e namorando a menina mais gostosa da escola.

Aquilo era glória para mim. Ué, vou mentir? Com quinze anos você só quer amigos, amor e um pouco de atenção. Eu tinha atenção até dos professores de ciências que já pediram mais de uma vez para a minha mãe deixar eu levar nosso avião para a escola para uma demonstração no pátio.

Com a minha mãe, em casa, eu me sentia melhor que na rua, com meus amigos. Ela brigava comigo, enchendo o meu saco, toda vez um chororô diferente sobre as teorias dos livros que eu nunca li. Aprendi eletrônica como as meninas aprendem a se maquiar: Youtube. E foi, entre capacitor de cerâmica, Lilypad da Monstrinha e sequências de LED, que minha mãe e eu ficamos amigos de verdade.

Desde que ela não começasse a jogar teoria doida para cima de mim, né. Sempre aprendi metendo a mão. Ela começava a desenhar a lei de Kirchhoff, eu já queria morrer. Aplicava que era uma beleza, mas era começar a parametrizar que vish.

Gostar de estudar ninguém gosta, mas quando mete a mão e começa a fazer, as coisas andam. Minha mãe gostava de estudar, depois do doutorado eu acho mesmo é que ela aprendeu como estudar sem morrer de tédio, costume de ficar sentada na cadeira por oito horas sem nem olhar para o lado, mas eu, o pai que fala, sempre tive formiga na cadeira.

Menos naquela noite. Triste e bestificado. Triste pelo chifre não-esmerilhado, bestificado no como a minha prima conseguiu ficar bonita num vestido de festa e um sorriso na cara.

Acho que ela soube que aquela flor era minha quando o Guto a deu. Ela sorriu quando viu o príncipe, mas sorriu mais quando viu a flor. Dançou com o príncipe e rodeou o salão procurando por alguém. Sorri pensando que talvez procurasse por mim. Estava bonita num vestido azul iguais aos olhos dela.

Depois veio a dança com o pai. Não largou a florzinha nem por um segundo. O cabelo preto moldado num coque bem formal, os olhos azuis pintados, as luvas até o meio dos braços. Bonita. E a melhor coisa que eu fiz por ela, naquela noite, foi ficar longe. Um cara tem que saber quando está tóxico.

Eu podia ir lá e tascar um beijo na minha prima? Podia. Eu queria? Negativo. E ainda tinha o meu pai que mais parecia pai dela, que meu pai.

Só achei curioso que ela segurou a flor a noite inteira, mas não veio falar comigo. E faz um tempão que eu não vejo nenhuma atualização do Facebook dela. Será que ela deletou? Sei lá, desde as férias em que ela se enfiou no escritório do pai dela e não saiu de jeito nenhum, não tenho falado muito com ela.

Gostei de vê-la, durante a festa toda, principalmente depois que tirou aquele saião do vestido e ficou com uma coisa menor e mais colada no corpo, dançando com as amigas, as irmãs, sorrindo e quase não-Andressa.

A Andressa que eu conheço era quieta, contida, enfiada nos livros. Aquela Andressa era uma versão feliz e toda animada, dançando, conversando e recebendo as bênçãos da parentada mais velha. Era a festa dela e, num dado

momento da noite, o rosto vermelho era lindo. Vermelha, suada, toda animada e falando meio rouco, já, dançando entre a irmãs, as amigas e primas e o Guto, que ficou de guarda-real da princesa durante toda a noite, só por ser ele, tem passe-livre para ser o cuzão que quiser, ninguém liga. Vão continuar beijando e abraçando aquele lá como se fosse o bebê mais inocente do mundo.

E eu fiquei sentado a noite toda, só de olho. Embora tenha sido divertido a ver a noite inteira, eu não a quis atrapalhar.

Prólogo

E então você tem dezessete anos, um par de chifres e uma família que te ajuda enquanto ri de você. Bullying por aqui é mato, sua irmã que nem tem todos os dentes oficiais na boca ainda te chama, logo você, o mais velho, de Lipinho.

Assim mesmo, no diminutivo.

Dezessete anos, quase nenhuma festa boa para contar vantagem quando ficar velho, uma pilha de vestibulares passados com êxito. Moleque que pode escolher a faculdade que quer fazer. POLI-USP como mamãe, UFABC, ou ITA: ir onde ela não foi e ouvir choramingo pelo resto da vida.

Crescer como filho da Dona Fernanda é padecer no paraíso. Moleque de botar Drone no céu, câmera que filma em 4K, conexão sem fio com iPad, impressora 3D dentro do quarto. Tudo quanto era Lego Robótico, Lillypad para a Manu, linha de costura com fio de cobre, tudo o que você pode imaginar.

E a obrigação intrínseca de seguir seus passos. Ser o que ela e a mãe dela foram. Chegar na calçada da celebridade dos engenheiros e deixar a minha marca. Era isso o que Dona Fernanda sonhava para mim desde que a gente fazia competição de matemática no sofá. Nunca exigiu que o Guto fosse engenheiro, sabe que o negócio do Guto sempre foi gente, ao menos um na família tinha que puxar o pai. Disse a ele que podia ser tudo no mundo, MENOS arquiteto porque ela não suporta arquiteto nem pintado de ouro.

Se ela soubesse... Sentado aqui, pronto para colocar os dias no papel, tanta coisa eu podia ter feito diferente. Eu penso no que mamãe acha da gente, agora. O que fomos, o que fizemos e quais caminhos seguimos. Se eu tivesse a sabedoria que tenho agora, já naquela época, eu teria dito a ela que ser engenheiro seria só uma parte da minha vida, não me definiria, não me tornaria melhor, não mudaria em nada.

Para ela, mesmo com marido e filhos, o Ser Engenheiro era quase um modo de vida. Acadêmica da cabeça aos pés, teoremas antes das práticas, coisas experimentais que não vão para um canteiro de obras, mas para um artigo com citações infinitas a pessoas que vieram antes. Isso era engenharia para Fernanda.

E eu, recém-saído da segunda fase da FUVEST, entrei no banco do passageiro do carro da mãe, segurei o ar que tinha nos pulmões e disse, prevendo futuros e sabendo das dores de cabeça que isso me traria:

— Mãe, não quero ser Engenheiro Civil.

O pai sabia. Eu contei a ele seis meses antes, precisava contar a alguém, pô, precisava tirar da cabeça e contar com palavras, receber guias e receituários

médicos de que eu não estou louco de desobedecer a minha mãe.

Só estava... como a gente diz? Testando novas águas? Tá, minha mãe era uma boa engenheira, seguiu direitinho a cartilha da vó que não conheci, fez e aconteceu, desafiou meu pai, o senso comum, o bom senso e talz, mas, e eu? Devia ficar debaixo da asa dela e nunca seguir meu próprio sonho?

Até hoje eu não sei se querer ITA era sonho de moleque, ou se era um corno querendo dizer a si que não era completamente incompetente. Também tinha essa, eu era um idiota. Neguei ser príncipe da festa de quinze anos da minha própria prima só por causa daquela menina que nunca deu nem dez por cento do que eu estava disposto a dar.

Do que eu estava disposto a fazer, visto a vida que eu tinha, o pai que eu tinha, a família que eu tinha.

E corno, aos quinze, larguei tudo o que se pode largar nesta idade. Parei com festas, com meninas, com namoros. Enfiei a cara nos livros e fui, frustrado e um pouco perdido, estudando bem mais do que a escola pedia, procurando livros de física quântica, Cálculo 1, teorias da matemática até só sobrar os “prove que”, nenhum número e uma porrada de letras nem sempre nossas. Por vezes tinha umas gregas também.

Em dois anos o moleque que segurava copo do Starbucks em fotos do Instagram virou o filho da Dona Fernanda do jeito que todo mundo supõe filho dela. Estudioso, meio sério, meio sem graça. E então tomei coragem, fiz a prova do ITA e lá estava:

O menino de sete anos de novo, desafiando mãe, olhando para ela sem respostas, as bolas do tamanho de feijão, nenhuma coragem e, ainda assim, um pouco de coragem:

— Mãe, não quero ser da Civil.

Nem mesmo uma palavra. Muda como se o gato comesse sua língua, deslizou para casa, estacionou o carro na garagem, nem cumprimentou a cachorra Monalisa e entrou. Foi assim que contei à minha mãe. O pai viu na cara dela, assim que chegou do restaurante, que deu ruim. Nem precisou dar Oi a ela para perceber. O pai sempre leu a gente, sempre soube o que estava de ruim e de errado. A viu escondida na cozinha com uma lata de cerveja, o computador e só soube.

— O Lipe te contou, né?

E eu, da sala, desenvolvendo orelhas supersônicas.

— Você sabia?

— O Lipe está com medo de você.

Eu estava, mãe, juro para a senhora que me tremia. Desapontar mãe deixa a gente no chão.

— Você nunca perguntou a ele o que ele queria ser. — Isso, pai, me salva.

— Mas era tão óbvio. É da civil que esse moleque é. Não me venha com droga de pica-fio da casa do caralho que não tem.

— Mãe, também quero ser da eletrônica — Me intrometi, saído da sala, direto para a cozinha.

— Deus do Céu, Dio, a coisa é pior do que pensei.

— Conta logo de uma vez.

— Eu quero ser Engenheiro Aeronáutico.

— E pra quê? Controlar voo? Pra viver de consertar jato particular dos outros? Meu Deus, Lipe, eu sabia que você estava com problemas, mas... isso?

— Nina, não humilha ele.

Meu pai via na minha cara. Estava tão óbvio. A coisa que filho mais teme no mundo é desapontar pai e mãe. Ao meu pai eu sabia que o desapontaria se não fosse feliz, ele não dá tudo o que pode pelos filhos se não for para a gente ser feliz, só que a mãe... É questão de vida ou morte ter alguém para continuar seu trabalho.

— Pega o próximo ônibus direto para Poços. — Ela disse, sem me olhar nos olhos. — Vai lá com seus irmãos e me deixa aqui um pouco.

— Fê...

— Vê na internet se tem ônibus para Poços e o coloca nele. Vou ligar para a Geca e ver se ela quer esse encosto com ela até o fim das férias.

— NINA —

— Não, pai. Tudo bem.

Chorei subindo as escadas sem querer chorar. Voltei pra São Paulo só para poder fazer as provas que faltavam, meus irmãos estavam em Poços na casa que agora é da Tia Geca, divertiam-se com a piscina e os cavalos e eu fiquei em São Paulo estudando e roendo os cotovelos, porque dedos eu não tinha mais. Guardei roupa limpa numa mala só pensando no que eualaria para a minha mãe se ela quisesse me ouvir, lembrei de pegar chinelo e sunga, mas esqueci blusa de frio. Ouvi os passos pesados do meu pai subindo as escadas e limpei o choro ressentido na pulseira da amizade que as Botelhos fizeram para mim.

— Filho, ...

— Tudo bem — O “tudo bem” mais “tudo mal” do Universo.

— Fala comigo, Lipe.

— Vai ser bom eu ir para Poços um pouco. — Olha pelo lado bom, pai, a casa inteira vazia para vocês dois.

— Não tá certo isso, eu vou falar com a sua mãe.

Ela com certeza está pior que eu. Eu conheço aquela senhorinha que beija pouco por não querer parecer melosa demais, que fica te afiando com um

amolador só para não te amaciar demais. Eu conheço aquela lá, eu faria igual. Eu entendo meio não entendendo o que ela quer quando me sonha engenheiro como ela.

É tudo um legado. É o Miller que ela quer deixar assinado no mundo, as pontes, os concretos. Mãe, se a senhora não estivesse muito puta comigo eu diria que te admiro muito, mas que pontes não são para mim.

Quando você vê o céu e pode alcançá-lo, por que cruzar terras com pontes?

Esse era eu aos dezessete. Assim era o mundo aos dezessete e não ceder a ela, pelo menos ali, era um Lipe provando que podia andar com as próprias pernas se quisesse. Um Lipe inteligente e crescido o suficiente para não depender de aval de mãe.

Cacei na internet que horas o último ônibus partia para Poços e o pai comprou a passagem com cartão. Meia noite e meia, só o pai e eu, na Barra Funda. Chegaria em Poços não mais que seis da manhã e eu me arrastaria pelo dia inteiro com sono.

— Turrão igual que nem. — Ele me disse, dando um pouco de dinheiro para que eu não cruzasse o estado sem nada. — Tanto gene bom que eu tenho, foi logo nascer como sua mãe. É de me foder.

— Fim de semana vocês vão para Poços, né?

— Sexta de noite já estou na estrada.

— Traz a mãe mais mansa, tá?

— O trabalho de amansar sua mãe não é meu, moleque. Dessa vez é tudo por sua conta.

Porra. Ele riu achando aquilo divertido, me deu um beijo no rosto, me abraçou uma última vez e me enfiou para dentro do ônibus. Estrada que eu cruzaria um milhão de vezes pelos próximos meses e nunca reclamaria dela.

Dormi boa parte da viagem. Mandeí uma mensagem para a Bia, a única dos primos que tem carteira de motorista, e pedi que ela fosse me buscar na estação, bem no centro da cidade. Tanto frio de manhã aquela cidade faz que senti falta da blusa de frio que eu não trouxe. Sentado no meio-fio da área de embarque e desembarque da pequena estação, esperei até mais ou menos oito horas da manhã quando aquela louca, ramela nos olhos e camisola por baixo do moletom, veio em meu socorro.

— Mas que porra aconteceu na sua casa?! — Parecia desnorteada, ainda. Toda a figura da Bia parecia recém-saída de um apocalipse. — E por que você não me ligou?!

— Tá tudo bem.

Nada estava bem. De fato, a única coisa que ia bem era a minha nota na

primeira fase da FUVEST porque, de resto, tudo ia muito mal. Suprimir coisas ainda me deixaria maluco e eu tinha consciência disso, mas preferia guardar para mim do que chorar no ombro de todo mundo.

— Tá com cara de ruim.

— Vamos para casa, Bia, tô com frio.

Me olhou com o olhar que eu conheço. Quando ganhei chifres ela me olhou do mesmo jeito. Uma merda ter mulher de melhor amigo, parece que essas demônias te leem inteiro. Dão uma scaneada na sua cara e sabem, só de bater o olho, o quanto vai tudo mal para você.

— ... A Dê vai ficar feliz de te ver mais cedo.

E ainda tinha mais essa. A prima a quem todo mundo jogava para cima de mim desde que ganhei pelo lá. Era a gente estar junto, mesmo que falando mal dos outros, que pronto. Suficiente para cogitarem uma versão 2.0 do Vô e da Vó.

É certo que eu gosto dela, ela é minha prima, dou flor no aniversário dela sempre que posso, aquela lá é garrada com flor, mas para a gente virar versão de Vô e Vó, primeiro eu tinha que nascer de novo. Primeiro eu teria que ter muito mais dos genes do pai, marido babão doentio, homem romântico apaixonado e tal e coisa, do que eu tenho. Chega de amor de novela pra mim. É dor de cabeça demais.

E depois... Que a Dê também tem plano de carreira lá na queijaria do pai dela, já ocupa algum cargo lá com ele e não dá a mínima tudo o que estão falando da gente.

Entramos pelo avarandado que eu reconheço desde molequinho como a casa do meu vô, cumprimentei a minha Tia que é uma versão maior e mais velha da Bia, menos peão de boiadeiro e mais minha Tia.

— Lipinho, sozinho na rodoviária, meu bem? – Minha Tia me deu um beijo de oi, tirou a minha mochila das costas e já me arrastava para a cozinha – O que é que aconteceu?

— Nada não.

— Não quer falar, né? – Eu realmente gosto desta tia. É Tia de coração, não é irmã do meu pai de verdade, mas a gente trata como se fosse. Quando meus avós morreram, todo mundo sabia que meu pai não assumiria os negócios em Poços, muito menos ia querer a fazenda, então, com gosto e sabendo que era o melhor, vendeu todo o patrimônio dos Ferreira para as Botelho: Aquelas mulheres ali que nasceram em Minas e que de Minas não saem.

Aquelas duas ali, Tia Geca e a Bia, mais a Andressa, mais a Alicinha, a mais nova e mais chata das três. Mais meu tio, claro, Tio André, que me cumprimentou depois, largando a caneca de café de cima da mesa e me olhando

com um olhar confuso de quem não entende o que eu estava fazendo ali.

— Ué, você não tinha vestibular? – Ele me perguntou, puxando a cadeira para eu sentar.

— Já fiz.

— E o resultado, sai quando?

— No final de semana. – O da FUVEST demora mais, mas o do ITA era no fim de semana.

— É, mesma época que sai o resultado do ENEM da Dê.

Guarda esta informação. Ninguém mais guardou, mas você, leitor, que guarde.

— Lipe, vem cá um pouco.

Sexta-feira, como esperado, meus pais foram para Poços. É normal que a gente os espere para jantar. Comíamos alguma coisa seis horas da tarde e depois, só lá para as onze quando eles chegassem. Meus tios colocavam a mesa e a minha mãe, que tinha acabado de chegar, contornou toda a parentada que sempre aparece para jantar quando fica sabendo que meu pai está em Poços, e me levou para a área da piscina vazia que fazia um frioão.

A Tia nunca colocou capa na piscina, mas o frio parecia resvalar na água para dar com tudo na cara da gente. Sentamos num par de cadeiras de plástico, duas cervejas na mesa. Olhei para a latinha, para a minha mãe e não me senti bem de beber cerveja com ela.

Da última vez que bebemos juntos, o primeiro porre do Lipinho, mal tinha quinze. Primeiro chifre, primeiro porre. Hoje eu entendo que ela queria me precaver de danos permanentes, de beber por aí e fazer merda por aí. Quis que eu bebesse em casa para que assim pudesse lidar com a minha fossa. Aos quinze eu achei que ela só queria rir de mim e, aos dezessete, encarando aquela cerveja ali, na borda da piscina, eu não soube muito bem o que achar.

— Por favor, não briga comigo – E esse assunto mexia tanto comigo, o de não atender às expectativas dela, que eu já comecei o discurso com a voz torta – Não me humilha.

— Não vou fazer isso, filhote, não tô louca. – O pai tem razão, somos iguais. Ela também tinha a voz toda entortada para tocar nesse assunto – Não vai mesmo fazer civil?

— Não. – Não, pronto e acabou. Uma sentença molhada e tremendo de medo, mas sentença. – Eu não quero ser só um Zé com CREA, igual a senhora diz. Não quero canteiro de obra, nem tijolo, nem cimento. Você e a Vó são

grandes porque fazem o que amam. Eu não vou fazer o que eu amo se eu me meter na civil.

Na verdade, eu nunca vi trabalho com os mesmos olhos que ela. Eu queria ver, queria muito, mas não via. Via mais como um meio de ganhar a vida. O que eu faria para me sustentar. Nunca vi engenharia ou o cargo que fosse como o meu mote de vida.

Nunca parei para pensar em mote de vida, coisa que vale a pena defender a unhas e dentes, mas, se fosse para escolher uma coisa a qual se vale a pena, essa coisa não seria um cargo.

Seriam pessoas, né? Seria aquela senhorinha ali que me olhava toda triste por não ter as ânsias atendidas. Bebia para não ter que falar. Olhava para a água mais trêmula que nossas vozes, ouvia as risadas lá dentro, ao pai brincando com os meus irmãos, aos gritos da Tia Geca mandando todo mundo sair da cozinha dela.

E a gente ali.

— Eu não sei de verdade o que eu quero ser – Soltei.

— Ninguém sabe. Ninguém devia decidir isso aos dezessete anos.

— Só acho que isso me faria feliz.

— Então vai, filho.

— É?

— Mas promete que volta se não for o que você espera?

— Mas promete que não fica triste se eu não voltar?

Ela sorriu e parou a latinha em cima do joelho. As unhas pintadas de marrom, o relógio que o pai deu a ela quando ela passou no concurso para ser professora da USP, a manga do blazer. Os ombros caídos de mãe que sabe que o filho tem que fazer suas escolhas e o sorriso de “Caralho, criei você direito”.

— Não gosto da ideia de você fazendo faculdade longe de mim.

— Eu volto no fim de semana.

— Volta?

— É, não todos, né. Vai ter prova e você sabe...

— Duas vezes por mês?

— É. Duas vezes por mês dá. – Sorri, abrindo a minha latinha, mais calmo e menos nervoso. Passei a semana inteira dormindo mal por causa disso. É eu ficar nervoso que o sono some. Sempre foi assim. Relaxei os ombros e engoli parte daquele negócio que o pai odeia e eu só bebo por causa dela. Honestamente, também não gosto muito, não. – Falando assim, até parece que eu já passei.

— Passou.

— Nem ferrando, olhei o resultado agora de noite, não saiu.

— Passou. — Sorria. A pontinha de orgulho de mãe que vê filho no ITA. A pontinha de orgulho de saber que eu só passei nesta bosta de prova porque a tive como professora.

— Passei?

— 95 de 130. Passou, filho. Tá dentro.

A cara de filhote sem pai me sumiu rapidinho. Passei, porra. Passei! Tudo valeu a pena. Tudo valeu porque era eu na lista dos aprovados, meus esforços, meus meses varado estudando, meus vídeos no Youtube, minhas apostilas clandestinas, meus cotocos de lápis 4B, manias que herdei dela. Tudo do jeito certo. Ela olhava para mim, meio feliz e meio triste e eu só queria entrar em casa correndo, dando chilique, e contar para todo mundo que eu não sou só um moleque corno de dezessete anos.

Ela me abraçou primeiro. E ficou feliz por mim do jeito que as mães ficam, me sujando de batom, me abraçando o máximo que podia e então me deu o aval dela:

— Vai lá contar pro teu pai.

Só sei que eu entrei naquela casa com sete anos de novo, a mãe correndo atrás, o pai fazendo cócegas na Manuzinha que dava nó e libertei o grito de alforria que eu queria dar há anos:

— PASSEI!

— Eita, passou onde, carai'? — A Bia foi acertada e nem viu por onde.

— PASSEI NO ITA, PORRA!

O pai foi o primeiro a chorar. Tudo fazia sentido na minha vida. Tudo encaixado, eu era o moleque do ITA, cento e trinta entre os milhares. Eu. Eu, Felipe Ferreira. Caralho. Recebi beijo, abraço, felicitações de todo mundo, da mãe mais de duas vezes. A Manu falava que eu ia para a marmITA, o Guto me dava os parabéns, perguntava para o pai se podia se livrar da minha cama do nosso quarto. Alívio.

Uma festa em menos de quinze segundos. Depois veio o resto da parentada que a gente só vê em data importante. Meu pai ligou para a fazenda do lado, doido de feliz, o Tio Carlos apareceu, o Rubens filho dele. Um parente ligou para outro e de repente aquilo virou um inferno de telefone tocando. O filho do Digo passou na faculdade e foi numa faculdade difícil. Era só isso o que eu era, naquele momento.

O primeiro e único cara do mundo. Ali. Ponto de partida para uma vida em que não existe falso amigo, namorada galinha, redes de segredos e traições. Liberto. Sozinho, num sozinho bom demais. Felipe Ferreira: O cara.

Sentei para comer, todo mundo comentando do ITA. Todo mundo feliz por mim, meus pais orgulhosos, faziam um filho dar certo, só faltavam dois. Me

beijavam mais um monte de vez e a comida nunca foi tão gostosa como naquele dia. Todo mundo comia e fazia planos comigo até que eu...

Eu vi. Na cara da Dessa. Era o dia dela também. Dia do resultado do ENEM. *Você também passou, Dê?* Ela sorria para mim, comemorava comigo, guardou a própria vitória no bolso e me sorria. Quem não sorria eram as irmãs, Bia e Alice me fuzilavam e com razão. Não queriam que eu estragasse o momento da Dê. Cacei no celular. *UFMG, Administração, resultado.*

Primeirão. A Dê passou em primeiro lugar. Comemoração dupla e eu fiquei que não me cabia. Olhei para ela, queria dizer os parabéns e ela só balançou a cabeça assim como que para eu não contar, minimamente, muito pouco. Mais com aqueles olhos azuis imensos, iguais aos da Vó, que com o pescoço e gestos.

Eu não entendi o porquê. Perguntei a ela, sem abrir minha boca, do motivo. *Diz para a parentada, Dê, seus pais vão ficar felizes de ver que você passou em Primeiraça.*

Ela, tímida e quietinha, nem parece irmã da Bia, só balançou a cabeça num mínimo de gesto de novo. Sussurrou um parabéns verdadeiro e eu deixei uma lágrima besta escorrer de felicidade.

Capítulo 1

Acordei mais cedo que todo mundo com um plano. O que a Dê fez na janta eu jamais, em todos os meus anos de irmão mais velho, faria por alguém. Não que os outros não mereçam, mas se eu lutei bravamente por alguma coisa, ninguém tira de mim a comemoração. Aquele era o dia dela também, então eu não entendia como alguém que passa em primeiro consegue ficar tranquilo sem dar pulinhos.

Pouco antes de amanhecer encontrei a tia Geca na cozinha preparando um café e contei:

— Tia, você sabe que dia foi ontem?

— Claro que eu sei, sô! – E me beijou de bom dia, achando que eu falava do meu vestibular.

— Não, tia, não estou falando de mim.

— Uai...

— ENEM, Dê, UFMG... Não te lembra nada?

— MINHA NOSSA SENHORA. – E colocou a mão na boca, doida de pensar que esqueceu do vestibular da própria filha – Meu Deus, não acredito que esqueci...

— Não esqueceu, tia, a Dê que não disse.

— Ela não disse por quê? A gatinha foi mal? Não foi dessa vez? Mas, menino, conta logo!

— Tia, a Dê não disse porque eu disse primeiro.

— Sempre tão quietinha...

— Mas ela passou.

— Rapaz, eu vou subir lá e chamar o pai dela. O bicho vai ficar doido!

— Não, tia.

— Tá me deixando nervosa contando as coisas de picadinho. Lipe, o que é que você quer?

Eu queria dizer para a tia fazer um café da manhã para a Dê com tudo o que ela gosta de comer e com todo mundo na mesa, arrumar tudo do jeito que eu sei arrumar e preparar o campo para a Dê contar. Eu não queria dizer, mas no fundo queria fazer: preparar uma surpresa para ela. E como abrir a minha boca e dizer para a minha tia, logo ela que é doida para me ver enroscado com a filha dela, que eu queria só fazer um agrado para a minha prima?

— Eu sei o que você quer, menino. – E me sorriu sem eu precisar dizer, graças a Deus. – Pega os ovos na geladeira que até a casa inteira acordar tem chão.

Enquanto colocávamos o bolo para assar, meu pai foi o segundo a acordar. Olhou de mim para a tia, não entendia do porquê eu acordar tão cedo, mas entendeu tudo quando a tia sorriu grandão para ele, dizendo das novidades.

— Lipinho Lindo aqui acabou de contar quem passou na Federal.

E ele sorriu me lendo, sem eu ter a chance de inventar mentira. É, pai, grande merda, acordei mais cedo para fazer surpresa, não torra, não vou casar. É só um obrigado por ela ter me deixado ser feliz sozinho ontem. Senti o rosto quente enquanto ele me lia, o ombro encostado no batente e os braços cruzados.

Parecia que ele dizia, com aqueles olhos cozidos de sono: “Ê, moleque: rodeia, rodeia, rodeia e para sempre no mesmo lugar. Igualzinho à sua mãe”. E se ele falasse qualquer coisa sobre eu ser igual à mãe eu vestiria um paletó de pedra só para me jogar na piscina. Não aguento quando ele começa a falar que eu sou teimoso como ela.

— Precisa de ajuda? – Ele se bastou e eu agradei muito por não ter que passar vergonha.

E ninguém abriu o bocão para falar qualquer coisa sobre eu arrumando mesa para a Dê. A maior paz do mundo enquanto meu pai misturava a massa de pão de queijo, eu preparava o ganache do bolo de chocolate e a minha tia fazia broas de milho. Todas as comidas que a gente sabia que a Dê gostava de paixão porque aquela lá desenvolveu, conforme foi crescendo, uma tara especial por coisas de café da manhã.

Menos o bolo de chocolate que eu estava fazendo, isso não é coisa de café da manhã, mas, e quem é que resiste a bolo? Comemoração pede bolo, né?

Era mais ou menos umas nove horas quando as comidas ficaram prontas e meu pai sugeriu que eu arrumasse a mesa. Eu entendi que ele queria que eu arrumasse do jeito que todo mundo quer que eu arrume quando é aniversário da mãe. É quase um ritual esse negócio e eu nem sei de onde foi que tirei essa ideia:

Meu pai conta que num aniversário da mãe eu roubei flor de canteiro e saí tacando em cima da mesa em tudo quanto era vaso que cabia. Eu lembro disso, mas não lembro muito direito do porquê. Depois fiz outra vez quando meus pais brigaram, uma das muitas vezes que aqueles dois se estranham e daí ficou. Todo aniversário da mãe e da Manu tem flor na mesa.

— Faz a surpresa toda para cagar no final, moleque? Põe mesa.

Coloquei. Eu já queria fazer, mas meu pai falando para eu fazer evitava que ele ficasse de conversinha para o meu lado. Fui lá perto de onde os carros ficam, bem depois do avarandado, catei flor de canteiro, essas coisas meio sem graça, sem ser flor de marca, que todo mundo vê sempre na rua, mas não dá muita atenção e fui, guardanapo por guardanapo, vaso por vaso que meu pai e me tia me deram, colocando água e arrumando flor.

Uma hora eu percebi que a Dê já tinha acordado e que olhava pela porta da sala de jantar, mas não disse nada. Eu não sou tonto, dava para ver. Meu pai e a minha tia, os dois trocando figurinhas sobre os filhos, um enchendo mais a boca para falar do que o outro (sabe como é quando os pais se encontram, né?), e a Dê ali.

— Mas você vai ficar aí só olhando, Dona Andressa? – E sorri, olhando para ela ainda de camisola, com aqueles chinelos que as velhinhas usam, bem acolchoado, o cabelo preso lá em cima da cabeça e zero sono na cara.

— Tá arrumado. – Comentou, olhando para mim e sorrindo pouco, passando da sala de jantar para a cozinha.

E a tia Geca tagarelando: “É O QUE EU FALO DESSES DOIS DESDE PECURRUCHOS, DIGO, AINDA VAI DAR... Oi, filha!”.

E eu é que era o moleque, né? Ri tentando não pensar muito nos porquês nem nos poréns, enfiando flor em guardanapo e ouvindo as desculpas mais esfarrapadas e de dez anos do meu pai e da minha tia que não queriam, de jeito nenhum, contar do motivo da mesa arrumada.

— Vai lá com o seu pai, Gatinha. Ele deve estar querendo ajuda sua. – Ouvi a tia dizer e depois vi a Dê voltar para a sala de jantar, varrer com os olhos toda a mesa mais uma vez e sair sem nem saber para onde ia.

— Você está pronto aí, Lipinho? – A felicidade da minha tia era coisa que não cabia só nela. Gostava da filha na faculdade, gostava da filha recebendo mimos e gostava de me ver naquele estado. Era tonto. Era legal, era só uma mesa, um café da manhã e um pouco de boa vontade, mas, ao mesmo tempo, não era só isso.

Na verdade, eu nem pensei muito no que era. Deitei pensando em meios de fazer a recepção da Dê na facul tão foda como foi a minha de noite e então pensei naquilo. Café da manhã que a Dê nunca pula, mesmo nas férias.

— Por mim pode chamar todo mundo. Tá pronto. – Respondi.

Desceram aos poucos. As duas Botelho que ainda me fuzilavam porque eu *estraguei* a comemoração da Dê com a minha, minha mãe, a Manu que perguntou de quem era o aniversário, o Guto que me lia do mesmo jeito que meu pai me lia, o pai dela que não entendeu nada, e então todos nos sentamos.

— Aqui, Gatinha – A mãe da Dê disse, apontando para a ponta da mesa que um dia o Vô se sentou. – A mãe quer você sentada aqui.

Sentou-se. Em cima do prato dela tinha um cartão que não fui eu quem fez. Sentados todos, o pai de um lado, a mãe de outro, a Dê abriu o cartão e sorriu pequenininho do jeito que sempre sorri, os olhos enchendo d’água e os pais ao lado, bobos e felizes do jeito que tem que ser, a enchendo de beijo.

— Parabéns, filhota. – O tio André disse a ela, já arrumado para o

trabalho, terno e camisa, chorão igual meu pai e um pouco triste de ter sido o último a saber. – Pai tá orgulhoso.

— Dê, - emendei – conta do resto.

— Que resto? – A tia Geca também não sabia de tudo e todos os pescoços se voltaram automaticamente para uma Andressa que prefere morrer a ser o centro das atenções.

Cacete, século vinte e um e ninguém caça o nome dos outros no Google? Estava lá, para quem quisesse ver. Administração – UFMG : Primeiro Lugar, *Andressa Botelho*.

— Tá grávida? – A Bia já pensava no pior. Me olhou querendo fatiar minhas bolas por baixo da carranca orgulhosa de irmã que sabe que eu fiz certo, mas que não queria dar o braço a torcer.

— Meu Deus, Bia, cala a boca. – A Dê quem levou um susto. Grávida de quem, do Espírito Santo?

— Uai, Gatinha, então conta.

— Passei na Federal.

— Parabéns, - o pai dela a pressionava – mas isso todo mundo já entendeu.

— Então não tem mais nada para contar – Por que é tão difícil para essa menina ficar feliz de ter esforço recompensado? Abre a droga da boca e fala assim:

PASSEI. PASSEI EM PRIMEIRO LUGAR NA FEDERAL, PORRA.

— Tanto mistério... - O Guto já sabia. Eu não sei que mágica os dois mudos da família usam, mas ele sabia. E capaz de ter sido a Dê mesma quem contou.

O Guto e a Dê são os introvertidos de cada lado. Enquanto a Dê responde por todo o silêncio das Botelho, o Guto responde pelos Ferreira e, como ninguém nunca os vê de conversinhas pelos cantos, só posso assumir que eles têm telepatia.

— Passei em primeiro lugar.

— NÃO BRINCA? – O surto primeiro quem deu foi a mãe dela.

— Primeirão mesmo, de primeirinho? – E o pai veio depois.

— De primeiraça! – Eu não sei ficar quieto e me fazer de bonito, Dê. Minha comemoração é assim.

— Fiiiiiilha de Deus – Só faltava o pai dela chorar de orgulho. Encheu o rosto da menina de beijo e ficou muito bobo, igual meu pai quando soube do ITA. – Tão modesta...

— Somos mineiros – Ela disse, vermelhinha de vergonha, os olhos molhados e um sorriso esticado, todo virado para mim.

— É, – Coloque olhinhos de coração no meu tio – somos.

Sentaram-se para comer e todo mundo parecia querer dizer alguma coisa, mas não dizia. Só olhava. Até a Bia calou a bocona que nunca se cala e ficou olhando. A Dê sorria mais que tudo, não dizia, não era muito de dizer, mas sorria. Fingia que coçava o olho, mas a gente sabia que ela chorava um pouco. Era o jeito dela, ué, sempre foi. Quietinha de ficar na sombra e deixar as ações falarem. O pai ainda sabe fazer pão de queijo e estava muito bom. Tão bom que eu me perguntava do porquê ele não fazia lá em casa. Com um pouco de leite no meu café, fingi que não via que a Dê me olhava.

Eu não queria entrar naquela onda que a família queria colocar a gente. Não queria entrar no clima besta, na sensação de que eu devia fazer alguma coisa além. O que eu quis, eu fiz. Acordei cedo e fiz a minha prima feliz no dia que também era dela. Todo o resto era coisa de parente enchendo o saco.

Logo a tia ligou para a parentada toda para avisar que a Dê passou em primeiro. Ela andava de um lado para o outro, toda feliz e orgulhosa. A Dê me disse que eu não precisava limpar a mesa já que eu a arrumei, mas eu não liguei. Desde que não precisasse lavar a louça, tirá-la não me doía.

Ela me olhava, um pouco envergonhada ainda, sem querer tirar os vasos de florzinha sem raça definida de cima da mesa. Só faltavam os vasos e os guardanapos de linho que ninguém nunca usa e eu disse a ela:

— São suas. Faça o que quiser com elas.

— E onde que eu ponho tudo isso?

— Ué, arranja um vaso.

— Ué.

Ela me enche com o meu Ué como se não fosse toda feita nos Uai. Peguei boa parte das plantinhas da frente da casa dela (como é que as meninas acham bonito eu arrancar flor da frente da casa delas para botar na mesa? Não sei).

(Se bem que só fiz isso para ela, então quando ela se tocar que carpi o lote todo, acho que me sobra chumbo, sim).

Pedi um vaso grande para o tio André que lavava a louça na cozinha e voltei para a sala de jantar. Juntei todas as flores num vaso só e resolvi o problema. Pronto, Dê. Faça o que quiser com elas.

— Obrigada.

— É, ‘tava te devendo isso.

— Não estava, não.

— Estava. Você me deixou comemorar ontem. Não diminuiu a minha felicidade, comemorou comigo mesmo com a sua na ponta da língua. Achei bonito. Quis retribuir.

— Fiquei com medo de que comparassem ITA com UFMG.

— Mas não tem nem como comparar.

— Ah, tem. Você não conhece as irmãs da minha mãe? – É, as Marias são um saco. Ainda bem que depois que meu vô morreu elas deram uma bela de uma sumida.

— LIPE, DÊ! – A tia gritava da sala – Tem boi no rolete hoje lá no Tio Carlos!

— Caramba, eu adoro isso. – Comentei.

— Gosta?

— Demais da conta.

— Tá passando tanto tempo com a gente que tá pegando nossas gírias. – Ela sorriu.

Capítulo 2

Vai, vai lá naquela mocinha trancada dentro do quarto e diga que ela tem que se amar mais. Vá. Naquela mocinha que cresceu gorda, filha do meio, irmã de duas beldades. Vá, com toda a cara de pau e diga que ela tem que se amar bem daquele jeito que o comercial de maquiagem falou.

Moça que cresce com poda porque ocupa espaço demais. Moça que cresce tímida, sem querer contar a própria história. Moça que brota sem voz, sem flor, – só caule. Um pouco por dia. Para de comer com esperança de emagrecer, se arrasta do quarto para o escritório do pai sem nunca parar na frente do espelho. Moça que preferiu esquecer que tem imagem.

Quem dera fosse boi bravo como a irmã. Com cavalo arisco ninguém se mete. Queria ser ácida como a mais nova, mas a ela só restou um título: a gorda. E quando todo mundo usa esta palavra como xingamento fica difícil ouvi-la como se fosse só uma descrição.

Trancada no quarto que já foi do Tio Digo um dia, trava a velha luta de sempre. Ir bonita e ouvir o povo falar de sua banha ou ir de jeans e ouvir que devia se arrumar mais? A velha luta da vontade versus a opinião pública. Temia até os olhares da mãe que já se enfiou na academia por medo de perder marido.

O medo era o se sentir ridícula. O medo era a vergonha. Vinha sempre a conta-gotas: num dia você coloca um batom e escuta o quanto é bonita... de rosto. No outro dia coloca uma calça mais apertada e ouve que engordou. Mais para frente, com quinze anos, chora numa loja de trajes finos porque não há vestidos bonitos do seu tamanho para a sua própria festa.

É assim que é: devagar, uma poda por dia. Vai vencendo os dias, as ervas daninhas todas ao redor, nenhuma chance de flor. Seu único alento é que é ela, não as irmãs, quem passou em primeiro na Federal. Foi ela, a constância, a disciplina, a batalha de todo dia. Não foi o ímpeto, sua irmã mais velha, nem a criatividade, sua irmã mais nova.

Foi ela. Que parou de sonhar com dias melhores e se meteu no trabalho sujo. Manhã na escola, tardes como secretária do pai e noites estudo adentro.

(Ela, que agora não tem coragem de usar um vestido para receber os espólios e as glórias).

(Ela, que não tem coragem de colocar um vestido lindo para atravessar a estrada que divide a sua fazenda com a fazenda do tio e comer um boi no rolete com o resto da parentada que espera por ela e pelo outro vencedor – o primo mais gato entre todos os primos já feitos).

— ... Pode entrar? – Seu pai sorria com seu jeitão de CEO, o terno

escuro e a gravata frouxa, trazendo um par de taças e um vinho fechado.

— Pode, uai. — Ela disse por educação, mas queria mais uns minutinhos sozinha. Puxou a blusa de linho bordô mais para perto do peito para esconder o vestido que ainda não tinha decidido se usaria.

— Eita, tá bonitona.

— Já vou tirar.

— Por quê? Hoje é seu dia, seu tio Carlos está doido querendo te dar os parabéns... Ô, Gatinha, não tira.

E vai se abrir com o pai e falar que estava com medo do que falaria a ela? Só tem dezessete anos: ninguém se abre com os pais nessa idade.

Cabe a ele ter raio-x no lugar dos olhos claros e certamente Seu André tem:

— Todo mundo lá da queijaria ficou doido quando soube que você passou em primeiro.

— Mas precisava contar?

— E quantas vezes na vida filha minha passou em primeiro na Federal? — Ele sorriu se enfiando para dentro do quarto dela, abrindo espaço entre o computador e os pincéis de maquiagem para as duas taças que trazia consigo — Não me leve a mal, mas Bianca só serve para lidar com bicho e Alicinha, só com arte. Você era a minha esperança, princesa.

Ele puxou do bolso da jeans um saca-rolhas e enquanto tagarelava, abria:

— ... a gerência se juntou e deu isso de presente para você, filhota. Tinto suave.

— Pai, eu não posso beber.

— Por quê? Tá tomando remédio?

— Eu tenho dezessete anos!

— Então eu gelei esse troço a tarde toda à toa?

— Você sabe que eu só tenho dezessete...

— Você é a única que se importa com isso. Vê sua tia Fê: bebe cerveja com as crias desde os quinze!

Era ciúmes aquilo no rosto dele, era inveja ou era só loucura mesmo?

— É porque aquela lá é DOIDA!

— Vai, - ordem de pai não se desobedece, né? — tim-tim que o pai tá mandando.

Brindou com o único homem da casa e escondeu o sorrisinho lá no fundo da taça. Gostinho doce, nem parece que é capaz de deixar você bêbado. Sentou-se na cadeira de escritório da escrivania e viu o pai sentar-se à cama. Sabia que ele não apareceu ali só para brindes, o pai nunca entra no quarto dela sem ser por assunto muito sério.

Como da vez que ela ficou três dias sem sair da cama porque o Lipe começou namoro com outra menina. Ou da vez quando, muito novinha, que pegou catapora. Ou qualquer outra situação dessas de emergência.

— Tô feliz, mas tô preocupado.

— Vai perder sua secretária. – Sorriu. E como o pai vai sobreviver sem o esquema doido que ela criou e só ela sabe mexer?

— Não, não é só isso.

— Então... ?

— Você sabe que a pior época da minha vida foi a faculdade, não sabe?

— Sei, sô.

— Sabe o porquê, né?

— Sei.

— É muita solidão e muita pressão, Gatinha. Você, das três, é a única que tem juízo, mas é a única parecida comigo. Promete que não vai tentar carregar o mundo nas costas?

Não.

— Prometo – Mentira contada na melhor das boas intenções ainda é mentira?

— Amanhã começamos a procurar casa para você e Bianca.

— Mas a Bia já tem casa!

— Filhota, amor meu... - lá vinha: - tá achando que é filha do Silvio Santos? Pai não tem grana para bancar duas universitárias, dois aluguéis, mais a mensalidade da faculdade da Bianca (cada mês mais caro, graças a Deus que é o último ano), isso sem contar seus livros...

— É, mas eu achei que ia morar sozinha...

— Alguém precisa cuidar da sua irmã, Dê.

— A Bia se vira muito bem sozinha!

— Vai por mim: Bianca finge. Não sabe nem nunca soube ser sozinha. Foi um parto deixar esta menina se meter sozinha na capital e foi um erro. Mais um ano e nem ela, nem meu bolso aguentamos.

Tinha tanto do pai em si que lia a mentira na cara dele:

— A Bia pediu para a gente morar junta, não foi?

— ... Ela sempre odiou morar sozinha.

Esqueça revolução, Andressa. Aquele largar a vida antiga e recomeçar onde só exista você: esquece. Bianca vai junto e ela ocupa muito espaço, toma muito tempo, chama muita atenção. É um amor de irmã, protetora até o último fio de cabelo, mas isso não quer dizer que a convivência com ela seja fácil.

Nunca é. Murchou sem conseguir fingir nem esconder o desagrado. Não ficou tão feliz com o primeiro lugar quanto com a ideia de morar sozinha e

construir, no silêncio e longe da vista da mãe, a Andressa que ela sonhava e sempre sonhou em ser.

Uma Andressa que teria coragem de tomar a palavra e dizer o que quer, que seria linda e que andaria com um belo “foda-se” no bolso, uma que não pensa três vezes para verbalizar vontades e nem começa uma briga se desculpando.

Olhou com pesares para o fundo da taça. O protetor de tela do notebook dizia quinze para as oito e ela ainda tinha que tirar o vestido. Bebeu mais um pouquinho e recebeu mais vinho na taça. Silenciosamente, enquanto se despia de um projeto de futuro sozinha, o pai a lia.

— É só um ano.

— Eu sei...

— Êba, festa! – Como todo dia, a Bia entrou no quarto da irmã sem bater, usando um chapéu do falecido Seu Alcides, botinhas de cowboy e a calça atolada. Tinha só vinte e um e era, como todas as garotas de vinte e um, donas de toda a razão.

Sentou-se ao lado do pai e mirou para dentro do copo dele. Sorriu pensando consigo que gostaria de ter tido esta ideia. Beber no quarto parece muito com uma coisa que a Dê gostaria de fazer.

— Pode beber do meu, se quiser – A Dê disse, sem remorso ou raiva.

— Você não quer mais, não?

— Quero, mas tem mais na garrafa, pode tomar esse.

— Tá bonita.

— Bia, manda sua irmã não tirar o vestido. – O pai sabia o que esperar e nunca deu ponto sem nó.

— Mas, ô, bicha tinhosa!

— Não tô me sentindo muito confortável...

— Tá de shortinho por baixo?

— Tô, né...

— Então você está confortável o bastante. – Ergueu-se da cama, encheu a taça da irmã e continuou – O que tá te faltando é coragem e coragem nós cria. Bebe isso daí, Dê. E pode parar de frescurada que você está muito gata. Eu fico puta com essa merda: é toda vez, toda vez! Um puta jeitão de princesa, puta cavalona boa, bem criada, bem-nutrida e fica aí: “Ain, não me sinto confortável”, “ain, não me sinto isso”, “ain, não me sinto aquilo”. Dê, o dia é seu. O Tio Carlos tá girando boi desde de manhã por sua causa, Botelhada progredindo. Olha, eu tô descendo a escada. Se você me aparecer de jeans lá embaixo eu juro que a gente briga feio e você sabe que você perde, então fica esperta.

E desceu. Furacão igual veio, igual foi. O pai olhou sorrindo para a porta abandonada aberta e sabendo que as duas, ao contrário do que a Dê pensava, se dariam muito bem juntas na capital.

Ferreira não disfarça. Nunca disfarçou nem nunca vão aprender. Tudo começa com o pai que baba na esposa quando mete uma roupa mais curta e vai até na filhinha mais nova que não esconde risada de deboche nem piadinha maldosa. Sentados na varanda, o Lipe e o Guto, bebiam coca-cola e ignoravam os primos que não eram as Botelho. Viam famílias inteiras chegar, cada um com seu grau de parentesco, o Lipe recebia os parabéns pelo feito, o Guto era afagado ouvindo que ele era o próximo, mas não davam muita corda, não.

Sabiam, desde o berço, aos trancos e barrancos, com brigas no meio e muita farpa trocada:

Parente não é família.

Enquanto o pai deles sorria para todo mundo, contava piada, feliz por estar entre os seus, aqueles dois eram como a mãe. Família só aqueles pouquíssimos gatos-pingados em que se conta na hora que o chão sai do lugar. Sorriam para as Marias, irmãs da tia Geca, cumprimentavam e eram educados, mas, isso é desde pequenos: Família, além dos cinco Ferreiras, só as Botelho.

Por isso, sentados com copos de coca, esperavam. Mexiam no celular, conversavam e checavam Manu-monstrinha que corria como uma louca com algum primo sem nome e sorriram, sensação de festa completa, quando viram a Ranger do tio André chegando de ré.

Só que o Lipe sorriu mais. A Dê saltou do banco de trás, todinha tímida e envergonhada. A parentada da fazenda inteira parou para recebê-los. Se os Ferreira fizeram São Paulo de lar, Minas é o império das Botelho. Tio Carlos, velhinho como Seu Alcides seria se ainda fosse vivo, saiu de trás do rolete, todo orgulhoso da menina que trata por neta. Primeirão na Federal em terra onde nenhum deles sequer terminou o colégio.

Os pilares da família, tudo irmão de Seu Alcides, todos que viram Rodrigo Ferreira alimentar galinhas antes de ser paulista de restaurante afrescado, reviviam na Dê o gosto de ter sucesso na família.

E ela, aquele sorrisinho tímido, jeitinho envergonhado, baixava a cabeça, recebendo os beijos, não enumerava glórias, só agradecia. A menina do André. Mais orgulhoso que aquele pai, não tinha. Dona Angélica também, vesga de felicidade de ver uma filha quase veterinária e a outra, futura administradora. Logo ela, que pagou a faculdade das irmãs, mas nunca colocou os pés em uma,

agraciada com duas, logo três, moças de ouro.

A Bia foi logo se juntando aos dinossauros. É ela quem troca a ração do gado leiteiro e quem aplica as vacinas. Sentou-se na sala com o chapéu do falecido vô nas mãos, as pernas abertas e a fala legitimamente mineira-bruta nascida no meio dos bezerros. A Alicinha sem um pinga de vontade de ouvir de vaca, caçou Manuzinha pela fazenda e logo a Dê se viu só – era sempre assim. Sentou-se na sala no meio dos outros primos, cumprimentou todo mundo e logo veio:

O Senhor Salvador das Gordas Encalhadas. É comprometido o empiastro, sempre traz a namorada a tiracolo, ela devia estar ou no banheiro ou pegando mais comida, agregado da família, nem parente ele é, em todo lugar tem um desses: Chega sorrindo, dá uma de bom moço, diz o quanto a Dê está linda, nem mesmo uma menção sobre a conquista da faculdade e logo começa. Nunca chegou perto das outras irmãs e ela sabe o porquê.

A Dê é a gordinha carente que ninguém quer e ele sempre quer. Com um pouco mais de álcool fala até o que faria com ela. Ele não é o único, ela viveu a vida desviando de caras assim. Na escola, os últimos a perderem a virgindade estão sempre atrás dela. A gorda disponível, era assim que se sentia. *Não dá para namorar e apresentar para a família, mas até que dá um caldo, né? É bonita de cara, pelo menos.*

— Seu vestidinho te deixa muito gostosa.

A vontade de ser a Bia e dar na cara do sujeito era imensa. E coragem, cadê? *Coragem nós cria.* Lembrou-se da irmã e lembrou-se do vinho, ainda sentia o rubor engraçado correndo nas bochechas.

— Repete isso. – Coragem? E vai viver de sorrir e acenar enquanto te constrangem?

— Por quê? Gostou?

— Repete que eu conto para a sua namorada e para o meu pai!

O coração torto de tão descompassado. Suava nas bordas do vestido; os punhos cerrados e nenhuma malcriação impactante para dizer. Queria ser touro e dar um soco na cara dele, mas passarinhos não têm punho, só voam.

Do grande janelão que separava a sala do avarandado, viu o Lipe olhando. Sentiu vontade de chorar quando percebeu que tinha público e que ninguém a socorreu. Andando depressa para não ouvir rebote, afundou-se no banco, ao lado do Guto que lhe sorria sem dizer o porquê.

— Fez bem, faz tempo que esse cara te enche o saco. – O que mais irritava na figura do Lipe não era nem o súbito jeito de quem prevê o desenrolar do mundo, era a maneira idiota do como ele sugava o canudinho idiota do copo idiota de refri.

Precisou de três segundos de silêncio olhando para a Bia parada com as mãos no bolso como qualquer peão da fazenda para não dizer poucas e boas àquele moleque do Capiroto.

Moleque do Capiroto, recapitulou, rindo um pouquinho. Era como o pai dela chamava o Lipe quando ele não estava ouvindo.

— Você podia ter me ajudado. – Reclamou.

— A Bia me proibiu.

AH, CLARO, FERREIRA, PORQUE VOCÊ É PAU MANDADO DA MINHA IRMÃ, NÉ???

— Ela disse que ninguém sabia se você queria ou não aquele cara e que a gente não podia fazer nada até você se decidir.

— Mas não era óbvio?

— Ninguém aqui lê pensamento. – A voz do Guto e o jeito do Guto o fazia parecer mais velho que o Lipe, mesmo assim, quando dizia alguma brincadeira.

A Bia sabia que a irmã detestava aquele sujeito, ela só queria que a Dê verbalizasse o asco e dissesse poucas e boas para ele. Era tão protetora a Bia de vinte e um que, segundos depois de a Dê colocar o pretenso Salvador de Gordas em seu devido lugar, ela mesma foi lá e fez ameaças sérias.

Mas que a Dê de dezessete só sabia sentir raiva e desconforto. Nem pensou que a irmã protegia sua retaguarda.

— Parabéns pela faculdade, Dê. – O Guto mudou de assunto – Com todo mundo em cima de você, não consegui dizer.

— Obrigada.

— Mês que vem você vai para Belo Horizonte com a Bia, né?

— Daqui duas semanas.

— Vai ficar tudo esquisito quando eu vier para Poços e não tiver mais Botelho para ver.

— Mas vai ter Botelho para quando você vier, Guto, que coisa...

— Vai nada, só a chata da Alicinha.

— É, Dê. – O Lipe sorria. Para troça ele nunca poupou ninguém – A Alicinha é chata mesmo.

— Você também não vai conseguir vir para Poços sempre, Lipe.

E o Guto, sabendo onde esta conversa ia dar, procurou qualquer coisa para fazer, qualquer coisa, o mais longe possível. Era como se ele tivesse visto, no rosto do irmão, a súbita mudança do estado. Lipinho Lindo, sempre tão rápido no gatilho, ainda não tinha percebido que tudo mudaria. Ele queria mudanças, estava doido por elas, mas quando percebeu que tudo mudaria – que a Dê também escolhia outros rumos, que as Botelho não estariam na casa do vô

esperando por ele, que uma parte de sua vida, as primas, ou melhor, *ela*, se voltaria para novos rumos – ele emudeceu.

— Obrigada pelo café da manhã – Se era a Dê quem quebrava o silêncio entre eles, sinal que o Lipe demorou muito mais do que devia, só pensando naquilo que ainda não tinha pensado – No meio da bagunça eu acho que não agradeci.

— Você é muito ruim de comemorar. – Sorriu, dissipando arrependimentos.

— O quê?

— Muito ruim mesmo.

— Você quem faz festa por nada!!

— Meu pai diz que celebrar faz parte do processo. Sei lá, passei numa facul difícil, por que não ficar feliz com isso?

— Eu fiquei feliz, uai.

— ... só não ia contar para o mundo, né?

— Eu ia! – Só não com tanto estardalhaço... ?

— De todo jeito – é isso o que mata nesse menino: – se te fez feliz, fico feliz.

— É, foi bom – Deus abençoe o quintal mais ou menos escuro e a pedra no chão para onde ela olhou e não desgrudou enquanto sentia o sangue do corpo todo (e era muito sangue) subir para as bochechas.

“Dê, corre aqui, seu pai está procurando você!” Deus abençoe também esses gongos que salvam as tímidas que não sabem o que falar nem como se portar diante do primo. Saiu sem se despedir, só foi, como é sempre. E ele a ficou olhando ir, um vazio se aglomerando no fundo do peito, uma tristeza por ver que não vai ser só ele que vai mudar, mas tudo.

E de repente,

(estranho perceber que a casa para onde ele sempre volta não vai estar lá para quando ele voltar).

Olhava-a se juntar ao boi sacrificado rodando no espeto, o pai que oferecia a ela alguma coisa num prato, o filho do Tio Carlos, o Rubens, conversava com Seu Rodrigo enquanto os dois vigiavam a carne. Sensação de tudo indo embora. O pai e a mãe continuarão em São Paulo, a Manu e o Guto também, então, todas as normas estabelecidas, do que exatamente ele sentia que escapava?

Sorriu se sentindo bobo, sabendo, lá dentro, sem querer se resolver com a razão. Quase tudo vai ficar na mesma, *só uma coisa que vai mudar*.

Capítulo 3

Na varanda do Tio Carlos, ele olhava a família. Registrava na retina como se tudo fosse parar de existir. Saudade de antecipação. Via a fogueira estalando ao ritmo da peonada nostálgica que cantava músicas mais velhas do que eles, entre cervejas geladas e violas velhas, a Bia no comando de todos eles, sua voz de moça nova com alma de peão velho, ensinando um Guto a tocar modões, longe dos pop-adolescente que ele sabia tocar no violão. Via o pai e a mãe dançando no canto, eternos namorados quando não arrancavam os cabelos. Via a irmã mais nova correndo entre os mais velhos.

Família que celebra com comida. Ferreira que é Ferreira nasce pronto. Vem de berço, arte passada de pai para filho, aprendida por observação. Assistidos de perto, fizeram o que puderam, o pai e a mãe, para ensinar.

Caíam e se erguiam um sem-número de vezes. Olham-se nos olhos, os irmãos de personalidade diferentes, e se misturam. O irmão que constrói, a que destrói e o que habita. Cada um deles, mesma essência. Coisa de amor que flui. Brota do pai ali no cantinho da fogueira, olhos de menino apaixonado, perpassa a mãe que nunca se fez menor e contamina os filhos.

Ali, sentado, olhando tudo, via as Botelho que servem umas às outras, ao pai que lê todas elas, à mãe que erra tentando acertar. Não dá para se sentir sozinho, nem roubado. Marchar com um a menos será sentindo, o pai dele já disse isso. São mudanças. Sorriu ao se sentir idiota por temê-las. Entre as pessoas que registrava no fundo do peito, encontrou a Dê enfiada entre duas senhorinhas idosas, amável a elas, sorrisinho tímido que ainda conquista o mundo.

A Dê odeia sorrir tímido assim, mas, no fundo, esse sorriso calmo, como era o da vó, é o que a faz ser quem é. Turbilhão lá dentro, mas calmo para o mundo. Fortaleza que só permite ventos bons, lembra? Conversa com as velhinhas, os olhos na mais nova e na mais velha ao mesmo tempo. Moça de viver entrecaminhos. Se completa só ali, no meio. Irmã do meio, não tão boba, nem tão madura. Sorriu de volta para o Lipe quando o viu. O escuro da noite que avançava fria, as luzes do quintal, a fogueira no gramado impediam que vissem o rubor de suas bochechas.

De longe ele só a via sorrir. Demorou tanto assim para perceber que sua prima é linda, Lipe?

Não, isso ele já sabia. A mais linda das três. A única que precisa ser desvendada. Máscara de mil faces sem nunca revelar-se nua. Talvez o fazer e desfazer-se em máscaras seja ela. Talvez não exista nada por baixo.

Talvez exista um oceano.

Ou, talvez, essa o Lipe pagaria para ver. Ergueu-se da varanda, o sorriso sem máscaras, o jeito de menino meio homem, os pelos do braço arrepiados porque a blusa ficou em São Paulo. Pediu licença para as senhorinhas com a sensação dolorida de despedida no fundo da garganta.

Daqui duas semanas ela será do mundo, daqui duas semanas eles serão cérebros para o mundo, ultrafoco, metas e prazos. Ali, na festa típica deles, amor servido em pratos fundos, eram só dois garotos que nunca se convidaram para a festa certa.

Choveu um dia, e ela não teve coragem. Catorze anos, ela teve coragem, mas ele não. Recusou-se a príncipe. Vão viver de negativos, os dois?

Não, mais. Como um príncipe, como o irmão mais velho que tem tato para acalmar Manu-220, como o garoto das ideias que obviamente darão errado, estendeu a mão para ela num convite. Nem sabia o que fazer depois, só queria ficar junto. Vai demorar muito para entrar em consonância com o que aquilo era. Vai demorar tanto que vai deixá-la ir.

Mas ali eram só dois meninos teimosos. É preciso muita teimosia para passar em vestibulares concorridos.

E uma boa dose de privilégios.

— Dê, - ele disse quando conseguiu afastá-la das senhorinhas e do resto da parentada doida para cumprimentá-la.

— Oi.

— Posso beijar você?

Assim, do nada? Anos sonhando com isso e ele taca assim, no seco, sem cerimônia? Moleque de correr do zero a cem sem esperar o tiro de largada.

Também. E quantos preâmbulos a gente tem que fazer para beijar?

Ali, enquanto se confundem com família, vão se pintando de amor. Cabelo idiota. Olhava-o, queria se perder no mundo e esquecer que o coração era dele. Sobrancelha idiota. Olhava-o e não entendia. Se para ele era tão simples, por que então nunca antes?

Precisava chegar no portão do tchau, Lipe? Todos os anos em que foi louca por ele não foram o suficiente? Todos os anos do ensino médio não bastaram? Tinha também que arrastar esse suplício para depois, para além de Poços, lá para BH?

— Por quê?

Era por isso também que queria ir para longe. Detox. Era para aprender a desamar. A colocar outros gostos na boca e aprender que existem outras pessoas. A ser outra coisa além da extensão do corpo dele.

— Por que o quê?

— Por que agora?

— Ué, se não quiser é só dizer.

Não era questão de querer. Pela vontade, já teria colado a própria boca à dele há anos! O problema era o depois. E então, depois o quê? Vão cada um para um lado, seguir seus rumos, o Lipe vai achar uma outra magrinha superlinda para marcar no Face. E ela? Vai fazer o que da vida? Vai viver de bloqueá-lo e desbloqueá-lo? Vai viver de reviver beijo e sonhar com os próximos que nunca virão?

Piada sem graça. Maxilar idiota.

Ele estava lindo no café da manhã. Todinho príncipe dobrando flor em guardanapo. O problema era ela, ela sabia. Desenhar futuros ruminando padrões do passado. Olhava-o, ao garoto de dezessete, só dezessete, cada um deles. Sonhos e ânsias do tamanho do mundo, verdades não ditas e uma porrada de mundos para construir.

De resposta, não disse nada. Jamais saberia o que dizer, Ferreira nasce pronto, mas ela não, e ele sorria porque, no fundo, ouvia o que ela não sabia dizer.

Engraçados os jeitos dela de dizer eu te amo.

— Dê, - Ele via o medo todinho impresso nos olhos e nas mãos que não se percebiam agarradas à barra do vestido – Se você queria faz tempo, por que não pediu?

Peças que vão se encaixando. Tanto tempo amando em silêncio que esqueceu de disfarçar sinais óbvios. Quando você sabe o que está procurando, achar fica fácil. Ela tremia, quase convulsionava. Ele sorria. A máscara plácida de garota futura-CEO só funciona com os desavisados. Os que a conhecem não chamam suas faces de máscara.

— Se eu chegar mais perto você vai correr? - ele sorria, simples e sofisticado como quem quer propor um esquema fora da lei para ficar rico.

— Não. – Um fiapo de voz. Longe e perto da parentada que se aposta quem-termina-com-quem desde que esses daí chupam chupeta. Uns parentes fingiam que não viam e os outros se cochichavam com os demais.

Eles, o passo que o Lipe deu em direção a ela foi como reduzir o universo todo. Uma câmera que deixa o resto das narrativas todas de fora. Só o rosto dele, o rosto dela e um leve toque de mãos. Ela não correria nem se pudesse. Congelada, mortinha de medo e inteira em alerta. O cabelo não era nem um pouco idiota. Nem a camisa sempre puxada para a esquerda. Queria ser menos emergência e mais momento. Queria ter tido a coragem de sorrir de volta. Queria ter tido a coragem de dizer o que queria já ter dito.

— Eu vou poder te ligar quando você for para Belo Horizonte?

— A gente sempre se conversa por texto.
— É, mas eu vou querer te ligar, vou poder?
— Vai, Lipe.
— E você vai vir para casa nos feriados?
— Talvez, tem as provas.
— Pois é, falei a mesma coisa para a minha mãe.
— Tô com medo.
— Também tô. Se o vestibular foi essa merda, imagina as provas?
— Ah, o meu foi ENEM, né. Meio igual para todo mundo, prova de resistência mais do que de dificuldade.
— Sábado?
— O que tem sábado?
— Vou poder te ligar no sábado?
— Vai, sô.
— Tô com medo de sair de casa.
— Eu não. – E foi a primeira vez, tão pertinho assim, que falou sem tremer a voz.
— Não?
— Eu quero ir morar longe.
— Uau, por essa eu não esperava.
Nem queira saber o motivo, menino.
— Por quê? – Mas ele queria saber.
— Virar a página.
— Queria ter essa coragem.
— Mas não foi para isso que você se inscreveu no ITA?
Isso. E um monte de vontade de dizer para si que não era só um moleque corno.
No fundo, nem tão diferentes. Sempre gostou dela mais. Única prima que ganha flor de aniversário. Eram fortes onde eram fortes e onde eram fracos não se mentiam:
— Parece que tudo vai mudar daqui pra frente – ele confessou, acompanhando com os olhos a Manuzinha que corria de um lado para outro da casa – Tô com medo de não ter mais casa para quando eu voltar.
— Não seja besta, seus pais ainda serão seus pais e seus irmãos continuarão seus irmãos.
— Não é isso. – E ele se viu numa armadilha: O que era casa para ele, se os pais serão os de sempre e os irmãos, os mesmos?
Mais precisamente, Lipinho, *quem* era casa para você?
— Então o quê?

Não era hora de dizer. Esconda a carta no bolso e enfrente o jogo. Ninguém perde de dizer a verdade, mas ninguém morre de esconder aquilo que dói.

Melhor: aquilo que não entendeu exatamente o que é.

— Se for te ajudar a ficar melhor, Lipe, me liga mesmo sem ser sábado.

Vontade de beijar esta menina. De correr com ela dali e ficar beijando de pouquinho em pouquinho até dar sono e os pais o chamar para ir embora. Vontade de deitar no colo dela, bem perto do quentinho da barriga e ficar levando cafuné até dormir.

Crescia como cresce entre os amigos – naturalmente. Sem tesão desenfreado, tensão sexual, qualquer ardor desses. Evoluía. Primeiro você se toca que para onde vai não tem casa, depois a vê chegar bonita na casa do tio, depois ela sorri enquanto treme. Vontade de beijar só um pouco e depois mais. Avançou para mais perto dela, focando universos, concentrando o mundo nos olhos azuis muito lindos que ela tinha.

— Dê.

— Oi.

— Posso beijar você?

— Por favor, para de perguntar isso.

— Eu estou com medo que você saia correndo.

— Eu sou gordinha, não corro muito.

Ele riu um pouquinho, afastando os cabelos dela que nem precisavam ser afastados. Carinhos na borda do rosto com uma desculpa doce. Sorriu quando se aproximou e, com um sorriso que se diluía, encostou nos lábios dela. Não sabia se podia continuar. Já beijou outras meninas, é claro que já, devia ter pego a prática, não é?

Mas nenhuma era tão nervosa quanto ela.

De pertinho assim as sobrancelhas dele eram lindas. E a curva do nariz, as maçãs do rosto. O universo que findava ali. Sentiu a evolução do beijo, os lábios dando espaço para a língua, um resto doce de refrigerante idiota, os cílios dele, compridos e bem cheios. Lindo, Lipe. Sempre foi. Moleque de flor clandestina, vira-lata. Cata florzinha no canteiro dos outros e é capaz de derrubar argumentos e planos traçados só com o jeito de menino.

Ela demorou para fechar os olhos. Mineiro não observa, espia. E vai procurando saídas de emergência, espaços para escapar, luz indicando saída até perceber que não tem perigo: A mão dele ainda estava na dela, os dedos se entrelaçavam e, para um bicho assustado, aquele era o sinal de que era seguro ficar.

Esquecendo o que aquele menino tinha com moleque e com Capiroto,

entendia o irmãozão da Manu, o cuidado presente. Esquecia-se do menino doido capaz de colar o ponteiro no cem só com uma dose de açúcar.

É menino beirando príncipe, agora. Descolou o lábio do dela, quente de vontade de beijar mais e outras coisas e olhou para a chuva fina lá dentro dos olhos dela: É engraçado, tem vezes que parece chuva, mas, se olhar de perto, também parece areia.

— Não me deixa nunca mais escolher a menina errada. — Ele nem pensou para dizer, só disse.

Por que ele disse isso? A música da Bia tocou ao contrário, os peões dedilharam violas desafinadas, o cheiro da comida era forte demais e as crianças gritavam fazendo birra. Por que ele disse isso, Minha Nossa Senhora?! Por que ele não calou a boquinha santa dele, inventou uma desculpa e saiu de fininho?

A massa de modelar, gostosa de brincar, endureceu e a graça acabou. Nem conseguiu disfarçar. Para ele era só um beijo na prima legal, para ela, são anos. Carga pesada demais, nem conseguiu, nem quis disfarçar.

Tão lindo. Foi.

Capítulo 4

“Você vai ter que tomar café da manhã comigo e vai ter que me enfrentar, Dê. O pai disse para a gente ir embora depois do almoço”. Foi a primeira coisa que ela leu pelo celular, logo de manhã. Dormiu com o claro e o escuro na boca. A raiva passada, a dor de chorar até dormir tantas vezes antes, e a felicidade boba de tê-lo beijado.

Sorria com medo. A paisagem é linda, mas a queda lá para baixo...

Foi para o quarto da Bia só para não ter que descer. Não queria conversar. Só não queria ficar sozinha. Queria pensar em si, no mundo, no Lipe, mas não queria a solidão, só um colinho e um cuidado de irmã.

Abriu a porta sem bater e murchou ao vê-la dormindo. Logo ela que sempre acorda com as galinhas? E logo naquele dia?

Desceu por falta de opção. Se desse sorte, ainda encontraria o pai na mesa do café e diria para ele que esperasse só dez minutinhos, o tempo de colocar uma roupa de sair e ir com ele para o escritório.

Faca de dois gumes: do mesmo jeito que o pai lhe deu algo a fazer para ocupar o coração partido, também lhe deu para onde fugir. Antes da viagem para BH, aos catorze, ela via o trabalho de secretária como um bico. Depois, aquilo virou um espaço dela, construído por ela e para ela. Mudou tudo e, ela querer trabalhar naquela manhã de despedida do Lipe era a rota de fuga para a própria zona de conforto.

Por sorte ou por azar, o pai não estava mais em casa, nem o Lipe na cozinha. Sentou-se no lugar de sempre e, checando a garrafa de café, acalmou-se para comer e ficou feliz de ainda ter broas de milho de ontem.

— Tá, - ele disse, rasgando a paz matinal da menina, a bateria da Vai-Vai toda numa sílaba só – eu ia deixar você comer em paz, mas não consigo.

Vinha da sala com calça e blusa moletom. Todo amassado de sono e tão lindo era, mesmo assim.

— Cinco minutos, - ela pediu, organizando a escola de samba dentro do peito e o jeito envergonhado de ter sido surpreendida.

— Sério, Dê, que merda foi aquela? – E ia se sentando, serpenteando pelas cadeiras como o pai dele falava, sem pedir, ganhando espaços e assumindo riscos – Porque eu gostei de ontem e você saiu com cara de choro, mas eu não entendi o porquê. Foi alguma coisa que eu fiz?

— Cinco minutos.

Dê espaço, Lipinho. Com primeiros amores tudo tem o dobro da carga, a gente não sabe muito bem como se portar. Tudo o que ele causa é custoso de

absorver. Encheu outra vez a caneca de café e respirou fundo: *não tem festa se não tem convite.*

— Você escolheu a garota errada porque quis. – E disse, assim, para acertá-lo no meio.

— Puta merda, é por causa disso?

— ...

— Então você gostou como eu gostei, né?

...

— Vai ficar difícil eu te ligar todo sábado se só eu for falar. – Cutucou, quase sorrindo – E eu não falei aquilo porque me arrependo das escolhas que fiz.

— Não se arrepende dos chifres, não?

Tão óbvia, ele concluiu. Como nunca percebeu?

— Já chorei e já tomei porre com a minha mãe o suficiente para sarar disso. Ela foi a menina certa por um tempo, queria que tudo tivesse terminado diferente, mas... Fazer o quê? Aconteceu.

— Então por que me disse aquilo?

— Porque te beijar pareceu a coisa mais certa que eu fiz em muito tempo. – Ele sorria e o rosto inteiro acendia. Não cabia espaço pra mentiras num Lipinho de dezessete anos. Não precisava iludir ninguém para se dar bem. Bastava sorrir para o alvo, fazer como o pai ensinou, sustentar o sorriso mesmo que o que a menina diga não tenha nem pé, nem cabeça, e pronto: é gol. Lá vai mais uma se arrastando pelos corredores da escola com o peito e a boca em chamas.

A diferença do Lipinho da época de namorado com o Lipinho de dezessete anos é que ele aprendeu que quem come quieto come duas vezes. Coisa que os outros integrantes da família demoraram bem menos para aprender.

— Bom saber que você ficou com ciúmes da minha ex. – Devolveu.

— Eu não disse isso.

— “Você escolheu a garota errada porque quis”. – Ele repetia, o sorriso de fora-a-fora e uma borbulha que nascia na planta do estômago, muito bem disfarçada – Há quanto tempo você tem raiva de mim por causa da Gabi?

O primeiro beijo e a primeira discussão de relacionamento a gente nunca esquece.

— Eu não tenho.

— Não? Não foi por isso que você e suas irmãs me bloquearam no Facebook?

— Minhas irmãs não te bloquearam.

— É, esqueci.

— Viu?

— Você não tem irmãs, você tem um clã.

— Um bonde, Lipe – Para o Lipe, a Alicinha é chata. A menorzinha das três, temperamento da Bia, mas a cara da Dê, olhinho azul e cabelão pretinho, entrou na cozinha com cara de sono, camisola de bichinho e fumaça saindo das ventas. – Para de dar em cima da minha irmã e toma seu rumo, Ferreira.

— Já chegou quem não devia. – É uma eterna luta de cão e gato, esses dois.

— Vai, vai, vai, sai sambando. – Nem sequer sentou, passou da sala de jantar para a cozinha e voltou com uma caneca bem grande de leite gelado ainda o vendo sentado e importunando sua irmã – Vai, caramba, tá esperando convite dourado?

— Nossa, Alice, você não faz esforço para que as pessoas te suportem, né?

— Repelente de otário. Agora vai: xô.

E, sem dizer nada, saiu o coitado do Lipinho.

— Obrigada, Mana. – A Dê sorriu, escondendo o alívio dentro da caneca de café já um pouco fria – Me salvou de uma.

— Eu sei, - nunca que ela diria uma coisa dessas sobre o Lipe para o Lipe – mas tô com dó. Ele estava bonitinho.

— Até demais.

— Eu não vou ficar do lado do Ferreira nem ferrando, mas, mana, presta atenção, ele está sendo sincero com você.

— E eu faço o quê?

— Seja sincera também, uai!

— Eu não vou contar nada para ele!

— Dê... - O que fazer da vida quando a sua irmã mais nova te dá conselhos amorosos? – O Lipe não é idiota.

— Não tem Cristo que me faça falar disso com ele!

— Eu vi vocês ontem. – A Alicinha não disse para ofender, mas a Dê baixou a cabeça, toda vermelhinha de vergonha de saber que o povo todo viu o beijinho dela – E vocês ficaram muito fofos juntos.

— Aham, coismailinda! – Olha lá quem chegou tarde para salvar o dia: A Bia, também de camisola de bichinho e os pernões dourados de fora, nada a ver com as irmãs branquinhas, sentou-se na cadeira vazia do outro lado da Dê. – Coismailinda vocês dois.

— Todo mundo viu, né?

— Todo mundo eu não sei, mas a Botelhada e a Ferreirada viram!

— Ai, Bia... Sério?

— O pai e a mãe já estavam sonhando netos junto com o Tio Digo e a Tia

Fê! – E ria, jogando a cabeça para trás, escandalosa como só Alice é. – Meu Deus do céu, saía cada coisa!

— Ó, pres'tenção – E a Bia lá queria saber de mitologia familiar? – Honra as tetas que tem. Não vai se fazer de coitadinha nessa história, não. Mata a cobra, mostra o pau e chega no Lipe que nem Botelho.

— Bia, esquece: eu não conto tudo para ele nem que a vaca tussa.

— Se você não se mexer ele escapa, Dê. E não vem pedir colo que não te dou!

— Alice, minha nossa Senhora...

— Reza para Santo nenhum, não – E a Bia se ergueu, prontinha para falar meia dúzia de absurdos a um Lipe que ouvia, com seus ouvidos biônicos quando quer, tudo lá da sala. – Antes de tudo, deixa eu ter dois dedinhos de prosa com aquele moleque do Capiroto.

Tudo o que a Dê ouviu da sala de jantar sobre a conversa da Bia com o Lipe na sala foi algo do tipo:

— Faz a minha irmã de gato e sapato que eu enfio esse sorrisinho no seu rabo!

E bastou para que a Dê quisesse que o mundo se acabasse em abismo para morrer escondida.

Só voltei para a cozinha quando a Manu levantou. Não fiz questão de voltar lá, não tinha nada para mim. Com meus pais e a minha irmã (o Guto é o tal do “amor de menino” que todo mundo ama, mas ô sujeito ruim de acordar!), sentei e tomei café, driblando perguntas e olhadas cabeludas que meus pais me faziam.

Uma delas, a pior de todas, nem foi pergunta, mas foi o suficiente para saber que em cozinha de Botelho, Felipe Ferreira não entra:

— Então, é... HUM – e o pai pigarreou, ainda, todo cheio da gracinha – você e a Dessa estão juntos, agora?

Juntos? Caramba, é assim que pai quer saber quando filho dá um beijo? Ele já me viu dando beijo, deu até carona para mim e uma menina até o cinema, não é segredo que eu beijo menina. O que é que tá...

Ah. É a Dê. E todo mundo olha para a gente esperando uma versão dois ponto zero repaginada da Vó e do Vô.

— Não. – Respondi, mas respondi errado porque dei espaço para mais pergunta. – Junto a gente não tá.

— Mas quer?

— O quê?

— Amanheceu lerdo esse daí, Dio.

— Quer tá junto, pô.

— ... sei lá.

— QUER. – Por que a minha mãe estava feliz? – E bota querer nisso, ó lá o Liso se fazendo de santo.

— É Liiiii-peeêê, mãe, não é Liiiii-so! – Isso, Manu, me defenda!

— A gente sabe, Amor Meu – o Pai deu um beijão no rosto da Manu que comia uma laranja fazendo uma lambança monstruosa – sua mãe chamou o Lipe de Liso porque ele não quer responder, fica escorregando, entendeu?

— Mas, Lipinho, por que você tá escorregando? – Até tu, Brutus?

— Não tô, Manu.

— Ah, tá. – E a mãe riu – E muito, viu?

— Só vê se não faz merda com ela, tá? – Avisar para ela não fazer merda comigo ninguém avisa, mas para eu não fazer merda... - Eu gosto muito dessa menina, muito mesmo. Não estraga ela.

— É, filhote – E a mãe dando cobertura: – Não estraga ela.

Deviam ter advertido à Dê quanto a isso, também.

— Foi só a droga de um beijo. – Essas coisas de fazer tempestade com nada me injuriam.

— De todo jeito... - E o pai até queria ter uma conversa amena, mas, com a mãe do lado? Sem chance. – Faz as coisas direito, Lipe. Só dessa vez.

Só voltei a ver a Dê depois de fazer as malas. Eu poderia vê-la só na hora do tchau, mas a porta dela era no final do corredor do meu quarto, convivíamos na mesma casa, era só ir ali e bater, muito tentador puxar um último assuntinho antes das férias do meio do ano.

Fui, né. Com o argumento de que só nos veríamos de novo lá para o meio do ano (e eu sabia que isso ia me fazer um mal danado), bati na porta do quarto dela e esperei. Podia ter entrado, mas dadas as novas regras, preferi esperar. (Ela estava “brava” ou “sentida” – para falar a verdade eu nem sabia direito o que se passava, só sabia que tinha um enroscó aí, mas qual, direito, eu não sabia).

E bati de novo. E aí fiquei nervoso pela demora e abri. Tudo bem se esconder de mim, mas quantas vezes um homem tem que correr atrás só para puxar conversa? Não tenho, nem nunca tive, muita paciência.

Estava de fone, coitada, nem me ouviu bater. Eu, com duas batidas na porta, já pensando que era birra, ela com os fones de ouvido e sites de Imobiliárias em Belo Horizonte abertos.

— Não vai falar comigo até eu ir embora? – Perguntei, sentando na cama dela, atrás da cadeira do computador.

— Você e eu não temos nada a conversar.

— Não joga essa conversinha mole comigo – Sorri – Vai me usar e jogar fora, é?

— Te usar e jogar fora? – Ela se virou de frente para mim, as sobrancelhas cerradas, o rosto todo trancado – Sério?!

— Serviu para fazer você se virar para mim.

— Eu não estou brincando.

— É, percebi, não está nem querendo olhar na minha cara. – Quando você diz que fulano mal te olha nos olhos, fulano passa a te olhar só para mostrar o quanto errado você está. Ela me olhava, agora. Quase fazendo bico, o olho azul estalado na minha cara, quase como se me jogasse contra a parede. – Vamos ser sinceros por cinco minutos, tá?

E por “vamos ser” eu queria dizer “Seja”. Ela continuou olhando na minha cara, e então eu comecei com os resgates:

— Queria ter sido seu príncipe.

Falei demais.

— Por favor, não chora. – Eu não falei para isso e nem sabia que esse assunto a faria chorar. Não era assim um chooooooro como quando seu cachorro morre, era um olho molhado e uma expressão desmontada bem ruim de ver. – Desculpa.

— Tudo bem. – Tudo bem nada, melhora essa cara.

Faz essa menina melhorar, Lipe, dá um jeito.

Era mais medo de partir sem pratos limpos, com conversa suspensa, ficar seis meses sem se falar por qualquer besteira que eu disse. Era mais medo de ficar longe e não poder nem trocar figurinha, nem falar nos sábados como ela prometeu.

No fundo, era mais medo de partir.

Mas o Lipe de dezessete anos ia dizer uma coisa dessas? Jamais. Morre com a verdade entalada, mas não abre a boca. Parte por medo de se ferrar de novo, parte por medo de se comprometer outra vez.

— Aquela flor que o Guto te deu era minha. – Pelo menos isso, né? Lembra, Dê, da sua festa de quinze anos, quando você desceu a escada e o Guto te deu uma flor? Pois é, mandei ele fazer isso.

— Eu sei.

Êpa. Lá se vai meu trunfo.

— Sabe?

— É, Só você me dá flor.

— Você gosta?

— Acho que meu aniversário não é o mesmo se não tiver flor sua. –

Podia ter dito isso me olhando na cara, né. Mas não disse, para uma menina que não diz nada, nunca, até que era um avanço. – Nem sei desde quando você me dá flor, só sei que virou um ritual.

— É. – Consegue me deixar sem graça sem nem olhar na minha cara. Parabéns, Maldita. – Você e a minha mãe dizem a mesma coisa.

— Então... - Mudou de assunto, virando a cadeira de volta para o computador, mudando da brisa para um tormento, e balançando os pés – a gente pode esquecer o que aconteceu ontem?

Como é que é?

— Quer que eu esqueça? – Como assim? Ela está louca? Ela bebeu gasolina? Esquecer do quê, caralho? Da droga do beijo? Era só a merda de um beijo, puta que me pariu, esquecer um beijo e fingir o que, que ninguém quer beijar ninguém e daí a gente fica distante como tem sido esses últimos dois anos só para não ficar um silêncio chato entre a gente?

Mas ah. Eu falo e eu sou o louco. E eu sou o filho lesado da Dona Fernanda, o Lipinho do avesso, *o moleque do Capiroto*.

A verdade verdadeira mesmo é que a gente não tem se falado igual, não tem sido amigo como era antes desde que eu falei não para ser príncipe dela. Foi um erro, hoje eu sei, mas, espera aí, foi só UMA coisa besta.

E agora que estamos amiguinhos de novo ela vem com papinho de esquecer?

Tá bom, quer esquecer, então tá. Esqueça você.

— Dê?

Esquece, então. Finge que não aconteceu, faz lavagem cerebral, hipnose, se vira: Virei a cadeira dela do jeito que estava antes, de frente para a cama, de frente para mim e dei outro beijo. Nem fui o coleguinha sem pelo, priminho do jardim de infância, aquela coisa melada da fogueira e do boi girando.

Eu fui eu, o filho doido do seu Rodrigo, o moleque do Capiroto (é, eu sei dos meus apelidos), o que beija e sai andando, bota fogo no mundo só para ficar olhando.

Ela precisava entender que se a família dela ignora as coisas e explode no final, se vai aguentando de pouquinho em pouquinho até não aguentar e jogar a merda do ventilador, a Ferreirada joga ali, na hora, sem disse-me-disse, sem esquecer para fingir que não houve. Troca as farpas todas na hora, no meio de campo, para ficar se lambendo no cantinho no final.

Pois houve, essa menina tá toda mole na minha mão, toda respirando diferente e não vai esquecer. Vai olhar para mim daqui quinze minutos, cheia de vergonha e não me toques, enquanto lá dentro do cérebro dela (que nunca rodou menos que 1000RPM com um torque baixíssimo) vai ter o nosso beijo no repeat,

de novo e de novo e de novo até ela criar coragem e me beijar sem medo.

— Quer esquecer, então esquece. — Era eu bravo ou era eu assinando minha sentença? Nem sei. — Eu vou descer com a minha mala, meu pai daqui a pouco está ligando o carro. Desce para se despedir de mim e depois faça o que quiser.

E fui. Pisando duro. Nem com a minha irmã eu falo assim. Peguei a droga da mala, a boca vermelha, o peito dando pinote, lá embaixo marcando na calça, nem liguei. Nem respondi ao Guto que me viu putão da Silva e perguntou o que houve. Desci, coloquei a mala no carro do pai que já estava aberto e fiquei lá, plantado.

Fui esfriando. Mais ou menos esfriando, né, eu ainda marcava na calça e dei um jeito de esconder enquanto ninguém olhava. Tapei com a camiseta. Ajudei Manuzinha com a mala dela, a mochila, as bonecas e pronto.

Hora do adeus. Hora do adeus, sempre é assim, a gente come tudo o que tem para comer na casa da Tia Geca, raspa a geladeira, se mata de tanto nadar na piscina dela, esturrica debaixo de Sol forte e depois volta para São Paulo e a vida de sempre.

Era assim, sempre foi assim. Um tchau meio mal-dado porque sabia que daqui a pouco estava lá batendo cartão de novo, uma conversa que terminava na vida real e continuava na internet e nos grupos da família, mas, o Leitor pode imaginar, acontece com todo mundo.

Um beijo e aí já era, você fica todo bundão pensando no quando vai se ver de novo, no quando vão poder se beijar de novo, se ela vai encontrar alguém mais presente e menos babaca que eu, se eu vou aguentar seis meses até beijar de novo.

Para meu alívio ela desceu para me dar tchau. Se não descesse eu ia lá, ah, se ia, comigo não tem essa de “vou fazer cara de poucos amigos para não ser ignorado”. Eu não sou bem resolvido, ninguém é, mas tem coisa no mundo que eu não aguento.

E depois, também, se o cu doce fosse demais, eu largaria mão com a certeza de que foi ela quem colocou tudo a perder, que eu tentei.

Mas ela desceu, toda envergonhada, olhando a complexidade da grama e do dia, comendo os próprios lábios de nervosa, mas desceu.

E eu gostei muito dela só por ter descido. Meus pais colocavam as últimas coisas na mala, a Manu já estava dentro do carro, tudo pronto para voltar a São Paulo e ela me olhou com jeito de “não me beija na frente deles”.

Ou, pelo menos, foi assim que eu entendi. Fazia um “não” bem pequenininho com a cabeça, os olhos assustados e os lábios todos dentro da boca. Me beijou o rosto e eu vi que entendi certo.

— Você vai esquecer? – Perguntei, o cu na mão, mas fingindo que não.

— Você vai?

— Não.

— Então também não vou. – Baixinha, me olhava de baixo para cima com um sorriso muito pequeno e muito lindo.

Sabe? Quando você assina a cartinha do “devo, não nego, pago quando puder”? Aquela hora que você sabe que assinou um contrato cheio de letras miúdas sem ler nenhuma delas, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, vai se ferrar de verde e amarelo?

Então: Minha caneta era azul.

Assinei e me contive de beijá-la uma última vez, não porque meu pai entrava no carro, mas porque ela não quis. Beije-i-a no rosto, também.

— Sábado?

— Esse sábado?

— Sábado é sábado, ué.

— Então tá, UÉ – E ficava de graça com o meu ué – sábado.

— Te ligo. Não esquece?

— Não esqueço. – “Não esqueço” toda cheia de mini-códigos e referências, dizendo coisas sem dizer e me enchendo de vontade de ficar mais uns dias.

Entrei no carro e ela foi de volta para casa, meu pai me olhando no retrovisor todo feliz, mais feliz que eu, pai é tudo tonto. Minha mãe, menos sutil que meu pai, curvou-se do banco dianteiro para o traseiro, me olhando bem nos olhos, toda feliz também:

— Você devia ter beijado ela.

— Ela que não quis. – O Leitor tá de prova que ela não quis.

— Chave de xota. – A mãe disse, com Manu no carro, Guto no carro e tudo – Êta Botelho boa de dar chave.

— Nina, - o pai deu a partida no carro rachando o bico, saindo da fazenda que já foi dele – chave de quê?

— Meus alunos que falam. Tem chave de braço, chave de pescoço, né? Então. Chave de... isso aí, cê entendeu. Quando a moça cata o sujeitinho e faz isso, deixa ele na lona.

— Se você quer saber, você deu isso em mim.

— Ih, várias e várias vezes.

— Agora coloca o cinto, Nina. Manu, tá de cinto? – O pai olhou pelo retrovisor de novo, mais olhando para a minha cara, do que para a Manu de cinto.

— Tô!

Eu não olhei para trás conforme o pai arrancava o carro da fazenda, mas confesso que meus olhos arderam. *Só nas férias*. Eu devia tê-la beijado de tchau.

— Nosso neto vai ser lindo. – O pai falou para a mãe.

— Vai, Dio.

Capítulo 5

— Vai, - A Alicinha disse, olhando a irmã, com um monte de papel enfeitado à mão. – pega essas folhas e escreve tudo o que tiver engasgado.

Virou a louca das imobiliárias. Para não pensar, nunca, nem sofrer, se afundava nos afazeres. Já tinha impresso três anúncios de casas e cinco de apartamentos com aluguéis até que modestos para o centro da cidade. Calculou uma área com padaria, mercado e farmácia, lá em Belo Horizonte, onde ela e a irmã, mesmo em faculdades separadas, pudessem pegar um ônibus só, cada uma.

Sentada à mesa do quarto, acumulava links, valores, mapas, casas para ver durante a semana. Já tinha enviado um e-mail para a escola para ir retirar seu histórico escolar e seu atestado de conclusão do ensino médio.

Tudo isso nas três primeiras horas sem o Lipe.

— Lice, tá tudo bem?

— Eu sei, mana, que você tá na defensiva com o Lipe só por causa do primeiro namoro dele. Você tem uma mágoa aí dentro que não quer sair e não deixa você ver o menino muito legal que tá querendo se aproximar.

— ... Mas você tá bem mesmo?

— MAS QUE SACO, PARA DE PERGUNTAR!

— Você tá falando bem do Lipe, você não tá bem.

— Eu tô é querendo o melhor pra você, não tô nem aí para ele. Eu tô só preocupada de você nunca nem tirar ele da cabeça nem colocar ele na sua vida. Última vez, hein, cata essas folhas, bota tudo aí, depois me chama.

Deixou as folhas de lado, tinha muito o que fazer. Um mundo totalmente novo que ocupou seus dias, suas horas, toda a sua energia e disposição.

Mas o Sábado veio. E a promessa do Lipe de ligar bateu à porta logo pela manhã, a caminho do centro de Poços, à procura de móveis e ornamentos de cozinha, coisas da sua vida adulta. Olhava o celular de cinco em cinco minutos, podia parar e atendê-lo quando quer que ele ligasse, ele prometeu ligar e o Lipe não mente, né?

Esperou o dia inteiro. Confinada no perímetro do quarto, amargurada, aflita. Trocava de vídeos, de sites, rolava o feed do Facebook, do Instagram. Esperou que ele ligasse, então, cadê?

Apequenada sem conseguir se entreter com uma linha, nem dos livros, nem do computador, achatada na esperança que ele ligasse, trocou os lençóis do quarto, viu mil painéis de decoração no Pinterest, limpou a escrivaninha e separou os livros do ensino médio para doação. Não tinha nada mais o que fazer. Era o dia em que tinha planejado conversar com o Lipe e ele não ligava de jeito

nenhum.

Viu-se ridícula, patética, doze anos de novo. Esperar que ele fizesse. Primeiro que a notasse, a visse, depois ligasse, tudo com o botão do Mute apertado, sem se mexer, sonhando sem fazer, chorando no cantinho para não atrapalhar.

Deitou-se na cama, depois da janta e do banho longo, exausta sem fazer nada, torque baixo e rotação rápida, sempre pensando mais que agindo. Medo da rejeição e barris inteiros de insegurança.

Orgulho besta. Custa ela ligar? Se ele não pudesse atender, retornaria quando pudesse. Era só o Lipe, afinal, não um psicopata matador em série que te tortura se errar.

Pensando bem, exausta sem conseguir dormir, lhe faria bem parar de amá-lo. Faria bem se distanciar de tantas histórias mal contadas, tantas vezes chorando no quarto, tantos dias só sonhando. Não era saudável. A moça de dezessete que não tem coragem de contar sua própria história nunca viraria a página, nunca seria outra Andressa se nunca o perdoasse e se perdoasse por tê-lo amado em silêncio.

Não tem espaço para silêncio e amor atrás da porta na mulher administradora e futura herdeira da queijaria do Vô. Não tem espaço para o orgulho besta na mulher que não medirá esforços para proteger os seus, nem espaço para chorinho besta e distribuição de culpas na mulher que se sentará à ponta da mesa e ditará destinos.

Deitada na cama media Andressas. Até quando vai criar juízos de valor e milhões de quimeras de Lipes que nunca existiram? Ele era só um garoto! Dezessete anos também, entrecaminhos também, embora fosse o irmão mais velho, não o do meio, o irmão que constrói, não a irmã que espia.

Limpou as lágrimas nas mãos, cansada até de chorar, odiando-se por querer ser melhor sem nunca progredir.

Entrava, na hora não sabia, só entenderia quando finalmente se sentasse para perceber e rever seus passos, num casulo íntimo, que a envolveria por anos. Sem saber que aquela escuridão não era paredes, mas túnel, puxou o edredom para cima do corpo e custou a dormir.

Pedi para Deus mais um pouco de bois para não deixar o carro ir na frente. Mar revolto, ela, mas num pote de geleia. Por fora só uma coisinha pequena, parada, sem graça, supostamente doce.

Nunca antes aberta. Ninguém nem sabe direito o que vai dentro.

Acordou sem sono, no meio da noite ou no começo da manhã? Cinco horas da manhã de um domingo. O peso do próprio mundo nos ombros e isso já era muito, não precisava do mundo todo, sequer suportava o seu. Noite mal

dormida. Aos cacos e de dentes limpos, foi para a cozinha, colocou água no fogo. A mãe estranharia um bocado: filhota de pé tão cedo? Mas bastaria um sorriso e uma desculpa qualquer que a mãe acreditaria.

Encostou no gabinete da pia, olhando fixamente para a geladeira. É claro que ele está dormindo, são cinco da manhã.

E a curiosidade, onde fica? No dia anterior, por orgulho, recusou-se a checar seu status no Whatsapp, só, que às cinco da manhã, precisava ver quando foi a última vez que ele esteve online pelo menos para saber quando foi a última vez que ele esteve com o celular na mão sem ligar para ela.

Engraçado. *Online?* Ele? E um monte de mensagens se desculpando desde as onze da noite. “Por favor, não fica brava comigo :(”. Sorriu com o desespero da sequência de mensagens. Ele era espontâneo o bastante para não se envergonhar nem sequer das quedas. O coração do Lipe pode nem sempre ter sido certo, mas foi sempre limpo. Coração de menino: sempre foi e sempre vai ser.

Tanta coisa enterrada. Tanto ânimo desperdiçado. Respirou fundo, tudo doía. Cansada de se combater, de temer rejeição, de chorar pelo que sequer foi, só viu o Status – ONLINE – e clicou no botão “iniciar chamada de vídeo”. Nem pensou. Ele estava acordado, ela estava acordada e passado um sábado inteiro de espera, desistiu de ficar só esperando.

— Acabou de acordar ou nem dormiu? – Esqueça, o Lipe não começa conversa com amenidades. Estava na sala de casa, com a cachorra deitada em seu peito, o focinho longo e escuro apoiado no ombro e nenhum movimento de que acordaria.

— Até a cachorra dorme e você não.

— Pois é, tá foda.

— Por quê? O que aconteceu?

— Tá tudo bem, eu só tô um pouco sem sono esses dias, mas vai passar. É comum, cê sabe, tem época da vida que eu não durmo nem ferrando.

— Tá nervoso?

— Tô, né – e falava baixinho para não acordar a cachorra. – Fomos no ITA hoje, tinha uns veteranos mostrando tudo, minha mãe adorou o lugar, mas cê sabe como é, tá cheia de ciúmes porque não vou para a POLI.

— POLI é o amor da vida dela, né, queria o quê?

— POLI é só faculdade. – Falou o garoto que está entrando no ITA. – Desculpa de ontem? Eu pensei que te ligar de manhã fosse te atrapalhar, deixei para ligar mais tarde, mas daí me empolguei com tudo na facul, depois meus pais me arrastaram para fazer compra para o alojamento, daí... Enfim. Você ficou me esperando, né?

— Um pouco, sim. – Um pouco, é? Só isso?

— Me perdoa, Dê, de verdade.

— Tudo bem – a água no fogo borbulhava, mas agora que falava com ele, não queria saber de café nenhum.

— Você... quer que eu te ligue mais tarde?

— Não, uai.

— Preciso falar de um assunto que está me incomodando. Posso ligar mais tarde se for muito cedo para você.

— Uai, Lipe, fala logo!

— Você vai me matar por fazer esta pergunta.

— Provavelmente.

— Mas há quanto tempo você tem raiva de mim por causa da Gabi?

Oportunidade perfeita para limpar o peito das mágoas passadas. Olhar na carinha virtual e sonolenta dele, naqueles olhos escuros e lindos e despejar na orelha dele até sair tudo.

Simples, né? Não, nem um pouco.

Tudo veio. E tudo a deixava tão cansada. Ali, sem saber do que viria, frases e cartas inteiras rasgadas na garganta, não conseguiria abrir a boca. Ê, Dê. Ser honesta com ele era ser honesta consigo e ser honesta consigo, entender que não se ama, querer aprender a se amar como é, não só quando ficar mais magra, isso não é vitória.

É só o começo de uma guerra que não termina nunca. Sempre vem alguém para testar sua fé. Emudecida diante de um Lipe que nasceu pronto, aquela era só a primeira batalha interna. Vai deixar o orgulho de lado e se colocar diante de uma luz laboratorial só para entender e fazê-lo entender toda esta raiva e esse rancor por uma tal Gabriela que até pode ser um amor de pessoa, não só um erro em forma de gente?

Não conseguia. E por mais incrível que fosse, ele aprendia a ler suas miudezas. Uma engolida em seco, um desvio de olhar, uma leve franzida. Estava no olhar dela. Tão claros.

— Tudo bem, - ele cedeu, sem sorriso no rosto – deixa, eu não quero te aborrecer. A gente fala disso outra hora.

Nenhuma palavra. Pote de geleia e um mundo em fast-forward lá dentro.

— Quer desligar? – Ele tentou e fechou os olhos assentindo com pesar ao perceber que ela queria, sim. O sumo do pote de geleia ainda não entendeu que desagua – Dê, por favor, só isso que eu te peço: não para de falar comigo de novo.

— Eu nunca parei. – Disse, tudo embolado.

— Você sabe do que eu estou falando.

— ...
— ... Eu tô gostando de tudo isso entre a gente.
— Eu também. – E as lágrimas, como escondê-las?
— Vai desligar?
— É, é melhor.
— Tem certeza?
— Acho que sim.
— Então tá. Se cuida.
— Você também.
— Boa noite.
— Bom dia.

Por sete dias e sete noites queimou sozinha. Agrupava-se. Compactava-se. Foi para Belo Horizonte outra vez, voltou, se escondeu nos móveis da nova casa, nas contas do pai, no trabalho dele. E depois, de noite, na calada da noite, sob o céu sempre muito escuro da fazenda, sozinha no quarto, revirava as entranhas. Lançava as tripas para fora e buscava aquela mínima gota de óleo que manchava seu oceano inteiro.

Gota essa que manchava seus óculos, seu mundo, seus dias. Parada diante da escrivaninha, de costas para seus livros, agrupou as folhas desenhadas com carinho pela caçula e finalmente sentou-se e escreveu. Pulou a ligação do sábado, falar com o Lipe demandava uma energia que gastava consigo, ignorou os programas idiotas de domingo, sobreviveu ao nono e décimo dia. Arrastou-se no décimo primeiro, as folhas da irmã não deram nem para o cheiro e então reuniu coragem para olhar para o espelho, para as folhas na mão e para a Andressa do futuro.

É, tem coisas mesmo que só sai da gente por escrito, a sabedoria popular não falhou dessa vez. Tolhida. Não estava cansada, sabia que tinha muito mais campo para florescer, muito mais terra para ocupar como seu mar, mas, olhando para os muitos papéis, a sensação era de vazio.

Sua vida inteira ali? Não, só as mágoas. Coisas que não conseguia falar nem para a mãe, nem para as irmãs, nem para si. Um catálogo de suas próprias pequenas desgraças. Jamais as leria. Ler seria como reviver e ela estava de saco cheio de rememorar essas coisas todas que não a deixavam progredir.

Por isso, entrou no quarto da caçula. As folhas na mão, as desenhadinhas na borda, com bichinhos e letras de música, e as outras, com só garranchos e marcas de lágrima.

— Tira isso da minha frente. Por favor, não leia, mas não me deixa mais ver isso.

— Escreveu?

— Aham, tudo aí.

— Doeu, né?

— Tô cansada.

— Vem, vamos queimar tudo. Chama a Bia.

As três, enquanto os pais trabalhavam, saíram de casa e armaram uma pequena fogueira no quintal. A Bia arrumou troncos secos, pegou um pouco de álcool, estopa, sequer sabia para que servia a fogueira, só fazia a vontade das irmãs.

A mais nova, sorrindo por sentir que fazia algo de útil pela irmã que em quem se espelha em segredo, com seus muitos anéis e rituais quase exotéricos, pegou, folha por folha, assim que o fogo começou a pegar, e foi jogando.

— Quer jogar também, Dê?

— Não, só tira isso de mim.

— Gente, mas o que que é isso?! O que a gente tá queimando?

— Isso, Bia, é a Antiga Dê que a Dê não quer mais ser.

— É, Bia, a Alice deu a ideia e eu gostei.

— Pode parar. – E pegou as folhas todas da mão da Alice, puta da vida e muito contrariada. – Nem fodendo que vocês vão queimar isso.

— Bia... Só dá os papeis para a Alice.

— É, Bia, não força, é coisa íntima da Dê, não é para ler.

— Se eu queimo quem eu fui, caralho, quem eu sou?! – A Dê queimar quem era falava errado com tudo o que a Bia era e tudo o que ela teimava em ser, mesmo depois das consequências.

Na hora, a Dê não entendeu. Olhava a Bia, o semi-choro condoído, os olhos tristes para os papéis, lendo pedaços sem entender o todo, como se fosse a sua própria vida. A Dê do futuro, quem vos escreve, afinal, sabe exatamente o que era aquele choro e aquela vontade secreta da Bia de não se envergonhar de seu passado, mas a Dê, a garota do passado, só conseguiu olhar para a indignação da irmã e se rebelar.

— Eu estou dizendo para queimar. Me devolve e me deixa sozinha. Se não quer ver, vá embora.

— Mana, isso é tudo o que você passou para ser quem você é, todo mundo se fode, a vida é assim, todo mundo se fode e acaba amargo, se desse para queimar tudo o que passou, quem você seria hoje? Se eu queimo o que eu fui e pelo que eu passei... Mana, olha para esse papel, lê tudo e tenta não odiar. Tenta ver que é seu e faz parte do mulherão que você vai ser.

— Bia, é tudo simbólico...

— Eu sei, Licinha, você só quer ajudar, mas queimar o passado não vai fazer a gente mais forte! Presta atenção, essa é você. E não tem Cristo que faça

você mudar quem é!

— Me dá. — A Dê disse, amarga, dolorida e sem paciência.

A Bia deu. Eram da Dê, afinal, ela faria o que quisesse com eles.

Só deu para salvar um. Nem sabia qual, direito. Só enfiou no bolso do short de qualquer jeito para entregar à irmã qualquer dia no futuro, quando seus dramas acabassem e ela finalmente se orgulhasse de tudo o que passou.

Como um “Analisar agora a mesma situação, só que pela vista do copo meio cheio”.

Um por um, com as próprias mãos, a Dê ateou fogo nos papéis, fechando os olhos e sentindo a fumaça ardida subir. Fazia-lhe bem queimar tudo aquilo. Era calmante ver o fogo consumir seus ódios e suas mágoas de menina e era calmante ver a dança se espalhar por cima da madeira.

Sentaram-se como três bruxinhas, ao redor do fogo, uma escorada na outra, abraçadas, meio carinhosas e meio ásperas, procurando uma voz calma, cada uma, uma na outra, no meio de uma tarde qualquer, enquanto o mundo dava um jeito de se destruir.

— O pai falou que vocês vão fazer as malas no fim de semana. — A Alicinha disse, triste por ser agora a única filha a restar em Poços. — E eu vou brigar com quem?

— Vamos te arrumar um gato — A Bia disse, abarcando a cabecinha da mais nova no peito.

— É sério, eu vou poder visitar vocês?

— Sempre que quiser, Lice. — A Dê deitou a cabeça na Bia também, dando a mão para a outra irmã.

— Tá se sentindo melhor, Dê?

— Tô. — Chorou ao responder. — Tá ruim agora, mas vai melhorar.

— Escrever sempre te fez bem.

— É, um pouco.

E a Bia olhava as duas, as duas cabeças pretinhas de cabelo igualzinho, as duas mãos branquelinhas como as mãos do pai e pensava o que sobraria de si se queimasse tudo.

No fundo, no fundo, procurar os próprios erros e queimá-los numa vã tentativa de melhorar-se, isso não era fraqueza.

Fraqueza mesmo era lançar-se no abismo, meter fundo na cabeça um dos chapéus do vô e chamar a escuridão ao redor de lar.

Capítulo 6

O pai dirigia seguindo GPS. Já pisamos em São José dos Campos para a matrícula, mas não tínhamos ido o suficiente para decorarmos o caminho. De vez em quando o pai me checava pelo retrovisor e a mãe foi muda. Não disse nada desde que entramos no carro. A Manu assistia um filme que ela já cansou de assistir, pela televisão pendurada no encosto do banco do pai, debruçada no meu colo. E o Guto dormia.

Toda a minha vida estava naquele porta-malas. Meu computador, minhas roupas, meus tênis, tudo em duas malas de rodinhas e mochila. Meu ferro de solda, minha protoboard. Meus documentos também e o cartão de banco que a mãe fez no meu nome. Ela repetiu incansavelmente que me quer lá em casa pelo menos uma vez a cada quinze dias e não abre mão disso. Ameaçou até a cortar minha mesada, se eu não fosse vê-la.

Ao passo que eu estava feliz, estava com medo. Mudanças me dão medo. Eu não sou um cara que se acostuma fácil com mudança, demoro. Planejo entrar no ITA desde os meus dezesseis anos (tipo, ano passado), mas entrar no ITA de verdade é outra coisa. Você não sabe nem que tipo de gente vai encontrar, nem que tipo de lugar. Só sabe que os estudos serão pesados e não vai ter mãe para te salvar, dessa vez. É você por você e já era. Deu certo, deu certo, não deu certo, é “desligamento”, tchau e pronto.

Centro e trinta entram, mas nem todos saem. Eu francamente desejo terminar o ITA, mas se não for nem metade do que eu tô pensando, eu não vou ter vergonha de abandonar. Se ser engenheiro de avião não for a minha, eu volto para casa, ué. Meu pai formado em publicidade, mas dono de restaurante, me mostrou que nada é definitivo.

Outra coisa que ele me mostrou também é que se as pessoas valerem mais do que a carreira, uma das coisas terão que ser sacrificadas. No caso do meu pai, a mãe valia mais para ele e ele deixou o emprego. Não sei o que vai ser de mim e nem estou pensando nisso, agora.

Só que é ruim essa coisa de se ver só de seis em seis meses. Antes eu não ligava, juro por Deus, porque eu sabia que a gente ia para Poços bem mais que de seis em seis meses. Agora ficou estranho. Nem meus pais eu vou ver todo dia. Tá na cara que a mãe vai morrer de saudade de mim, ela fica brava em vez de falar que vai sentir minha falta e me trata com desdém só para não dizer que vai ficar com saudades. Eu conheço Dona Fernanda e não é de hoje, não. Ela vai se roer por dentro de saudade do filhotinho que monta impressora e aeromodelo com ela, mas quando eu chegar lá na rodoviária, ela só vai dar um beijinho e um

abracinho, como se eu tivesse ido passar um fim de semana fora.

E tem a Dessa, ainda. A Bia, meus tios. Até beijar era uma coisa, depois que beijei, deu outra. Erro máster, ter beijado. Fico pensando nela. Antes ela era só a prima que ia ser legal dar uns pegadas, mas agora é a prima legal que eu quero pegar de novo. Ninguém sente falta de chocolate sem nunca ter comido, por mais que falem que é um doce bom, ninguém que não comeu pede por chocolate. Só se ferra quem comeu a primeira vez e olha que eu nem cheguei tão longe com a Dessa.

Só de lembrar do jeito que ela ficou depois do segundo beijo, eu já quero ir muito, mas muito longe. Mole daquele jeito eu nunca consegui deixar ninguém. A Dessa virou geleia na minha mão e eu não sabia o quanto isso era bom.

— Você tá fazendo uma cara engraçada de novo – A Manu riu, olhando para mim, com a cabeça deitada no meu ombro.

— to – Pigarreei – Tô?

— É, você fica mordendo a boca.

— Fiz por mal não, Manu.

Entramos pelo portão principal e o pai pediu informação para o guarda sobre onde ficava os alojamentos. Hoje eu me instalo, amanhã eu não sei. Só sei que de manhã eu tenho que estar num auditório às oito horas da manhã. Para uma aula? Não sei. Para uma comemoração, calourada? Não sei. Oito horas da manhã. O guarda disse para seguir pela alameda, que lá nos fundos ficam os apartamentos.

Eram como casas. Apartamentos com três quartos cada, cada quarto, duas pessoas. Seis pessoas por alojamento. Dormitórios masculinos separados dos femininos. No papel da matrícula, semana passada, eu fui designado a um apartamento e nós demoramos para achá-lo. Meu colega de quarto estava lá sem os pais. Veio de colégio militar da Bahia, o Gabriel. Teve de vir sem os pais, a Bahia fica muito longe e é muito caro os pais irem e voltarem só para vê-lo. Estava numa situação pior que a minha, já que os meus pais moravam só duas horas de distância.

Instalamos minhas duas malas nos armários, minhas cobertas sobre a cama, meu computador na escrivaninha. Não devia ser mais que cinco horas da tarde de um domingo. O Gabriel, que teve mais tempo que eu de fuçar nas coisas, mostrou onde ficava a lavanderia, mostrou o resto da casa, o refeitório dos estudantes.

E depois, quando começou a esfriar, eles foram embora. O pai me deu um abraço bem apertado, perguntou se eu estava sentindo falta de alguma coisa, se eu me sentia confortável e, depois, beijei a mãe. Ela não conteve o choro.

Fiquei com o coração na mão de ver a mãe chorando. O Pai sorria, orgulhoso de mim, mas a mãe não, a mãe chorava. Eu era o primeiro a sair de casa, né. O pai foi o filho que abandonou o lar e sabia como eu me sentia, mas a mãe nunca saiu de casa. O jeitinho da mãe de chorar era muito ruim de ver.

— Tchau, Lipinho Lindo! – A Manu subiu no meu colo e me deu um beijão, me abraçando bem forte – Até daqui um pouquinho!

E o Guto me abraçou, também. Se não é de piada, o Guto não me abraça. Irmãos não se abraçam, a Manu só me abraça porque eu sou muito mais velho que ela, quase dez anos. Se a gente fosse da mesma idade, duvido que me abraçaria e dormiria na mesma cama que eu.

De qualquer forma, foi ruim quando eles se despediram. Um puta clima de enterro do caralho.

— Lipe, pelo amor de Jesuzinho, manda a Dê parar de mexer na casa! – A Bia, com o telefone da irmã, sentada em seu novo sofá, em seu novo apartamento, filmava a Dê de short e camiseta, parada à pia, lavando uma pilha de copos novos. – Eu não aguento mais essa coisarada de casa e ela não para.

— Ahhhhh, - ele respondeu, segurando o telefone na altura da cintura, mirando a câmera do celular para si – achei que era a Dê quem tinha me ligado. Até corri para atender, ela nunca me liga.

— Coitadinho do Lipinho. – A Dê sorriu para a cuba da pia, resmungando.

— O que foi que ela disse, Bia? Daqui não entendi.

— Falou que tá louca para te ver.

— BIA!

— hahahaahaha!

— Dá aqui, para de falar besteira. – De mão molhada e tudo, o cabelão preto estendido lá em cima da cabeça, toda vermelha e suada e suja, um sorriso feliz e um pouco de cansaço. – Vai te catar, Bia, me dá meu celular!

— Só assim para você falar comigo sem ser sábado – E continuava resmungando o coitado do Lipinho.

— Ô dó. – E foi a Bia quem respondeu.

— Vai caçar o que fazer em outro canto, vai! – O Lipe ria, encostando-se melhor na cama, com dor de mal jeito na coluna.

— Mas, rapaz, fui eu quem te liguei. – A Bia enfiou a cabeça no meio da conversa por vídeo – Te orienta, viu?

— Termina lá de lavar os copos, Bia, por favorzinho – A Manu teve com

quem aprender o seu método infalível de derreter o pai. Olha ali um moleque crescido, quase adulto, implorando como um moleque de sete anos.

— Mas é muito cara de pau, mesmo. – E o mais engraçado é que a Bia foi.

— Ufa. Mais um pouco eu ia ter que implorar.

— CUIDADO COM O QUE VAI DIZER QUE EU TÔ OUVINDO!

— Mas meu Deeeeeeus do céu. – Achou, por bem, carregar o celular para o próprio quarto. Fechou a porta antes de se sentar em sua nova cama e olhou para a janela sem cortinas. Já era noite, mas o dia ainda seria longo. – Pronto. Oi, Lipe.

— Oi, Dê. – Esticou-se num sorriso feliz e alegre, quase radiante por falar com ela sozinha. – E aí, tá gostando da sua nova casa?

— Tá dando trabalho – Com a mão livre limpou o suor da testa e massageou o rosto – A gente chegou hoje de tarde e eu não paro de limpar!

— É tanta coisa assim?

— Ah, tinha umas coisas dos estudantes que vieram antes da gente, muita tralha, banheiro imundo, essas coisas. A mãe quis ficar para ajudar, mas eu não quis, não.

— Por aqui encontrei tudo limpo.

— Pois é, essa é a coisa boa de morar na escola. Tem quem limpe por você.

— Ih, tem não. Acho que quem deixou limpo foi quem saiu.

— Sorte a sua, porque aqui estava uma bagunça.

— E você ainda é pouco neurótica com organização, né?

— Uai, querer morar num lugar limpo é neura?

— Não, mas... - E consultou o relógio do celular – Limpar a casa às duas da manhã é meio doentio, sim.

— Ai, Lipe, larga de ser chato, me deixa. – E trocou de assunto – Você ainda está com insônia, né?

— Capotei de tarde, sem querer. Saí do bandejão e vim para casa, quando vi já era oito da noite. Agora para dormir vai ser uma merda.

— Eu tô morrendo de sono.

— Vai dormir, ué.

— Eu vou, só vou terminar de lavar os copos lá com a Bia, colocar as cortinas de molho, trocar a roupa de cama, tirar meus livros das caixas...

— Puta merda, isso tudo de caixa é livro?

— Trouxe os meus livros de Poços para BH, uai, o que você fez com os seus?

— Que meus?

— Seus livros!

— Eu não tenho livros.

— Não acredito que beijei um cara que não lê! – E saiu tão espontâneo dela, tão automático, que disse e já colocou a mão na boca, envergonhada.

— Me manda um seu, então, que você acha que eu vá gostar.

— Sério, Lipe, desculpa, falei sem pensar.

— Assim você não vai mais beijar um cara que não lê. – Ele sabia que ela ficaria calada e congelada, era seu jeito de fazer as coisas. Olhavam-se por telas, um sorriso de cada lado e não diziam nada.

— Tá falando sério?

— É, escolhe um que não seja muito grande e me manda. Vou mandar meu endereço no chat, tá?

— Vou te mandar uma distopia, acho que você vai gostar.

— Disto- o quê?

— É tipo quando alguém imagina o que aconteceria com o mundo se algo no passado tivesse dado errado. Esse que eu vou te mandar é de ficção científica, tá?

— Tá, agora vai dormir. Hoje ainda é segunda, você tem a semana inteira para arrumar a casa.

— Mas eu não quero arrumar a casa a semana inteira!

— Ué.

— Ué não, UAI.

— Vai, Botelho, me deixa em paz.

— Uai...

— Você parece feliz.

— E estou! Nem acreditei quando o pai disse que a gente podia alugar essa casa aqui! Já tem quase tudo de móvel, não precisamos comprar muita coisa, sabe? Era o apartamento que a gente queria, o mais perto de tudo e o mais bonito!

— Amanhã durante o dia você me mostra tudo?

— Só se você mostrar seu tudo também.

— O que você quiser ver. – Duplo sentido: quem pegou, pegou. Quem não pegou, que leia de novo. – Vai, não faz essa cara, eu não ia te mostrar por vídeo.

E não adiantava quebrar o gelo agora que ela já estava congelada. Olhava para o rosto dele sem saber o que dizer, corando rápido, o cérebro parado.

— Terra chamando Dê?

— Tô aqui.

— Eu sei que está. Tá me ouvindo?

- Não leva os assuntos para esse lado, tá?
- Tudo bem, desculpa. Amanhã você me liga?
- Mas amanhã não é sábado!
- Mas você não quer ver o que eu tenho para mostrar?
- LIPE!

— DO ALOJAMENTO! – A via corar e ficar sem jeito, doido de vontade de rir de se acabar, coçou a cabeça sem saber que assunto puxar, desconsertado num tanto, ele também. – Dê, eu estava falando de um apresentar a casa nova para o outro!

- Ahhhhhhhh!
- Mas se você quiser ver mais, também...
- Tá, tchau pra você, Ferreira.
- Duas da tarde eu te ligo, não esquece.
- Vai ligar pra vovozinha, vai.

E desligou na cara dele, mas o Lipe só soube rir. Era a prima dele, ali. A mesma, de todos os anos e aniversários. Brava com pouco, neurótica com os afazeres, engraçada sem querer parecer e linda. O cabelão lá em cima da cabeça, o rosto vermelho e o sorriso contente.

Ê, Dê. Que saudade que o Lipe tinha desse seu lado não-tão-amargurado.

Capítulo 7

Aos quinze anos o pai ensinou a ela o truque que usa desde quando era Diretor da Queijaria que agora é sua: quando você está nervoso para alguma reunião, se vista da melhor forma que puder. Coloque a sua melhor roupa, o seu melhor perfume, até a sua melhor roupa de baixo.

Sentada, ela e a irmã no ponto de ônibus, a Dê estava impecável para a própria matrícula. Por baixo da camisa social e do Blazer, tremia feito vara verde, mas por fora, parecia ir a uma entrevista de emprego no banco. O cabelo hidratado, a maquiagem perfeita e sem derreter embaixo do sol quente.

Havia um perfume do pai que a mãe chamava de “Cheiro de nervoso”. Era o pai estar apreensivo, que ele o usava. Ali, a Dê cheirava a nervoso, também. Tinha seu próprio perfume para ocasiões importantes.

Se não estivessem de mãos dadas, ninguém diria que a moça que vai a uma entrevista de emprego é irmã da outra, de chinelo, short, e chapéu de cowboy em pleno centro de Belo Horizonte.

Pegaram o ônibus em silêncio, fizeram a rota que o Google Maps traçou, erraram o caminho, perguntaram aos guardas do campus e depois se separaram: os ingressantes tinham que entrar sozinhos no auditório da matrícula.

Com uma senha na porta, sentada sozinha, ela não era a única nervosa. Cada filho sem pai mexia nos elásticos das pastas com os documentos, olhavam os colegas de curso com alguma distância e se levantavam, todos muito rápido, a qualquer sílaba que se parecesse com o número de sua senha.

Ela não fez diferente. Odiou estar sozinha, tinha uma procuração assinada pelo pai autorizando a matrícula, mas não o tinha consigo. Menor de idade por questão de semanas, assinou às listas, ao seu nome, pegou a carteirinha provisória, a sacola com as informações da universidade e saiu. Matriculada.

Devia ser um alívio, mas não era. Ainda tinha o trote que ela queria desviar loucamente. Parou na porta de saída, atrapalhando quem vinha logo atrás, procurando a irmã. Não vai sair sozinha nem que a vaca tossisse.

— Pode rabiscar ela todinha, moça – Quando achou a Bia, se arrependeu porque a irmã vinha com mais três veteranas à tiracolo e potes de guache imensos e já misturados com outras cores, de outros potes – Que a Bicha tá vestida de adulta, mas passou em primeiro.

— Não brinca. Sua irmã passou em primeiro?!

— Economiza não, se você economizar eu mesma tasco tinta nela!

— A gente pode pintar você? – Graças a Deus, perguntaram para a vítima. A Dê olhava para a sua camisa e blazer limpinhos, para o cabelo lindo,

para as unhas e as botas lustradas, tudo gritando NÃO ME SUJE.

— Tem que pintar.

E antes que a Dê tivesse a chance de se defender, a irmã a pintou e todas as outras a seguiram. Conforme a Dê sentia a tinta escorrendo, outros veteranos vinham, ouvindo a notícia de que aquela bonitinha ali era a primeira colocada.

A pintaram, deram-lhe uma cerveja, a camisa virou passado e as botas ficaram irrecuperáveis. A Bia comprou o kit de boas vindas do centro acadêmico, bebeu com as veteranas do curso da irmã, riu e tirou fotos, se enchia de orgulho e felicidade de um jeito que fazia a Dê comemorar também.

E enquanto comemoravam, a Dê se lembrava do Lipe dizendo que ela era muito ruim de comemoração. E que isso fazia parte do processo. Deixou-se ir com o grupo, pintou e segurou tinta para que pintassem outros calouros, cruzou o campus com a irmã do lado, rumo à avenida principal, conheceu outros calouros de outros institutos, mas não queria, jamais, mendigar dinheiro no farol.

Mas a Bia... Ah, a Bia.

— Aposto com você que eu tiro mais grana que qualquer calouro daqui.

— Bia, minha Nossa Senhora, o que você vai fazer?

— Não importa o quanto eu conseguir, a gente vai beber o dinheiro todinho, cê tá me ouvindo?

— Mas meu Deus do Céu...

— Topa ou não topa?

— Beber, não. — E a Dê de dezessete tinha várias travas com a bebida — Mas a gente pode ir para casa e gastar tudo em comida.

— Você cozinha.

— Depende de quanto for, né? De repente não dá nem para comprar miojo...

— Até parece que não conhece a irmã que Deus te deu, caralho!

Na rua mais movimentada, plena Antônio Carlos, seis da tarde, um trânsito de anda-e-para. A Dê encostou no poste do farol só para assistir a irmã de short e chapéu, cruzando os carros, as motos e os estudantes pintados, todos já mais para lá do que para cá, entre bebidas e euforias.

Parou na porta do motorista num sedan escuro de vidro baixado, encarou um senhor de meia idade e uma aliançona imensa gritando MANTENHA DISTÂNCIA e sorriu um sorriso que não era o dela, mas o de uma atriz que sabe exatamente o que vai fazer depois.

— Preciso de dinheiro para beber com a minha irmã. Duzentos reais — e erguia a barra da camiseta colada — e eu mostro os peitos.

A inocente na calçada olhava com riso para a irmã, sem nunca imaginar a doidice. Riu quando ela baixou diante do sujeito, riu quando o viu abrir a

carteira, não conseguiu ver quantas notas ele tirou de dentro, mas se tremeu inteira quando ouviu a irmã gritar:

COOOOORRE!

Assustada, a Bia rindo para o mundo, a Dê desesperada com o alerta, correram por três quarteirões inteiros, o mais rápido que conseguiam, a Dê com câimbra em tudo e a Bia se matando de rir.

— Pelo amor de Deus, chega. – E parou com a mão no joelho, olhando a irmã, respirando fundo para se recompor – Eu não aguento mais correr.

— Eita, mas já cansou?

Nem respondeu.

— Mas, Bia, o que aconteceu?

— Duzentos paus. – E tirou o dinheiro do meio do sutiã – Eu falei: Duzentos e eu mostro os peitos.

— MENTIRA.

— Uai, sô.

— Bia, pelo amor de Deus, você não fez isso.

— Tá bom que eu vou mostrar minha peitaria para um fulano casado.

— Bia...

— Aposto é aposta, vai comer duzentas pilas comigo.

— Vamos para casa.

— Lasanha, Dê. Eu quero lasanha.

Andaram até um ponto de ônibus e checaram no celular qual linha passava no ponto. Cansadas, duzentos reais mais ricas e com tinta até onde o Sol não bate, voltaram para casa.

A primeira coisa que a Bia fez quando se viu com wifi, foi mandar as fotos da Dê toda lambuzada no grupo da família. Um bombardeio de foto e depois, largou o celular. Enquanto a Dê foi para o banho reclamando muito por conta da tinta, ela foi no mercado, fez uma bela compra com o dinheiro legalmente adquirido e voltou.

— Seu trote foi meu trote também. – A Bia confessou, toda radiante enquanto mexia, voluntariamente, uma panela de molho de tomate – Meu trote na minha época foi uma bosta, lavei a minha égua com o seu.

Saiu do banho só de roupão e os cabelos molhados e sentou-se à mesa para montar a lasanha. Era um apartamento curto, a cozinha se dividia com a sala por tapetes e móveis, não tinha paredes. A tevê mostrava a novela das sete, mas ninguém assistia. Abriu a bandeja de queijo, a bandeja de presunto e foi se dando conta da sorte que tinha.

Enquanto ela foi de mão dada com a irmã, amparada pelo caminho, a Bia foi de perto aberto, sozinha, numa cidade estranha, com gente estranha, para

morar com gente desconhecida. Sorriu silenciosamente, pedindo desculpas por ter desejado morar sozinha, por ter pensado que a irmã seria um estorvo no seu novo projeto de mulher.

— Obrigada por não ter me deixado sozinha, Bia.

— Carece não, irmã é para isso.

— Mas você fez tudo sozinha.

— Fiz, mas o que que tem? Não é porque eu fiz que você tem que passar pela mesma ribanceira que eu passei.

— Não tô falando disso.

— Uai...

— Tô falando... ah, deixa quieto.

— Olha, vê se esse molho aqui tá bom. Eu sou coração mole, digo que é para você fazer a comida, mas acabo eu esquentando a barriga no fogão.

— Pode deixar que eu termino.

Foi dormir no quarto novo ainda incomodada com a falta de cortinas, mas fazendo amizade com o cômodo. Era o seu lar, afinal. O espaço em que podia fazer o que quisesse, ser quem quisesse e, se tivesse coragem, até andar pelada por aí. Sorriu agradecendo pelo dia e, uma última coisinha antes, pegou o celular.

O Lipe tinha mandado mensagem há pouco, perguntando se ela estava acordada.

— Tô – respondeu, digitando.

— Parabéns pela matrícula.

— Obrigada. – Enviou e digitou outra mensagem – a sua já foi?

— Já, quer ver o meu estado?

— Quero :)

Ele enviou a foto de um dia mais cedo e estava lindo. Sorria todo sujo de terra e tinta, sem camisa. Feliz com a faculdade dos sonhos, o rito de passagem e as brincadeiras dos veteranos. Sozinha no quarto apagado, demorou muito tempo olhando para a foto, só o namorando em silêncio.

— Os caras daqui fizeram futebol de sabão. – Ele digitou – Foi bom.

— A Bia quase mostrou os peitos no farol.

— E você?

— Eu o quê?

— Mostrou os peitos também?

— Eu saí correndo, hahahahaha, ninguém mostrou nada, não, a gente saiu correndo que nem doida e depois veio para casa fazer lasanha.

— Sobrou algum pedaço para mim?

— Claaaaaaaro, vou te mandar por sedex.

— Sedex 10, tá? Senão não chega quente.

— Idiota. Vou indo, tá?

— Dorme bem.

— Você também.

— Sábado?

— Sempre. – Ela disse e clicou na foto para olhá-lo de novo. Tão lindo ele, tão moleque já meio homem, tudo aquilo de terra, de tinta azul e amarela. Sorria e ele tinha um sorriso matador de lindo debaixo das sobrancelhas idiotas.

Viu tudo o que tinha para ver, até a falta de camisa e as entradinhas maravilhosas lá embaixo, no cóis da calça: só não percebeu que, como a Bia, ele esteve sozinho.

Capítulo 8

Um mês depois.

A Bia chegou em casa cheirando a cecê de cavalo, um cheiro ocre ardido de ruim. Nada mudou, a Dê continuava sentando na primeira fila das salas de aula, estudando muito, se escondendo das festas dos calouros, nunca respondendo perguntas fáceis que os professores faziam por puro mero de parecer errada.

Dentro dela alguma coisa mudava. Método embrionário de superação. Primeiro as partes difíceis, as águas paradas, lá no fundo do potinho de geleia. Primeiro, o jeito de lidar consigo. Menos arrumada para ir para a escola, menos nervosa com o passar dos dias, mais bonita do jeito que se via bonita. Ainda passava horas na frente do espelho procurando a melhor roupa, mas não ficava mais se checando de cinco em cinco minutos.

Saía de casa até de chinelo, já. Nunca fez isso na vida. O cabelão ou preso e pesado, liso e lindo, ou solto no vento, jogado por cima do ombro. Sentiu-se linda uma vez no mercado, de chinelo, nem quis saber. E adorou. Ali, quando a Bia chegava, testava um creme de milho que viu na internet. Brincava de cozinhar o que gostava porque viu que parte do gostar de quem era também envolvia definir do que gostava e o que a deixava feliz.

Só que a Bia vinha na contramão. Os olhos vermelhos, fazendo muito barulho, brigando com a porta da própria casa, errando a chave. Era pior que nervos inflados, era um estado pendente sem definição que deixava a Dê, menina que brincava de casinha, sem conseguir entender o que passava.

Viu a irmã jogar a mochila e o estetoscópio no chão, desfazer-se dos tênis de corrida e ainda brigar com a porta como se nunca a tivesse aberto na vida. Não reconheceu o estado da irmã, o jeito vacilante de abrir a porta de casa, a maneira arredia de xingar e brigar, testando chave por chave, sem saber qual era a certa.

Só depois foi que entendeu: bêbada como só os perdidos ficam.

— Bia, me dá isso aqui, deixa que eu fecho.

— Sai pra lá, caralho.

— Bia, eu estou falando com você.

— Vai te foder, porra, você não tá falando com a sua mulher.

Bêbada, mas não só, atordoada. Oscilante entre insana e ruim. Não focava o rosto da irmã, nem as chaves, nem tinha controle das próprias mãos. Já viu a irmã beber, claro que já, a Bia sempre bebia em festas, socialmente, igual

todo mundo.

Ela sempre foi de beber muito, de falar com os outros com um copo do lado, nunca viu a irmã esquecer o nome, onde morava ou assim, como fechar a porta de casa. Ficou pensando no quanto e há quantas horas a irmã enchia a cara e sabia que foi, pelo menos, desde a hora do almoço. Carne dura de encharcar, essa daí tinha.

Tomou a chave da irmã ouvindo xingamentos e ameaças, fechou a porta de casa, colocou o estetoscópio em cima da mochila e arrumou os tênis na porta de entrada. Teve que tomar o controle da casa e da irmã, ou a Bia destruiria tudo.

Desligou o fogo do creme de milho, olhou o frango assando no forno e arrastou, nem falou nada, só arrastou a irmã para o banheiro enquanto tomava uma saraivada de xingamento sem fundamento.

— BIA – Ninguém aguenta um bêbado descontrolado por muito tempo.

— Eu já mandei você tomar seu rumo.

— Olha pra mim e me obedeça!

Tudo à força. Tirou o chapéu à força, a camiseta, o short, as roupas de baixo. Olhava a irmã, cada vez falando mais e se mexendo menos, doida brigando com alguém que a machucou muito e a Dê não fazia a menor ideia de quem fosse.

Entrou com a irmã debaixo do chuveiro frio, ouvindo gritos, se debatendo, a ouvindo chorando chamando o pai de “papai” e pedindo desculpa para a mãe por coisas que, coladas numa linha do tempo possível, não fazia o menor sentido.

— Bia, se acalma, vai ficar tudo bem – Derramava xampu na cabeça da irmã que esquivava da água que escorria do rosto sacudindo a cabeça como se não tivesse mãos.

— Eu não sabia, eu juro pra você, eu não sabia!

— O que foi, o que você não sabia?

— Casado, papai, eu não sabia MAS VAI SE FODER, VAI PRO CARALIU, EU VO MATA TODO MUNDO –

Demorou para que a raiva se dissipasse. Lavava o corpo da irmã na tentativa de lavar as raivas juntas, acarinhando o couro duro, buscando a moça. Cada vez que massageava os cabelos da irmã a via menor, mais angustiada, mais encolhida.

Até que a própria Bia, no choro mais sentido que a Dê já ouviu na vida, se desarmou, abraçou o corpo macio e gordinho de sua protetora e, valendo menos que uma moeda, desabou e chorou.

Choro de fazer você chorar junto, alto e para fora, doído de um jeito que explicava todas as incongruências dela. Sem entender o todo, a Dê entendia a

essência. Vai saber o que aconteceu para que chorasse. Vai saber o que aconteceu para que a couraça arrebentasse e a seiva da bruta escorresse para fora.

Vai saber. E a Dê não era de arrancar verdades desse jeito. Não era certo, sabia. Se um dia a Bia quisesse contar, que contasse sóbria. Havia uma ferida, pouco importava do como surgiu, a ferida estava lá e sangrava.

Depois de um tempo, quando os poros do corpo da Bia estavam todos abertos e ela tremia de frio, mas mesmo assim não parava de chorar, a Dê mudou a temperatura do chuveiro para algo mais quentinho e calmante.

Foi só assim, na água quentinha, que a irmã parou de dar trabalho. Chorava ainda, soluçava, amansada, quietinha como só alguém ferido fica, coçando os olhos sem parar como as crianças fazem quando têm manha.

Tudo o que entendeu era que tinha a ver com coração partido e um cara casado que a Bia não superou. Vai saber de quando foi, vai saber o como foi. Chorava com a mão em cima do útero, um braço na irmã e o outro sobre si, numa posição defensiva e instintiva demais para a Dê arrancar os detalhes.

Sentou-a sobre a privada enquanto buscava o próprio roupão acolchoado para ela, o banheiro todinho molhado. Secou seus cabelos, o corpo, envolveu-a na roupa e a levou, sempre com muito carinho e muito cuidado, para o quarto da irmã que ela, desde que se mudou, nunca abriu.

Uma zona. Sequer as caixas da mudança foram desfeitas. Não tinha lençol na cama, nem fronha, só a coberta, um monte de roupa suja aos pés da cama e os livros de equinos sobre a mesa da escrivaninha, embolados com o carregador do celular e o fone de ouvidos.

Achou melhor não colocá-la ali, levou-a para o próprio quarto arrumadinho, deitou-a na cama e ficou, ouvindo o chorinho magoado que nunca pareceu tão doído, nunca foi tão profundo, esperando que ela pegasse no sono.

Depois, sem fome, desligou o frango no forno e foi desbravar a sujeira no quarto da irmã. Tanto tempo pensando em si e no quão podia ser machucada caso se envolvesse com o primo, que não viu quem realmente precisava de cuidado. Tanto tempo arrumando as suas coisas, pensando nos seus dilemas, provando que podia ser autossuficiente, sempre aceitando cuidados da irmã, sempre aceitando proteções, mas nunca fazendo por ninguém o que faziam por ela.

Egoísta. Varria o quarto da irmã, tirava tufo de poeiras do tamanho de baratas inteiras e se sentia a pior irmã do mundo. Sequer agradeceu a Alicinha, que desenhou florzinhas no cantinho da página para fazê-la se sentir melhor quando escrevesse. Sequer agradeceu à Bia das muitas vezes que ela tomou à frente no exército e levou o chumbo pesado no lugar da Dê.

Mal-agradecida. Nunca nem parou para pensar que talvez a Bia fosse

machucada por dentro. Nunca nem pensou que a Bia podia sofrer de coração partido quando era ela a mocinha deitada na cama chorando por um status de Facebook, por uma tal Gabriela.

Arrumou a cama da irmã, dispôs os livros das caixas na estante, pendurou os chapéus herdados do vô Alcides em ganchos armados com fita adesiva, na parede do quarto. Queria ter sido mais presente, menos egocêntrica, menos assustada com o mundo e com as possíveis coisas que dariam errado. Queria ter feito mais pelos outros, os protegido mais, para não ter que lidar com este tipo de dor no peito.

Ver a irmã que sempre a defendeu sofrer sozinha, talvez numa mesa de bar, copo atrás de copo, vai saber do quê. Pendurou o estetoscópio na porta do guarda-roupa, arrumou as poucas roupas que a Bia tinha nas gavetas e nos cabides, tirou as roupas sujas e as colocou na máquina.

Se a Bia vivia de pernoitar de plantão, se vivia para se doar aos cavalinhos e ao estágio no hospital, por que nunca pediu ajuda com essas coisas básicas? Por que também a Dê nunca olhou para a vida da irmã, o jeito com que nunca parava em casa e se ofereceu, de peito aberto, sem exigir nada em troca, para fazer essas coisas por ela?

Péssima irmã. Péssimo familiar. E vai saber desde quando a Bia segue caminhos errados na vida, sozinha sem proteção. Vai saber como a Bia aprendeu a se virar, a não pedir ajuda, a se fechar num casulo e se afundar para dentro.

Saiu do quarto dela já era mais que meia noite, trazendo consigo um saco de lixo de sujeira e vários tapas na cara. Foi assim que entendeu que temer futuras feridas não a preveniam de sofrer. Que às vezes viver de desviar mágoas, recusar convites, se esconder no quarto causavam mais danos aos outros que vitórias para si.

Jantou sozinha o frango feito com carinho e ajuda da internet, levemente ressecado por passar muito tempo dentro do forno, o creme de milho igualzinho ao de sua mãe, pensando nas sortes que tinha, ela, que nunca foi boa de desviar dos balaços da vida.

Quer dizer: se a Bia, que era boa de dar coice, que revidava antes de perguntar de quem era a culpa, que montava cavalo bravo e os amansava, se ela sofria em silêncio e voltava aos frangalhos para casa, que chances *eu* tinha de viver sem nunca sofrer?

Por um lado, sofrer de amor é ruim, foi assim por anos, caladinha dentro do quarto, chorando um primo que sequer sabia do meu carinho secreto.

Mas por outro, nunca estive sozinha.

Manhã seguinte arrumei a mesa bem cedinho, fui na padaria e busquei pão fresquinho, tudo do jeitinho que a Bia andava precisando. Coloquei roupa

limpa dela na cadeira do meu quarto e a acordei:

— Bia, levanta, tá na hora.

— Que horas são? – E acordou assustada, deitada na cama que não era dela.

— É bem cedinho, você não está atrasada, só toma um banho e vem comer comigo na cozinha.

Resmungo para mais de metro. Sua cabeça devia doer de ressaca, o corpo combalido se arrastou da minha cama para o meu banheiro, eu disse a ela que podia usar a minha toalha limpinha, avisei da roupa sobre a cadeira.

E fui para a cozinha esperar pelo soldado. Coloquei café nas xícaras, deixei a manteiga do lado do café e, esperando por ela, tentava organizar um discurso, ou, pelo menos, umas palavras de cuidado e amor só para entender que não precisava descontar a raiva e a frustração na bebida porque ela não era filha de chocadeira e podia muito bem pedir colo a mim.

— Eu sei: – Ela disse, repaginada, novinha em folha, quando entrou na cozinha – fiz merda, não precisa brigar comigo.

— Não tenho moral para brigar com você.

— Tô esperando sermão, Seu André, vem com tudo.

— Cê sabe que eu te amo, Bia?

Ela não respondeu. Baixou os olhos e, pela leitura que eu faço da minha irmã há anos, se não fossem os cabelos molhados, ela teria se escondido embaixo da aba de um dos chapéus do vô.

— Tá de gracinha assim comigo por quê? Que cê fez?

— Fiz nada, Bia, você só precisa saber que não tá sozinha. Não vou mentir, na hora achei uma porcaria vir morar com você, mas agora eu não vivo mais sem. Obrigada por não me deixar sozinha, por estar sempre protegendo as minhas costas, mas Bia, você tem que saber que eu tô aqui por você também, tá? Para qualquer coisa, até para lavar suas calcinhas sujas.

— Você não entenderia.

— Quando você tiver confortável me conta, não quero saber do motivo da bebedeira agora, você não quer me contar e está tudo bem. Só saiba... Mana, eu te amo mais que tudo, tá? Se você fez merda, se você matou um cara, se você provocou um incêndio, não interessa, me chama para esconder o corpo, me chama para ocultar o foco do incêndio, entendeu? Eu tô aqui!

— Obrigada, Dê.

— E a Alicinha também.

— Licinha é muito nova.

— É por isso que você prefere passar por tudo sozinha, não é? Nós duas somos muito novas...

— Eu não vou contar dos meus dramas para uma menininha de quinze anos, caralho! É porrada pra porra, Dê, eu tô deixando a Licinha e você de fora porque eu não quero ver vocês me olhando diferente com as merdas que eu fiz na vida.

— Tudo bem, não nos conte. – Cedi – Mas vê se não esquece que eu tô aqui para esconder o corpo.

— Também te amo, Dê.

Capítulo 9

Dia vinte e um de março era aniversário dela. Colei na parede para não esquecer. Dois meses se passaram e faltam menos de quinze dias. Descobri que dá para mandar flor por internet e eles ainda enviam cartão. Se o aniversário dela não fosse numa quarta-feira, ainda dava para fazer uma loucura, pegar o ônibus aqui na sexta (já que não tem aula de tarde) e bater lá na porta dela.

Do jeito que essa menina é, congela no lugar e fica pelo fim de semana inteiro. Sequer me deixa entrar.

Namorar não está nos planos e isso parece muito coisa que namorado faz, mas o que eu posso fazer? Fingir que esqueci, logo eu, logo com ela, logo agora? E quem acreditaria? O Guto deu a letra, disse que tem floricultura que manda entregar flor e eu pesquisei, é isso mesmo, entregam flor.

Só não vai ser de canteiro, né? Vai ser flor de marca porque flor de viralata eles não entregam.

A vida da Dê está tão cheia agora, que a gente só se fala uma ou duas vezes por semana. Ela nunca aparece no Whatsapp, nunca aparece no Skype e eu não quero ficar correndo atrás dela, não quero atrapalhar. Se ela não fica online, não chamo. Não quero ser um empecilho, fazê-la largar tudo para atender um telefonema meu, embora eu permaneça online o tempo todo.

O primeiro ano no ITA é fundamental para todo mundo, de avião mesmo eu só começo a ver depois. Tudo o que eu faço o dia inteiro é estudar. Depois de disciplinado, você estuda tranquilo. A maioria dos calouros se juntam para estudar, mas não é como na época da escola em que você mais enrola que mete as caras, é estudo mesmo. Ninguém nem levanta a cabeça dos livros e, quando levanta, é para ajudar o colega. É muita teoria para pouca prática, matemática pura e eu gostava de aprender essas teorias metendo a mão, funciono melhor fazendo, aprendi tudo o que eu sei de eletrônica com a mãe, que é engenheira civil, mas flerta com elétrons de vez em quando.

Ela costuma falar que eu sou a mistura certinha entre ela e o pai. Aprendo metendo a mão, na prática, mas tenho gosto pelas teorias, como ela. A gente vivia batendo-boca porque a mãe era toda teoria e usava os livros de bíblia, enquanto eu fazia o que era mais prático, na lei da gambiarra, no funcionou-passou. Ela chegava a ficar de cara virada para mim quando eu me atrevia a discordar dela, principalmente no nosso primeiro modelo de Drone. Dona Fernanda quando fica puta, me pede o registro do CREA, dá carteirada na minha cara, rebaixa mesmo. E o pai rachava o bico. Uma vez ele chegou a imprimir uma carteirinha do CREA feita no Paint (o pai é muito tosco, cara) com

a minha foto 3x4, escrito embaixo “Meninos de Quinze anos não têm CREA, mas a senhora nessa idade não sabia nem o que era um capacidor”. (E ele ainda escreveu CapaciTor errado!)

Difícil é que aqui no ITA é tudo teoria. Nem esquentei meu ferro de solda. Só livro e lápis, livro e lápis. Toda a prática que eu tenho é conversando sobre a teoria com meu colega de quarto. Ele sim gosta de teoria. A mãe costumava dizer que tenho alma de pedreiro e talvez eu tenha.

Aqui, o quanto você tem que estudar (estudo não-supervisionado, que é como eles chamam), é calculado. Às vezes a matéria tem quatro créditos, mas você tem que estudar sete créditos sozinho. A carga de leitura aqui é de deixar maluco e, embora eu reclame de ler, começar a ler coisas que não têm nada a ver com o que estudo, têm me ajudado a estudar. Eu tenho parado de olhar só as figuras e gráficos e tenho dado atenção aos textos dos livros acadêmicos.

Ou seja, até longe a Dê me faz bem. Talvez ela não saiba que eu devorei Admirável Mundo Novo, o livro que ela me mandou, numa tacada só, em madrugada insone, mas talvez ela não deva saber disso. Ainda não devolvi de propósito. Não quero dar o braço a torcer desse jeito. Se eu digo que levei só algumas horas para ler, ela vai se empolgar com isso e nem sempre eu posso ler, só quando estou seguro de que sei a matéria, o que é quase nunca.

Na verdade, não quero dar o braço a torcer para nada. E o pai diz que esse orgulho descabido é culpa da mãe. Queria ser como o pai, mas sou como a mãe. Sou menos perverso, porque a mãe tem umas horas que só por Deus, mas ainda assim, como a mãe. A mãe não me liga, embora esteja doida de saudades. O pai liga, toda sexta-feira ele me liga, mesmo horas antes de eu pegar o ônibus para casa, ele ainda me liga, quer saber se eu estou bem, me dá conselhos. Sempre faz questão de deixar claro que se eu não estiver fazendo a faculdade porque eu quero fazer, que não faz vergonha sair.

De fato, está difícil, mas sair não está nos meus planos. Só fico com medo porque depois do quarto ano, os alunos passam um ano em estágio não-supervisionado, a maioria fora do país. Um ano fora, para depois sim, pegar o diploma. Parte dos alunos nem voltam. Aqui não tem tanto mercado como lá fora e, querendo ou não, ITA é ITA. Os bons alunos estão aqui. Os melhores. Vai parecer que estou me gabando, até porque eu passei nessa joça sem cursinho preparatório, mas, dessa vez não estou me gabando.

As conversas de corredor aqui são sobre o Visto H1-B. A maioria dos estudantes de último ano têm esse visto americano. É um visto para “gênios”. A maioria que tem é engenheiro. Tem calouro aqui que já entra querendo ir trabalhar lá fora e eu não quero ir embora. Ainda não falei para o pai, muito menos para a mãe, sobre esse costume daqui. Fazer um estágio de quinhentas

horas no país dos outros.

Sinceramente, essa é única coisa que me preocupa. Se eu não for para outro país, o que eu vou fazer? Eu vou trabalhar na EMBRAER? Em fábrica de helicóptero? E outra, que caralhos eu vou fazer em Poços de Caldas como Engenheiro Aeronáutico?!

É, eu pensei nisso. Juro que pensei. Com só dois meses de curso, não quero nem imaginar a crise existencial que o Lipinho Lindo vai passar, quando estiver perto de se formar.

Então eu fico feliz por ela, quando ela me atende e conta das novidades, que está evoluindo, fazendo tudo o que sonhou fazer, de como é ruim ter que apresentar seminário na frente de todo mundo e de como Cálculo 1 é fácil. (O Cálculo 1 dela foi o meu vestibular, integrar e derivar foi coisa que a mãe me ensinou a fazer para eu passar). Às vezes a gente conversa sobre Cálculo 1, mas eu não digo a ela que esse foi o tipo de coisa que aprendi no colégio, são faculdades diferentes, não tem cabimento eu falar da diferença de cursos, porque qualquer um que me ouve, acha que estou me gabando.

Essa é a foda também de você passar num curso que ninguém passa. De fazer o que ninguém faz. Tudo o que você fala, nem que seja um “isso é fácil”, já acham que você está se gabando. Me gabando seria falar que eu entendi Cálculo Infinitesimal assim que me apresentaram (coisa que eu não fiz). Mas vai Lipinho Lipe falar que Cálculo 1 é fácil, pronto. Tô me gabando.

Se você é bom no que faz, se você se dedica, então você automaticamente se gaba quando está falando dos seus progressos. A humildade nas pessoas que vão longe, de acordo com as pessoas que não vão, é você nunca falar de si mesmo, mesmo quando elas perguntam.

Veja bem: Estou eu aqui no ITA. Eu passo o dia inteiro falando de Geometria Descritiva, passo o dia inteiro com a cara enterrada nos livros, mas quando meu pai chega me perguntando como vão os estudos, eu não posso falar como vão os estudos, ele não vai entender porra nenhuma. Isso é me gabar? Não é.

Ain, mas Lipinho Lindo é arrogante. Oras, sou mesmo, mas não para falar dos meus estudos. Tento sim parecer bonito para a Dê toda vez que a gente se fala, acabo falando o que não devo quando devia só me fazer de bonito, mas não é arrogância você saber com quem está falando. É chato isso, de a família inteira te achar metido, quando na verdade você só está fazendo aquilo que faz todo dia.

Se o Tio Antônio falasse de gastronomia refinada com quem não entende nem como que frita um ovo, ele vai ser arrogante? Não, ele vai ser, no máximo, exagerado.

Então, eu tento não parecer excessivo, mas é difícil fazer isso quando você passa o dia inteiro atolado numa lama matemática densa pra cacete.

“Lama Matemática densa pra cacete”. Metáfora infeliz. Se a Dê me ouvisse falando isso, ia me mandar ler mais. O pai também. Abro a janela do Skype só pra ver se a Dê está, mas não me impressiono de ela não estar. É triste, mas é esperado.

Às vezes parece que tem uma coisa muito boa rolando fora dos portões daqui e eu estou perdendo. Como quando está todo mundo em festa, menos você. Como eu era aos quinze anos. O babaca popular que foi corno e ninguém contou. Parece que eu estou perdendo um grande espetáculo. Não sei, estar aqui dentro me deixa solitário. Meio melancólico. O pai disse que se sentiu assim também, quando se mudou de Poços para São Paulo. No começo era difícil, você sem amigos, sem ninguém. Só colega de trabalho para beber no happy hour.

— Se você quer saber, filho – O pai dizia, pelo telefone. Ele nunca gostou de Skype, então a gente se conversa por chamada de Whatsapp – Se não fosse a sua mãe, acho que eu tinha voltado para Poços.

— Não deixa ela saber disso – Elogiar a mãe é uma coisa difícil de se fazer. Ela é bem arrogantona e eu tive a quem puxar.

— Ela sabe. A gente estava conversando disso, outro dia. – Parei de sorrir. Quando o pai fala das coisas de homem, ele sempre é claro com a mulher dele. Aprendeu, ele diz, que dizer as coisas é o melhor jeito de dar certo, então ele não esconde nada dela – Eu estava pensando nisso, quando vi você saindo de casa. Claro, que na hora que eu estava fazendo as coisas, não pensei em nada disso. Você e eu só saímos fazendo, depois é que pensamos.

— Obrigado pelos genes idiotas, pai.

— ... De nada. – Ele riu, dando ordem a um garçom dele – Desculpa, filho. Quase na hora de abrir o restaurante, tenho que fritar o peixe com o olho no gato.

— Quer me ligar depois?

— Não, o Carlos se vira, não começou a trabalhar aqui ontem. – Ouvi mais uma ordem – Filho? Está aí ainda?

— Estou.

— ‘Xô ir lá para fora, vai, senão não vai dar. – O barulho aumentou. – Pronto. Desculpa o barulho. Então, filho... Onde que a gente estava?

— O quanto de gene ruim herdei seu.

— Que nada, herdou os melhores. O ímpeto é cego, mas não é burro. Então, como a gente estava falando- A sua mãe que me manteve em São Paulo. Acabei ficando por causa dela. Eu não tinha muitos amigos e o trabalho ainda não estava lá essas coisas, daí peguei sua mãe. Não vou falar que foi mágico e

cheio de estrelas que não foi não, tá? Eu devia ser canonizado só por ter conseguido casar com aquela ali. Enfim, não estou aqui para usar você de ombro amigo. Só queria te dizer que uma hora suas conquistas, o vestibular no ITA e tal, vão passar e a faculdade vai virar rotina. Tenha certeza que você gosta da sua rotina, tá? Não fica se pautando na conquista porque elas não duram para sempre.

— Tá bom.

— Sua mãe disse isso para mim uma vez. “Seja feliz em fazer trabalho de macaco”. Seja feliz com a rotina, que é dela que você vai viver. Que nem: se eu te pergunto o que você mais quer fazer agora, o que você me responde?

O Leitor sabe o que eu pensei.

— Não precisa dizer para o pai, eu não estou interessado em saber. Espero que o que você pensou seja algo a ver com a faculdade. – Ele fez uma pausa imensa e eu não soube o que responder para ele. A premissa do Seu Rodrigo é que ele não mente para os filhos (e isso já me rendeu umas confissões bem tensas) para que os filhos não mintam para ele – Lipe, o que você pensou não tem nada a ver com a faculdade, né?

— Não – E por que foi tão fácil admitir?

— Você precisa de mais dinheiro para fazer o que você pensou? Eu faço a transferência, sua mãe vai estranhar, mas depois eu me entendo com ela.

— Eu vou precisar de mais dinheiro no fim do mês para comer, só. E mais sabão em pó, também. Ainda não me acertei com a máquina daqui.

— Você gastou uma caixa inteira de sabão em pó em um mês e só com as suas roupas?! Filho, você está lavando a roupa de quantas pessoas?!

— Não fico contente até sentir cheiro de sabão em pó na roupa seca.

— É para isso que inventaram amaciante, caralho.

— É, mas eu gosto do cheiro do sabão.

— Nerd é uma merda, mesmo. – E ria. – A calça jeans deve sair esturricada do varal. Toda dura.

— Pior que sai.

— Bom, pelo menos você está lavando, né? Já é alguma coisa. Me liga se precisar de mais dinheiro?

— Ligo.

— A hora que for.

— Tá bom.

— E, Lipe?

— O que foi?

— Dá os parabéns para a Dessa por mim. – E ria, ainda, achando a maior graça.

Conversava comigo e não mais se fechava, nem com as roupas, nem com as palavras. Saía do banho quente e conversava comigo, me contava dos causos, das pessoas que conhecia, falava comigo enquanto enchia o cabelo de creme, parecia feliz. Sorria mais e tinha um leve brilho, não sei de quê, vai ver é coisa da tela do computador ou sei lá.

Eu, para não ficar louco, entrei no time de futebol dos veteranos e vivia todo ralado. Pareci moleque de novo, sem o tampão do dedo ou todo molhado de lama e chuva. Mandava a foto para a Dê porque ela me pedia. Ela sabia quando eram meus treinos e dizia que torcia por mim. Acabava que depois dos treinos eu mandava uma mensagem para ela só para dizer de quanto o meu time perdeu.

(É sério, a gente só sabia perder. Os veteranos metiam a culpa em mim, mas só depois que fiquei sabendo que na verdade aquele time nunca ganhou dos outros times. A gente era um fiasco, fiasco mesmo, mas era feliz.).

Tinha umas meninas nos outros times que batiam um bolão tão bom que o resto de nós até evitava pegar time com mulher porque sabia que ia perder. Quase não tem mulher no instituto, mas as que têm, rapaz, dão banho.

Liguei para a Dê no nosso encontro de sábado, uma semana antes do aniversário dela. Como sempre, demorei para ser atendido e, quando fui, a paisagem de fundo tinha mudado. Era uma espécie de lanchonete ou sei lá, parecia mais padaria.

— Ué, tá onde?

— Padaria – Revirou os olhos, descontente – A Bia tá me dando chá de cadeira tem duas horas. Não aguento mais, tô quase desistindo e indo para casa.

— Você ligou para ela?

— Liguei, uai. Disse que tá no meio de um parto complicado e que vinha quando terminasse.

— E você tá aí, abandonada.

— Pois é.

— Ô, dó.

— Babaca. – E fez careta, me mostrando a língua.

— Tá calor aí, pelo jeito.

— Nossa Senhora, um calorão lascado.

— Aqui tá uma merda, cinza para porra, nublado.

— Gosto de tempinho assim, é bom para dormir.

— Odeio. Gosto mesmo é de calor pra caralho ou frio pra caralho. Essa droga não curto, não.

— Ô, dó.

— Escuta, - me ajeitei na cama e ela se ajeitou no banco da padoca – o que você vai fazer sábado que vem?

— Sábado que vem, nada, mas no outro, depois do meu niver, eu vou pra Poços beijar a mãe um pouco. Por quê? Quer remarcar o horário do sábado?

— Quero. – Menti. – Você vai acordar cedo?

— Capaz, eu acordo cedo todo dia, sô.

— Uai, sô.

— Não brinca com os meus *uai*.

— Ué...

— Só para constar, *uai* é muito mais lindo que *ué*, tá?

— Uai...

— LIPE!

— . – Ri a olhando rir também. É engraçado, mas de tanto a gente se falar por telas, temos desenvolvido uma comunicação não-verbal muito legal. No fundo sempre foi meio assim, falar sem se conversar, mas tem ficado mais frequente. Ela me olha meio com a cabeça de lado, sorri para mim e escora a cabeça nas mãos. Sei o que tá pensando porque eu estou pensando na mesma coisa. É bonito. Espero que, ao vivo, ela não fique mais com tanta vergonha de mim como da última vez. – Não, ó, sério. Dá para você estar Online umas oito?

— Dá sim. Dia cheio?

— É, muita coisa para estudar, as dez tem palestra, depois tem uma lista bosta para entregar, daí, se puder ser mais cedo... eu agradeço.

— Se quiser desmarcar também, tudo bem por mim.

— Não, Dê, eu quero falar com você, só não depois do almoço como tem sido.

— Tá bom, faço um sacrifício e tomo café da manhã com você.

— Só se eu roubar pão do bandejão e vier comer no quarto

— Mas você não tem espaço aí nem para fazer um cafézin?

— Tenho, am- Dê, mas não sou muito de café, não.

— Continua no café com leite?

— Pingado, né. Café puro assim que nem você toma não sou muito acostumado, não.

— Uau, faz um tempão que eu não tomo café com leite. – A gente não tinha nenhum tópico importante para tratar, só queria ficar se falando, então a gente inventava qualquer assunto besta, qualquer assunto mesmo, só para ficar de desculpa para se falar. Tava bonita naquele dia. Alguma blusa sem manga e a gola bem lá embaixo, lá perto dos peitos. Eu queria dizer isso para ela, até ensaiava para dizer, mas preferia ficar quieto. Temia que ela me entendesse

errado ou qualquer coisa assim.

Aliás, que merda é falar que uma menina tá linda. É falar isso que pronto, ou ela acha que eu tô muito apaixonado, ou querendo alguma coisa.

Tá, no caso da Dê o assunto era diferente, mas eu só queria mesmo dizer o quanto ela estava bonita. Será que dois meses amansando a fera já dá para arriscar um troço desses?

Arrisquei:

— Tá bonita, hoje.

Avanço? Que nada. Continua congelando. Quanto a gente tem que ter de intimidade com essa menina para ela parar de congelar com pouca coisa?

— Você vai congelar assim também quando a gente se ver?

— Você quer me ver, Lipe?

Avanço, sim. E bota avanço.

Capítulo 10

Telefone nenhum que toca no meio da madrugada é bom sinal. Para o quarto escuro o celular da Dê soou alto a tirando de um sono preocupado por não ter a irmã em casa. Toda vez, não importava há quantos meses era essa rotina, bastava a Bia não dormir em casa que ela se enchia de preocupação:

— Bia? Alô, cê tá bem?

— O parto acabou só agora, mana.

— Tá, mas você tá bem?

— Tô, uai.

Perdeu a noção das horas.

— Bia, cê sabe que horas são?

— A última vez que olhei no relógio era umas sete da noite, então deve ser uma dez, onze. Por quê?

— São quatro da manhã!

— Eita, caralha. Sério?

— Pois é, eu estava dormindo.

— Nossa, Dê, me desculpa, volte a dormir. Amanhã a gente se fala.

— . – Não conseguiu deixar de pensar no onde esteve a cabeça da irmã. Tem relógio na tela do celular, por que ela não viu? A vida está tão corrida que não consegue prestar atenção nas pequenices? – Não, tudo bem. – Pensou que, se a Bia ligou a esta hora e tão desorientada ao ponto de não ver nem relógio, talvez não fosse boa hora de deixá-la sozinha – Fala comigo, Bia, o que foi?

— Desculpa ter furado com você. Se eu soubesse que ia demorar tanto, tinha te ligado. A Lua entrou em trabalho de parto, ela era bem menor que o cavalo que a cobriu. A gente sabia que ia dar distócico há muito tempo, mas ninguém quis terminar a gestação. Bem na hora que eu estava saindo, a Lua foi para o centro cirúrgico. Tentei de todo jeito virar o potro para ficar com a cabeça virada para a saída, mas o bicho era teimoso demais, ficava escorando o casco dentro dela.

— Calma. – Ela comenta das coisas que passa como se todo mundo ao redor dela fosse veterinário também – Você estava com a mão atolada na xoxota de uma égua?

— Até os cotovelos, sô.

— Nossa, Bia, que nojo.

— Nojo nada, privilégio. E a Lua sofreu, viu? Por pouco não dá prolapso no ânus.

— Creeeeedo. Pelo menos o potro está bem? Vingou?

— Mais vivo que eu e você juntas! Chamei o bichinho de Encrenca. O dono dele disse que é esse o nome que vai ficar.

— Encrenca é o nome do potro?

— Quer nome melhor? – E ria. Pronto. Era isso o que a Bia queria numa ligação às quatro da manhã. Aliviar a tensão. – Encrenquinha. Mana, eu tô apaixonada naquele potrinho!

— Seu primeiro parto, né?

— Eu na frente da cirurgia, sim.

— E gostou?

— Gostei muuuuuuito! Dá vontade de ter um monte de bezerrinho!

— O quê? Tá doida?

— Fiquei cheia de vontade de ter filho.

— Você tá com sono, isso sim. Vem para casa, Bia, tem comida pronta, é só esquentar.

— Que nada, agora é rodar uma bateria de exames no bicho, ver como tá a mãe... Ih, aqui ainda vai longe. Parei só para pedir desculpa do cano que te dei.

— Está tudo bem, não se preocupa, tá?

— Dê:

— Oi.

— Diz para mim que a dor acaba? – Ia e vinha sem anúncios.

— Como é?

Nenhuma palavra, mas contaminava a irmã com uma dor profunda, cortante, vinda de lá de dentro e, por não querer falar de suas dores, soltou assim, num suspiro. A Dê, chorona como sempre foi, já derramava das suas. Pelo celular até queria dizer que a dor acabava, mas não sabia.

— Não tá dando, mana. Não tá – E a Bia completava sem chorar – Depois daquele dia, tá tudo uma merda.

— Eu sei, Bia, mas vai passar. Fica calma.

— Não, - E a Bia não podia exigir que uma menina virgem ainda doida no primeiro amor entendesse – não sabe, não. E ainda bem que não sabe.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

— Me pergunta da raça do Encrencadinho. Ó, eu vou mandar uma foto dele pra você – E suspirou outra vez, como se quisesse dar movimento às águas da superfície. Com movimento e fúria a Bia sabia lidar, mas com o fundo estagnado e escuro, não. – Tão lindo! Todo branquinho, o focinho todo pretinho, os cambitinhos tão magrinhos! Altair Real. Português, a desgraça. Vai virar um puta de um alazão maravilhoso. Ai, mana... !

— Eu nem sabia que cavalo tinha raça...

— Olha, você é irmã de veterinária, vê se não me mata de vergonha!

— Uai...

— Viu a foto?

— Estou vendo – E se ria com a empolgação da irmã. Nunca entendeu direito do porquê ela gostava tanto de cavalos, mas parece que a Bia sempre combinou com a lida deles.

— Se eu pudesse, mesmo mesmo, abria um Haras.

— Não contente em ser veterinária, quer Haras?

— Uai, dá para ser os dois! Mana, eu vou nessa. O dono está acenando pra mim e quando ele acena, boa coisa que não é. Reza pelo Encrencadinho, tá? Ele tá todo fraquinho.

— Posso rezar por você também?

— Não, eu não tenho mais jeito, reza por ele.

E desligou. Sentada na própria cama, olhando a janela fechada, entendendo os contornos da mobília, perdeu o sono.

Virou sábado, o relógio despertou seis horas por costume. Acordou sem sono, com preguiça de levantar porque a cama estava quentinha. Final de março ainda não está frio, mas aquele fim de março estava especialmente mais frio que os outros. Juntou a coberta para mais perto da cabeça, podia trapacear o tempo por uns quinze minutos só para não...

O Lipe. Oito e meia era o encontro deles. Nem reclamou, era o Lipe e, por jamais conseguir acordar meia hora antes de qualquer tarefa, fosse qual fosse, dentro de casa ou fora, se rendeu e se levantou.

Havia todo um ritual com suas manhãs. Primeiro o banho para acordar, depois um café preto, um livro, a mesa arrumada. Na casa da mãe não tinha necessidade de livros, haviam mais pessoas ao redor com o que se preocupar, mas mesmo lá, nunca gostou de sair de casa ou fazer o que fosse sem antes um banho e um belo de um café da manhã.

Sentou-se à mesa e aos poucos aprendia o que gostava. Iogurte depois de um pãozinho, vários repetecos de café, pão de queijo se tivesse e ovos mexidos. Procurava, por gostar muito de café da manhã e por descobrir que gostava também de cozinhar, receitas fáceis para fazer. Naquele dia, sozinha na cozinha gelada, o cheiro de café costurava um clima ameno e tão tranquilo que, por um segundo, culpou-se por estar feliz e em paz sem a irmã e todo aquele carnaval que ela era.

O tempo passou e ela não viu. Tentava gostar de um livro que estava na

sua estante há meses. *O Nome da Rosa*. Se esforçava para ignorar aquele monte de latim, o contexto medieval, padre para tudo quanto era lado. Nem sempre a leitura é prazerosa. As vezes o troço empaca e não vai e era, para seu azar, o que acontecia ali. Tentava gostar, mas, ô, troço difícil.

Ainda que tinha, em cima de cada capítulo, as anotações de alguém que a guiava pelas coisas que esquecia, mas ainda assim, abandonando e o pegando de volta, não conseguia gostá-lo num todo.

Por via das dúvidas, só para não perder a conversa com o Lipe – e dizia a si mesma que não era por empolgação, imagina, jamais – deixou o Skype no celular aberto desde as sete e um pouco. E voltou para brigar com o livro que queria gostar mais e sentia que perdia muita informação e diversão por não entender nada da época medieval além da Inquisição.

— Dê, - O Lipe também ligou mais cedo que oito horas. Sete e meia ele já Online? Logo ele? Lembrou-se que ele também nunca foi de dormir muito e isso explica do porquê ele chamava cedo, mas não explicava do porquê chamada de voz e não de vídeo – Tem certeza que está livre hoje?

— Uai, mas não estava combinado a gente se falar mais cedo hoje?

— Tá livre ou não está?

— Estou tomando café, Lipe, nem camisola tirei ainda.

— E ela é transparente?

Uau, que desnecessário.

— Se for, troca. – E ele continuou até mesmo porque sabia que ela levaria esta pergunta para o contexto errado.

— Lipe, me respeita.

— Tá, então atende a porta.

— Você não tem nem meu endereço, que brincadeira infeliz!

— Dê, - ele ria. E a campainha tocou tanto no telefone, quanto na vida real – atende a porta.

Capítulo 11

Então lá estava ela, o pijama de bichinho, o celular na orelha, os pés descalços e o olhar nervoso. Era esperado que ela congelasse, olhasse para mim sem entender nada, é assim que surpresa tem que ser, né?

Só que não era esperado que eu congelasse.

Não para eu ter as mãos suadas, a fala interrompida, o coração disparado. Ela olhando para mim era a deixa para eu dizer alguma coisa, mas eu não queria dizer nada. Já temos nos falado há meses. Relaxou a feição antes de mim e, nos olhos, lá no fundo, é como se me abraçasse.

Dois meses procurando assunto para não ter que desligar, falando do tempo e do como gostamos do café, dos jogos da faculdade e da comida do bandejão. Tudo o que não precisávamos era nos falar. Só pelo jeito que nos olhávamos, eu entendia.

O sorriso escorreu pelos lábios, os braços se encontraram, a gente ainda era primo por consideração e não eram só os corpos que encaixavam. Juntávamos histórias e episódios bestas, os feriados, os Natais, os dias dela com os meus. Os porquês dela, os meus e o jeito como ela ria quando a Bia pregava peça em mim.

Só de a gente se ver de novo eu entendia o que nunca nem tinha perguntado. Sensação de que passei a vida inteira com ela, de que vai ser muito esquisito bifurcar caminhos para cada um tomar seu rumo. Parecia que eu perderia uma coisa muito importante que, como todas as coisas importantes, a gente só percebe quando falta.

Passo anos perseguindo uma coisa para só me dar conta de que aquilo não é meu tudo quando isso fica realmente muito pequeno diante dela. É importante, eu sei disso, eu não sou louco, mas como que uma coisa tão importante na minha vida, que eu lutei tanto para conseguir, fica besta perto dela?

Pelo tempo que durou aquele abraço ela foi meu tudo. Eu nunca nem parei para reparar nisso. É estranho esse processo. Sempre estive lá? Ou se ama ou não se ama, nunca tem um meio-termo. Pelo menos, não era para ter. O cheiro do cabelo dela, o corpo colado no meu. Tudo fazia crescer um sentimento antigo, bobo, totalmente meu e reconhecido. A mesma sensação que eu sempre tive quando estava perto de ir para a casa dela, a mesma sensação que eu sentia quando não dava para ir para Poços. Eu via a gente sentado na varanda, cheios de tédio, loucos para fazer besteira. E pulando na chuva iguais idiotas rezando para a tia não ver.

Ela não me beijou ali, eu tampouco. Só nos abraçamos. Nunca houve um dia que eu não tenha gostado dela?

— Entra, Lipe. — Ela disse, desviando o rosto do meu, escondendo o chorinho — Seja bem-vindo.

Ao vivo, os cenários que eu via só por câmera passavam a se encaixar. O sofá e a televisão, o fundo com a geladeira e a pia da cozinha, a ausência de paredes entre os cômodos divididos só por móveis e tapetes. Um livro aberto em cima da mesa, perto do prato, na mesa da cozinha. Agora você lê enquanto toma seu café da manhã, Dê? É para ocupar a ausência dos seus pais, não é? Eu lembro de uma Dê menina que gostava de tomar café da manhã com o pai.

Eu até lembro do seu pai te chamando mais cedo para tomar café com ele. Sorri sem querer olhando a mesa vazia. Será que ela vai gostar de tomar todos os cafés da manhã comigo, quando a gente for adulto?

— Me dá sua bolsa — Ela sorria, - coloco no quarto.

— Tudo bem — Era um “tudo bem” de “não precisa” Coloquei a mochila pesada perto do sofá e perguntei: — Posso colocar aqui?

— Claro. Tá com fome?

— Não — Fome não, era mais vontade de me sentar à mesa com ela.

— Você ligou cedo.

— É, o ônibus chegou adiantado. Pensei em fazer hora na rodoviária, mas não tinha nada para fazer, preferi vir logo.

— Senta, - ela disse, procurando outra caneca no armário — tem café e tem leite. Você quer?

— Quero, claro.

— Tá, então senta.

A vi fechar o livro, mas não vi o título. Como dois meses fazem diferença, né? Parecia menos com aquela garota estagiária do próprio pai. Tinha alguma no como ela se portava, diferente da moça da casa da mãe. Mais aberta. Menos contida, não sei dizer. Só estava. Antes, pelos cantos. Agora, em tudo.

Colocou a caneca de frente para mim, o leite, o café. Perguntou se eu queria que preparasse, eu disse que não e se sentou de novo.

Longos minutos em que ninguém sabia muito o que dizer. Engraçado, morríamos de vergonha. Tínhamos um caminhão de assunto pelo Skype, um monte de coisa para inventar na frente de uma tela, mas ali, na cara, a gente emudeceu. Tanto ela quanto eu, que não tinha um assunto sequer para desenvolver.

— Dezoitão, né? — A não ser estragar tudo.

— Semana que vem.

— Por isso vim hoje.

— Não precisava.
— Tô sabendo.
— Quantas horas de viagem?
— Algumas. – Muitas. É estrada que não acaba mais, puta merda.
— Eu teria ficado feliz se só tivesse ligado, Lipe. Não precisava vir.
— Quer que eu vá embora?
— Você e sua mãe são tão diretos que chegam a ser grossos.
— Desculpa. – Não contente em falar mal de mim, ainda fala mal da minha mãe. – Não foi isso o que eu quis dizer.
— Eu sei, - sorriu – é engraçado. Tão iguais.
— Minha mãe só quer dar uma de durona, no fundo...
— É, eu sei: Iguais. No fundo...
— Tá querendo dizer o que com isso?
— Nada... – E o jeito dela de soltar o ar numa risada era bonitinho.
— AHAM.
— Tô feliz que esteja aqui, não me leve a mal.
— Tô feliz de ter vindo. Meu pai é foda.
— O que ele fez?
— Nada, não. – E eu lá sou louco de dizer a ela que ele quem me colocou, indiretamente, no ônibus?

Quer dizer, por que não dizer? E esconder por quê? Eu já não estava ali, na cara do gol, todo por causa dela? Ela já não sabia que eu estava nos cafundós de Judas, todinho amassado de estrada por causa dela? Por que enrolar numa coisa que eu queria e ela também queria?

Então fiz o que Lipinho Lindo faz de melhor:

— Quer dizer, - E eu disse, não pensei – ele perguntou o que eu mais queria fazer.

— E o que você respondeu?

— Não tinha nada a ver com faculdade. Eu estava caçando um lugar online que enviasse flor.

— Pra sua mãe?

— Não joga esse jogo comigo, Dê.

Ela sabia que eu caçava flor para ela.

— Pois é. A diferença é que agora eu não sabia se ia dar para ir no fim de semana que vem para Poços. E nem fazia muito sentido ir para lá no fim de semana, então... Eu já estava a fim de te ver, fazia um tempo que queria vir, daí veio a fome com a vontade de comer...

É, muito nervoso. Do nada a desenvoltura, a fala muito mansa, o meu jeito de lidar com as coisas foi todo para o ralo. Lá estava qualquer pessoa,

menos o eu de sempre. E o pior é que ela me conhecia o suficiente para saber que eu estava nervoso.

O cara que tacava catota no cabelo da Alicinha. A Alice me odeia até hoje por causa disso. O cara que pregava peça na Bia e sempre se ferrava porque a Bia sempre foi mais velha e mais forte que eu. O cara que a fazia rir de a barriga doer de tanto que a gente se sabotava. Sorri pensando nisso. Uma infância inteira fazendo merda para congelar, bem na frente dela, só porque inventou de fazer surpresa.

— Você só percebeu antes que eu.

— Sobre... ?

— A coisa toda. – Vai, Felipe, caralho, desenvolve!

— Você está cansado – É, isso. Cansado é uma palavra boa – Termine o café e, se quiser, vá tomar um banho e descanse.

Vencido, valendo menos que um pinto no lixo, aceitei a proposta. Engoli o café, peguei minha mochila, entrei no banho e fiquei lá, de molho. Lendo um monte de rótulo de xampu de menina, creme disso e daquilo, sabonete com cristal esfoliante, sabonete para o rosto e sabonete de lavar lá...

Era, definitivamente, a casa dela. Tinha o jeito dela, muito branco em tudo, igual ao quarto, mas numa dimensão maior. Só a minha mochila e as minhas roupas escuras que destoavam. Que engraçado. Entrar na casa dela era como entrar na cabeça dela. Tudo tinha o jeito dela, parecia que a Bia sequer morava ali.

E eu fiquei pensando se, quando a gente morasse junto, se eu iria gostar da casa que fôssemos morar.

Daí, depois de pensar nisso, parei de ficar nervoso. Se eu já estava débil-mental o suficiente para pensar em futuros como esse, com tapetes e cortinas combinando, então não tinha nem o que duvidar nem nada, só aceitar que eu sou um cabaço bem lerdo, mais lerdo que o meu pai, porque meu pai tira essas coisas de letra, e eu sou o lesado que não percebe que gosta da prima do mesmo jeito que é gostado por ela.

Também, aparece uma menina de short curto, prometendo bola-gato, que deixa você fazer o que quiser com ela: Fica bem difícil de pensar em prima quando se tem quinze anos e doido para ir mais longe com alguém.

Depois que o encantamento passa (e ele passa, sempre passa), você percebe que o ir mais longe nem é tudo isso e que bola-gato é sensacional, mas não assim, tudo isso.

E então eu pensei no como seria o bola-gato da Dê. Uma coisa vai levando a outra e, lá na parte doentia da minha cabeça, a visão dela com a boca lá embaixo pareceu muito sensacional. Tudo isso e mais um pouco. Os olhos

claros colados em mim e a boca abertinha assim – li mais uma dúzia de vezes os rótulos dos mesmos xampus e depois saí. Até conseguir algo parecido com aquilo, vão-se eras. Eu conheço aquela lá. E acredite, vão-se eras.

Mas eu podia dar beijo. Beijo ela já tinha me dado, podia dar de novo e por isso, saí do banheiro, coitada, até a própria cama já tinha arrumado para eu deitar um pouco. Levou a sério o *muitas horas* de estrada e preparava, como a mãe dela preparava quando os Ferreiras vão nas Botelho, o quarto inteiro.

Fechava até a tampa do computador, abria espaço entre os livros da escrivaninha só para que eu pudesse colocar minha mochila ali. E eu pensando merda.

— Não se preocupa, eu durmo na sala.

— Ah, mas você vai mesmo dormir na sala – Tende piedade – Só estou arrumando o meu quarto para você dar um cochilo.

— Não quero dormir.

— Tava crente que você ia sair do banho caindo pelas tabelas...

— Até estou cansado, sim.

— Então deita, sô.

— Mas eu prefiro beijar você.

Do que ela tanto tem medo? Do que ela tanto esquiva? Menina que já beijou outro não fica assim, morta de vergonha. Baixou os olhos com o travesseiro na mão, sem sorrir, toda encurtada por causa de proposta. Não quer me beijar tudo bem, ué. Vai ser esquisito, mas não vou morrer por causa disso.

— Você quer me beijar também? – Moleque nervoso não evolui e eu evoluía. Ainda bem.

— Lipe...

— Porque eu tenho pensado em te beijar de novo desde a última vez que te beijei. – Não precisa ser como da outra vez, nós temos tempo agora. Dá tempo de você ver que eu não sou um bicho de sete cabeças, que eu não vou morder e que não vou para onde você não quiser ir.

Mas, se você quiser ir, saiba que eu sou capaz de ir bem longe.

— Então... - Avancei tirando o travesseiro da mão dela, o rosto chegando pertinho, o cheiro do xampu agora na menina, o cheiro do café e três ou quatro batidas de coração por segundo – o que você quer fazer?

É areia cinza lá dentro dos olhos dela. E ela fica vermelha de um jeito muito lindo, mas espero que este ainda não seja o melhor jeito de vê-la vermelha. A gente precisava ir devagar, eu sei, a Dê era toda lentinha, mas como ir devagar quando o que eu quero é ir muito rápido?

Coloquei uma das mãos nas costas dela, devagar, bem onde termina a bunda. Eu decorei aquela voltinha das costas de tanto que eu já olhei. A gente

fala que primo é família e os cacetes, mas quem nunca olhou primo? Ela era inteira macia e, enquanto me olhava no fundo dos olhos, eu juntei o outro braço lá naquela voltinha das costas.

Quando eu fiz isso, ela colocou a mão no meu peito, como que para me impedir, no automático. Na defensiva. Por que, Dê? Percebeu que estava com a mão em mim e ficou me olhando, nervosa. Vermelha de vergonha e muito congelada.

— Quer que eu te solte? – Por favor, tome um pouco de coragem e me responda. Daqui a pouco eu vou me sentir um idiota fazendo tudo sozinho. – Tudo bem se quiser.

— Não. – Aleluia, irmãos.

Então tudo bem se eu te beijar, né? Cheguei mais perto, sentindo a pele dela se encostar na minha e foi muito difícil manter a mão parada ali. Crescia, ninguém coordenava. Era como tinha que ser, ué. Você beija um pouco e fica com vontade de beijar mais, tem vontade de tirar as mãos das costas e passear pelo resto, sente a respiração da menina mudando e quer ver até onde ela é capaz de respirar sozinha.

Ela me beijava de olho aberto. Por quê? Fixou o olhar no meu e não parou de me beijar, meio sorria e meio me olhava e foi estranho por um tempo. Eu nunca beijei alguém que me olhasse tanto. Fechei os olhos quando entendi que aquele era o jeito dela, não tinha nada de errado com aquilo e ela me beijava de volta de um jeito que falou muito errado tanto comigo como com o resto do meu corpo.

— Põe a mão em mim, Dê. – Pedi.

— Como é que você sabia onde eu morava? – Porra de hora para tirar satisfação.

— Admirável Mundo Novo. – Respondi. O livro veio de algum lugar, né?

— Admirável?

— É. Muito. – Eu não sei dela, mas eu já não falava mais do livro.

— Mundo Novo, isso sim. – Ela também não.

— É, mas é Admirável, pelo menos?

— Muito.

— Então faz ele não ser mais novo, Dê. Me desvenda, não vou morder.

— Também não vai contar para ninguém?

— Secreto e admirável mundo novo, então.

— Admirável. – E me sorriu antes de me beijar.

Capítulo 12

Não aguentei e contei a ela que li o raio do livro. Nos sentamos na sala e eu descobri logo do quanto o colo dela era quentinho e o cafuné, o melhor do mundo. Puta mão boa, aquela menina tinha. Nocaute em três movimentos. A última coisa que eu lembro era de ela ter trocado de canal pela enésima vez, reclamando que de manhã a tevê não tinha nada de bom.

Acordei só com o meu celular berrando. Ela também tinha dormido, meu celular berrava e eu não consegui atendê-lo antes da ligação cair.

— Papai perguntando se o neném chegou, né? – E ria. Até que é bonitinha e toda meiga, mas quando dá para ser ácida...

— É, tá perguntando se você tá cuidando bem de mim.

— E está?

Vontade de te beijar até tirar seu sorrisinho da cara. É cínica e ruim também, ela. Quando dá para aprontar das suas joga culpa nas irmãs e a mãe dela acredita porque nunca, em hipótese nenhuma, a princesinha do papai apronta.

É, mas apronta. Vivia jogando a culpa na Alicinha e, quando assumia a bronca, vinha Bia para defender. Cheia das gracinhas e das palavras na metade. Quantas coisas eu não devo ter perdido só porque essa filha da mãe acha legal dizer coisas sem dizer.

E olhar sem falar, falando um monte. É, Dona Andressa. Quanto mais te conheço, menos te compro.

— Não, - respondi – vai me fazer dormir no sofá.

— Ô, dó.

Mandei uma mensagem para o pai, disse que estava tudo bem e, só por descargo no caso do vai-que, pedi que ele mandasse mensagem, mas que não ligasse mais. A mãe daria chique com uma resposta dessas, mas o pai sabia exatamente o que eu queria dizer com isso.

— Tô sacando qual é a sua. – Eu disse, quando larguei o celular.

— Não, não tá não.

— Ah, tô.

— Tá?

— Que nem – Vrau, Lipinho sem camisa, Dessa congelada, tudo igual sempre. – Se eu tiro minha camisa e mando você me desvendar, dentro da sua cabeça você está doida para isso, mas fica pensando:

“Será que eu posso mesmo?”

“Será que ele não vai rir de mim?” E, o mais engraçado de todos:

“Será que a minha mão tá gelada?”

Ela riu quando terminei de falar. Riu e escondeu o rosto nas mãos, aliviando a tensão, escondendo o vermelho engraçado diferente do vermelho-vergonha. Dê, como eu nunca reparei o quanto você é óbvia? Não está com vergonha, isso é calor, um calor diferente do calor de Sol.

Curioso.

— Eu realmente não quero ir tão rápido.

— Vai até onde quiser.

— E se isso já for ser rápido demais?

— Vai ter um dia que você vai me ver andando assim pela sua casa, Dê.

— É, Lipe, talvez, mas –

— E a sua casa também vai ser a minha.

Ela me olhava com cara de “Quem é você e o que fez com o meu primo idiota??”

— Então, - ela sorriu sem me olhar no rosto, vermelha-já-não-dava-pra-saber – posso beijar você?

Dois passos só pra frente, nenhum passo para trás. Sorri, olhando para ela que ainda não olhava para mim. É, a ideia de futuro com ela não se parece em nada com um futuro ruim.

Pelo contrário, quando coloquei a minha boca na dela e senti uma das mãos dela na minha, o futuro pareceu...

— EITA CARAL-

Ê, Bia. E deu meia-volta, graças a Deus. Vai-te embora, empata foda do caralho. A Dê se soltou de mim e, por estar de pijama ainda, contra a luz, eu via um fio até que muito bem colocado, no meio da figura dela. Calcinha preta e camisola branca, né? Dava para ver certinho a dobra das costas, a separação na bunda e imaginar todo o resto que eu não via até chegar no meio das coxas grossas que o pano não tapava. Debruçou-se para fora do apartamento e, enquanto eu colocava a camisa de novo, a vi conversando com a irmã, mas não quis ouvir nada.

Vem, capeta. A Bia me olhava com olhinhos brilhando, toda feliz, fedendo que só a porra com o jaleco branco em cima da bolsa à tiracolo, todo manchado de amarelo.

— Bia, - eu ouvi a Dê dizendo – o que é essa mancha?

— Bile de potro. Lembra do Encrecadinho, irmã? Acho que não passa dessa semana.

— Mas você falou que ele estava todo vivinho...

— Mas quem é que tá Encrecado? – Perguntei sem sair do sofá, olhando as duas.

— Ê, Ferreira – A Bia veio para cima de mim, num cumprimento – até que enfim tomou vergonha na cara, né? Jesus Amado.

— Bom te ver também, Bia.

— Ê, mas vê se toma jeito. Só o fato de você dizer que vai ligar para ela no sábado já deixa a coitadinha o dia inteiro ansiosa.

Anotado. Só faltou a Dê se pintar da cor da parede para se esconder, mas não disse nada de malcriado para a irmã, nem olhou feio. A mandou tomar banho como uma mãe que vê um filho fazer merda e me olhou como se dissesse: “Não ligue para a minha irmã, ela é doida”.

— E então, tá com fome? – Ela sorriu.

— Mas já está pensando em comer? – Respondi e ela fechou muito a cara. Tanto, que eu não entendi. Olhei no relógio do celular, era quase uma da tarde, mas eu achei que fosse bem mais cedo. O que tinha de mais em perguntar se ela já estava com fome?

— Eu aceito essa merda vinda de todo mundo, Lipe. De você, não.

— Mas, Dê, do que você tá falando?

— Ê, estou com fome. Ê, eu sou gorda. E se reclamar mais uma vez disso, dá o fora da minha casa!

Quê? Da água para o vinho em uma sentença? Eu só perguntei se ela estava... Ah. Por favor, não comece. É muito para a minha cabeça essa neura das meninas. Quer dizer, eu tenho olhos, sabe? Eu sei que ela é gorda, não tem como esconder isso.

O problema é... ela perguntou para mim o que eu acho disso?

— Você quer que eu dê o fora, eu dou o fora, mas não inventa desculpa, não. – Respondi. – Eu achei que era muito mais cedo, só isso.

— Tá, que seja.

— Até porque tá linda essa calcinha preta atolada no rabo.

Ela com vergonha era melhor que ela com pedra na mão. Tanto medo, tanta defensiva. Até parece que estamos em guerra. Eu não merecia ser tratado assim, não fiz nada, pelo contrário, fui tão bobo que coloquei a camisa de novo e não insisti.

A vi se voltar para o fogão, descascar alho, colocar tudo na panela e depois desisti de olhar. Já tinha perdido muito a graça quando a irmã dela chegou, e, depois da puxada de faca sem necessidade, então, foi-se toda.

Cacei coisa para assistir e só via lixo. Canal de tevê aberta na hora do almoço num sábado é só desgrça. Nada que preste. Sentindo o apartamento inteiro cheirando a alho frito a minha barriga se abriu num abismo. Ouvi a Bia sair do banho e se sentar do meu lado, se juntando comigo no sofá.

— Cê sabe que a Dê é coisada com o corpo. – A Bia me cochichou.

Ouviu a conversa toda ainda, a demônia.

— Isso não é problema meu.

— Não é, mas passa a ser. Não faz ela se sentir pior.

— Mas eu não –

— Shiiiiiu – Pediu. A Dê sabia que nós conversávamos aos cochichos, não era possível. – Eu conheço você, Lipe, tá tudo bem. A Dê tá com medo de você ir embora e ela ficar pior. Se acalma, entra no ritmo dela.

— Você bem que podia ser menos abelhuda, Bia.

— Até podia, mas quem ia cuidar da minha irmã? – E me sorriu – Eu não vou ficar aqui por muito tempo, mas pega leve. Passei só para almoçar com a Dê e pegar roupa limpa, vou virar de plantão até sabe Deus.

— E você quer que eu faça o quê?

— A Dê é igual gato. Fica agressiva se sentir o território ameaçado. *Vai sem pressa.*

E saiu de perto de mim, cumprimentando a irmã com beijo, toda cheia de dengo. Dos dez quilos que disse, não entendi nem cem gramas.

Só mais tarde, depois do almoço, depois que a Bia foi embora, só depois de muito tempo foi que a Dê pediu desculpa por ter me entendido errado. Víamos Laranja Mecânica, um filme violento pra burro, meio chato e de mesmo nome que o próximo livro que ela me obrigaria a ler. Disse que tinha diferenças brutais, igual todo filme tem quando é adaptado de livro, mas eu, que nunca lia os livros, achava os filmes, fossem quais fossem, até que bacaninhas.

Isso quando eu tinha paciência de ficar duas horas olhando a tela, né, porque na maioria das vezes a minha cabeça funcionava bem rápido e eu só queria saber quem é que matou quem, nem fazia questão de todo o suspense e horror por detrás.

— Desculpa, tá?

Eu já viajando sobre os planetas, pensando o que tem dentro dos buracos negros.

— Desculpa de quê?

— De ter brigado com você na hora do almoço.

— Ah, - rebobinei a fita e entendi do que ela estava falando. – Tudo bem. Ofendeu na hora, mas... já foi.

— Tá, mas me desculpa?

— Prefiro assim – E é verdade – Não gostou, já vai e tira satisfação, não fica guardando, não. Senão vou chegar aqui da próxima vez, doido para te ver e

você vai começar com uma ladainha de “Ain, você disse isso”, “Ain, você disse aquilo”.

— Próxima vez?

— É, quando der para você e para mim, por que não? A não ser que você não queira, né.

— Ai, Lipe, por favor.

— Mas, sério, agora. Tava linda a calcinha atolada no rabo, não sei porque trocou de roupa.

— UM: Eu não podia passar o dia de pijama, né? DOIS: Não tava atolada!!

— Pera aí: - Laranja Mecânica comendo solto na tevê e eu catando o celular do bolso para ligar para a irmã dela – vamos ligar para a Bianca e ela vai dizer que sua calcinha estava sim atolada.

— Puta que me pariu, LIPE!

— ‘Péra, você trocou de calcinha?

— Não é da sua conta!

— Então prova que não tá atolada. Tira a calça, deixa eu ver!

— Mas, ô, bicho abusado!

É, vai ser legal namorar com ela. Eu ria de olhar a cara dela toda brava dando satisfação da própria calcinha. Se a Dê tivesse tido a audácia de baixar a calça na minha frente só para provar que não estava atolada, eu a tinha pedido em casamento ali mesmo.

Só, que para uma garota que se embrulha de vergonha com um menino sem camisa na frente dela, uma Dê baixando a calça era um sonho muito impossível.

Mas um Lipe sem camisa e metendo a mão no corpo dela era um sonho muito do possível. Talvez um sonho audacioso, mas completamente possível. Dei graças a Deus por a gente não estar mais assistindo raio de filme chato do cacete e me virei todo para ela.

— Eu vou dizer isso só mais uma vez:

— Lá vem: – E ria, a Maldita.

— Me desvenda, Dê. Perde o medo de mim.

— Sua cara de pau não tem limite, não?

— Ter, tem.

— Ah, que bom.

— ... Mas eu me supero.

E ela ria. Não era um contexto ultrassensual cheio de diálogo perfeito, eram mais dois moleques brincando com limites. Ela ria olhando da minha boca para os meus olhos, riu até só sobrar um sorriso, até acabar o sorriso e depois só

me olhar na boca. Me queria beijando, mas não tinha coragem de me pedir.

Deixei que visse. Aos poucos eu entendia que ela era toda feita de olhar. Fechou os lábios para dentro da boca, virada para mim, olhando para o meu rosto e disse a coisa mais besta que eu já ouvi na vida:

— Suas sobrancelhas são muito idiotas.

— Ah, que amor.

— Mas eu gosto delas.

— Bom, não tem nada em você que eu ache idiota.

— Nada?

— Nada, ué.

— Suas sobrancelhas estão bonitas, agora.

— É... tá, né.

— Eu gosto do como elas ficam quando você me beija.

Eu juro que eu não a embeguei nem ameacei sua família para ouvir isso.

— É por isso que você me beija de olho aberto? – Perguntei.

— Por causa disso e dos seus cílios. Eu gosto deles também.

Nem escondi o sorriso.

— Ok, agora elas estão pornográficas.

— Você gosta delas assim?

Nem ela escondeu.

Era diferente beijar e ser olhado. Me beijava de olho aberto, inteira me olhando, quase encantada. Era diferente ser beijado e admirado tanto assim. Tinha brilho nos olhos dela, um jeito de menina e um estalo meio mágico, meio tonto que só tinha com ela.

Engraçado.

— Sério, agora: Posso dormir na sua cama?

— Posso confiar em você quanto a isso?

— Ué, tá achando que eu sou o quê?

— Você já foi onde eu ainda não fui, Lipe. Só isso.

— Dê, eu sou virgem. – E por que ela gostou tanto de saber?

— Você é??

— Não era mais para eu ser, tô sabendo, mas, sei lá. Fiquei.

— Jurava que não era.

— Todo o resto eu já fiz, só não... você sabe.

— Todo o resto o quê?

Eu não acredito que ela me perguntou isso.

— Vou te mostrar.

— Não, eu não quero.

— Calma, menina.

De fato, dormimos na mesma cama. Nem sei, até hoje, se os pais dela sabem que eu dormi lá. A Bia não dormiu em casa, apagamos todas as luzes e nos deitamos. Um puta clima estranho. Parecia que eu podia ouvir essa menina falando que me queria fora dali.

Aos poucos, com o silêncio do quarto, os cheiros começaram a me deixar bem mal. Primeiro dos travesseiros, cheiro meio de mulher, meio de menina, um milhão de cremes. Depois o cheiro do cabelo dela no travesseiro do lado, o cheiro morno do pescoço dela, o barulho da respiração. Deus bem que podia ter me dado visão para ver no escuro só para ter certeza de que ela estava vermelha de calor, não de vergonha.

Com o corpo dela bem perto do meu, eu nem encostei nela quem queria ser encostado. Compostura, né? Só não deu muito certo quando ela quis se encaixar mais na conchinha e se encostou em quem queria ser encostado. Lembrei da calcinha atolada, da curva das costas, de que tudo aquilo estava encostado e muito perto e não dei muito certo de dar conta.

Com o braço por cima dela eu até conseguia ser um Lipinho muito do Lindinho, coisa mais casta e bestinha, mas não deu muito certo com ela encostada, não. Eu sei que é bonitinho quando um casalzinho bem meloso fica se abraçando de ladinho, mas na vida real isso dá uma ereção do cão e aí você fica pensando: Ok, é só a bunda dela, e daí? Tá tudo certo, tá tudo sob controle, o mundo ainda é uma bola girando ao redor do sol e de repente tudo o que você quer fazer é se encostar mais e mais e mais...

Daí é ela se virando de frente para mim, o mundo escuro, a boca dela na minha, a minha ereção falando: vai lá, campeão, aproveita! e a sua consciência falando: ela não sabe que você está assim, acha que está só te beijando, manera, fica na sua.

Mas logo é ela respirando com calor, a barriga colada na sua, o calor das pernas dela no seu calor e estão os dois, bobos como só os virgens ficam, passando uma vontade do caralho enquanto fingem que estão só se beijando.

Capítulo 13

Dei tchau para o Lipe na rodoviária e me derreti toda de vê-lo com Laranja Mecânica na mão. *Pra você não beijar mais um cara que não lê.* Eu lembrava dele falando. Deu um tchauzinho da janela, vi a traseira do ônibus sair da rodoviária e voltei, de ônibus, para casa.

O presente de aniversário mais legal de todos, esse. Surpresa para mim. Eu podia ter sido menos medrosa e tê-lo aceitado sem camisa, fazendo coisas que para a Dê da época eram novas, mas eu não era assim, eu não conseguia fingir costume numa coisa que nunca aconteceu antes.

E não me senti culpada, também. Podia ter me culpado de não ter feito mais coisas com um menino que passou mais de seis horas no ônibus só para me ver, mas eu acho que ele não veio para a minha casa para isso. Veio porque queria me ver, né?

E isso me deixou com o sorriso colado no rosto pelo resto da semana. Quarta-feira, meu aniversário (Dezoito anos, finalmente!) ganhei flor de verdade, um buquê todo enfeitado, de butique, um cartão dizendo:

Desculpa te mandar flor de marca, eles não vendem flor de canteiro.

Mandei mensagem agradecendo pelo presente, sem saber se ele estava ocupado e se podia ligar. Sorri quando vi que ele estava online e que podia atender.

Aos poucos meu medo do “quem-liga-para-quem” sumia. Ver a Bia bêbada daquele jeito, é feio falar, mas aprendi uma lição com ela naquele estado. Se ela, que mete a cara, que sai fazendo e nunca pergunta nada a ninguém, se ferra de vez em quando, imagina eu, que nunca faço nada por medo de me machucar?

A partir daquele dia eu passei a fazer mais. Claro, eu nunca vou fazer nada sem pensar, eu sou a coisinha chata e analítica, que pensa mil vezes, mensura quedas, só depois é que se atreve, mas, pelo menos, aos poucos, eu parava de só pensar e começava a fazer.

É bobo, eu sei, mas eu ligar e não temer ser rejeitada era uma mini vitória. Liguei para ele quando o vi online, ele desligou sem me atender e mandou mensagem “espera aí”.

— Olá, Aniversariante – Ele disse, de costas para uma porta de vidro automática.

— Você me dando Olá, que milagre.

— É, é seu aniversário – E sorria de costas para o Sol – Você merece.

— Bem sua cara me dar “Oi” de aniversário. – E troquei de assunto –

Obrigada pelas flores.

— Ritual mantido, senhora.

— Pois é, senhor, o mundo vai girar certinho por sua causa.

— E eu que sou o ruim! Peraí – A câmera do celular dele tremeu muito, muito mesmo, depois o vi trocar de cenário. Ele de frente para o Sol, lindo de morrer, de costas para uma parede de tijolinho – O Sol tava queimando minha nuca.

— Você não é ruim, Lipe. Também não é bom, mas não é ruim.

— Uau, que amor.

Quando o assunto morria a gente tinha a mania de não começar outro. Ficávamos nos olhando em silêncio, meio namorando o outro, sorrindo para a visão que tínhamos. Ele sorria e não dizia nada, mas eu entendia que tinha saudades. Eu também tinha e, mesmo só abrindo a boca para rir da cara do outro, a gente no silêncio acabava se declarando sem querer.

— Desculpa não estar aí.

— Uai, mas não tem problema.

— É, eu sei – E baixava o olho, fechando a boca, meio tristonho – Mas queria.

— Você vai na minha mãe na páscoa?

— Possível. – Me disse, calculando quando era a páscoa e quando é que a gente ia se ver de novo – Falta uns quinze dias, né?

— É, por aí.

— Vou ver com o pai. Capaz que sim, né, a gente sempre vai.

— É.

— Se eu for, – E se juntou mais perto da câmera, riso de moleque que vai propor esquema doido, falando baixinho e sem um pinga de vergonha na cara lisa – você vai deixar eu dormir na sua cama de novo!

— MAS NEM – e parei de falar alto porque ele começou a rir – Nem que a vaca tussa! Minha Nossa Senhora, o que meu pai vai dizer se pega você na minha cama? Lipe, você ficou louco?

— E você vai ficar adulta sem nunca mentir para o seu pai?

— Não tem porquê mentir pra ele!

— Por que você ficou adolescente então, caralho?

Falando assim, eu realmente não usei muito da minha adolescência. Parte dela passei sonhando com o Lipe e a outra parte, passei fazendo planilha e agendando compromissos do meu pai.

— Você vai, em nome dos nossos netos e das histórias que você vai contar a eles, fazer uma besteira às costas do seu pai.

— Tá bom, viu, Ferreira? Vai sonhando. – *Nossos Netos*, ele disse.

— Uminha só.

— Não. Quantas merdas você fez às costas do seu pai?

— Do meu pai nunca, mas da minha mãe... - Todo invertido. Geralmente nas famílias são as mães que acobertam filhos e pais que castigam. Na dele, tudo ao contrário. O pai dá linha para fazer besteira e a mãe dorme com a chinela na mão. – A última foi ir aí te ver.

— Sua mãe não sabia?

— Ih, ainda não sabe.

Eu fiquei um bom tempo pensando sem falar nada. Eu já fiz uma besteira às costas do meu pai.

— Dê, o que foi?

— Lipe, eu já fiz uma besteirona pelas costas do meu pai.

— Que foi... ?

— Eu não contei para ele que você veio aqui e nem falei que você dormiu aqui!

— Uia, é mesmo. – E sorria. – Ah, então tá beleza, quem faz uma besteira, faz duas. Te prepara para a Páscoa que a sua cama é minha.

O que exatamente ele quis dizer, não sei. Podia ser o de sempre, alguma besteira idiota bem Lipinho Lindo, coisa do tipo “fica esperta ou roubo sua cama” ou uma coisa muito pior:

Algo como “se prepara que eu vou usar *você* na *sua cama*”.

De todo jeito, isso ficou em suspenso. A Bia ligou e eu coloquei, depois de avisar, é claro, o Lipe em espera.

Atendi:

— Bia?

— Mana, eu sei, hoje é seu dia, te amo muito e te faço um bolo quando chegar.

— O que foi que aconteceu???

— Me ajuda, eu não sei o que fazer e você é melhor nisso do que eu.

— O que foi??????

— Sabe meu Encrecadinho?

— Hã.

— O dono dele quer eutanásia.

— O quê? – Mais: o que eu tenho a ver com isso?!

— Eu fiquei doida, o cara queria matar o bicho porque tá caro, eu não aguentei, eu fiz aquele potrinho nascer, eu cuidei da gestação todinha, ele era meu, eu não pude ficar olhando ele matar meu bichin.

— Bia: o que foi que aconteceu?

— Eles estão querendo me levar para a delegacia.

— QUÊ??

— Vem aqui, não fala nada para o pai, tá tudo uma merda porque o dono dele ficou bravo.

— Por que ele tá bravo?

— Roubei o Encrencadinho.

Isso era tão a cara da minha irmã, tão a cara dela, que eu devia nem ter me abalado. O que uma moça faria com um cavalo doente na rua, roubado, sem nem ter para onde ir, isso nem a Bia sabia, mas lá estava ela, quase na delegacia, deixando os outros bravos, fazendo as coisas do jeito dela e sem pensar.

— Eu sei, eu sei, fiz merda, mas o que você queria, caralho? O cara ia matar ele, nem fodendo que eu ia assinar a eutanásia e aceitar uma coisa dessas.

— Bia, você sabe a merda que você fez?

— Não me dá bronca.

— Minha Nossa Senhora...

— Vem para cá, me ajuda pelo amor de Deus.

— Tô indo. Não faz nada, não piora as coisas.

Desligou e a ligação voltou para o Lipe automaticamente.

— Taí? – Ele perguntou.

Demorei para responder porque a minha cabeça girava em trezentos e sessenta graus, procurando o que fazer. Olhava para ele e não o via. A Bia ia pegar esse cavalo e fazer o que com ele? Trazê-lo para cá? A gente evita pegar taxi, evita sair para comer, evita gastar dinheiro demais porque todo o nosso orçamento vem do pai, então como ela planeja arcar com os custos de um cavalo que vai morrer porque está caro?

O Lipe me chamou mais duas vezes, mas eu só funcionava por dentro. Eu precisava de um aliado forte, influente no ramo, alguém que fosse acalmar o dono do bicho roubado e que fosse ajudar a gente a cuidar do Encrenca.

Tio Carlos. Tio Carlos tem gado leiteiro, é Ferreira em Poços de Caldas, todo mundo sabe quem é Ferreira e Botelho, do requeijão. Tem reputação. Só que eu não podia falar para o Tio Carlos o que estava acontecendo porque isso ia direto para a orelha do pai, então eu fiz o óbvio.

Me vesti como se eu fosse a representante dos Botelho. Inteirinha vestida de CEO, a minha carinha de menina não enganaria ninguém, mas se eu empinasse o peito e o nariz, podia fazer dar certo.

Ou, podia ir para a cadeia também, vai saber. Me vesti o melhor e o mais rápido que pude, larguei o celular, coitado do Lipe, enfiei a carteira numa bolsa chique, um vestido, sandália e blazer e fui, o coração pequenininho do tamanho de uma ervilha.

Fui para o hospital. Falei que eu era irmã da veterinária Botelho, a

repcionista me olhou de cima a baixo, continuei com o nariz empinado e os olhos firmes, as mãos enfiadas dentro do bolso para não dar na cara que eu tremia. Fui guiada para dentro das alas, seguindo atrás de uma chatinha que talvez não fosse nem um pouco com a cara da minha irmã.

Vi uma sala cheia de homem parrudo de bota e chapéu, tudo criador de cavalo da região e depois, lá no fundo, a minha irmã sentada sozinha com o diretor do hospital.

Não entrei. Nenhum dos dois tinham me visto e eu sabia que se entrasse naquela sala eu teria que assumir a responsabilidade do caso, a Bia seria a culpada, demitida, talvez suspensa da faculdade. O Diretor do hospital queria colocar a culpa em alguém e esse alguém seria a Bia.

Ou seja, eu tinha que resolver aquilo antes de chegar nas mãos do Diretor, já entregar a ele qualquer solução melhor que a ideia de expulsar a minha Bia do hospital e fichá-la na polícia. Voltei para a sala de espera cheio de homem de chapéu e fingi que sabia do que ia falar:

— Mas quem é o dono do cavalo asmático na fila da eutanásia?

Meio dentro e meio fora da sala de espera, cinco chapéus voltaram-se para mim, mas só um deles se moveu. Cinco homens fantasiados de fazendeiros, talvez todos eles herdeiros de terras aradas por escravos. Nenhum deles, estava na cara, se deu ao trabalho de construir um império do mesmo jeito que os Ferreiras mais Antigos construíram e do jeito que meu pai também construía.

Ali, olhando a cara daquele sujeitinho que achava certo matar um cavalo porque estava caro enquanto usava bota e chapéu mais caro que muito carro popular, eu esquentei. Tinha dinheiro, o filho da mãe, o que não tinha era vergonha na cara.

No dentro e fora da sala, não habitando nenhum lugar, a pressão de livrar a cara da minha irmã, o medo de o pai ficar sabendo, tudinho misturado. Vai, Botelho. Faz bem daquele jeito que o pai ensinou. Respira fundo, lembra que está vestida à caráter e não faça feio!

Querido, você não vai ferrar com a minha irmã porque eu ferro com você primeiro.

Eu estava do lado certo. Enfiada na roupa certa, mascarada para parecer importante, tanto fazia a minha roupa, ou meu cabelo, ou meus anos. Fortaleza, lembra? Eu, ali. O primeiro bloquinho da fortaleza foi erguido quando colocaram a minha irmã, a feita para atacar, na defensiva. E com família minha ninguém mexe.

— Eu sou Dono do Altair Real. — Disse o sujeito de botas, o peito de pombo erguido e estirado para fora do tronco, todo cheio de razão que não era a dele.

— Era. — Todo o dinheiro que eu tinha na bolsa eram cinquenta reais. Tirei de dentro da carteira e estendi a ele — Estou comprando o bicho.

Era um ultraje, claro que era. Primeiro a irmã mais velha rouba o cavalo dele e a mais nova tenta comprá-lo por cinquenta reais. Ele olhou para o dinheiro como se eu estivesse segurando um rato morto e me olhou com tanta raiva que, se eu tivesse um décimo a menos da certeza que eu tinha, tinha caído mortinha.

— Você acha que isso é uma brincadeira?!

— Você deve achar — E respondona, ainda. — O senhor quem tá querendo matar um cavalo perfeitamente tratável, só pode achar que criar cavalo é brincadeira de moleque.

— Menina, você sabe quanto custa o tratamento?!

— Se fosse seu filho o senhor ia mandar matá-lo também?

— Filho é outra coisa, não mistura.

— Pois é, para a minha irmã, a veterinária que o senhor quer ver presa, é tudo a mesma coisa. Filho e cavalo não têm distinção.

— Eu não vou dar o cavalo para ela, ela já pediu, não faço caridade, isso é negócio, não é casinha de boneca não, tá me ouvindo?

— Cinquenta reais tá bem pago — E continuei com todo o meu dinheiro estendido. — Isso não se faz, não tá certo, não é só negócio, é a vida de um cavalo que tá em jogo, é o trabalho da minha irmã, se orienta, tira o cifrão de cima de um cavalinho doente.

— Prefiro pagar a eutanásia, nota por nota.

E eu falaria o que, depois daquilo? Ele tinha o direito de matar o bicho, era dele, ele faria o que quisesse.

— Eu assumo o tratamento do bicho daqui para frente — Guardei a nota na bolsa, barganhando, vencida. — Deixa o cavalo aqui e vai embora, que eu assumo tanto o que você deve do tratamento, quanto o que ainda vai gastar com ele. Só me dá o cavalo e vai embora.

— Por dez mil reais eu vou embora.

— O quê?

— Quem quer rir, faz rir. — Essa é a frase que eu mais odeio no mundo.

— Você sabe com quem está falando? — Sinto muito, precisei dar carteirada.

— Nem me interessa.

— Se você não for embora daqui em cinco minutos eu vou fazer o diabo com a sua vida. Sabe o prefeito? — E puxei o celular, mentira mais bem contada que a minha, na hora, não tinha — Espero que suas dívidas estejam bem pagas, senão eu coloco um auditor fiscal na sua fazenda em duas horas!

— Você não tem poder para isso.

— Já ouviu falar nas Botelho, meu querido? – Com um pouco de esforço eu podia usar os contatos do meu pai para chegar ao prefeito de Belo Horizonte e ligar para ele só para dar oi, mas colocar um Auditor da Receita na fazenda dele, isso, jamais.

Só que ele não sabia, né? Ainda bem.

— Em cada supermercado, em cada venda da esquina, na sua geladeira mesmo tem um queijo e um requeijão da minha marca. Acha que a gente conseguiu isso só sorrindo e acenando? Meu bem, eu tô te falando, cata seu banquinho e dá o fora.

E ele permaneceu, mas alguma coisa na pessoa dele enfraquecia. Tinha coisas a dever para a prefeitura ou para a Receita. Caixa dois, importação clandestina, algum cavalo com as vacinas atrasadas? *Sim*, talvez para tudo.

— Vai pagar para ver, né? Ok. – E agora, o que eu faço? Disquei qualquer sequência de oito números e coloquei o celular na orelha: - Clélia, Oi, tudo bem? Aqui é Andressa Botelho, como vai? O Josias está?

Josias era o único nome de prefeito de Belo Horizonte que eu lembrava.

— Espera. – O velho de chapéu disse. – Tudo bem, vou deixar para lá.

— Espera um minutinho, Clélia – E ainda fiz a esnobe. – O que foi que disse?

— Pode ficar com o cavalo, arque com as contas, tanto faz.

— Você tem certeza? – Sorri, queria sorrir muito, mas sorri só um pouquinho – Por mim, para falar com o prefeito é só um pulo.

— Fique com o cavalo. – Disse, pegando o celular e a carteira de cima da mesa, a um décimo da potência e arrogância de antes, me olhando encrespado.

E foi embora arrastando mais dois homens consigo, deixando dois na sala. Só guardei o telefone na bolsa, não tinha nem Clélia, nem Josias na linha, de todo jeito.

— Só para constar: - Disse o mais alto dos dois homens que ficaram na sala, levantando um pouquinho do chapéu, bem coisa de filme de faroeste – Josias não é mais o prefeito de Belo Horizonte. Virou o ano, quem tá na prefeitura é a Maria da Conceição. Josias perdeu no segundo turno.

— Tanto faz. – Eu voto em Poços de Caldas, de Belo Horizonte não sei nada – Serviu para aquele filho da mãe baixar a crina e falar direito comigo.

— Meu nome é Jorge – Ele disse, se levantando num sorriso charmoso, estendendo a mão num cumprimento – Tinha que ser irmã da Botelho.

— Andressa. – Irmã da Botelho não, eu tenho um nome.

— Tem lugar para essa sua fala mansa na minha fazenda – Ele sorria e tinha os dentes mais perfeitos e a boca mais bem desenhada que eu já vi. Meu Deus, por que esse homem não cai nas graças da minha irmã logo de uma vez?

Olha que homão que ele era. – Com a outra eu nem tento mais, cansei de pedir, mas você, por favor, considera a oferta. Eu tô precisando de alguém que coloque meus clientes na linha.

— Esquece, eu não sirvo de babá.

— Eu sei, Tinhosa, se acalma. – E sorria de um jeitão duro, todo montado na bota e no chapéu e, enquanto o vozeirão grosso saía da boca dele, eu me perguntava como foi que a minha irmã, logo a Bia, não montou nele ainda. – Pega meu cartão, eu tenho uma oferta boa para te fazer e você vai ter que arcar com os custos do potro, de todo jeito.

Olhei o cartão: *Jockey de São Paulo?*

— Dá uma ligada até o fim de semana. – E saiu seguido do outro sujeito de chapéu.

Capítulo 14

É teu. Foi essa a primeira coisa que eu queria dizer à minha irmã. Olhar para o rosto congelado sem esperança e dizer, com todas as letras. *É teu*. E vai fazer o que quiser com ele, inclusive criar na sala de casa, no nosso apartamento, dormir com ele na cama, tratá-lo como um bebê e dormir no lombo. É teu. Ela ainda estava na sala do Diretor, toda chorosa, os olhos inchados, as costas da mão toda molhada. Sentada ereta na cadeira, o jaleco branco, os cabelos amarrados na trança de todo dia.

De todas as vezes que a Bia me salvou e não me deixou cair, me segurou a cabeça para que eu não chorasse, de todas as besteiras que fez e nunca quis me contar, aquela foi a única vez que a vi pequena. Entalada num cubículo miúdo sem vida, corporativo sem graça, paredes de escritório e mesa de ofício, olhada por um Diretor de hospital com jeito de quem nunca lidou com bicho na vida. Tudo o que eu via era a minha irmã sofrendo na jaula. Quietinha. Sem choro e sem socorro.

É assim que você gosta de trabalhar, Bia, domesticada? Te dizem não e você senta no cantinho para chorar? É assim que eu percebo, olhando a minha irmã fazer o que eu fiz a vida inteira, que não posso mais ser menina de me esconder. A mudança assusta. Dá arrepio pensar que vou abandonar o que eu fui a vida inteira.

Orgulhosa de mim e mortinha de medo, na mesma proporção.

E ver minha irmã no meu papel, chorando de cantinho, que eu entendi que aquela mocinha chorona era só um medo abissal de falhar. Um medo de ser rejeitada, preterida, ignorada.

Ora, e eu já não era ignorada por sentar e chorar? E eu já não era rejeitada por me esconder num cantinho escuro e me derramar? Olhando a Bia interpretar o meu papel foi que eu entendi, por exclusão, que aquele papel não era o meu.

Eu não sou moça de me esconder. Meu pai não me colocava muitas vezes na cabeça da queijaria para eu me esconder e chorar. Eu não passei em primeiro para me esconder atrás de um primo que passou no ITA. Eu sou eu. Com as falhas e os defeitos e os jeitinhos tontos de esquivar do que realmente quero dizer.

Abri a boca para falar, dizer para a minha irmã que o Encrenca não vai morrer. Não houve voz. Ela olhava a minha mudez e escolhia entender a pior das respostas. Entendia tudo trocado. Me abraçou já chorando muito, toda quebradinha. Minha irmã é do mato, da grama, do feno. Não é cavalo de

redondel.

E por que se esconder numa saleta assinando culpas que não são suas?

Fico me perguntando, enquanto defino quem é minha irmã, que tipo de cavalo eu sou.

Vai ver não sou cavalo.

— Não chora, Bia...

— Mana, eu sei que você fez o que você pôde... - E chorava, a coitadinha.

— Exato, eu fiz o que eu pude. – Pai ensinou a gente a domar o mundo para fazê-lo rodar do jeitinho que a gente quiser, não foi? Pois é, fiz o que pude. Aos trancos e barrancos.

— Ai, Dê... Como eu vou cuidar da eutanásia do meu bichinho... ?

— É teu. – Eu disse. O cavalo é teu, Bia. Era isso o que eu queria dizer. É teu o bicho, Bia. Vai, vai lá dar um beijão nele.

— O que é meu?

— Encrenquinha é teu, o moço deu ele para a gente.

— É sério?

— Licença, você é... ?

Licença você, Diretor de hospital. Você pode ser quem quiser, dono do mundo, não me interessa. Na hora que eu estiver falando com a minha irmã, você é secundário.

— É sério. – Respondi, ignorando o almofadinha.

— Sério, sério?

— Super sério.

— Eita, caralha. – E domou as lágrimas com um sorriso – De verdade?

— Todinho seu, Bia.

— Eu te amo tanto, mana... ! Eu te amo tanto!

E me abraçava quase dando pulinhos. Era a Bia? Me segurando pelas mãos, me beijou o rosto e tremia de nervosa. Voltava para a cor de sempre, me sorria alegre, me beijava o rosto e, depois, me empurrou para a baia do tal Encrenca que recebia todos os diminutivos carinhosos do mundo.

— Ói, mana, que coismailinda!

Era um potrinho mirrado, todo branquinho. Deitadinho debaixo de um cobertor infantil todo desenhado, talvez coisa da Bia, dormia. Uma jaula de plástico muito limpa, sem qualquer pista de que servia para cavalos e não para humanos. Colocassem uma mesa e um computador naquela baia e dirão que é qualquer mesa de atendente de telemarketing.

— Ele não morre hoje?

— Não. – Repeti. – É todo seu.

— Todas as contas agora sou eu quem arco, né?

— Não, todas não. Algumas são minhas.

— Dê...

— É nosso, Bia. Se acalma, a gente aperta o cinto lá em casa e faz o dinheiro sobrar. A briga é nossa, a gente coloca esse cavalinho em pé em dois tempos.

— Vai demorar mais de seis meses até ele sair daqui, Dê. Você não tem obrigação nenhuma de arcar com esta responsabilidade.

— Tudo bem. – E estava tudo bem, mesmo. A briga era nossa e, se a briga envolvia um pouco de dinheiro, um acordo nosso de aperto de cintos, tudo bem, era um preço justo.

O grande cenário da coisa, entendi logo, é que o cavalo era da Bia.

Só que o mundo era meu.

E eu gostei demais de entender que eu podia ter o mundo se deixasse de chorar no cantinho só para não sofrer rejeição. Gosto que você aprende e vicia logo, faca de dois gumes que ainda vai me induzir a fazer burrada atrás de burrada.

Naquele dia, peitando cowboy mais falso que nota de três reais, metendo a carteirada neles como se eu fosse alguém importante, que eu entendi que as pessoas recuam quando não sabem com o que estão lidando. E que outras pessoas vão te ver com o dobro do seu tamanho justamente porque não sabem o quanto você mede.

Depois, dias depois, procurei saber qual era o nome do dono do Encrenca. E só para não soar como ameaça sem fundamento, fiz uma denúncia anônima sobre caixa dois na Secretaria da Fazenda e outra para uma ONG que cuida de Equinos.

Logo veio a notícia no jornal: *“Fazendeiro é acusado de maus tratos e alimentar cavalos com carcaças de cachorro”*. Pois é, ruim assim. Se fui eu quem deu início a esta descoberta, não sei, mas gosto de acreditar que sim.

Contei ao Lipe sobre a minha empreitada logo que saí dali. Era tarde, ele devia estar ocupado com outras coisas, mas eu não aguentei, precisei contar ao meu melhor amigo, precisei tê-lo do meu lado. Conforme a gente se distanciava fisicamente, se aproximava mentalmente. Nos ligávamos para contar das notas, dos avanços, dos fracassos, das frustrações e contava que o outro atendesse e, se não pudesse atender, retornaria assim que possível.

Naquela noite eu precisava de alguém comigo. Deixei a Bia no hospital e voltei para casa com os ônibus ainda rodando, nem precisei gastar aqueles cinquenta reais. Entrei em casa, larguei as chaves no porta-chaves perto da porta e voltei para o meu quarto.

— Dê, está tudo bem?

— Está.

— Tem certeza? Você desligou na minha cara depois que a sua irmã ligou.

— Foi? – Nem percebi. Olhando para a carinha dele, toda preocupada, sorri pensando que foi isso mesmo, desliguei na cara dele. – Desculpa, Amor.

Saiu. Falei primeiro. Estava tão cheia de coisas na cabeça, que saiu, ele ouviu, sorriu, mas então eu comecei um discurso atropelado de como as coisas se sucederam e ele só sorria, me olhando daquele jeito silencioso que a gente se olha quanto tá se amando muito.

E cada vez que eu lembro dele sorrindo para mim, comemorando comigo o pequeno gigantesco passo, eu me derreto. Fazia sentido eu tê-lo amado a vida toda, combinava com um estereótipo de príncipe perfeito que nunca abandona os seus. Combinava com o meu primo e o meu amigo junto com o menino que me deixa com vergonha e calor, tudo ao mesmo tempo.

Contar para ele me fez comemorar mais, porque ele via com olhos de guerra ganha o que eu via só como um passinho minúsculo. Ele vibrava falando do cavaleiro e do como a Bia deve ter ficado feliz, todo alegre e orgulhoso de mim. Logo de mim, que nunca consegui ficar feliz com as minhas próprias batalhas vencidas.

Pelos olhos dele eu consegui ficar mais feliz e não via só como um dever de me afastar da mocinha encolhida num cantinho. Talvez fosse o dever de crescer mesmo, o deixar de chorar e arregaçar as mangas, mas ele me fazia ver que mesmo sendo um dever, era a minha vitória particular que ele sabia que eu precisava vencer.

— Eu estou feliz que você tenha ligado para me contar.

“Eu estou feliz que” é muito coisa do Lipe. Ele sempre diz isso para os outros e eu amo isso nele. Sempre amei.

— É, - respondeu meu lado ainda muito eufórico – eu só saí de lá pensando em te ligar, quase que não aguento chegar em casa.

— Obrigado por dividir isso comigo.

— Obrigada por ficar feliz por mim. – Agradei, desmanchada, toda boba de novo.

Ficamos quietos, os dois, sorrindo dos nossos lados do telefone, sem conversa para manter, mas doidos para nos conversarmos mais.

— Um moço do Jockey de São Paulo me ofereceu um emprego. – Mudei de assunto.

— Ué, daqui de São Paulo? Que doido.

— Nem fala, eu não entendi direito o que ele queria, mas ele me deu um

cartão.

— Há alguma chance de você aceitar o emprego?

— Bom, o tratamento do Encrenquinha vai sair caro.

— Mas você larga as coisas daí e vem para cá?

— Ai, Lipe, claro que não, minha vida é aqui, em Minas!

— Ah.

Eu ouvi um lamento nesse “ah”???

— De qualquer forma, não importa o que você precise, você sabe que pode contar comigo, né? – Ele retomou – Só não me pede para catar cocô de cavalo que isso eu não faço!

— Ai, credo, nem eu!

— Tá aí, toda feliz de salvar um cavalinho, mas bosta de cavalo você não cata, Dona Andressa?

— Uai, foi legal salvá-lo.

— Então... ?

— Mas o legal mesmo foi botar medo em homem feito!

— Isso é tão a sua cara, Dê...

— O quê?

— Você engana todo mundo com esse jeitinho doce e meigo, mas qualquer um que te compra se fode. De doce você só tem a capa, por dentro... VISH.

— Ai, Lipe, credo.

— Mas é, Dê. Não tô falando que é ruim.

— Falando assim parece que eu sou mentirosa e duas-caras.

— Eu quero saber o que tem debaixo da capa doce, Dê.

Banha e váááárias celulites.

— É sério. – E ele falava sério – Eu quero saber o que tem por baixo da capa doce. Gosto quando você fala das suas conquistas e dos seus sonhos, eu só consigo imaginar no como você vai ser.

— É?

— É. E eu morro de orgulho de quem você vai ser.

Ai, menino. Facilita a minha vida. Como ele conseguia tirar um sorriso da minha cara e me encher de choro?

E então, como aquele era o dia da coragem, reuni um pouquinho do que restou e enfrentei uma velha eu que jamais abriria a boca primeiro:

— Lipe, - lá vai Dessa-Tomatinho pela Serra do Rola-Moça – Eu vou te dizer uma coisa, mas você não pode responder, tá?

— Não diz.

— Por que não?

— Por que eu tô ensaiando também e se você disser assim por telefone vai perder muito da graça.

— Eu não sei se eu vou ter coragem de te dizer isso outro dia.

— Faça como eu.

— Como?

— Finja. – E fez uma pausa que me deu espaço para pensar em muita besteira – Ou você acha que eu não tive medo de ir aí te encontrar no seu aniversário? Acha que eu sou sempre seguro e feliz? Dê, a gente tem namorado só por telefone. Ou a gente finge que sabe o que está fazendo e acredita nisso ou...

— Ou... ?

— Sei lá, não tem outro ou. É isso.

— Eu tenho medo do futuro.

— É, também tenho. – E soltou o ar como se risse por entre o desabafo – Promete que até medo a gente vai sentir junto?

— Prometo, Amor. – E eu quis dizer o que disse.

Capítulo 15

A Bia chegou em casa e nós conversamos, fazendo conta, cortando gastos. Não dava para ir à pé para a faculdade, é muito longe, eu já comia no bandejão no almoço, mas a janta, não. A Bia disse que podia começar a levar marmita para o hospital em vez de gastar o dinheiro na lanchonete, mas, mesmo assim, a gente não conseguiria fazer milagre sem acionar o pai.

Precisávamos de mais dinheiro e eu já sabia, internamente, que eu iria acabar aceitando o trabalho com o tal do Jorge.

— Bom, eu não fui demitida porque peguei o cavalo e os custos do Encrenquinha, mas não vai dar para pedir aumento depois da canseira que eu dei no meu Diretor.

— Por mim, você pedia demissão daquele lugar. — Comentei, de frente a uma tigelona de caldo verde que eu mesma fiz e que combinava muito bem com o tempo que virou de repente.

— Não posso, horas de estágio, é meu último ano. No fim do ano eu meto o pé, mas até lá, não dá.

— Tá, então o jeito é ou falar com o pai, ou eu arrumar um trabalho.

— Não quero te foder, Dê, deixa que eu me viro.

— Ninguém morre de trabalhar, Bia.

— Eu sei, mas, mana, você não tem que comprar minhas brigas.

— É? — Parece que o jogo virou, né? — E quantas vezes eu não falei isso pra você?

— Eu sei, mas...

— E quantas vezes você me ouviu, Bia?? Quando a gente contar para a Alicinha até ela vai arrumar um trabalho para ajudar seu cavalinho.

— A gente não vai contar nada para a Alicinha, ela é muito nova.

— Vamos. — Respondi. E não seria escolha dela o contrário — Por que foi essa coisa de não contar para os outros que te fez chegar bêbada em casa outro dia. Eu não quero te ver na rua da amargura de novo, me cortou o coração te ver daquele jeito e você não me disse um A sobre isso, depois.

— Desculpa da bebedeira.

— Não peça desculpa da bebedeira, isso é o de menos. O que me dói é saber que você bebeu para se curar e chegou em casa aos pedaços. Bia, pelo amor de Nossa Senhora, confia em mim e na Alicinha que a gente nunca vai te deixar na mão, tá?

Ela baixou os olhos para a própria tigela de caldo verde, molhando os cílios, entortando a boca num choro que ela jamais deixaria sair. Acenou

concordando comigo com a boca torta, meio sorriso, meio lamento.

— Eu não quero dar trabalho.

— Mais do que eu dei com o coração partido com o Lipe?

— Você não deu trabalho.

— Ah, - e ri, escondendo minhas lágrimas, mas não o nariz vermelho – ô, se dei.

— Obrigada por me salvar, Dê. – Sorriu, me olhando nos olhos, as lágrimas entaladas que nunca saem, saindo – Eu não sei que feitiço você jogou no cara, mas obrigada. E obrigada de arrumar meu quarto, também. Esqueci de agradecer.

Esqueceu de agradecer, de me contar que coisa é essa de chorar por homem casado, que coisa é essa de beber de tristeza, que coisa é essa que é achar que nasceu de chocadeira, de supor que vai ter que brigar sempre sozinha. Esqueceu de um monte de coisa, Bianca.

Só espero que daqui para frente você se lembre.

Claro que não liguei para o Jorge no fim de semana. Fiquei estudando para as minhas provas de meio de semestre e pensando na Páscoa. Ainda tínhamos um tempo, pensei, até as contas pesadas do Encrenca começarem a chegar porque tratamento hospitalar não é conta mensal.

E, com meu coração leve, um pouquinho mudada por dentro, menos encolhida e mais confortável de vestido mesmo para ir ver a minha mãe, escolhi uns pijamas mais bonitinhos e fui para casa.

Chegamos na quinta, na hora da janta. Fomos as últimas a chegar, até os Ferreiras já estavam instalados. Meu pai foi buscar a gente na estação e ele viu, meu pai sempre sentiu e viu essas coisas, que eu estava diferente. Percebia desde o meu aniversário, no fim de semana que eu fui lá vê-lo, ele perguntou o que eu tinha feito no cabelo e no rosto, mas eu não disse.

Na Páscoa, as diferenças estavam maiores ainda. Me sorriu, beijou nós duas, abriu a porta do carro para a gente num gesto gentil e depois fomos para casa.

Aos poucos, eu também aglomerava menos. Na primeira vez que eu voltei a Poços, vim com mala de rodinha lotada de tanta tranqueira, mas na Páscoa, uma mochila só era o suficiente. Nada de bota e tênis e também sandália. Só o tênis, mudas de roupas e bastava. Nem maquiagem levei, qualquer coisa eu podia pegar emprestado da mãe e da Alicinha.

— Eu não vou aguentar chegar em casa – O Pai sorria para mim, no

banco de trás – mas o que foi que vocês duas fizeram?

Eu podia ouvir o coração da Bia bater no meu ouvido. Ela, no banco dianteiro do passageiro, mal olhou para o lado. Continuou com o chapéu enfiado na cabeça e a cara de poucos amigos, mas eu, confortável por estar no caminho certo, na posição que escolhi, do jeitinho que eu queria todas as coisas (inclusive os problemas), sorri de volta e brinquei:

— Bia, ele descobriu.

— Pelo amor de Deus, não conta nada. – E a Bia não viu que era brincadeira.

— Bia, o que foi que você aprontou??? – E o pai já doido olhando para ela, apertando o câmbio do carro como se fosse o pescocinho da minha irmã.

— Tô grávida – Eu falei. Logo quem, né?

— COMO É??? MAS MENINA EU VÔ TE MATÁ. EU VÔ CATÁ AQUELE MOLEQUE DO CAPIROTO E VÔ ESGANÁ ELE NUM TANTO –

— Pai. – E a Bia cortava a graça – É a Dê.

— POR ISSO MESMO.

— Pai. – E a Bia o trazia de volta para a Terra. – É a Andressa.

Olhou para a minha cara de santa, para o jeito calmo da Bia e se revirou tanto de desgosto, quanto de alívio. É, pai, sou eu. A sua filha que não transa, que morre de vergonha do quase-namorado, que nunca pegou na bunda de ninguém. É a Dê, pai. A virgem.

— Menina, não mata seu pai do coração. – E me olhou mais um tantão de tempo, desconfiado de que tinha alguma coisa errada, mas sem saber o quê. – O que foi que aconteceu?

— Caralho, se eu falo uma doidêra dessa pro senhor é o chicote que estala até umas horas na minha lomba, mas a Dê, a queridinha do papai, a Dê pode falar que o senhor até ri, né?

— Bia. – O pai disse, voltando a carranca para o rosto – Teu pai conhece as filhas que tem.

— Ah, é? E tá querendo dizer que eu sou o quê?

— Bia. – E a olhava, tirando os olhos da estrada, como se a visse bem lá no fundo, lá onde ela não conta para ninguém do que é feita – Pai sabe as filhas que tem. Confia nelas todas, põe a mão no fogo se precisar, mas teu pai não é tonto.

E queria dizer o que disse. Dava um intimão na filha errada, crente que estava certo. Dessa vez a confusão partiu do meu lado e ele achava que vinha do lado de sempre. Realmente, pai sabe as filhas que tem, mas, o observando olhar para a Bia como se já arrancasse a verdade dela, ele tinha que aprender a prever filhas, também, não bastava conhecer.

Não disse nada ali, na hora, preferi chegar em casa. Não gosto de esconder as coisas dele porque ele confia em mim, nunca duvidou de mim, sempre estive do meu lado mesmo quando o assunto era o Lipe. Eu não podia esconder dele um passo tão grande do meu futuro e do meu caráter.

Eu sabia, contaria, mais cedo ou mais tarde, mas achei melhor não dizer nada ali, na frente da Bia. Eu tenho um jeito muito particular de conversar com o meu pai, a Bia tem um jeito muito particular de conversar com a mãe, e, pelos cantos, a gente se mói de ciúmes uma da outra por isso.

Chegamos em casa, bonitinho, o Lipe me esperava na varanda. Sentado sozinho enquanto todo mundo lá dentro comia e conversava.

— Quem vê pensa que presta – O pai dizia, apontando com o queixo para o meu Lipe. – Ó, o capiroto tá desde as seis da tarde, a hora que chegou, perguntando quando é que você chegava.

Nem respondi, não precisava, o pai via no meu sorriso. O Lipe viu a Ranger encostar e veio abrir a porta para mim, sem me beijar, me olhando e me sorrindo muito. O pai abriu a porta para a Bia, pegou a mochila dela, mas não disse nada a nós dois, só se bastou a fechar o carro e entrar na casa.

E nós dois, por pura vergonha, esperamos eles entrarem para dizer oi.

— Eu senti sua falta – Ele disse primeiro, feliz por me ver, segurando a minha mochila – Muitão.

— Tava com saudades.

Pareceu esquisito a gente se beijar. Não sei porquê, mas pareceu. Como se fosse proibido. A família inteira já sabia, capaz de estarem todos na janela fazendo torcida de pompom para quando nossos lábios se encostassem, mas, eu olhando para ele, parecia fora de lugar.

— Eu vou dormir na sua cama hoje. – E nada de ele esquecer disso, Minha Nossa Senhora! – Não tranca a porta.

— Lipe, não faz isso.

— Faça. – E sorriu grande, vindo para cima de mim, mais travesso que das outras vezes, maior que das outras, olhando direto para a minha boca e para os meus olhos.

Tá, beijá-lo não era nem um pouco fora de lugar. Não era nem um pouco esquisito, também. Aos poucos eu definia essas sensações como: Com medo, sem medo. Eu só tinha medo de alguém, lá dentro de casa, falar alguma coisa sobre a gente se beijando no quintal. Por isso ficou esquisito.

Mas ele com a mão nas minhas costas, a boca na minha, os olhos fechados e as sobancelhas amarradas, não, isso não era nem um pouco esquisito.

Cumprimentei a família inteira, dos meus primos de coração à minha

mãe que também sentiu mudança em mim, mas não larguei a mão do Lipe. Era melhor conversar com ele ao vivo, ficava cada vez mais fácil falar de tudo, do mundo, dos outros, de mim. A cada piadinha dele eu lembrava do primo idiota e do melhor amigo e me esquecia um pouco das mágoas e do medo de ser machucada. Fluía.

Como diz o Lipe, *Fluía* é uma palavra boa.

Só que mesmo depois da janta, mesmo depois do tchau e do boa noite, eu fiquei com medo do tal “dormir comigo”. Era ruim esse mentir para o meu pai debaixo do teto dele. Ele me ensinou a ser melhor que isso, nunca escondeu nada, nadinha de nada, até de quando a mãe deu um beijo na boca do Tio Digo eu sabia.

E eu não podia mentir para uma pessoa que me ensinou a ser honesta, a ser gente e confiar nele acima de tudo.

Por isso, bobinha eu, né? Não aguentei e, depois da janta, quando ele já bebia café com a tia Fê na sala e deixava a minha mãe e meu tio conversando na cozinha como duas maricotas, eu pedi cinco minutinhos.

— Eu tô te falando, André – Minha tia dizia mesmo era para chocar e me deixar sem graça: essa nunca poupou ninguém de nada – Só vai dar neto lindo nessa família. – E ela ria, olhando para mim – Imagina, um moleque lindo de olho azul?

— Crendeuspai, Mulher – e meu pai, ainda bem, devolvia o ácido para ela – filha minha merece coisa melhor!

— Até merece, – Xeque-mate: – mas melhor que meu Lipinho não tem.

— Vai, filha, me tira da frente dessa doida. – E ria, jogando a risada lá no teto, ouvindo a risada da minha tia de fundo, me conduzindo para o quarto dele.

— Só tem aqui de silêncio – Ele disse puxando a cadeira da escrivaninha dele para eu sentar, sentando-se na cama – Tudo bem a gente falar aqui?

— Tudo. – Eu queria mesmo era ter estômago de conversar com ele lá na fábrica, gostava mais de lá porque me sentia mais confortável com ele, todas as nossas conversas, as sérias e as duras, todas foram lá. Só que era noite, já, dia seguinte seria feriado e ninguém estaria lá no feriado.

Etapa nova, vida fora do escritório. Vida de ter conversa íntima com o pai dentro do quarto. Olhei para ele tentando destrinchar tudo o que eu tinha para contar, mas fui logo trocando as mãos pelos cotovelos.

— Dormi com o Lipe.

— Êta, ferro, vai devagar que assim o pai não guenta.

— Não, calma – e aí vi a burrada – não assim.

— Não me detalha, pelo amor de tudo o que você ama, não me vem de detalhe.

— Pai, calma. Eu só quero dizer que o Lipe dormiu na minha cama.

— E depois vocês começaram com brincadeira de adulto, já sei, não me conta.

— Não. Eu só quis contar que o Lipe foi lá para casa e que dormiu lá, não houve isso o que você tá pensando.

— Não?

— Não, sô.

— Ufa. Quase que eu morro.

— E eu quero fazer isso de novo.

— Meu Deus, cadê sua mãe, eu vou enfartar é hoje.

— Pai... - E ele ficava nervoso, na hora eu também fiquei, mas lembrando de tudo, só consigo rir. – Eu quero que ele durma na minha cama comigo, mas não para fazer isso.

— Pra quê cê vai dormir com o Capiroto?

Por que eu quero? Por que eu gosto? Por que... Ai, pai, não faz as coisas ficarem difíceis. Eu só quero! É gostoso e legal, dá tempo de a gente namorar um pouquinho mais, mas não para fazer *isso. Ainda*.

— Tá, já entendi – Ele disse, suspirando desconfiado e convencido ao mesmo tempo – Respeita o meu teto, tá?

— Sempre.

— Não fica de sacanagem pelos cantos.

— Não vou.

— Faz as coisas direito, eu confio em você, o que eu não confio é nele.

— Confia em mim, não é?

— Cego e surdo, sô.

— Então basta.

— Eita, já tá falando que nem mulher feita. – E me sorria, a mão no meu joelho, todo encantando com a filha que tem – O que foi que aconteceu que te deixou assim, tão melhor?

— Um cavalo.

— Como é?

E contei da saga do cavalo que calhou bem no dia do meu aniversário, quarta-feira, todinha, tim-tim por tim-tim, desde a loucura da Bia, da ameaça da polícia que ninguém nem chegou a ver, do tal cara que queria dez mil por um cavalo asmático, do tal do Jorge do Jockey.

Nem quando eu falei de dormir com o Lipe meu pai se ergueu da cama e começou, preocupado, a andar de um lado para o outro, mas bastou eu falar em emprego, que pronto.

— Fiiiiiilha de Deus. – Respondeu, comendo a beirada dos dedos. –

Deixa que o pai paga o tratamento do cavalinho, não vai estragar seus estudos por causa de uma maluquice dessas.

— Você já está fazendo o que pode e o que não pode para manter a Bia e eu lá em BH.

— A gente aperta o cinto, faz dar – Ele disse, como eu disse para a Bia e sabia que era uma mentira bem ruim – A gente dá um jeito.

— Não. – Ou ele não entendeu ou estava tão viciado no fato de ter uma filha doida e outra filha que nunca faz doidice, que não viu que aquela era a minha batalha, a minha luta e que sou eu dessa vez, não a Bia, a agente da maluquice – Não vou aceitar.

— Não fica de orgulho pra mim, filhota.

— Não estou, não é nada disso. – E o que era? Nem eu sabia direito, ainda. Não podia explicar muito. Eu só sabia que aquilo era uma coisa que caiu nas minhas mãos e eu queria resolver sozinha.

Sem amparo de pai quando como houve quando o Lipe quis namorar a Magrinha, sem amparo de irmã que passa a mão na minha cabeça e me acode no choro. Era estranho dizer, mas eu queria resolver aquilo e dar para a minha Bia o que ela sempre me deu. Um misto de conforto com “dá aqui que disso cuido eu”.

Parecia que era o tipo de batalha que eu me orgulharia muito de vencer, se vencesse, anos depois de ter lutado. Parecia que depois daquilo eu sairia uma Andressa melhor e maior que a Andressa que sempre sonha, mas nunca fez nada.

— É coisa minha – Eu disse, por fim. Não era a melhor resposta que eu podia dar, mas era a única que saía – Não é coisa que eu queira dar trabalho. Eu vou resolver isso, a gente coloca o cavalinho em pé em dois tempos, não se preocupa, pai.

— Eu sinto que se eu deixo você fazer isso, perco a sócia.

Imagina, um dia, lá na frente, eu dona de cavalo e nunca mais mexendo com queijo? Loucura. Impossível.

— Tenho medo que você nunca mais precise de mim.

Era isso. Era confortável que eu fosse a princesinha e era confortável que ele fosse o paizão. Nós nunca firmamos esse contrato, mas era isso também. Nos unimos muito quando resolvi trabalhar com ele por um box do Harry Potter e nunca mais larguei da asa dele. Ponto sem volta, pai. Uma vez fora da asa, o Senhor Coruja sentia isso, uma vez solta no mundo e eu nunca mais seria a princesinha que vive de amparo.

Engano dele. Ele olhava para mim quase como quem previa um futuro sem ajuda na queijaria, sem filhinha do lado. Engano dele. Era só uma parte de mim que queria voar no mundo. Uma só parte de mim que queria colocar o cavalo em pé, a outra parte ainda queria voltar para a casa dos pais, sorrir para

eles, beijá-los um montão e ligar, de vez em quando, só para pedir conselho.

— Me ajuda com o negócio do cavalinho – Pedi.

— Claro, é o que eu mais quero.

— ... Mas sem entrar com dinheiro.

— Estou me sentindo um inútil. Detestei você se virando sozinha com o dono do cavalinho.

— Parece que se eu me virar sozinha você vai perder seu cargo, né?

— Mas é claro! – E se revoltava – Bianca nunca precisou de ajuda, Alicinha tá cada vez mais longe de casa, sempre com as amigas e a mãe dela. Filha, eu só tinha você de aliada nessa casa, se você não precisar mais de mim...

— Pai... - E a Bia tinha muito dele, também, só que não via. O jeito de achar que só ele sabe resolver as coisas, de se drogar para se anestesiá-lo, (a Bia parou na bebida, mas o pai foi mais longe), a mania de achar que é ele quem toma a frente das coisas e o modo como acha que vai atrapalhar se pedir ajuda. Sorri, mas não disse nada. Eu sempre fui melhor de observar do que dizer.

Dei um abraço nele, com todo o carinho do mundo, e me despedi, dizendo que ia deitar. O vi tirar o terno de homem de negócios, respirar fundo com dor no fundo do peito e fui para o meu quarto.

Dia longo: Eu ainda tinha uma última coisa a fazer antes de o dia acabar.

Capítulo 16

Dormi antes de o ver chegar. Tive aula de manhã, a estrada foi longa, tudo cansativo. Deitei esperando que o Lipe chegasse, mas dormi e só acordei com o ranger devagarzinho da minha porta, a luz do corredor abrindo uma fresta no escuro do meu quarto e a voz dele me chamando:

— Dê. – O dia que esse menino parar de me chamar assim, só de “Dê” quando quer alguma coisa, eu acho que eu morro.

— ...

— Dê.

Ouvi o ranger da porta se fechando, mas não ouvi mais nada. Ele entrou ou saiu? Os pés dele colando e descolando do meu piso de madeira e então o peso na minha cama. Entrou.

— Tá acordada?

— Tô.

— Posso dormir com você?

A gente já tinha conversado disso, quero dizer, ele já tinha conversado disso comigo desde antes, ele queria vir dormir comigo na Páscoa, não era? Ali, me perguntava. Na hora que me pediu um beijo, lá na fogueira, eu estranhei muito esse perguntar de assalto, mas aos poucos, aprendia a gostar. Dizem que quem quer faz, não fica pedindo.

Mas ele perguntar assim, todo meio manhoso sem querer ser é tão lindinho que me dá vontade de falar sim sem nem saber qual é a pergunta.

— Vem cá – Eu falei, abrindo espaço a ele na minha cama de solteira, me colando na parede e sentindo a mão dele empurrar coberta nas minhas costas para que eu não ficasse encostada no gelado.

— Hoje é um daqueles dias em que eu não vou dormir – Ele cochichou.

— Por quê? – Uma pena, porque eu estava morrendo de sono.

— Nem sei mais. – E desabafou, um pouco nervoso, trocando as pernas de lugar, entrelaçando as dele nas minhas. Joguei o braço por cima dele e aos poucos, fui me aconchegando na dobra do braço, ouvindo o coração dele bater e o leve quentinho que ele tinha.

Dava para saber que ele estava agitado. Trocava as pernas de lugar o tempo todo, mexia nas mãos, toda a pessoa dele se remexia como se tivesse formiga no colchão, mas só bem de leve porque ele sabia que eu estava com muito sono e já quase babava no peito dele.

— Namora comigo?

A mão nos meus cabelos, a palavra baixinha, o jeito congelado dele,

imóvel, sem mover nem os dedos da mão, nem dos pés. E aos poucos eu ouvia o coração dele de novo. Acelerado. É por isso que você não dorme, amor?

Faça como eu, ele disse um dia:

Finja.

Ele era tão ou mais vulnerável que eu, tão ou mais nervoso que eu, tão ou mais assustado com as novidades, o mundo, o preço do mercado, como se dar bem em trabalhos em grupo, como se virar quando a prova é amanhã e você acha que estudou o suficiente, mas nunca tem certeza.

Como ele fazia parecer tão fácil? Dava olé no mundo inteiro sorrindo e cativando, escorrendo pelas cadeiras, serpenteando, cheio de perguntas absurdas, boas-vontades e o título de irmãozão que ele levava muito à sério.

Sorri. Lipe, resposta para isso eu tenho desde antes dos meus doze anos. Desde quando você dava florzinha sem saber porquê.

— Por favor, não me ignora. — Ele disse.

— Eu nunca te ignoro. — Eu posso não responder, mas dentro da minha cabeça eu estou pensando no que você disse e nunca paro de pensar em você.

— Não tá sobrando para comprar aliança ainda, eu prefiro gastar dinheiro para ir te ver de vez em quando —

— Lipe.

— Oi.

— Não me dá aliança.

Um pedaço de prata para eu mostrar para os outros que eu tenho namorado? Sentei na cama, tirando do pescoço, no escuro, a coisa mais preciosa que eu tenho:

O colarzinho de ouro que a vó dele deu para cada uma das Botelho antes de morrer. A minha avó de coração, Dona Teresa, mãe do Tio Digo, antes de morrer em São Paulo, veio para casa e comprou três colarzinhos de ouro, correntinha bem fininha, com uma pedrinha azul que eu nem sei do que é, uma para cada Botelho.

Tirei e dei na mão dele. Ele ficou sem me dizer nada por um bom tempo e eu não estava perto do coração dele para saber o que ele sentia. Nem respiração eu ouvia. Nem se mexia. Era a minha hora de pedir para não ser ignorada.

— Não vai dizer nada? — Agora eu sabia o quanto era ruim viver de esperar resposta, veneno provado, gosto horrível, dava vontade de sumir e esganá-lo, tudo ao mesmo tempo.

Acendi a luz do quarto para vê-lo melhor, colocar meu colar nele e entender o que era aquele silêncio, mas era luz demais, feriu nossos olhos e acabou com o meu sono.

— Essa é a coisa mais preciosa que eu tenho — Eu disse, olhando o

menino que não me falou nada, só me olhava muito, me copiando. – Toma conta, por favor.

Sentando de indiozinho na minha cama, ele me olhava com um olhar que eu não conhecia. Como pode a gente se surpreender com alguém que conhece até do avesso? Sério e as sobrancelhas coladas, a boca tensa, mas não era expressão de raiva, nem tinha contexto para raivas, era outra coisa.

Surpresa? Não, também.

Era o meu rosto impresso no dele, entendi depois. Era o jeito dele de me dizer tudo sem dizer nada, cheio de amor sem conseguir dizer. Segurava o colarzinho da vó na mão, os olhos que ficavam molhados e depois só uma lagriminha, só uma, pelo canto do rosto.

— Por que você fez isso? – Ele perguntou, a voz toda tortinha e sem conseguir esconder outra lágrima brilhante.

Nem respondi. Voltei para a cama, peguei o colar da mão dele e o envolvi no pescoço. Namorei a pedrinha azul no meio do pescoço dele e a sensação que eu tinha era que o colar da vó tinha que ficar sempre ali, com ele, para que nunca esquecesse de mim.

Foi o jeito que encontrei de ficar perto para sempre. Eu tinha esse colar há pelo menos dez anos, cresci em volta dele, foi meu e esteve comigo o tempo todo. *Prontinho, príncipe. Meu reino está todinho na sua mão.* Sorrindo muito e com a sensação de coisa certa, escondi o colar por debaixo da camiseta dele e arrumei sua gola sempre puxada para a esquerda.

Só por favor, não me machuca.

— Eu vou falar, mas você não pode responder – Ele sorriu, me olhando muito, me puxando para mais perto.

— Não pode, foi assim que eu pensei em te falar.

— Inventa outro, esse é meu.

Então veio o que a antiga eu, a eu de agora, a eu deitada naquela cama e todas as eus possíveis ainda choram quando lembram:

“Te amo, Dê.”.

Ali, evoluindo comigo, eu entendi que falhar era a certeza. E me prometi que nunca mais ia imaginar futuros sem tentar fazê-los.

— Vem cá.

Esse sorriso dele era um novo sorriso. Me deixava com vergonha em tantas camadas de pele, que eu não soube o que fazer. Sorriso de menino levado com galã ultra-sensual dos meus livros. Lindo. Incrivelmente lindo e sensual. Um outro Lipe? Coisa de me deixar com calor só de ver.

Me puxou para deitar com ele de novo, de frente, conduziu com muito

cuidado as minhas mãos para as costas dele e as beijou, antes de largá-las. Sensual desse jeito eu nunca tinha visto. Nunca mais deixo de pensar em sexo e besteira, depois desse menino.

Passou o braço por baixo das minhas costelas, com força, mas não era força de machucar, era força e jeito, eu não sei explicar. Agarrou, mesmo, e ficou me olhando. Eu queria que ele fosse rápido. Se fosse me beijar, que me beijasse logo de uma vez, se fosse me abraçar, que me abraçasse logo de uma vez; mas ele não. Um braço agarrado na minha cintura e o outro, livre. A minha camisola subindo um pouquinho. O sorriso de menino levado. Olhando para a minha boca como se já a beijasse. Eu sei bem onde você quer chegar, Ferreira. As sobrelhas semicerradas e os olhos também, muito mais gato assim, do que quando falava sério comigo.

Eu vou morrer de vergonha. Eu não estou nem pensando se ele vai gostar do meu corpo, eu nem fui tão longe, nem pensei nele. Só sei que vou morrer de vergonha, não estou nem perto de pronta. Eu travo na frente do espelho, minha Nossa Senhora, eu não sei responder nem “sim” quando ele me pede um beijo.

— Presta atenção em mim, Dê. — Ele pediu, a voz mais baixa e mais rouca que o normal. Se esse menino com dezessete já é assim, com vinte e sete, ele me derrete. Funde meu cérebro. Trava todo meu sistema e eu não tenho fio para puxar da tomada — Não foge para dentro da sua cabeça que eu não sou páreo para ela.

— Desculpa, Lipe, é que eu não- - O pânico era tão grande, que eu me soltei dele. Ele não soltou de mim, mas eu soltei dele.

— Eu não vim para cá fazer o que você está pensando — E falava sério, embora sorrisse arteiro — Você recua com movimentos bruscos. Eu posso até ter conseguido te dar um beijo lá na fogueira, mas você armou suas defesas contra mim rapidinho. Eu não esqueço que você não quis me beijar de tchau e que ficou sem falar comigo por mais de duas semanas.

— Eu não fui seca quando você foi embora de Poços.

— ... O que eu quero fazer, Dê, é desarmar seus alarmes. Só isso. Para você ver que eu não sou um monstro.

— Eu sei que você não é um monstro.

— É, mas também não sou seu primo. Eu sou... - Disse, beijando a minha bochecha — O seu futuro marido — beijava a linha do meu maxilar, num beijo molhado quase mordida — O futuro pai dos seus filhos — Beijava pescoço e queixo de um jeito que me deixava muito mole — O Macho que vai te comer muito, ainda.

Que vai me comer muito ainda? Meu Deus do Céu, eu sou o quê? Um lanche? Uma coisa mastigável? Macho, gente? Que coisa mais horrorosa.

Estourou para dentro do cérebro da virgem santinha um monte de cores que não tinha antes. Vários balões tudo explodindo. Eu olhando para o rosto dele sem saber o que dizer e ele olhando para o meu, todo sensual, num contexto muito mais avançado que o meu.

Com o Lipe é assim. Não tem meias palavras, nem momentos simples. Ou ele é muito fofo e me deixa desnorreada, ou é esse Lipe que solta meia dúzia de besteira para dentro do meu cérebro, me deixando tortinha.

— Macho?

— Bom, os meninos têm pinto.

— Eu sei!

— Então... ?

— Lipe, você é meu primo!

— Do que é que você tem tanto medo?

De você! Da Magrinha Linda! Dessa luz acesa agressiva, do contexto e cara de cachorro que você estava fazendo até três segundos atrás!

— Quer que eu vá embora?

Ele não mudou para dizer isso. Não diminuiu a cara de cachorro com fome, de menino que está pensando besteira comigo, de quem acabou de fazer uma SENHORA declaração séria sobre futuro e filhos. Me queria, eu sabia, mas eu me enchia de medo e segundas opiniões a respeito de coisas óbvias e idiotas.

De todo jeito, ele me dobra e me enfia para dentro do bolso como se eu fosse um bilhetezinho. *Eu não quero que você vá embora, Amor.* Nem hoje, nem amanhã, nem nunca. Desculpa ser essa louca, quem sabe um dia eu me acostume?

Ou, quem sabe um dia, você se acostume? Sorri e a pedrinha azul escorregou pela correntinha no pescoço dele. Precisa de tudo isso de medo, Dona Andressa? E tem, por acaso, como esconder as suas banhas?

— Não quero que vá embora. – Verbalizei.

— Então coloca a mão em mim e me abraça. – Continuou – É solitário abraçar sozinho.

Obedeci. Ele sorria, me beijando ainda pelas beiradas.

Antes que eu voltasse a raciocinar, tirou meu cabelo de perto do pescoço e ombros, o segurando como se a mão dele fosse um pente. Lambeu ali, da minha saboneteira até o lóbulo da minha orelha. E de novo. E de novo. E foi não só desarmando meus alarmes, como gelatinando os meus ossos, raspando os dentes, arrepiando a minha coluna, os pelos do meu braço. Uma mão encaixada na minha cintura, a outra, no meu cabelo.

— Tira minha camisa – Sussurrou no meu ouvido – Perde o medo de mim, me desvenda e tira a minha camisa.

Nenhum livro foi tão longe como ele ia. Ele sequer tirava a minha roupa, sequer mexia nas partes do corpo que a gente cobre com duas camadas de roupa, mesmo no calor, só me beijava. Como pode, né?

— Tira, Dê – Pediu de novo – Faz comigo o que estou fazendo com você.

— Não sei nem por onde começar – Confessei.

— Aprende – Sorria, mais calmo, sem pressa – Me beija e tira a minha camisa.

Avanços. Lembra, da outra vez, o quase-piti que eu dei? Beijei-o enquanto a mão dele guiava a minha para a barra da própria camisa. Foi difícil, estávamos deitados, mas tirei. E ficar grudada nele, sem camisa, era melhor. Era quente e confortável. E era macio, também. Um macio diferente.

Segurou umas das minhas mãos e a deslizou pelo próprio dorso. O vale do peito e o declive do estômago, na linha que o dividia ao meio até o umbigo. Os olhos dele fechados, a sobrancelha cerrada. Com a outra mão, dancei pelas costas dele. Cada músculo, cada costela. Cada nó da espinha. A cintura dele, o V no cóis da calça. As covinhas nas costas. Lindo. Tão lindo como eu nunca supus que seria e eu já decorei aquele corpo saindo da minha piscina. Tão cuidadoso como eu nunca imaginei.

— Se você quiser parar, a gente para. Eu não vou te perguntar o porquê, nem insistir.

— Acabaram os seus truques, Ferreira? – Atirei. Só fechei os olhos e disparei, nem mirei alvo, nem nada.

— Nunca – Sorriu, um misto de surpresa e divertimento – Sou cheio deles.

Então me mostra.

Voltou a me beijar daquele jeito maravilhoso dele, da outra vez no meu quarto, meio forte e meio possessivo, mexendo a mão pelo meu corpo. Parecia massagem de ladinho, as mãos que subiam e desciam por tudo. Na minha cintura, na minha barriga, nos meus quadris. Subiu para os meus peitos um pouco por vez, me esperando mandá-lo parar, mas eu não disse, eu não quis dizer. Eu queria saber como era e estava confortável na situação. Apertava as minhas dobrinhas com força, sem pudor nenhum, a mãozona atolada mesmo, subia da minha barriga para os meus peitos e depois para o meu rosto com a mesma intensidade. Mãozinha quente e pesada, a dele.

— Quer que eu pare? – Perguntou, o rosto vermelho, os olhos lindos. Ele não esperava que eu o deixasse ir tão longe, mesmo que o “longe” não fosse nem como daqui até a esquina.

— Não.

De pertinho, ele sorriu me olhando nos olhos, feito menino que ganha presente de surpresa. As bochechas vermelhas e o jeito meio ofegante, as sobrancelhas amarradas e o misto de novidade com convulsões. Ele também queria. Estava tão claro no rosto dele que aquela cabecinha pervertida imaginou um monte de coisa obscena, que eu não tinha mais pudor nem medo de ser tocada.

Não era o Lobo Mau e a Chapeuzinho, eu não tinha o Santo Graal no meio das pernas. Éramos só dois moleques e o jeito de ele sorrir como quem ganha o passe-livre ao mundo dos sonhos me fez perceber que eu queria tanto como ele.

A diferença entre nós é que eu só não sabia como querer. E não tinha coragem de demonstrar o quanto eu queria.

— Vou te contar um segredo meu, tá? – Sorria, muito calmo e muito bonito para ser o Lipe de todo dia. – E espero que você use isso contra mim.

— O quê?

— Eu sou um cara que funciona pelos ouvidos. Se você um dia geme no meu ouvido, eu desmancho. – Colocou a mão nos meus quadris, me olhando nos olhos – Se você geme meu nome, eu desmancho. Não sobra Lipe para depois. Eu gosto de ouvir a sua voz, sempre gostei. Se você me pede para tirar sua camisola, eu desmancho.

— Que bela dupla nós formamos – Ri – Eu odeio falar e você adora ouvir.

— Pede para eu tirar sua roupa também.

Por que é que eu tenho que ser tão travada? Quantas vezes na fila da timidez eu passei?

— Quer que eu tire a sua roupa, Dê?

Quero? É justo, né? Eu tiro a roupa dele e ele tira a minha. Mas eu quero isso?

— Diz que me quer tirando a sua roupa, Dê.

Atacou meu pescoço e ombros com lambida e mordidas. Para me vencer pelo cansaço, mesmo. Para me deixar na lona quando voltar para São Paulo, para me ver quicando desesperada pelos corredores da faculdade e da minha Minas Gerais só pensando nele, no corpo dele, nos beijos dele, no modo como sorri e no como ele fica lindo deitadinho assim na minha cama.

— Lipe, – Engoli em seco, tentando não parecer tão desnorteada – tira a minha roupa.

— Pede de novo – Subiu a mão da minha cintura para as minhas costelas, arrastando a camisola consigo. Beijava e mordia com mais força, as mãos quentes metidas para dentro da minha camisola. Olhei para ele e ele estava ali,

todo entregue, os olhos fechados, morto de tesão, as sobrancelhas juntas que viravam quase a marca registrada dele.

Se ele estava daquele jeito, por que eu agiria diferente? Se ele gostava do que estava acontecendo, por que eu curtiria menos do que ele?

— Lipe – repeti, um pouco mais segura – Tira a minha roupa.

Meteu a mão na minha bunda com força e fome. Encheu as mãos de mim. Atolou a mão no meu corpo como se quisesse desgrudar a carne dos ossos. Subia para as costas, por baixo da camisola, apertando as minhas dobrinhas. Olhei para ele de novo, o Lipe não estava mais nem nesse planeta. Eu com as mãos paradas nas costas dele, sem subir, nem descer. Ele com o rosto vermelho, respirando alto, beijos mais mordidas que carinhos.

Eu queria fazer com ele o que ele fazia comigo. Quis apertá-lo como ele me apertava e beijá-lo como ele me beijava. Tenho unhas compridas e o aranei sem querer. Ele se curvava na minha direção, me empurrando para trás, na mesma medida que me segurava com os braços.

Mordi o pescoço dele e ele gemeu no meu ouvido. Acordou um resto de mim que dormia. Uma respiração pesada com um pouco de voz que fez lá embaixo doer. Eu passei a sentir tudo lá embaixo mais sensível só por causa daquela voz linda dele, daquele jeito, por minha causa.

O Lipe não é musculoso, nem fortão, mas tem marcas na barriga, linhas definidas, muito sutis. É alto, é largo, mas não é imenso. Brinquei com as mãos em tudo, até o V da entradinha da calça. O cós da calça e da cueca eram o meu limite, mas era muito bom ficar com a mão ali.

Ele levou uma das minhas mãos, enquanto eu o mordia e beijava, para cima do volume da calça e eu demorei para entender o que era aquilo. Bobinha. Bem quente, por cima da calça jeans dele. Eu não tinha parado para pensar ainda que quando os meninos ficam com tesão, eles não são discretos como eu. Eles deixam claro como água o que sentem e eu fiquei feliz em saber que aquilo ali, até um Lipe gemendo, era por minha causa.

— Dê – gemeu, baixinho – Pede de novo.

— ... E a minha voz saiu como a dele – Tira a minha roupa.

Quando ele finalmente tirou, mesmo com a dificuldade porque estávamos deitados, me deu uma olhada que não me deu vergonha. Queimou por onde passou e eu adorei me sentir queimar. Eu me senti muito gostosa. Eu nunca tinha me sentido tão gostosa na vida. Era uma sensação totalmente nova. Eu me senti admirada, eu me senti desejada. Eu me senti grande e isso fez toda a diferença. O jeito que usava para me olhar, o jeito como me mordia e me beijava. Eu me senti segura e especial e linda. Isso fez diferença mesmo muito tempo depois. Me fez querer me ver do mesmo jeito que ele me via, com as mesmas lentes. O como eu

me via e o como ele me via eram quase opostos. Eu quis me ver através dos olhos dele.

Eu quis saber se eu mesma me sentiria assim, sozinha no quarto. Se eu ficaria dependente daqueles olhos ou se eu tomaria as lentes emprestadas. Eu queria me sentir assim todo dia. Eu queria me sentir gostosa assim, desejável assim, todo dia. Com ele e sem ele, também.

— Deita de costas.

Separados, ele ajoelhado na cama me esperando deitar, o Lipe era o homem mais lindo do mundo. Tínhamos só alguns meses de diferença, mas ele não tinha nem porte, nem voz, nem jeito de dezessete anos. Sorria me olhando deitar, anos-luz na minha frente, tranquilo e sensual na mesma proporção.

— Posso abrir seu sutiã? – Eu gosto de como ele pergunta tudo.

Abriu. Com as mãos me apertando, me beijava e mordia. Um joelho de cada lado do meu quadril. Apertava com força todos os meus músculos e minhas dobrinhas. O Lipe não é feito de beijinho. Era feito quase que só de mordida. Apertava com a boca e mãos não só as minhas costas, mas também a minha bunda. Nada que ele conseguisse tocar saía ileso. Eu era o rosto quente, ofegante, as sobrancelhas cerradas e a respiração pesada. Dessa-massa-de-modelar na mão dele.

— Dê, – Disse, baixinho, bem perto da minha orelha. Eu gosto de como ele fala meu nome – posso virar você de frente?

— Mas não fecha – Mandei, quando senti que ele puxava as duas metades do meu sutiã, para fechá-lo.

— Tem certeza? Eu posso fechar.

— Não fecha.

Virei de frente, por entre os joelhos dele. Ainda era a versão supergostosa de mim no comando. A versão mais bonita, a versão confortável em ser eu. Ele me beijou e, conforme me beijava, deslizava meu sutiã aberto para fora do corpo.

Com meu sutiã na mão, ele parou para olhar. Eu me senti bem, sendo olhada, coisa que cinco minutos antes eu jamais conseguiria.

— É linda – Ele disse, um sorriso apaixonado na cara. Me beijou a testa, afastando meu cabelo do rosto, beijando bochecha, nariz e o que mais visse pela frente. – E eu sou o homem mais sortudo do mundo.

Não chorei, mas caiu um cisco no meu olho. Não consegui esconder.

— Não posso mesmo dizer agora?

— Não. – Sorriu, sabendo o que eu queria falar. – Invente outra hora.

Mas ele não podia me impedir de pensar.

Eu te amo. Eu te amo, eu te amo.

Me beijou de novo. Veio o dobro de tesão, quando me beijou de novo. De me fazer gemer sem querer. Eu nunca vou ser como a Bia, de conseguir separar meu coração da minha vagina. Sexo para mim nunca vai ser sexo, não importa quantas pessoas eu coloque na cama. No fundo, meu coração é quem vai mandar. Não tem jeito.

Desceu a boca para o meu pescoço, as mãos no meu rosto, a boca nos meus peitos. Eu não sabia que peito era tão sensível, tão diferente ele me beijar ali do que quando me beijava o rosto. A agonia lá embaixo só crescia. Gemi sem querer, me contorcendo e, quanto mais eu me contorcia, mais força ele usava.

Na verdade, eu mais respirava ofegante, que gemia. Não gostei de como o som saía da minha boca, então guardei meus choramingos para mim. Ele usava os dentes, mordiscando e lambendo e mordendo. Sempre um pouco mais. Apertava a minha barriga e os meus peitos com força, tanto com a mão, quanto com a boca.

— Lembra que eu gosto de ouvir, Dê.

Subi a cabeça do Lipe para a altura da minha por que eu queria mordê-lo. Queria morder e beijá-lo como ele fazia comigo. Eu queria ouvir os sons da boca dele, também. Apertei ele como ele me apertava. Era legal, esse negócio de apertar. Enquanto mordida o pescoço dele, apertava o resto. Costa, costelas, a barriga linda que ele tinha. Os cabelos dele que eu sempre gostei muito e os braços.

Encontrei, nas minhas andanças pelo corpo dele, um ponto melado perdido no meio do V da entrada do cóis da calça. Melado como cuspe, mas menos pegajoso. Sempre lerdinha, eu não entendi o que aquilo era até que eu desci a mão um pouquinho e senti uma pele quente e macia, um pouquinho para fora da cueca. Eu não fui buscar, já estava ali. Eu não abri o jeans dele nem nada, eu juro. Sem cerimônias, o Lipe enfiou a minha mão para dentro da calça dele e, quando encostei, ele respirou mais fundo. Alto e forte, mordendo a minha boca, me fazendo gemer também.

Já cansei de vê-lo sem camisa pela tela do computador, mas aquilo na minha mão era novidade e eu queria ver.

— Deixa eu ver.

— O que você quer ver?

— Você. Deixa eu te ver.

Eu só queria ver, o show particular foi totalmente inesperado. Com os joelhos apoiados ao lado do meu quadril, ele soltou a boca de mim. Ficou parado me olhando, ajoelhado na cama. Os ombros dele, os braços, o peito. O sorriso de menino arteiro, o rosto vermelho, os olhos nos meus. Ninguém bate essa visão, nem apaga ela dos meus olhos.

— É inteiro lindo – Sorri. – Perfeito.

Termine o Show, Lipe. Deixa eu ver. Eu só quero ver. Me olhando muito, ele abriu o botão de metal, desceu o zíper. Usava uma cueca muito parecida com as sungas que ele usava na minha casa. Cueca de shortinho. O elástico grosso que prendia metade da pontinha.

— Continuo? – Sorria, incrivelmente desafiador e sensual.

Chacoalhei a cabeça dizendo que sim. Ele pegou a minha mão e, na medida em que descia a frente da cueca, envolvia a minha mão nele. Guiou minha mão para cima e para baixo, devagar, primeiro. Me mostrando como é que faz. Me olhando nos olhos daquele jeito maravilhoso e sem vergonha. Voltou a boca na minha, mas eu não soltei a mão dali. As mãos dele apoiadas na cama, ele me beijava e contraía a barriga, próximo de um descontrole muito legal de ver. Desceu a boca para o resto de mim, daquele jeito de antes, em tudo. Beijava e mordida e gemia entre os dentes.

— Para, Dê – Disse, suspirando – Tira a mão.

Claro que não. Ele tinha as mãos cheias do meu cabelo. Em quatro apoios, ele apertava a cama com força. Puxei-o de volta para a minha boca, quando vi que ele não tinha mais controle para me beijar.

— Para, Dê – Disse, olhando nos meus olhos, o rosto muito vermelho – Senão eu faço o mesmo com você.

Desci a mão dele para o elástico da minha calcinha. De coragem instantânea mesmo, porque nem eu desço minha mão para o elástico da minha calcinha daquele jeito. Me beijando muito, raspando os dentes em mim, lambendo e mordendo, não parei e ele começou. Eu estava melada e ele sorriu. Achou o meu botão muito inchado e começou a mexer ali, primeiro só de carinho, sem força. E depois com força. Mais forte que rápido. Num ritmo descompassado.

— Mais forte ou mais rápido? – Ele perguntou.

Eu não sabia. Ele me mostrou como ele gostava, colocou a minha mão lá e mostrou “olha, é assim que eu gosto, faz assim”, mas, na vez de eu mostrar a ele como é que eu gosto, eu não tinha lição a dar.

— Tanto faz.

Tanto faz não era resposta. Tanto faz é um “faz como você achar melhor” e ele viu isso. Entendeu o que o meu tanto faz queria dizer, eu mesma nunca fui tão longe comigo, como poderia dizer a ele, olha, querido, sou rapidinha, mexe rapidinho, ou, eu sou lentinha, vai lentinho.

— Eu não vou se você não vai. – Ele sorriu, com a mão dentro da minha calcinha, mais carinho que qualquer coisa.

NÃO VAI AONDE??

Dormi estourando de tesão pela primeira vez na vida e passei por esse aperreio pelo fim de semana todo. Me provocava de longe, me enviava olhares compridos até na mesa do almoço de Páscoa, me enchia de provocação falando baixinho, moleque travesso, perversiiiiiiido até dizer chega. Passava por mim, deixava o cheiro e ia embora.

Era um método muito vil de me deixar obcecada nele, curvada de vontade de qualquer coisa, de ficar perto, de beijá-lo, de dormir mais um pouco no peito dele. De tudo. Dele e só dele e não tinha conversa dos outros, novidade minha, discursos do Tio Digo, não tinha nada, pelo fim de semana todo, que me tirasse daquela grande fixação que o Lipe virou.

Não é preciso dizer que eu passei o fim de semana todo molhando e trocando calcinhas, né?

Só teve um momento naquele inferno que o Lipe fez na minha vida, que tudo não se baseou nele. Foi depois da janta no sábado, o Guto estava na varanda arranhando a viola velha da Bia, a noite estava quente e cheio de grilo lá fora.

O Guto e eu sempre fomos mais amigos porque ele também ficava às margens das festas. Não gostava de entrar no meio do fogo cruzado entre Botelho e Ferreira e era o único que gostava de ler. O pai dele deu o box do Harry Potter para ele no Natal e eu fiquei chupando o dedo por uns cinco meses até conseguir o meu.

Líamos juntos quando estávamos de férias e ele sempre compartilhava comigo o que estava lendo. A gente até marcava as mesmas passagens dos livros e quando tinha um capítulo que deixava a gente muito eufórico, um ligava para o outro para desabafar porque coisa de livro é ruim sofrer sozinho.

Ele sempre soube do meu abismo pelo irmão dele, nunca foi segredo, acho que o Guto sabe desde antes das minhas irmãs saberem, eu também sei coisas dele que não me atrevo contar de jeito nenhum porque amigo bom é amigo que guarda segredo e ele sempre foi muito fiel, tanto ao irmão dele, quanto a mim.

Um ótimo cunhado, o Guto.

Contei a ele sobre o cavalinho, sobre a Bia e sobre os meus progressos. Ele me sorria e dedilhava a viola velha, olhando o mato escuro, pensando com os botões dele e, de vez em quando, coçava a barba já bem cheia para um menino de quinze anos.

— O que você acha, Guto? Eu estou com medo de aceitar trabalho com o Jorge.

— Eu acho que você deve ir.

— Cêjura? Achei que ia ser contra...

— Qualquer coisa é só sair.

— Não sei, mas estou com medo de gostar.

— Se gostar, também, você entra numa vibe só sua. Você não nasceu para seguir o sonho dos outros e o seu pai sonha com você no lugar dele desde que você usava fralda.

— É, você está certo.

— Só não esquece nem do meu irmão, nem de mim, tá?

— E dá? – Perguntei e ele parou de dedilhar na viola velha. Não dava, sabíamos. Distância nunca separou a gente.

— De todo jeito, vai no rolê do cavalo que já deu certo. Esquece a parentada que a parentada não é você.

Ele sabia exatamente do que falava porque ele era o cisne negro da família dele. O pai não conta, mas a mãe, Tia Fê, sempre sonhou os três filhos trilhando o caminho das exatas e da engenharia. Parece que só ele se recusa.

— Decidi o que eu vou ser, te falei? – Ele sorriu e tinha um pouco do sorriso do Lipe, nele. Um sorriso mais peludo e mais sério, mais parecido com o pai dele.

— Falou não.

— Eu vou ser médico.

— Por que não tô surpresa? Eu acho que você vai ser um bom médico.

— Começo cursinho no meio do ano.

— Mas já?

— É, quero fazer que nem o Lipe e você, sem ficar um ano parado, já emendar o ensino médio com a faculdade.

— Vai tentar Federal?

— Estadual, vou tentar USP que nem a mãe.

— Vai conseguir. Medicina é mais difícil de passar que Engenharia.

— Mais difícil de passar, mais difícil de fazer, mais difícil de sair...

— É, mas se tem alguém preparado para isso, esse alguém só pode ser você.

— ... será que se eu pedir ajuda da Bia em genética e farmácia ela me ajuda?

— Guto... isso você vai ter que ver com ela.

— Odeio quando me chama de *cabrito*.

— Ela tá te chamando de quê?!

— Desde o boi no rolete do Tio Carlos é um tal de cabrito pra lá, cabrito pra cá. Mano, fala pra ela que eu não tenho nada de cabrito.

— Quer saber de uma coisa, *Mano*?

— O que, Mano?

— Você vai sentir falta de ser chamado de cabrito quando virar Doutor

Gustavo.

— Tá. Aham que vou, viu, Botelho?

— Escreve o que estou te dizendo, Ferreira.

Capítulo 17

Voltei para Belo Horizonte com a sensação ruim de não ter sido tempo o bastante. De ter ficado um montão de assunto pendente entre o Lipe eu, querendo beijá-lo muito mais, de ter dormido mais com ele, de ter falado mais besteiras. Três dias não deu para nada. Ele exibia o colarzinho no pescoço e não tirou mais, vivia com ele, era a nossa aliança de compromisso e isso me deixava feliz em ver.

Mas era horrível a sensação lá embaixo, essa agonia, esse querer mais, do que, nem sei direito. Queria ficar mais tempo deitada com ele, um chilique lá embaixo que me deixava pensando nele o dia inteiro. Horrível, não recomendo para ninguém e durou por bastante tempo, isso.

O bom é que diluí essa agonia de querer o Lipe com os dias e os problemas. A gente nunca pode dar graças a Deus para problema, mas eu dei. Ou era isso, ou enlouquecer e me bitolar só pensando no que mais tem para ver no Lipe e depois que a calça dele começa.

Liguei para o Jorge um pouco depois, quem atendeu foi uma tal de Roberta, parece que secretária dele, não sei direito. Falei quem eu era com a minha pretensa voz de quem sabe o que está fazendo e aguardei na linha.

— Ê, Tinhosa – ele e o jeitão dele de cowboy duro – era para me ligar até semana retrasada.

— Sinto muito, não pude.

— Não pode ou não quis?

— ... Eu estou te ligando agora.

— Deus ainda vai me castigar de ter ido com as suas fuças, moça.

— E então, tem ou não tem trabalho para mim?

— Tem sim, Dona.

O trabalho consistia em vender coberturas de cavalos por Minas Gerais. Cafetinagem equina, logo quem, né? Eu tinha que vender garanhão premiado para cruzar com fêmeas no cio. Corei de vergonha sem conseguir manter a postura. Eu? A menina que não para de pensar no primo, vendendo sexo entre animais?

Minha Nossa Senhora. Não tinha nada a ver com estágio, era um trabalho de verdade, era coisa de adulto com diploma, não era coisa de menina. Era muito além do que eu podia fazer, muito além das minhas expectativas e muito além de tudo o que eu queria para a vida.

— E então? – Era paulista e como todo paulista que eu conheço, diz que não tem sotaque, mas tem. – Vai querer o trampo? Eu estava em busca de um

representante do Jockey aí em Minas, mas até agora não achei alguém bom. É um teste, Tinhosa, você me deu um banho lá no Hospital. Por mim, começa quando quiser.

Falamos de salários e ele sugeriu porcentagens. Cinco por cento por cada cobertura que eu vendesse e eu pensei: quanto custa para cavalos transarem? Cem reais, cento e cinquenta reais? Calculei. Cinco por cento de cem reais é mixaria, assim não ia dar não. Sem fixo? Não, não.

Do lado dele da linha, ele deu uma risadona da minha cara.

— Cê não sabe quanto custa né?

— Não, uai, eu nunca trabalhei com cavalo antes!!

— Eu devia desligar o telefone e procurar alguém mais estudado no assunto.

Eu que não ia barganhar com um sujeito que me queria trabalhando para ele, ora essa. Ele quem tinha trabalho para mim, me deu o cartão, me ofereceu porcentagem. Algumas coisas na vida, como hierarquias e balanças de poder, eu já sabia. Fiquei quieta. *Quer desligar, que desligue*. Negociar também demanda silêncio e deixar o outro conduzir a conversa.

— Cê aceita passar uma semana aqui para aprender, Tinhosa?

— Nas férias, em julho.

— Antes nada feito?

— Eu estou estudando.

— ... - Deu um suspiro resignado antes de continuar – Quanto o Altair Real tá devendo no hospital?

Muita grana. Dez mil e lá vai cacetada.

— Por quê? – Perguntei.

— Mata uma semana de aula e vem cá aprender, que eu pago o que o cavalinho tá devendo.

Foi assim que eu comecei a matar aulas. Ele me tinha na parte que mais doía, na Bia. Eu nem comentei com ela sobre isso, na verdade, não falei com ninguém. Marcamos para a semana seguinte, fim de abril e eu sem coragem de falar nem para a minha família, nem para o Lipe, que eu ia a São Paulo.

É claro que eu já tinha ido para São Paulo antes, mas nunca sozinha, nunca sem o meu pai conduzindo o carro. Tremi nas bases e procurei quanto custava então, cada transa de cavalo.

Caí para trás. Rapaz, era muita grana. Cinquenta mil, sessenta mil reais por dez minutos que o macho fica em cima da fêmea. Cinco por cento de cinquenta mil eram dois mil e quinhentos, uma cobertura por mês pagava as nossas contas todas e mais um pouco.

Comecei a achar que era impossível. Como assim o moço do Jockey de

São Paulo queria me dar um trabalho pagando tanto e eu sem experiência nenhuma? Não, meu Jesuzinho, alguma coisa de muito errado tinha aí.

Comentei com a Bia, falei do Jorge, falei dos valores e ela acenou sem preocupação:

— É, é isso aí, cavalo é caro pra diabo.

— Mas, Bia, sou eeeeeeu! Tudo o que eu sei de cavalo é que ele tem quatro patas!

— . – Primeiro ela riu de se acabar. Nada inteligente eu também, né, falar para uma veterinária que cavalo tem quatro patas. – Esse Jorge aí não quer saber de diploma. Vive na minha aba desde ano passado, passa uma semana por mês lá no hospital com os cavalos dele e me convida, dia sim e dia também para sair com ele.

Ahhhh! Explicado porquê ele me quer trabalhando com ele. Parece até que o cérebro desfez um nó.

— E você não vai por quê? – Perguntei.

— Tudo quanto é macho que me aparece quer me levar no japonês!

— Uai, e daí?

— Tá bom que vou comer arroz grudado.

— Que que tem?

— Mana, Minas não tem mar, eu não vou pagar caro para comer treco gosmento. Eu faço um arroz muito barato e soltinho, nem a pau que eu vou comer arroz grudado!

— Bia... - e foi a minha vez de rir de me acabar – você é muito chucra.

— Caguei, eu mexo com cavalo, alazão doismetro de bicho, coice de matar boi e matar boiada, sou chucra mesmo.

— E você só não saiu com ele ainda por causa disso?

— Puta homão bom, sô. Cê conhece ele, já viu a praga, não já?

— Por que não sugeriu outro lugar?

— É paulista a desgraça, tá querendo me arrancar da minha Minas. – Me olhou de cima a baixo, me julgando – Pelo jeito vai conseguir, tá me atacando no ponto que dói.

— Onde?

— Na minha irmã.

E eu não pensei na mesma coisa?

— Então é melhor que eu não aceite, né?

— Você faz o que quiser, Dê, eu vou pra onde você for, não te deixo sozinha mas é nunca.

— Eu tô querendo aceitar.

— Então vai, sô!

— Pelo dinheiro e pelo teu Encrenca.

Fomos para São Paulo. Digo fomos porque a Bia foi comigo, cowboy dura ela também, com o Lipe em São José dos Campos mal consegui ficar com ele, almoçamos e jantamos na casa da Tia só dois dias, o resto passei internada no Jockey aprendendo o quanto custa e quais os critérios para uma boa cobertura.

A primeira vez que entrei num Jockey, na vida, fiquei encantada. Tudo era lindo demais. Os cavalos nos estábulos eram lindos, a parte do clube era linda, a arena de turfe era linda, (turfe é aposta de cavalos, sabe, bem coisa de filme, com arquibancada e os cavaleiros correndo para ver quem chega primeiro) os salões de festa, os campos verdinhos. Tudo com um ar paulista que nem para ser da roça presta. Tudo madeira e verniz e ternos custando os dois olhos da cara.

E lindo. Minha Nossa Senhora, que lugar maravilhoso. Até a Bia deu o braço a torcer, encantada com a infraestrutura que o Jorge e o pai dele têm para cuidar de cavalos.

— Para você ver como é, Botelho – O Jorge não economizou nem um pouco da lábia para cima da minha irmã – Eu tenho tudo isso aqui no meu quintal e ainda assim levo meus bichos para uma consulta com você, lá na sua Minas.

— Porque quer, nunca pedi.

— Eu assino seu papel de estágio, Botelho, vem trabalhar comigo. – E eu torcia para os dois ficarem juntos. O Jorge parecia, a cada dia, mais tonto pela minha Bia e era tanto chumbo grosso trocado que chegava a ser bonitinho.

Meu trabalho consistia em sempre subir o preço, nunca baixar. Meu primeiro dilema era que roupa colocar para conversar com fazendeiro sobre o sexo dos bichos. Pensei em colocar bota e jeans, igual à Bia, até coloquei, mas assim que eu cheguei no local da minha primeira venda, fui reduzida a uma mensageira. Ninguém nem lembrou do meu nome, só falavam do Jorge e dos bichos, falavam não olhando no meu rosto, diziam que iam tratar tudo por e-mail como se eu estivesse lá de puro enfeite.

No primeiro mês vendi só um bicho. Deu para pagar as vacinas do Encrenca e as contas da casa, o que era mais do que bom para um primeiro emprego fora da queijaria. No segundo mês peguei as minhas melhores roupas em Poços de Caldas e me vesti da melhor forma que eu pude. Estava na minha cara que eu não era cowgirl, que não sabia lidar com cavalo, que meu negócio sempre foi planilha de Excel e agendas de escritório, então assumi na roupa e nos modos, o mesmo que o meu pai assumia.

Eu estava ali para tratar de dinheiro. Não era problema meu carregar

cavalo pela estrada, nem colocar um em cima do outro, não era problema meu se a égua rejeitasse o garanhão. Eu estava ali como representante comercial.

A primeira vez que eu cheguei de salto e camisa, toda arrumadinha com a minha pastinha debaixo do braço com um portfólio que eu mesma imprimi dos cavalos do Jockey de São Paulo, as coisas mudaram muito.

Não fui endereçada a falar com o gerente, o veterinário, o peão responsável pelas baias, o sujeito que limpava cocô. Eu falava com o dono. Sentava com ele no sofá da casa dele, era servido sempre um cafezinho passado na hora, ele me falava das filhas dele, tudo moça adulta, dos filhos deles, das comadres. Ali eu era a Botelho. Do queijo que todo mineiro nasceu comendo, é, essa moça mesmo.

E tudo foi mudando de figura. Comecei eu mesma com as planilhas das contas da casa, do quanto o Encrenquinha custava para a gente, quanto tempo de tratamento ainda tínhamos para pagar e incluí, também, a faculdade da Bia para o caso de um dia a gente conseguir se virar sem atrapalhar nas finanças do pai.

Aos poucos, fui conhecendo cada criador de cavalo por toda Minas Gerais e Goiás. Eu ia dançando entre as cidades, cada dia mais longe de casa, mais ausente da escola, mais fazendo de hotéis, até que bem caros, a minha casa.

Pouco tempo antes das férias, consegui quitar com o meu trabalho a primeira mensalidade da faculdade da Bia e liguei para o pai, toda contente, para dizer que ele não precisava pagar o boleto porque eu já tinha pago.

É claro, ele disse que estava contente por mim, mas não estava. O pai também não quer que eu desmame. A Bia, cada dia mais descontente com o estágio, a relação com o Diretor do hospital cada vez mais desgastada e cada dia mais disposta a largar aquilo para viver como veterinária lá em São Paulo.

Parece muito para a cabeça, né? Pois é. Cavalo é caro, dá uma dinheirama e os donos são todos como a Bia, apaixonados. Quando eles me viam, toda arrumadinha, já me tratavam como A Moça. Trabalhar só com homem faz você ganhar este título. A Moça, a mulher. Aos poucos eu fui caindo nas graças deles do mesmo jeito que eu caía nas graças dos comerciantes do meu pai.

Tudo o que eu já fazia de olhos fechados. Encantar cliente era o que eu mais fazia, enquanto meu pai vendia e mandava contratos para assinar. Eu nunca saía debaixo da asa do meu pai, sempre obedecia e sempre atendia aos chamados dele.

Com os senhorzinhos, criadores de cavalo, eu podia facilmente ser confundida com as netas dele. Cada cobertura que eu vendia era como negociar com o meu Tio Carlos, com o meu outro Tio, o Rubens. Bastava eu falar baixo, sorrir muito e sempre perguntar da família.

O produto era bom, só vinha na minha mão cavalo de raça que aos poucos eu fui aprendendo sobre, mas nunca colocando a mão. Cavalo árabe é a coisa mais linda, todo preto e aquela crina mais bonita que meu cabelo. Todos os compradores de cobertura já sabiam a procedência dos cavalos de São Paulo muito antes de eu falar com eles a primeira vez.

E então eu fui percebendo que o produto já estava vendido, bastava alguma carinha bonitinha, amigável e tolerável que fidelizasse os clientes e esperasse que os cheques fossem assinados.

Jorge até podia ter gostado da minha irmã, mas não era nem um pouco bobo: percebeu logo que o meu jeito até de ficar irritada era meigo e que qualquer homem mais velho já viria com suas garras paternalistas se oferecendo para me ajudar.

Dito e feito. Comecei a entrar sem ser anunciada na maior parte das fazendas entre Minas e Goiás, mas detestei tudo isso assim que entendi o jeito como as coisas eram. Eu não queria mais ser vista como um doce de menina e foi exatamente por isso que fui contratada.

Capítulo 18

“Seja feliz fazendo seu trabalho de macaco”, meu pai disse. Batucando meu lápis nos cadernos eu só pensava nisso. O Gabriel, meu colega de quarto, só faltava rezar de joelhos agradecendo pela escola que tem, eu, por outro lado, não conseguia ver tudo isso de bênção, não.

Passava meus dias no grupo da família, buscando novidades. Ligava para a Manu e o Guto pelo menos umas três vezes por semana, para saber deles, para saber da vida em casa, o que eu perdia, das brigas do pai e da mãe, no que a mãe estava metida, qual projeto ela começava sozinha.

Fiquei triste de saber que desde que eu fui para São José dos Campos ela não inventou moda nova. Aquela senhorinha ama uma moda para inventar. Colocamos drone no céu por isso, era o nosso drone, a gente ia todo fim de semana nas lojinhas de eletrônica da Santa Ifigênia para buscar aquele único eletrodo, aquele capacitor que nos faltava. Era uma relíquia por semana, a gente nunca gastava mais de dez reais, ia no Paraíso das Gambiarras, fazia a compra da semana e voltava, encomendava uma PIC com um chinês às vezes, implorava para fuçar no lixo das assistências de celular e depois voltava, sempre passando no McDonald's, com milk-shake para todo mundo.

A mãe nunca tinha pedido para o Guto ir junto porque sabia que essa coisa de fio e lei de Kirchhoff nunca foi coisa dele, queria que a Manu fosse maiorzinha para poder ir com ela, mas que nem eu, não tinha. E o pai já tinha me dito que a mãe morria de saudade disso.

Eu sei, as pessoas crescem, o tempo livre acaba, eu tô longe de casa e tal, mas como uma coisa tão boba, ir caçar sucata na Santa com a minha mãe, pode fazer tanta falta?

O Guto me disse que a mãe acorda cedinho no sábado por costume, igual todo dia, e num desses sábados, ela o chamou para ir também. Já tinha tentado ir sozinha, mas não tinha gostado nem um pouco, então, no outro sábado, ela o chamou.

— E você foi? – Perguntei a ele, por telefone.

— Fui, né, velho.

— E o que achou?

— Uma merda. – E riu. – Fui porque era a mãe, né, tem que ir, mas eu achei uma merda.

— O que ela foi fazer lá?

— Ah, sei lá, só soube falar de Time lapse e telescópio. Ela falou de GoPro, mas não comprou nenhuma, não entendi nada.

— Eu sei o que ela quer fazer.
— Então me explica, porque só ouvi ela falar de lente, telescópio, HD externa e me perguntou se um SSD de 1TB era coisa demais, ou de menos.
— Ela falou de Atibaia?
— Falou!
— A mãe quer levar o pai para ver estrela.
— Só esperar anoitecer e ir para o quintal, pô.
— Com esse tanto de luz que São Paulo tem, não dá.
— É, mas uma hora fica escuro.
— ... Cadê a Monstra?
— Tá de castigo no quarto dela.
— Por quê?
— Ela fez um ossinho na 3D e deu para a Mona.
— Desde quando a mãe deixa a Manu mexer na impressora 3D?
— Desde que a mãe ensinou e deu a 3D para ela.
— Ela deu??
— Lipe... - Tá, eu tava enciumadão. – Ninguém usa aquilo desde que você montou com a mãe. Estava parada, a mãe catou o Ipad e ensinou a Manu como é que mexe.

— Eu gostava daquela impressora...
— A Manu gostou também. Já fez chaveiro para todo mundo aqui, saboneteira também, um porta-sabão-em-pó para você e tá me enchendo o saco para saber quanto é que eu calço.

Manu na 3D. Sorri com a ideia. Imagina, essa menina vasculhando lixo na Santa Ifigênia com a mãe e eu? Ela quem vai ser a minha sucessora de loucura, né? Olhando o Guto que não entende como alguém pode ficar feliz passando a tarde soldando fio e amaldiçoando placas de circuito impresso, entendi o plano da mãe.

E, de repente, me deu uma vontade tão grande de voltar para casa! Puta falta a mãe faz. O pai liga, é legal, dá conselho bom e tal, mas é a mãe que me faz falta. Aquela mulher não me liga! Fala comigo o que precisa, pede desculpa por estar atrapalhando, manda mensagem quando o dinheiro do banco rareia, mas não me conta que quer levar o pai para ver estrela.

Não perguntou se eu queria dar a nossa Impressora 3D para a Manu (era minha também!), falou de GoPro com o Guto, mas não falou comigo.

— A mãe não me disse nada disso. – Comentei.

— É, mas você tem falado suas coisas pra mãe?

E eu vou falar do quê? Que ITA tá chato? Que eu só sei fazer lista de exercício o dia todo e que cálculo infinitesimal tá na minha lista de pesadelos?

Vou falar, vê só, a uma mulher com doutorado (EM ENGENHARIA!) que eu tô apanhando nas matérias que ela dá no ciclo básico lá da faculdade dela?

Eu tô no bê-a-bá, ela tá dando aula! Eu que não vou ficar reclamando, dando uma de aluninho mimado, para a mulher que tem diploma desde antes de eu nascer.

— É, mas podia ter contado da Dê.

— Mas eu não contei da Dê para ninguém!

— Ah, Lipe, vai tomar no cu!

— O que foi, caralho?

— Como que não contou, ninguém viu vocês dois na Páscoa, não?

Eu espero que ninguém tenha visto mesmo, porque olha...

— É, gênio, a mãe tá putona de você não ter falado da Dê para ela.

— A mãe tá puta?

— Além de longe, você ainda não conversa com ela, me ajuda a te ajudar, porra.

— Fala pra ela que tô indo aí no sábado.

— Se vira, não sou garoto-recado.

E não disse. O Guto é uma putinha. Eu falei para o pai que estava indo, o pai disse o que sempre diz “vê se não vai te atrapalhar, aí” e pronto. Liguei para a Dê para contar que estava indo a São Paulo e ela me disse que estava indo para Goiânia.

(E tem isso, ainda. A Dê não está mais parando em casa. Fica viajando por aí, uma fazenda por semana, me conta dos caras, dos pais dos caras, dos cavalos dos pais dos caras e não abre a boca sobre o que aconteceu na Páscoa entre a gente. Está empolgada com o trabalho novo, vive falando de um tal de Jorge, do como esse Jorge aí tá querendo comer a Bia e do como a Bia tá enrolando para dar).

(Mas da Páscoa e do quanto a gente quase se comeu, isso nem um pio!)

É a Dê, né, só isso aí já vale uma bíblia de tanta enrolação para tocar nesse assunto.

Mas quer dizer, fazer tudo bem, o problema é falar? E eu sou homem de esquecer que aquela lá não sabe como é que gosta das coisas? E eu lá sou moleque de ensinar o caminho das pedras?

A mãe já dizia, o pai já disse também. Caminho das pedras a gente descobre sozinho. E eu não acredito que uma moça de dezoitão ainda não saiba como é que gosta de ser tocada lá. Tem que saber e tem que me dizer, pô.

Eu tô destreinado com essas coisas, faz tempo que eu não namoro e tal, mas pera aí, né. Tem coisa na vida que a gente não esquece e como meter a mão lá certamente não esqueci.

No fundo, eu sei que ela não meteu a mão lá. É a Dê, não dá nem para imaginar a Dê com a mão lá (embora pareça uma visão bem boa). E aí o dilema é maior ainda porque eu fico nesse impasse:

Ensino a ela como é que faz, mostro e tal como é que chega lá, ou espero ela descobrir sozinha?

Coisa que eu preciso anotar e perguntar para a mãe. Ela vivia dizendo, quando eu comecei a namorar a Gabi, para eu não acelerar as coisas. Nunca disse para eu recusar, ainda bem, só dizia para eu ir com calma.

E no final, a Gabi que era a apressada, bastava ficar sozinha em casa e já me ligava, perguntando se eu não queria ir lá, perguntando o que eu ia fazer, onde eu estava e essas conversinhas moles que a gente sabe o que a menina quer, mas tem que se fazer de desentendido só para ouvir o que ela realmente quer.

Colei um post-it na carteira para não esquecer e, sábado, peguei o primeiro ônibus para São Paulo. Coração disparava só de o trânsito parar. Quando você vai chegando na cidade de novo, as boas vindas quem te dá é o trânsito. O ônibus parou num farol, já sabe: tá chegando. Saudades da Marginal, da Estaiada da minha mãe, dos faróis, dos carros num anda-e-para, do metrô. E o coração vai ficando grande, mal cabe no peito, estufado.

Nessas horas dá vontade de não voltar para São José nunca mais. Lá é legal, é uma cidade grande também, tem de tudo, muita gente legal, mas não é a minha casa. Só de ler numa placa qualquer “Faria Lima” eu já lembro de tudo, desde a primeira vez que pisamos no restaurante, no dia das mães. Época boa. Sangria sem álcool que parece suco de tão docinha. Ê, saudades.

Vou perguntar para a mãe se ela quer ir jantar lá no pai, só eu e ela, o Guto fica com a Manu e come pizza com ela, não vão achar ruim. Tô precisando de colinho de mãe, acho. Só para lembrar como é que é.

A mãe parece pedra, mas no fundo, é não. Fica só fazendo charminho para não parecer melosa, mas se derrete inteira quando um de nós faz alguma gentileza.

Eu conheço aquela lá. E o pai não fala que eu puxei a mãe à toa. A gente tem umas coisas parecidas, sim, eu só sou mais fácil de lidar e menos doido, porque aquela lá, só Deus na causa, mesmo.

Cheguei em casa, um puta silêncio. A Mona chorava abanando o rabinho, me dando as boas vindas. Olhei no relógio do celular e eram sete horas. Tinha comida no potinho da cachorra, então alguém já estava de pé, mas, a julgar pela porta e janelas fechadas, alimentaram a Mona e voltaram a dormir.

Entrei em casa e coloquei a minha mala do lado do sofá, sentindo cheiro de café vindo da cozinha. Nem disse nada, só entrei, vi a mãe de costas para a porta, segurando a xícara dela, mas tinha uma coisa estranha:

Cadê o pai? Tinha uma xícara no lugar dele, tinha um pãozinho cortado na metade, tinha até faca suja de requeijão. Caramba, cadê o pai? A mãe se mexeu estranho na cadeira e nem percebeu que eu entrei. Olhei para debaixo da mesa: achou o pai.

Voltei para a sala, fiz barulheira com a chave, cumprimentei de novo a cachorra com bastante estardalhaço, fechei a porta quase batendo: Gente, eu tô em casa, tem filho acordado, se comam depois.

Voltei para a cozinha: apareceu o Margarido. Sentadinho no seu lugar, puuuuto da vida e dava para ver que ele não gostou de ser atrapalhado, o olho colado no tampo da mesa e nem se mexia, as mãos abertas, uma de cada lado do prato.

— Cheguei. – Comentei, meio sem querer chegar perto dos dois.

— Lipinho! – A mãe disse, a cara liiiisa que só, arrumando o cabelo do coque que caía, me sorrindo e se levantando para me cumprimentar. – Nem falou que vinha para casa, filhote.

— Surpresa – Era para o Guto te dizer, mas aquela putinha preferiu não.

— Chegou bem, fez boa viagem? – Me beijou puxando a cadeira para eu sentar – espera aí, vou pegar sua caneca e você come com a gente.

— Oi, pai. – Sentei do outro lado da mãe, olhando o pai que me fuzilava de um jeito tão bravo, tão bravo, que se eu não soubesse o motivo da braveza, ficaria achando que era braveza por eu ter feito alguma merda.

— Quer beijo de Oi? – Ele perguntou, ainda putão, sabendo que meu estardalhaço era para acabar com a graça deles.

Beijo de Oi, sabendo onde que ele andava com a boca?? Mas neeeeem fodendo.

Ué, mas ele queria o quê? Que eu pegasse senha e ficasse do lado de fora esperando as gracinhas terminarem o namorico e ficar ouvindo coisa que leva filho direto para o psiquiatra??

Já não é a primeira vez que isso acontece, né, a mãe tomando café sozinha enquanto o pai parece que some.

— Aqui, filhote – A mãe colocou a minha caneca na minha frente e trouxe um prato, tranquila na situação porque era eu, (se fosse o Guto ou a Manu a mãe estaria extremamente vermelha de vergonha e acanhada, mas eu, beleza, pode jogar putaria de mãe com pai na cara do Lipinho Lindo que ele não liga).

— Vai fazer alguma coisa agora de manhã? – Perguntei, enquanto ela sentava de novo.

— Não mais, né. – E ria, escondendo o sorriso na xícara e olhando para o meu pai que ainda não estava totalmente de volta ao planeta. – Por quê? Qual o plano?

— Time Lapse, dona Fernanda?

— O Gutinho te contou, foi?

— O assunto surgiu.

— Tô caçando alternativa para GoPro, mas tá foda. Queria pegar uma lente de webcam bem baratinha só para brincar um pouco, sabe? Não vou comprar uma câmera de dois paus só para isso.

— E celular? Não pensou em nada?

— Ah, eu vi que tem uns aplicativos para isso – ela não queria falar tudo porque o presente era para o pai e ele estava ali na mesa, mas, de todo jeito, duvido que ele entendesse alguma coisa – tem até observatório lá, mas ah, só queria brincar um pouco.

— Eu sei que com webcam dá para fazer microscópio, mas o contrário, sei não.

— Quer descobrir comigo?

— Lógico.

— Santa Ifigênia, hoje? – E sorria. Ê, mãe, desculpa não poder fazer mais tanto isso como a gente costumava fazer.

— Tô pronto.

— Deixa só eu resolver um negocinho com o seu pai, coitado, ó a carranca dele... - e ela ria, ainda. Mulherzinha má, essa daí.

— Já vi que fui trocado – Ô dó. – Podem ir.

— Prioridades, né, pai? Marido ela tem todo dia, mas filho... ?

— Quer vir também, Dio?

— Eu não.

— Cê sabe que ela perguntou de educação, não sabe? Cê enche o saco quando vai, fica falando para a gente ir embora o tempo todo.

— Vocês dois – e ele apontava, ainda – têm uma noção bem distorcida de diversão.

Mas é diversão para a gente, ué.

Capítulo 19

Estacionamos numa vaga apertada da Rua Aurora, a gente até sabia para onde ia, já. Não tínhamos nenhum projeto de câmera, nem pesquisa, nem nada. Só não queria gastar muita grana com câmera, então qualquer coisa num orçamento menor que câmera nova, já valia.

— Mas tem um porquê você querer ir a Atibaia, ou é só passeio? – Perguntei, saindo do banco do passageiro.

— Só quero mostrar para o seu pai, ele nunca viu.

— O Pai tem jeitão de quem vai gostar de ver estrela e tal.

— Seu pai fala que não, que tá contente com você fora de casa, mas ele tá sentido.

— O pai?

— É.

— Achei que você estivesse sentida.

— O Guto te contou que eu trouxe ele, né?

— E tem como não? – Me ofereci para pegar a bolsa dela e ela sorriu, me entregando. Com o tempo, quanto mais longe de casa a gente fica, mais gentil fica também. Eu já tinha reparado nisso com o Tio André. Ele nunca abriu a porta para as filhas antes, mas bastou que duas saíssem de casa, que pronto, abre porta, puxa cadeira, dá a mão para descer a escada... e eu, babacão, tô indo pelo mesmo caminho. – Você sabe que pode me ligar e discutir projeto novo por telefone, né?

— Não é a mesma coisa.

— Eu sei, uai, mas é o que tem para hoje.

— Uai. – E lá vamos nós de novo.

Entramos numa portinhola estreita e depois subimos uma escadinha encardida para encontrar o melhor sucateiro dessa cidade. Um chinês que conserta celular na hora e que vive enrolando a clientela para comprar deles um celular bom, mas com tela rachada, por cinquenta reais.

A quantidade de iPhone e Galaxies caros que ele tem naquele cubículo que cheira a molho inglês não está na história. É um trambiqueiro de primeira, vende celular usado como novo no Mercado Livre e só tem avaliação positiva.

Abriu um sorrisinho safado quando viu a gente entrar, assoprou a solda de algum brinquedo infantil, provavelmente de um dos netos. Cumprimentou a gente com aquele baixar de cabeça, bem coisa de asiático, e apontou para as seis caixas no canto, só com carcaça desmantelada.

— Tá pronto, Lipinho?

— Nasci pronto.

Arregaçar as mangas do moletom? Pronto. Arregaça as mangas do blazer, dotôra. Prende os cabelos também, dotôra. Solta um furinho do cinto, mas puxa as calças para cima, para não aparecer cofrinho e... Ela estava tão doida de saudade de ser lixeira, que entrou com as mãos e as fuças antes de mim. Nem tínhamos um porquê de estar ali, era só para manter o ritual. Uma carcaça de GoPro foi a primeira coisa que chamou a atenção da minha mãe: só faltava o sensor. Tinha lentes, circuito interno, a tela rachada.

— Licença, - ela pediu para o chinês – cadê o sensor dessa câmera?

— Queblô.

Nós nos olhando, um comendo o sorriso do outro para não se rachar de rir, voltamos para a caçada. Uma GoPLo quebLada; separa, põe de cantinho, vai que acha outra. Um controle de ar-condicionado (?), um aspirador de pó (?), três ou quatro baterias de 5000mah, tudo de celular. Sensor biométrico, tela inteira e touch, também de celular, mais um monte de porcariazinha.

— Esse motor aqui tá melhor que o motor da 3D lá de casa... - Ela disse, olhando uma impressora aberta, de canto.

— Leva, chegando em casa a gente troca.

— Não vai falar nada sobre eu ter dado a 3D para a Manu?

— ... Que faça bom proveito, ué.

— Ela falou que tem uma coisa pra te dar. E que vai fazer a própria colher assim que achar um modelo de colher na internet.

— Por que você não fez um pra ela?

— Se eu gostasse de design tinha feito arquitetura.

— Mas, ô frescuuura!

— ... Ou engenharia aeronáutica.

— Ó, vam'pará de falar mal da profissão dos outros.

— Mas cê tá feliz no ITA, bebê?

— Tô. – Mentiíiiiira.

— Tá?

— É, tá começando a ficar bom.

Ela não disse mais nada, continuou com as mãos atoladas nas caixas ensebadas, caçando lixo. Outra GoPro! Só que só a carcaça. A luta estava difícil, viu, tem carcaça que você acha que é de uma coisa, vai ver, não é. E quando não tem carcaça, só o circuito, você passa duas horas olhando para saber do que é e se desilude. Passei nuns quinze minutos tentando entender uma placa de impressão dos dois lados, cada capacitonzão que você acha que é de coisa séria, mas quando vai ver... é de ventilador, desses eletrônicos, cheios de botão.

De todo o jeito, pegamos o motor. Conforme mexíamos, inventávamos

um projetinho para sábado e domingo, coisa boba, corrida de carrinho. Cada um faz o seu, o que chegar primeiro lava a louça.

Até a gente achar um sensor de GoPro, foi tempo, mas achamos. Um sensor numa máquina, uma carcaça na outra, barganhamos a sermos nós a pagar 50 reais, demos mais uns trocos pelo resto da quinquilharia e saímos. Que horas eram?

— Onze horas, já.

— Cacete, tudo isso?

— Pois é, - guardei o celular no bolso e continuei – bom, GoPro pra filmar sacanagem você já tem, o que vamos fazer, agora?

— Não é para filmar sacanagem.

— Mãe, me poupa.

— É sério, não é.

— Vamos comer? – Mudei de assunto porque eu não queria saber exatamente o que ela ia fazer com a câmera. Os álbuns de foto que achei pela casa já me deixam sem a menor vontade de saber para que essa mulher e meu pai usam suas câmeras.

— Não dá, seu pai já saiu para o restaurante, Gutinho e Manu estão sozinhos em casa, a gente tem que voltar.

— Tem nada, liga lá para casa, fala para eles pedirem um Uber com a sua conta e vamos nos encontrar num restaurante legal.

— É, tá, pode ser.

Às vezes meu poder de persuasão em cima da minha mãe me impressiona. Sentamos numa hamburgueria, dessas bem coisa de hipster, tudo artesanal servido nuns pratos diferentex e pedimos cebola frita com cerveja para esperar meus irmãos chegarem.

— Tirando a escola, tá tudo bem? – Ela perguntou, puxando assunto.

— Tá.

— Não curti que fui a última a saber da Dê.

— Bom, ninguém sabe.

— Pelo contrário, bebê, todo mundo sabe.

— Não por mim, se tem gente sabendo é de abelhudo.

— Queria que tivesse me contado.

— Tô namorando.

— Mentira?

— É, pedi da sexta para o sábado na Páscoa.

— Seu aniversário de namoro vai ser num Sábado de Aleluia??

— Putz, e não é que é? Nem me liguei nisso.

— ...Você pretende dar aliança?

Mostrei o colarzinho que eu nunca tiro de dentro da roupa. Quando a Dê me deu foi uma coisa tão íntima, tão dela, que eu não achei certo todo mundo ficar vendo. Não era um colar, um adereço, sei lá. Era um pouco dela. Presente da nossa vó que morreu, né? Parte da tradição das três irmãs, cada uma tem o seu e ela deu o dela para mim.

— É aquele colarzinho da vó, bebê?

— É.

Toda vez que a gente fala da vó a mãe chora. Arrumou as mangas do blazer para não ter que me encarar com os olhos molhados, mas a boca tortinha assim de canto não conseguia enganar. Toda vez que a gente fala da vó a mãe chora e o pai se cala.

— Ela é a sua Nina, bebê?

Nina. É um troço muito louco isso de Nina. É a coisa mais besta que pode ter, meu vô chama a minha vó de Nina desde quando eram moleques: Teresa, Teresina, Nina. Desde o começo do século, capaz. Meu pai chama minha mãe de Nina para manter a tradição, não chama sempre, só quando tá amando muito ela.

E eu, chamar a Dê assim? É um pouco cedo, você não acha? É, tipo, um pouco MUITO cedo.

— Sei lá.

— Eu odeio quando você começa de rodeação.

— É que eu não sei mesmo, caramba, eu não tenho filho, nem casa, nem casei, nem tô comendo ninguém, nem nada. É só... sei lá, legal com ela.

— Já disse “eu te amo”?

— ... eu fico pensando o que é que eu vou fazer sendo engenheiro lá em Poços de Caldas e o que ela vai fazer aqui em São Paulo cuidando da queijaria do Vô...

— Tá nesse pé, Lipe?

— É o que tem para hoje, né? Agora está beleza, eu vou lá para Poços ou Belo Horizonte, a gente se vê um pouco, se fala por Skype e celular toda semana, mas, mãe, e quando a gente terminar a faculdade?

— Falta muito tempo.

— Eu sei, mas, e quando? A vida dela é lá com as irmãs dela, a minha vida é aqui, com os meus irmãos... É foda.

— Para tudo tem jeito, bebê. Se acalma.

— Não tô nervoso.

— ... Só não tá conseguindo dormir, né?

Quem dera minha insônia fosse só por causa disso. É tanta coisa, é saudade de casa, é prova da semana que vem, é a Dê que vive viajando e só sabe

falar dos clientes, é o pai que anda bem afastado de mim e só sabe perguntar se tudo vai bem, é a senhora que sente saudade de catar lixo comigo, mas não abre a boca para falar... aff.

Por que é que as pessoas não podem só falar aquilo que estão pensando? Por que é que elas querem que eu leia o pensamento delas? É simplão, pô, ninguém morre.

— Me diz uma coisa... - ela até se arrumou na cadeira, então vem chumbo – você tá indo para Belo Horizonte?

Já entendi o porquê das pessoas não falarem: porque correm o risco de falar demais.

— Fui uma vez só, no aniversário dela.

— EU SABIA!

— Calma, foi só uma vez.

— Eu sabia que seu pai estava mentindo para mim! Cem conto a mais na sua mesada para comprar sabão em pó?? Quem gastaria tudo isso? A fatura do cartão mostrou um buquê e eu sabia que isso era coisa sua, só podia, mas aqueles cem reais, ah, ali tinha!

— Credo, mãe, cê controla os gastos do pai tanto assim?

— Sua fatura do banco tá no meu nome, né? Eu recebo por SMS cada vez que você compra alguma coisa.

— Ah, você não controla o dinheiro dele, você controla o meu!

— Não sei se te falaram, mas seu dinheiro vem do meu e eu tenho mais dois filhos para manter com este mesmo dinheiro, né, querido.

— Você é maluca.

— Prazer, sua mãe. – E desconversou – Mas rolou alguma coisa mais séria, lá na nova casa dela?

— Tipo o quê?

— Tipo artesanato, Felipe, caralho!

— Ahhhhh... - Putz, nem pensei nisso – Que nada, é a Dê.

E dizer “É a Dê” é desculpa, sim.

— Nadinha?

— Eu até quis, mas...

— “É a Dê”.

— Pois é. Só foi rolar alguma coisa, tipo artesanato, agora, na Páscoa.

— Debaixo do teto do pai dela?

— A gente é universitário com mãe que controla grana por SMS (NÉ??) e eu sou menor de idade. Cê não queria que eu arrancasse ela do teto do pai dela para ficar só se beijando num motel, queria?

— Só rolou isso?

— Quantas vezes eu vou falar “É a Dê”?
— Eu na idade dela já tava daquele jeito, ó.
— Informação demais.
— Ah, para. Você é meu único amigo, vê se não fica de puritanismo pro meu lado.

— Seu único amigo?
— Você sabe que sempre foi.
— Então posso fazer uma pergunta?
— Pode, vai. – E fez cara de “Porra, me fodi, vou ter que ouvir groselha do meu moleque”.

Contei do tal do “tanto faz” que a Dê me deu. Contei da circunstância do tanto faz, a hora que ela escolheu para deixar tudo na minha mão. Eu mostrei como eu gosto e era a hora de ela mostrar como era... não tinha.

— É possível. – E essa resposta é para um “nunca fez isso sozinha”.
— Será?
— E você vai deixar ela fazer isso sozinha primeiro, tá? Conselho do que eu queria que tivessem feito comigo.

— Alguém fez você chegar lá antes de você ter chegado?
— Pois é – E a mãe não conseguiu falar naturalmente, nem mesmo comigo. Ficou vermelhinha falando disso. – Foi um cara que me fez chegar lá primeiro e por um bom tempo eu achei que ele e só ele tinha esse poder. O cara era uma merda, Lipe, sabe? Uma merda, mas como eu tentava com outros caras e nenhum deles me fazia chegar lá, eu sempre voltava para o bostão porque ele tinha o cacete mágico.

— Vamos pegar leve um pouco, tá?
— Você quem tocou nesse assunto, você sabe que eu não gosto muito de falar disso.

— Eu não sou uma merda, mãe.
— Eu sei que não, bebê, você é um namorado fofinho até demais.
— Só que... ?
— Só que isso é a sexualidade dela, sabe? É conselho de mulher, ouça se quiser.

— Tudo bem, manda.
— Acho que a gente tem que descobrir sozinho como é que goza. É maravilhoso descobrir junto, tudo junto também, mas a gente descobrir sozinho não deixa ninguém ser dono do nosso prazer. Que nem, - pigarreou olhando o relógio na parede, a complexidade do balcão do restaurante e do dia e, depois, continuou bem sem graça para ser Dona Fernanda que diz tudo o que ninguém nunca pergunta – quando você entendeu que pinto não serve só para mijar,

ninguém te mostrou como que era, né?

— É.

— Então. E você sabe que goza sozinho, seja como seja, não me interessa muito essas coisas, não, mas você sabe como gosta, quando, o quando tá quase, não sabe?

— Sei.

— E você, quando chegou nela, não tinha dúvidas sobre nada acerca do seu corpo, tinha?

— Sobre mim, não, só sobre ela. – Respondi, olhando o garçom colocar as cervejas na mesa – Obrigado.

— Então: agora imagina que você nunca tenha gozado na vida. Imagina que tem uma menina que chega com a mão em você e que quer te levar para onde você nunca foi. Suponhamos que consiga, vai, com as meninas tudo é mais dificultoso, mas vamos supor que ela te leve lá: se um dia vocês terminam, você vai tentar sozinho ou você vai esperar que a próxima pessoa te leve lá também?

— Eu nem sei se consigo te responder.

— É foda, com menino a gente não precisa dizer quase nada, vocês nascem e morrem com a mão no pinto. O que a mãe tá querendo dizer, amor, é que é mais saudável que, mesmo que ela aprenda com você como é que é, é bom que ela saiba que pode continuar nisso sozinha, sabe? Porque ninguém manda no tesão de ninguém e você, por mais foderoso que seja na cama, não pode controlar o corpo dela, entendeu?

— Mas eu não tô tentando isso.

— Eu sei, mas como você tá falando disso comigo, eu sinto ter que te dizer, bebê, mas pode ser que você seja só o primeiro, não o único. E tem que mostrar a ela que mesmo depois de você, as outras pessoas da vida dela podem ser maravilhosas, cada uma de um jeito, não todas do mesmo jeito e esquema que você. Entendeu mais ou menos onde eu quero chegar?

— Mais para menos do que para mais.

— É sobre o controle do próprio corpo, amor, só isso. Se ela não controla o próprio corpo, não é você quem tem que fazer isso.

— Mas eu não quero...

— Já era para essa menina estar na siririca há pelo menos uns quatro anos, já. Dezoito anos e nem uma gozadinha? Ah, faça-me o favor.

E então chegam de Uber o Guto e a Manu, bem no meio da conversa. Eu queria falar mais disso com ela, não era a hora do Guto chegar, nem a cebola frita tinha chegado ainda, pô.

Manuzinha se aninhou no meu colo me dando um beijão de oi, repetindo o que a mãe já tinha me contado:

— Tenho uma coisa para você lá em casa.
— Mas é de comer, Monstrinha?
— Não! O pai não me deixa mexer com fogo!
— É de usar?
— É!
— É roupa?
— Não, roupa não é presente!
— Então o que é?
— Quando a gente chegar em casa você vê, ué.
— Então vamos embora.
— Não!
— Quero chegar em casa logo!
— Mas é que eu tô com fome...

— Manu tá falando que tá com fome desde as 10 da manhã. – O Guto disse, sentando na cadeira ao lado da mãe e deixando o sofá que eu estava sentado só para a Manu e eu.

— Então vamos pedir logo, Ogra. – A Mãe respondeu para a menina – o que você quer comer?

— O que o Lipinho quiser eu quero também, mas só que pequenininho, né.

— Mas, ô, grude!

Conversa vai, conversa vem, a gente já tinha devorado muita comida com muito milk-shake e a conversa da siririca voltou porque eu botei o assunto na mesa. Manuzinha estava lá, beleza, a gente maneirou um pouco no vocabulário, mas eu ainda não tinha terminado de conversar o que eu queria.

Eis, que a sabedoria veio de quem sempre vem.

— Guto, - a mãe perguntou – se fosse com você, o que você faria?

— Eu só beijo elas.

— Não chegou nessa fase ainda, né? – A mãe também queria saber de tudo.

O Guto não é mais nem virgem, mas não contou para a mãe, só para o pai. De besta naquela casa só eu, o resto é tudo esperto.

— Cheguei, passei, voltei, fui de novo, ih, mãe.

— Gutinho... ?

— Eu só não falo com você porque sei que você não gosta, daí falo com o pai.

— Mas você já... ?

— Ué, já.

— JÁ? – E a mãe olhou para mim pensando “Como que seu irmão MAIS

NOVO já transou e você não, moleque?”

— Ninguém passa no ITA transando, né. – Respondi. Ninguém detona três Guidorizzi no terceiro ano da escola sem estar maluco de paranoico.

— Tá, então o que você faria no lugar dele, ó, comedor do primeiro colegial?

— Eu já disse: eu beijaria ela e o resto vai que vai.

— Hm, - a Manuzinha até ouvia, mas não entendia muito, não. A mãe deu um gole na cerveja dela e depois deu uma olhada no Guto, tentando entender o que ele queria dizer – você quer dizer, Gutinho, que não colocaria a mão nela?

— É, - e ele escolhia as palavras a dedo para a mãe não ter que se envergonhar – ela tem mão, se ficasse com vontade, que se resolvesse.

— Com você junto.

— É, comigo ali.

E não era uma ideia ruim!

— Já fez isso? – Perguntei.

— Quer dizer, não intencionalmente, mas aconteceu. Quando eu percebi a menina já estava quase lá.

— Gostei. – A mãe disse antes mesmo de eu dizer. – Agora eu que quero tentar.

— É, isso parece legal. – Anotado no post-it da carteira: *sem as mãos*.

Capítulo 20

E o post-it ficou na carteira por dois meses. Nada de a gente conseguir se ver. Uma hora eram as minhas provas, outra hora eram as dela. De maio para junho a coisa ficou feia, mas tão feia, que eu parei de ficar online o tempo todo, ou, num português claro (e o leitor já deve ter notado que português não é lá muito a minha) eu estava fodido.

Prometemos que ficaríamos uma semana, pelo menos uma semana, depois do inferno que a faculdade fez conosco, só de namorico pelos cantos da casa dela. Avisei a minha mãe: olha, vou ficar na casa da Dê, por favor, nem inventa de reclamar porque eu tô mais que precisando ficar do lado dela, mas eu não sei se a Dê avisou aos pais dela que eu ia tombar por lá.

Só sei que era este o plano, e, conforme as provas aumentavam, minha incerteza de ter estudado o suficiente também aumentava, meu medo de ter feito merda na prova também e a qualidade do meu sono, que nunca foi boa, caía.

Daí comecei a usar caneta nas provas. Se é para errar, que eu errasse com gosto, jurando de pé junto que estava certo. Peguei uma provinha de pneumática, nem era uma prova oficial, era mais de “ajuda de nota” e primeiro fiquei olhando para a folha, exercício por exercício. Depois meti a Bic nela toda.

Foi isso o que foi me dando segurança e parei de estudar até cinco minutos antes de entrar na sala. Eu fazia tudo o que era mandado, cumpria tabela, respondia os exercícios, ia jogar meu futebol, revirava bastante na cama e depois, ia lá e metia a caneta.

Pena que eu só fui descobrir o truque da caneta nas finais das finais do segundo tempo. E ainda trapaceei na de mecânica dos fluídos. Comecei com caneta, mas quando vi a merda que eu tinha feito, a viajada na maionese, fui lá e abri o estojo em busca do 4B.

Então, parei até de levar estojo. Era a caneta no bolso e já era. Errei o exercício que trapaceei em mecânica dos fluídos, estava certo só até onde fiz com a caneta, depois, esculhambei tanto que era melhor ter entregue em branco.

Mas o que eu mais queria era riscar os dias do calendário. Um dia a menos de aula, aleluia, outro dia a menos. Não dava mais para ficar de sorrisinho no Skype com ela, todo o tempo era ela numa ponte-aérea, numa mesa da faculdade ou esperando algum cliente atrasado. A nossa vida andava ocupada, ela de um lado, eu de outro. E a gente sabia que se distanciava.

Meu medo era esse, também. Eu tinha medo que a gente comesse a se cansar de tentar se ver e se falar, que a gente fosse pelo caminho mais fácil e só... você sabe, desistisse.

O bom é que se eu estava cansado demais para ficar tocando no celular dela sem parar até vencer e ser atendido, ela me ligava antes de dormir, de noite. Dizia que rezava para Deus cuidar de mim e para que eu não ficasse tão ansioso antes das provas. (Os Ferreira nunca foram religiosos, a nossa religião sempre foi o Amor e isso bastava, mas as Botelho eram católicas, tinham laços com a paróquia e sempre doavam o que o padre pedisse, fosse dinheiro ou coisa: até custearam a obra da nova capela quando a antiga começou a rachar inteira por ser feita de barro).

Eu nunca rezei por ela. Eu sei rezar igual todo mundo sabe, a minha vó que me ensinou, mas eu só pedia, quando eu não pudesse estar perto desses cavalos e desses clientes cheios da grana, que ela soubesse se virar. Que nenhum deles, nem bicho, nem gente, tentasse qualquer coisa de ruim com ela.

Acabava que ela era a minha calma. Virou, aos poucos. Deitada num quarto de hotel (e isso era cada vez mais frequente), ou deitada na casa dela, ela ligava a câmera e me contava do dia dela. Do cavalo e do homem, da Bia e do cavalinho dela, da faculdade, do trabalho em grupo e de qualquer coisa que ela quisesse me contar.

A maioria das vezes eu ficava calado. A voz dela me dava sono, como um cafuné à distância. Quando eu estava muito agitado ela parecia que vinha na contramão, a voz toda molenga e os bocejos constantes. Ria com uma piadinha boba, ficava sorrindo assim para mim e pronto. Meu sono vinha.

Algumas vezes nenhum de nós tinha sono. E a anotação da carteira era um lembrete constante de uma Dê que nem eu e nem ela conhecíamos direito. Uma mocinha que entrava no meu barco, ia para onde eu ia, pedia para me ver e não queria sutiã no corpo. E daí ficava bem difícil de ser calmo, de aceitar o sorrisinho feliz e cansado dela, de aceitar que estamos longe por um futuro que a gente só pode esperar que seja bom.

Dava vontade de plantar loucura no mundo, faltar na faculdade, pegar o próximo ônibus, bater na porta dela, ficar pelado e mandar a Bia para um plantão de trinta dias. Mas eu só podia, no máximo, tirar a camisa e deixar ela ver. Não podia nem pedir para que tirasse, porque a Dê não faz isso. Não podia nem baixar a frente da cueca e fazer showzinho porque era a Dê e a Dê que eu conheço baixa a tampa do computador e me deixa na mão, literalmente, por vergonha e por não saber o que fazer.

Eu queria dizer a ela que eu jamais a acharia uma idiota por tirar a camisa também. E que ela não precisava ficar com vergonha por me deixar ver. Devia ter dito que eu gostava da barriga dela, das dobrinhas nas costas e dos peitos muito lindos que tinha. Devia ter dito um monte de coisa ao vivo, da última vez que a gente se viu.

Assim por computador não dava vontade de falar nada.

Assim por computador era quase real, quase. E não tinha a menor graça o quase real porque ela não via o eu de carne-e-osso ficando bem felizinho com o corpo dela meio pelado.

Podia ter dito e mostrado o quanto felizinho eu ficava. Pau não mente, é isso e acabou. E bastava eu pensar no Sábado de Aleluia, o tal dia em que a pedi em namoro, que pronto. Barraca armada, vexame concluído com sucesso e muitos minutos no banheiro, sozinho, antes de ligar o chuveiro.

Coisas que eu não podia esquecer de mostrar, nem de dizer.

Também, assim que ouvi o barulhinho das férias, um belo de um sino que grita “Alforria!”, eu não quis nem saber de pai e mãe, de horário de ônibus, de trancar direito os meus armários. Meti roupa limpa e roupa suja numa mochila, vesti uma blusa de frio só para não correr o risco de esquecer de levar, catei chave, carteira, celular e tchau. Nem falei com ela, nem nada.

Tchau era tchau. Entrei na rodoviária sem passagem comprada, perguntei a próxima viagem para Belo Horizonte e me disseram oito da noite.

Mas eram duas da tarde.

E a próxima viagem para São Paulo partia em quinze minutos.

Dormi abraçado na mochila. Aparentemente, eu só não conseguia dormir na cama, deitadinho, bonitinho; em tudo quanto era lugar bastava eu encostar. Acordei cinco da tarde e nem liguei, sabia que eu não iria para São Paulo mesmo se a passagem saísse de graça.

Eu tinha mais saudade da Dê, de encontrar alguém fora dos meus problemas para não ter que falar deles, do que ver a cara da minha mãe, o jeito passivo-intruso dela de me chamar para ir para a POLI, o Guto querendo me ouvir mesmo sabendo que eu não queria falar e o biquinho da Manu de saber que eu vou voltar para a marmITA.

Só queria uns dias para ser moleque inconsequente, dar uns beijos naquela lá, ouvir meia dúzia de passo apertado de moça que não sabe para onde ir, mas está doida para descobrir como é que chega.

Eram dois meses nesse suplício já. E haja controle emocional, mão adestrada, disciplina na escola para não vaguear por aí pensando merda. Comprei a passagem e esperei até as oito, doido para ser moleque e ver a minha prima, doido para só ficar de bobagem no sofá como a gente ficou em março, dormindo e brigando um pouco, da primeira vez que eu fui lá.

E liguei para a Dê logo de manhã, assim que cheguei na rodoviária, mas não fui atendido. Procedimento padrão: a Dê raramente me atende. Deixa o celular no mudo para não ser atrapalhada e esquece que o único método de a gente se conversar é por aquele aparelho que atrapalha.

Então liguei para a Bia:

— Ô, Lipe...

— O que foi? O que que tem?

— Lembra onde eu moro, né?

— Sei como que chega, o endereço não sei mais de cabeça, não.

— Então vem.

Fui sabendo que boa coisa eu não ia achar. Peguei o ônibus com a mochila pesada, achei o prédio dela, interfonei e subi. A Bia me atendeu com os olhos tristes e quando a gente vê a cavalona com um jeito triste, só pensa merda.

— A Dê saiu de viagem hoje mais cedo para o Mato Grosso e só volta depois de amanhã.

Até tu, Brutus?

— Mas, entra, manda mensagem para ela, diz que está aqui: eu sei que ela vai vir o mais rápido que puder.

Entrei no quarto dela, cansado de viagem e larguei a mochila no chão. Tudo estava diferente, agora. Tinha um espaço vazio no meio da escrivaninha onde costumava ficar o computador e atrás, num painel, post-it colado em cima de post-it, números de dinheiro e calendários impressos.

Não vi os livros de economia e administração, antes empilhados em tudo. Só uma caneca de café usada, o espaço para o computador e dois vidros de perfume pela metade.

No guarda-roupas que eu abri, só roupa de mulher. Cadê aquele pijama de bichinho que ela estava usando da primeira vez que fui lá? O roupão atalhado, molhado, pendurado na porta. Pincéis de maquiagem no criado-mudo, mas nenhuma maquiagem à vista.

O quarto não explicava tudo, mas dava uma bela dica do que eu encontraria quando a visse ao vivo de novo. Ela vivia falando que cuidava de muita grana, muito cliente, que cavalo era caro. Vivia dizendo que a escola não ajudava nos desafios que ela arrumava com esse bando de fazendeiro cheio da grana, que ela até para casamento já foi chamada e aí dela se não fosse, mas não tinha dito nada sobre o quanto dois meses fariam diferença nela.

— Cê comeu, Ferreira?

Da porta da irmã, a Bia me olhava com cara de sono. Calça atolada na bunda e descalça, olhando para dentro do quarto da irmã com algum medo de entrar.

— Comi numa parada por aí, só.

— Tem café, não quer sentar não? A Dê deixou pão de quêj prontin antes de sair.

Murcho e sem ter muito o que fazer na casa dela sem ela, voltei para a

cozinha e sentei de frente para a caneca da Bia. Um dia perdido. Só queria que ela não tivesse que viajar, que estivesse dormindo quando eu chegasse, que estivesse lendo no café da manhã, qualquer coisa. Queria ela ali.

Me deixava triste saber que ela crescia, trabalhando que nem gente grande, os post-its com valores astronômicos, os vidros de perfume. Fico pensando que só vai piorar.

— Parte de ela ter pego esse trabalho de doido é culpa minha. — A Bia cortou meus pensamentos, parte triste e parte arrependida.

— Não é, não.

— Tá trabalhando que nem doida, Lipe, chega a me dar angústia.

— Ela está fazendo o melhor que pode, Bia. Não fala assim da Dê.

— Eu sei, mas sou eu quem devia estar para lá e para cá que nem doida, não ela. A coitadinha tá até perdendo peso, não come direito, não dorme direito, estuda no portão de embarque, já desistiu de uma matéria por falta...

— A Dê não me disse isso.

— Ela pediu para eu não contar.

— Que bosta de amiga você é.

— Eu tô falando porque tô preocupada, Ferreira, te orienta. Não vem me dar sermão na minha casa não, que para nós sair no braço é um pisco.

— ... Ela está fazendo o melhor que pode.

— Não precisa defender a minha irmã para mim não, sô.

— Então do que é que cê tá reclamando, caralho?!

— Não tô reclamando, tô te contando como a Dê tá para você cuidar bem direitinho dela quando eu for para São Paulo.

— Você vai para São Paulo?

— ... Me inscrevi para uma especialização lá, vamos ver se eu passo, né?

— Especialização de quê?

— O nome é afrescado, mas é só nome.

— Tá, mas é de quê?

— Pneumologia equina. Peitaria.

— Você sabe que não engana ninguém com seu linguajar de bicho bruto, não sabe?

— Quê?

— Você é a médica mais dedicada que eu conheço, Bia, não precisa falar grosso comigo só para manter a pose de peão.

— O que cê não tá entendendo, ô psicólogo... - E soltou um sorrisinho de deboche — é que eu faço esforço só para fingir que sou gente. Vê bem, Ferreira, não é porque você veio lá do ITA e os caralhos que pode vir aqui botando o pau na mesa. Essa casa é minha, essa terra é minha, essa irmã é minha

e eu tô cagando se você acha que eu tô fazendo pose de peão. Não gostou? Entra na fila: fica bem atrás da minha mãe e da minha outra irmã que odeiam o jeito como eu cuido da minha vida.

— Eu só tô falando...

— Eu sei, Lipe, mas faz o favor e cala a boquinha.

Eu gosto da Bia, sempre gostei, mas tem horas que não tem jeito. A gente sempre foi assim, ela fala, eu tomo no cu e sai todo mundo rindo.

Naquele dia ela estava mais arredia que o normal. Estava preocupada com a irmã, nervosa consigo e mais alguma coisa aí no meio, fruto de um sei lá. Olhava no relógio e mandava mensagem para a irmã, perguntava de cinco em cinco minutos se a Dê tinha me mandado mensagem. Quis me levar para ver o Encrenca, o tal do cavalo, origem de tudo. Fui, gostei do bicho, tinha mais focinho que pata, de tão magro.

E a Bia fazia carinho nele, cheia de “inho” no final das palavras, toda dengo e moleza, tirava até o chapéu para falar com ele. Se fosse um cachorro dava para saber que ele ia com a cara dela, né, abanaria o rabinho e era só alegria, mas cavalo olha para você com cara de paisagem, não fala e não demonstra nada e você se sente tolerado por ele só pelo fato de não ter ferradura impressa no peito.

Mas cheirava ruim, não importa se era um cavalo-bebê doente ou o quê, cheirava ruim.

— É que nem você quando era pequeno, Lipe: asmático de doer, vive tendo crise, vive com broncodilatador, nem mama.

— Põe na natação, ué, faz que nem a minha mãe fez comigo.

— Tô querendo, mas a fisioterapia aquática mais perto é lá na sua terra e é muito caro.

— Já falou com a Dê sobre isso?

— Ainda não, ela coloca meu Encrenca e eu no próximo voo, se eu falo.

– Disse, cobrindo o potro com cobertor de bebê, beijando entre as orelhas do animal e fechando a baia – Tô procurando outras alternativas.

— São Paulo não é tão ruim assim.

— Não tô nem aí para São Paulo, o que eu não quero é sair de perto da minha mãe. Sirvo para ser sozinha não, sô.

Tocou na minha ferida e nem sabia.

— Também não sirvo. – Confessei.

— Sair de casa para morar sozinho é foda. – E bateu com o bico da bota no chão, escondendo o rosto com a aba do chapéu – Vamos lá para a lanchonete, aqui a gente não deixa meu filho dormir sossegado.

Saímos da ala de internação e ela me guiava pelos corredores largos do

Centro Equino, escada acima que não acabava mais, até um pequeno quiosque de café e salgado.

— Ô, Dona Silvia! – E tirou o chapéu para cumprimentar a dona do quiosque, apertando a mão da senhorinha de touca de proteção e um batom bem vermelho, recém-passado – E a Mily, tá melhor?

— Minha filha, aquela cachorra tá comendo até os rebocos se deixar.

— Vermífugo é sempre bom.

— Obrigada, viu, filha? Fui na pet shop que eu sempre vou e tinha o tal do remédio. Dei no mesmo dia com um pinguinho de salsicha.

— Daqui uns quinze dias você me diz onde a senhora mora que eu vou lá ver.

— Carece não, menina. Já fez muito.

— Insisto. – E mudou de assunto – Traz um cafézim pra mim e para o meu primo, Dona Silvia?

— Não quer um pãozinho com manteiga, não?

— Quero.

— Então vai sentar que num instantinho já levo.

Fazia um bom tempo que eu não passava a tarde com a Bia. Tanto tempo, que eu nem lembrava mais que ela podia ser legal. Continuava protetora e descabida, viu eu querer colocar um pouco de leite no café e já fez cara feia, disse para eu parar de frescura, disse para eu virar homem, que café puro não mata.

Conversamos sobre a solidão da faculdade longe dos pais, uma coisa que ela já passou e que eu passava, disse que era bom que eu tivesse namorando porque universitário sozinho faz muita merda.

Contou até de uns caras da medicina que ela pegava e do como ela conseguiu reunir todos numa sala só para dizer umas verdades a eles. Eu fiquei me perguntando no como ela tinha coragem, de, sozinha, enfrentar três homens que não sabiam uns dos outros, só para dizer a eles que estavam os três sendo chifrados.

— Vazou foto minha pelada, Lipe, nessas horas a gente não pensa, só quer mandar matar logo de uma vez.

— Vazou nude sua?

— Olha, vou te falar, a pior época da minha vida foi o primeiro ano da faculdade. Depois que vim morar com a Dê que eu tô gostando, porque antes eu só queria saber de largar tudo e voltar para a roça.

— Sei como é.

— Não está com vontade de voltar, não?

— Tô morrendo, Bia.

— Acha alguma coisa que vai te manter lá, Lipe. Vai... não, namorar alguém de lá não, que você está com a minha irmã, mas vai fazer amigos, se envolver com algum projeto da faculdade, porque se eu ficasse mais um ano estudando anatomia de cachorro, eu voltaria para casa com certeza. A minha sorte foi que me envolvi com esses alazão bruto lindo de morrer, senão eu voltaria para casa para mexer em coalhada com toda certeza.

— Fico pensando se não era melhor eu voltar para casa e fazer Civil que nem a minha mãe.

— Você tem que decidir o que mais você quer, Lipe. Faculdade não garante emprego e saúde mental é a coisa mais valiosa que a gente tem. Vai por mim, e a Dê me contou que você não tá dormindo.

— Mas isso não era novidade para ninguém.

— Para mim, é. Vai se cuidar enquanto é tempo, Lipe. Não deixa a faculdade acabar com os seus sonhos.

— A faculdade é o meu sonho.

— Engenharia é o seu sonho, ITA é só faculdade.

— A melhor que tem.

— A melhor que tem, segundo um bando de velho que se importa com número. A melhor faculdade que tem é aquela que a gente pode pagar e que a gente consegue progredir. Pensa nisso, Lipinho, pra não virar um velho amargo.

— Igual umas e outras, aí, né?

— Eu te juro que não é esse o meu amargo.

Capítulo 21

A Bia me mandou mensagem dizendo, em caixa alta, escandalosamente:
O LIPE TÁ AQUI, VOLTA LOGO.

O Lipe não me mandou mensagem nenhuma. Li isso quando fui ao banheiro para obrigar a mesa do almoço, só com velho, a trocar de assunto. Quando você se levanta e sai, as pessoas tendem a ficar olhando você sair da mesa e depois trocam de assunto. Eu não aguentava mais ouvir sobre gado leiteiro.

— Pergunta para o seu chefe, menina, se ele está interessado em Cavalo Crioulo. – Seu Almeida me perguntou quando eu voltei, o maior criador de cavalo da Goiás todinha, ele e o netinho que ele trazia consigo para o almoço, um menininho lindo de cinco anos com a roupinha de boiadeiro igualzinha à do vô.

— Você tem fotos dos seus Cavalos, Seu Almeida?

Dezoito anos, todos os senhorzinhos da mesa bebendo cerveja, eu no suco de laranja. Um deles me oferecia mais comida, diziam que estavam com dó de uma mocinha tão delicada quanto eu estar tão longe de casa.

Uma coisa boa eu tinha que dar meu braço a torcer: com a filharada mais nova dos Fazendeiros eu não conseguia bons negócios, mas com os velhinhos, eu conseguia. Primeiro pensei que seria um caos trabalhar com homem antigo, mas aos poucos, depois que você cai nas graças dele, que você entende a mecânica da coisa toda, passa tudo a ficar fácil.

Ou o Jorge sabia disso, ou eu tinha muita sorte. Goiás, Goiânia, Mato Grosso, todo o Centro-Oeste: um bando de homem que come e se veste do gado que abate, dos cavalos que vendem, da terra que aram. Igualzinho ao meu pai e ao pai do Tio Digo. Uma satisfação ver que a maioria ainda lida com o campo com amor que, ao falar com os filhos deles, que provavelmente não tiveram tantas dificuldades na vida, só os consigo achar um bando de mal-agra-decidos.

Um dia tive que me sentar com as filhas de um fazendeiro goiano. Pediram champanhe no gelo, reclamaram do cardápio, reclamaram que não tinha ostra, nem vinho branco. Só sabiam falar bem do Texas, de porte de armas e Orlando. Eu perguntei sobre os cavalos a uma delas e tomei um coice:

— Quer falar da bicharada, tá na mesa errada, querida.

Eu não gosto de ficar brava. Eu não gosto nem de erguer a minha voz, fujo de conflito o máximo que eu posso, mas quer me ver soltando fogo pelas ventas é me chamar de querida.

Engoli um palavrão bem cabeludo pensando no pai dessa moça chata e

nos cavalos que eu queria vender a ele, e me rendi a ficar sentada com elas papeando de pulseiras com pingentes trocáveis onde cada pingentinho custa mais que a mensalidade de muita faculdade por aí.

Eu não vou negar que tenho a vida boa, sabe? Que meu pai não deu e não fez de tudo por mim e minhas irmãs, que a gente não viajava de vez em quando, que meus pais não levavam a gente para cima e para baixo, tudo de carro. Não vou, nem posso.

Mas mimada? Ah, não, isso não. A mais mimada sou eu e nem foram com coisas, foram com gestos. Eu sentava para chorar vinham duas irmãs me acudir. A mãe falava do meu corpo e insinuava para eu parar de comer, vinha meu pai me defender. Eu sou a mais mimada com carinhos, isso sim. Com coisas meus pais nunca foram muito permissivos.

Ver aquela nova geração de fazendeiro tudo nem aí me dava um apertão no peito. Todos aqueles velhinhos que ergueram seus palácios para suas famílias mal esfriariam e as brigas de família começariam. Ou os filhos tocariam a fazenda pensando no dinheiro, na administração, nada de amor e carinho.

Quase a mesma coisa que teria acontecido com a Queijaria se não fossem as Botelho. Tio Digo, largar restaurante para cuidar de leite? Logo ele, que se ninguém pede os documentos, dá para confundir com paulista? Nem que a vaca tossisse!

Fico com um misto de orgulho e tristeza pensando na Queijaria. Quanto mais negocio cavalo, mais longe fico do meu pai. Quanto mais negocio cavalo, cobertura, – o nome formal que a gente dá para não falar sexo entre cavalos – aluguéis de baia e contatos, menos quero saber de terminar a faculdade.

Meus professores falando de oligopólio e eu com a planilha de Excel aberta, pesquisa de preço, de mercado, software de gestão, investimento em tesouro direto. Teorias de Ford funcionaram com o Ford, não funciona com cavalo. Não tem manufatura.

Eu quis adiantar as cadeiras de logística que serão úteis, mas a grade está trancada, só vou poder pegá-las depois do sexto semestre e, cansada de depender da faculdade, eu só pedi auxílio a um amigo que acabei fazendo:

O próprio Jorge.

É estranho, eu tenho mil razões para ficar longe deste homem, mas por que ele é sempre gentil e solícito quando eu pergunto? Me chama de Tinhosa pelo telefone e sempre dá uma risadona quando eu engasgo para falar “cobertura”, mas ele me ajuda em tudo e diz, sem nunca eu nem ter perguntado, que os cavalos dele nunca viajaram tanto para transar, quanto viajam agora que sou eu quem cuido das vendas.

Até aconselhou a Bia a fazer aula para dirigir caminhão, conselho que eu

aceitei e comecei a pagar as aulas.

Não sei se ele viu que eu sou muito tontinha e faço qualquer coisa pela minha irmã, ou se ele viu que eu amei mesmo é negociar preço. Tudo o que eu sei é que estamos numa boa parceria, ele nunca atrasou um pagamento meu e, toda vez que eu peço ajuda, ele coloca um responsável na linha.

Muito para a cabeça, né? Eu sei, do jeito que eu me comporto bem no meio dos fazendeiros, mesmo com meu salto de mulher da cidade, minhas saias e o meu jeitinho de quem não sabe nem onde guarda a enxada, ninguém acredita que eu tenha acabado de fazer dezoito. Todos eles acham que eu tenho mais de vinte e cinco pelo meu jeito de cuidar de tudo e de ser muito calma, mesmo quando as coisas não vão tão calmas assim.

Tudo graças ao meu pai. Se não fosse eu ser secretária dele, eu gaguejaria quando falo de preços, quando eles acham que meus cavalos não valem tanto assim, quando eles desmerecem meus contratos, meus modos, o caminhão de onde o cavalo vem e tudo o mais que um fazendeiro médio é capaz de fazer para pagar menos.

Mas foi a Bia falar que o Lipe estava na minha casa que eu me amoleci inteirinha. Só de pensar que ele largou a última prova e veio correndo para me ver eu até esqueço que Seu Almeida quer me vender um cavalo.

— Andressa?

— Crioulo, né? – Retomo antes que ele perceba que eu estava com a cabeça bem longe. – Crioulo não muito, Seu Almeida. O Jockey gosta mesmo é de cavalo importado.

— Uma pena, esse garanhão é competidor, meu melhor bicho, tem quatro anos e já ganhou três provas seguidas.

— Manda as fotos no meu e-mail? Quem sabe eu não convenço a chefia?

— Vou falar para Amandinha mandar, eu não sei mexer muito bem nesse troço de emêi.

— ... mas por que o senhor quer vender?

— Muito gasto, minha filha. Sou um senhor idoso com filho que não está nem aí para cavalo. Ói, o que eu já gastei só com esse bicho, não tá escrito.

Manutenção: esse é o problema de criar cavalo. Muito caro. Qualquer injeção que o veterinário queira dar, não morre menos de quinhentos reais e sei disso com propriedade, nosso Encrenquinha já está nos cinco dígitos e não tem nem cinco meses.

Cancelei toda reunião que eu tinha para de tarde e nos dias seguintes. Eu precisava voltar para casa. Mal tinha pisado no Mato Grosso já dava meia volta. Liguei para três fazendas e falei que meu filhote de quatro patas precisava de ajuda lá em Minas. Menti, é feio, mas algumas mentiras são boas. Bastou eu

falar que precisava cancelar porque meu Encrenca precisava de cuidados, pronto, eles estavam todos falando comigo de medicamento equino, bons hospitais e uns até ofereciam ajuda caso eu não conseguisse custear.

É como um cachorro grande: dono que gosta, gosta de um jeito tão forte que não importa se é miudinho ou se é seu, só quer saber que fique bom logo.

Pisei e saí de Cuiabá no mesmo dia. Paguei os olhos da cara na passagem, até parcelei, último voo possível, onze e trinta e cinco da noite, mas valeu a pena.

Desci em Confins e peguei aquele mundaréu de estrada até Belo Horizonte, fui chegar em casa de mala e chinelo, cansada de salto alto, já era mais que quatro da manhã, mas esperei, dado que o Lipe não tem conseguido dormir, encontrá-lo acordado.

Tudo apagado, a chave da Bia não estava no porta-chaves, talvez estivesse em plantão, de novo. Encostei minha mala de rodinhas no sofá, larguei os saltos no tapete e fui, devagarzinho, até o meu quarto.

— Tá acordado? – perguntei, baixinho.

Só a respiração profunda. Meus olhos se encheram de água só de ouvir a respiração dele. Só de saber que ele dormia na minha cama. Os dois meses que eu matei saudade com o trabalho vieram em peso, eu sei, só dois meses, ninguém devia morrer.

Mas só quem namora à distância sabe o que são dois meses. Só quem vive de se falar pelo celular, se arrependendo de perder ligação, olhando o telefone tocar em plena sala de aula e não poder atender, é que sabe o quanto é ruim querer beijar e não ter como.

Ou nem beijar, nem precisava ser tudo isso. Bastava estar juntinho. Deixei a porta com uma frestinha aberta só para me guiar pelo quarto, tirei o casaco e deitei no espacinho de cama que ele não ocupava, de lado, num espaço bem pequenininho porque o Lipe sempre dormiu e sempre vai dormir esparramado.

Puxei a coberta por cima sentindo o quentinho dele, procurando dormir também. Achei um pouco de travesseiro e encostei a cabeça tentando, ao mesmo tempo, não atrapalhar o sono dele e buscar o meu.

“Chegou” ele disse, se mexendo e me dando espaço, tão quieto, tão bonito, tão meu. Nunca na vida supus ouvir àquela voz. Àquele jeito meigo e profundo, pesado e só de amor. Um “chegou” misto de “bem-vinda” com “te esperei por um tempão”. Enfiou a mão por baixo das minhas banhas, procurando conforto no sono de novo e não disse mais nada. Aos poucos voltava a respirar pesado, sonolento.

Dormi, também. Eu ainda não cheguei na fase da vida em que a gente

sonha em ser um polvo indestrutível para nunca se cansar e ter um monte de braço para fazer tudo ao mesmo tempo, mas sabia que esta hora chegaria mais cedo do que esperei, que eu teria menos tempo para falar com o Lipe, que era só o primeiro ano da faculdade e ainda tinham muitos pela frente e, se eu desse só um pouquinho de sorte, não precisava ser muita porque já nasci com sorte para caramba, o Encrenquinha sairia melhor dessa.

Acordei antes que ele por costume. Não importa a hora que deito, meu relógio biológico me manda acordar cedinho. Nem consigo ficar muito na cama, mais. Lembrei de um monte de e-mail e nota fiscal que tenho para mandar, lembrei que nem o vestido do avião tirei e fui para o banho.

Tinha uma saboneteira de menino no meu banheiro, um xampu neutro também. Nem sei mais porquê eu tinha esse monte de frasco no box do banheiro, as coisas que eu uso de verdade nem saíam mais da mala de viagem. Ali só ficava o supérfluo e eu, de boba, só para ficar com o cheirinho dele, usei o sabonete dele.

Fui para a cozinha e fiquei com vontade de arrumar o café para ele. Só porque tínhamos um tempinho sobrando. Em três horas eu devia estar na faculdade para a última prova de uma optativa que peguei e que quase não frequentei, mas não vou fazer. Era para eu estar em Cuiabá, não em Minas.

E, se podia matar prova para ir a Cuiabá, podia matar prova para ficar com o Lipe. Coloquei o vestido da viagem de novo por preguiça de desfazer a mala e fui na padaria da esquina, comprei pãozinho fresco, uns danones de preço inflado e voltei para fazer o café.

Por ter o sono muito instável eu não sabia se o Lipe demoraria a acordar, então só me sentei à mesa, peguei o computador ainda na mala e fiquei lá, esperando e bebendo café, resolvendo umas coisinhas chatas que eu sempre postergava porque depender de outras pessoas para enviar nota fiscal era um saco.

Boa parte do meu tempo eu fiquei só fazendo isso: um monte de copia-e-cola pedindo que o departamento financeiro do Jorge me enviasse as devidas notas fiscais das coberturas para que eu repassasse aos clientes, junto de um belo portfólio digital com os cavalos e os prêmios de cada um, para caso algum cliente se interessasse, que eu mandei fazer com um designer.

Incrível como essas coisas de aparência mudam tudo. Eu, de botinha de cowgirl e jeans não valia mais que qualquer peão da fazenda de meus clientes, fosse eu quem fosse, de botinha eu era só a mensageira.

Mas foi eu colocar vestido e blazer, ou casaco, ou só vestido mesmo e um saltinho para andar no meio do feno, que, pronto, eu era a Moça, representante comercial do Jockey de São Paulo, mulher que entende tudo de cavalo, dos

prêmios, das raças, das procedências. Abria a minha boquinha santa e com essa voz mansa de quem não é capaz nem de falar palavrão direito e eles sabiam que eu era só uma menina, com idade para ser filha até dos fazendeiros mais novos, mas, enquanto eu saía do taxi e apertava as mãos deles, eu era a profissional.

Devo confessar que eu gostei disso mais do que deveria. Nunca que eu vou ser porta-voz de nada do jeito que a Bia é. Ela seria capaz de mandar abrir uma garrafa de um uísque caro e dar as cartadas de um truco, bem no meio da macharada, mas eu sou a que come pelas beiradas.

Nunca sou o centro da mesa, mesmo quando sou eu quem convoca reuniões. Fico mais de cantinho, falando com um e com o outro, puxando assunto sobre a família, embarcando nas piadas dos outros, nas brincadeiras dos outros, ouvindo sobre as vacas e os negócios dos outros, e, depois, no final, quando eles até já esqueceram do porquê estão lá, digo do cavalo que eu quero vender a um deles, o mais propenso a comprar. Os outros se interessam porque não querem acabar com a conversa e meus portfólios passam de mão em mão.

Eu gosto assim porque dou a eles algo a falarem sobre. Nunca janto ou almoço com um homem só, é perigoso demais, a chance de ele pensar que eu estou a fim dele é muito grande: mas, se eu converso com uma roda de amigos, eles só são meus amigos também e os meus cavalos são o assunto.

Coisa que o Jorge não entende quando eu mando para ele as notas fiscais dos almoços. Ele reclama como se eu comesse às custas dele, não entende que o almoço é o trabalho.

De todo jeito, penso eu, olhando o Lipe chegar na cozinha: ali não era dia de trabalho. Sorri ao vê-lo sair do meu quarto e ele não me sorriu de volta, ficou olhando para a janela e a claridade, para mim e para a mesa, mas não me sorriu.

Eu só consegui pensar que ele estava bravo comigo por atrasar. Só consegui pensar que ele estava bravo, que queria tirar satisfação, que não me queria mais viajando e que mandasse eu escolher entre o trabalho e ele. Só isso o que eu entendi com aquele menino parado, plantado, no canto da minha cozinha.

Você tem razão, Lipe, eu não conseguiria responder isso a ele, é muita palavra para caber na minha boca, eu devia viajar menos, me concentrar mais na faculdade, perder menos aulas e parar de viajar, mas como é que eu faço isso quando tudo o que eu mais gosto está justamente fora dos portões da faculdade?

Passei em primeiro, eu sei, dei um duro danado para entrar, não me olha assim bravo não, Amor, não faço por mal. Você tem que entender que eu estou há muito tempo lidando com Excel e vendas, com distribuidores e agendas, não consigo mais enfiar as caras nos livros e estudar cálculo, nem teorias de administração, nem estudos de caso.

Ele continuava olhando para mim, nem sei se me via, ou se só tinha os

olhos parados em mim. Lipe, entenda: engenharia é o seu negócio, seu sangue ferve quando você faz projetos malucos com a sua mãe, quando você fica a tarde inteira soldando um monte de negocinho que eu não sei nem o nome. Você sabe o que é paixão por coisas, por afazeres. Você sabe, sempre soube, sua mãe te deu isso.

E o meu sangue ferve toda vez que um cliente diz que vai comprar. Eu fico muito feliz, de verdade, só de estar num almoço com a caneta do meu pai na mão, um monte de portfólio equino rodando a mesa, fazendeiro de perto e de longe brigando para baixar o preço. De verdade, Lipe, me perdoa ser esse tipo de maluca.

Abriram a tampa quando mexeram na minha irmã. Meu potinho de geleia tem muita coisa dentro, muito mar bom e mar ruim, meu potinho de geleia é o meu potinho, eu vejo o que eu sou capaz de fazer, para onde ir, o que fazer da minha vida só assim, sozinha, no meio de um monte de gente esquisita de fala bruta e olhar manso, com amor e dinheiro sobrando.

— Por favor, - eu pedi, quase chorando; nem dei bom dia – não briga comigo.

Mas perto dele eu ainda sou uma menininha tonta de potinho fechado, um mundo inexplorado lá dentro, um casulinho minúsculo e uma borboletinha até que bonitinha, prontinha e tudo o mais, mas com medo de sair e dar de cara com um muro.

— Eu devia ter avisado que vinha.

Devia, mas você é o menino dos impulsos sem explicação e eu sei que largar a escola e vir me ver é tão coisa sua, que se você tivesse planejado qualquer coisa, esse não seria você.

De todo jeito, vir me ver não precisa ser anunciado. A minha casa é sua casa, estando ou não eu dentro dela.

— Ficou muito tempo me esperando?

— . – ele só deu de ombros com um tanto faz na boca, se sentando do meu lado – não tem problema, eu sei que você estava no trabalho.

— Eu senti sua falta.

— Que bom, - ele sorriu, colocando a mão no meu cabelo e me beijando a testa – porque eu também senti a sua.

— Vai ficar por quanto tempo?

— Mas já quer que eu vá embora?

— NÃO! Ai, Lipe, pelo amor de Deus, só quero saber...

— Eu sei, eu sei. – E sorria com o rosto bem perto do meu – Vou ficar enquanto você quiser que eu fique e o quanto meus pais deixarem.

— Os Ferreira vão para Poços, esse ano?

— Acho que não.

— Por quê?

— Porque o filhinho da Dona Fernanda está fora de casa e a Dona Fernanda está que não se aguenta.

— A gente tá falando da mesma Tia Fê?

— Pois é, para o pai está de boa, mas para a mãe, não.

Ele já tinha me contado, por telefone, sobre o chinês que vende tranqueira num bairro lá em São Paulo, mas me contava de novo, sempre falando com uma mão em mim, a outra gesticulando muito, do mesmo jeitinho que a mãe dele, e eu deixei que falasse, era bom ouvi-lo e vê-lo contente e distraído. E o jeito sempre muito engraçado de contar coisas.

Sempre foi assim. O pai dele que é o porta-voz da família, conta as coisas e parece que tem um imã na boca, você não quer parar de ouvi-lo, mas o filho, me contando do chinês que não fala R e que copiava o Cebolinha, ele tinha também o jeitão do pai dele.

Abria minha geladeira em busca do leite, encheu uma xícara com café e ficou imitando a Bia, o mandando virar homem e tomar café puro.

— As pessoas tem cada noção babaca do que é ser homem – e filosofava, num mundaréu de discurso mais para si do que para mim, dançando para lá e para cá na minha cozinha, buscando coisas na geladeira e nos armários que estavam bem em cima da mesa. – Puta merda, mas onde é que você guarda o requeijão?

— Tá em cima da mesa.

— Ah, é.

E não via que tinha mais coisa em cima da mesa. Procurava prato, talher, guardanapo, os pãezinhos. Não parou para olhar em cima da mesa por um segundo sequer enquanto continuava falando das suas aventuras enquanto jogador de futebol amador e perna-de-pau, da sua nova técnica de assinar prova a caneta, do pessoal da sala dele e o tal de Gabriel, o moço que compartilha quarto com ele.

Ele se mexia tanto, procurando sabe-se lá o que, que dava vontade de congelá-lo e falar: OLHA PARA A MESA, EU ARRUMEI A MESA PARA A GENTE, não sei do que tanto você inventa que ficar saracoteando por aí!

Mas até que era bonito vê-lo arrumar a mesa de novo. Era o que ele faria daqui dez anos, na nossa casa, quando fôssemos adultos.

Eu olhava para o menino Lipe pensando no homem. Se ele vai ganhar barba algum dia, ou se vai continuar assim, o rostinho macio e lindo pelo resto da vida. Eu olhava para ele, que já era alto, já tinha os ombros largos, e pensava no como ele ficaria daqui dez anos.

Se ele emudeceria e perderia o brilho, ou se continuaria colorido e engraçado, cheio de ideia maluca e esquemas de dominação mundial, testes absurdos que todo mundo prevê que vai dar errado, menos ele.

No fundo, olhando-o caçar o pão que continuava em cima da mesa, eu queria que ele continuasse exatamente assim. Assim é o Lipe. Dizendo que as meninas são complicadas, que ele não entende nada da gente e que é tudo muito difícil enquanto detona um livro de matemática avançada com mais letra que número, bem na sua frente, sempre dizendo: “é fácil, ó, presta atenção”.

— O Guto te contou que já escolheu o que vai ser? – Ele perguntou, fechando a gaveta do gabinete da pia.

— Já.

— ... como se fosse novidade para alguém, né?

— O que, o Guto ser médico?

— É, pô. Nem Manu é mistério, mais. Se continuar assim com impressora 3D e os escambau, daqui a pouco tem três engenheiros entre os Ferreira.

— Sua mãe vai ficar feliz.

— Não sei, não. A visão da minha mãe é bem esquisita, quando se trata de profissão. – E pegou o pão de cima da mesa como se não tivesse passado dez minutos procurando por ele, sentou-se ao meu lado e continuou, ignorando o que as mãos faziam, mais para dentro da própria cabeça, que para fora.

— Por quê?

— Parece que tudo o que mais importa para ela é o Lattes e os títulos.

— Quê?

— É, ué. A pressão que a minha mãe bota para eu ser engenheiro, para eu continuar o legado dela e da mãe dela, para eu ser da POLI. Parece que a única coisa que importa para ela é a profissão, Dê, você sabe, não é novidade.

— Pelo contrário.

— Agora é a minha vez de perguntar o quê.

— Você nunca diria uma coisa dessas do seu pai.

— Lógico que não, ele largou tudo para ser dono de restaurante.

— E sua mãe não largou tudo para ser mãe?

— ... Eu não tô falando que a minha mãe seja uma mercenária, Dê.

— Sei que não, mas você fala do trabalho da sua mãe muito diferente do jeito que fala do trabalho do seu pai. – E eu já via que ele falaria do meu trabalho muito diferente do que falaria do próprio trabalho. – Todo mundo sabe que seu pai trabalhava que nem um condenado enquanto sua mãe era exclusivamente sua mãe.

— Pois é, eu sei, mas depois...

— Lipe, você queria que ela fosse só sua mãe a vida toda?

— Não, lógico que não.

— Então... ?

— O que eu tô tentando dizer, Dê, é que para ela o mais importante é a profissão que eu vou seguir, importante que eu seja da POLI, que eu tenha o currículo Lattes todo preenchido com cursos e especializações, que eu faça o que ela fez e que eu nunca abdique de nada disso.

— Bom, você vai ter que viver de alguma coisa.

— Claro, ué.

— E sua mãe só tá querendo que você siga o melhor dos caminhos que ela pode oferecer. – Eu, defendendo não só a Tia Fê, mas a mim também. Enquanto ele culpava a mãe pelo trabalho e os desejos dela, ele nunca reclamava que o pai dele chegava de madrugada, que o pai dele saía mais cedo para trabalhar ou que o pai dele precisasse de uma mãozinha no restaurante.

Mas, da mãe... Qualquer coisinha que a mãe falasse da POLI já era motivo para ele achar que ela se importa APENAS com o trabalho.

— Uma mulher trabalhar muito no século vinte e um não significa que ela não se importa com a família ou com o marido.

— A gente tá falando da minha mãe ou de você?

— ... Só quer dizer que ela precisa. – Coloquei mais café na minha xícara e continuei – ou você acha que sua mãe gosta de dar aula?

— Gostar eu sei que não gosta, por ela, seria só pesquisadora.

— Pois é. Mas este ritmo de trabalho dá para ela chegar em casa seis da tarde, pegar a Manuzinha na escola e dar a janta para vocês, né? Coisa que seu pai não consegue e você nunca o culpa por isso. É tudo sobre necessidade, nunca sobre falta de amor.

— Eu sei! Caramba, parece que eu tô sendo um filho mimado e sentido que só sabe falar do quanto a minha mãe não liga para mim.

— É que me incomoda o fato de que a sua mãe te quer muito na POLI e você só saber falar mal. Fica o tempo todo desprezando a faculdade dela.

— Uau.

— O que foi?

— Eu cresci ali dentro, Dê. A mãe me levava toda semana para lá, eu assistia aula com ela, a minha mãe me deu de mamar ali dentro várias vezes. Não fala isso, eu sei o quanto aquele prédio é importante para ela.

— Então por que dizer que a única coisa que importa a ela são os títulos e o currículo? Se você sabe os sacrifícios, os dias duros, o quanto ela batalhou para fazer o doutoramento, os sacrifícios que ela faz até hoje por causa dos filhos dela, qual o problema de ela querer que você siga os mesmos caminhos que ela?

Ele não respondeu e eu continuei:
— Por que você odeia tanto a POLI?

Capítulo 22

— Eu não quis dizer que odeio a POLI – Ele se defendeu, depois de um tempo em silêncio.

— Toda vez que você fala que a sua mãe te quer lá, menospreza.

— É verdade.

— Então você odeia a POLI.

— Não, de jeito nenhum.

— Então o que é?

— Não dá para ser melhor que ela fazendo o que ela já fez.

— Por isso que você foi para o ITA?

— Não só.

— E o que mais?

— ... eu não quero falar disso.

Eu entendo exatamente o “ser melhor que”. Eu fui trabalhar com o meu pai e me afundo em trabalho toda vez que o amor dói. Para não ficar como a minha mãe, na academia por medo de perder marido, enfiada em casa cuidando dos filhos, escolhendo a casa e não o trabalho.

No fundo, eu aponto para o Lipe com um dedo e quatro deles se voltam para mim. A mulher mais linda, mais inteligente, mais interessante do mundo não me vê tem três meses e eu nem consigo conversar com ela por mais de cinco minutos. Ligo, respondo a ela que está tudo bem e já peço para falar com o pai.

Não aguento quando ela começa falando que estou gorda. Que estou comendo, estudando ou trabalhando demais. Que eu não preciso trabalhar tanto, que o meu pai ajuda. Que eu preciso dar mais atenção ao Lipinho para não perdê-lo. Quando ela pergunta quando é que a gente vai namorar firme.

Eu mesma não contei a ela que dei meu colarzinho para ele, nem que ele dormiu aqui, nem que dormiu na mesma cama que eu, lá em casa. Olhei para ele, que pensava com seus botões, mexendo na toalha da mesa como se a beliscasse e vi que os mesmos assuntos que o atrapalhavam, me atrapalhavam também.

Relações com mães são sempre um fiasco. A gente ama mais que tudo, não vive sem, vai chorar um bocado se morrer, mas boa parte do tempo é briga e conversa pela metade.

Está tudo bem e lindo quando eu sento com ela para tomar café, ouço dos progressos da Alicinha, do quanto o pai sente minha falta, a gente fala das Marias, irmãs da minha mãe, eu falo de como anda a faculdade (omitindo o fato de que quase não estou frequentando), o quanto a Bia e eu estamos nos dando bem e pronto. Faço de tudo para cozinhar como ela cozinha, mas não peço nem

ajuda, nem levo um pedaço das coisas que faço para que ela coma também.

— Desculpa apontar o dedo sobre a sua mãe, - pedi.

— O roto falando do rasgado, né?

— Eu só não gosto... - e ainda tentei me defender.

— Eu sei, você é capaz de ver o esforço da minha mãe, mas não é capaz de ver o esforço da sua. – E me sorriu com gostinho de xeque-mate, colocando o dedo na ferida que eu tinha acabado de descobrir. – Acho que é sina de filho.

— A gente tá sempre querendo mais.

— Sempre pedindo mais.

— É. – Acabei com o conteúdo da minha caneca e fiquei em silêncio, pensando. – Não que tudo o que as mães fazem seja uma maravilha, mas...

— Não, minha mãe dá cada mancada...

— Não vou nem falar da minha – Levei anos para superar os traumas sobre “comer menos”. Tantos anos, que ali, sentada na minha cozinha, a mágoa cegava tudo.

Querendo ou não, ela também contribuiu para que eu me odiasse. Para que eu não me visse no espelho, para que eu não entrasse na minha própria piscina num calorão de trinta graus e me trancasse no quarto. Querendo ou não, para o meu bem ou não, ela me olhar, não precisava nem falar, só olhar como “até tá bonitinha, mas assim você parece mais gorda ainda” destruía com a minha vontade de colocar roupas bonitas.

Até hoje, quando eu coloco um vestido mais decotado, ainda corre um medo de ser vista, não como linda, mas só como gorda.

Até hoje ainda tenho problemas com a palavra gorda. Alguém fala que estou gorda e me sinto ofendida. Era para ser só uma palavra, não era? Magro é adversativa de gordo, pronto, acabou-se.

Mas por que é que gordo é ruim e magro é bom? Por que é que gordo não pode ser bom também? Os meus exames estão ótimos, tem muito magro aí com a saúde pior que a minha e ninguém está falando sobre eles.

A gente passa a vida toda achando que magro é bonito. Que bunda não pode ter celulite, nem estria, que peito tem que ser no pescoço, que cintura tem que mostrar os ossinhos do quadril. Eu passei a vida toda achando que magro é bonito, que eu sou feia.

Tão feia que quando o Lipe disse que sou perfeita, quase chorei. Tão feia que nem coragem de brincar comigo mesma eu tenho. Tão feia e desencaixada que as minhas irmãs me defendiam e eu deixava.

Até hoje tem dia que eu saio da cama para me vestir e me sinto a baleia mais feia do mundo. Mesmo depois de tudo o que fiz e que conquistei.

Dói pensar que eu não sou nem a primeira, nem a última, nem a única

mulher a pensar assim. E que não é um sentimento específico das gordas.

— Você vai sair para algum lugar? – Ele perguntou, atravessando meus pensamentos e me colocando naquela cozinha de novo.

— Não, uai, por quê?

— Então eu posso tirar seu vestido e namorar você um pouco?

— A Bia daqui a pouco chega. – Olha aí o medo de ser feia.

— Não vai chegar.

— Por quê?

— Só chega depois de amanhã.

— Por quê?

— Foi para São Paulo.

— Por quê?

— Não me pergunta.

Só pode ser por causa do Jorge. Ê, Bia. Por causa dos Ferreira não pode ser, ela não abandonaria plantão aqui para ver primo. Só pode ser por causa do Jorge.

Mas por que não me ligou? Só para eu saber, não para dar satisfação. Eu fico preocupada quando ela demora a chegar.

— E então... ?

— Então o quê?

— Posso tirar seu vestido?

A eu de hoje se levantaria da cadeira e tiraria, ele já disse que gosta de ver, mas prefere ouvir, mas ainda assim, gosta de ver. Naquela hora eu nem cheguei a pensar nisso, só queria cavar um buracão bem grande e me esconder dentro dele para nunca ter que ficar pelada na frente do meu primo.

Primo, não. Nossa, mãe, namorado.

Mas foi primo o que eu pensei. Porque quando a gente se fala de longe, se conversa sobre a vida e o que nós queremos dela, a gente é primo. Aprendi a falar na frente dele, não mais a congelar a cada guinada na conversa, aprendi a ser eu e falar bobagem, a desligar na cara só para fazer piada e ligar depois bem rapidinho antes que ele achasse que eu estava brava de verdade, aprendi até a rir das piadas dele sem por a mão na frente.

E a mandá-lo para aquele lugar quando começava a me encher o saco.

Mas essa coisa de namorado era difícil. Era outro patamar, outro departamento, uma coisa que eu ainda não desenvolvi escudo para aguentar. Ele olhava com aquelas taturanas gigantescas, vinha com as mãozinhas pesadas e bem quentinhas que tinha, mas nada de eu conseguir responder à altura.

Só sabia congelar e deixá-lo fazer. Nem sei como que eu o deixei me ver sem sutia, com que cara e que coragem eu coloquei a mão dentro da calça dele.

Timidez idiota. Vergonha idiota.

Se eu fosse a Bia a gente já estava rolando pelo chão, um gemendo e grunhindo mais alto que o outro, um circo de horrores para maiores de idade, mas eu não... Bem, o leitor já sabe a songamonga que eu sou quando se trata disso.

E foi com essa songamonga que ele quis namorar, né?

— Você pode me beijar até eu não ficar mais com tanta vergonha? – Era um passo gigantesco para a Dê de dezoito anos, o saber que morria de vergonha e querer vencê-la.

— Você pode me beijar até eu ter certeza que não vou te perder para um cowboy?

Sorri. Nunca um cowboy vai ter o que você tem, Amor. Nunca que eu troco você por qualquer outro garoto no mundo. É você quem eu quero, Lipinho. Todo bobo me fazendo rir e me deixando vermelha de vergonha com seus impulsos que vem do nada e a pose de forte que você finge ter para dar sensação de segurança para os outros.

Me beijou colando a cadeira dele na minha, as mãos no meu rosto e o cheiro do meu sabonete líquido, de um frasco supérfluo que eu guardo no box do banheiro. Antes de dormir usou o meu cheirinho, Lipe, igual eu fiz agora de manhã?

— Você está... ? – Ele sorriu, percebendo o cheiro dele em mim.

— Pois é, - nem terminei o que tinha para dizer.

Cansamos de conversar porque é isso a única coisa que dá para fazer por câmera e ficamos nos olhando. Ele mal tocou na comida, mas estava sentado à mesa acho que mais para me acompanhar do que comer de fato.

O cabelo, conforme a gente se olhava que eu percebia, além de bagunçado, estava mais comprido. Ele perdeu peso também, tinha mais maxilar do que da última vez que nos vimos. Você não está comendo direito, né? Debaixo dos olhos, olheiras fundas de menino que não dorme direito e se preocupa com tudo, o tempo todo e tanto, que não dorme.

O mais sensato era arrastá-lo para a cama e dormir mais um pouco. Acalmar o coração louco, quer dizer, o nosso coração louco, tanto o dele que só pensava no futuro e o meu, que só pensava nas notas fiscais. Ficar coladinha nele até dar sono e então, dormir até a hora do almoço.

É, boa ideia, pensei. Já que eu não iria para a faculdade, nem fazer prova nenhuma, aquele era um bom plano. Levantei da cadeira e o trouxe comigo de volta para o quarto, segurando-o pela mão, fechando a cortina cor-de-rosa (que agora tinha) e deixando uma luz muito pouca entrar pelo quarto.

— É só para dormir, - eu disse, mortinha de vergonha de ter sido eu a

puxá-lo para o quarto. Indiquei para o lado de dentro da cama e, antes de deitar, tomei coragem num golão e tirei a roupa.

Digo, não tooooda a roupa, só o vestido. A calcinha e o sutiã eu deixei porque jamais, em toda a minha vida de dezoito anos, tiraria uma coisa tão íntima na frente de um menino. Já era um sacrifíciozão tirar o vestido de representante comercial, mas, vermelha como é de praxe, deixei e me enfiei debaixo das cobertas com ele.

— Agora a gente pode dizer para os nossos netos que fomos adolescentes – ele sorriu, se arrumando na cama e passando o braço por cima da minha barriga.

— Por quê?

— O mundo inteiro foi trabalhar e a gente não.

— Mas devia, né.

— Vai, Dê, eu não posso ser o único moleque.

— Eu nunca fui moleca, Lipe.

— Já, sim. Corria para a chuva e fazia manha para a sua mãe dizendo que eu tinha te puxado.

— E ela acreditava.

— É, a Botelhada sempre defendeu você mais.

— Que mentira!

— Mentira, Maldita? Até o Guto te defendia!

— O Guto me defendia porque era sensato.

— Mano, ele era meu irmão e TE defendia, se ele fosse sensato, ME defenderia!

— É que o Guto e eu somos mais amigos...

— É, você conta até hoje coisas para o Guto e não conta para mim.

— Por que ele também me conta coisas que não conta para ninguém.

— Eu não tenho segredo nenhum, Dê. Você sabe de tudo, meu.

— Tuuuudo?

— Ué. Tudo.

— Eu tenho um montão de segredo e não te conto nem ferrando. – Ri, mas era um riso mais de nervoso que descontração.

— Eu sei – e baixou os olhos dos meus de um jeitinho tão doído que eu me senti um lixo de guardar segredo dele – espero que um dia me conte.

— Desculpa ser tão travada.

— Não precisa. Eu te conheço desde que nasci, sei o pacote que tô levando. – Disse, vindo para mais pertinho ainda, o rosto bem perto do meu. – Quantas vezes um homem tem que colocar o rosto perto do seu para ser beijado?

— Não posso ficar só olhando?

— Na cozinha cê me olha.

Beijei-o e vinham todas as coisas em hiato. A Páscoa e do como a gente se provocava, o medo de fazer errado com o futuro, as mãos dele pesadas em cima de mim, o jeitinho lindo que ele respirava cada vez mais fundo. Sorri sem querer e ele me sorriu de volta, os olhos lindos e brilhantes e nenhum jogo de palavras.

A gente se conectava por palavras, mas vencida no silêncio. A gente se lia no silêncio, parecia que eu entendia tudo o que ele tinha para falar sem que falasse e ele entendia que nenhum cowboy no mundo me tiraria dele porque eu não estava naquele jogo, trabalhando para o Jorge, só por diversão.

Ali, pertinho, me apertando e me beijando, ele entendia. Me sorria por entre os beijinhos e afundava as mãos nas minhas banhas, no meu quadril, onde quer que colocasse a mão, sem medo, ou pudor e muito menos nojo. Toda vez que colocava a mão em mim, fosse onde fosse, era como se me dissesse: “Calma, Dê, é seu Lipe”.

E ouvir o “meu Lipe” por entre os toques e os suspiros é que me deixava sem medo. Dava vontade de ir até ele, colocar a mão nele também, tirar a camisa dele e dizer, com todas as letras:

— Você é o menino mais lindo do mundo.

E eu disse. Cada coisa que saía da minha boca enquanto a gente namorava era uma vitória. Ele não ia rir de mim, fazer piada com isso mais tarde, puxar conversas no meio de todo mundo a respeito disso. Universo que começa e termina ali. Tirou meu sutiã e eu não me senti invadida, pelo contrário, eu queria que tirasse. Queria que me lambesse, me visse, me beijassem, colocasse a mão em mim. Queria e sentia que cada vez mais ele queria que eu fizesse isso também.

Aos poucos, até disso eu perdia o medo. Perdia aquele receio de ser gorda demais, feia demais, estranha, calada, quietinha, tímida, tudo demais. A gente ia aparando as arestas e se fazendo encaixável num jogo de peças onde as pessoas brigam para caber.

É por isso que até hoje a gente se fala muito, sobre tudo, o tempo todo. Porque nem sempre a gente cabe um no outro e é assim que descobriu que se encaixa. A gente se adapta e, se o outro precisa de mais espaço, a gente dá. A gente se molda conforme as necessidades, mesmo quando sobra só um espaçozinho bem pequenininho nós mesmos, sabemos que é por pouco tempo.

E às vezes, parece que falar faz mal e ele sente. Ou eu sinto. Como quando ele não dorme e aparece na minha casa com olheiras fundas, mais magro, mas com vergonha de falar que está com medo de tudo. Ou como eu falo “tanto faz” porque eu não descobri qual o meu ritmo.

— Põe você a sua mão lá, que eu te sigo – ele sussurrou, baixinho e só para mim, levando a minha mão para a frente da minha calcinha.

— Eu nunca consegui.

— Eu sei, Nina, mas tô aqui.

Naquele minuto eu cabia num buraco de um botão. O coração apertado, cabia no espaço apertado entre dois azulejos e ele era imenso. Me beijava pelos cantos, suspirando um pouquinho, as mãos em mim me segurando.

Pensando bem, o jeito forte dele de me segurar prevenia minhas quedas. Entrou comigo dentro da minha calcinha e não parou de me beijar, deixou a minha mão se encostar em mim e só ficou ali, afastando o pano de mim, me dando espaço.

Depois daquilo, nunca mais senti vergonha. Por vergonha de mim mesma, que eu nunca consegui. Nunca me concentrei em mim o bastante para me deixar fluir. Por achar que aquilo era só sem-vergonhice, deixei para lá e, anos depois, ali estava ele, perguntando para mim como é que eu gostava.

De início era uma coisa esquisita, descompassada. Gostoso, é verdade, mas meio estranho. Só foi tudo fazer sentido com a boca dele em mim, em tudo meu, do pescoço, barriga, as minhas dobrinhas nas costas e tudo o mais. E aí o ritmo vinha sozinho. Só eu deitada, ele ajoelhado do meu lado, sem coberta, olhando tudo, brincando com tudo e achando tudo lindo.

Vinha com passos tão largos, tão depressa, que até parecia que eu sabia o que vinha. Nunca cheguei tão longe e, com uma mão dele em cima da minha, a outra nos meus peitos. Perdia a noção de que boca era para beijar e só sabia suspirar. Nem era um gemido, era mais um sei lá misturado com “não aguento mais”, ele sorria e me queimava com os olhos, tão louco quanto eu, tão perdido quanto eu, tão intenso quanto eu e o descontrole.

— Quer que coloca os dedos dentro? – Ele perguntou.

— Eu sou virgem.

— Eu sei, mas quer?

Fiz que sim com a cabeça e me perdi. A gente nem ia tão rápido, nem apostava corrida, a minha mão por fora e ele por dentro. Me perdi e o levei comigo, a minha outra mão, que eu não sabia onde é que eu punha, foi parar direto nele, dentro do moletom, nem licença eu pedi, nem perguntei, nem nada. Só fui.

E ele gemer baixinho fez tudo muito melhor.

— Eu te amo, Lipe – Eu disse, cega de amor e muito mais coisas, sem vê-lo.

— Também te amo, Amor.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo...

Vitrola velha e disco pequeno que só canta uma música. E veio. Cega, surda e muda, descompassada, desencaixada, gorda tímida apaixonada no primo paulista, songamonga mosca-morta de olho nas sobrancelhas pornográficas de um primo que não a vê, a mão por dentro da calcinha e por dentro do moletom dele, nenhuma das duas funcionando bem, ele com os dedos dentro e a boca perdida em alguma parte do meu corpo que eu não via.

A carne descolando dos ossos, o gemido mais alto da boca dele, minha carne colando nos ossos dele e então:

A Serra do rola-moça onde a moça não rola. Tudo lava e ele geme baixinho me chamando de Nina enquanto o mundo lá fora explora forças de trabalho. Tudo quente, a gota de óleo que mancha meu oceano vira carvão e vai parar lá no fundo do potinho, pedrinha inútil que não atrapalha mais.

Abri os olhos e lá estava. Então é assim?

Que sensação maravilhosa.

— Eu vou pegar papel para limpar você. — Ele disse, logo que eu acabei, se levantando.

— Não estou suja. — segurei-o pelo braço, antes que fosse embora.

— Lambuzei você sem querer.

— Não é sujeira. Deita aqui comigo.

Vontade de começar tudo de novo. Olhei para ele e ele também tinha.

Vontade de começar tudo de novo.

Capítulo 23

Esta é aquela parte da história em que o Leitor começa a me odiar. Eu sei, podia ter feito diferente, voltado atrás, ignorado meus desejos, ter feito como qualquer bom livro de romance: podia ter largado tudo e ido atrás dele.

Podia ter me contentado com São Paulo, com ser contratada por alguém, com diploma numa ótima faculdade, com casinha, dois filhos e um cachorro.

É, podia, mas é como dizem: Você não alcança seu sonho sem antes fazer alguns inimigos. Você não alcança o mundo se ficar ouvindo opinião de quem não tem coragem nem de dormir no escuro.

Eu sempre soube, nasci num berço assim, que eu terminaria meus dias à frente de uma empresa, CEO ou o que seja, empresária para mim está bom, não precisa termo em inglês. Primeiro com a ideia de eu ser sucessora do meu pai, cuidando da queijaria, na fazenda em Poços, coladinha com o berço onde nasci.

Depois do Encrenca, do cavalo de cinquenta reais, a queijaria parecia o rumo certo das coisas, o fácil, o sem graça. Quanto mais coberturas eu vendia, quanto mais segurança em mim eu tinha, quanto mais amada e bonita eu me sentia, só a queijaria parecia pouco. Parecia que eu podia ir além, poderia montar o meu império, poderia inventar uma Andressa sem medo do mundo, mas dona dele, inteirinha feita por mim, para mim e os meus.

Dizem que a primeira grana que você pega na mão fazendo algo que ama de verdade, pode ser cinco reais, não interessa: tem o dobro ou o triplo do valor que qualquer outro dinheiro.

Olhando as parcelas restantes da faculdade da Bia, o Encrenquinha passando do limiar da eutanásia para um quase potro saudável, eu me sentia exatamente no lugar que devia estar. Eu não ocupava a mesa do cantinho, da secretária, eu não vivia embaixo da asa de ninguém, era eu por mim e os meus debaixo da minha asa.

Mas mesmo assim, nunca fui o tipo de moça de holofote. Só virava estrela quando o Lipe me colocava ali, no nosso Universo Finito, falando de coisa de casa e da vida, de passagens de avião e ônibus, testa colada com testa.

Eu não sei se todo mundo tem essa vontade de ir além, de ser melhor, de progredir. Minha mãe mesma adora a casa que tem, as filhas, a vida que leva. Se realiza sendo mãe e esposa e isso não tem problema nenhum, acho lindo.

Mas a mim não basta. Nem à tia Fê bastou. Ela é feliz sendo mãe e esposa, mas não é completa: e não é só pelo dinheiro. É sim pelo dinheiro e pela independência, pelo poder comprar o sapato que quiser quando quiser, mas não

só. Reduzir tudo a dinheiro faz a gente ser vista pela ótica da mesquinha e não é disso que se trata.

Quer dizer: que tipo de gente eu seria, melhor, que tipo de mulher eu seria se eu só me mudasse para São Paulo e vivesse com o Lipe, deixando meu pai e a queijaria dele na mão?

Entre os dois homens da minha vida, entre meu pai e as necessidades dele e o Lipe e as vontades dele, escolhi a mim. E nenhuma mulher do mundo pode ser crucificada por escolher a si mesma.

Era outubro? Acho que era. Foi depois do aniversário da Manu e do Lipe, disso eu lembro. A Bia entrou em casa gritando feito uma maluca, feliz da vida, me abraçando e dizendo que passou na especialização que queria. Disse que assinava os últimos papéis do estágio e que estava doida para ir para São Paulo: ela e o Encrenca.

— Vai me deixar, Bia?

— Uai, cruzcredo, nem fodendo.

— Vai para São Paulo você e o Encrenca, mas, e eu?

— Mas você não queria morar sozinha, caralho?

E dá? Depois de dez meses morando junta, como é que eu vou me adaptar e ficar só? A quem vou cozinhar e com quem vou brigar quando estiver de saco cheio?

— Olha, Dê, eu não sei o que você está pensando, mas eu vou tirar o Encrenca das suas costas e vou arrastá-lo comigo para São Paulo, tá? Você é muito nova e eu sou problema demais.

Eu sei, coisas feitas com amor não se joga na cara, eu paguei por todo o tratamento do Encrenca porque quis, a Bia sequer pediu. Eu quem fui lá, dei uma, como o Lipe diz, de abelhuda, e me enfiei onde ninguém me chamou.

Mas custava ela me avisar? Custava ela perguntar o que faria com o cavalo?

— Não estou dando uma de mal agradecida, não – Não, imagine – Mas está na hora de este cavalo e eu nos virarmos e está na hora de você cuidar da sua vida, também. Trancou a faculdade com seis meses de curso para passar o dia no computador fazendo sabe-se lá o quê.

Nossa. Uau, Bia. Rasgou meu cérebro com a pedrada e esperava que eu ficasse bem? Eu queria ser o tipo de pessoa que não chora quando está com raiva, mas eu não consigo. Bastou que ela falasse meia dúzia de coisas e lá estava a princesinha do papai, a bonitinha gordinha defendida pela família que não retruca, que foge de confusão e só sabe chorar.

— Eu não quero estragar seu futuro. – Depois que percebeu meus olhos cheios d'água, quis amenizar.

— Do meu futuro cuido eu. – E quem acreditaria nessa vozinha quebrada de choro?

— Eu sei, Dê, mas você não acha –

— Você procurou sarna para se coçar e eu achei o remédio. Agora que não coça mais, não precisa mais de mim?

— Dê, Minha Nossa Senhora, não me entenda mal...

— Minha Nossa Senhora digo eu!

E fui para o quarto com meu computador, bem princesinha do papai mesmo, batendo o pé e fazendo birra. Não mandei e-mail para ninguém, e-mail não se manda de cabeça cheia e eu só queria saber de falar poucas e boas para aquela mal-agra-decida do cacete que viveu seis meses me pedindo desculpa por cuidar dela e do cavalinho e agora me chuta como se eu fosse um pai que superprotege uma cria!

— Dê...

E eu tinha coragem de falar para ela o que tinha pensado?

— Eu só não queria mais ser um estorvo – Disse, do batente da porta, sem entrar. – Eu e meu cavalo estamos há seis meses dando trabalho e eu não queria...

— Você nem perguntou se eu quero ir.

— Você quer ir, Dê?

— Só para ver se você e o cavalinho vão ficar bem – Senhor, afasta de mim essa cara de bebê e esse jeito manhoso quando eu TÔ PUTA DA MINHA CARA.

— Desculpa – E ela se sentiu à vontade para entrar no meu quarto e sentar na minha cama – eu só acho que tô sendo um peso e não quero mais ser.

— Quando você virar um peso eu vou te dizer.

— Vai mesmo?

— Bia... - E soltei o ar, virando para ela que, embora não chorasse, tinha a feição bem feia – eu fiz e faço porque eu quero. Eu cuido de você porque eu me sinto mais útil e melhor cuidando. O cavalinho é um pretexto bom, mas eu achei o que eu quero fazer por causa dele e sua.

— E o que você quer fazer?

Eu ainda não estava pronta para dizer em voz alta. Tudo funcionava bem dentro do meu cérebro. Lá dentro eu era genial, arrebatadora e forte. Falar soaria como maluquice e tudo o que eu não precisava, com cara de choro e jeito de menina que não sabe nem como ficar brava, era que ela risse de mim.

— Ainda não tô pronta para dizer.

— Tá. – E se levantou – Quer levar nosso Encrencadinho para São Paulo comigo?

— Como?

— Vou pedir o caminhão de carga viva do Tio Rubens emprestado. Faz comigo Minas-São Paulo na boleia de um caminhão?

— E vai levar o Encrenca para o Jorge?

— Por uns dias só, até rodar uns exames.

— Por quê?

— Por que o meu projeto de especialização é o Encrenca. O Jockey vai financiar porque eles querem abrir uma ala de terapia para cavalos.

— É isso o que você anda fazendo com o Jorge, pelas minhas costas?

— Isso e mais um montão de coisa que menina não precisa saber.

— Tá namorando com ele?

— E eu lá sou moça de compromisso sério? Deus que me perdoe, mas não quero casamento, não, só tirar uma casquinha tá bão demais.

— Bia...

— O quê?

— Isso é tão a sua cara...

— Você que fica aí, se arrastando por causdeprimo, eu não.

— Esse cowboy ainda te laça, Bia presta atenção.

— Até laça, mas não sou cavalo de viver amarrada. – E fez uma pausa enooorme e eu não entendi o porquê – Mesmo porque, tá longe de fazer meu tipo.

— Um cowboyzão daquele não faz seu tipo??

— Uma bota e um chapéu não fazem um cowboy, não. Jorge é mais burocrático que você com seu salto e vestido, viu, Dona Andressa?

— Então o que é que faz seu tipo?

— Mana, eu lido com cavalo, não aceito menos que um puro sangue; nobre e bruto na mesma proporção. Se for para eu morrer sozinha porque não acho um pedaço de mau caminho assim, que seja. Com cowboy qualquer nota que eu não me enrosco.

— Cê tá certa, Bia.

— Eu sei, pena que aprendi do pior jeito. – ergueu da minha cama querendo mudar de assunto e riscou as botas no chão do meu piso como se chutasse o feno na terra batida– Mas, então? Vai comigo pela Minas-SP?

— Quando?

— Fim de semana. Eu vou para Poços na sexta, volto no sábado, domingo de manhã a gente passa no hospital e leva o Encrencado.

— Cê acha que consegue dirigir um caminhão, Bia?

— Mas, ô, desgraça! Não torrou minhas paciências para aprender a dirigir caminhão, não, ô?

— Torreeei, mas só quero saber...

— Eu sei, eu sei. Tô pronta, Dê, pode confiar nimim.

— Então tá, Bruta de araque. Vou com você para Poços, volto para cá e a gente coloca o Encrenca na estrada.

A única coisa que a Bia não via é que o Jorge podia me dispensar a qualquer momento, ele já tinha o que queria. Eu até vendia bem os cavalos dele, mas não era nem de longe sua melhor representante comercial. O Jorge já tinha a minha irmã em São Paulo, já exploraria a imensa capacidade e coração dela para abrir uma ala de fisioterapia de cavalos e nunca lhe daria os créditos.

Eu já via bem além: a Bia cuidando de cem cavalos doentes, trezentos, manada manca do país todo e o Jorge sentado atrás da mesa só faturando com o desgaste e o coração mole da minha irmã.

Ela não via dinheiro nunca, nunca foi de colocar cifrão nem no próprio trabalho, mas eu via. Sabia o quanto aquele trabalho era pioneiro, viraria centro de referência logo porque a Bia é o bicho de coração mole que não aguenta ver cavalo sofrer.

Ajeitei uma mochila, desci do salto, coloquei um tênis e, sábado, como a Bia queria, fomos à Poços.

Capítulo 24

— Pai, - eu perguntei, sábado de manhã, quando a gente se sentou para tomar café da manhã. A mãe estava toda feliz de ter a casinha dela cheia de novo, acordou bem cedinho para fazer pão de queijo, broa e mais um monte de comida e agora, estava sentada no colo do pai com uma xícara na mão – quanto o senhor tem para investir?

— Ô, menina – a mãe puxou mais um pedacinho de bolo de milho – não mata seu pai do coração.

— Desculpa.

— Fala, Dê, o que você quer fazer?

Contei do Jorge e do plano dele de lucrar rios de dinheiro em cima do coração e do dom com bicho que a Bia tinha.

— Gatinha, - a mãe, que não sabia de muito, achou estranha toda esta história de cavalo, empresas e dinheiros altos – seu lugar é aqui na queijaria, desde pequeninha fala que é aqui que tem que ser, não estou entendendo...

Eu vi o pai apertar a coxa da mãe para ela parar de falar. Vi a troca de olhares da mãe com ele, a ruga na testa de preocupação, mas nenhum dos dois me disse nada.

— Quanto? – Ele perguntou, voltando a atenção para mim.

— Não sei, prometo que te pago com juros, mas agora eu preciso ter carta na manga para segurar o Jorge na rédea. Se eu deixo, ele se apossa da Bia e a Bia não vê, só pensa nos cavalinhos.

— Dependendo de quanto for, a gente consegue levantar, gatinha.

— Olha, eu tenho cem para segurar.

— Cem reais?

— Cem mil.

E o pai engasgou no próprio café. Como que uma moça faz cem mil em seis meses só com sexo de cavalos?? Pois é, na internet a gente aprende de tudo. Comecei a assistir vídeos sobre investir na bolsa de valores e descobri uma coisa chamada Forex. Compra e venda de moedas estrangeiras na palma da sua mão. Tem corretora que tem aplicativo e você, se quiser, passa o dia vendo o par de moedas subindo e descendo de valores.

Um presidente sofre impeachment e o valor da moeda cai – hora de comprar barato. Um acordo entre países no G20 valoriza uma moeda do seu par – hora de vender caro!

Eu separava o dinheiro de pagar as contas de casa e o resto, injetava no Forex. Transformava em dólar e por todo o meu tempo livre vendia e comprava

moeda. Principalmente na ponte aérea. Como vendi e comprei moeda na troca de aeronaves!

— Cem Mil reais??

Eram em dólares, mas eu preferi não falar muito. Meu pai já estava impressionado por demais.

— Um pouquinho a mais, um pouquinho a menos, não faz diferença – e engoli minha xícara de café fingindo não ver o rosto estupefato dos meus pais. – E então, você pode me ajudar? Eu vou colocar o Jorge na rédea, vou falar para a Bia o que está acontecendo e, dependendo do que sair da conversa, eu venho aqui pedir uma ajudinha do senhor, o que acha?

— Conversa com o Carlos, o nosso advogado. Vou falar para ele ligar para você na terça. Vê bem o que vai fazer, Gatinha, se cerca de toda informação disponível, vem falar com nosso contador que te conhece desde garotinha, não sai fazendo por impulso senão, o que você vai tomar na cabeça vai sair mais caro que seus cem mil.

— O senhor pode me ajudar? – Perguntei. – Porque eu não sei se dou conta de tudo isso sozinha.

— Sempre, Princesa.

— Mas, Gatinha, - e a minha mãe insistindo – e a queijaria?

— Deixa isso para depois, Gê. – Meu pai disse, beijando o ombro da minha mãe – deixa a Dê cuidar da vida dela como ela quiser.

— Eu só fico preocupada...

— Eu sei, Vida, – Meu pai chama minha mãe por Vida e eu acho a coisa mais linda do mundo! – mas tem uma ratinha roendo pelas beiradas, todo dia me pergunta da queijaria.

— A Alicinha?! – Fiquei surpresa com o comentário, mas foi a mãe quem abriu a boca – Mas, Marido, aquela lá só sabe lidar com arte! Você mesmo vive reclamando... !

— Deixa, Vida, deixa... Vou viver mais uns trinta anos –

— Se Deus quiser!

— ... até lá tem muito chão para a gente ver quem fica com a queijaria, isso não é coisa de se preocupar agora.

A mãe se contentou com a resposta, mas eu não. Continuamos com o café até que a Bia chegou, resplandecente, reformada, parecia outra, um espírito renovado e ninguém entendeu de quê.

Quer dizer, eu sabia. E fiquei quietinha esperando que ela viesse me contar. Sorri enfiando a satisfação no fundinho do copo, ignorando a batida dura das botas no assoalho, o falar alto tipicamente dela, o jeitão de beijar pai e mãe, mas pedir a bênção só da mãe.

— O caminhão tá do lado da Ranger do pai – ela me disse – tudo pronto para a mudança, Dona.

— Que bom. – E aí? Vai contar da novidade, Bianca?

— MAS QUE CRIOULÃO LINDO DO CARALHO! – E me beijou o rosto, muito e muitas vezes, as mãos nas bochechas e o sorriso que ia até quase a Bahia.

— O que foi, o que aconteceu, o que eu perdi? – A Alicinha veio depois se sentar com a gente, arrastando sono para mais de metro.

— Coisas das suas irmãs, Lice.

— É, pai, estou sabendo, tudo o que acontece com as Botelho só fica entre elas, ninguém me conta nada!

— A Botelhinha rica, a Botelhinha Bruta, a Botelhinha Resmungona. – A Mãe colocava mais café para o pai e ria – Não é uma graça, Marido?

— Pelo amor de Deeeuus, eu não estou ricaaaaa...

— E eu não sou resmungona!

— Eu sou Bruta mesmo.

— E que nome sobra pra mim, Gê?

— Uai, Marido!

— Achei que ia me chamar de Botelhão...

— Botelhão sou eu, Marido. – E a mãe ria, virando para o pai, enchendo o rosto dele de beijinho.

— Tá, muito lindo esse momento, parabéns todo mundo, mas agora eu quero sabeeeeer o que é o tal do Crioulão. – A Alice roubou meu restinho de broa e queria roubar também a minha xícara, mas eu não deixei. Estiquei uma caneca limpa, que já estava em cima da mesa, era só pegar, e olhei feio. – “Ui, meu café, ninguém pode roubar meu café...”.

— Tio Rubens falou que aquele cavalo liiiiindo de morrer é meu. – A Bia me olhava com os olhos já cheios d’água. – É meu mesmo, Dê?

— Se você quiser, é.

Aquele cavalo que Seu Almeida queria vender, lembra? Comprei-o por um terço do preço de mercado e prometi que qualquer cobertura que ele fosse fazer um prazo de cinco anos, vinte e cinco por cento do lucro era dele. Incluí, sem o Jorge saber, este Crioulo junto dos outros cavalos do Jockey. De mocinha de dezoito anos ninguém quer saber de cavalo, mas se eu faço parecer que o Crioulo é do Jockey... Seu Almeida já disse que tem mais cavalos para me vender, se eu quiser.

E sabe que eu estou querendo? O Tio Rubens me empresta a baia e deixa meu cavalo ficar com os cavalos dele porque a Bia é sempre a pessoa que cuida das vacas do Tio, dá as vacinas e vê a ração.

Não contei que o cavalo é premiado. Fiquei quieta porque eu já estou passando por Botelho Rica, não quero acumular mais títulos. É dinheiro, é importante, mas é tudo questão de saber onde investe e procurar o melhor acordo. Eu vivo para isso, hoje eu entendo. Levei anos para aceitar que o que move meu sangue são as transações, os fluxos de pessoas e dinheiro também, claro, o jeito de lidar com situações complicadas e sair delas todas com alguma vitória.

A Bia me sorrindo feliz por ter mais um cavalinho era vitória. Meu pai silencioso e orgulhoso de mim pelo dinheiro que eu fiz, isso é vitória. Minha mãe vir me agradecer por tomar conta da Bia é vitória também.

E quanto mais eu via dinheiro entrar, mais eu via que aquilo era uma ferramenta. Dinheiro resolve, abre portas, facilita. Minha irmã feliz por cuidar do Encrenca, por ser aceita na especialização. Meu pai já sabia disso, sempre valorizou o estudo por isso, criou três filhas e bota comida em casa por conta do dinheiro.

Mas não é por ele que sai cedinho para trabalhar todo dia. É pelo progresso e o quão longe ele atira os queijos que já foram famosos nas mãos dos Ferreira, mas que hoje são famosos pelas mãos de meu pai.

Só faltava Alicinha que se mordida de ciúmes e eu sabia. Olhava dela para a Bia e via o jeitinho quieto de canto, querendo resmungar por estar de fora, mas ficando muda porque não tinha nada que a gente pudesse fazer para juntá-la a nós.

Até que a Bia achou um jeito:

— Lice, quer vir para São Paulo com a gente?

— UAU!

— Não, Lice tem escola na segunda. – A mãe cortou.

— É só trêisdia.

— Mãe, deixa, por favorzinho! Eu juro que eu ponho os assuntos em dia assim que eu chegar!

— ... mas vocês vão para São Paulo de caminhão? – O pai perguntou.

— É, vamos levar o Encrencado para o Jockey.

— Eu quero, eu quero, eu quero, eu quero, eu queroooooo! – E a Alicinha entrava num fluxo de repetições tão grande, tão engraçado, que puxava a blusa da mãe como se fosse uma criança de seis anos – Mãe, por favor, deixa eu ir! Olha a aventura que elas vão, por que eu não posso ir? Deeeeeeeixaaaaaaa!

— Bia, você vai tomar conta da sua irmã?

— Mas não fui sempre eu quem tomei?

— Dê, você vai dar conta dessas duas destrambelhadas na estrada?

— Vou estar com meu Encrencadinho na estrada, mãe, não corro com cavalo na caçamba nem que a vaca tussa!

— UAU, quando a gente vai?

— Estava pensando em sair daqui umas dez da manhã – comentei.

— Então vou fazer minhas malas!

— Êpa, êpa, espera aí. Não falei que podia!

— AFF, manhê!

— O que você acha, Marido?

— Onde vai duas, vai três, sô.

— Fala logo que sim para a menina, mãe, a bicha chega a estar verde! – A Bia ria, olhando para a Alicinha que tinha um rostinho tão excitado e tão doido, que eu sorria só de pensar em nós três na estrada.

— Vai, filha, então vai. – A mãe disse e a menina já sumia de vista – Então vou fazer um potinho com esses pãozin para vocês comerem na estrada. Quer levar um cafézin também, Gatinha?

— Quero, sim.

— Vem, mãe, te ajudo. – A Bia disse, arrastando a mãe para a cozinha.

Meu pai não me disse nada. Só me olhou com um sorriso na cara que já explicava tudo.

— Quantos prêmios esse cavalo que você deu para a Bia tem, Gatinha?

— Alguns. – Também não vou mentir – Mas isso não faz diferença para a Bia.

— Eu estou vendo onde você quer chegar, filhota. E o pai está muito orgulhoso de você.

A Bia no Volante, eu no banco do passageiro e a Alicinha na boleia. Seiscentos quilômetros de Belo Horizonte para São Paulo feitos a quarenta quilômetros por hora; um caminho de oito horas já levavam dez e a gente nem de Minas tinha saído.

Escureceu rápido e na estrada não tem iluminação, só faróis de carros no outro sentido, o certo a se fazer era parar num estaleiro ou pousada, o que achasse, e dormisse, mas éramos nós, era a Bia. Jamais que ela largaria o cavalo dormindo sozinho num estacionamento, para deitar numa cama confortável.

— A gente para num canto, vocês alugam um quarto e eu fico de babá do Encrencado.

— Não, isso não, você vai dormir com a gente, numa cama humana. – Forcei.

— Dê, eu não deixo meu bicho.

— E você vai fazer o quê? Dormir no acostamento? – Horas e horas de estrada deixam a gente cansada e um pouco intolerantes, também.

— Bem que a gente podia dormir olhando o céu – Disse a criativa da família.

— Três moças, no meio do nada. Dormindo a céu aberto. – Retiro: um pouco intolerante não, bastante.

— Vai dormir numa pousada, Madame, lugar onde meu bicho não entra, também não entro.

— Bia, se você for dormir aqui fora, também quero – Duas contra mim, como sempre.

Três Botelhos deitadas em cima do baú do caminhão, cara a cara com o céu. Esticamos um cobertor por baixo do alumínio e deitamos em cima. Eu não gostei nem um pouco daquilo, de primeira instância. Tudo era um fator contra: o caminhão apagado e estacionado num acostamento escuro, éramos três meninas à mercê da sorte e da honestidade de todo caminhoneiro que passasse por aquela estrada.

Tudo escuro e a gente só via o céu e os faróis que refletiam na gente. A Bia foi a última a subir. Deu uma volta com o cavalo no acostamento só para que ele esticasse as perninhas, limpou o baú inteiro por dentro e depois o colocou para dormir, cobrindo-o com o último cobertor que a gente tinha.

— Dê, você pode ir dormir em cama, se quiser. – Ela disse, quando se deitou do meu lado.

— Não vou deixar vocês sozinhas.

— A gente vai saber se virar.

— Eu sei, mas Deus me livre acontecer alguma coisa com vocês duas e eu não estar aqui para solucionar.

— Tá ficando igual à Bia, Dê.

— Tá pior que eu, Licinha. Tá viciada em problema, essa daí. – E riu, passando o braço por cima da minha barriga e se ajeitando no meu ombro como se fosse uma menininha bem pequenininha.

— Vai dormir agarrada em mim, peste? – Perguntei.

— Vou, não tem nem travesseiro nem cobertor, você é molinha e quentinha, é aqui mesmo que eu vou tombar, uai.

— Ah, se a Bia pode, também quero.

As duas encaixadas em mim, abraçadas onde conseguiam, me esquentando e esquentando a si mesmas. Deitada de frente sem conseguir me mexer, na escuridão da noite, o céu foi se abrindo para me deixar ver as estrelas e o mundo de coisa que eu perco quando quero mandar em tudo.

O Lipe passou um tempão falando de astronomia para mim, depois que a mãe dele inventou de levar o pai não lembro onde. Dizia que a poluição e o excesso de luz não deixavam a gente ver a beleza da Via Láctea que passa bem por São Paulo. Ali, na MG-SP, eu conseguia ver um montão de pontinho brilhante.

Coisas como essas fazem a gente ser grata pela vida que tem. A gente olha o céu salpicado de estrela, sente o calor das irmãs, o jeito delas de parecer crianças porque sabem que comigo elas podem ser quem quiserem, o cheiro forte de cavalo da Bia e o cheirinho suave de perfume da Lice.

Todo o discurso acadêmico sobre as estrelas sumiu da minha cabeça. Ele andava pesquisando para mostrar para a mãe e a mãe poder mostrar ao pai, mas o que ficou foi a quantidade de vezes que o Lipe vinha falar comigo, me explicar de Supernovas e Estrelas, sobre buracos negros e antimatérias, tudo sempre com um sorriso no rosto e o jeitinho de sonhador que ele sempre tem.

No fim, olhando as minhas irmãs e pensando no Lipe, eu percebo que as pessoas que eu amo não têm medo de falar comigo, nem ser quem são, justamente porque eu sou com elas do jeito que eu sou.

Não finjo fortaleza onde sou água, nem finjo raiva quando só quero chorar. Eu só sou assim, nem disfarçar consigo.

E fico lembrando da quantidade de vezes que eu já me odiei por ser assim, por falar baixinho, por comer pelas beiradas, por nunca começar a discussão ofendendo, sempre sendo ofendida.

Acho que é força também nunca esconder o que a gente é, né? Se não for, então, posso só chamar de sorte.

— Dê, - a Alicinha me disse, depois de um tempão que eu fiquei olhando o céu – se eu virar a secretária do pai no seu lugar, você vai ficar brava comigo?

— Não, claro que não.

— É porque eu quero sair com as minhas amigas e preciso de grana.

Vai cair feito um patinho igual eu caí pelo box do Harry Potter. Já via a cena toda, mas a risada veio pela Bia:

— Pai falou que não vai te dar dinheiro, né?

— Falou!

— Da vez que ele falou que se eu quisesse dinheiro, que fosse trabalhar com ele, briguei feio. – A Bia falou, ajeitando a cabeça no meu ombro – Com a Dê, quando ela pediu, ele a mandou trabalhar: funcionou. Com você vai funcionar também.

— O pai pega bem onde dói – comentei, entendendo que eu não era a escolhida principal para o cargo, mas uma das. E sorri pensando que tudo o que o pai mais queria era ver as três meninas dele tocando a fábrica.

— Nem era tanto dinheiro assim...
— Quanto?
— Setecentos.
— Que saída cara da pêga.
— Lice, por que você quer setecentos reais para sair? Onde você vai??
— O Festival de música Indie do ano que vem. Vão começar a vender ingressos esse ano e eu quero muito ir!
— Mas esses eventos não só para maiores de dezesseis?
— E quantos anos eu vou ter ano que vem, Bia? Meu Deus do Céu, como você é burra.
— Me chama de burra de novo que eu vou apertar o bico da sua teta até sair leite.
— Credo, que nojo!
— Nojo de que, menina, larga de ser fresca, é a sua teta, é o seu leite.
— Não é porque você enfia a mão em cu de cavalo que todo mundo tem que ser nojento igual, Bia. – A Alice disse e eu só soube rir.
— Enfiasse a mão em cu de cavalo que frescurada sumia toda!
— Só homem muito bruto para dar jeito em você, Bia. Meu Deus do Céu, se esse cara já nasceu, eu estou com dó dele.
— Dó nada, pirralha. Vai ter é uma sorte danada.
— Eu sempre achei que você não fosse querer casar, Bia. – Comentei.
— Minha vontade é encher a casa de bezerrinho. – Sorriu, fechando os olhos – O quintal cheinho de bicho, meus filhotin correndo tudo peladin e meu marido cuidando de tudo isso comigo.
— Ê, Bia... - A Alicinha riu também – de Bruta só tem o casco, né?
— Nem isso.

Com o Jorge tratei horizontalmente, civilizadamente, a minha Bia era meu bem, força de trabalho que não se explora, pedra que não se tira leite. Chegamos em São Paulo e o Jorge veio todo cheio de gracinha, me cumprimentou com beijo e abraço, ajudou a Bia a tirar o Encrenquinha do baú, mandou um dos peões que lavassem o caminhão todinho, chamou nós três para um café na casa dele e, depois, recepções feitas, a Bia foi alojar o Encrenquinha, a Alicinha estava doida para conhecer o Jockey, mas eu só queria saber de uma coisa:

A Ala fisioterápica para Cavalos não seria dele. Se ele quisesse, que entrasse com uma percentagem, já que o espaço é dele, mas é no nome da Bia

que ela iria ficar.

Eu previa, por saber quem era a minha irmã, em um ano ou menos, que a parte de fisioterapia seria o carro-chefe do Jockey. Andei estudando aquele patrimônio imenso. O turfe só rende pelo aluguel das baias, os salões de festa espalhados se mantêm de aluguéis caros. A venda e compra de cavalos é que mantinha o Jockey, um terreno doado que não paga IPTU, olha que conveniente.

Aos poucos, por estar no meio e conhecer gente do meio, eu percebia que o Jockey não era relevante para a rota equina do mercado brasileiro. O Jockey vendia e comprava cavalos mais com a Europa, que com o Brasil. Importadora de cavalos, o Jockey era. Cavalo árabe e Puro Sangue Inglês. Faziam dinheiro vendendo cobertura destas duas espécies pelo Brasil todo, mas o Brasil se destaca pelo cavalo Crioulo.

Então, antes que ele começasse a fazer fama pelo Brasil com a fisioterapia especializada que a minha irmã começaria, preferi eu mesma assumir esta parte. Para a Bia isto tanto faz, no nome de quem fica, quem ganha fama, quem ganha dinheiro, isso para ela não era importante.

Ela só perceberia a enrascada daqui quarenta anos quando o Jorge se aposentasse com três apartamentos na cobertura em seu nome e ela envelhecesse pagando aluguel. Gente que vive pelo coração só se dá conta que coração e amor não é tudo quando percebem que não se paga conta com coração.

É mesquinha? É cuidado. Eu já disse, sou a coisinha chata e analítica que cuida dos seus e agenda tudo na planilha. Que vive com o celular na mão vendendo e comprando moeda porque aprendeu logo, ensinamento de pai para filha, que quando as situações apertam, é bom ser você a pessoa que pode solucionar problemas.

Por isso, sentamos no escritório dele e fui clara. Eu sabia também, que, ele com a minha irmã do lado, podia dar um pé na minha bunda como representante quando quisesse, bastava eu render um centavo a menos ou fazer uma coisinha errada, que pronto. Ofereci trinta por cento dos negócios e ele fechou a cara. Não gostou, é claro. Setenta por cento ia para a irmãzinha com carinha de menina que compra cavalo português por cinquenta reais.

— A Bia não vai gostar de ver os planos dela indo para o buraco – ele disse, cruzando as mãos em cima da mesa, acertando a coluna e mostrando o lado empresário do cowboy.

— Acredite, os planos dela não vão para o buraco.

— Não?

— Você não é o único interessado nesta parceria, é apenas a nossa prioridade por conta de tudo que fez por nós.

— Mandou o projeto para mais quantos Fazendeiros?

— Alguns. – Mentira, nenhum.

— Os clientes que eu te dei, menina?

— Os clientes que eu fiz, cowboy. Que número de telefone não basta para fazer cliente.

Enquadrei-o num labirinto e foi o suficiente. Tudo deu certo na medida do possível, mas, mesmo assim, saí chorando da sala dele.

Capítulo 25

Tô sentindo tanta falta de casa, que eu só sei meu lugar no mundo quando estou com a minha família. Foi daí que eu tirei a minha teoria de que ninguém é bosta nenhuma sozinho. Porque eu não sou bosta nenhuma, sozinho. Eu só sou um moleque mediano cujo cu comem com farinha e graxa, de tanta teoria. Vestibular é nivelador. Todo mundo lá dentro do ITA passou no vestibular e lá eu não sou o expert fodão que eu me sinto fora de lá. Não sou o moleque com facilidade extrema em matemática, nem a cópia mais bonita e mais nova do Inspetor Bugiganga. Só sou um número e um leito. Não passo de um fulano.

Quando eu volto para casa sim, que eu me sinto alguém. Quando eu vejo as pessoas que eu amo e admiro é que eu me sinto parte de alguma coisa. É solitário que nem a Bia falou, mas eu considero mais triste que solitário. Um fulaninho que faz piada e ninguém ri.

Esse universo de livro e caderno até que é legal, eu vivia disso na capital, mas lá em São José só tem isso. Me chateia. Me irrita. Eu gosto de teoria, não vou falar que não, mas eu gosto de teoria quando ela tem serventia. Lá, parece que não serve para nada. Era aprender por aprender. Sem aplicação. E eu, de matemática pura, passo bem longe.

— Você, quando tem problemas, fica que nem o pai. Não importa onde esteja, ou com quem, só sabe pensar nisso. – O Guto disse, lambendo um tubo de biju do sorvete. A gente gostava de sair para tomar sorvete quando estava calor como naquele sábado. Sorvete direto da fábrica. Era comum, numa sorveteria que dava para ir a pé de casa, muita gente sentar do lado de fora do pequeno toldo amarelo e azul. Nós éramos um dos grupos que ocupava uma das pequenas mesas do lado de fora. O pai e a Manu de um lado, eu e a mãe de outro e o Guto sozinho num dos lados da mesa quadrada.

A Manu, do lado do pai, comia o sorvete de chocolate (ela só comia sorvete de chocolate) segurando uma colherzinha bem pequena, de café, que ela trouxe de casa porque tem a frescura de só comer com os próprios talheres.

— É, filhote, - A mãe sorriu, lambendo a própria colher – Qual foi a dessa vez?

— Tô louco para largar o ITA. – Mandei na lata. Só o Guto disfarçou o sorriso. Nem a mãe, nem o pai, nem o toquinho de amarrar burro disfarçaram.

— Mas, já? – Guto continuou – Por causa da Dê?

— Também – Eu não tenho vergonha deles. Eles, mais cedo ou mais tarde, saberão que eu larguei o ITA.

— E o que mais?

— Saudade de casa – Mas isso não foi tão fácil de falar.

— Ah, qual é! – O Guto não acreditou quando eu falei – Fala logo que você não está acompanhando a aula, não precisa mentir. A gente não vai te achar burro se você falar que o ITA é mais foda do que esperava.

— Lá só é teoria atrás de teoria. A mãe ia curtir aquilo lá demais, mas eu tô de saco cheio de tanta teoria sem nenhuma prática. Até a prática eles usam para provar a teoria, isso é um saco!

— Mas bebê, você quer prática de quê, sem manjar nada?

— Oito horas por dia, mãe. Aquilo não é de Deus, não. Eu já estou longe de casa, sem ninguém, a Dê na puta que pariu, um monte de novato chato pra caralho... Tá foda.

— Péra – Acredita em mim agora, Guto? – Então você fala sério quando diz que está com saudade de casa?!

— Tô, porra.

— Até de mim?

— Principalmente de você. Meu colega de quarto dorme que nem uma mocinha. Um peido e aquele porra acorda. Tô sentindo falta do como você dorme que nem uma pedra.

Não contei para eles da insônia. Há meses menti que estava bem, a ansiedade tinha dado uma trégua e, se eles mandavam mensagem durante a noite, eu evitava de responder para não dar bandeira. A mãe, sentada entre eu e o Guto, nos sorriu beijando muito. Eu já viajando na maionese e ela ainda pensando na declaração de um filho para o outro.

— Eu só não entendi uma coisinha, Lipinho Lindo – A Manu tirou a colherinha de café da boca e lambia os dedos gordinhos enquanto falava – Você está ou não está namorando com a Dê?

— Está sim, Monstrinha – O Pai respondeu por mim.

— E cadê a sua aliança?

— A gente não usa aliança. – Respondi.

— Filho de pobre é uma merda, né? – A mãe ria.

— Eu vou imprimir uma aliança para vocês dois.

— Tá tirando onda com a minha cara, Nanica?

— Ninguém está tirando sarro da sua cara, Lipe – O Pai defendeu – Só estamos felizes por você. Até eu achei que você ia acabar com a Bia, não com a Dê.

— Amizade entre homem e mulher existe, tá?

— Que bom que você me alertou que existe, não sabia – A mãe sempre se mexe muito na cadeira quando vai falar bobagem. Ela adora falar besteira. Nunca vi igual.

— Lá vem: – O Guto sorriu, revirando os olhos.

— Porque senão sua mãezinha estava dando para metade da galera do trabalho, né? – E veio.

— NINA!

— Ué, Dio, seu filho quer ensinar o Pai Nosso para o vigário...

— Tapa o ouvido, Manu – Pedi e ela tapou.

— “Seu filho” não, que esse porcaria não nasceu só de mim. Até onde eu lembro, Dona Fernanda, - o pai sorria e a mãe já se encolhia toda na cadeira – Você estava revirando os olhinhos quando fez ele comigo.

— DIO... !

— Ué, se você fala as coisas para chocar, não pode ficar chocada quando os outros fazem o mesmo...

Dois segundos para Dona Fernanda, toda vermelha, risse por entre os dedos que lhe tapavam a cara.

— Por que é que as meninas ficam tão vermelhas quando falam dessas coisas? – Perguntei.

— Depende de como a menina foi criada. – A mãe respondeu, retomando a compostura, dando uma colherada no sorvete – Que nem, vocês dois cresceram vendo a gente se beijar, falando de tudo. Provavelmente, quando a Manu ficar mocinha, a gente vai morrer de rir e fazer piada em cima disso, mas tem família que não fala de nada, aí as meninas ficam com vergonha de falar essas coisas.

— Mas mãe, você não fica com vergonha de falar essas coisas com o pai, fica?

— Fica, filho – O pai respondeu, falando mais com ela do que comigo – Para xingar e chocar, sua mãe é fera, mas para falar o que quer em relação a... esquece. Ela não fala. Depois a gente conversa sobre isso.

— Que seja, Dio. Se a gente não falar disso, alguém na rua vai. Da outra vez que o Lipe veio tive que encarar uma conversa pesadona com o Tico e Teco.

Rodrigo olhava para Fernanda numa correspondência muda, ponderando se queria falar daquilo na frente dela. Toda vez que a gente ia falar de sexo ou pedir conselho, puxava o pai de canto e comentava. Depois brotava magicamente uma camisinha no criado-mudo ou na nossa carteira.

— Ok – Para o pai tanto fazia falar ou não falar, era natural para ele. Sempre falou disso comigo e com o Guto, nunca escondeu nada. Parte de ser natural para mim é que era natural com quem eu conversava. Da sexualidade da mãe nunca ouvimos um “a” sequer, embora eu saiba bem mais coisa do que gostaria sobre eles, pelo que o pai fala.

E acho que nunca vou estar pronto para encarar que a minha mãe, aquela senhorinha genial pra burro, é também mulher de alguém.

— Manu, destapa os ouvidos – O pai mandou, beijando o topo da cabeça da menina – A gente vai ter conversa de gente grande, agora. Você pode participar e perguntar o que quiser, mas não pode contar para ninguém, tudo bem?

— Tipo um segredo?

— É, amor meu, tipo um segredo.

— Tá – E tornou a raspar as bordas do copo de sorvete com a colherinha de café.

— Dito isso... - Seu Rodrigo se virou para mim – O que você quer saber, Lipe?

— Só quero saber por que as meninas não falam, só isso, não precisa fazer parecer abertura de Copa Mundial.

— Olha, não sei da Dê, só sei de mim – A mãe disse, visivelmente sem jeito – Eu me sinto idiota, falando. Não sei. Parece que o seu pai vai brigar comigo se eu falar.

— Mas Nina, eu nunca briguei com você sobre qualquer coisa sobre isso.

— Eu sei, Dio, mas eu me sinto boba. Sei lá, eu não fui criada com tanta liberdade assim. A minha mãe era a pessoa mais esclarecida que eu conheci, mas mesmo ela nunca conversou disso comigo. Com as minhas pouquíssimas amigas eu até falava, mas era muito raro. Muito, muito mesmo. Acho que é falta de costume um pouco, também.

— Mãe, – O Guto disse, beijando ela – não precisa ficar com vergonha. Se você não quiser falar sobre isso, a gente muda de assunto.

— Eu gosto de como o pai de vocês fala disso com vocês tão abertamente, Gatinho, eu realmente admiro. Uma hora a Manu vai ter que ouvir coisas sobre isso e eu vou ter que aprender a falar, então... Não quero mudar de assunto.

— Posso falar disso com a Manu também, Nina.

— Mulher é diferente.

— Por quê?

— Por que o quê, Lipe?

— Por que mulher é diferente?

— A gente tem vagina, né – A mãe riu – Pensei que você já soubesse disso, nessa altura da vida.

— Não é essa a diferença que eu pergunto. Quero saber porque mulher acha que só outra mulher pode falar sobre isso com elas.

— É simples, bebê. A sexualidade das meninas é totalmente para dentro. Se a menina se sente bonita e desejada, ela se sente segura para fazer o que quiser, mas se ela não se sente, vai, vamos dizer, “amada” nem que seja por só

duas horas, ela vai despirocar para dois lados: ou ela se fecha e se sente acuada, ou ela vai se concentrar no corpo do cara que estiver com ela e se esforçar muito para agradá-lo.

— Você e a Dê já... ?

— Ainda não, pai.

— Mas estão em vias de, né?

— Mais ou menos – Confessei – A Dê é fechada e a gente está muito longe.

— O que quer que vocês tenham feito, por favor, poupe a Manu dos detalhes, como você acha que ela se sentiu?

— Eu não sei o que te responder.

— Quero saber se ela se sentiu à vontade, se ela ficou com vergonha, se você se surpreendeu com ela, se ela superou suas expectativas, essas coisas. Como você acha que ela se sentiu?

— Olha, a Bia diz que a Dê nem se toca, mas comigo, ela foi bem mais longe do que eu esperava. Sem entrar em detalhes, a Dê não teve nada de envergonhada.

— Não entendi, então – O pai olhou da mãe para mim – Se entre vocês está nesse ponto, com o que é que você está preocupado?

— Você ama ela, Lipe? – O Guto. Sempre ele.

— Amo.

— E você já disse isso pra ela, Bebê?

— Já.

— Seu problema não é sexo, né? – O pai me sorriu, como se entendesse tudo o que eu queria dizer. – Seu problema é pior do que isso.

— Quero largar o ITA – Voltemos à estaca zero.

— Por causa da Dê, Bebê?

— Também.

— E o que mais?

— A Bia e ela estão num lance de cavalo, não sei explicar direito, tem a ver com cavalo. Elas vão viver e trabalhar a vida toda em Poços, se eu continuar no ITA e me formar, o que eu tenho para fazer lá?

— Já está nesse ponto, Lipe?

— Nesse ponto, pai.

— Chora não, bebê – A mãe me beijou o rosto, me abraçando pelos ombros – Não põe o carro na frente dos bois. Você nem sabe se o namoro vai durar, se acalma. Não tem porquê se afligir com isso agora.

O pai me olhava, me analisando. Me medindo. Conversando comigo em silêncio do mesmo jeito que conversava com a mãe, às vezes. Me sorria um

sorriso cúmplice, ele me entendia. Ele sabia exatamente pelo que eu passava, a angústia que era não poder prever o futuro. Como sempre, desde que sou pequeno, ele não disse nada, nem mesmo um pio.

— Eu conversei com uns veteranos – Continuei, diante do silêncio dele – E eles disseram que os dois primeiros anos do ITA podem me fazer cortar três anos em qualquer outra faculdade.

— Se você não mexer com avião, vai mexer com o quê? – O Guto perguntou e eu só olhei para a mãe. Vou mexer com cimento e vigas de aço.

— Por que é que você não faz isso, então? – A mãe sugeria, o sorriso martelado na cara, nem se deu ao trabalho de disfarçar – Dá para ver que você está bem encantado na Dê e eu estou bem feliz com isso, mas acho que largar o sonho da sua vida assim, logo no primeiro amasso, é um pouco demais. Eu sei que é difícil ficar longe de quem a gente gosta, mas você não vai morrer, ok? Ninguém morre de amor.

— Só meu pai – O pai disse.

— É, mas na vida real e na vida de quem não passou cinquenta, sessenta anos ao lado da mesma pessoa, isso não acontece. Se acalma, bebê. Vai lá na Dê sempre que der, convida ela para vir para São Paulo, o Guto dorme no quarto da Manu se for o caso, fiquem juntos nas férias, curtam seus dezoito anos e depois, quando chegar a hora, vocês pensam juntos no futuro.

— Eu gosto da ideia de você e a Dê – O pai disse – Ela é toda certinha e toda bonitinha e você, um maluco sem-noção.

— Vão brigar muito, isso sim – O Guto. Ele não para.

— Faz parte – O pai deu de ombros – Olha sua mãe e eu. É pau e pedra todo dia, mas pergunta se eu quero outra vida.

— Você quer outra vida, Dio?

— Sou nem louco – Piscou para a mulher dele.

A mãe fica toda sem jeito quando o pai fala essas coisas na lata.

— Tô esperando um conselho seu, pai. Não adianta me olhar com cara de oráculo, que eu sou ruim de sinal.

— Eu não ia dizer nada.

— Você quer que eu implore um conselho, velho?

— Velho, um caralho. – Respondeu. Chamo de velho para cutucar e cutuca – Eu vou te dar um conselho só: você tem que pensar nisso até parar de sentir medo. Não importa o que você escolha, não pode escolher com medo. Analise friamente inclusive se vale à pena viver às custas da Dessa, ouviu bem?

— Eu não quero viver às custas de ninguém.

— Então pensa: se você larga o ITA, vai ter que viver de alguma coisa. Lembra do trabalho de macaco, né? Então. Inclua no futuro uma variável que

conta muito: Grana. A gente te ajuda agora, paga as suas contas, mas não vamos fazer isso para sempre. Pensa que ninguém é feliz vivendo embaixo da ponte. É muito bom pensar em viver com quem a gente ama, mas amor não paga conta.

— Você largou sua carreira de publicitário pela mãe.

— Verdade – Me sorriu, bebendo o sorvete que era só suco, já – Mas você acha que eu não estava ciente da merda que ia dar, se o restaurante não desse certo? Você acha que eu não estava com o cu na mão, não? Deu certo, graças a Deus, mas podia não ter dado. E você tem que levar em conta que dessa vez, é o lance com cavalos que pode não dar certo e que seu ITA pode dar.

— Eu esqueci de como era ser adolescente – A mãe sorriu, me beijando de novo – Essa inconsequência, esse desespero, achar que é tudo ou nada... Esqueci isso.

— Faça você lembrar – Piscou para a mãe – Lipe, cuida do Guto e da Manu, hoje?

— Cuido, né.

— Lipinho Lindo quem vai cuidar da gente, hoje? – Abriu um sorriso banguela que denunciava tudo.

A gente aluga filme na TV a cabo e come pizza com refri toda vez que o pai e a mãe saem para namorar. Da primeira vez que a gente comeu pizza sem eles saberem, o pai ficou bem bravo, odeia que a gente coma porcaria, mas o Guto foi tão preciso, que o pai nunca mais brigou com a gente:

“Se vocês saem para se divertir, por que é que a gente não pode?”. E depois dessa sacada genial, essa é a lei. Os gatos saem, os ratinhos comem pizza.

— Você podia pelo menos não dar tanta bandeira, né, Manu. Assim o pai fica com ciúmes.

— Desculpa, Gutão. – Eu sou o INHO e o Guto é o ãO. Não curti. – Desculpa também, papai.

A Manu beijou o pai que fazia bico, botando-lhe as mãos nas bochechas como se quisesse espremer a cabeça dele.

— Já estou com ciúmes.

— Tá nada, mentiroso.

— O pai mente pra você?

— Não.

— Tô com ciúmes.

— Ué – Sem vergonha e espertinha na mesma proporção – É só você deixar eu comer pizza e refri que nem o Lipinho Lindo deixa.

— Monstrinha... - Riu, reclamando - Vou lambar sua colher!

— NÃO!

É tanto ciúmes com talher, que ninguém em casa entende. De comida ela não tem ciúmes, sempre ofereceu o que comia, mas nunca na vida, deixa os outros encostarem no talher dela. Nem para lavar. Ela termina de comer, sobe no banquinho, lava só o talher dela, enxuga e guarda num estojo velho de óculos.

— Só uma lambidinha?

— NÃO!

— Posso tomar seu sorvete, então?

— Ó, o sorvete pode.

— Mas como que eu vou comer seu sorvete, sem a colher?

— Lambe ele, ué.

— Eu posso lambar seu sorvete, mas não posso lambar sua colher?

— Isso.

— Devolve essa Monstrinha para a fábrica, Nina – Pegou a Manu no colo segurando-a por baixo dos braços, arrastando-a até a cadeira da mãe – Essa aqui veio com defeito.

— Eu não vim com defeito – Choraminguou, manhosa – Mãe, fala pra ele que eu não vim com defeito!

— Põe ela no chão, Dio – Respondeu, rindo.

Ergueu a menina como se ela não pesasse mais que um saco de arroz, de modo que a barriga dela ficasse na altura da cara. Beijava a barriga da Monstrinha enquanto ela se sacudia inteira, fazendo manha.

— Para, papai!

— Que que o pai já falou para você, Manu? – Disse-lhe, trazendo-a na altura do rosto.

— “As melhores pessoas têm um parafuso a menos”.

— “As melhores pessoas têm um parafuso a menos e têm defeito de fabricação”. Não fique brava quando o pai fala isso, tá bom? É elogio.

— Tá.

— Te amo.

— Também te amo – Ela disse, se sentando no colo dele, quando ele voltou para a mesa – Mas você não vai lambar a minha colher!

— Lipe, repara em volta – A mãe disse, olhando o pai lambar o sorvete da Manu.

— Poder, filhote – O pai respondeu, o nariz sujo de sorvete, a Manu limpando por ele – Sempre poder, zero de controle.

Olhei ao redor. Demorei para entender.

— Você entendeu o que eu quero dizer com isso, ou quer que eu desenhe?

— Entendi. – Eu acho.

O pai é coroa, mas continua bonito. Diante da filhotinha, ele era o pai, mas para as outras mulheres ao redor, ele era o marido da mulher sentada entre dois marmanjos pós-púberes. E ele só tinha olhos para a filha. Era assim que ele deixava a mãe segura.

A mãe morria de orgulho do pai. Se derrete toda quando o vê com a Manu.

— Seja o tipo de cara que vai dar orgulho para a Dê, Moleque. O amor uma hora vai esfriar e ela tem que se interessar por mais que as suas costas largas e o como você beija, entendeu?

— Na verdade, na hora que o bicho pega, a última coisa que conta é se o cara é bonito e se beija bem. – A mãe continuou – Por que uma hora as coisas ficam feias, filho. Saem do controle. E a gente precisa saber que não temos um babaca do lado.

— Entendeu agora? Melhor explicar, porque você é mais lerdo do que eu.

— O amor de vocês dois nunca esfriou – O Guto comentou, raspando o fundo do copo dele com a colher.

— Claro que já. Esfriou, esquentou, esfriou, esquentou...

— É, mas você nunca duvidou que amava o pai.

— Do amor não se duvida, Gutinho. Se decepçiona, mas não se tem dúvidas.

— Ainda bem que você deu uma chance pro pai, mãe.

— Ainda bem que seu pai deu uma chance para nós.

— ... É por isso também que você não pode largar o ITA agora, moleque. Acalma esse cu. Se você larga o ITA, você vai dar a carta na mão dela e ela vai achar que pode fazer o que quiser com você.

Mas ela pode fazer o que quiser comigo.

— ... Eu sei que ela pode, mas agora não é a hora de ela saber disso.

— Por quê?

— É tudo um jogo.

Odeio esses joguinhos imbecis.

— Se ela percebe que você está encantado nela, isso ativa um demônio nas mulheres, filho, que faz elas te tratarem igual lixo. De indiferença para baixo.

— Pai, acho que no caso da Dê, eu duvido muito – O Guto defendia a Dê muito mais do que me defenderia.

— Vai querer pagar para ver, Lipe?

— De jeito nenhum.

— Nunca pensei que fosse virar um mau exemplo para as crias, Nina.

— Mas pai, você não é um mau exemplo – Defendi – Pelo contrário.

— O fato de você pensar em largar o ITA só pode ser por culpa minha. Se eu não tivesse largado a minha carreira e falasse disso com tanto gosto, acho que você não pensaria tão rápido em largar o ITA por mulher.

— Acalma um pouco, filho – A mãe completou – Pensa direitinho. Um dia por vez. Sua vida não está definida ainda. Mantenha simples que o resto acontece. Não complica.

— Esse não é o momento da vida em que se larga as coisas, filho, porque você não tem nada para largar, entendeu? Não é por que a gente não confia em você, ou no negócio dos cavalos, mas esse é o momento de os dois crescerem como pessoa, para depois pensar em se juntar. A gente só pode largar tudo quando tem algo e você ainda não tem nada. Desculpa se isso pareceu maldoso, não é para ser. É só preocupação.

— Vocês não entenderam que é pela Dê, mas é também por mim. Eu não sei mais o que eu quero.

— Vamos pensar num futuro presente? – A mãe nem disfarçava que me queria na POLI com ela – Mesmo se você for largar o ITA, vai pedir transferência para outra faculdade, não vai? Vestibular na USP só de fim de ano, então, vamos terminar esse ano lá no ITA para você não perder tempo, depois, ano que vem, você vê.

— É, tô pensando nisso.

— Filho, eu tô bem animada de você largar esse ITA e voltar para casa.

— Nina, não fala isso, não põe lenha na fogueira...

— Ué, você não mente para os seus filhos, mas espera que eu minta? Tô feliz pra caralho. Quero meu bebê fazendo POLI e tendo aula comigo.

— Vocês dois, juntos, colocam fogo naquela faculdade. Uma já não é certa, daí junta com o outro lesado da cabeça, pronto. Merda na certa.

— Imagina a senhora como minha orientadora?

— O sonho da minha vida. – Sorria. A mãe queria isso mais do que qualquer outra coisa – Não sei por que você inventou ITA. ITA não, amor. Os Miller também voam alto, mas a gente permanece no ar, não é coisa de instante. A gente constrói ponte. Pontes duram séculos e os voos, não.

Nunca tinha pensado que o nome da minha mãe vai vencer o tempo.

— Pai, a gente ainda está fazendo conversa de adulto? – Manuzinha perguntou.

— Está sim, amor, o que foi?

— É que eu tô apertada para fazer xixi!

Capítulo 26

Fim de ano fiz a mesma coisa: larguei a última prova feito um doido, a inscrição da FUVEST feita, tudo respondido à caneta, a mochila nas costas durante a prova toda e zero paciência para lidar com números.

Só que, diferente das férias de julho, combinei com ela antes, liguei e perguntei se eu podia ir, comprei passagem pela internet. Tudo planejado do jeito que ela faz, porque eu sou o maluco-beleza que faz as coisas na hora e faz dar certo lá na frente.

Passei as minhas horas na estrada tentando ler alguma coisa que não era de faculdade, indicação dela, Máquina Diferencial, coisa de ficção científica com máquina a vapor (aquele cara lá da trilogia Fundação não deu jogo não, puta cara enrolado do caramba), mas esse até que ia. Aos trancos, né, daquele jeito, o balanço do ônibus me fez dar umas pescadas, dormi com o livro no colo e depois desisti de lê-lo.

Planejei também (conviver com pessoas é foda, né? Você acaba pegando as manias delas, não tem jeito) contar a ela, cara a cara apenas, sobre a troca de faculdade. Era uma coisa que devia me deixar mais tranquilo, sair do ITA, largando o inferno, voltando para casa. Mas só que as minhas mãos suavam muito só de pensar na possibilidade de dar tudo errado.

Era o meu plano de moleque, o ITA. Era o meu sonho de moleque sozinho no quarto, de projeto de Lipe que seria fodão por si só, não por conta de parente importante ou de tradição entre os Miller. Era o ITA. Milhares de moleques mais preparados que eu tentam as provas todos os anos, mas eu passei de primeiro.

Primeirinho de primeirão, não faz nem um ano que eu entrei pela porta da casa do vô urrando para todo mundo que eu tinha passado. Não faz nem um ano que a Dê ficou quietinha e me deixou brilhar, que eu fiz um café da manhã em agradecimento por ela não “estragar” minha comemoração.

(E essas aspas é porque eu não achei palavra melhor que “estragar”).

E agora o patinho voltaria para casa, conviveria de novo com os pais, não só viveria de comida de bandeirão.

Todas essas coisas dão medo, eu já falei, não curto mudança. Eu passo muito tempo pensando nos próximos passos e parece que nunca acostumo direito com elas. Sempre fica um gosto de saudade e um pouco de arrependimento pelo que eu vou deixando para trás.

Sentei no banco da rodoviária para acalmar um pouco. Do nada fiquei nervoso de não conseguir sair do lugar e achei melhor parar de atrapalhar o meio

do caminho. Sentei, só. E fiquei um belo tempo olhando o fluxo de pessoas até ver uma mensagem no grupo de família e perceber que o Guto estava online.

— Preciso que você seja meu amigo. – Liguei para ele e pedi.

— E tem que pedir? Onde você está?

— Rodoviária.

— Aqui em São Paulo? Por que não avisou, o pai teria ido te buscar.

Ah... - Ele tinha o mesmo jeito do pai de captar sinais – *Minas*. O que foi? A Dê tá bem, qual a fita?

— Eu realmente preciso que você seja meu amigo – Repeti, que era para ele entender o que eu não queria dizer.

— O que você me disser morre aqui. Sem represálias. A gente é irmão, porra, eu te conheço desde que nasci. Alguma vez você precisou de introdução? Você sempre disse as coisas na lata, a gente sempre foi amigo. Não precisa carta timbrada, você fala, eu escuto.

Eu disse. Eu fiz a introdução mais para mim do que para ele. Somos amigos desde sempre, eu confio nele. Contei dos meus medos. De falar para a Dê que estou dando um passo para trás, de falar que eu não aguento mais o ITA, de supor que ela fosse me ver como um menininho que mal consegue sair de debaixo da asa da mãe.

Porque enquanto eu estou voltando para dividir quarto com o meu irmão ela faz check-in em hotel cada vez mais longe e cada vez mais caro, divide garrafa de vinho com fazendeiros cada vez mais ricos, faz acordos com homens que nem o diabo quis.

Larga a faculdade e não fala com ninguém, só larga e finge que ninguém percebeu, acumula riquezas pelo celular, junta dinheiro como nem meus pais juntam e me sorri pequeno e contido toda vez que eu falo de mais uma partida de futebol, mais um tampão do dedo que eu arranquei, mais uma teoria astrofísica que acabei lendo nos dias que meu cérebro teimava em não desligar.

— ... Mas cê já imaginou uma matéria que é sua própria antimatéria?

Era ela me ligar que eu começava com as minhas. A coitada me ouvia e ficava me ouvindo por quanto tempo eu quisesse falar, eu roubando seu tempo de planilha de Excel ou de vender e comprar moedas caras.

Como pode uma menina mudar tanto em um ano? Senão ao vivo, quando ela me contava das coisas dela, ela não tinha nada de menina. Eu podia nomear pelo menos uns seis fazendeiros que a achavam a coisa mais inteligente e charmosa do planeta.

E a Dê foi ficando, saca? Aos poucos o menino era eu, não ela. Era menina quando a gente se via ao vivo, essa coisa de ser primo nas férias e tal, mas no resto do tempo ela era a mulher de negócios e eu o estudante.

Isso é de deixar qualquer um inseguro para caramba. Pelo menos ela podia falar que o namorado era do ITA, cabeçaço mesmo, gênio maluco, Inspetor Bugiganga dos livros, mas agora, trocando de faculdade? Saindo porque não aguenta mais viver longe dos pais?

O grande problema dos Ferreira é que nenhum de nós sabe ser sozinho. A gente odeia ficar sozinho em casa, só o Guto é que sabe, até prefere, mas o resto de nós odeia a sensação de casa vazia.

— Tá melhor? — Perguntou, quando aquietei. Como o pai diz, o Guto se contamina, eu estava nervoso e meio chorando, despejando quilos de inseguranças num moleque mais novo que eu e ele ouvia, demonstrava preocupação, quase chorava junto. Não faz nada sem mergulhar. Tenho inveja dele, nessas horas. O Guto vai. Com medo ou sem medo, não importa. O Guto se joga. Se enfia nas coisas até que o meu problema (realmente uma coisa de adolescente babaca) também fosse o problema dele.

— Tô. — Soltei o ar tudo de uma vez e puxei a manga da camiseta para limpar os olhos — Valeu, Guto.

— Agora limpa essa cara e vai para a casa dela.

— Me salvou.

— Posso te dizer uma coisa?

— Depois de tudo o que eu disse, acho que você tem o direito de dizer, também.

— *Carpe Diem*, Lipe.

— Frase de Facebook a essas horas?

— *Carpe Diem*. Aproveite o dia. Esquece daqui dez anos, esquece se ela te ama ou não, se ela está se dando melhor que você, se ela está cagando dinheiro, isso não importa muito, não tem termômetro pra isso. Aproveita hoje, pensa que você acabou de fazer uma prova de Vetores à caneta e nem rasurou. Seu ITA e sua menina estão bem. Aproveite isso e pare de se torturar com aquilo que não faz diferença agora. Você está se matando por um futuro que você nem sabe se tem, freia os cavalos, pô, a mãe já deu a letra. Quando estiver na facul, pensa na facul e, quando tiver com a Dê, pensa na Dê.

— Eu tô me sentindo muito otário.

— Isso você é. — Faz piada e ri sozinho, coitado. Igual todo mundo lá em casa. — Seu problema é que você é muito acelerado. Vê eu, quero medicina, tô no primeiro ano do médio e nem comecei a estudar direito, tô matando no cursinho para ficar no celular e ver foto da Manu desenhando na 3D, enquanto tem japônês que está estudando desde a quinta série.

— Vai se graduar no cursinho — Consegui rir e foi bom.

— Capaz. Do jeito que anda... O professor de química é uma bosta, fala

morrendo, faz geral morrer de sono – Fez uma pausa, percebendo que eu já estava rindo com ele – Agora, vê se te acalma.

— Vou me acalmar.

— Tá usando roupa limpa?

— Tô, mãe.

— Tá usando perfume?

— Não uso perfume.

— Passa perfume, você tem algum aí, né?

— Não, eu não uso, para que vou carregar isso na mala?

— Fica meses sem ver a menina e quando vai ver, aparece todo cagado.

Passa perfume, porra, arruma esse seu cabelo tosco, faz essa meia dúzia de pentelho que você chama de barba. Depois vai. Cê tá de banho tomado, espero.

— Tomei só de manhã.

— Mais ou menos limpo – Riu – Bom, vai lá, que eu vou encarar mais duas horas de tortura. Manda um beijo para a Bia.

— E a Manu está com quem, agora?

— Com o pai.

— Não gosto de você sendo o irmãozão da Manu.

— Ela tem dois irmãozões, larga de frescura.

Desliguei. E fiquei mais ou menos bonito para ver a Dê, nunca me preocupei com isso e agora estou aqui, fazendo barba. Troquei de camiseta e peguei o ônibus municipal para a casa dela. Aliviado, esvaziado. Eu só dou o braço a torcer de que conversas fazem bem quando assim, nos meus extremos. Quando não cabe mais nada para dentro do meu copo, aí eu ligo para o pai ou para o Guto. Sou grato de ter o Guto como irmão.

Não tem que ser assim, repito para mim, descendo no ônibus municipal que me deixa quase na porta da casa dela. Namorar não pode ser isso. Ficar com quem a gente gosta não pode te deixar tão vulnerável e carente. Carência é uma palavra boa. Embora eu fosse o moleque legal de novo nas noites de futebol, embora eu risse e fizesse piadas, eu não sanava o que tinha de pior em mim.

Eu sempre tive amor. Eu sempre tive com quem falar, eu sempre tive abraço. Meus pais deram o melhor deles por mim e eu reconheço isso todo santo dia; mas foi só eu me ver sozinho no mundo, que meus alicerces caíam. As vigas que a minha mãe botou em mim não se sustentam por si.

Parte da minha segurança, parte da minha teimosia, parte da minha (sei lá, inventa uma palavra para pôr aí), vem da minha mãe. Vem do meu pai também, mas eu e ele não somos feitos da mesma substância. Minha mãe e eu, sim. Mentora e aprendiz para toda a vida.

Talvez mentora e aprendiz demais? Talvez eu dependente demais dessa

covalência. Sozinho eu me viro, mas a falta que ela me faz não está escrito. Talvez fosse só um Lipe com saudades, esse moleque meio desesperado que se enfia num banheiro mais ou menos limpo para chorar.

Talvez, depois de vê-la, eu voltasse a ser o de sempre. Mais besta e ruim de piada e mais alegre, também. Mais seguro. Saudade é foda.

Saudade, eu estou te falando, saudade é foda. Nunca namore alguém de longe porque é bosta na certa.

Apertei a campainha e a Bia atendeu. Não houve Dê para mim, naquele primeiro instante. Eu já quase chorava de angústia só de esperar a Dê abrir a porta. E foi a irmã dela que abriu.

— Cadê a Dê?

— Se acalma, Lipe. – E sorriu, dando espaço para eu entrar. – Tô de saída, ó, toma conta da minha irmã.

Era de noite, já, quando eu cheguei. Entrei na casa delas e a Dê cozinhava falando com alguém pelo fone de ouvido do celular. Falava em inglês e bem rápido, como se estivesse brigando. Nem me viu. Continuou sambando entre os armários da cozinha e o fogão, mexia e testava o gosto de alguma coisa da panela, buscava ingrediente novo na geladeira e se virava de costas para mim enquanto picava algum tempero.

Que engraçado. É assim que vai ser quando a gente ficar adulto? A gente na nossa futura casa, eu chegando do trabalho e ela, que nunca para de trabalhar, pensando na janta e no serviço, ainda com roupa de trabalho e os pés descalços. Que engraçado.

Coloquei a mochila no chão e fechei a porta. Fui me aproximando devagarinho e dei um beijo nela.

— Oi, futura esposa. – Eu disse e ela parou de costas para o fogão com o fone nas orelhas, os olhos estatelados, surpresa e como se tivesse sido pega em flagrante.

— I have to go, now. Ok, see you later. – Ela disse para a pessoa do celular, apertou o botão do fone e os tirou da orelha, me olhando surpresa e assustada. – Oi. Futura esposa?

— Não me olhe assim – Pedi – Não deu para evitar pensar nisso com você fazendo a janta.

— Você veio me ver de lá longe, esse é o mínimo que eu posso fazer. – Me beijou com um sorriso e baixou o fogo da panela – Chegou bem?

— Cheguei, foi tudo tranquilo.

— Você quer tomar um banho enquanto eu termino aqui?

— Quer ajuda? Eu estou mais ou menos limpo, não preciso de outro banho agora.

— Mais ou menos limpo, de onde eu vim, quer dizer sujo – E sorria, fazendo gracinha. – Então lava a mão e corta a salsinha aqui para mim?

— E então? – Puxei assunto enquanto lavava a mão na pia da cozinha – O que me conta de novo?

— Ah... - Mexeu na panela e eu vi que era molho de tomate – nada que a gente não tenha conversado por telefone.

Estava esquisito. Alguma coisa estava muito estranha. A gente não se via há meses e ela nem me abraçou direito, só me deu um selinho e tirou satisfação sobre o “esposa”. Eu sei, ela tinha muita coisa na cabeça, muito trabalho e muito cliente, estava no meio da ligação quando eu cheguei, mas, mesmo assim. Parecia distante.

E a minha cabeça que não é boa para inventar porquês, começou a pensar no pior deles. Talvez ela tenha achado um cara melhor que eu, então.

— Está tudo bem, mesmo? – Tentei.

— Tudo está passando tão rápido. – Sorriu, enfiando espaguete numa outra panela cheia d’água fervendo. – Eu não consigo mais dar conta de tudo e sempre deixo alguma coisa de fora. Eu planejei te buscar na rodoviária e achei que ia dar tempo de deixar a janta pronta antes, mas aí todo mundo resolveu vir falar comigo justo hoje, justo hoje que você vinha aqui, e até agora eu não consegui parar nem um segundinho.

Ela não está esquisita. Isso é uma Dê frustrada. Se eu ficasse tão calmo quando estou frustrado do jeito que ela consegue, metade dos meus problemas sumiriam. Sorri, cortando a salsinha, ouvindo uma menina reclamar da vida e do trabalho e do pouco tempo disponível para mim.

— Tem três semanas que eu não consigo dar um jeito no meu quarto, nem separar o que é de viagem e o que é de casa, está tudo bagunçado e eu odeio isso. Esses dias, fui pra Goiás de novo e não percebi que estava sem calcinha na mala. Nem uma! Agora, me diz: como que uma pessoa consegue trabalhar com esse tantão de desordem? A Bia diz que pode passar no mercado e abastecer os armários, mas ela também está toda cheia de trabalho, eu não queria deixá-la sobrecarregada, mas toda vez, toda vez que eu chego em casa já tem comida e eu não consigo sair... Ai, Lipe, desculpa. Olha eu aqui despejando um montão de coisa na sua cabeça.

— Pode continuar falando, não tem problema.

— Eu nem estou conseguindo te ligar muito. Sempre que estou embarcando ou desembarcando você está em aula, daí quando eu tenho tempo é no meio da madrugada e eu estou tão cansada, mas tão cansada...

— Está tudo bem.

— Não, claro que não. E daqui para frente só vai piorar. Um grupo

alemão está interessado na pesquisa da minha irmã e eu estou correndo atrás de patente do projeto antes que qualquer sujeitinho desmiliguido queira roubá-lo, o advogado do meu pai está me ajudando, está tudo uma bagunça, segunda-feira eu me recusei ir para São Paulo só para assinar um papel e só por causa disso aquele filho da mãe daquele Jorge está atrasando para enviar o documento para cá. Hoje já é... que dia é hoje?

— Quarta, Dê.

— Então! Já é quarta-feira e aquele cowboy de araque ainda não enviou, acredita??

— Quer que eu vá lá buscar o documento para você?

— Não! Era só ele colocar no correio! Trinta reais resolvia, chegaria aqui na manhã do dia seguinte! Eu preciso daquele documento e o Jorge sabe disso.

— Eu vou falar para o pai ir lá buscar, não esquentar.

— Que isso, não precisa. Eu não quero dar trabalho, isso é coisa do Jorge fazer!

— Espera aí. – E limpei a mão de tempero no pano de prato, liguei para o pai e entreguei o telefone na orelha dela – Fala com o meu pai, Dê, que ele busca.

— Ai, Lipe. O seu pai deve estar cheio de coisa para fazer...

— A Faria Lima e o Jockey não são longe, dá para ele buscar tranquilo.

— Alô, Tio? – Ela falou, limpando a mão na barra do vestido e arrumando o celular na orelha. – Oi, Tio, tudo bem? Aqui é a Dê... O Lipe? Tá aqui do meu lado. Chegou agorinha, tá mais ou menos limpo, ele falou... Tio, eu tô precisando de um favor do tamanho do mundo, o Lipe falou que o senhor podia me ajudar... Se eu estiver pedindo demais, tudo bem falar não, tá?

...

— Sabe o que que é? Tem como o senhor dar uma passadinha no Jockey? É, o de São Paulo, esse aí grandão pertence da Marginal. Tem como pegar um documento lá para mim, Tio?

Quando desligou, sorria feito uma maluca. Puxou o próprio celular, discou outro número, disse palavras rápidas avisando o Jorge sobre alguém ir buscar os documentos e pronto. Respirou. Nem percebeu que tinha a respiração travada. Colocou os dois celulares na mesa da cozinha e se virou para mim, os braços de amor, o jeitinho de saudades e um beijo mais decente.

— Obrigada, Amor – Ela disse – Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada.

— Podia ter pedido antes.

— Eu não quero atrapalhar, eu sei que todo mundo tem mais o que fazer...

— Mas pedir favor não é atrapalhar.

— Para mim, é.

— Mas não pode ser, quando pede para mim. Sou eu, Dê. E eu vou sempre fazer o que eu puder, para te ajudar.

— Obrigada, futuro Marido.

— Então, será que agora eu posso te dar Oi direito?

— Pooooooooode.

Continuamos a cozinhar e o telefone tocou quando estava quase tudo pronto. Meu pai conseguiu buscar o tal do documento, colocou no correio e, segundo ele, por ser papel e ser leve, dia seguinte, até as dez da manhã, o tal do documento estaria na mesa dela.

Sentamos para comer e aquela foi a primeira vez que eu vi a Dê abrir qualquer coisa alcoólica para acompanhar a comida. Um ano, menos, até, e lá estava a mudança significativa da menina que eu conheci.

Eu sei, beber não é nenhum grande negócio, todo mundo bebe e ninguém deve se orgulhar disso, mas ela falava da vida e dos trabalhos, dos projetos e do como a Bia estava feliz de se mudar para São Paulo, e, no meio disso, puxou um saca-rolhas e me ofereceu uma taça.

Para a menina que não bebia porque era menor de idade, aquela se mostrou muito disposta a não se importar com isso.

E numa naturalidade que fez parecer água.

Arrumei a mesa enquanto ela fazia os pratos e, depois, sentou-se ao meu lado com o garfo na mão, o sorriso rubro na boca e um jeitão feminino não de menina, mas de mulher que está em casa, cuidando da própria vida e falando com quem ela pode confiar.

— Eu estou falando demais, né? – E sorriu, enrolando o espaguete no garfo – Me fala sobre o ano que vem, está preparado?

— Eu acho que eu não volto mais para lá, não. – E eu gostava de ouvi-la falar justamente para não ter que falar de mim.

— ITA não era seu sonho, Lipe? Como assim, não volta?

Eu não podia mentir ou falar menos do que eu sentia. Era a Dê, se eu fosse mentir a ela, o que poderia exigir que me contasse? Pousei o garfo no prato sabendo que me custa muito falar dos meus problemas. Respirei fundo e fui na contramão da rota dela:

— Eu sinto falta de casa. Eu não aguento mais ficar longe, estudar feito um condenado, dormir de qualquer jeito, comer comida de bandeirão, telefonar e ficar esperando que as pessoas me telefonem.

— E vai fazer o quê?

— Vou para a POLI com a mãe.

— A Tia Fê deve estar doida de feliz.

— Minha mãe não consegue nem fingir.

— ... mas é o que você realmente quer, Príncipe?

— Eu não sei. – Confessei – ITA eu quis por anos e achei que era para mim, mas ficar longe da minha família está acabando comigo. Os estudos não são tudo isso, eu não me vejo morando fora do país para poder ser um engenheiro que eu queria ser desde molequinho. Aqui não tem como crescer como tem lá fora, Dê. Se eu quiser ser grande, com avião não consigo.

— Mas você quer ser grande?

De verdade, não.

— O que você mais quer do futuro, Lipe?

— Sabe, eu nunca parei para pensar direito nisso.

— Então pensa, que ir para fora do país não é um problema.

— Lógico que é.

— Claro que não - ela disse colocando a mão na minha e me olhando nos olhos com alguma consistência que antes não tinha – eu ia abordar isso com você mais tarde, mas acho que vai ter que ser agora.

— Falando assim você me deixa nervoso.

— Eu estou nervosa há quase um mês pensando nisso.

— Dê, o que foi? Vai terminar comigo?

— QUÊ? – E sorriu, com a mão no meu rosto – Nunca! Eu só preciso saber se você vai.

— O que está acontecendo?

E então ela me contou da especialização da irmã, da terapia aquática com cavalos, do Jorge que quer fazer fortuna em cima da Bia e do como ela própria estava disposta a patrocinar os estudos e os projetos da irmã, passando a perna no Jorge.

— Só que o Jorge não é dono do Jockey.

— Como não?

— Ele vendeu grande parte do Jockey para uma coudelaria portuguesa e, se eu quiser fazer qualquer coisa com o Jockey, tenho que falar com os investidores em Portugal.

— E o que tem?

— Eu tenho que ir para o setor administrativo do Jockey e comandar tudo de lá.

— Como assim?

— A Coudelaria aceita a minha proposta, o Jorge quer que eu abra a Ala de Fisioterapia baseado no estudo do Cavalo Encrenca...

— Mas?

— Eles me propuseram que eu me mudasse para lá.

— Para Portugal.

— É.

— E o que você disse?

— Nada, uai.

— Por quê?

— Porque eu tinha que falar com você, primeiro. Meu pai e minha mãe sabem que é isso o que eu quero, que eu estou doida para fazer muito dinheiro e mandar essa homarada tudo para aquele lugar, meu pai já até perguntou como que faz visto para ver filha em Portugal, mas você, Lipe, você... não tem nada a ver com isso.

Segurando a minha, a mão dela tremia um pouco. Tinha medo falando disso comigo, os olhos dela começaram a lacrimejar e eu vi. Sorria, fingia bem, mas eu entendia os mini-sinais dela. Via o que ela sentia e, por vê-la trabalhar como uma condenada todos esses meses, que eu percebia o quanto tudo aquilo era importante para ela.

— Você quer ir, né? – Perguntei.

— Eu quero muito ir. Com a Coudelaria é outra coisa, não tenho que me submeter a dez por cento de coberturas para pagar o aluguel, nem ficar viajando de estado em estado porque o Jorge quer que eu faça mais cem mil para ele, nem ficar bebendo vinho e perguntando das filhas dos fazendeiros. A coisa toda vai mudar porque eu estou comprando um por cento do Jockey.

— Você está brincando.

— Eu sei, é só um por cento, mas é só esse o dinheiro que eu tenho. Eu não vou ter voz no conselho nem nada, tudo o que os portugueses quiserem, farão, mas quando se trata da Ala de Fisioterapia e qualquer dinheiro que isso der, isso é nosso, das Botelho. Não vai ter Jorge nenhum para explorar minha Bia nem para me explorar.

— Mas nada disso é sobre a Bia e sobre o Jorge.

— Também, - e bebeu do vinho para continuar – é por eles, mas é mais por mim.

— Num mundo onde você pudesse fazer qualquer coisa, o que você faria?

— As malas. – E fechou o rosto. – E eu não posso pedir para você vir junto, Amor, é pedir demais, é coisa demais, você tem a sua vida aqui, sua família, sua faculdade.

— Eu também não iria.

— Eu sei, mas eu quero ir, entende? Num mundo onde eu pudesse fazer tudo, eu também não iria querer você lá comigo porque eu ia olhar para você...

— Não chora.

— Desculpa. — Limpou o cantinho dos olhos e continuou, - Eu ia olhar para você e saber que eu destruí todos os seus sonhos em prol dos meus e isso não é o que eu quero pensar quando olhar para você...

— Você não vai ser responsável por destruir meus sonhos mesmo se eu fosse com você. Ninguém é responsável pelos sonhos de ninguém. — Passei o braço pelas costas dela e a segurei pelos ombros — Tô feliz que venha falar disso comigo antes de decidir o que fazer com a sua vida.

— Só que eu tô mortinha de medo.

— Que bom, eu também. — Beijei-lhe a cabeça sentindo o cheiro que eu gosto muito, sentindo o peito diminuir de tamanho e muita dor de amor. — Mas se é isso o que você quer, pelo menos me diz que não vai para lá para sempre.

— Pelo menos uns cinco anos. — Me disse, a voz quebrada de choro. — A minha vida é aqui, eu quero vir para cá o quanto antes, mas para dar tudo certo, eu preciso viver por um tempão, lá.

— O que você quer de verdade?

— Você vai rir da minha cara.

— Não, eu juro que não. O que você quer de verdade?

— Eu quero o Jockey.

— Inteiro?

— É, eu quero ser dona daquele lugar. A primeira vez que eu pisei lá só para ser ensinada como é que cavalo transa eu já soube: eu quero aquilo tudo.

— Não é muito audacioso querer isso em cinco anos?

— É o plano da minha vida, não vai durar só cinco anos, eu digo cinco anos para voltar para o Brasil e cuidar do Jockey dentro do Jockey, entende?

— Entender eu entendo.

— Mas... ?

— Mas, nada, ué. Eu entendi. Não sei de onde surgiu essa ideia maluca, mas, quem sou eu para falar de ideia maluca, né?

— Quando eu voltar em cinco anos você já vai ser engenheiro.

— Talvez.

— O que é que você vai querer depois de virar engenheiro?

— Olha, você é a pessoa dos planos, eu sou a pessoa que faz e paga pra ver.

— Tudo bem, isso eu sei, mas o que você quer da vida?

— Você parece meu pai falando quando está bravo com alguma cagada que eu fiz.

— Não, Lipe — Sorriu, me beijando o rosto, os olhos cheios d'água — só quero saber o que você planeja da vida.

— ... eu não sei. Continuar com projetos malucos, fazendo avião ou

ponte, sei lá, comprar uma casa e sair da asa dos meus pais, quem sabe pegar um mestrado. Essas coisas que todo mundo faz.

— Casar e ter filhos também?

— É.

É? Não era até ontem eu o porrinha que não se casaria? Essa coisa de falar de sonho é complicada porque quando você não tem uma meta e um objetivo traçado, nítido e dito aos montes como uma fixação doentia, parece que você vive por viver.

Está certo, meu sangue esquenta muito quando eu começo a desenhar projetos, caço resistor e transistor pela cidade, falo com a mãe e ganho ajuda, imprimo datasheet para ficar olhando até dormir. Eu amo fazer doideira porque eu nasci e vou morrer curioso.

Mas trabalhar com isso eu nunca trabalhei. Tem engenheiro que se forma e vai para o banco, vira analista de não sei o que, não sei daonde, nunca torce um parafuso e não calcula terreno, nem cimento, nem corrente.

Para mim, ter profissão é só profissão. Talvez eu não seja nem um pouco parecido com a minha mãe que come POLI com farinha e uma pitada de sal. Talvez eu seja exatamente como ela e largue tudo para cuidar de quem me importa.

E talvez eu seja como o pai: tanto faz a profissão desde que ela pague as contas e possibilite umas diversões de vez em quando. Talvez o sonho da minha vida não seja coisa, mas pessoas. Poder cuidar dos meus pais, dos meus irmãos, ser o suporte deles a vida toda e, quem sabe, fazer a minha própria família.

Não sei. Nunca parei para pensar qual é o mote da minha vida porque nunca chego a conclusão concreta.

Minha vida poderia ser fácil assim, pisar num lugar e desejar tê-lo. Podia ser só isso, desejar ter e ser alguma coisa e pronto: Mote de vida. Ser um grande qualquer coisa e ganhar um prêmio no fim da vida.

Mas quando eu boto a cabeça no travesseiro eu só fico pensando se meus pais estão bem e se o Guto precisa de ajuda para cuidar da Manuzinha, se a Dê está feliz e se está respeitando os próprios limites, se ela está conversando e desabafando o suficiente para não ficar maluca viciada em remédios para dormir.

Quando eu boto a cabeça no travesseiro não importa a nota que eu tirei, a matéria que eu deixei acumular, se eu vou acordar cedo ou se vou perder a hora. É claro, tem dias que sim, que eu só sei pensar em matéria e prova, no resto dos dias normais eu só consigo pensar se está todo mundo bem e se eles sentem falta de mim.

Capítulo 27

— ... mas ninguém confiaria numa menininha de dezoito anos que nem eu, né, tem dias que nem eu mesma confio em mim. O pai está todo do meu lado, pelos papéis, ele é o dono de tudo e eu estou só de representante. Semana retrasada a gente virou Holding e a queijaria virou um braço dela, os cavalos vão virar outro braço logo, logo, só basta eu acertar Portugal, daí eu fico de responsável pela parte dos cavalos e o pai vira o responsável da Holding e da queijaria num primeiro momento, até que a Alicinha tenha idade suficiente para cuidar da queijaria, o pai da Holding e eu sigo com os cavalos.

— Até seu pai cansar de brincar de multimilionário, você cansar dos cavalos, seu pai virar responsável só pela própria aposentadoria, você virar a dona da Holding, a Bia dos cavalos e a Licinha da queijaria, né?

— Isso. - E nem disfarçou, colocando mais vinho para a gente.

— Eu vou fazer uma coisa que, um dia, a dona da Holding e os caralhos vai ter que conviver, tá?

— Depende, né. Não me faz...

Lambi o prato. Tinha muito molho de macarrão ainda e, pegar com o garfo não adiantava. Vi a Dê colocar a mão na testa dizendo algo como “não acredito que este menino está fazendo isso”, mas, nem liguei.

— Era só ter pego uma colher.

— E sujar mais louça? Sou eu quem vou lavar! Esse prato, por exemplo, é só colocar no armário, ó, tá limpinho!

— Lipe, você vai lavar esse prato também.

— Me dá seu prato, deixa eu lambar também, assim não preciso lavar.

— Pelo amor de Deus...

— Em cinco anos, - eu perguntei, pegando o prato dela para lambar – você volta e casa comigo?

— Eu não vou ficar lá cinco anos direto, eu vou vir para cá de tempos em tempos...

— É, isso eu sei, mas não foi o que eu perguntei. – E fiz uma pausa explicando meus termos – Com separação total de bens.

— O quê?

— É, vai que você fica risonha e acha que quero te dar o golpe da barriga, né?

— Golpe da barriga você não pode dar, já eu... - E segurou a barriga com as mãos, me mostrando a bolinha em cima do vestido – nocaute em qualquer um.

— Dê.

— Oi.

— Me dá o golpe da barriga?

— Ai, Lipe, Minha Nossa Senhora, era só uma piada.

— Eu sei, eu sei, mas dá um golpe em mim?

— Não, né.

— Nem se eu pedir muito?

— Pelo amor de Deeeeeeus, menino, larga de ser tonto.

— Não casa comigo e se nega a dar golpe. Francamente, Maldita, porque é que você não é boa comigo?

Ainda era piada. Quero dizer, ainda era para ser, mas ela não viu dessa forma. No fundo, eu via, ela se sentia culpada. Quero dizer, é isso o que as pessoas de dezoito anos, quando têm possibilidade, têm que fazer, né? Dar a volta ao mundo, fincar a bandeira onde quiser, espalhar seu próprio nome aos quatro ventos e depois, colher dos frutos. Se ela tem vontade, se tem possibilidade, se não está sozinha porque o pai dela lhe dá suporte, tem mais é que ir à luta, mesmo.

Mas o chorinho magoado mostrava o lado não-tão empresário que sofria de medo de dar tudo errado, de falhar miseravelmente, de me deixar para trás, de ir sozinha para o país dos outros. Eita, Dê. Cresce, mas não larga seu jeitinho de se preocupar e se culpar por tudo, né?

— Se você quer saber, também tenho medo que dê tudo errado – Eu disse a ela. – Sei lá, pode ser que seja um puta tiro no pé largar o ITA.

— Nem me fale.

— Promete que vai sempre falar dos seus medos comigo?

— Promete que vai sempre falar dos seus?

— Prometo, Nina. – Nem pensei no que eu disse, só saiu – Mas passa a pensar em futuro comigo também, tá? Não é porque eu demorei para ver o que você vê há anos, que eu não queira ver agora.

— Eu pensei que você ia me mandar decidir entre Portugal e você.

— Isso não se faz – Sorri, largando o prato dela e me levantando da cadeira. – Vai doer um bocado você tão longe.

— Vai...

— É, mas eu sei que é para o nosso bem.

Com uma das mãos, afastei o cabelo dela dos ombros e achei o zíper do vestido, escondido no meio das costas. Vai pensar em casamento comigo e vai me dar o golpe da barriga. Desci as alças para o colo e lá estavam as minhas dobrinhas.

Eu não vou dar uma de monge tibetano e soltar aquelas frases prontas de que “corpo não me importa, o que interessa é a alma”. Corpo importa sim, e

muito. Eu nunca tinha encostado desse jeito em mulher gordinha nenhuma, nem sabia se era legal, se não era. A outra menina era magrela e eu gostava do corpo dela.

Só que essa aqui... a maciez e o cheiro, o jeito que o sutiã cola nas costas e a calcinha marca, os peitos grandes e a bunda linda, a barriga quentinha de dormir e as mãos. A gente quando se apaixona fica besta, né? Às vezes não passa nunca, tudo fica lindo, você nunca nem olhou duas vezes para uma mulher na rua, nem liga, mas bastou aquela ali, a que você escolheu, ficar descalça em casa com o cabelo solto, que basta.

É a roupa do trabalho, o vestido até marca as curvas, mas roupa para mim é só roupa. Basta descer a alça e lá está ela, a volta da barriga sobre a perna, o jeito como as coxas se juntam, os tornozelos e os joelhos. Ela olha para mim e me sorri aliviada, os cílios ainda molhados e eu nem demoro para perder a cabeça. É você quem eu escolhi, Dê. E se você diz que quer pular de um precipício, me chama para ir também.

Cada um de nós pula como pode. Eu não posso deixar todo mundo aqui e me lançar numa aventura que é só dela. Eu não perdi nada em Portugal, não tem nada lá para mim, não posso viver à base de amor, eu sei que só isso não me basta.

Digo que não consigo me ligar tanto à profissão quanto ela, que não sonho com prêmio e nome em prédio, mas também não vai me bastar seguir ao lado dela como cachorrinho de madame. Até fui criado para isso porque meu pai é foda, quando a mãe fala senta ele senta e ainda late para quem não sentou, mas ao mesmo tempo eu fui criado pela minha mãe. E eu me importo demais com a faculdade e meus avanços para largar qualquer coisa por mulher, assim.

Então, com ela com só metade do vestido, beijando tudo o que eu via e ouvindo os suspiros elásticos dela, eu me armava de alguma coragem para sorrir e dizer que estarei com saudade sem chorar. Eu beijo meio me despedindo porque todo olá também será um adeus por vários anos. Com as mãos em mim ela finalmente entende que eu sou feito para ficar e não para voar, que eu me adapto por quem eu amo, mas me respeito demais para não fazer qualquer loucura por amor.

A minha vida está na mão dela como ela sabe que a vida dela está na minha mão – o jeito como não assinou contrato com Portugal antes de vir falar comigo demonstrava amor muito mais do que eu te amos. Ela congelou o sonho da própria vida para vir aqui, cara a cara e perguntar, com todas as letras, se podia.

Não era questão de permissão, eu sabia, era só ela assinar o contrato, dizer que está indo e ir. Eu não sou dono nem do meu futuro, quem dirá do

futuro dos outros. Era questão de se importar o bastante comigo para querer saber a minha opinião.

Sorri pensando nas sortes. Talvez ITA não seja a minha, Dê, mas o sonho que eu ainda não encontrei certamente envolve você.

— Você pode dizer de novo? – Ela perguntou enquanto, ajoelhado na frente dela, a gente se beijava.

— O quê?

— O Nina. É muito lindo o jeito como seu pai chama sua mãe.

— A coisa mais preciosa que eu tenho agora é sua – Repeti o que ela me disse sobre o colar. – Só, por favor, não me machuca.

Não foi muito vinho, não, mas só o suficiente para a gente dormir e eu nem sei como. O primeiro porre juntos. Acordei sem roupa, no dia seguinte, a luz lá fora entrando pelas frestas da cortina e nenhuma indicação de horário. Não lembro até onde a gente foi, se eu era virgem ainda, ou se não era. Uma ressaca tão doida que eu só sabia rir.

Porre junto da Dê, é isso mesmo? Ela, a certinha da família, a que pede permissão ao pai para dormir com o namorado, a que vira sócia dele, a primeirinha da turma? Sentei na cama sentindo a cabeça pesar cem quilos. Como que a gente foi beber tanto?

Para começo de conversa: a gente bebeu tanto assim? Meus olhos ardiam, eu sentia o gosto azedo na boca, mas a Dê não estava ali e, se eu bebi, ela também bebeu, até mais, porque foi ela quem começou com esse negócio de abrir garrafas.

Sujo mesmo eu fui para a sala. Nem pensei que fosse capaz de a Bia estar, de que me veria pelado, eu não estava nem aí. Queria mesmo era saber o que tinha acontecido com o borrão que a minha vida virou.

Sentada à mesa, uma caneca de café, olhava fixamente para o tampo da mesa sem desviar. Deve ser o tal do documento que o pai enviou, pensei e depois entendi, sem achar um relógio na casa, que não devia ter passado das dez.

— Por quanto tempo eu dormi? – Perguntei, sentando ao lado dela.

— Está cedo, não se preocupa.

— Que horas são?

— Não passa das dez.

Ela também não sabia. Olhei para o documento na frente dela, para a caneta de marca que tinha na mão, o tom sério de quem raciocina muito rápido sobre o quanto as coisas mudarão dali para frente.

— Que seja. — Bufou, pegou a caneta e girou a tampa até que saísse a ponta.

— Não, calma. — O mundo deu uma sambadinha quando eu me sentei do lado dela, mas tirei de letra, nem pareceu. — Decisões sérias a gente não faz no foda-se. Respira, Dê. Isso é tudo o que você quer, não é?

— Mais ou menos.

— Tem que fazer com convicção. Se vai dar merda, se não vai, se você vai voltar milionária ou mendiga, não interessa. Na hora que você assinar e mandar esse contrato de volta para o Jorge, ele tem que ser feito com certeza.

— A única certeza que eu tenho é que vai doer muito.

— Para todo mundo. — Sorri sentindo os olhos arderem muito mais quando o nariz começou a coçar e as lágrimas vinham — Vai doer que só o caralho em mim também, mas se você assinar isso sem ter certeza, vai me deixar incerto também, e eu preciso confiar em você que eu não vou chorar de saudade que nem louco por uma coisa que nem você sabe que é o melhor.

“Então,” Eu disse a ela “se for para fazer a gente sofrer, pelo menos faça isso com segurança”.

— Essa é a coisa mais linda que alguém já fez por mim.

— Pelo contrário.

A pior merda da minha vida. Eu sabia, eu olhava para a cara dela, pressentia um mar de bosta a caminho, mas respirei fundo. É o que ela queria, eu não poderia fazer isso com ela, nem conviver com uma mulher com sonho pela metade por minha causa.

Pelo jeito dela ali, eu sabia: se eu falasse para não ir, ela não iria. Se eu falasse para ficar comigo, para escolher entre eu e o trabalho, para limitá-la a ter só uma coisa no mundo, eu sabia a resposta dela. Eu conheço aquela menina. Se é capaz de mover mar para ter a irmã sempre na melhor posição, era capaz de mover montanha para ficar comigo.

Mas que tipo de marido e de homem eu seria se eu pedisse para ficar? E que tipo de gente eu seria, quando ficasse bem velhinho, ao ver minha esposa com os filhos e um mundo de arrependimentos?

O vô fez isso com a vó, o pai falou. Que a vó queria terminar os estudos e o vô não deixou por ciúmes e orgulho. Teria sido uma ótima professora, Dona Teresa, mas se é para a gente ser uma versão 2.0 deles, que fosse uma com outros tipos de erros.

— Eu vou fazer você se arrepender um montão de vezes por isso. — Sorriu, assinando sem respirar — Mas você vai sentir orgulho da mulher que tem, tá?

— Já sinto.

Capítulo 28

Eu não sei, até hoje, se perder a virgindade é decisão ou consequência. Você beija um pouquinho, quer beijar mais, brota um calor lá embaixo e você não quer parar, mas para porque não sabe o que vem depois, mas então no dia seguinte fica pensando o que aconteceria se não tivesse parado e tudo o que vem na cabeça parece incrivelmente convidativo e lindo.

E tem dor, né? Todo mundo fala que dói, mas porque na hora que você começa a querer muito uma coisa, a dor é o de menos?

O Lipe segurando a minha mão, doído de saber que eu vou para longe, mas mesmo assim, me incentivando a ir, era tudo o que eu podia sonhar num namorado. Era qualquer coisa de sonho, nada de realidade. Aquele menino babaca que puxava o cabelo da minha irmã? Que espirrava água de piscina em todo mundo que passava, até na mãe dele, que fazia graça com menstruação de menina e que nunca se esquecia do quanto Manuzinha era baixinha?

Esse Lipe é aqueeeeeeee Lipe lá? E como é que ele virou esse aqui?

Ele disse que se orgulha de mim e eu não consegui dizer que me orgulhava dele pelas escolhas também, mas mais que isso, pelo modo como reage às minhas. Ele chorou um pouquinho me olhando nos olhos, mas sorria um sorriso triste, doído de lindo, como se soubesse que tudo ficaria bem lá na frente porque é assim que a gente é.

Ferreiras e Botelhos são assim. Destroem uma coisa bonita para caramba, mas dão jeito de consertar no final.

Eu disse a ele, depois que assinei, que iria aos correios devolver o documento para o Jorge e ele se ofereceu para ir comigo, mas eu preferi que não fosse, que escovasse os dentes e que banhasse, que dali um pouquinho eu estava de volta.

De fato, deixei o documento no correio. Lacrei devidamente e enviei-o de volta, mas o meu maior problema estava longe de ser aquele. Entrei na farmácia mortinha de vergonha, pimentão mais vermelhinho que eu não tinha.

Eu nunca tive camisinha em casa porque eu nunca usei, nem planejei usar uma camisinha, mas, depois daquilo, a certeza só veio. É com ele que eu quero, com aquele jeito duro e emocionado que ele tem, a voz grossa no meu ouvido e o jeitinho de me deixar muito mole só percebendo para onde eu quero ir.

Pensei: é claro, é camisinha, só vai ter um tipo, só serve para uma coisa, não tem segredo. Dei de cara com duas gôndolas lotadas de pacotes escuros. Um mais chamativo que o outro, tudo terminando com X. Pote de lubrificante,

espermicida, Jesus Amado, quanta coisa só para vestir lá.

E ah, nadinha de camisinha feminina, viu? Naaaaaaaada de nada, mesmo. Só de colocar nos meninos.

Ainda bem que nenhum vendedor veio perguntar o que eu queria, senão, eu correria de lá com as minhas perninhas curtinhas como se eu fosse um foguetinho, então procurei como uma doida por uma camisinha feminina, li rótulo por rótulo, um por um e nada.

Pensei em ligar para a Bia, mas eu não estava a fim de ouvir sermão. A Bia é a minha melhor amiga, vivo para defendê-la, morro por ela, mas quando se trata de amores, eu prefiro não falar com ela. Ela sabe quem o Lipe é e como ele me trata, mas, mesmo assim, quando se trata da Bia, pode ter certeza que ela vai tratar de sexo como quem domina quem e eu não estou falando de fetiche, mas de jogo de poder e quem se ferra no final.

Então, a minha outra saída foi ligar para o meu melhor amigo:

— Pai, preciso de ajuda.

— Qualquer coisa, Gatinha.

— Só que você não pode me julgar, nem me dar sermão.

— Tá, mas vai com calma que assim você assusta o pai.

— Eu estou aqui na farmácia e eu não sei qual camisinha eu compro. – Para falar aquilo, a Dessa-tomatinho se fechou inteira entre as mãos.

— Por que você não pergunta isso para o Lipe? Cadê ele? Tá aí com você? Esse menino não é virgem, porque é que é você quem tá comprando isso?!

— Por que eu decidi que quero, mas ainda não falei pra ele! – (E ele é virgem sim!)

— Mas, Dessa... - A voz do meu pai tremia do outro lado da linha. Não deve ser fácil para pai saber que a filha quer transar – Você tem certeza que é isso o que você quer?

— Tenho.

— Você tem certeza que está pronta, que é com ele que você quer fazer isso?

— Tenho.

— Filha, sua mãe já te contou que nas meninas a primeira vez dói?

— Já.

— E você confia que o Lipe vá ser compreensivo?

— Confio.

— O pai não quer detalhes, então você me responde o mínimo necessário, ok?

— Ok...

— Vocês já começaram a fazer coisas, né?

— Já, só não-

— Sóóóóóó o Mínimo necessário, Amor Meu. – Me cortou. Seu André Chorava pela linha dele. – E você está confortável para o próximo passo, Amor?

— Sou eu quem estou na farmácia comprando camisinha, eu estou certa do que eu quero, mas tem muita opção, pai. Tem uma que brilha no escuro, tem XG, tem com lubrificante, tem com sabor... ? Pai, dá uma luz.

— Cacete, como é difícil ser pai de menina. Liga para a sua mãe, filha, eu não tô sabendo lidar com isso.

— Não quero que você conte para a mãe, a mãe vai fazer o maior alarde!

— São os meninos que têm que comprar camisinha...

— Pai, eu já estou nervosa, você está me deixando mais nervosa ainda.

— Compre uma normal, sem látex. Você pode ser alérgica a látex e não vai ser legal descobrir isso nessa hora. – Fez uma pausa, tão nervoso quanto eu – E se a camisinha não servir, manda o Lipe largar de ser frouxo e comprar esse trem. Camisinha não é coisa que moça tenha que se prestar a comprar. Olha, Dessa, em todos estes anos que eu conheço a sua mãe, ela nunca teve que passar por esse vexame que o Lipe está te fazendo passar. Não tô gostando de você ter que comprar isso. Ele, por acaso está na sua casa esperando você chegar, é? Rapaz, mas que moleque frouxo!

— Pai, - respirei fundo – o Lipe não está nem sabendo que eu estou na farmácia. É escolha minha, sou eu quem quero-

— Poupa o pai, amor.

— Se acalma, – falei isso para ele, mas era para mim, também – um dia a gente vai rir disso.

— Espero que seja logo, porque agora seu pai tá bem mal com isso.

— Desculpa te ligar, juro que não faço mais.

— Não, filhota, você tá agindo certo, seu pai que não está pronto. Com pacote de absorvente eu aprendi a lidar, com quatro TPM por mês eu aprendi a lidar, com calcinha pendurada no box do banheiro, com uma filha roubando roupa da outra... Mas com meninos o pai ainda tá aprendendo, Gatinha, perdoa seu pai.

— Não chora... - E, de novo, eu falava mais para mim, que para ele.

— Cadê a minha princesinha, Filhota? Não faz isso com o pai não...

— ...sem látex, né? – Cortei.

— Isso... – Ele disse, fungando.

— É tudo do mesmo tamanho ou eu tenho que chutar qual que eu compro?

— Pega da normal, aquele menino não é isso tudo também, não.

— Assinei o contrato com Portugal.

— Cêjura?

— E foi o Lipe quem segurou na minha mão, pai. Ele é tudo isso, sim.

— Tá gostando um tantão dele de novo, né?

— Tô.

— Então espero que não seja traumatizante igual foi pra mim.

— Você nunca me contou da sua primeira vez, pai.

— Se você quer saber, custou cinquenta reais e foi meu pai quem escolheu. Se eu tivesse esperado dez anos tinha sido a coisa mais bonita da minha vida, mas meu pai queria que eu fosse maaaaacho, que eu desse no côro.

— Você queria que tivesse sido com a mãe, né?

— Se eu tivesse tido só uma mulher na vida, eu tava é feliz por demais, sô.

— Eu quero que só tenha ele na minha vida.

— Então vai, Princesa. Pai tá orgulhoso de você decidir isso sozinha. Dói demais, né? Ô troço de fazer doer, essa coisa de ter filha. Fosse três rebento hôme tava aí, tudo fortão comendo sortido, fazendo churrasco no meu quintal com umas música ruimmmmm pra daná, mas não, Gequinha botou foi logo três, três pra acabar com o meu resto de coração que sobrou.

— Não conta para ninguém não, tá?

— Segredo nosso, amor. Manda a cópia do contrato que eu encaminho para o advogado.

Li pacote por pacote, vermelha feito tomatinha ainda, mas li. Um por um até achar a sem látex. Eu nunca imaginaria que látex dá alergia em alguém, mas, se o pai falou, foi para o meu bem. Paguei sem olhar a moça no rosto, enfiei logo na bolsa e saí dali quase correndo, me prometendo que nunca mais passaria lá.

Ao passo que decidi isso, entrei em casa com as mãos suadas. O Lipe estava no computador dele, na mesa da cozinha, rabiscava numa folha de papel. Falava rápido, de matemática, vai saber Deus com quem.

É agora, Dê.

Você tem certeza?

Tenho, é agora, Dê.

Tirei a bolsa do corpo, larguei ao lado do sofá. Olhando para ele, conversando sem palavras. Soltei os cabelos. *Essa sou eu, Lipe, presta atenção em mim.* Essa é a hora em que eu sou só um corpo no mundo embalado nas próprias angústias e nas neuras. Essa é a hora em que eu me identifico como ser no mundo e como dona de mim. Olha para mim, Lipe, mas veja mais do que eu estou te mostrando.

Ele baixou a tampa do computador, sem me dizer palavra. Outro tipo de diálogo, esse. A hora em que a Andressa deixa de ser a Dê e o Felipe deixa de

ser o Lipe. Um homem e uma mulher, dois garotos que cresceram juntos. Você consegue ver a menina gordinha que não bronzeia, Amor? Consegue também ver a futura Dona de Jockey?

Eu consigo te ver engenheiro e menino, Futuro Marido. Príncipe perfeito e homem dos meus livros. É importante para mim, Lipe, que você consiga ver tudo. Tudo meu. É importante que você me entenda e seja meu parceiro. Perder a virgindade e fazê-lo com você, quando eu decidi que é a hora, é importante para mim.

Você pode negar se quiser, tudo bem. Pode não ser a sua hora.

Tirei a camisa na frente dele. Você é capaz de reconhecer meu corpo, minha alma e minha cabeça no escuro? De distinguir as minhas formas dos meus jeitos, mesmo quando não usar os olhos? Eu quero que você seja capaz disso.

Me entenda sem as palavras. Me veja como amanhã e como ontem. Ele tirou a camisa dele, de frente para mim, metros de distância, nenhuma aproximação. Sem cara de menino levado, sem sobrelanceada travada. Cru, só ele e só eu. É assim que eu quero. O que vier depois não tem que ser ensaiado. A gente vai dizer o que quiser que o outro saiba, mas vai calar também.

— Você consegue me amar mesmo onde eu não me amo? – Perguntei.

Você consegue ver onde eu não vejo, Futuro Pai dos Meus Filhos? Você vai ser capaz de me amar mesmo quando tiver muita raiva de mim, mesmo quando eu não for mais estudante, quando eu me bitolar em trabalho, quando eu usar maquiagem para calar o monstro da insegurança? Mesmo quando eu não quiser sair da cama? Vai conseguir encarar que eu não sou perfeita e que posso perder muito peso, mas também ganhar? Que a minha pele de dezoito anos vai enruguar e encolher, secar e desidratar, que meu peito e a minha bunda vão cair, que eu vou me sentir muito feia depois dos filhos, que eu posso fracassar, mas pior que isso, que eu posso ficar maior que você?

Vai conseguir entender que o fato de eu me sair melhor que você e ter mais dinheiro que você não vai me fazer te amar menos e que não vai te fazer menos por isso?

Eu fui criada para ser grande, Felipe, para ir onde as Botelho ainda não chegaram. Para fazer a Bia feliz.

Você consegue me amar mesmo sabendo que ela é a minha alma gêmea, e não você?

— Se é esse o tipo de trato que você quer – Falou, sério – Então tem que ser capaz de fazer isso com a parte mais vulnerável de mim. A parte que chora a sua ausência e que não termina a punheta de tanto que chora. Se esse é o tipo de trato... – Desabotoou a jeans e se despiu por completo. Nu, por dentro e por fora – Eu sou o que você está vendo, mas também o que não está. Eu sou a parte que

chora as pitangas na barra da saia da mãe e a parte que ama mexer no seu cabelo e ouvir você gemendo. Se você quer fazer amor com tudo o que eu tenho, tem que saber que algumas partes de mim não são nada bonitas. Faço piada com seus planos todos certinhos com medo de você parar de fazê-los por minha causa. Tenho medo que você ache alguém mais bonito que eu, que transe melhor. Tenho medo de que você não goste do sexo e de desapontar você.

Tenho medo de quase qualquer coisa, Nina. Tanto medo, que eu coloco um sorriso na cara e uso a piada de escudo. Não consigo encarar o mundo de cara limpa, às vezes.

Nenhuma máscara, Lipe. Nem de mandão, nem de menino, nem de homem. Eu quero você, Lipe. Só você. Deixa as máscaras fora do quarto.

Andei até o meu quarto, arrastei a bolsa comigo. Decisão para mim é isso, pensar em tudo. Ele veio, me olhando nos olhos, um meio sorriso no rosto, diferente dos outros meio-sorrisos dele. O sorriso nem homem, nem menino. Sorriso de Lipe. Parte, sorriso de primo.

Ele tinha outro beijo, além do beijo forte. Tinha um beijo que ele não mostra para ninguém. Tão delicado e simples que quase não parecia o Lipe de todo dia. Lipe que beija com as mãos no meu rosto. Beijo de cuidado, beijo de amor. Carregado de coisas que não têm nome.

— Eu te amo pelos seus segredos e o jeito como você não mente para mim.

— E eu te amo pelo seu caos – Sorri, lágrimas nos olhos. Amo seu caos, Lipe. A sua genialidade nada certinha e os seus rascunhos. Te amo pelas suas vitórias, também.

Desabotoei a jeans e tirei tudo. Até os sapatos. Dois corpos no mundo, paralelos. Corações e pés, paralelos. A minha humanidade e a minha animalidade encostadas nas tuas. Tudo o que eu tenho, Lipe, fazendo amor com tudo o que você tem.

O beijo progrediu naturalmente. As mãos se procuravam porque os corpos sabem como são os passos na dança dos apaixonados. O meu corpo encaixa no dele. Ele me cheira e me reconhece no escuro. Olhos fechados, o rosto que ruboriza aos poucos. O Lipe que sabe amar também faz parte do Lipe que sabe fazer gozar. Um não anda em desalinho com o outro. As mãos dele que me espremem e me apertam junto das sobranceiras travadas, mas o gosto do amor preso na boca. Dizendo *eu te amo* a cada toque. É assim que eu quero você, Lipe, por que é assim que eu me sinto segura e protegida.

Limpo, silencioso por vezes, Dono, todo meu, todo em mim. Me esconda do mundo nos teus braços. Me mostra o lado bonito de tudo isso, me mostra que tem uma parte do amor que faz a espera compensar. Tudo o que você tiver, Lipe,

eu quero.

Deitou comigo na cama me sorrindo. Estava de dia, a janela acortinada me deixava vê-lo. Ele me sorria o mais bonito dos sorrisos. Cumplicidade. Travou o queixo quando beijei-lhe o pescoço. Um do lado do outro, sem grandes firulas. Eu, ele, a porta trancada, o meio-expediente sobrando no resto do mundo. Gemi sem querer, quando ele desceu a boca para me beijar lá embaixo. Ele gemeu quando encostou a boca, se apertou contra as minhas pernas.

Não houve uma parte daquilo, em nada, na qual eu me sentisse acuada, invadida, reduzida ou intimidada. Minha perna por cima da cabeça dele, a língua que subia e descia, sem cerimônias, por todos os centímetros, os barulhos dele e os meus.

Foi até a minha bolsa solta no chão, caçou até achar a camisinha. Sabia que eu tinha uma na bolsa? Me sorriu quando rasgou o pacote de camisinha. O menino levado e o homem dos meus livros. Colocou a camisinha me olhando na cara, sem vergonha, todo meu. Sedutor e com charme. Ajoelhado na cama, me sorrindo mais ainda, eu sorri de volta. Nunca tinha sorrido nessa situação. Me beijou o sorriso, todo vermelho, as sobrancelhas travadas, os olhos abertos.

— O primeiro – Sussurrou, bem baixo e rouco, o meu homem – E seu único.

Era, afinal, a nossa primeira vez. E tem um estalido ígneo, a primeira vez de um casal.

— Mexe aqui, Nina – Desceu uma das minhas mãos para o meu clitóris – Aí vai doer menos.

— Tá.

— E se doer, me peça para parar. Não quero machucar.

O calor dele, que eu sentia por fora do corpo, entrando devagarinho. Escorregando para dentro. Muito quente. Ardeu, parecia que queimava. E então doeu muito.

— Eu tiro – Disse.

— Me beija.

Me beijou. Devagarinho, ainda. Uma mão no meu rosto, todo atento, preocupado. Doía ainda, mas aos poucos, ele me beijava para me acalmar, me sorrindo lindo, o tesão misturando tudo. Não era só dor, nem só tesão. Queria que ele continuasse, que não parasse. Que entendesse que eu estava confortável com isso. Que era assim que eu queria.

— Continua – Pedi.

— Não quero te machucar.

— Continua – Pedi.

Reconhecíamos terrenos. A ardência diminuía. A gente não disse nada,

nem fez expressão nenhuma por muito tempo. Ele dentro de mim, os olhos dele dentro de mim. Lindo, Lipe. O menino mais lindo do mundo.

— Eu te amo, Dê.

— Também te amo.

— Ainda dói, né?

— Um pouquinho.

Gradativo, um pouco mais e melhor a cada momento. Esquentávamos, tudo de novo, mais rápido que da primeira vez. As mãos dele, quentes e pesadas, de novo. Ajoelhou na cama para me ver, as sobrancelhas travadas, devagarinho no ritmo, as mãos nas minhas pernas, na minha barriga, nos meus peitos. A minha mão no meu botão com o mesmo ritmo que ele, lá dentro. Devagar. A boca travada, a expressão vermelha.

— Vai mais rápido – Pedi.

E ele foi. Desceu a boca para o meu peito, para o meu pescoço, colo, ombros, tudo que conseguia pegar. As mãos dele nas minhas, para cima da minha cabeça, ditando o ritmo. Ele no controle. Esqueci a ardência, esqueci que era a primeira vez, que nunca tinha feito isso. Esqueci meu nome e aceitei que meu corpo era só parte do corpo dele. Do rosto dele que me olhava como se eu fosse a menina mais bonita, mais especial, única no mundo. Todo meu, esse garoto. E de ninguém mais.

Encontramos o nosso ritmo testando vários. Não era muito rápido, nem muito lento. Era certo. A mão por baixo da minha bunda, me abrindo, o rosto no meu pescoço, mordida dura e pesada. Era a primeira vez dele também. As minhas mãos por sobre o corpo dele, o corpo lindo que ele tinha. A barriga dançando, travada o tempo todo, os braços em posse, maxilar travado, gemendo no meu ouvido, bem pertinho, ar quente lá para dentro do meu cérebro.

Do jeito que eu queria que fosse. Certo, harmonioso, tudo do jeito que tem que ser. A dor esperada, o sangue esperado, o melado esperado, as juras de amor, o cuidado. Do jeito que um príncipe tem que ser, quando namora a princesa pela primeira vez.

Ele se ajoelhou na cama quando comecei a falar as besteiras de descontrole. Fui descobrindo que eu sou bem falante, quase lá. Ele falou comigo, me enchia de besteira, esquentava meu corpo com as palavras. O Lipe adorou descobrir que eu sou falante e me dava corda. Mexia no meu botão, falando comigo, me beijando os joelhos, a barriga, a outra mão. Abria as minhas pernas e me puxava pela bunda. O nosso ritmo sabe ser bem agressivo, mesmo lento.

Para as próximas vezes, nós seremos um pesadelo. A gente combina muito, quando estamos quase lá. Perdemos a cabeça, o controle e o comando da voz. Lipe daqui dez anos não vai ser só um homem muito gostoso, vai ser o meu

homem gostoso que transa muito gostoso.

Ele chamou o meu nome, quando terminou. *Andressa*, com todas as sílabas do meu nome. Ele segurou para terminar comigo e riu baixinho, quando me viu olhando-o. Suado, suor escorrendo da nuca para as costas. O rostinho do homem que ainda vai me comer muito ainda, inchado e vermelho.

Segurou a camisinha pela borda quando saiu de mim. Deu um nó nela, colocou no chão e me deu colo. A mão de posse atolada na minha bunda, me agarrando mesmo. Afastou meus cabelos do meu rosto dando ordem para eles, olhando as bordas do meu rosto. Me beijou bochecha e testa. Ardia, lá embaixo, mas não era um ardor ruim.

Pena que o lençol era branco.

Capítulo 29

Você sabe o que vem agora, não sabe? É assim que acontece. Você se apaixona, se entrega, a vida vem e balança tudo, arranca da raiz e rola a bagaceira. É suposto que você fique com pena de um de nós, que você fique com raiva de um de nós e que depois nos perdoe porque a gente até que forma um casalzinho bacana.

Tomei bronca da minha mãe porque passei mais de mês na casa da Dê, depois que assinamos aquele contrato. Levei a cabeça para a guilhotina, você sabe, a Dê sabe e todo o mundo sabia também. No fundo eu sabia que nada disso daria certo, a vida profissional dela até poderia decolar, não duvido; a Dê quando quer alguma coisa, consegue. Vai até às últimas consequências.

O problema não era a carreira internacional ou como quer que chamem o lance dos cavalos. Eu sabia, beijava-a e dormia com ela todos os dias, mas sabia. Quem ficaria de lado, preterido, quem sofreria com toda essa história seria eu. Se eu não aguentava nem São José dos Campos, que seria de Portugal?

Até pensei na minha própria carreira por um tempo. Revi questões de vestibular, história, gueto da Varsóvia e essas coisas todas, revi fleuma para Biologias, estudei com o Guto na véspera e fizemos, eu para Engenharia Civil e ele como treineiro de Medicina.

Fomos até que bem na primeira fase, sessenta eu e sessenta ele. Eu passava para Engenharia, mas, se ele quisesse Medicina, teria que melhorar muito. A nota de corte de medicina é sessenta e três.

— Por três, Gutão! – A Manu o consolava quando saiu o gabarito.

— Pois é...

— Ano que vem você melhora!

Fiz a segunda fase, gabaritei matemática e física, mas, para ser bem diferente (e se o leitor não captou ainda, sinal que é pior que eu) passei raspando em Português. Ano que vem eu seria pupilo da mamãe, debaixo da asa dela, a mãe estava que não se continha, rolou até jantar para mim com uma porrada de amigos dela, tudo futuro professor meu. Fiquei a noite inteira acenando e sorrindo, bibelô de troféu, uma merda.

A sorte que a Dê estava lá também, sorrindo com o jeito da mãe, com o meu jeito deslocado total, com o pai que sabia que isso não fazia a menor diferença para mim.

E continuei assim, assistindo festas pela janela, por cinco anos inteiros. Tudo acontecia, o Guto passou para Medicina, eu me formei, a Manu virou mocinha e ocupava o cargo de projetista nas nossas ideias malucas.

Manu desenhava as carcaças na 3D junto dos amigos ela, e mãe e eu montávamos o circuito dentro e o encostávamos na estante. Várias quinquilharias na garagem, até a máquina de lavar louça industrial do pai tem um toque nosso.

Se não fossem as duas meninas da família eu só não conseguiria me envolver nas festas, como nem desceria para assisti-las pela janela. Tá sabendo que é metáfora, né? Às vezes eu acho que é melhor explicar. Não quer dizer que eu tenha estado do lado de fora, pela janela, quer dizer que eu não me envolvia como era suposto que me envolvesse.

Nem quando a Dê estava no Brasil, cheia de vida e coisas para contar, nem quando a gente se via. Alguma coisa substancial me faltava e eu nem sabia mais se era por culpa dela, ou por mim. Era uma tristeza que restava, ia ficando, um pouco maior todo dia. Namorando por telefone, ao vivo, ela me mandava um milhão de coisas lá das Europas, cada vez que ia a um país diferente me enviava uma coisa, me contava do mundo e dos outros.

E eu só com nerdice para contar. Sempre com algum artigo que eu li, minha dissertação de mestrado, algum amigo idiota que fiz e fui participar de mais uma competição de avião sem motor em alguma ilha paradisíaca patrocinada por bebida energética.

Aprendemos a mandar foto pelado, também. A gente tinha que aprender, era isso ou bater umas chorando de saudade. A gente também aprendeu a se comer por telas, não só a se falar ou calar, mas a se comer. E era bom até, acalmava um bicho em mim que vivia para reclamar, vivia para morder, vivia para caçar e nunca se contentava com as opções.

Era engraçado, quero dizer, não era, mas era curioso. Tinha muita menina na engenharia, uma mais legal que a outra, eu poderia ter ficado com todas elas, poderia ter deixado de carregá-las bêbadas para casa e ter ficado bêbado ao invés, poderia ter aproveitado a bela fama de príncipe que espera princesa que eu tinha. O povo todo daquela faculdade me conhecia e sabia por quem eu esperava, quem eu queria, há quantos anos nós nos prometemos nos esperar. Usavam a hashtag “eu prometi esperar” para rir de mim e cada vez que falavam de religião, vinham rir como se eu fosse a virgem que espera o dia do casamento para poder dar uma.

Fiz bem de trocar do ITA para a POLI. Pelo menos eu me enturmei rápido, a mãe diz que eu sempre fui bom de fazer amigos e isso é verdade. Sempre fui fácil de lidar e fácil de me enturmar, arranjei um par de amigo para sair e, logo quando acabei a faculdade e emendei o mestrado, arranjei um par de amigo também para sair de bike.

Era melhor que carro, pelo menos, e São Paulo era cheia de ciclovias.

Podia ir de casa para a faculdade em meia hora de pedalada, podia ir da faculdade para o Restaurante em quinze minutos e, quando o pai precisava de ajuda, eu ia lá fazer meu papel de filho só para não ter que ficar sozinho em casa e me lembrar que eu não durmo.

É, não pense que eu curei essa merda, que nunca curei. Cinco horas por noite continua sendo meu recorde. Às vezes eu ficava rolando na cama só para não ter que contar aos outros que eu fiquei mais uma noite sem dormir. O Guto disse que podia me levar para o Instituto do Sono para ver isso, que raio de problema eu tinha, mas eu sabia o que era. Convivia com isso e era, de certa forma, o meu jeito de lidar com tudo.

Lipinho Lindo sabia sorrir para o mundo e ser o moleque que leva a irmã para a escola e as amigas em segurança para casa, sabia fazer piada e tirar proveito de qualquer relação social, ria de qualquer piada bosta e fazia piada em cima da piada ruim, andava de bike o mais rápido que podia para não pensar, aprendi até a andar de moto só por curiosidade, mas a bem da verdade, o menino ativo e sorridente fingia não doer uma dor que sangrava.

Toda vez que eu colocava a cabeça no travesseiro, o mais tarde que fosse, o mais cansado que estivesse, eu finalmente apagava a luz interna e deixava sangrar. Não era, sabe, não era para doer tanto até porque eu concordei com a ida dela e sempre sorria quando a gente se ligava, mas era botar a cabeça no travesseiro que tudo parava de ter cor.

E eu não dormia porque era naquela hora que eu me permitia ter saudade. Sei que ela afundava a saudade no trabalho, vivia por ele, respirava isso, a Bia me contou os níveis absurdos de estresse da irmã quando ela também foi para Portugal e largou o Jorge aqui em São Paulo e, por isso mesmo, nesses cinco anos, eu não entendi o porquê de lutar por uma coisa que a fazia mal e me fazia mal de tabela.

Pelos cinco anos de intervalo que tivemos eu perguntava a ela todo dia se aquilo ainda era o que ela queria. Algumas vezes ela não respondia, mas a maioria das vezes se prestava a só responder:

— Está acabando, Amor.

Pensava se ela me dizia isso para me acalmar, ou para se acalmar. Cinco anos em que nos vimos não mais que vinte vezes. É brincadeira, né? Natal e meu aniversário e alguma outra data importante. Nas minhas férias eu passava uns dias lá com ela, conhecia a tal da Coudelaria (que é como chamam haras lá em Portugal), conhecia uma dupla de irmãos que ela odeia, mas que é obrigada a conviver, conhecia até os dez primeiros cavalos da frota da *Botelho – Breed and Race Horses*.

Eu não me sentia nem um pouco tranquilo lá, com ela. Eu tirava férias

pra vê-la, mas ela continuava trabalhando. Reduzia ao máximo, a Bia me contava, tentava tirar da agenda o maior número de compromissos que podia, mas não era raro a gente viajar para um outro país durante a minha estadia lá só para que ela jantasse ou almoçasse com algum figurão cheio da grana.

Por um lado, eu ficava feliz por ela. A cada vez que a gente se via ela estava um pouco diferente. Parecia sempre crescer. Não respondia às provocações das irmãs, convivia bem no silêncio mesmo se ninguém puxasse assunto com ela, vestia roupas cada vez mais bonitas e mais caras, conversava sobre tudo e sobre todos, sempre sabia das modas, dos temas importantes da economia mundial, ajudava o pai com investimentos na bolsa e ligava, de quinze em quinze dias para o meu pai, religiosamente, porque ele também tinha uma parcela de dinheiro investido no banco e era ela quem cuidava, pessoalmente, do rumo do dinheiro dele.

Mas por outro lado, eu sabia que ela esquecia de mim e da gente para não se deixar abater. Eu sabia porque a gente sempre conversou de tudo, sempre foi amigo mais que amante. Ela dizia que não podia ouvir ninguém, velho ou criança falar de Nina (e, aparentemente é um nome russo muito comum) que pedia licença para se recompor no banheiro.

— Se eu for embora agora, - ela dizia, pelo telefone – todo esse tempo que a gente já sofreu não vai ter valido de nada.

— Eu não me importo com isso.

— É, mas eu sim. E eu não vou sofrer à toa, Ferreira, não vou!

Não emendei o doutorado no mestrado porque eu esperava que ela chegasse, que a gente fosse se juntar e eu queria tempo para curtir namoro e vida a dois, profissão e carreira sempre foram só um pedaço da minha vida.

Eu disse a ela, olha, estou pronto, é só trazer a mala, a cuia, e os cavalos; mas ela disse que não podia vir ainda, que faltavam algumas coisas. A gente passa cinco anos usando os cinco anos de desculpa, dizendo que depois dos cinco anos a dor iria acabar, que a gente ia ser feliz e eu acreditei tanto nisso que quando os cinco anos acabaram eu consegui dormir tranquilo sabendo que era só questão de ajuste, agora.

Placebo. Porra nenhuma. Cinco anos viraram seis e a desculpa que eu usava para dormir estava tão desgastada, a minha vida era trabalhar numa construtora grande e desenhar apartamentos com varandas gourmet ouvindo a minha mãe dizer que não passou vinte e sete horas em trabalho de parto para filho desenhar casa para os outros.

(E eu sei que você consegue imaginar Dona Fernanda com um discurso desses).

— Lipe, - Ela me ligou no meio da noite, dava para ouvir festa no fundo,

alguma conversa animada que eu não entendi em que língua estava – a gente pode conversar?

Para ser diferente, eu não dormia, mas o Guto estava em casa, cansado de um plantão de trinta e seis horas e eu não achei justo fazer uma DR ao lado da cama dele.

Por isso, descalço, desci as escadas e esperei a bomba sentado no sofá da sala.

— Sou todo ouvidos.

— Isso o que eu vou te dizer não é para ser de ofensa, tá?

— Ok.

Então ela me contou sobre o como ela não conseguiria mais vir ao Brasil se quisesse prosperar. Perguntou se eu gostaria de ir para Portugal com ela e que ainda não era hora de voltar, que o mundo deu voltas demais, que a Coudelaria é um buraco muito embaixo e que ela ainda estava tentando se livrar do péssimo negócio que fez aos dezoito anos.

(Isso, seis anos mais tarde).

— Então... - Ela perguntou – Quer vir morar comigo?

— Você pode me dar tempo para pensar?

— O tempo que quiser. – Eu podia ouvi-la sorrir. O semblante dela muda tanto que a voz muda também – Tem lugar para você aqui.

Desliguei inteiro trêmulo. Eu sei, a vida dela está foda, muita coisa, o tempo todo, duas irmãs contra o mundo não deve ser fácil. Respirei fundo pensando em aceitar. Vinte e três anos, eu tinha. Terminei a faculdade em três só cortando matéria que fiz no ITA e engatei logo dois anos de mestrado. Com duas certificações, engenharia lá fora dá mais grana que aqui, eu poderia me dar ao luxo de viajar pelo mundo botando ponte, não tinha nada que me prendesse.

Olhando a sala de estar onde a Manu nasceu, tudo me prendia ali. Eu não larguei ITA uma vez por causa deles? Eu não cansei de dormir em camas esquisitas, comer comidas de bandeirão, de dormir no mesmo quarto que um cara como sono de passarinho?

Dor no peito como eu só sentia quando era molequinho. Já são décadas que a natação deu jeito na asma. Dor de perder o tampo da cabeça sabendo que não é coisa de corpo, que é sentimental, que eu não estou hiperventilando nem sofrendo de alergia. Com o celular na mão eu já sabia o que responder, mas levei um mês sem andar de bike, só de metrô, respirando errado e sentindo o peito arder, até conseguir, no meio da noite também, fazer que ela atendesse o telefone.

— Antes de dizer o que eu quero dizer, saiba que eu estou feliz por você. Um lado meu tá muito puto, se sente muito traído para não falar desprezado, mas

o outro lado meu está feliz porque você está vivendo o seu sonho e ninguém pode ser culpado pelos próprios objetivos.

— Você tem certeza que este é o melhor momento para conversar?

— Se eu não fizer isso agora, não faço nunca mais.

— Tem alguma coisa que eu faça para convencer você?

Dessa vez não, Dê. Não dá mais.

— Essa é a bosta dos namoros à distância. A gente se culpa porque não pode ficar muito tempo junto, então a gente aproveita o tempo que tem e se esquece dos problemas. Estamos juntos vai fazer sete anos, um ano com você no Brasil e SEIS fora, mas eu sinto como se não te conhecesse. Toda vez que eu te vejo é como o primeiro encontro. Eu me arrumo inteiro para te ver, você sabe disso. A gente funciona como amigos de internet, mas a gente não funciona como companheiros parte porque a gente não tem tempo de convivência junto. É isso o que você quer, Dê, casar com seu amigo de internet?

— Você é meu amigo, mas não é só isso.

— ... Eu esqueci que você era ambiciosa. Eu esqueci que você coloca sua irmã no pedestal. Eu confundi o doce de menina que você é comigo com a Vaca Megera que você é com o resto do mundo. Eu fiquei tão preocupado em não ser o bastante para você, que eu idealizei uma Dê que não existe.

— Você vai terminar comigo?

— Eu te amo, Nina. Do fundo do meu coração eu te amo mais que tudo. Você não pode imaginar o mundaréu de coisas que eu faria por você, menina. Depois que eu fui te ver a primeira vez, no seu aniversário, quando eu te pedi em namoro, você lembra? Eu entrei em parafuso. Minha família inteira quase endoidou comigo porque parte de eu querer largar o ITA é estar muito longe de você.

— Por que você não me disse?

— Por que isso não é o tipo de coisa que me orgulhe dizer para a mulher que eu amo – Consegui segurar até que bem o choro – Eu juro que pensei em ir para Portugal com você, Dê. Se não fossem os meus irmãos eu teria ido, mas, quer saber de uma coisa?

— Lipe, eu não consigo sair daqui agora, se eu for embora a gente vai ter sofrido à toa. Grande parte já foi, amor, pensa comigo, não bate o pé, a gente já passou pelo pior, agora é só questão de...

— Você quer se provar para o mundo, eu sei disso. Eu vejo a Dê sonhadora e eu te amo muito por isso também, mas tem uma coisa, Dê, que não aguento mais. Eu não posso viver mais cinco, ou dez, ou sei lá quantos anos imaginando um amor que não existe.

— Não existe?!

— Não existe como eu quero que exista. Se a gente se vê três vezes por ano, é muito. Eu me descabelo, choro pra caralho, me remoo inteiro porque a distância me mata. Eu respeito demais a mulher que você quer ser, Dê. Eu fiz e faço de tudo. Eu sempre entendi seus dilemas. A gente bateu a sua primeira siririca, você lembra? Eu deixei você no controle e morri de medo de te machucar, na nossa primeira vez. Eu não acelerei você, não influenciei você. Nunca te acelerei e me deixei ser conduzido porque eu sei o quanto era importante para você decidir os melhores momentos das coisas.

— E você não sabe que diferença isso fez para mim.

— ... Sabe a cara que meu pai fez quando ele me ouviu falar “Nina” pela primeira vez? Saiu sem querer, não era para eu ter dito isso na frente dele. Foi a primeira vez na vida que o meu pai me olhou orgulhoso. Mais orgulhoso do que quando eu passei no ITA. Meu pai também me leva na brincadeira. Ele acha que eu sou moleque. Acha que eu sou pivete. Ele me ouvir falar Nina foi a hora em que ele se tocou que eu sou filho dele. O Nina que eu te chamo é em homenagem aos meus pais. O jeito que meu pai trata a minha mãe. O jeito que ele fala da minha mãe, o jeito que ele larga tudo por causa da minha mãe. Eu quero que você seja para mim o que a minha mãe é para o meu pai, Dê. Eu só sei o que é amor de verdade porque eu convivi com os meus pais. Da vó eu lembro muito pouco, o que eu sei e o que eu vi é a relação do meu pai com a minha mãe. Eu quero ser como eles, um dia. Eu quero ser um ótimo engenheiro, quero ser um profissional tão bom quanto a minha mãe, mas espelho de homem é meu pai. E eu sempre te coloquei na frente de todos os meus planos.

— Eu admiro o homem que você é, Lipe.

— Não admira, não. Você me vê como moleque, também. – Sorri, mesmo querendo chorar. – Você não está preparada para casar e eu entendi isso. Você precisa passar por uma prova de fogo, ou sei lá. Precisa se testar, se entender, se encontrar. Eu espero que você consiga isso pelo menos aí no país dos outros.

“Você é e sempre vai ser a única Nina que existe para mim. Eu amo o seu jeito, o modo como você se impõe silenciosamente, o jeito como você quebra o pau para defender a sua irmã, o como você fala do futuro. Eu te amo, Nina. Do fundo do meu coração, eu amo você agora e tenho orgulho da mulher que você ainda vai ser”.

— Só que... ?

— Só que eu não sou homem de relacionamento à distância. Chega disso. Não me arrasto mais pelos cantos mendigando atenção. Eu não gosto nem de teoria porque é abstrato demais para a cabeça do seu Lipe, porque é que eu aceitei te amar na teoria? A gente nem briga. Te desejar bom dia e não poder te

dar bom dia? Te querer dormindo debaixo de mim, sem poder te abraçar? Chega disso, Nina. Tô de saco cheio até de fantasiar com você. Tô sempre imaginando umas coisas bem doentias para fazer com você e só dá para fazer elas se a gente transa com frequência e nem isso a gente consegue, porque a gente não transa muito, como que constrói confiança assim, Nina? Por telas? Tô cansado de bater punheta para você ver.

“Se você escolheu Portugal, então eu escolho o Brasil, já deu para mim. Seja feliz, Dê. Do fundo do meu coração, seja feliz. Quebre a cara dos brasileiros, dos portugueses, dos árabes, de quem for. Cobre mais caro daqueles que riram de você porque você é mulher. Eu quero ver tudo isso, eu vou ser o primeiro a puxar a salva de palmas, só que nesse tempo em que você estiver aí fora, esquece que existo. Não aguento mais ser seu plano B.”

“E, se quando você voltar eu tiver encontrado outra pessoa, que você aceite ser minha amiga, ainda. Lembre que somos primos também, que crescemos juntos. Vai continuar sendo minha Nina, mesmo se não for mãe dos meus filhos. Esse é o meu limite, Dê. Daqui para frente você segue sozinha, não sou mais seu apoio nem seu porto seguro porque eu não tenho mais condições disso. Se você escolheu fazer a queijaria do vô virar Holding, então é essa a hora que eu dou um passo atrás e te deixo ir”.

— Por favor, Lipe, não me deixa.

— É questão de honra pra mim. – Chorei. Dói quebrar e morrer na praia.

– Eu só peço para ficar com o colar da vó até você voltar.

— Pego o avião para casa amanhã de manhã.

— E que tipo de homem eu seria se te fizesse escolher entre o sonho da sua vida e eu?

— Lipe...

— Eu te amo tanto, Nina... E eu vou sentir muita falta de tudo seu. Você é o grande amor da minha vida e eu sempre vou te amar.

Eu nunca tinha ouvido aquele pranto tão sentido, tão dolorido. É questão de caráter para mim, saber até onde eu posso ir. Faz parte do homem que eu quero ser, também. Se é questão de honra para ela conquistar Portugal, em fazer o mercado engolir o riso, é questão de honra para mim não fazer tudo cegamente em nome do amor. É questão de amor próprio, em saber quem eu sou e quem eu quero ser.

E o leitor nunca vai saber como foi difícil fazer aquela ligação.

— Eu vou fazer você sentir orgulho de mim.

— Eu já tenho orgulho de você, Dê. E eu confesso que eu quero ver você ser grande, porque eu serei grande, também. Homem grande não merece mulher pequena. Eu espero que você seja daquelas que faz homem feito parecer criança.

Espero que você, do seu modo, seja daquelas que intimidam. CEO de cavalo, né? Espero que até os cavalos baixem a crina para você. Espero que você se realize. Faz diferença para mim e o homem que eu quero ser, ter uma mulher que é feliz fazendo o que faz. Se você precisa de mais tempo, todo o tempo do mundo para você, Dê, só que eu não tenho mais isso para te dar. Meu coração de moleque fica aqui morrendo por dentro, mas o coração do futuro homem morre de orgulho.

— Eu nunca vou amar ninguém do jeito que eu te amo.

— Eu sei que você me ama, a gente não está terminando por falta de amor e é por isso que eu quero ficar com o colar da vó.

Eu sei que assim que eu te ver voltando de Portugal meu coração vai se render de novo, Nina. Não vai ter mulher nesse mundo que me faça ignorar que você está de volta, eu sou besta e babaca o suficiente para saber disso. Eu não faço o que faço, eu não me desdubro inteiro para te ver, eu não envergo tanto de chorar por alguém que não vale a pena. Eu tenho a sorte de você ser a coisa mais feliz que me aconteceu e, por mais que você não saiba disso agora, ainda vejo a gente casando, um dia.

Eu só vou ter que aprender a amar a mulher e o contexto ao redor da minha menina porque, Dê, você terá uma conta bancária de milhões de euros e isso é muito bom, mas o que eu amo mesmo é o seu jeitinho simples. Embora eu admire a futura você e os seus traços adultos, eu nunca te amei por eles. Nunca amei a moça estudiosa, racional e sensata que aparece quando fala da sua profissão. Nunca amei as suas roupas caras, nem as suas máscaras de adulta, mas a admiro e sonho com ela sentada na mesa de cedro da queijaria, a que era do vô, lembra? A que eu sei que o seu pai vai te dar, quando você voltar.

O que eu amo mesmo é o jeito que você sorri e me olha com olhinhos apaixonados. Eu amo o jeito que eu me sinto muito macho e muito homem do seu lado, o jeito que você me deixa no controle, o como perde o seu controle, o jeito que você vem comigo de olhos fechados. Eu te amo até pelas decisões que toma, o jeito como as toma, o como você pensa em tudo. Amo até seus post-its, seus cadernos impecáveis (lembra?), suas antigas canetas coloridas e da sua letreira de menina. Amo até o fato de que você passou em primeiro lugar e o como teve a coragem de abandonar tudo isso porque aquilo não era o melhor para você.

Aprendi a amar até seus livros e eu nunca fui um cara que lê. Aprendi amar até seus silêncios e não tem nada, nem o jeito protetor que você é com a sua irmã, que eu mudaria. Nem o jeito que você fica com vergonha quando eu falo de sexo na frente dos outros. Amo o jeito como você é. O como goza chamando o meu nome e como fala besteira fácil quando está quase lá. O como

desmonta a faceta de boa-moça rapidinho, também, mas é o jeito encantador no como fica depois que me tem.

E o como me procura de novo.

Eu amo você, Nina. Do fundo do meu coração, que sorte que eu tive de crescer do lado da mãe dos meus filhos. De todo o meu coração e dos meus neurônios que eu digo:

Que sorte que foi ter encontrado você.

Só que agora, Nina, ninguém vai fazer nada direito se ficar com o coração dividido. A gente não é feito para fazer as coisas pela metade, merece ser feliz por inteiro. Se é para se realizar em Portugal, que se realize. Que endureça a sua couraça do jeito que a minha mãe falou lá no começo, mas que não perca a sua essência de menina porque é o que eu mais amo em você. Eu amo o quanto você é doce e o como cozinha para mim só porque sabe que estou chegando.

Por favor, Dê, não perca isso. Não pode endurecer tudo e não pode se perder no caminho. Não pode voltar para casa só com o corpo de Nina, mas também não pode perder o seu corpo de Nina. Eu amo de paixão o seu corpo também. Por favor, vê se não perde as minhas dobrinhas. Eu amo elas, também.

Capítulo 30

Primeiro pensei no alívio que foi terminar com ela. Ufa, um cocozão entalado na bunda prometendo sair há cinco anos e nada. Respirei fundo contente com a decisão como há muito tempo não ficava, dormi o resto da noite como um bebê e fui para o trabalho.

A partir daí, dono e no controle da minha própria vida, passei a perceber que eu era um cara gabaritado em excesso desenhando sacada gourmet em residências de cinquenta metros quadrados. Quando eu parei de me preocupar em quanto tempo a Andressa voltaria que eu passei a perceber que a minha vida era uma bosta.

Eu ia da casa para o trabalho, do trabalho para casa, cozinhava a janta de todo mundo e ia dormir. E o ciclo se repetia com mais ou menos idas aos bares, mais ou menos circuitos de bicicletas, mais ou menos festas que eu procurava ir para não ter que pensar na imensidão de escuros que a minha vida tinha.

Sou nem louco de falar que me dei bem, que a minha vida melhorou sem a pressão da volta dela, mas, pelo menos, eu consegui perceber que eu poderia ir muito além da construtora que paga bem e dos engenheiros que botam prédios abaixo se o computador não calcular tudo por eles.

(E ainda tinha um chefe incapaz de gerir pessoas e projetos sem fazer que elas se sentissem um lixo pelo erro dele).

Por isso, passei a perceber o emprego de merda, a vida de merda e voltei para casa, depois de apontar para mais um colega de trabalho o quanto é burrice deixar que o software calcule tudo, pensando no grande sonho da minha mãe.

— Mãe, - perguntei, colocando uma concha de feijão no prato da Manuzinha de quinze anos e os cabelos muito azuis – até quando a senhora pretende brincar de professora?

— Como é?

— É, tipo, eu sei que você só aceitou o cargo de professora porque dava para pagar as contas e dava para cuidar dos filhos, que a gente ia ter a senhora por perto e ao mesmo tempo você conseguiria ter uma carreira, mas tá todo mundo grande, agora.

— ...e?

— Então eu quero saber, ué, quanto mais tempo a senhora vai brincar de escolinha.

Não era só a mãe que me olhava feio, mas o pai também. Até o pai conseguia vir para casa comer com a gente, às vezes, mas o Guto no plantão da residência médica, não. Comíamos nós quatro em silêncio, a Manu quieta como

nunca fica, usando agora os mesmos talheres que o resto de nós enquanto o pai me olhava sem entender essa ofensa gratuita e a mãe de cabeça baixa sem responder.

— Bem que a senhora podia abrir uma consultoria comigo.

— Lipinho, cê tá doente? – Manuzinha perguntou.

— Já deu essa vida de cuidar de filho, agradar marido e esperar vacas megeras, não já? – Sorri, olhando os olhinhos da minha mãe tão cheios d'água que eu logo entendi que ela queria isso mais do que eu – Porque, sabe, eu tava pensando, a única coisa que eu amo fazer nessa vida mais que qualquer coisa

— ...e mais que a Vaca Megera – O pai cortou

— ... - continuei – é brincar de projetar retardice com você. Por que a gente não mete a cara no mundo e sai por aí montando ponte?

— Tá falando sério?

— É, tipo, a vó contribuiu pra caralho com a engenharia e tal, você também, mas olha, não espere que eu seja acadêmico porque já deu para mim de escrever relatório. A única coisa que eu posso fazer é colocar seus estudos e os dela em prática.

— Felipe...

— E eu sei que você não gosta de dar aula.

“Então, Dona Fernanda, ainda tem bala na agulha?”

— Me dá até o fim da semana para pensar, tá? – Ela disse, sem conter os cantinhos da boca que se arreganhavam, sozinhos, de alegria.

— Olha, Nina, eu acho...

— Pai, isso não tem nada a ver com você. – Cortei – Eu sei, você é o marido e tal, mas já deu de você também ficar cortando a mãe. Seu trabalho hoje é deixar ela pensar. – E a Manu sorriu para mim porque a gente sabe que o que o pai fala para a mãe tem duas vezes o peso do que qualquer outra palavra que ela ouve – Isso não é um trabalho, mãe, não pensa que é trocar de trabalho, é pra gente despirocar bonito, ficar louco, reinventar a roda e dizer pro mundo que Miller bom é Miller no céu.

— Vai, Nina – O pai não sabe quando calar a boca, puta merda.

— Pai, fica na sua? – A Manu disse. – Isso é coisa pra mãe decidir.

— Até o fim da semana eu vejo.

Nem esperou tudo isso. Não posso dizer que dormia, mas pescava um pouco quando ouvi um toquezinho tímido na porta, a mãe de roupão e o jeito nervoso. Mal me olhava nos olhos. Não acendeu a luz, sabia que o Guto não estava e veio ao pé da minha cama:

— Tá falando sério? – Ela perguntou. Também não é dada a introduções.

— to – Pigarreei – Tô.

— Tem um espacinho nessa cama para mim, bebê?

Me empurrei para a parede e deixei que ela entrasse no espaço que criei. Respirava fundo sem dizer nada enquanto se ajeitava na cama, no travesseiro e no meu edredom. Respeitei o silêncio dela sentindo o quentinho e o cheirinho de mãe porque eu sabia que ela ainda precisava de mais tempo para poder dizer.

— Monstrinha perguntou se podia ser nossa secretária.

— Ela vai afastar todos os nossos clientes. – E eu ri pensando na Manu atendendo o público.

— A gente pode alugar uma sala ali na rua do seu pai?

— Isso é um sim?

— Filho meu tem a cara de pau de perguntar se tenho bala na agulha...

— Achei que não ia aceitar.

— É que eu sei que vou trabalhar demais, filho, eu sou louca.

— Você não tem pivete para criar, se quiser trabalhar demais, o que tem?

— Não tenho pivete, mas tenho marido.

— O pai que se vire. É grande, é forte, tá lúcido, ué... ?

— Quando eu disse para a Vaca Megera conquistar o mundo... você lembra?

— Lembro, passei um mês com raiva de você por causa desse discurso.

— Pois é. Quando eu disse para ela que era novinha e solteira que se conquista o mundo é por isso, amor. Maridos. Você e seu pai são exceção a qualquer regra, eu amo vocês dois e o jeito como tratam os amores, mas mesmo vocês demandam muito.

— Pelo contrário, a gente não pede nada.

— Claro que não, não precisam. Acha que eu consigo me meter um mês no estrangeiro e largar seu pai aqui com Manu e as contas? Tá louco? Eu morro e mato seu pai no meio do processo.

— Mas é porque você não quer, o pai não tem nada com isso.

— Solteira eu já teria feito as malas.

— ...

— Coração deu um salto no meu peito de ouvir você falar de abrir consultoria, bebê, isso é genial, a gente faz nosso nome rapidinho, cê vai ver. Eu só tô com medo...

— Eu já entendi. Do pai e tal.

— De mim, também. O seu pai vai definir horário para eu chegar em casa e você não vai me impedir de vir, tá?

— Vai obedecer marido depois de velha, Dona Fernanda?

— Não é isso, – E me beijou a testa – é respeitar.

— ... mas você topa, então?

— Tô dentro. Vou pedir desligamento assim que a gente achar uma sala legal lá perto do seu pai, tá?

— Amanhã começo a procurar.

— Tá. — E foi saindo.

— Vai não...

— Dormir ca mãe depois de velho, bebê?

— Ando ruim para dormir, fica só mais um pouquinho.

— Só fala nos inhos quando tá pedindo coisa. Ê, menino!

Dia seguinte estava eu rodando em site de imobiliária em busca de sala barata e recepção sofisticada. O pai me ajudou sondando os clientes dele, a maioria também com sala alugada ali por perto. Comuniquei ao meu gerente que eu queria demissão e então começaram os problemas.

É claro, não quiseram me desligar. Falaram que eu era valioso demais para a empresa e blábláblá. Depois, meu gerente veio oferecendo aumento, falei que não era dinheiro. Então o RH veio conversar querendo saber o porquê da minha vontade de sair, quiseram apelar para o dinheiro falando que se eu quisesse sair, que eu pedisse as contas.

Não teve um jeito fácil, então pedi. Foi um mês de clima pesado até eu perder a paciência e falar que ou eu saía por bem, ou por mal e aí a Jana veio querer saber o que é que eu andava aprontando por aí para sumir tão de repente.

Primeiro, deixa eu explicar quem é Janaína: é do time das arquitetas, trabalha no andar de cima, a amiga mais engraçada que eu tenho e a com menos juízo. Fazia Manuzinha parecer revoltada sem causa, de tão idiota Janaína era. Entrava em canteiro de obra com saia minúscula e subia as escadas na sua frente sem nem ligar se ficava com a bunda na sua cara. Já a tirei de duas brigas, um banheiro público e a cadeia quando se meteu a dirigir bêbada. Sempre me liga quando está em apuros porque sabia da minha história com a Dê e que eu nunca abusaria de qualquer mulher bêbada.

No dia que saí da empresa ela me chamou para beber e eu fui. Estava descomprometido mesmo, nem sabia mais que textura tinha uma boca, ué, porque não? Já fazia uns seis meses mesmo que eu tinha terminado com a Dê, podia muito bem me meter com quem eu quisesse, não é mesmo?

E fomos, direto do trabalho, eu, ela e mais algumas pessoas que gostavam de mim. Todo mundo pediu tequila, todo mundo falando mal do gerente de projeto, do chefe do gerente de projeto, todo mundo babando meu ovo porque eu era ex-uspiano com mestrado dourado e essas porras e que abriria uma consultoria só para quebrar a construtora (?) e mandar todo mundo para o olho da rua.

Eu também bebi, a gente ria e comia batatinha, a Jana trocava de drink

que nem uma condenada, igual sempre, esquecia que ia trabalhar no dia seguinte, já falava mais alto que todo mundo e veio o inevitável.

Deu um beijão na minha boca, me segurando pela cabeça, me impedindo de sair e eu fiquei, de primeira instância, muito mal com aquilo. A única boca que eu beijava era a da Dê, a única boca que eu queria, que eu podia tocar. Tudo foi caindo por terra o “agora estou solteiro e ninguém vai me segurar”. Eu me senti invadido como se fosse uma mocinha de treze anos que beija por pressão dos amigos.

— O que foi, Ferreira? Não sabe beijar não? – E ela sorria.

Beijar, filha da puta, é claro que eu sei. E fui na onda dela, mostrando para mim e para ela que sim, sei beijar, sei beijar muito bem por sinal e que eu não sou um cara capado broxa para caralho que não sabe fazer nada sem a namorada mandar.

Me empolguei com a cena bem mais que deveria, ela me atacou com as mãos e eu fui junto, me puxou para um cantinho e eu fui também, a gente se lambendo e se comendo em pé ali mesmo no bar até que ela já suspirasse e eu também.

Até ali, tudo umas mil maravilhas. Felipe Ferreira de volta, Deus é pai, nada mais de punheta e noite mal dormida, quinze anos outra vez, moleque do mundo, vadio até o cu fazer bico, vamos lá, segue o baile. Arrastei Jana para o motel, a minha bike no carro dela, a gente foi se comendo até chegar o quarto, alegria fluindo, tudo nos conformes e então.

A culpa de trair a Dê bateu duas vezes mais forte do que a graça de me livrar dela. Quando a Jana desceu o zíper do meu jeans eu já me esquecia quem era Janaína. Só vinha Andressa. Quando a Jana quis ver o que eu nunca mostrei a mais ninguém, eu só pensava na Dê.

Ainda tentei, não vou mentir dizendo que não, eu estava disposto a outra moça, o momento havia surgido, o clima todo montado, tudo do jeito que as coisas têm que ser. A coloquei na cama e encarei a saia curta, ela mesma já foi baixando a calcinha me mostrando os caminhos das pedras, mas eu só conseguia ver... Morena demais. Raspada demais para ser a Dê. Pequena demais nos quadris, tudo errado, aquela não era a Dê, puta merda, o que eu estava fazendo ali? O que eu inventei de fazer, que merda era aquela, por que eu me traía assim?

Não foi preciso muito para que Janaína percebesse. Eu olhava para o corpo dela semidespido, mas não a via. Só pensava em tudo o que ela não era. Só pensava que estava tudo errado, principalmente eu.

Balancei a cabeça voltando para o presente. Aquela é Janaína, não é Andressa, não tem que ser igual, corpo diferente, pessoa diferente, nome diferente. Não é a Dê e nenhuma vai ser como ela, não tem que ser. Ela vestiu a

calcinha de novo, olhando para o meu rosto, os olhos cheios d'água, logo ela que enfrenta o mundo na voadora.

Não nos falamos. Sentei na cama, apoiei os cotovelos nos joelhos e fiquei lá até ela se cansar do meu silêncio e só sobrar eu. Eu, o pinto que não levanta, a raiva de assistir a festa pela janela e a dor da espera na antessala do dentista.

A gente se separou, não é? Eu fui lá e liguei para ela, no meio da noite, falei poucas e boas, disse o que estava engasgado, decidi num ímpeto o meu futuro e o dela, vai ver aquela lá já achou um marido rico que vai ajudá-la e vai se interessar por cavalos, vai ver já está dançando no colo de outro sujeito e eu estava ali:

Broxado num quarto caro de motel. Sozinho sem tranquilidade para dormir, resolvendo as coisas sem pensar, abrindo empresa sem ter cliente para atender. Arrastando a minha mãe para a minha solidão só para não ter que me encarar sozinho.

Não sei se era a minha incrível capacidade de bancar o imbecil ou o quê, mas eu pensei: que seja, você só precisa de mais tempo. Não pode amar uma mulher por sete anos e depois achar que vai conseguir encarar qualquer outra logo seis meses depois.

Capítulo 31

Depois que eu vi a fotografia dela na Forbes como uma das empresárias abaixo de trinta anos mais bem-sucedidas do mundo, eu desencanei um pouco. Acho que o fato de ela estar bem me fez bem, também. Talvez eu só precisasse saber dela, sei lá.

Mas mesmo assim, nunca mais outra mulher de novo. Tentei outras duas vezes, mas chegou um tempo que eu só desisti. Não quis. Pensar em outra mulher me desgastava, me remetia a ela. Eu passei um bom tempo em busca de alguém como ela, a procurando em outros abraços, mas sempre havia alguma coisa que destoava. Um dente torto, um olho azul que depois descobri ser lente de contato, um cabelo fino e curto.

O problema não eram essas pessoas, mas o fato de nenhuma delas ser Ela. Então parei de procurar e desisti. Fui a lugares incríveis para andar de bike, ergui pontes que meus pais choraram emocionados ao ver, construí carreira ao lado de Dona Fernanda e nós, por mais loucos e desorganizados que fôssemos, virávamos referência no mercado.

A única coisa que eu sempre fui bom de fazer foram amigos. Um amigo te leva a outro, você sai com eles para beber alguma coisa idiota, ri das piadas, sai fora quando todo mundo começa a se beijar e volta na próxima vez. Algumas pessoas você mantém mais perto que outras e, por costume, algumas delas não vão embora mesmo quando você já disse que não vai dar a elas o que querem. Jéssica era uma delas.

Jéssica era simples, sem frescura, um pouco falante demais, boa pessoa. Tinha aquela alma livre que todo mundo fala. Você nunca sabe onde ela está ou o que está fazendo até que pula na sua frente com braços de saudade, te trazendo um presente e um sorriso bobo. Ela tinha um ateliê pequeno junto de alguns colegas e, quando tinha criação nova, me esquecia por duas semanas, até três. Acho que a gente funcionou porque não era grude. Podia ligar às três da madrugada, bêbado e desorientado, que ela me receberia de braços abertos.

Ela vivia metendo interrogação nos meus pontos finais. Ela foi uma das pouquíssimas pessoas que gostavam de me ouvir falar da Dê, que eu me sentia livre para poder falar da Dê. Minha relação com a Jéssica funcionava por causa disso, também. Ela me aceitava como amigo e me dava espaço para falar. Lá em casa eu nunca falei da Dê, nunca me senti confiante das coisas que possivelmente saíam da minha boca. Eu começava com as neuroses de amar a Dê e me detestava por elas. Com oito anos de distância, eu queria me lembrar dela, mas não queria mais chorar por ela. Não queria mais amá-la do jeito de

posse que eu sempre amei. Depois da revista da Forbes, eu só queria tê-la como uma lembrança boa, como um sorriso que me escapasse da boca quando pensasse nela, mas eu não queria mais ser consumido por amar.

Jéssica me dava liberdade de parecer um moleque medroso sem rir de mim. Me dava liberdade para que eu fosse um homem sério e maduro, mas dava liberdade para que eu fosse um menino, também.

O amor que eu tinha pela Dê era autodestrutivo, era autossabotagem. Me pergunto, tantos anos longe, se era amor, mesmo. Conversar com a Jéssica e colocar coisas para fora me fizeram ver que eu amei a Dê errado a vida toda. Ninguém te ensina o jeito certo, para começo de conversa.

É amor esse negócio que te faz querer ter uma pessoa? Ela me perguntava isso e eu não sabia responder. Acho que o amor é egoísta e narcisista de berço. Você quer ter o objeto que ama, quer beijar o objeto que ama, quer ficar fazendo carinho nele. Como é o amor sem posse? Eu perguntei a Jéssica e ela quem não soube me responder.

— Acho que é muito mais bonito você dizer que admira alguém, do que dizer que ama alguém – Conversávamos, eu e ela, sentados na bancada da cozinha do ateliê dela. A casa toda cheirava a tinta e ela usava uma camisa jeans velha, toda manchada. Jéssica já tinha trinta e cinco, não era mais uma menina. Era serena e falava baixo, observava tipos humanos, fumava enquanto produzia, mas não fumava em qualquer outra ocasião. Dividíamos um resto de pudim que eu trouxe a ela de uma padaria ali perto – Você diz que ama alguém mais para si, do que para os outros. Já pensou nisso?

— Não, – respondi, limpando a calda de caramelo na calça jeans – pelo contrário. Quando você diz que ama é quando você se rende.

— E por que é que tem que se render? – Ela lambia o descartável do pudim, me olhando com aquele olhar amendoado que lhe ocupava metade da cara – Quem é que ganha quando a gente se rende? “Eu te amo” vem logo com o “eu” na frente.

— Ah, puta merda, não discute português comigo. Eu achando que você estava falando sério, vem me falar de construção de frase?

— Não tô falando da sintaxe, estou falando que não tem um jeito de dizer que ama alguém sem se colocar como a coisa mais importante da frase, sabe? Se você ama, não devia ser o objeto amado a coisa mais importante? Você está dizendo que ela é o objeto do seu amor, não que você é a coisa que ama.

— Essa galera de humanas é tudo louca – Ri, molhando a mão na pia, descolando o caramelo dos dedos.

— “Eu te amo” é expressão idiomática. Falar “eu te amo”, do ponto de vista da língua, é que nem dizer “quem come quieto come duas vezes”, só que

expressão idiomática universal, né?

— Eu não sei onde que você tá querendo chegar com isso – Confessei – Falou “sintaxe”, me perdi todo.

— Meu ex-marido nunca disse que me amava.

— E esse é um bom motivo para ele ser seu ex.

— A gente não se divorciou por causa disso, ô, besta – Riu, rodeando meu pescoço com as mãos num sorriso dengoso e calmo. *Eu também podia amar você, Jéssica, se conseguisse me livrar da assombração.* Eu gostava dela. Sempre tão calma e desacelerada que fazia de mim um moleque em idade escolar que tem formiga na cadeira – Na verdade, me divorciei dele porque ele quis. Ele disse “Jés, eu acho que é a hora de a gente se separar”.

— Assim, sem mais, nem menos?

— E você quer que seja como?

— Divórcio é trágico.

— Não acho – Sorriu – Acho que trágico mesmo é continuar casado.

— Você ainda não me disse porque seu ex nunca disse que te amava.

— Ele dizia, mas não com estas palavras.

— Como, então?

— “Eu te admiro”. “Você me encanta” e mais coisas neste campo semântico. “Eu te admiro” é como você enxerga a pessoa. Admirar é o verbo de contato, já parou para pensar nisso?

— É nessas horas que um engenheiro se sente muito burro – Ri, rodeando a cintura dela.

— ... Que nem, - e ela ainda tentou me explicar – você e a sua Dê. A única coisa que os humanos não têm é tempo. Por ter consciência de que o universo é vasto por poder olhar para cima, por poder observar, a gente sabe que vai viver e não vai ver nem descobrir tudo o que existe. Humanos não têm tempo e tempo é o que você está dando para ela. Você está dando uma parte muito importante da sua vida por alguém, Lipe. Precisa dizer mais alguma coisa, depois de fazer isso?

— Tem um monte de coisa que eu queria dizer a ela.

— Sabemos, mas... Não precisa. Eu admiro a sua capacidade de não trair o coração. Não consigo fazer isso.

— Parece que a minha vida é uma grande sala de espera. Parece que eu tô sempre esperando alguma coisa grandiosa acontecer enquanto me distraio com coisas menores. Não sei. Eu trabalho bem, eu converso bem, tenho família e amigos, mas me falta tudo.

— Quando a vida é vazia é assim mesmo – Me sorriu – Você vai dizer que eu sou a louca das humanas, então vou ficar na minha.

— Vai, louca das humanas, termina de dizer o que quer dizer.

— Durante a segunda guerra não tinha comida suficiente, nem abrigo, nem você sabia se estaria vivo amanhã. Na literatura o reflexo foi imediato. A escrita ficou dura. Escreviam justamente daquilo que faziam, dos anos que passavam, da vida e de tudo o mais, mas não escreviam como é que se sentiam. Aboliram o sentir, porque sentir era pensar na circunstância ao redor e pensar na circunstância ao redor era sofrer.

— Bom, tinha só a esperança, né.

— É, mas nem disso eles diziam. Nessas horas, a esperança faz mais mal do que bem. – Me deu um beijo no rosto – Disseram para a sua Dê não endurecer a couraça toda, mas foi você que endureceu.

— Não endureci, não. Pelo contrário, tô tão frouxo e capado que só por Deus.

— Endureceu, sim. O menino que você me conta que existiu não ficaria tanto tempo sem dar um telefonema.

— Eu terminei com ela.

— Por quê?

— Porque ou era isso, ou ficar louco, caralho! Porque eu queria que ela viesse para casa, para mim, que viesse construir coisas comigo, que me deixasse fazer parte da vida dela outra vez!

— Mas você não terminou?

— Eu terminei porque ela me abandonou primeiro!

— Ela não te abandonou, Lipe, não seja maldoso. Ela foi atrás do que era melhor para ela, assim como você foi atrás do que era melhor para você. Não entendo, de todas as vezes que você me contou, como é que você sente raiva dela. Digo, você não segurou na mão dela quando foi a Portugal?

— Segurei.

— Então por que a raiva?

Honestamente, não sei.

— Você queria ter controle da situação. – Me disse.

— Não deturpa.

— Você queria ser a mão e não os olhos. Ela tinha dezoito anos, você era o primeiro namorado dela, ela nunca nem tinha beijado ninguém e você adorou mostrar tudo para ela, não é?

— Eu nunca teria ido a Portugal.

— Isso mostra a força dela. Largar quem se ama para ir atrás do seu sonho, isso pouca gente faz. Você não fez.

— Meu sonho está no Brasil.

— Seu sonho está com ela.

— Meu sonho até está com ela, mas no Brasil.

— ... Ela escolheu a si mesma. Não dá para julgar alguém por isso. Eu tô quase mais apaixonada nela, do que estou por você.

— Não brinca com isso.

— Tô apaixonada na sua história, no seu modo, do jeito que você espera a sua menina. Acho bonito. Queria que fosse comigo, eu gosto de histórias de amor de gente comum.

— ... eu fico puto com a Dê porque ela pediu cinco anos. Já são 8!

— E você teria dado oito anos para ela?

Não.

— Acho que eu vou desistir da minha exposição no MAM. Vou ligar para o curador e cancelar.

— Teu cu – Ri.

— Meu tema não conversa mais comigo. – Coçava uma mão na outra como toda vez que fazia, quando tinha ideia nova – Não sei, toda vez que eu ouço você falar dela e do como você fica puto e do como vocês não se falam, eu fico com vontade de trabalhar nisso.

— Tá querendo usar da minha tristeza para ganhar dinheiro, é?

— Também – Riu, me conduzindo para a sala com uma grande massa de gesso branca que parecia um anjo, mas não era. Uma escultura de gesso de mais de um metro de altura que eu nunca entendi o propósito – É, é isso. Pega a marreta, Lipe, me ajuda a quebrar esse troço.

— Eu não vou fazer isso.

— Por favor. – Pediu – Me deixa ver você quebrar isso. É o meu trabalho novo se despedindo do meu trabalho velho. É simbólico para mim. Eu não vou gravar, não vou filmar. Só quero ver. Quebra e desconta a raiva.

— É para descontar a raiva?

— É.

Na casa da mulher que me deixava falar o que ninguém ouvia, eu fui o monstro que ninguém vê. Brotava o Lipe que ninguém sabe. A besta que não deixa a consciência dormir, o arrependimento de não ter ido com a Dê, a raiva por ela ter ido sozinha e ter se dado bem.

Dei uma porrada mínima na ponta de um anjo de braços abertos. Só lascou. *Pensando bem, a gente nunca teve um relacionamento.* Pensando bem a gente nunca parou de ser amigo, nunca foi muito namorado. Pensando bem a gente sempre funcionou mais como amigo de internet. Nunca ouvi seus problemas, só seus sonhos, só suas vontades. Nunca ouvi você reclamar que tinha prova dia seguinte, da sua falta de dinheiro.

Seus problemas, Nina, você sempre resolveu sozinha. Eu nunca tive

acesso às coisas que não te deixavam dormir e te faziam chorar por tudo. Uma única vez na vida você ousou falar do seu próprio peso comigo. Se isso te incomodava, por que nunca se abriu comigo?

Pensando bem, eu precisei sempre mais dela, do que ela de mim. Eu sempre quis mais do que ela, desejei mais do que ela, estive mais do que ela.

Pensando bem, eu sempre te amei mais do que você me amou.

Quanta porra verti em seu nome sem nunca te alcançar, Nina. Veio tudo de uma vez e só, e Jéssica soube o quanto de raiva e de dor descontei na pedra. *Quantas vezes praguejei teu nome sem você nunca ouvir.* Essa bosta só é bonita e poética para quem está de fora. Quem está de dentro só enxerga ódio. O amor se torna ódio e um não é o anverso do outro. É exatamente a mesma coisa.

Te odeio, Nina. Te odeio.

Eu odeio você por ter se dado bem sem mim. Eu odeio a Forbes, Nina. Eu odeio você, do como você não precisa de mim. Eu odeio você, todos os seus cavalos, todas as suas irmãs. Odeio seu dinheiro, também. Você tinha que precisar de mim. Você tem que precisar de mim. Você precisou de mim na siririca, dos conselhos da minha mãe, de um cara com pinto. Só do seu lado que eu me sentia homem de verdade porque, no fundo, era divertido mostrar coisas a você. Era divertido te levar para lugares que você não tinha ido.

Quebrei aquela forma desconjuntada até toda a sala, no alto da noite, só ser pó. Aquele pó bem fino que nunca vai ser limpo por completo. Ela chorava e eu também. Encostada no batente, me olhando ser o pior dos Lipes, ela chorou, mas não se aproximou. Desenhava algumas coisas num caderno com lágrimas nos olhos.

Só parei porque não tinha mais nada para quebrar. Respirando fundo, esgotado, olhei para o fino pó, para as mãos doloridas, para as minhas roupas que estiveram limpas.

— O que mais eu posso quebrar?

O que é que você faz com o amor quando descobre que a pessoa que ama não precisa de você? Engole a seco? O que é que você faz depois que percebe que a pessoa que você ama, na verdade, nunca precisou de você? Vai me colar meia dúzia babaca para dizer “ain, mas amor não é dependência”. É o quê, então, porra? Duas pessoas que passam as tardes nos beijinhos? Conversas que não dão em nada por Skype? Dez encontros e mil conversas imbecis por telas? Ela não soube me amar, não usou do meu companheirismo, não foi minha amiga. Me deixou e foi com o amor da vida dela para outro país. Oito anos! Oito anos e só depois de oito anos é que eu consegui descontar parte daquilo que eu bombeava no lugar do sangue.

Eu odeio a minha capacidade de suprimir as coisas e ir sempre mentindo

para mim mesmo que dá para aguentar um pouquinho mais. Ferreira que é Ferreira morde na hora e eu costumava morder antes mesmo de perguntar. Eu odeio o fato que eu choro mudo, eu odeio o fato de nunca ter conseguido ser forte, nunca ter me contentado com as minhas próprias pontes e prédios, com os meus avanços. Eu odeio o fato de que eu seria feliz casado. Eu não fui moleque de seguir os passos do meu pai. Eu me espelho nele, completamente nele, mas eu nunca quis casar.

E vou querer casar justamente com uma menina que foi doce, mas que agora, numa foto de revista, cospe na minha cara que não é mulher para casamento e filhos? Que caralhos eu tinha na cabeça de ter desistido do ITA para me ajustar a uma mulher que nunca se ajustará a mim?!

Que caralhos eu tenho na cabeça por nunca ter sido feliz por construir monotrilho em Dubai, restaurante nas trincheiras da guerra do Vietnã, eu e minha mãe, sempre nós dois e nossas criações mirabolantes para circo e demais desafios escancarados para quem quisesse ver?

Que caralhos eu fumo que não vejo a menor graça de falar do meu próprio trabalho?

Não cago, não saio da moita. Se eu fosse forte, não, se eu fosse decente, se eu fosse lúcido, eu chutaria o cu daquela vaca para a puta que pariu. Não ia ficar chorando que nem filhote abandonado. Ia só meter um foda-se como meti em muita coisa nessa vida e continuado a viver quaisquer experiências que eu quisesse.

Mas não.

Naquela altura da minha vida, vinte e cinco anos, oito anos amando a mesma mulher, eu era um engenheiro à altura da minha mãe, eu era um cara bonito pra caralho, mas por dentro, eu estava podre. Todo aos buracos. Eu era genial, criativo, inteligente, bonito. Só que me odiava. Eu me detestava tanto quanto detestava a Dê.

Eu cheguei para ela e falei “vou ser seu futuro marido”, mas alguma vez eu perguntei a ela quando é que ela queria casar? Alguma vez eu perguntei? Eu esperei, eu avancei, mas eu nunca perguntei. Ela também não. Eu pedi beijo, eu dei beijo, eu perguntei se podia beijá-la, mas depois parei de perguntar, assumi tudo como um sim. Ou eu esperava que ela agisse, ou eu agia. A gente conversava sobre a vida, o universo e tudo o mais, mas a gente não planejou nada. Eu conversei com a minha família sobre largar o ITA, mas não conversei com ela. A minha decisão do ITA foi alheia.

Quebrando, de escultura em escultura, que eu coloquei o monstro do Lipinho Lindo para fora, destruí o alicerce da menina doce que a Dê era, destruí meus arquétipos de timidez que eu tinha dela, destruí meus arquétipos de macho

que estoca fundo e goza chamando o nome da maldita.

Quando eu terminei de quebrar, respirando fundo e as lágrimas tingidas de gesso, eu era só um corpo que vaga sozinho no universo, feito de pó de estrelas, os ossos que sustentavam um corpo que não se sustenta sozinho. Vazio. Um metro e noventa de homem que chora aos vinte e cinco por um amor que descobriu aos dezessete. Mãos e bocas e pés e pernas que não conviveu bem consigo por toda eternidade.

Se alguém te joga sozinho no espaço, você vai conseguir se dar bem só com o que leva dentro da cabeça?

Acha que mando flor para a minha mãe por gentileza? Por acaso mandar flor não é um lembrete meu, para que ela não se esquecesse de mim? Que eu existo? Derrete, é bonitinho e tal, mas eu mando flor e ligo para casa para fazer que se lembrem de mim. Pulo de paraquedas para ver que estou vivo. Que eu não resto no fundo da gaveta sem identidade. Meu maior medo é parar de existir para os outros, ser esquecido, ignorado, faltoso. ITA foi para provar para os outros que eu sou um troféu e que os troféus devem ser valorizados, polidos, amados. ITA não provou nada para mim mesmo.

A Dê partir era ela me dizendo que me esquecia. Que eu nunca fui importante. Narcísico, sou sim. Eu nunca disse que era boa pessoa. Não escrevo para dar lição de moral em ninguém, nem para garantir um bom exemplo. A cólera de se constatar quem sou é pior, muito pior do que qualquer tapa na cara. Do que a Dê me dizendo tchau. Conviver sabendo que eu ainda sou o moleque de quinze anos que se exhibe para os demais, carente de alguma coisa que não é falta de amor na infância, exibido para ser notado, babaca o bastante para rebaixar quem aparece mais que eu, é que é o maior problema do Felipe.

Todo este amargor parado olhando para a Jéssica que rabiscava o caderno. Parti porta afora e nunca mais a vi. Recebi o convite da exposição dela do MAM, ela realmente fez um uso da minha raiva, do meu amor, mas eu nunca fui assisti-la.

Vazio. Eu podia ter deixado a Dê de lado e me forçado a gostar de outra menina, mesmo se essa menina fosse a cara da Dê, mas eu não quis. Eu escolhi, embora fosse a ideia mais idiota do mundo, eu escolhi esperar a Dê, a minha pessoa certa. Abandonar a ideia de amar a Dê era abandonar o meu sonho e a mim. Eu construí um Felipe ao redor da Dê e eu nunca quis me desfazer daquela ideia de Felipe. Eu nunca abandonei a Dê. Nem sempre eu amei a Dê, é verdade, mas eu nunca a deixei ir. Terminei com ela escolhendo a mim, mas mesmo quando eu não estava com ela, eu era o Lipe que eu construí ao redor dela.

Querendo eu ou não, eu era um Lipe que me agradava ser. Confortável na minha própria pele. Eu me fiz de forte e experiente para que ela se pautasse na

minha força e confiasse em mim. Escondi o choro e as lamúrias para que ela não visse (e consequentemente, não abalasse o ideal de homem perfeito que construí para ela). Escondo até as minhas contas muito malucas, as minhas teorias de física quase esotéricas, escondo meus projetos de avião sem motor. Escondi todas as nuances que fazia o Lipe mais maluco-beleza que a Manu.

Eu, que não gosto de desabafar, tô é falando pra caralho. Falar assim, desse jeito, me irrita. Parece que eu não consigo nem lidar comigo direito e tô querendo que os outros saibam.

Quer saber? Chega dessa porra. Chega, cansei.

Capítulo 32

O grande poder dos introvertidos é que eles florescem onde ninguém vê. A gente não coloca qualquer um debaixo da nossa luz e mostra o que vai do lado de dentro; introvertido não é assim, morre de vergonha de ser visto, não consegue funcionar no holofote, fica de canto observando, não, melhor, espiando. E vai seguindo pelos escanteios, convivendo bem de gandula, dando a bola a quem quer e merece brilhar.

Nem todas as mocinhas das histórias têm de atirar com um fuzil megagigante ou fazer pose de gostosa. Algumas de nós prefere sentar com um cliente e beber café com ele, falar da família e amigos, mostrar os cavalos que tem e sair de lá vitoriosa e com um contrato milionário nas mãos.

Algumas de nós prefere não ter que chamar atenção. Dez anos fora do Brasil, um abismo do tamanho do mundo dentro do peito, uma fogueira apagada há tanto tempo que se encheu de poeira: nunca mais depois dele. Ninguém chegava tão perto, me via como ele via, nunca mais deixei que vissem quem eu era do jeito que eu gostava que ele visse.

Ninguém, de todos os clientes que conquistei, de todos os lugares onde fui, sabia quem eu era do jeito que ele sabia, do jeito que a minha família sabia. Guardei o melhor de mim numa gaveta, bem lá no fundinho do peito e fui, pé após pé, derrubando os castelos dos portugueses que me deixaram comprar um por cento da Coudelaria só para acabar com a minha raça.

Mineiro não observa.

Espia:

Eu era nova demais. Impaciente demais, medrosa demais, nervosa demais. Dezoito anos e uma missão de prosperar em cinco anos, de voltar ao Brasil com a medalha de ouro na mão. A Dê de dezoito sabia que cinco anos eram poucos, não daria sequer para o cheiro, mas mesmo assim prometeu o impossível só para não desagradar. Só para não se impor e não brigar. Sempre fui de fugir de brigas e ficar quieta, e não pedir mais alguns anos era a minha parcela que morre de medo de perder o menino que amei a minha vida toda.

Perdi do mesmo jeito. Medrosa ou não, perdi. Com razão ou não, com culpa ou não, o perdi. E por um lado foi bom porque eu parei de programar minha vida com base na próxima vez que o veria. Eu parei com a ansiedade de trabalhar vinte horas consecutivas para folgar por quinze dias para poder ser só dele.

O perdi e me vi sozinha com uma irmã cada dia mais calada e mais amarga. Com uma Bia que vivia para me seguir, para segurar a minha mão. Nós

duas, Botelho com Botelho, ao redor do mundo fazendo fama. Confundiram Botelhos e disseram que ela era a Botelho Ruim, eu era a outra.

Deixei. Eu era a outra, quietinha perseverante que fazia um trabalhinho modesto. Bianca no redondel curvando cavalo arisco, domesticando sem vara e sem dor, só na base da confiança e eu na ponta da mesa, assinando contratos, precificando paixões.

Nos primeiros cinco anos que estive longe de casa só tomamos na cabeça. Quase nenhum sucesso até eu parar de tentar fazer fama dentro da Coudelaria. Troquei de ares, mantive o lucro estável da Ala da Fisioterapia da Bia e me lancei pelo Oriente Médio. Coloquei uma falsa aliança de casamento e tudo o que eu não sabia, ou, não queria responder na hora, dizia: “vejo com meu marido e te respondo”.

O Lipe terminar comigo foi o pontapé para eu parar de dar murro em ponta de faca. Se eu pudesse escolher não tinha me despedido dele, mas foi bom, por um lado. No Oriente Médio consegui prosperar de um jeito que Portugal jamais permitiria. Consegui, com a prosperidade que as arábias me deram, comprar a Coudelaria e falir Amarantes e Delgado, os irmãos de Portugal, as duas pedras no meu sapato. Consegui ir tão longe, que passamos do Oriente Médio para a Europa e fizemos o caminho inverso, de volta a Portugal.

É preciso dizer que fui muito perspicaz, mas muito descuidada, também. Cruzei desertos em busca de cavalos de genéticas intactas há mais de seis mil anos, apostei cavalos e perdi, enfiei dinheiro na bolsa e dobrei, presenteei presidentes e duques só para que eles pudessem saber que eu existia.

Mas padeci, também. Aos poucos, me perdia. A Bia me fazia lembrar de onde eu vim, nunca esqueceu que foi o queijo do pai que colocou a gente no mundo, mas eu, aos poucos, conforme as coisas ficavam fáceis, perdia o gosto.

La conforme a maré e aprendia a dançar, transitava entre o público e o privado sem nunca ser percebida, acenava e sorria, mas não puxava uma salva de palmas, conversava com uma boa taça de vinho a noite inteira, se precisasse, mas nunca numa roda grande de figurões.

E nas noites, colocando a cabeça no travesseiro, eu só rezava para Deus proteger meu Lipe. Eu o entendia, era demais para ele; eu me culpei mil vezes, mas também parei de me culpar, depois de um tempo quando entendi.

Tudo poderia ter sido mais fácil se ele não exigisse que eu fosse ao Brasil. Se ele viesse me ver de vez em quando. O problema não era mais o dinheiro, ele podia vir, deixasse que as contas eu resolvia. Poderia ver o mundo fora da caixa, largar a mãezinha dele um pouco.

Mas não. Era sempre eu a me desdobrar, a me arranjar. Ele vinha só nas férias, mas queria eu fosse lá cinco, seis, dez vezes por ano. Quando a mãe dele

disse que aquele era o momento certo de cuidar de mim, ela tinha razão. Nunca que com filho e marido eu teria chegado tão longe. Sozinha, era só embarcar e dar adeus, com bagagem tudo ficaria mais complicado.

Às vezes eu ligo para o Guto só para saber como andam as coisas. Será que o Lipe percebeu que o irmão dele está definhando? O Guto se formou médico, está perdendo peso e cabelo ao atender plano de saúde de gente rica.

Ele me conta toda vez o quanto é difícil lidar com gente que tem tudo. Eu digo que gente que tem tudo acha que é rei do universo, mas ele ria, porque eu já era do time das pessoas que tinham tudo.

O grande problema do Lipe é que quando ele se magoa, ele esquece do mundo. Inventava qualquer coisa muito mirabolante para se ocupar. Foi assim estudando para o ITA, foi assim abrindo empresa com a mãe dele. Quando ele se magoa, se fecha e vai estudar, prosperar, vai fazer o que ele sabe que devia estar fazendo, mas não o faz porque, no fundo, aquilo não tem importância.

Engenheiro que só se preocupa com pessoas.

De coração partido o Lipe inverte prioridades. Deixa o amor no banco, igualzinho eu fiz, e vai lutar só com o cérebro. O grande problema dele é que ele acha que só a dor dele dói. E não vê o irmão que padece.

— Tudo bem, eu sei que ele é assim – O Guto de vinte e cinco anos me dizia, por telefone. – Faz parte da natureza dele, o Lipe é coração igual ao pai, não tá contente enquanto não tá fazendo merda.

— Guto, isso não é jeito de falar do seu pai.

— O pai é meu. – Amargo. O Guto de vinte e cinco não sorria e só distribuía patada. – Vai chegar um dia que vou cansar de amparar vocês dois e vou sumir no mundo: É sério.

— Não vai sem avisar para onde, Guto, pelo amor de Deus.

— Sumir no mundo é sumir no mundo.

— Mas você sabe que pode conversar comigo e me usar de penico, não pode? Saiba que não importa em que planeta você esteja, eu tenho como te resgatar, tá? Não ache que tá com as costas frias porque não está.

— Tá me apoiando em meter o pé em tudo?

— Eu nunca soube quem eu era de verdade até sair de Poços de Caldas. Alguns de nós, Guto – E por alguns de nós eu queria falar nós dois – precisa sair da zona de conforto para entender que nós não somos feitos só para cuidar dos outros e funcionamos muito bem sozinhos, sim.

— Mas você saiu daqui justamente para cuidar dos outros.

— Mais de mim mesma. – Ergui a mão para pedir a conta ao garçom e depois continuei – Sendo completamente honesta, eu acho que precisava dar uma volta por aí, eu por mim mesma, para saber por quem eu lutava minhas

batalhas.

— Descobriu, pelo menos?

— Não tudo. Nós temos coração mole, você sabe. Qualquer babaca que pedir ajuda a gente tá estendendo a mão.

— Uma porra, isso é.

— Pois é. – Suspirei conformada em ser uma imensa bunda mole que não serve nem para ficar brava e nem para dar cascudo, quando ama de verdade – Mas não tem jeito, Gu, é assim. Só lembra que eu tô aqui, tá? E não sai pelo mundo sem dinheiro.

— Tá. – Ele suspirou do lado dele, também – O Lipe tá sofrendo até hoje.

— Não fala isso... - Bastava para eu quebrar num restaurante lotado.

— Tá cada dia mais difícil, Dê. Para todo mundo.

— Eu sei que você não vai dizer isso, mas diz para o seu irmão que eu amo ele num tanto, ainda.

— Desculpa, mas não sou garoto de recado.

Desligamos e eu fiquei com um gostinho doce de falar com um amigo. Almocei sozinha em Bruxelas, entre uma reunião e outra. Paguei e subi dois lances de escadas, rumo a uma sala de reuniões onde eu encontraria um sheik, um príncipe e um duque, para falar de uma frota inteira de cavalos árabes.

O Guto ligou de novo enquanto eu entregava meu casaco pesado na recepção:

— Resolveu ser garoto de recado?

— Tio Carlos morreu.

Desliguei o aparelho para não ter que lidar com a notícia. Eu sabia, todo mundo do Brasil me ligaria em questão de segundos, foi no Tio Carlos que tudo começou, tanto comigo e o Lipe, quanto com o Encrenquinha e a Bia. Logo a família toda começaria a armar o enterro e contaria comigo lá, mas eu tinha, no outro corredor, três negócios importantes a fazer.

Era um hotel antigo em Bruxelas. Um restaurante no andar térreo, três andares de convenções seladas acusticamente e mais quinze andares de quartos. Andei pelo corredor até a sala de reuniões sentindo o coração no pescoço.

Como assim, tá morto? Abri as portas da sala e cumprimentei cada um deles. Atrasei para a reunião por falar com o Guto. Chequei as horas no relógio de parede: não, eu não atrasei, não. O que eles faziam ali mais cedo?

O Sheik era um quarentão muito bonito e apaixonado na minha irmã. Já até pediu a mão dela para o meu pai, vive dando presentes caros e nunca conseguiu nem dar oi para a Bia.

“Manda esse afrescado ir cantar o *inshalá* dele pra lá”. Eu ria só de

lembrar a Bia falando, mas, ali, demorei a pegar no tranco. Segurando a mão brônzea do sheik eu só sabia pensar no Tio. Morreu, mesmo? Beije-o num cumprimento saudoso, mais de amigos que de negociantes; cumprimentei Tobias, Duque Austríaco, e fui apresentada ao Príncipe que eu só ouvia de nome.

— Botelo, - arabe não sabe falar o som de LH nem sob tortura e meu nome sempre sai assim, Botelo – Este é Adam, de Mônaco.

Cumprimentei Adam de Mônaco num aperto de mão respeitoso e fui conduzida, o Sheik sempre faz questão de conduzir a Botelo, vai ver virei pet dele. Vive com a mão nas minhas costas, me leva para a cadeira, puxa para eu sentar e passa a conversa inteira virado para mim.

Frisa bem: ele estava de olho na Bia, não em mim. O máximo que eu tinha dele era o respeito e ser respeitada por um homem desses, para mim, já era muito.

— Obrigado por se reunir conosco – Ele continuou, percebendo que eu emudeci, falando em inglês com o Príncipe – Quando falei de você, Botelo, o Adam logo quis saber qual mercador de cavalos atraiu meus olhos. Espero que não estejamos sendo um incômodo para você...

— A mim? – Sorri, posta contra a parede por ter ficado tão quieta – De jeito nenhum, você sabe, Arabi, sempre tenho tempo a seus amigos. – Me levantei da cadeira respirando fundo e alinhando pensamentos – Todos aceitam um café?

— Brasileiro? – Tobias sorria.

— Bem, estamos em Bruxelas, eu não sei que tipo de grão eles têm por aqui... - Sorri um pouco mais, totalmente aérea e pedi licença – Mas vou dar meu melhor, tá? Um segundo.

Fechei a sala atrás de mim olhando os lustres, os batentes, o tom amarelado e moderno de todo o andar. Respirei fundo, ainda sem saber como reagir. *Morto?* E ninguém nem para dizer que ele esteve ruim de saúde? A bolsa ficou dentro da sala, eu não podia voltar lá e pegar o celular.

Ajeitei o blazer sobre o vestido.

Você vai ter que fechar esse negócio e só depois disso é que vai poder saber dos detalhes.

Você tá sabendo que isso vai implicar em olhar para a cara dos Ferreira outra vez, né?

— *Andreza?* – O Sheik veio atrás e eu não sequei as lágrimas em tempo. – Querida, o que aconteceu?

— Eu só preciso de um segundo.

— Você é como família para mim. O que você pedir.

Eu sabia que podia pedir o mundo para ele. Não sei como, mas aquele

homem realmente foi com a minha cara. Dizia que moça que enfrenta a máfia portuguesa de cavalos e vence (e no final, entendi que era o mesmo que uma máfia), é moça de se levar ao lado. Depois que nos encontramos numa partida de turfe ali mesmo, em Bruxelas, anos atrás, ele passou a viver ao nosso redor. Num dia nos encontrávamos em Mônaco, na semana seguinte no encontrávamos na França.

Acreditei por um longo tempo que ele vivesse de nos seguir, que esse era o passatempo dele, acompanhar as Botelho na sua grande e frustrada aventura pela Europa.

Não vou dizer que não usei dos contatos dele para prosperar porque é mentira. Cada vez que ele tinha uma festa, um jantar, uma aparição pública, lá estava Andressa para sorrir, acenar e oferecer um cartão.

Só depois dele é que nossa empresa foi para a Forbes. A gente já tinha motivo suficiente para ir antes, mas depois de sorrir ao redor do Sheik, bastou. Entramos num estábulo sob uma luz artificial, posamos para uma foto com sorrisos congelados e, no mês seguinte éramos notícia.

Minha mãe ligou para a família toda para contar do feito. Veio parente que eu nem sabia mais que existia dar parabéns pela conquista. Meu pai morria de orgulho, é claro, mas que nem a mãe, nunca vimos. Eu de salto, como sempre, a Bia com um dos chapéus do vô. A Botelho que vende cavalos e a Botelho que os põe na briga.

— Eu preciso ir para casa – Falei ao Sheik.

— O que aconteceu?

— Meu tio. – E limpei o canto do rosto – Acho que ele morreu.

— Espera um pouco – Entrou na sala de reuniões, e saiu, tudo muito rápido, com a minha bolsa na mão. – Pronto, para onde vamos?

— Arabi, eu vou ter que ir ao Brasil.

— Ainda bem, menina, três anos que te conheço e você nunca me apresentou sua família.

— É um funeral.

— Vamos ao aeroporto.

— É um funeral católico.

— Tudo bem.

Foi a primeira vez em dez anos que cancelei uma reunião. O príncipe e o duque entenderam não porque eu disse a eles, mas porque o Sheik o fez. Disse com todas as letras que ele tinha um compromisso inadiável e imediato e pronto, me levou embora para o meu quarto de hotel.

— Você sabe que pode chorar comigo aqui, não sabe?

Sabia, mas como eu poderia chorar com tanta coisa na cabeça? Brasil de

novo, funeral, meus parentes, Poços de Caldas. A Alicinha está na China com o nosso queijo, a Bia está em Portugal com nossos cavalos, como, meu Deus, como o Tio foi morrer logo agora?

Liguei o celular entrando no quarto. Uma enxurrada de mensagens e telefonemas num espaço de quinze minutos, todos da família, DDD de Poços de Caldas. A mãe e o pai mais de uma vez, mensagens sobre Deus nos grupos de Whatsapp, e-mails infinitos. Liguei para a Alicinha e depois para a Bia, as duas já tinham feito as malas e já estavam no aeroporto mais próximo que encontraram.

Eu ainda relutava dentro de um quarto de hotel, sendo observada bem de perto por uma pessoa que eu não entendia como podia ser tão boa para mim e não querer nada em troca.

— Enquanto você arruma suas malas, vou pedir que arrumem meu jatinho.

Eu não era mais nenhuma moleca perdida em Portugal, à mercê de um grupo que aceitava meu dinheiro, mas não meus pensamentos. Eu podia agendar viagem ou jato por minha própria conta, não era mais nenhuma menina, estive em mais lugares nos últimos seis meses do que qualquer mochileiro que dá a volta ao mundo e faz vídeo no Youtube para contar.

Andei, perseverei e venci. E continuo precisando de ajuda e caridade. E continuo congelando em vez de agir, tropeçando em vez de falar, calando em vez de reagir.

Imagina, Deus que me perdoe, mas imagina se eu encontro o Lipe justo num funeral? Se eu encontro o Lipe depois de cinco anos sem qualquer contato, se eu vejo que ele leva filhos e esposa, se eu vejo que ele está a versão mais linda do pai dele, com uma outra Nina no meu lugar, com um moleque de olho azul que não é o meu... ?

O ciúme queimou bem mais do que o luto queimaria. O Tio Carlos é uma perda imensa, a Bia vai sentir essa perda bem mais que eu, mas eu sei que o caixão vai descer e eu vou chorar pelo Tio que foi como um vô e que se orgulhou de todas nós como se fôssemos filhas.

— Você está mesmo bem? *Andreza*, estou falando com você. — É preciso dizer que ele também não conseguia falar *Andressa*?

Mentalmente, eu calculava os riscos de ir ao Brasil depois de tanto tempo. Nem para ver meus pais eu pisei lá. Pagava passagem, hospedagem e o que mais eles quisessem, tudo para que eu não fosse ao Brasil. Tinha medo do que poderia acontecer, de rever os espaços em que cresci, de ver a mocinha gordinha que não bronzeia acenando da borda da piscina e ver que eu não mudei nada.

Arrumei minhas malas selecionando peças escuras, sóbrias e que não dessem tanto na cara que eu estava com muito dinheiro. Eu sei o que iriam pensar de mim, vivi minha vida inteira sabendo o que pensavam de mim.

Primeiro, *gorda relaxada* que não sabe se vestir. Depois, *gorda sortuda* que ninguém sabe como é que foi amarrar o mais lindo dos primos. Agora, *gorda metida* a besta gananciosa que não sabe o seu lugar.

O meu motorista nos levou ao aeroporto e, às pressas, nos sentamos no jatinho do Sheik. A comissária de bordo me estendeu uma taça de champanhe, mas não fui capaz de arriscar. Lacey o cinto ao redor da minha cintura e fiquei olhando a janela enquanto ele olhava para a minha cara.

A minha proposta de vida era nunca mais voltar ao Brasil. Nunca dar de cara com o que eu deixei para trás e nunca perceber que, nessa viagem, eu perdi muito mais do que ganhei.

Toda esta amargura acumulada não foi só por causa do Lipe, não. Foi, também, mas vinha de antes. Vinha de um medo terrível de falhar, de voltar para debaixo da asa do pai, de ver meu valor se reduzir a tentativas frustradas. Não há nada maior no meu mundo que o meu medo de perder.

Eu podia ser gorda se vencesse, podia ser tímida se vencesse, podia ser solteira e ter a voz sem tônus, podia falar mansinho parecendo cachorro novo, podia ser tudo o que eu sou se eu tivesse uma conquista que falasse por mim antes dos meus passos. Se eu tivesse uma desculpa boa que me livrasse da culpa de todos esses defeitos.

Por isso eu fazia questão que meu pai e o Lipe se orgulhassem de mim. Por isso eu fazia questão de nunca voltar de mãos abanando.

Porque no fundo, Andressa Botelho nunca parou de se odiar.

No fundo, no fundo, eu me perdoaria se vencesse. Eu me amaria se conseguisse provar para Deus e o Mundo que não só as mulheres podem dominar o mercado milenar de cavalos, como também podia ser eu a Mulher a dominar tudo isso.

Placebos. Viver de se enganar que ainda não chegou onde queria. Viver de se colocar na curva. Tem mais para lá depois que a estrada se dobra e ninguém vê, tem mais ali onde ninguém foi, tem mais para saber, ainda não é tudo, dá para ir adiante, bastava virar ali, naquela curva...

Nunca seria o suficiente, eu sabia. O grande mote da minha vida, o sabor de ser alguém estaria incompleto enquanto eu estivesse sozinha porque eu perdi, no meio do caminho, a coisa que me fazia ver sentido em tudo.

Ser grande sozinha era uma carga dobrada. Não tinha mais a quem cantar vitória, vibrar junto, comemorar. Ele sempre disse que eu era ruim de comemorações e eu, de fato, o era. Sem ele não tinha graça. A Bia domava

cavalo arisco, eu comprava cavalo raro e era tudo.

Cheguei ao cúmulo de comprar cavalo do deserto pagando em camelos e armamentos, mas não vi que loucura era aquilo. Cheguei ao cúmulo de financiar guerra civil de cidades com nomes impronunciáveis desde que conseguisse meia dúzia de cavalos dignos não de vendas, mas de leilões.

E nunca bastava, porque as vitórias não eram as mesmas. Eu me perdi no caminho de um jeito que nem Brasil, nem dinheiro importavam mais.

Está certo, a culpa também era minha. Está certo, ele tinha o direito de procurar o seu melhor e de ir além sem esperar que eu voltasse. Está certo, ele tinha o direito de terminar comigo, mas por que então ele aceitou esse caminho? Por que assinar Portugal comigo, me incentivar a ir, desejar o meu melhor, se não podia, esperar que eu voltasse?

Eu falei cinco anos, não dez, é verdade, mas como a gente prevê o que acontecerá em cinco anos? Como a gente traça um plano de mercado aos dezoito anos e espera que ele saia perfeito, passo a passo?

Ele podia ter vindo comigo, se quisesse.

Mas também, que tipo de mulher eu seria hoje, se tivesse sempre um homem para acobertar meus perigos? Bem que a Tia Fê falou.

Por um lado, ainda bem que sou sozinha.

Capítulo 33

Saltei do avião em São Paulo e preferi esperar minhas irmãs para ir, de carro, a Poços. Fui a última a chegar, até a Alicinha que vinha da China chegou primeiro que eu. Trinta horas de viagem, horrível, um jet lag que eu já devia ter me acostumado, mas nunca me acostumei.

À tiracolo, o Sheik que nunca pisou no Brasil e ia comigo, sempre com alguém carregando suas malas, para onde quer eu fosse. Apoiava a mão no vão das minhas costas como sempre fez e me indicava caminhos.

— Olha isso, - Alicinha sorriu grande quando me viu, a mais delicadinha de nós três, o cabelo cortado curtinho e um jeitinho azedo quase infantil de falar das coisas – a bicha agora tá tão chique que tem até assistente colado na bunda.

— Deixe de ser besta, a assistente dela sou eu. – A Bia disse, beijando a irmã e depois a mim.

— E esse cara daí é o quê?

— Mercador de cavalo – Menti.

— E o que é ele tá fazendo aqui?

— Só... – sorri, cumprimentando Alicinha e dando um beijão no rostinho pequeno dela. – É meu amigo e quis vir junto.

— Você tem um jeito muito esquisito de ser tratada pelos amigos.

Apresentei Alicinha ao Sheik e ele ficou surpreso com o fato de eu ter uma terceira irmã. Vi o jeito envergonhado dela de receber um beijo na mão e outro no rosto, o como ela pareceu uma criança ao lado dele e o jeito que ele manteve, em dobro, a pose de homem protetor. A Bia também viu e enviou uma olhada para mim como se previsse o fim das coisas, mas não disse nada.

— Ele sabe português? – Alicinha perguntou para a Bia.

— Sabe nada.

— Gente do céu, que homem cheiroso da porra.

— Aquieta o facho, hoje é dia de funeral.

— Hoje é, mas nada como um dia depois do outro.

Chegamos e fomos direto para a fazenda do Tio Carlos. A parentada toda ali, café circulando entre as visitas, os tios mais velhos, as minhas primas distantes. Encontrei meus pais entre Tio Rubens e o irmão dele, Roberto, que fez igual Tio Digo, deu linha lá para São Paulo e só voltava assim, em data importante.

Minha mãe, que conviveu muito mais com Tio Carlos que o resto de nós, chorava um pranto triste e silencioso, quietinha, explicando que foi do nada, que ninguém previu o que aconteceu, que ele simplesmente deu boa noite, foi se

deitar e acordou assim, quer dizer, não acordou.

A Bia se enfiou no meio dos Tios mais velhos e beijava um por um, com condolências sinceras, chapéu na mão, respeitosa como um peão velho. Beijou Tio Rubens que mal se cabia de angústia e eu fui atrás, num beijo cuidadoso e sem me anunciar.

— Ô, menina, obrigada por vir de tão longe só pra isso.

— Que isso, Tio, faço com gosto.

— Papai dizia que você era igualzinha vó Teresa.

Duvido muito. Minha vó de coração não teria sido tão baixa e tão ruim em alguns momentos. Sorri agradecendo o cumprimento, minha mãe veio depois com abraço de amigo. Tio Rubens cresceu junto com a minha mãe, cerca com cerca, na antiga fazenda que a minha mãe cresceu, agora parte da nossa fazenda.

A história de aglomerações de fazendas nesse lado de Poços começa com três pedacinhos de chão que cresceram com o queijo. Primeiro meu vô de coração começou no fundo do quintal, e minhas avós, tanto a biológica quanto a de coração, mãe do Tio Digo, chegaram logo depois. A mãe da minha mãe ficou viúva bem cedo, então o meu vô de coração dividia os ganhos meio a meio com ela. O Tio Digo e a minha mãe vendiam de carroça pela cidade e, aos poucos, tudo foi modernizando.

Minha mãe sempre foi dona do patrimônio do queijo, só que quando a mãe dela morreu, as famílias se separaram e a minha mãe foi trabalhar em outra coisa, o Tio Digo foi para São Paulo, os meus avós de coração continuaram dando duro até que minha mãe pediu ajuda ao meu vô, pai do Tio Digo, para tirar meu pai, o André, das drogas.

E então as Botelho voltaram para o queijo, meu pai entrou de diretor da fábrica, meus avós o aceitaram como parte da família e a Bianca nasceu. Meu Tio Rubens também vendeu queijo, mas só por diversão e para ficar com o resto da primarada, porque o Tio Carlos tinha vaca no quintal e, aos poucos, entre as gerações que vieram depois, ele produzia leite para toda a região.

Tanto é que até hoje o leite que nós produzimos queijo vem do Tio Carlos e a gente não é doido de trocar. É o leite que a gente confia e, até hoje, é a Bia quem cuida da alimentação das vaquinhas.

Tudo em família, né. Essas coisas de família são complicadas porque a história não termina. Você vê o Tio Digo com restaurante chique e não pensa que ele vendia queijo junto com a minha mãe, numa carroça puxada por um cavallinho sofriiido que só. Olha para a minha mãe, morena igual a Bia, e não imagina que ela seja casada com um loiro europeu que já foi dependente químico e que hoje comanda a Holding de uma fábrica que começou no fundo do quintal.

A Alicinha olhava apaixonada para o pai, igual sempre olhou, de mãos dadas comigo, uma sala antes de a gente ver o corpo velado em casa. No interior costumava ser assim, parente velado em casa por uma noite inteirinha, na sala ou na cozinha, a cargo de quem estava vivo. O Tio Carlos era o último dos senhores da geração do meu vô, que colocou tudo isso em pé. Os patriarcas da família agora são Tio Digo, o meu Pai e o Tio Rubens.

Caramba, como o tempo passa. Tio Rubens tem dois filhos, mas nenhuma esposa. Casou-se cedo com uma moça linda que morreu no parto do segundo filho e nunca mais casou de novo. O filho mais velho do Tio até já namorou a Bia, mas não durou. Eles ainda se juntaram por bastante tempo para cantar modão porque são primos, mas quando voltamos da Europa, esse menino era zootecnista formado e especializado em gado leiteiro, com esposa e um filho já, netinho do Tio Carlos que não vai se lembrar do semblante do vô.

Parada com o chapéu na mão, a Bia conversava com os outros dinossauros da família, amigos do Tio Carlos, fazendeiros do outro lado de Poços, conversava até com o filho do Tio Rubens, esse que eu acabei de falar. Um jeito sério nas sobrancelhas e o pesar sentido. O Tio Rubens sempre tratou a Bia por filha, sempre respeitou sua maneira bruta e nunca a tratou com mais cuidado por ser menina. Tio Carlos costumava falar que a Bia era a menina que ele nunca teve.

E a Bia chorou muito quando viu Tio Carlos no caixão. Eu não tive esta mesma relação com o Tio que ela, eu sempre fui mais do lado de cá da cerca, dentro dos escritórios e depois que o leite já coalhava. A Bia é que ganhou um cavalo do Tio quando teve quinze anos, que alucinou de feliz por causa disso e que decidiu o que queria fazer da vida só de olhar o cavalo a primeira vez.

Beijou o tio com carinho uma última vez, agradeceu pelos anos que foi sempre muito bem recebida em sua casa e pelo mote de vida que ele deu a ela sem saber. A Bia, quando chora, parece que leva você lá para o fundo da alma dela, de tão doído que é. Esses anos todos fora ela veio ao Brasil muitas vezes, sempre trazia alguma coisa consigo, vinha para administrar a ração e as vacinas, nunca parou de se preocupar com o lado de lá da cerca, nunca parou de tocar a viola velha nas noites frias do ano e nunca parou de saber quem é que estava do lado dela.

Eu é quem precisava de checagem constante. Eu é que funciono nas agendas e nas planilhas, nos computadores e nas ponte-aéreas. A Bia sempre foi só coração e, por ela ter sido sempre assim, eu quem me responsabilizava em ser o lado esquerdo do cérebro do organismo de três filhas.

Me tomou num abraço apertado, enquanto eu esperava a Bia terminar de se despedir do Tio, um homenzarrão gigante, nem vi chegar, costas muito largas,

um metro e noventa para mais, camiseta branca e cheiro de banho. Nem entendi quem era, nem retribuí direito o abraço porque eu não vi seu rosto, esmagada no peito duro dele.

Era o Guto. Minha Nossa Senhora, o que a Tia deu para esse menino? Fermento? Barba no rosto, os olhos vermelhos de sono e olheiras grandes. Acabado. Vinte e cinco anos com cansaço de quarenta. Sorriu o mesmo sorriso do pai dele, o maxilar quadrado, a camisa surrada de velha escrita “MEDUSP” e o jeans. Caramba. Pelas fotos do Facebook eu sabia que ele estava lindo, era o Guto, sempre foi lindo, mas não sabia que era tanto.

— Geeeeente do céu, que Gato! – Eu sorri, ficando na ponta dos pés para beijar seu rosto.

— Fala baixo, isso é um funeral.

— Eu tô falando baixo!

— Vem, respeita o morto.

Me puxou pela mão para fora da sala e eu fui. Credo, que mão gigante. Como ele é médico com uma mão desse tamanho, uma força desse jeito, uma altura dessas. Caramba. É mesmo o Guto? Aquele que via parto de mulher grávida, que seguia atrás do irmão para fazer besteira, que vivia para cuidar da Manu?

Meu Deus, se o Guto está assim, como será que está Manuzinha? Da última vez... ELA JÁ TEM DEZOITO??

— Caramba, – Eu falei, olhando para ele de baixo para cima – o tempo passou tanto assim?

— Dez anos, fia.

— Você tá com cara de acabado.

— Essa é a primeira e última vez que a gente vai se ver – Ele disse. E que vozerão rouco e grosso!

— Por quê?

— Porque não é só a cara que está acabada.

— Já sabe para onde vai?

— Já.

— Vai dizer?

— Não.

O que eu podia falar sobre ir embora? Sorri olhando para o jeito ainda quieto, dele. De todos os Ferreiras que eu conheço, aquele é o único que sabe se dar bem sozinho e que nunca nem pensou em trocar de profissão para agradar à mãe. Sorri olhando o jeito dele, tão grande e tão forte, tão quieto e para dentro.

De todos esses anos, o Guto foi o único que quis manter conversa comigo mesmo quando eu dizia que não voltaria ao Brasil. Sorria e dizia que o tempo

das coisas quem dá somos nós e a frase que ele usou por muito tempo, também:

Carpe. O Resto o leitor já sabe.

— Aqui. – Puxei o meu cartão de crédito da bolsa e dei a ele – Pode usar.

— Cê tá louca.

— Sério. Use. Pode guardar para uma emergência, não ligo. Eu não vou monitorar seu gasto, nem quero saber onde foi. Só use se precisar.

— Está falando sério?

— É tudo o que eu posso fazer para ajudar. Eu sei que você está indo com dinheiro e que planejou bem toda a sua viagem, mas imprevistos acontecem e eu não quero que você volte para casa por falta de dinheiro. Fique lá, não me interessa onde, pelo tempo que precisar.

— Agradeço, vou guardar comigo, mas não vou usar.

— A senha é o aniversário do seu irmão: dois dígitos para o ano.

— Ele veio.

— O Lipe está aqui? – E então eu esqueci que era velório, que a Bia chorava o adeus para o Tio, que o Sheik conversava com a Alicinha, que todo mundo ao redor me conhecia. Eu só... perdi a calma.

— Se acalma, ele não vai querer falar com você.

— Eu sei.

— Mas saiba que eu estou do seu lado. Vou sempre te atender.

— Tudo bem se ficar do lado dele, Guto, ele precisa de você mais do que eu.

— Todo mundo vai ficar do lado dele, o Lipe é Solar, eu vivi ao redor dele esses anos todos, o tempo todo, cuidando e segurando a cabeça dele nos porres. Eu não posso mais cuidar dele porque preciso cuidar de mim antes que eu faça uma besteira muito grande. Pensa com carinho sobre voltar, cuida do meu irmão no meu lugar.

— Obrigada por cuidar dele.

— Faça porque o amo, - ele sorriu – você não tem que agradecer, é isso o que o irmãozinho faz.

— Vem cá, Gutinho... - Naquela hora, não era preciso dizer, eu já me derretia toda de tanto chorar. Dei um abraço nele, bem apertado. Irmão a gente não escolhe, nem primo, mas amigo é uma coisa tão forte que parece que você também não escolhe, só aceita e deixa a luz entrar.

— Você é um exemplo para mim e não sabe. Acho que é hora de saber. Não se culpe quando todo mundo te culpar, não se rebaixa quando todo mundo quiser te rebaixar. Não se envergonhe, tá legal? Porque a gente só sabe viver para os outros e ninguém percebe.

— Guto, - Eu perguntei – E se a gente for a árvore do meio da floresta

que ninguém sabe se faz barulho porque não tem ninguém para ouvir?

— As outras árvores vão saber que você caiu. E você só vai cair de teimosa, porque conversa de árvore serve para engrossar raiz. – Me beijou o rosto e riu quando me largou, enxugando os olhos – Tchau, Mosca-Morta. Que eu vou dar um beijo de adeus no tio.

— Tchau, Mosca-Morta. – E ri, porque somos as mosquinhas mortas de nossas famílias.

Vi quando ele entrou de novo na sala do velório. A Bia não estava mais em cima do Tio, mas estava do lado. A Bia não reconheceu o Guto quando o viu, mas leu a camiseta dele. Médico, só podia ser o Guto. Vi o Guto se abaixar para cumprimentar o Tio cheio de flor nas molduras e vi a Bia continuar olhando para o Guto de um jeito que eu capto de longe.

Ê, médica de bicho.

Sentada num canto olhando a parentada se cumprimentar, reunida de novo, todos ao redor da sala do velório, eu cacei cada cabecinha em busca da cabeça dele. Tia Fê fica mais bonita a cada dia, sempre com o Tio ao redor, ele que fica grisalho e charmoso, o sorriso sempre lindo e a fala sempre muito solta. Vi Manuzinha chegar num vestido longo preto, botas de cowboy e tatuagens cobrindo os dois braços. Manuzinha encarnou o Monstrinha que todos da família a chamavam. Batom vermelho, tão magrinha e esguia, os cabelos brancos presos num laço preto muito adornado.

Bibelô do diabo, aquela menina. E ela não me reconheceu: me viu, mas não entendeu que viu e seguiu em direção ao restante dos parentes. Tio Digo me deu um abraço cheirando a colônia, um sorriso do tamanho do mundo e um “Seja Bem-vinda de volta”.

Tia Fê foi mais sucinta:

— Ê, Vaca Megera... - E me abraçou também. – Precisei só matar um dinossauro para ver você de novo, né? – Viu que eu só sorri fazendo cara de “fazer o quê?” e continuou – Ele está no carro, não sei se vem.

— Tudo bem, espero.

— Mas de resto, você está bem?

— Estou, sim.

— Não parece muito, não.

— Seu filho, Tia. Sabe como é.

— Sei, mas sarna com gosto não coça.

E saiu para seguir o marido. Continuei sentada esperando. Eu podia esperar a minha vida toda, podia sentar lá e apreciar meus parentes, sozinha, olhar pessoa por pessoa, nos modos e no como se tratam, podia esperar o velório acabar, ficar com o Tio Rubens e esperar o pessoal do transporte chegar, podia

coordenar o pessoal do transporte enquanto o Tio Rubens se banha e se tranquiliza e podia passar a noite inteira esperando até que ele tivesse coragem para me ver.

Eu sei, ele terminou, era para eu ter raiva e rancor, era para eu tê-lo impedido, era para a gente ter estado junto estes dez anos, sempre fomos mais amigos que namorados, sempre nos tratamos de igual para igual, era para a gente pelo menos ter mantido a amizade.

Com a nossa separação, separamos os Botelho dos Ferreira. Os meus pais iam para a Europa no Natal e os Ferreira não tinham mais casa do vô para ir. Se viam quando queriam, mas não muito, a Alice me contava, o clima era estranho porque o Lipe se recusava a colocar os pés na casa dos meus pais e meus pais não sabiam o que fazer quando os Ferreiras chegavam lá sem o Lipe.

Era para eu ter ficado fora só cinco anos, não dez, era para ele ter me acompanhado, me dado suporte, era para eu não ter precisado de suporte, também, era para eu ter sido clara e dito que talvez cinco anos fossem poucos e não reforçasse a ideia de que estava acabando a cada vez que ele me contava que tinha saudades.

Falando assim, até parece que eu não tive saudades. Até parece que eu consegui fazer alguma coisa da minha vida além de trabalhar. Até parece que eu me relacionei com cada criador de cavalo das cidades onde estive, que aceitei casamento, que movi com a minha vida.

Até parece que eu não era mais a menininha de doze anos apaixonada secretamente num primo sem nunca ter coragem de me declarar para ele.

Até parece que passaram dez anos e que mudei muito. Até parece.

Mas então, atravessou a porta de entrada, no cair da tarde, quem devia atravessar. Camisa azul e calça jeans. A camisa puxada para a esquerda, como sempre foi.

Chegaste. E desde logo foi verão.

Capítulo 34

Não me olhou dentro da casa do Tio Carlos. Não olhou quando o corpo saiu, quando todos se agruparam em carros, quando chegamos ao cemitério, nem quando o caixão chegou sob uma salva de palmas. Não olhou nem para mim, nem para as minhas irmãs. Funeral pelo Tio dele e só, eu te entendo, Lipe, não tem problema, a gente pode conversar depois.

O Sheik ao meu redor me colocava numa posição esquisita. Corria pela boca dos parentes que ele era meu noivo, mas não era. Estava ali comigo, o tempo todo, mas não tinha nada com o meu coração.

Jogamos flor e dissemos palavras de amor a nosso Tio, Tio Rubens e Tio Digo discursaram emocionados, o Tio Digo lembrou do pai e da mãe dele, fez a gente rir com um momento da vida do Tio Carlos, de quando a geração dos meus pais era moleque. Choraram e riam em cima do túmulo, os coveiros empurrando o caixão para baixo, uma chuva de flor. Enterrado do ladinho da esposa dele que se foi há muito.

Foi um enterro dolorido, é claro, enterro é isso, a gente joga flor para não se esquecer que está vivo, para tapear a morte e flor é sinal de vida, de viço, de brilho. Enquanto o caixão descia procurei por ele e o vi, atrás da mãe dele, os olhos fixos no caixão. Sempre com uma florzinha na mão.

Moleque de roubar flor de canteiro. Sempre foi. Nem consegui parar de olhar. Não passou nem um segundo da minha vida, não houve tempo para chorar de adeus, de dar tchau. Nenhum tchau seria o suficiente porque eu passei a minha vida inteira te esperando, amor. A minha vida inteira coordenada pelo esperar você chegar. Se tocar que te quero, perceber que eu estou ali. Bem do seu lado em todas as ocasiões da sua vida.

Sua colação de grau da faculdade cheguei em cima da hora porque atravessei quarenta horas em cima de um carro com asas. Sua defesa da tese de mestrado eu voei direto do Japão para cá, parei no aeroporto e fui direto para a USP. Você esperou eu chegar para poder defender e sua mãe não estava na banca avaliadora, mas sentada do meu lado, me agradecendo por ter vindo.

Você sempre só soube ficar bravo porque atrasei. Você não entendeu que eu parei e paro quantas vezes você quiser, você não entendeu ainda que não é o centro da minha vida, você é Solar e o Guto tem razão. Você é o filho mais velho, o amor da mãe. Você entende que todo mundo ao seu redor se desdobra por você, mas não vê que dobrar-se dá um trabalho do cão.

Você é como a sua mãe, mesmo. Dê a mão para ela e podem ir os dois para o inferno. Acima do mundo, nunca errados, sempre esperam que o outro

peça desculpas. Você, Lipe. Você... Tão...

De cada lado do caixão, a família dele e a minha. A primeira geração enterrada. A nova geração não se bica muito porque os filhos estão separados. Vem para junto de mim, Príncipe, olha para mim, vê que eu precisei de tempo, acredita que eu estou sempre pensando em você, rezando para Deus proteger você, cuidar de você. Acredita em mim, amor, que nosso Sonho não é assim tão diferente.

Funguei o nariz sem querer e ninguém ligou, aquilo era um enterro, puta que o pariu. Funguei e ele viu, olhou direto para mim, cruzou o olhar comigo e se deixou ficar. Não chovia. O Olhar duro e sofrido, sentimental e amargo. Amarrou as sobrancelhas como costumava amarrar, contrariado dessa vez, nada de dois garotos descobrindo sexualidade. Travou o maxilar para não chorar e eu só lia o rosto dele me dizendo:

“Quando é que você vai voltar?”

A gente sempre foi bom de ler fisionomias, você lembra? Eu nunca soube que palavras ele usava para conversar comigo em silêncio, mas lia o que queria dizer. Era a nossa língua, o jeito que a gente desenvolveu. Ele amarrava as sobrancelhas com os olhos molhados, o maxilar travado e a cabeça tombada só um pouquinho, um pouquinho mesmo, para o lado. Como se dissesse:

“Por que você faz isso comigo?”

Esperou dez anos como eu esperei, não é? Celibato por opção, ninguém era o bastante. Ninguém completa você como eu completo. Ninguém vai onde eu vou, você não quis olhar para o lado. Ninguém fincou bandeira onde você fincou, Amor, ninguém nunca foi tão longe. Ninguém nem sorri como você, nem completa piada idiota do jeito que você completa.

“Se eu voltar, você me dá a mão e não solta nunca mais?”

Eu nunca nem quis ficar lá para sempre. Eu sempre planejei voltar, você sabe, não é surpresa. O Jorge só continua no Jockey porque é a Bia fez questão, mas aquele lugar já é meu.

Só não voltei ainda, Amor... Porque eu morri de medo de encontrar você com outra Nina. Porque eu morri de medo de você me rejeitar, não querer falar comigo, ignorar que eu existo. Lá fora, no país dos outros, eu podia ser quem eu quisesse. Olha o Sheik do meu lado, ele tem tanto dinheiro que não entra na lista dos mais ricos, é dinheiro milenar, coisa da época dos sultões. E ele está aqui, comigo, num enterro de gente da roça enxugando as lágrimas porque a nossa família é linda fosse no idioma e na religião que fosse.

E eu morri de medo de você colocar outra pessoa nela. Eu morri de medo tantas vezes que já aceitei morar em hotel, pagar mensalidade por serviço de quarto, chamar camareira pelo nome, cumprimentar porteiro e deixar pago no

restaurante, num dia muito frio, quantos cafés ele quisesse entrar para tomar.

Amor, eu já aceitei usar a sala de embarque de escritório. Eu já fiz minha vida inteira baseada numa mala de viagem. Já arqueei minha vida na nuvem.

Você entende que eu estou sem lugar para morar e que deixei que a minha irmã ficasse dividida entre a vontade de voltar para casa e o medo de me deixar sozinha só com as coisas que vão dentro da minha cabeça?

Ser sozinho é diferente da solidão.

Algumas pessoas melhoram com o tempo, aprendem, vão à luta, batalham, conquistam. E mesmo assim, mesmo assim, diante de tudo isso, elas preferem ficar escondidas da luz muito forte. Elas preferem não ter que colocar a cara no mundo, não digo se esconder, elas não gostam de exposição e convivem bem no anonimato.

Eu já fui a lugares sem água encanada e já fui a hotéis seis estrelas. Eu já rodei o mundo, já vendi cavalo e cobertura a muita gente, você não imagina o quanto. Eu já vi tourada e dança do ventre, assisti tango argentino, conheci vinho francês e condados do Sul do Sul do Sul do mundo. Já vi gente morrendo e gente nascendo. E mesmo assim, com tudo isso, diante desta vastidão,

eu ainda continuo preferindo você.

Eu já conheci todos os homens do mundo. Já visitei todos os homens do mundo. Eu já pude ter todos os homens do mundo. Poderia comprar cada um deles, Amor, e você sabe, no meu mundo amor se compra.

Mas eu volto para o Brasil por você, Lipe. Quantas vezes você quiser porque a minha casa é aqui, mas você precisa entender que eu vou continuar viajando porque eu não sou cidadã de Poços de Caldas, eu não sou filha do meu pai com a minha mãe, eu não sou a primeira da faculdade.

Eu sou do mundo. E o mundo é meu, também.

Ao mesmo tempo que eu sou sua, sou do mundo também. E sou livre para transitar onde as mulheres não transitam, para sentar onde as mulheres não se sentam, para dizer o que as mulheres não dizem.

E eu não vou largar todo este caminho para seguir atrás de você.

Um dia você disse que era para a gente sentir medo junto, não era? E onde você esteve às três da madrugada quando eu precisei de você? E onde você esteve quando eu pedi mais tempo, quando a máfia portuguesa de cavalos já tinha engolido quinhentos mil euros meus e pedia mais quinhentos mil para não me excluam dos negócios?

E onde você esteve quando a Bia quebrou o maxilar por coice de cavalo arisco? E quem segurou na minha mão quando eu sentei à mesa com a milícia de Dakar?

Ninguém, pois é.

Isso me fez mais forte que qualquer um. Eu chorei sozinha no canto do quarto e virei uma alcoólatra de primeira.

Meu coração é todo seu, vê se não se esquece disso: mas as minhas decisões sou eu quem toma.

E não venha me olhar com rosto de cachorro arrependido de quem me esperou voltar porque eu te quis do meu lado. Eu te quis comigo, construindo ponte maior que qualquer ponte que sua mãe sonhou, eu te quis colado no meu ombro, chutando porta comigo, arrebatando correntes e rindo, um belo de um batom na cara, dos meus beijos, marcado, que é para ninguém chegar perto do que é meu.

Mas você não quis. E deixou o Guto guiar teus passos. E deu a chave da sua vida na mão da sua família, seguiu, arisco, sem completar seus sonhos, porque eu sei que o seu sonho é ser como eles. Grandes como eles são, você nunca foi homem de ser sozinho e eu entendo.

Família para você é tudo, os seus, seus amores, quem você ama e protege.

Só que as vezes a gente tem que entender quem somos e que pode acabar se confundido com o que os outros são, de tanto que convive. A gordinha que não bronzeia cresceu, amor. Você precisa entender isso. A gordinha não é mais inha. Eu não sou reflexo da Bia, nem da Alice, nem dos meus pais, nem de você.

E eu sou eu. Pequena assim, medíocre assim, manipuladora assim.

O caixão desceu e eu não vi. Fecharam o túmulo e eu não vi. As famílias escoaram pelas saídas do jardim gramado, abraçados uns nos outros, alguns mais tristes e outros silenciosos por respeito às tristezas. Eu fiquei. Olhando para ele, do lado de lá do túmulo, não mais namorando, mas constatando que eu era a mesma menina, só que mulher.

Olhar para ele fechando a camisa num blazer escuro, os cabelos bagunçados e o olhar sério me fazia lembrar do menino que lambia pratos. Que ria um riso fácil e vivia para me pentelhar. *Menino*. Algo de menino resta no homem de vinte e sete anos que me olha com os olhos molhados. Um misto de estudar muito com proteger sempre a irmãzinha, misturado a um menino que está na cara que namora muito mais ainda é virgem e guarda aquele pedacinho para perder com a menina certa.

E eu sou sua menina certa, Lipe. A única.

— Tá bonita. — Ele disse, baixinho por entre os lábios que esqueci como é que beijam.

— Obrigada. — Não sorri, mais trêmula que vara verde, doida de vergonha e ânsia de chegar nele, bem pertinho e constatar que ele ainda tem o colarzinho da vó. — Posso chegar perto?

— Vou deixar essa flor para a vó. — Ele atravessou o túmulo e eu esqueci do quanto ele era mais alto que eu. Alto de a gente ter que ficar na pontinha dos pés para chegar nos lábios. Alto de a gente caber certinho no meio do peito. — Quer vir comigo?

O túmulo da vó e do vô estava coberto de flores, naquele dia. Limparam-no e o enfeitaram. Mal consegui chegar na esquina do túmulo do Tio Carlos. Veio, pungente, um soco no estômago. A gente cresce e fica besta. Mente que não tem saudades, que tem mais coisa para fazer além de sentir a falta, enfia um montão de afazer, vence umas batalhas grandes e acha que elas é que vão curar o buraco no meio do peito.

Veio, de me fazer querer tomar a iniciativa. De me fazer querer dar três tapas na cara dele, gritar com ele, fazer barraco sem começar pedindo desculpa, de dar uma de louca, berrar no cemitério e acordar todos os mortos.

Mas eu sou eu.

Caminhei até o túmulo dos nossos avós, a foto deles permanece a mesma. A lápide do amor também. Todo mundo cresceu ao redor deles porque eles também são solares. Eles também construíram uma casa de barro que já passou por inúmeras reformas, mas nunca perdeu a estrutura simples.

Ele deixou a flor e olhando para a vó e o tipo de mulher que eu ainda quero ser, em respeito a ela e o jeito como ela sempre me disse que não tem problema chorar por tudo, que ela também chorava, mas escondidinho do vô para não dar preocupação, eu só deixei que tudo viesse e que eu fosse a árvore que cai.

Num impulso besta que só os apaixonados fazem, antes que a gente começasse a brigar muito, puxei-o pela mão e só aceitei que a gente é idiota. Que somos frenéticos num tanto que não dá nem para comentar. A minha cabeça e os impulsos dele, tudo em 220. Abracei-o sentindo o cheiro de perfume. Lipe, desde que me mudei do Brasil, usa perfume. O mesmo perfume de sempre, madeira e limão. As mesmas manias de não usar amaciante. Senti o rosto dele encostar na minha cabeça, as mãos dele ao redor de mim, o cheiro e o conforto de saber que estou em casa e que não tem lugar do mundo que me dê as boas-vindas do jeito que ele me dá.

— Seu noivo não vai achar ruim?

— Não é meu noivo. — E joguei verde: — A sua noiva vai?

— Não joga comigo, Botelho. Você sabe.

— Eu vim só para o funeral.

— Eu sei.

— O Guto vai embora.

— Eu sei, só fica quieta um pouco.

— Tô nervosa.
— Também tô. Virei a noite pensando se vinha.
— Eu sei.
— Só vim porque é o Tio.
— Você já vai embora? – Perguntei – Será que eu posso olhar para você mais um pouco, antes?
— Tem coisas sobre mim que você vai ter que aprender tudo de novo.
— Tem coisas sobre mim que eu nunca te contei. – Respondi, olhando-o nos olhos – Eu sei, era para a gente estar muito puto um com o outro, agora.
— Já passou a fase da raiva.
— ... só que como eu brigo com você, Lipe? Como eu vou trazer à tona coisas que você nunca vai entender e como eu vou falar e apontar o dedo na sua cara, se eu sei, do fundo do meu coração, que você fez tudo o que pôde?
— Eu fiz tudo o que eu pude – Chorou – Se eu não pude fazer mais foi porque não deu.
— Eu sei, Lipe, eu sei. Eu também fiz tudo o que pude.
— Desculpe ter pedido mais. É bom saber que você está bem.
— É bom saber que você não me odeia. – Sorri.
— Eu te odeio, não se engane. E tentei não te amar, também.
— Ainda tem amor sobrando para me dar seis meses?
— Você ainda quer mais tempo?
— Como eu trago cem cavalos e um time para o Brasil, se não tiver tempo?
— A gente briga quando você voltar. Eu tô de frente para o túmulo da minha avó, não posso fazer desfeita com ela.
— Eu não vou voltar só para brigar.

Capítulo 35

— Tia, eu estou prestes a fazer a maior cagada da minha vida – Eu disse, no portão de embarque, na primeira vez que eu ia do Brasil para Portugal. Depois que a gente se despede de todo mundo e vai sozinha com a mala de mão para o detector de metais, ainda tem um belo momento de espera até sentar na aeronave.

Era eu, dezoito anos, sozinha no mundo com a minha mala de mão, olhando para o Brasil pela última vez pensando que merda que era tudo aquilo. Você pensa se vale a pena largar o certo pelo duvidoso, se você não é muito nova para decidir tanta coisa, se o meu pai não está maluco de colocar meu nome na cabeça da Holding e se não era loucura transformar a nossa queijaria, os queijos que a minha mãe já vendeu de porta-em-porta junto do Tio Digo, numa transnacional.

Eu sabia, sentada naqueles bancos azuis cheios de tomada para carregar o celular, que perdia uma coisa substancial. Perdíamos, na verdade. Meu coração sangrava e eu tremia de medo só de pensar em perder o menino que eu amei a minha vida toda.

Choramos juntos no portão de embarque, ele me beijou o rosto todo desejando que eu fosse feliz, limpou as minhas lágrimas e me mandou ser forte até que a gente conseguisse se ver de novo.

E disse que eu só poderia fraquejar quando a gente estivesse junto, que então ele fraquejaria também.

Prometemos que seríamos fortes em separado. Que eu ergueria a cabeça e nunca deixaria ninguém passar por cima de mim, nem mesmo a Bia, nem mesmo o Jorge. Chorando, disse que era para eu ser forte por nós dois e conquistar o mundo inteiro.

E todas as vezes que eu pensava em desistir eu me lembrava do menino que sofria calado e chorava em silêncio só para que eu pudesse viver o meu sonho.

Não vou falar que nunca pensei em desistir. Todas as vezes que eu perdi dinheiro, que tentaram passar a perna em mim, que os homens da Coudelaria se reuniam em silêncio e não me chamavam, que os lucros não me eram repassados, eu pensava em meter o pé dali, voltar para casa e me contentar com a queijaria.

E então eu usei o Lipe de escudo e de bandeira. Era a minha obrigação fazer o nosso sofrimento valer a pena, era a minha obrigação fazê-lo sentir orgulho de mim, era a minha obrigação entregar um resultado satisfatório não só

a ele, mas a todos que estavam torcendo e confiando em mim.

Foi uma batalha que eu nunca lutei sozinha. Meu pai me deu a confiança dele, o dinheiro dele e todas as ferramentas que ele levou anos para juntar. A Bia me deu seu cérebro, o amor pelos cavalos e terminou a relação dela com o Jorge só para me seguir por Portugal porque sabia que eu precisava dela ali, comigo.

E o Lipe me deu tempo. Todo o tempo que ele tinha.

— Filha, - a Tia respondeu, pelo telefone – você está fazendo uma cagada e tem que saber disso.

— Eu sei, tia, mas...

— Então dança em cima com gosto. – Ela disse. – As pessoas só vão te ver de dois jeitos, meu amor, ou uma bestona tola, ou uma Vaca Megera. Não tem meio termo para mulher, ou é songamonga, ou puta. Qual delas você vai querer ser?

— Eu não sei, tia, eu...

— Se você der meia volta e não for a Portugal, eu nunca vou te respeitar, menina. Você vai para sempre ser a songamonga medrosa demais para sonhar, lagartinha que nunca virou borboleta e eu não quero filho meu casado com uma mulher dessas, tá me ouvindo?

— Vai doer demais em todos nós.

— Vai, vai sim, mas a gente recupera, a gente sara, a gente amputa, se enche de remédio para dormir, bebe até cair. Se você der meia volta e não for buscar seu sonho agora, enquanto tem dezoito anos e uma porrada de torcida, pode esquecer, amor, não vai nunca mais.

— O Lipe...

— O Lipe merece mulher com marca de guerra, maluca pirada sob a falsa fantasia de santinha, mulher com gana própria igual o pai dele falou. Se você voltar e o Lipe entender que pode fazer com você o que quiser, que é só ele estalar os dedos que você volta, amor, você está fodida. Se prepara que ele nunca vai te respeitar. Deixa que do meu filho cuido eu.

— Eu não sei se essa é a melhor saída.

— Vou te contar um negócio, tá? Quando o Lipe era pequeno eu tive a oportunidade de fazer mestrado fora e não fui porque o Dio não deixou. Fiquei porque pensei, ah, aqui é que é meu lugar, meu mundo, meu marido tem emprego aqui, minha vida é toda aqui. Só que aí, amor, veio o Guto. E eu não tive mais como sair daqui, nunca fiz meu mestrado fora, foi um sacrifício danado fazer mestrado com dois moleques pequenos, foi tudo muito difícil porque quando você tem marido e filhos a vida fica muito mais difícil. (É, Dio, você virou parceiro depois, porque na hora só me fodeu, não vem não que eu não vou

colocar coroa em você, você me fodeu para caralho lá atrás, então, ó, xiu que eu tô falando com a minha sobrinha, não com você) – A Tia respondeu ao tio que dava pitaco no fundo – A Tia só está te dizendo, amor, que essa é a hora de fazer cagada. Essa é a hora de ir lá no país dos outros, pegar o ouro de volta e trazer para cá, tá me entendendo?

— Estou.

— Então enxuga a lágrima, pensa que você é nova e que pode ter o mundo todo aos seus pés, se quiser, que você tem um puta paizão foda para caralho que está do seu lado e te servindo de apoio o tempo todo (coisa que menina quase nenhuma tem), pensa que você tem um puta namorado foda para caralho que está do seu lado te dando todo apoio do mundo e faz valer o sacrifício deles. Os dois homens da sua vida estão fazendo o que podem para que você seja a mulher da sua. Não joga isso fora, eu estou te falando. Cata isso e multiplica, projeta para o que você sonha e vai. Se joga, filha.

“Endurece a couraça, minha flor” - ela disse, antes de desligar – “a vida vai bater muito duro e eu sei que vai doer: Endurece a couraça, mas não perca a ternura, não. A gente te ama pela sua essência de menina, seu jeitinho de princesa de um reino encantado muito lindinho de ver. Não esquece de que família você veio e quais os nossos sacrifícios para você ser quem é hoje. Honra sua família mesmo quando tudo ficar muito difícil. Eu te amo num tanto, garota, que te trato igual filha. Se cuida, minha flor. E vê se traz de volta o ouro que os portugueses roubaram de nós.”.

Ela disse o que eu precisava ouvir e tive coragem o suficiente para embarcar naquele avião, horas depois. Nunca falei para o pai o tantão de saudade que eu sentia. Nunca falei para ninguém o quanto o Brasil e tudo me fazia falta porque eu sabia que eles esperavam que eu fosse forte, erguesse a cabeça e fosse.

Podem dizer, *noooooossa, mas você é muito ambiciosa, hein, menina? Só pensa no dinheiro, tá cagando para o Lipe*. É, só que quantas vezes essa história não aconteceu com um homem? Quantas vezes a gente vibra a escolha de um homem que vai à luta do que quer e se joga no mundo? A história está cheia de homens assim, mas toda vez que uma mulher tenta...

É, é pelo dinheiro também. Foi pelo querer mais da vida que um bucho enorme e fralda de cocô para limpar. Foi querer mais que diploma pendurado na parede. São histórias para contar, controle da minha vida, são leões que eu quero matar sem público para aplaudir e são homens que eu quero ver morrer enforcados na própria ganância.

Quis chegar e colocar minhas armas na mesa e dizer para o oponente escolher qual que eu vou usar. Chegar em qualquer lugar do mundo e poder sentar na ponta da mesa, decidir destinos, parar de ser passada a perna,

explorada. Andar com um Sheik árabe à tiracolo e acharem que ele é meu assistente. Ver a Bia cuidando dos cavalos do jeito como ela quisessem que impeçam porque o tratamento é caro demais. É nunca mais ter que ver minha irmã roubar cavalo no limiar. É dar confiança e cuidado para a minha irmã do jeito como ela sempre me deu.

É, veja bem, é só dinheiro.

Sentada num avião de carga, dez anos depois, eu sorria com a história da ida. Não nos falamos pelos seis meses, mantivemos o pacto secreto de silêncio e eu fui, aos poucos, agrupando tudo o que era meu, trazendo parte da minha vida de volta ao Brasil, ouvindo o relinchar dos meus principais cavalos, cansados da viagem e da caixa em que moraram por catorze horas.

Os dez cavalos mais caros chegaram no Brasil em caixas de acomodação, presos por cinto, a Bia sempre os checando, se desculpando, se erguendo do banco e oferecendo uma maçã cortada para tranquilizá-los. Nem reclamou da trabalhadeira, porque por ela já tínhamos vindo há anos.

Pisar no Brasil de novo, Guarulhos, eu, a Bia, o Encrenca (que virou campeão de prova de adestramento, aliás) e mais dez filhos de quatro patas, foi como uma panela de pressão que explodiu. A Bia me olhou, lágrima nos olhos, nós duas no meio do pátio de carga e descarga de importação/exportação do aeroporto internacional. Um advogado meu desceu do avião incrivelmente incomodado, reclamando das horas, da distância, do cheiro do avião, e foi tratar de burocracia com o serviço aduaneiro.

— Voltamos, mana. — A Bia me segurou a mão perto do peito, tirando o chapéu da cabeça em respeito à nossa Terra Natal. — Você imaginou tudo isso quando partiu?

O ar do Brasil era diferente. Ela me olhava. O resumo das nossas vidas passando de mim para ela. A síntese dos acertos e das vezes que nós nos abraçávamos para tentar dar conta de tudo. As vezes que íamos, chorando, nos deitar. Cada uma chorando por si e chorando pela outra. Por todos estes anos, só eu e ela. Éramos como mais que irmãs. Éramos o nosso porto seguro.

E desembarcar no Brasil era uma dessas conclusões que a vida bota na sua frente. *Olha toda esta estrada, mana.* Chorei? Chorei, graças a Deus, mas sorri, também.

E mudei. Mais importante de tudo, agora eu confio no meu taco.

— Mana, - A Bia disse, segurando na minha mão ainda, lágrimas emocionadas manchando a cicatriz do maxilar dela que dói sempre – tem um monte de coisa que eu faria diferente. Um monte de coisa que eu não pude controlar, um monte de coisa que eu não pude te proteger e um monte de coisa que eu queria que você tivesse percebido. Mana, obrigada por não ter desistido

de mim quando eu mesma já tinha desistido. Obrigada por você ter me conduzido. Eu nunca duvidei de você, mana, mas a mulher que você se tornou... A mulher que me ensinou a ser... obrigada por ter me salvo de mim.

— Bia, - sorri, erguendo o rosto dela nas mãos, feliz por ter visto que valeu à pena – Eu sei que você se sente culpada pelo que aconteceu entre mim e o Lipe, mas não se sinta. Eu fiz as minhas escolhas. Eu poderia tê-lo escolhido, mas você não pode imaginar o tamanho da frustração que eu carregaria no peito. Eu seria casada com o homem dos meus sonhos, provavelmente eu não teria cavalos, mas trabalharia num banco ou na queijaria mesmo, me enfiaria em roupinhas comportadas e seria um abismo de tristeza. Mana, você me deu asas. Eu fui até onde eu quis e agora eu tenho que aprender a lidar com as coisas que deixei para trás. E os erros.

— Se você precisar de mim, você sabe que eu estou sempre aqui, não sabe?

— Sei, Bia.

— Te amo. Vai atrás do teu homem, deixa que eu levo os cavalin lá para o Jockey. Eu tenho uma coisa para resolver por lá, também.

— Bia, não foi isso o que combinamos.

— Encara como um desejo de Boa Sorte. Vai, Dê, voa de novo. Mostra porque eles chamam as Botelhos de loucas.

— Você tem certeza que não vai precisar de mim? São dez cavalos.

— Aqui é Botelho, caralho – Riu, atolando o chapéu do vô na cabeça. – Trouxemos a peonada para isso, não foi? Então dou conta deles melhor do que dou conta de você!

Beijei-lhe o rosto, peguei minha mala de mão com pouquíssimas roupas, vesti os óculos de sol outra vez e parti Guarulhos afora, a minha barriga do avesso, meio dia. Um trânsito louco, São Paulo dando as boas vindas. O último trânsito feroz assim que enfrentei foi em Cabo Verde.

Digitei no Google: Faria Lima Miller Engenharia. Achei o telefone e liguei, o coração apertado e um vozerão feminino rouco me atendeu:

— Pronto.

— Alô, por favor, Felipe Ferreira trabalha aí?

— Quem é?

— Diz para ele que é a Andressa.

— NÃO FODE.

— Alô?

— Vaca Megera, é você mesmo????

— Mas quem é que tá falando?

— A Ogra! Caralho, não acredito que você existe!

— Manu, do que você está falando, a gente se conhecia!
— Mas eu não tinha nem peito!
— Manu... cadê o Lipe?
— Não, não vem para o chiqueiro não, aqui tá uma zona. Tá de carro?
— Tô no taxi. Tô indo para a Faria Lima.
— Não! Me coloca para falar com o motorista.
— Não vou fazer isso.
— Mas você é chata, hein? Tô falando, me dá para o motô.
— Desculpa, com licença – Eu falei com o taxista, no banco da frente –
A minha amiga quer falar com você.

Capítulo 36

— Não vou almoçar com você hoje, Lipinho – A Manu me disse, na hora do almoço, atrapalhando um teste de tenacidade.

— Mãe! 16 mm não vai dar, não. – Gritei para ela, do outro lado da mesa, tentando vencer seus fones de ouvido – Por que é que não vai, Manu?

— É que a Dê está aqui.

Ela ainda falava. E eu não gostava de deixar a Manu falando sozinha, mas é que ela falou a palavra mágica e eu me perdi. Há seis meses que não faço as coisas direito esperando essa porra de dia chegar. Lembrei do funeral na hora e da mulher diante do túmulo do Tio Carlos. Quando olhei para ela, ela sorria. Não chorava como a Dê de antigamente, só sorria. Continuava linda, continuava gostosa.

— Lipe? Você sabe que não é obrigado a ir, né?

— Sei.

— E você quer ir?

Não. Quer dizer, quero. Não, foda-se, quero não.

— Sabe o parque da Augusta? – Ela continuou – Bem na esquina. É um lugar chique, então vê se não aparece lá de bicicleta.

— Eu vou de bike sim, daqui para lá é um pulo, porra.

— ... Então você vai, né? Vai logo, que eu marquei com ela meio dia e já é meio dia e quinze.

— Não, deixa, vai você, eu não vou.

— Lipe, - bufou e tirou meu computador da minha frente – sem rabo doce. Pega na mãozinha da sua Dê, faz aquela cara de cachorro sem dono que você usa comigo, fala tudo o que está engasgado e depois arrasta ela pro motel.

— Tá convivendo demais com a mãe, Manu.

— Eu não tenho bola de cristal para adivinhar os outros que nem o pai tem, pô. Tá de orgulho, é? Um cara que chora uma moça por dez anos não tem o direito de ser orgulhoso, tá me entendendo, ô Capacho?

— Eu não quero mais nada com ela.

— Então por que a fez voltar?

— Eu achei que não voltaria.

— Então você vai lá e fala na cara dela que você é uma vaca sem coração que só serviu para foder com a vida dela.

— Mas, ô bicho grosso.

— Tô igual todo dia.

— A mãe tá cansada de reclamar de você, nesses seis meses. Tá na cara

que dezesseis milímetros de vidro dá e sobra,

— O que você sabe de tenacidade? Tá fazendo arquitetura!

— Cala a boca, deixa eu terminar que alguém tem que dar um tapa na sua cara e o Gutão não tá aqui: Eu gosto de ver você sorrindo, Lipinho. Se é a Dê que te faz sorrir, porque é que não tá buscando isso? Vai lá e quebra a cara, ué. Se ela ainda for a aquela Dê que você tanto amou, ótimo, eu mesma compro as alianças, mas, se ela não for mais aquilo, então você não vai ficar pensando o que poderia ter sido. Vai, Lipinho, ouve a Manuzinha. Arruma essa camisa TORTA, lava esse rosto TORTO e pega o taxi.

— Você está oficialmente assumindo o posto de Guto, né?

— Deus que me livre, não remendo moleque ranhento nem faço bebê nascer!

— Também não manja nada de tenacidade e tá dando pitaco no trampo dos outros.

— Pelo menos eu não tô sem transar tem cinco anos. Ah, Lipe, tenha dó, toma vergonha na cara e vai lá. Frouxo do cacete!

Eu não sei nessas horas, se ela roubou a boca ácida do pai, ou da mãe.

— Vou pegar o metrô, agora – Disse, retomando – Você decide se vai. Se não for, vai perder meu respeito. Avisa a mãe quando ela sair da Matrix para me esperar que eu vou almoçar com ela e o pai, hoje. Beijo, Lipinho, não me decepçiona.

E saiu sem dizer mais nada.

— Se você não for, vai perder meu respeito também. – A mãe disse, do outro lado da mesa, com os fones de ouvido, mas, obviamente, nenhuma música.

— Eu não quero mais ela.

— Tá, mas você superou ela, ou tá só com raiva? Porque, bebê, o que a mãe vai falar agora não é de maldade, tá? Vê bem, você escolheu esperar por ela. Você chorou, bebeu, se fechou, tudo isso para quê? Para dizer que não a quer mais? Então porque é que não decidiu isso antes, porra? Teria poupado uma puta trabalhadeira para a família toda, porque você acha que só você sofreu, mas a gente sofreu junto. E pra caralho.

— Tô com raiva.

— É foda. – Me disse, do outro lado da mesa, fechando a tampa do computador – Vem para a cozinha, quero te contar um negócio.

Fomos. Ela abriu uma long neck de emergência. Nosso minibar só tem cerveja e a gente só abre em duas situações: ou quando está muito perdido, ou quanto entrega o projeto pronto. O pai já sabe o que está acontecendo só de ver a mãe chegar em casa e, para ela abrir uma cerveja antes do almoço, no meio de um projeto apertado desses, sinal que a coisa é séria.

- Pega uma você também.
- Não bebo antes do almoço.
- Aconselho pegar.

Peguei. Dona Fernanda, que mete salto para agradar marido e não chega em casa depois das sete horas, me contou dos cinco anos dela.

— ... Foi foda. Foda, foda, foda. Sua mãe era dona de casa daquelas bem insatisfeitas mesmo. Nem amigo eu tinha. Foi o Gutinho entrar na escolinha que eu meti o pé em casa: larguei você e o Guto para seu pai cuidar e fui embora. Minha intenção era ficar um mês, mas eu sou mole, nunca que fico um mês longe dos meus filhotes.

— Cinco anos, mãe?

— Acredita, filho, eu sei que cinco anos doem porque eu já passei por eles.

— Toda hora cinco anos...

— ... Cinco anos transando sem gozar. Cinco anos na merda, mas tão na merda, que eu não sei como seu pai não viu, logo ele. Acredita na mãe, filho, foi merda até dizer chega.

— Não tô duvidando.

— Que bom – Bebeu um longo gole me olhando todo – Papo retão, como diria Manu-Ogra. Eu fiquei cinco anos na merda porque, por mais brigas que tivéssemos, eu nunca falei para o seu pai como eu me sentia. Eu nunca falei “Olha, Dio, você está fazendo merda na nossa vida e eu não estou contente”. Eu estudei para passar no mestrado, passei, me inscrevi e só aí que eu fui falar para ele. Era outro contexto, não estou querendo comparar você comigo, não é isso. Você esperou por dez anos, eu esperei por cinco, você era moleque, eu já era mãe. Você é homem, eu sou mulher. Eu via seu pai todo dia, você não viu a sua Dê, mas nós dois somos dois idiotas quando amamos. Dois completos imbecis. Eu sempre achei que você fosse sentimentalmente como o seu pai, mas o Dio, no amor, Lidera. Nós dois seguimos. Ficamos melancólicos e dependentes.

“O nosso jeito de amar aceita. Essa é a merda, bebê, a gente aceita. A gente entra de cabeça, vai na onda, inventa onda, mas não desiste. Se a gente ama, a gente não desiste mesmo depois de quebrar a cara. Mesmo depois de cinco anos, ou dez, que seja, a gente ainda aceita de volta. Primeiro se mente para caralho, né, pensa no divórcio, inventa coragem, fala que vai fazer e acontecer, mas fraqueja e, depois, no primeiro contato olho-a-olho de verdade, muda tudo. A gente muda de direção muito rápido, eles não. Eles são pedra, filho, mas a gente é ar. Seu pai acha que sou fogo, mas sou ar. Mesmo quando não sentem, a gente está lá. Nós somos ar, filhote.

— A Dê é água, não é pedra.

— É pedra. E o problema de vocês dois é que vocês consideraram o “para sempre”. Filho, você fala de casamento desde os dezessete anos, puta merda. Com dezessete anos eu tava transando e bebendo escondido, pior que a Manu.

— E aí você encontrou o pai.

— Seu pai? Vai na onda achando que seu pai é santo, vai. O que botou a gente na linha foi você. Você e a Manu são tão parecidos comigo porque foram as gravidezes mais felizes.

— Gravidezes?

— Gravidez ou gravidezes?

— Não sei, sô de exatas.

— Isso não é desculpa para não saber português.

— Nem vem, Dona Fernanda, que você também não sabe.

— ... Para terminar logo com isso – Retomou, bebendo mais – Filho, fala tudo o que tiver que falar para a Dê, não deixa nada para depois. Desce o nível o quanto quiser descer. Fala poucas e boas, mete o louco, mas lava a alma. Bota tudo para fora. Depois, dá um abraço nela, mata a saudades. Não é questão de ela merecer seu abraço, é você precisar do dela. Se ela merece o que você vai falar, também, isso é o de menos. Tem que falar e falar logo, senão vai ficar brigando com isso para sempre e é aí que o diabo mora.

“Desde que você chamou ela de Nina que eu sei que você esperaria ela chegar. Seu pai não me chama de Nina sempre e essas coisas te definem, amor. Se ela voltou para casa, é sinal que está pronta. Você nasceu pronto porque você nasceu do amor e viu amor, e sentiu amor a vida toda. Ela não. Lembra da mãe dela chamando ela de gorda? De roliça? Lembra da mãe dela, nos aniversários, a menina soprando vela e a mãe mandando ela pedir para emagrecer? Isso é de detonar. Não tô dizendo que justifica, eu mesma não gosto mais tanto assim da Dê, mas, na ponta do lápis você tem que medir tudo. Ela era insegura, amuada, se odiava, era quietinha, sempre escondida atrás de você, da Bia. Você a rejeitou no aniversário de quinze anos e aquela menina te olhou a festa toda. Seu pai estava louco de raiva de você, queria te dar um sacode bem dado. Seu pai adora a Dê como se fosse filha dele. Viu vocês dois dando bitoquinha lá na fogueira e já estava dando pulinhos”.

— Êba – Manu entrou na cozinha com a bolsa presa no ombro – Alguém tá colocando juízo na cabeça da mãe.

— Caralho, que metrô rápido.

— É. – Tão óbvia, com aquele sorrisinho que não engana ninguém – Que cê tá fazendo aqui, ô Capacho?

— Manu, não pode chamar homem apaixonado de capacho.

— Mas gente, eu acho capacho lindo, Lipe, cê sabe que eu não falo para ofender.

— É, mas os homens se sentem idiotas quando são chamados assim.

— Eu acho muito bonitinho, por isso quero logo dois: um para pôr na porta de frente, outro, para a porta de trás.

— Aff. – Reclamei, enquanto a mãe se esborrachava de rir – Sério, mãe, por que é que você pariu essa porra?

— Não pari, caguei – E aí eu ri muito alto.

— Não fala assim de mim – Escondeu o rosto no ombro da mãe como se tivesse dez anos de novo, fazendo manha a abraçando e fazendo bico.

— Como foi a aula, Ogra?

— Uma merda. Queria a senhora de professora.

— Não piso na Arquitetura nem que me paguem.

— Já não quero mais você me dando aula, sua esnobe. – Riu, trocando da asa da mãe, para a minha. Manu é assim, falando, parece que está contra o mundo, mas é um grude louco, supercola. Não dá para levar a sério nada do que Manuela Miller fala. – Lipinho, cai fora daqui, buceta. Daqui a pouco a Dê vai desistir de me esperar.

— O Lipe está se consultando com a Nina do pai dele, Manu.

— Ish. Quer que eu dê o fora, Lipinho?

— Quero. Depois te conto, preciso ficar sozinho com a mãe.

Me beijou o rosto me segurando pelas bochechas e deu o fora.

— Eu sou muito apaixonada nessa garota – A mãe disse, vendo ela sair – Não estou preparada para vê-la trazer namorado em casa.

— Não estamos. – Bebi mais um pouco, sentindo a minha cerveja amargar.

— Enfim, filho. Esquece essa merda de “para sempre”. Vai no hoje que é sucesso. Não complica. Não faz esta história toda linda virar uma tragédia só por causa de uns erros. O que não tem conserto é a morte, de resto, dá para remendar tudo, até coração partido. Deixa ela dar beijinho para sarar e, se você ver que não vale a pena também, dá o fora, ué. Cadê Jéssica que sumiu? Gosto dela.

— Jéssica está com uma tribo Xingu.

— Filho, por que é que você só arruma mulher pirada? Ô homem para gostar de maluca!

— Mãe, eu sou filho de mulher normal?

— Eu sou engenheira com CREA e tudo, fui professora, eu sou normal pra porra.

— Vamos lá embaixo ver isso com o pai, então.

— Mas você precisa apelar?

Se eu tive vontade de agarrar a Dê quando a vi? Não sei o que foi que eu senti. Não sei. Continua pequena, continua gorda, continua de cabelão. Me sorriu bonito quando me viu, os olhos azuis pareciam mais profundos, mais calmos. Me disse um monte de coisa sem chorar, serena.

Eu já fui melhor e mais forte que aquilo que fui quando a vi de novo. Eu já fui furacão e pareci garoa. Ainda faltava muita coisa para falar com ela, muita coisa para brigar, muita roupa suja para lavar, mas tantos anos sofrendo, chorando, me debatendo, me fizeram muito mole. Você vai desistindo, um pouco por vez. Vai abrindo mão, vai se vencendo.

Depois que eu quebrei o gesso na casa da Jéssica, fui direto para o aeroporto. Fiquei sentado lá, olhando pessoas passar, quis ir para Portugal e enfrentar a Vaca Megera, mas não fui. Eu não consegui selecionar uma coletânea boa de verdades para tacar na cara dela. Eram tantas as coisas e os pesares, que aquilo me consumiu.

Hoje eu não tenho vontade nenhuma de dizer nada daquilo que ensaiei anos para dizer. A mulher do funeral era só um corpo vagando sozinho no universo, como o meu é. Não era a maldita, não era a Nina, não era a menina doce, não era a Vaca Megera. Era só uma mulher com a mesma idade que a minha.

O táxi me deixou na frente do parque Augusta e eu não demorei para achar o restaurante chique. Vidro, muita luz natural, garçons de colete e calça social. Um me perguntou “mesa para dois?”, mas eu respondi que tinha alguém já me esperando. Demorei, entre as mesas cheias, para achá-la. Bebia vinho branco numa taça alta e sorriu, gentilmente, ao garçom que a atendia. Sóbria nas roupas e nos modos, a calça clara, as pernas cruzadas, as sandálias de salto, o blazer sobre o encosto da cadeira, junto da bolsa.

Não mexia, nem nos cabelos, nem no celular. Fitou o anel dos dedos e depois o relógio na parede. Porte de mulher madura. Era uma mulher que almoçava sozinha num restaurante lotado e não parecia esperar por ninguém.

Com um cotovelo na mesa, segurava a cabeça com o polegar. Balançava, serenamente, a perna cruzada. Pulou um guardanapo trazido por um garçom, só sorriu, elegante, na recusa. Não se abalou. Era o habitat natural dela, o restaurante, a elegância, a solidão. *Confortável em finalmente ser você, Nina?*

Empurrou o cabelo para trás do ombro quando buscou o telefone na bolsa. Recusou a chamada de alguém. O cabelão preto e lindo que eu tanto amei, parado nas costas. Olhei-a guardar o celular na bolsa, um outro garçom a incomodou, disse alguma coisa meio sem jeito, gesticulando muito. Dona da situação, ela sorriu, acenou, tudo muito calmamente, a mulher no corpo da minha Nina.

Se ergueu para ir para o banheiro, a baixinha. Vestiu a alça da bolsa e foi. Deixou o blazer. Imponente mesmo no seu um metro e cinquenta e poucos, passou pelas mesas na direção oposta a mim, ao fundo do restaurante. A bunda continua linda. Você rebola mais agora enquanto anda, mas seus ombros estão rijos. Você agora troca de ambiente como quem passa diante da tropa. General de sete faces, ou mais faces, ainda não tive tempo para contar. Estou olhando você direito depois de dez anos e vou demorar para ver-te inteira.

Fiquei parado ali, não avancei, não recuei. Permaneci, como tenho permanecido por todos estes anos. Vi-a voltar, colocar a bolsa de volta no encosto da cadeira. Voltou para o lugar, mas não me viu. Não me esperava? Pelo horário, uma hora depois do combinado com a Manu, ela não esperava por ninguém.

Vi-a se ajustar na cadeira, empurrar de novo o meu cabelo pelas costas, cruzar uma perna sobre a outra. Não era pose. Não era, e isso era o mais engraçado. Era natural. Era dela, a classe, a beleza, o jeito de conversar, intimamente, com o garçom. Como se nada lhe passasse pela cabeça. Um corpo no seu espaço natural, como eu e meu escritório.

Quando me viu, parado perto da porta, dessa vez ela não sorriu. Não esperava por mim e talvez achasse que nunca mais me veria de novo. Talvez fosse melhor mesmo a gente não se ver, mas eu continuo babaca. Lembra, do seu Lipinho Lindo sendo babaca? Lembra, sei que lembra. Seus olhos não estão chorando assim por causa do engenheiro que se forma em três anos e nem eu vim aqui ver a CEO de cavalo.

Fui tomado num abraço sem dizer nada e eu também a abracei. Entre cadeiras e copos e garçons gentis. *Desce o nível o quanto quiser, Lipinho.* Ninguém falou nada de subir. Era quente ainda, o corpo dela. Cheirava diferente aquele cabelo. Era o mesmo cabelo, mas por que cheirando diferente? Colei a mão no corpo dela e veio tudo. Tudo o que pode imaginar o leitor. De raiva, de rancor e de amor. Sei que veio nela, também. No silêncio pelo menos, a gente se conversa bem. Você perdeu peso, sua cintura está mais fina. Quando me abraçava antes, eu conseguia sentir as minhas dobrinhas. Por que é que perdeu peso? A vida tá muito difícil? Você está fazendo dieta?

De todas as coisas que eu senti, nenhuma delas eu quis dizer. A gente sabia, de todo jeito, não era novidade. Do jeito que fomos embora, voltávamos. Beijei-lhe a testa sem dizer nada e ela sorriu, limpando os olhos.

— Continua linda.

— E você, parece um gibi. – Respondeu. Ah, é. Agora tenho tatuagens.

— É canetinha.

Ela riu um pouquinho, baixou os olhos daquele meu jeitinho doce. Olhar

e encontrá-la sem ser notado fazia de mim um Indiana Jones no meio da floresta, ao encontrar uma fortaleza antiga. Feroz e brandamente escondida.

Então é assim que você é agora, Nina?

Puxei a cadeira para que sentasse e ela agradeceu, tranquila. Estava acostumada a gentilezas e cavalheirismos. Quando você puxa a cadeira a uma moça a quem quase nunca puxam, ela fica sem graça. A própria Andressa já ficou sem graça comigo, por causa disso. Hoje, não mais.

— Já fiz meu pedido, você quer que eu chame o garçom? Achei que você não vinha mais...

— É, quase não vim – Chamei um garçom – Você sugere alguma coisa? Eu não quero ficar caçando no cardápio.

— Eu pedi surpresa para o chefe. Espero que ele não me traga tomilho, não aguento mais.

— Eu quero o que ela quiser – Pedi ao garçom que já a tinha atendido antes – E uma taça do que ela está bebendo, também.

— Sim, senhor – E se foi.

— Nunca acostumo com esse “senhor”. É estranho pra cacete.

— É só um nome. – Sorriu, puxando a taça mais para perto de si – Lá fora eles me chamam pelo sobrenome, Botelo.

— Botelo?

— Árabe não fala LH. – Desceu os olhos por mim todo. Era engraçado ela me olhar daquele jeito, depois de tanto tempo. Não sei mais decifrar. Não sei se gosta do que vê, ou se analisa. A moça que era transparente para mim, agora é código. Indecifrável, já entendi, não quero mais te decifrar. Acho que faz parte de você agora me explicar como te leio – Manu quem me atendeu. Que vozerão que ela tem! Como estranhei a menina, meu Deus... eu esperava que ela fosse virar uma daquelas nerдинhas que não colocam saia nunca, mas nunca esperei o contrário.

— Esquece a Manu de oito anos, aquela menininha não existe mais.

— Existe sim. – E ela não estava falando só da Manu. Desceu os olhos pelo meu braço rabiscado – Já posso ver de quem ela puxou o gosto por tatuagens.

— É um vício. Faz a primeira, já pensando na segunda, que puxa a terceira e, quando vê, tá assim.

— De azul, Lipe?

— E que de outra cor me pintaram, Dê?

— De preto.

— ... A mesma mão, inclusive.

Dá pra dizer, a mesma mulher que eu esperei, a mesma mulher que eu

sonhei, a menina que eu beijei chorando no portão de embarque, era aquela ali? Tinha um gosto ruim, tudo aquilo. Não era para ser assim, não era para ser daquele jeito. Por que é que eu não peguei o avião para te ver? Por que é que eu não te liguei? Meu orgulho era tanto assim? Meu rancor era tanto assim, que eu preferi me punir do que sanar a minha saudade? Eu queria vê-la, eu precisava tocar nela, eu precisava saber dela. Se ela não precisava tocar em mim, se ela soube viver bem por cinco anos sem a minha presença, parabéns para ela, eu não.

E cá estamos nós, agora. Vencemos o mundo, ou o mundo nos venceu? É certo que o tempo vencerá, já me rouba dez anos. E quando é que eu vou subir nesse bonde que passa rasgando? E quando é que eu vou me dar conta que o bonde passa?

Eu esperei, eu permaneci aqui. Esperei por você, Nina. Diante de você, digo que não te quero. Digo que não tenho saudades.

Ela me olha como se ouvisse a música favorita dela. Um sorriso nos lábios. As mãos cruzadas, o cotovelo sobre a mesa. Precisou dar a volta ao mundo para perceber o que eu sempre soube. Do jeito dela, ela é imensa. Fortaleza, então; muralha. Oi, Dessa-muralha. Um prazer te ter de volta.

A gente pode começar tudo de novo, Dê? A gente pode se conhecer e sair para jantar e você pode me contar como vendeu cavalo para sheik árabe? Li sobre isso na revista da Forbes. Eu vou te contar como ergui a linha amarela de Dubai, com pilastras tão fundas e tão altas que os navios cargueiros passam por baixo. Quero te contar como foi emocionante visitar o Chile e ver a minha ponte pronta, ao lado da ponte que a minha mãe ergueu quando a gente era só primo, ainda. O pai chora de ver as duas pontes lado a lado, a mãe também. E eu. Os Miller vão perdurar e eu sou um Miller. Queria que você ganhasse meu nome também, qualquer dia.

O garçom atrapalhou o diálogo mudo, pousando uma taça de vinho branco na minha frente.

— Vinho Moscato – Ela disse, como se fizesse diferença eu saber disso – Funciona com bem poucas comidas, mas eu gosto.

— É doce – Constatei quando bebi – E cheiroso.

— Quando conheci o Moscato, confesso que viciiei um pouquinho – Bebeu rapidamente, voltando os olhos para mim – Estávamos eu, Arabi e Tobias numa mesa de hotel... onde a gente estava? Bruxelas? Não, Bruxelas foi há pouco tempo, pode ter sido Montreal. Acho que era. Tobias bebia vinho Moscato e eu não entendi como que ele pôde pedir vinho seco de almoço.

— Não tem gosto de vinho seco.

— Porque não é – Riu – Moskateller, ele chamava. Tobias é austríaco,

gente boa, ele tá doido para te conhecer. Pediu uma taça para mim e pronto, viciiei.

— Nunca imaginei que você fosse gostar de vinho tanto assim.

— ... a gente aprende uma coisa ou outra. Falar de vinho é uma das táticas que eu uso para não deixar a conversa morrer.

— Você fica incomodada comigo em silêncio? – Logo você, que sempre habitou bem no hiato?

— Não, você sabe que eu gosto do silêncio – Ela puxou o celular da bolsa, que vibrava forte, e o desligou – Desculpa, Lipe. É sempre assim.

— Você pode atender, se quiser.

— Não quero. – Mexeu no cabelo, graças a Deus. Sinto falta do como ela mexia no cabelo. Joga a os fios de um lado para o outro e deixa que caiam como quiserem. – Eu não quero que a gente fique em silêncio porque está com medo de dizer alguma coisa, eu passaria horas só olhando para você, Ferreira, mas você sempre gostou de conversar.

— Parece até que você está falando do meu pai.

— ... E no entanto, eu quem estou falando, hoje.

— Dez anos te fizeram bem.

— Fizeram bem a você também. – A grande sala de espera acabou, não é? Ouvi chamarem minha senha. Sorria, ainda. Queria dizer alguma coisa, mas trocou de assunto – Notícias do Guto?

— Nenhuma. E a Bia?

— Aquela lá nunca soube lidar com gente – Riu. A Bia até tem umas qualidades, mas ser sociável não é uma delas.

— Eu esperei por você. – Confessei.

— Que bom, é para isso que voltei.

Ela não captou o sentido de “esperei”.

— Você não ficou com nenhuma mulher depois de mim? – Captou, sim.

— Não.

— Vamos colocar os pingos nos Is, então, Ferreira – O prato principal nem tinha chegado e nós já estávamos assim – Pelo quê você esperou?

— Eu te amei por dez anos, onze se for contar seu tempo em Belo Horizonte, sua filha da puta. Pelo que é que eu esperei? Pelo que é que eu não esperei? Não consegui namorar mais ninguém depois de você e você tem a cara de pau de perguntar isso? Ora, mas vá se foder.

— Você ainda vai de zero a cem em três segundos.

— Quando eu fico puto, eu fico puto.

— Termina de ficar puto então.

— ... não sei porque eu vim aqui.

— Ah, sabe — Secou a própria taça de vinho antes de continuar — É lindo você dizer que me esperou? É lindo, eu te esperei, também. Todo mundo que compra porra de cavalo comigo sabe que você existe e está doido para saber quem é o único homem no mundo com quem eu me casaria (e eu viajei o mundo todo para saber disso). Por quem você esperou, Felipe? Você esperou a Andressa Botelho, quem eu viria a me tornar, ou você esperou aquela menina de graduação incompleta e ajudante do pai? Quer ser sincero comigo, seja sincero por inteiro. Não mente para mim você também. Fala que não esperava que eu fosse voar tão longe e fala que ainda quer casar comigo. Se é para a gente ser sincero, bota logo tudo na mesa.

— Eu odiei ver você crescendo sem mim. Eu fiquei feliz, confesso, sou cheio de orgulho de você, mas eu tô puto porque eu não sirvo mais para merda nenhuma e nem te vi crescendo. Nem fui útil onde pude. Era para a gente ter feito tudo junto, era para a gente ter feito história, sua filha da puta egoísta. Era para a gente ter crescido junto.

— Você teria uma empresa com a sua mãe se a gente estivesse junto? Você teria este monte de tatuagem? Você seria um engenheiro foda como é? EU TE CHAMEI PARA VIR COMIGO E VOCÊ NÃO QUIS! Eu entendo o porquê de não querer, eu conheço você, nunca que você teria deixado sua irmã crescer sozinha. Ela é a sua cópia feminina, Lipe. Ela só se veste do jeito que pensa e você não liga para roupa. A pergunra que não quer calar... Você trocaria quem você é hoje por ter passado mais tempo comigo?

— Não trocaria, mas queria que tivesse sido diferente.

— Pois é, mas eu também não troco as escolhas que fiz.

— ... Ainda tô puto por ter sido dez anos.

— Não tiro a razão da sua raiva.

— ... Você transou com outros caras depois de mim?

— É isso o que te preocupa?

— Transou ou não?

— Transei. — Abraçou os cotovelos me olhando fundo nos olhos, sem desviar quando o garçom encheu a taça dela de novo. — Vai fazer o quê, vai dar piti daqui até a sua casa? Você quem terminou comigo!

— ... Filmou, pelo menos?

— . — Com uma das mãos na testa, ela riu. E ria. E ria. Esqueci de como a risada dela era gostosa. Sorri olhando para ela, olhando-a rir, as lágrimas tristes que sobraram no canto dos olhos pulando para as maçãs do rosto — Você devia já saber quem eu sou.

— Também virou Madre Teresa.

— E teve jeito? Senta aqui — Me chamou, oferecendo a cadeira à direita

da dela, na mesa quadrada em que estávamos – Aí é muito longe.

Venci a distância de uma aresta, um adjacente para o outro. O primeiro movimento foi dela. Me beijou a mão mais perto dela, depois o rosto. Sorri olhando para as minhas tatoos.

— Essa canetinha sai na língua?

— Ninguém nunca tentou. – Sorri, bem perto dela. Ela também não esqueceu que eu gosto de ouvir.

— Desculpa ter precisado de tudo isso, Amor. Desculpa ter sido orgulhosa. Desculpa ter feito as coisas como fiz. Desculpa, Lipe.

— Me desculpa, também. – E aí eu chorei diante da minha Nina, a mão dela em cima das minhas, a outra mão dela, me limpando o olho com o polegar – Eu passei cinco anos e também não te liguei. Eu podia ter tentado Portugal mais um pouco. A gente terminou e pronto, corri para o mais fácil. Pelo tanto que a gente dizia que se amava, a gente desistiu tão fácil... Eu fiquei puto por anos, puto, mas e se você tivesse ficado...

— Eu não pude.

— Eu sei que os cinco anos te fizeram bem, mas porra, precisava ser tudo isso? Cê não podia vir aqui de vez em quando?

— E você também nasceu colado na mãezinha? Cacete!

— Dois idiotas.

— Dois errados.

— Que bela dupla nós formamos – Eu sorri – O engenheiro e a cafetina de cavalo.

— Estou feliz sendo cafetina de cavalo. – Sorriu, me olhando muito. Não me olha mais como a Dê de antigamente em todas as vezes que pousa os olhos em mim, mas quando olha, ela fica linda. – Você está feliz sendo engenheiro?

Contei a ela de Dubai. Dois anos de projeto, a Clau, que está numa plataforma de petróleo agora, ficou louca brigando comigo e com a minha mãe. Ela é engenheira de hidráulica, eu e a mãe somos engenheiros de estruturas. A gente queria erguer uma pilastra de concreto, ela queria erguer pilastra de aço. Tudo o que ficava perfeito para ela e os navios cargueiros, ficava péssimo para nós, nos trilhos e no metrô. O resto do time, advindos da Índia e da Inglaterra, eles não sabiam se amavam a gente, ou nos odiavam. Fizemos mais algumas coisas com os indianos, e os ingleses estão em processo de negociação conosco para que nós ergamos um metrô chinês, no mesmo esquema de Dubai.

— ... Dessa vez, Manu vai junto.

— Ela vai querer imprimir trilho na impressora 3D – Sorriu, os olhos cheios d'água.

— A maquete ela já imprime, vê se não dá ideia para ela.

Disse de novo, dez anos depois, o melhor “eu te amo” do mundo. O rosto bem perto do meu, baixinho no ouvido, a voz embargada de choro e lembranças.

— Eu achei que você não ia mais querer me ver. Você não imagina a alegria que me deu, quando te vi. Tudo em mim te ama e, se eu não fiz as coisas de outro jeito, foi porque não pude. Não estou pedindo para você aceitar e engolir tudo, só... Tenta comigo mais uma vez? Me dá o prazer de te conhecer de novo, homem da minha vida? Almoça hoje comigo, janta comigo, toma café da manhã e passa o dia, depois me deixa te fazer um café. Tenta de novo comigo, Lipe?

Tomar no cu tudo de novo, eu vou fazer o quê?

— Eu não vou esconder nada de você, dessa vez. Nem as mesquinhas, nem os egoísmos, nem as minhas taras, tá me entendendo? – Respondi.

— Por favor.

— E eu não vou ser bonito sempre e, se eu sentir a sua falta, vou catar o avião e ir atrás, ou mandar te arrastarem pelos cabelos, cê tá me entendendo? Eu vou passar mal, vou ter prazos apertados, vou falar mal da minha mãe para você e vou embora se você me colocar no escanteio.

— E aí de você se ficar com ciúmes dos meus horários, dos meus clientes, dos meus cavalos, ou dos meus carros.

— Carros?

— É.

— Porra, eu ando de bicicleta.

— A gente instala suporte de bike neles.

— Quantos carros você tem?

— Alguns.

— Eu trabalho com números.

— Oito.

— Credo, que ignorância. Você só pode dirigir um por vez, pra quê oito carros?

— E se eu falar que só comprei dois?

— Tá ganhando carro de quem?

— Eu falei para você não ter ciúmes dos meus clientes.

— Você virou cafetina mesmo, né?

Mexeu no cabelo de novo, rindo. A comida chegou, finalmente. Salada de sei lá com molusco e um bife estranho noutro prato. Esquisito para chamar de almoço.

— ... e se você quiser comer esses trecos estranhos, vai comer na rua, que na nossa casa não vai ter isso.

Nossa casa. Os olhinhos cheios d’água. Com o talher parado no ar, ela

me olhava. Falei sem pensar, mas depois de ver os olhos dela cheios daquele jeito, pensei no que disse. *Nossa casa*. Agora a gente tem condições de criar família. Agora o futuro pode ser presente. Tudo aquilo que eu queria com dezessete, você lembra?

— Cria filho comigo, Nina?

— Tá falando sério? – A boca toda apertada em pranto. Você sofreu longe de mim do mesmo jeito que eu sofri longe de você, não é, Maldita? E por que é que não abriu um pio sobre isso?

— A não ser que você ou sua irmã inventem moda nova.

— Ela estava esperando o meu melhor momento de voltar desde os nossos seis anos em Portugal. A Vaca Megera sou eu, Lipe, não a Bia.

— Então, Vaca Megera, vai responder ou não?

— Foi para isso que eu voltei, futuro Marido.

Capítulo 37

É um homem lindo e magoado que me dá a mão para atravessar. Me coloca do lado de dentro da rua por puro cuidado. É o Lipinho Lindo falando baixo, sorrindo nas entrelinhas e triste comigo. Não me senti confortável de abraçá-lo e beijá-lo depois que saímos do restaurante e subimos a Paulista. Há anos que não ando a pé pela rua sem ser para sair de um banco e entrar em outro. Esqueci que isso era gostoso. Eu abraçava o braço dele, meio com vergonha disso, sem jeito.

— Vai para onde, agora? – Perguntou, quando encontramos um ponto de taxi.

— Vou passar no Jockey. Chegamos de Portugal e a Bia levou os cavalos sozinha para lá. Agora vou ver o porquê de ela ter me ligado tanto, deve estar precisando de ajuda.

— Desde quando você mete a mão em bicho?

— Tem muita coisa que você não sabe sobre mim. Tenho dois cavalos que criei desde filhote e os dois são a minha paixão.

— Agora fiquei impressionado.

— Besta.

— Não, sério. Olhando você, jamais que eu imaginaria isso. Por esta eu não esperava.

— ... vai voltar para o escritório?

— Vou. É um prédio-bunda que está pagando bem, mas o prazo está acabando com a gente. Capaz de eu ficar enfurnado naquela sala até segunda de manhã.

— Espero que você consiga tomar banho – Ri.

— Besta – Devolveu.

— Não, sério, espero que você consiga tomar banho – Respondi, rindo – Cheiro de cavalo eu até que aguento, aprendi a lidar, mas macho suado não dá.

— Você nunca reclamou.

E me olhava com aquela cara cheia de promessas. Sorria, lindo demais, o Lipe de vinte e sete anos. Todo homem, agora. Uma robustez adquirida com os anos, coisa que me deixa muito curiosa. O que é que tem na sua tatuagem depois da manga da camisa, amor? O que é que tem depois do cós da calça? No meio da calçada, ele me encarando de um jeito sensual, adulto e sem vergonha, molhei toda. A hora que este homem atolar a mão na minha bunda, eu queimo.

Antes, ele dizia que detestava o jogo. Eu decidi ali que adoro e, se ele ainda não gosta, se tornou um ótimo jogador do mesmo jeito.

— Ainda consigo te deixar sem graça – Sorriu com a vitória, constatando o óbvio – Bom, preciso ir.

— Posso te ver mais tarde?

— Eu não saio do trabalho tão cedo – A sua voz engrossou, Lipe. Como será que você geme, agora?

— Levo comida.

— Então tá.

Num aceno, deu as costas para mim, rumo ao meio-fio, direto para o primeiro táxi. As costas largas estão perfeitas e eu não tinha visto esta bunda, ainda. Que coxa maravilhosa, Meu Deus. Todo encaixado e justinho, todo perfeito. Vai fazer estrago comigo. Sorri pensando, entrando no segundo táxi da fila, olhando o Lipe partir.

— Para onde a Dona vai?

— Jockey Clube, por favor.

Conferi se na bolsa eu tinha duas coisas: Chave da porta e soco inglês. A Bia me deu o soco inglês logo que chegamos a Portugal, rezou para que eu nunca usasse, mas disse que era por precaução. Éramos duas moças estrangeiras no meio da macharada que só vê brasileira sambando pelada na TV e a gente sabia que estava longe demais de casa para contar com a boa vontade do povo estrangeiro.

Ceguei ao portão principal do Jockey e uma fila de caminhões com os cavalos estava parada em fila dupla, embicada no portão, sem conseguir passar. A Bia, brava e muito suada debaixo do Sol forte, gritava com um segurança que olhava a prancheta e olhava para ela, sem saber o que fazer.

— Cê não falô que essa desgraça tava no meu nome??? – A Bia gritou para mim – Por que é que eu não posso entrar, Diabo??

— O Jockey inteiro está no seu nome, Bia.

— Então mostra pra esse porra, caralho!

— A culpa não é dele, Bianca, se acalma. – Peguei o celular e liguei para o meu advogado. Dei cinco minutos para que ele chegasse para resolver e avisar para que o Jorge viesse nos atender.

— Cê avisô que vinha, não avisô? A gente não tá fazendo surpresa nenhuma, a gente falou que ia se mudar para cá, falou que era para mandar limpar os dois estábulos principais, não foi?

— Bia...

— Então porque esse porra tá fazendo charme?

Nervosa demais só por esperar. A Bia não tem muita paciência, nunca teve, mas não era assim que ela resolvia as coisas. Quase ameaçava pegar o segurança na porrada. Sentou, inconformada, ao volante do primeiro caminhão

da frota e buzinou louca e escandalosamente.

Paguei o táxi com os poucos reais que eu tinha e me sentei ao lado dela, entendendo tudo. O caso dela com o Jorge era uma coisa complicada e eu não contei ainda porque este livro é a história da minha vida, quer dizer, parte dela, a história da Bia vem depois.

Mas, em resumo, o Jorge quem ensinou a Bia como domar cavalo sem machucar. A Bia ficou boa de cuidar de cavalo também pela paciência que o Jorge teve de ensinar a doma humanizada, o respeito pelos cavalos, o dom de guiar todos eles sem nunca erguer uma vara para fazer sangrar.

Só que foi este mesmo Jorge, ao cabo do meu primeiro ano em Portugal, que deixou a minha Bia com um olho roxo e ela me mentiu falando de acidente. Foi esse cara, com todo o cuidado com cavalo, que diminuía a Bia na minha frente, a mandava buscar bebida para ele (e ela ia).

Eu sabia que a nossa volta seria traumática e ela me garantiu que podia ir sozinha, mas não podia, não. A Bia nunca me contou do porquê se embebedou tanto naquele nosso antiigo apartamento em Belo Horizonte, mas nunca deixou de esconder que não sabe o que é ser respeitada.

Pelo pouco que eu via o Jorge cuidar da Bia no único ano que ficamos separadas, eu entendi que a ferida da Bia vai mais fundo, corta muito mais longe, que aquele maxilar quebrado remendado com aço que dói todo dia. Eu vi o olho roxo numa ligação pelo Skype e, na semana seguinte, voei de volta ao Brasil sem o Lipe saber, porque o foco não era o Lipe, mas ela.

Vi com meus próprios olhos que o Jorge bebe e fica agressivo, a Bia briga com ele e ele fica agressivo. Eles nunca namoraram, só se beijaram e se misturaram, a Bia nunca o quis como nada além e ele queria, queria muito de beber comigo e eu vê-lo chorar dando murro em porta e quebrar vidros de revolta pela Bia não o querer como ele a queria.

Por isso, ano seguinte, arrumei uma égua Puro Sangue Inglês de quatro anos, adulta e agressiva, que ninguém domou por falta de coragem. Chamei a Bia para ir comigo a Portugal para domar e a vi comer e beber olhando o cavalo, viver para assistir o jeito desconfiado e temperamental daquela égua.

Foi daí que veio a história do maxilar de aço. Esta égua quem deixou minha Bia sem comer nada além de sopa por seis meses até que conseguíssemos implantar um maxilar novo. Quando ela olha para cima você vê, embaixo do queixo, uma linha fina de quelóide e, na frente da orelha, perto das costeletas, também tem, parecido com uma estria bem fina.

— Mana, eu não tô boa. — A Bia disse, enterrando ainda mais o chapéu do vô na cabeça, que era para que eu não visse as lágrimas riscadas no rosto.

— A gente demite ele. — Ele só não está demitido ainda porque a própria

Bia não quis.

— Eu não tô boa para ficar sozinha ainda, Dê. Me desculpa ser um lixo de irmã, mas não tô pronta.

— Se acalma. — E bastou para que eu desatasse o aguaceiro. — Se acalma que disse cuido eu. Liga o caminhão e me espera, que eu vou dar um jeito nessa demora do cacete.

Limpei as lágrimas na mão, arrumei o cabelo e descí. Tirei o blazer e o pendurei na alça da bolsa. Passei anos para conseguir vestir camisa sem alça, mas ali, de blusa de alcinha, a roupa era o que menos me importava.

— Você sabe o meu nome? — Perguntei ao segurança que tremia o queixo de medo de perder o emprego.

— Sei sim, Dona.

— Sabe?

— Dona Botelho, seu Jorge falou que vocês viriam e mandou trancar todas os portões.

— Ah, ele mandou?

— Sim, Dona. A senhora me desculpe, mas...

— Qual seu nome?

— Não vou falar isso à senhora.

— Então tá, não diga, deixa que eu descubro. O Jorge é empregado meu. Esse Jockey é todo meu, a piscina daí de dentro quem mandou fazer fui eu, os estábulos da fisioterapia quem projetou foi a minha irmã, aquela cowboy nervosa ali. — E aponte para a Bia debruçada no volante — Presta atenção, segurança sem nome: ou você me deixa entrar e colocar meus cavalos no lugar deles, ou, quando eu entrar à força, você vai ser o primeiro a ser demitido.

— Só estou cumprindo ordens.

— Da pessoa errada. Você é terceirizado, né? Uma pena.

— A senhora está me colocando numa posição muito delicada.

— Abra a porta.

— A senhora...

Minha Santa Paciência. Mandeí que chamasse a polícia, se me quisesse fora dali e, com o molho de chaves que eu tinha na bolsa, cacei a chave do portão quinze. Abri. E ele não foi doido de colocar a mão em mim, mas gritava pelo rádio a outros seguranças e me gritava falando que a polícia estava a caminho. Abri o trinco do portão e deixei a Bia passar, depois os outros nove caminhões encostados em fila dupla há mais de uma hora por capricho de um homem que não sabe perder.

Fiquei para trás, sozinha, enquanto a Bia guiava os outros caminhões para o estábulo. Fechei o portão ouvindo muitos seguranças chegarem para me

impedir, mas não ouvi sirene de polícia.

— Vocês todos sabem quem eu sou. — Falei. Veja bem, eu falei, não gritei. Somavam doze homens para impedir a entrada de uma mulherzinha só. — E todos vocês têm ordens para não me deixarem entrar né? O primeiro que encostar a mão em mim está morto. Eu não estou falando no sentido figurado, eu estou falando sério. Eu faço o cabra que encostar a mão em mim perder tanto dinheiro com processo, que vai achar melhor se enforcar que me pagar.

Raiva de homem contrariado, síndrome dos pequenos poderes. O Jorge que não soube administrar a propriedade da própria família e resolveu vender parte para uma Coudelaria maior em Portugal, os homens que odiavam ser contrariados por mulher ali, parados, queimando de ódio.

Saí andando para dentro do espaço que precisava, urgente, de muita reforma. O gramado todo queimado por falta de cuidado, as vias de asfalto para que os caminhões pudessem transitar, todos esburacados. Mau perdedor. Quando comprei a parcela da Coudelaria que me dava acesso irrestrito ao Jockey, eu ouvi o berro desesperado de um homem que não entendia como de um por cento dos negócios, passei para sessenta.

Quando passei a escritura do Jockey para o nome da Bia, mas não demiti o Jorge também por causa dela, eu sabia. Ele iria destruir tudo o que a própria família construiu só para não me dar o gostinho da vitória.

Além de mau perdedor, incompetente. Passando os olhos por tudo, a única coisa que permanecia bonita era a casa dele, no centro do Jockey. Todo o resto sem manutenção. Atravessei a pista de corrida circular e senti o desgosto na boca. Lama e barro em cima do asfalto lisinho que eu mandei fazer há anos. As baias vazias dos cavalos, os jardins, a piscina! Passei pela piscina e a vi vazia, lodosa, com pombo dentro. Dois quilômetros a pé, eu andei, de salto no barro e na grama, para ver parte da desgraça que foi manter o Jorge no comando de tudo.

Tinha mais para onde eu não conseguia ir. Tinha tanto mais, que eu sabia e já previa goteira em todas as instalações, ácaro, pulga e carrapato em todos os estábulos.

Onde estavam os cavalos dele, os PSI que ele tinha e que eu vendi cobertura há dez anos? Tirou-os de lá ou só destruiu toda a parte pública?

Andei até a casa dele. Uma moça loura com um bebê no colo e óculos de sol que tapava até as maçãs das bochechas me disse que Jorge estava no estábulo principal.

— E onde fica?

Para onde a Bia tinha ido, é claro. Andei mais alguns quilômetros a pé. Jorge, envelhecido e de chapéu, beijava a minha irmã na boca e ela deixava. O

que foi que fizeram com você, Bia, você não percebe? O coração doeu, o sangue esquentou e um homem desses ocupava tempo demais no mundo.

Procurei na bolsa e achei. Armei o soco inglês na mão e, mesmo com as bocas coladas, puxei Jorge pelo ombro e dei. Santo Deus, que alívio. Nunca na vida pensei que bater fosse a solução, que vergonha usar a força.

Mas que alívio vê-lo caído entre as vigas de sustentação do estábulo, olhando para mim como se não acreditasse que eu fosse capaz de tudo isso, furioso porque nunca apanhou de mulher.

Que delícia colocar tudo em pratos limpos.

Quis vir para cima de mim e graças a Deus a Bia ainda tinha um pouco de juízo.

— Quer bater, bata em mim! EM MIM, JORGE, NUNCA NELA – Gritou, doída, o segurando parado.

— Ê, Tinhosa – Jorge me disse, massageando o rosto – Sempre se escondendo atrás da tua irmã.

Não falei nada. Fiquei quieta. Vi meu advogado chegar correndo, sozinho. Não ligaram para a polícia? Os seguranças então tinham medo de mim? Primeira reunião: segurança. Segunda reunião: peonada. Colocar ordem no barraco, mostrar que ali não era casa de doido para ser toda largada.

Miguel trouxe a pasta que estava com ele desde Portugal, as assinaturas, o rosto preocupado de ter ouvido gritos da Bia. Parou do meu lado, olhando bem para mim:

— Dona Botelho, a senhora está bem?

Não, não estava. Tremia muito. A mão ainda enfiada no soco inglês, doida de medo de apanhar do Jorge que eu nem sei como foi que desistiu de me arrebentar. Força e tamanho ele tinha.

— Pega o Jorge, Miguel, e coloca para fora agora.

— Você não pode me tirar, eu moro aqui, isso é meu.

Não dei ouvidos, isso era coisa para o advogado, não para mim. Olhei para a Bia, o chapéu enterrado na cabeça, a raiva travada nos dentes. Onde estavam nossos dez cavalos? A gente ainda tinha mais nove viagens dessas para fazer, tem noventa cavalos esperando em Portugal, onde estão todos os peões que eu mantive por anos na folha de pagamento?

A arrastei para dentro da construção de barro com ornamentos do começo do século dezessete e imensas reformas. Tudo melado de barro, chorume e mosquito. Aquele era o estábulo principal, onde o Encrenca ficou por um ano inteiro sendo bem tratado pela mãe e amado mais que tudo.

— Vai ter que adiar. – A Bia disse quando finalmente entendeu que a ruína do Jockey foi causada pelo Jorge, o mesmo homem que se atreveu a beijá-

la – Adia tudo, o estábulo não serve mais para nada, não tem infra. O Jorge destruiu tudo, Dê, tudo! Olha para isso!

Quando a gente mata a cobra, a própria Bia já me disse isso uma vez: tem que mostrar o pau. Ela quis o Jorge cuidando do Jockey, não quis? Pois então. Ela confiava nele, não confiava? Pois então. Não bastou ele bater em você lá atrás, né Bia?

Bia, pelo amor de Deus, quando você vai aprender?

Eu lembro de como tudo costumava ser: muito limpo e muito arrumado, cavalo asmático pegava ração do chão, tudo ajeitado, chegava até a dar gosto. Encostada na parede, a Bia chorava de desgosto e tristeza. Deixou o Jorge ficar por pena e por confiar que ele amava cavalos mais que tudo, como ela. Eu disse a ela que comprar o espaço e não demitir as pessoas era um tiro no pé, mas a Bia é coração. Pensou nos filhos dos peões, nas famílias, nas pessoas. E eu aceitei porque a Bia tinha razão e eu não podia tirar o trabalho das pessoas por um capricho meu.

Fiz de tudo um pouco nessa vida, até financiar guerrilha, como já falei: mas cruel eu não sou.

Pelo menos, não achava que era. Ali, com o Jorge, deu vontade de ser.

— Eu vou ligar para o Tio Rubens. – Respondi, puxando o celular.

— O que ele fez com todo o dinheiro que a gente entregou para as melhorias? Cadê o alojamento dos peões? Eu tô com dezoito cabra aqui sem ter onde dormir! O que é que ele fez com os cavalos dele? Matou tudo? Cadê os estábulos que eu paguei para ele fazer? Dê, era muito dinheiro, muito dinheiro mesmo. Ele enfiou tudo no rabo?

Bia, você sabia do risco. O telefone do tio tocava e eu não conseguia prestar atenção. Eram nove caminhões de carga viva com dois peões de guarda cada, mais o caminhão da Bia. Cada caminhão parado atrás do outro sem entender o que o Jockey do Brasil, antes, tão bem-falado, tinha virado.

O Tio atendeu e eu pedi asilo. Eu não podia enfiar cavalo cansado, vindos de Portugal, de volta para mais catorze horas de viagem, era muita coisa. Eu quis provas das melhorias que o Jorge disse que fez, mas em respeito à Bia, não pedi. Em seu contrato de trabalho como gerente do Jockey estava escrito que ele cuidaria da verba e das manutenções, das melhorias e das pistas.

Ali... parecia qualquer fazenda abandonada, menos um Jockey. Miguel fazia o Jorge assinar termos infinitos de responsabilidade e o Jorge assinava, nem via, doido de raiva. Se fosse um por cento inteligente, teria repensado a assinatura.

— Bia, cata os peões e vai para Poços. – Falei. – Levem todos para lá, fica com a mãe um pouco e aluga um hotel para todo mundo, estão todos

cansados.

— Eu fico. – A Bia teimou. – Eu dou o GPS na mão deles e eles vão. Eu fico porque você não tem cabeça para lidar com tudo e eu também não.

De caminhão em caminhão, a Bia foi conversando com as duplas de peões visivelmente cansados. Era metade da nossa força de trabalho, vinte peões para cuidar de dez cavalos, outros vinte peões para lidar com os noventa que ficaram em Portugal. Pediu desculpas a cada um deles pelo desleixo do Jockey e abriu o portão aos dez caminhões para que fossem todos embora.

— Maravilha de desgraceira de vida! – Chutou a porta do estábulo arruinado.

Eu não fiquei tão nervosa porque era o esperado. A Bia queria ter trazido cinquenta cavalos de uma vez, mas eu falei para irmos com calma, que era melhor levarmos dez cavalos na primeira leva, só para sentir o terreno.

Eu sabia que isso era possível. Eu queria estar errada, mas sexto sentido é uma coisa certa demais para eu não confiar. Todas as vezes que a Bia estava certa, que vinha falar comigo sobre não-demissão, ou sobre o Jorge e as melhorias, eu acenava que sim, assinava o que ela quisesse, transferia quantos milhões achasse bom.

Mas no fundo, eu queria estar certa e paguei para ver.

Eu queria que a Bia visse quem era o Jorge. Torrou nosso dinheiro, fez caixa dois, enfiou o Jockey inteiro na lama. Olhei minha irmã sentida, mas não fiquei com pena porque era uma ferida necessária. Desde Belo Horizonte que ela faz coisas com o Jorge e não me conta. Lembra de ela querer abrir Ala de Fisioterapia e entregar o ouro todinho ao Jorge, sem nem conversar comigo?

Tudo o que envolve o Jorge, depois daquele dia, eu repensava duas vezes antes de acreditar. Alguém do Brasil já tinha me contado, por cima, numa viagem que fez, que o Jockey não era como antes.

E já que bater de frente com a Bia nunca funcionou, diga olá para o meu lado manipulador: eu preferi que ela visse e sentisse na pele quem era o cara a quem ela seria capaz de fazer burrada atrás de burrada, tudo isso, cega de amor.

— A partir de agora você confia em mim quando eu falar para demitir pessoas? – Perguntei para a Bia.

— Não joga as coisas na minha cara agora.

— Olha para mim. – Pedi, erguendo a aba do chapéu da Bia e a olhando nos olhos – Presta atenção: a gente vai ter que reconstruir tudo isso e eu faço com o maior prazer. É tudo seu, Bia, é seu, você faz o que quiser, inclusive me manda embora se achar que estou jogando coisas na sua cara. Eu vou mandar o Jorge sumir daqui, vou arrancar até as cuecas do corpo dele e você nunca mais vai olhar na cara dele. Bia, você está me entendendo?

— Você fez isso de propósito, não fez?

— Engole o choro. – Falei. E doeu demais ser tão dura – Engole, porque você decidiu isso. Você confiou num cara e disse que ele jamais seria capaz de fazer mal a cavalo algum. Aqui está. Ele não é o amor da sua vida, ele não é um cara legal, ele é um poço de oportunismo com cara de pau, sempre foi. Te pegou pela xoxota e ia te explorar e te explorou. Bateu em você e você deixou, não pagou os nossos lucros por anos e eu cansei de te falar isso, só você não viu. Presta atenção, Bia, você é o amor da minha vida e eu faço o que for por você, mas para de pensar que o Jorge é sua alma gêmea, porque de alma gêmea você tem a mim.

— Depois de todos esses anos.

— Ergue a cabeça que a merda não terminou.

Jorge continuou assinando papéis e eu vi quando, lá da casa grande, veio a moça loura com o bebê no colo, conversou um pouquinho com ele, falando baixinho assim, com medo, os óculos gigantes no rosto e ele vociferou, descontando nela e na bebê que dormia, a frustração de ser um lixo de homem.

— EU MANDEI VOCÊ NÃO SAIR DE CASA! – Ele gritou.

Ele não mexeu comigo, nem com a Bia, nem com Miguel, porque nós tínhamos poder do nosso lado. Uma mãe segurando um bebê no colo... Entrando pelo Jockey e reivindicando o que é da Bia, dinheiro me dá poder e não é ruim você ter poder, se pode controlar aquilo que sempre esteve na mão dos homens.

Se a Antiga Andressa entrasse por aquela porta e encontrasse uma mulher apanhando do marido, o que ela poderia fazer? Deixar na mão dos outros homens? Secar as lágrimas dela, cuidar de seu bebê por algumas horas e entregá-la para a polícia para que esta mulher, fragilizada e recém-mãe, ouvisse de policiais que “foi só um tapinha” e que era só o “calor da discussão”?

A polícia chegou, finalmente. E o Miguel segurava o Jorge junto com a Bia, enquanto eu me colocava na frente da mãe segurando o bebê. Tudo funcionou muito rápido, a gente só viu a mão dele descer, fechada, para o rosto dela e a gente agiu. O bebê chorava alto, a polícia, que foi lá para me prender por invasão de propriedade (a minha!), agora prendia o Jorge. Miguel foi para a delegacia junto com o peão algemado e a Bia se via tanto na mãezinha machucada, que não pôde dar um pio.

Eu não sabia seu nome, de onde era, qual nacionalidade ou burocracias. Só via os óculos partido no chão, um olho roxo pulsante de porrada prévia, o nariz sangrando e o bebê urrando. Andamos, nós três, de volta para a casa grande e não falamos nada até que ela estivesse mais calma, com um chá na mão e o bebê dormindo aninhado na curvinha do braço da Bia.

— Bia, vai com ela para Poços e deixa ela sob o cuidado da mãe. – Eu

falei, colocando mais um pouquinho de açúcar da xícara da moça – Eu vou mandar um helicóptero e vocês duas vão passar um tempo comendo pão de queijo até conseguirem fazer alguma coisa além de chorar.

Eu sou grata por ter dinheiro, por ter poder, por ser eu. Eu aprendi um monte de coisa no caminho e essa foi uma. Dinheiro não é número num banco. Dinheiro e autoridade faz você ser inteira e ninguém mexe com você quando você é inteira. Empoderamento que tanto falam, não é? É isso. Não é se olhar no espelho e se sentir linda, não é autoestima quanto ao corpo. É ir onde ninguém vai. É abrir a boca quando ninguém deixa e decidir quando ninguém decide.

Todo o resto só serve para vender maquiagem.

E depois, sozinha, depois que a noite virou dia e o helicóptero já tinha partido, me reuni com a equipe de segurança. Mandeí que pedissem demissão da terceirizada e que me entregassem suas carteiras de trabalho na semana seguinte. Nenhum deles falou nada e nem foi capaz de argumentar, depois que viram o Jorge sair algemado do meu Jockey.

Pedi depois, por telefone, que a equipe de RH da Coudelaria viesse ao Brasil para acertar esses detalhes, que eles e os gerentes colocassem a mão na massa e dessem espaço digno, condições de trabalho e que estruturassem as cadeias hierárquicas no mesmo modelo que trabalhávamos em Portugal.

Mandeí que contratassem um bom gerente comercial, um bom veterinário, uma equipe boa de limpeza e jardineiros. Mandeí vir por tempo indeterminado meu Assistente e o Diretor Geral.

Olhei no relógio, ancorada com a minha 4G na sala da casa do Jorge, e já eram dez horas da noite. Sequer tempo de reparo eu tive, ainda tremia, falava rápido demais, adrenalina pelo corpo todo e a mão que eu esqueci que inchava.

Burrice dar soco no Jorge, depois de ver o que ele fez com o rosto da moça loira que, por ter sido tudo muito rápido, emergencial, esqueci de perguntar o nome. Podia ser o meu globo ocular esfarelado e eu não sei como Cristo ele não me acertou como a acertou.

Capítulo 38

Eu, minha bolsa, meu salto, minha mala mínima: parados; onze horas da noite, na frente de um edifício espelhado alto, com parede de vidro e elevador panorâmico. Um segurança noturno sentado na cadeira das recepcionistas diurnas me olhava com uma ruga na testa: “O que esta louca... ?”.

Olhei para cima, mas eram muitos os andares acesos àquela hora, não dava para saber qual era o andar do Lipe. Entrei, perguntei para o Segurança se podia entrar, contei a minha história trágica de mocinha de amor perdido, dei uma choramigada, pedi para subir. E nada. Ofereci suborno. Eu tinha cacife para dar suborno, mas nem assim.

— Pelo menos pergunta se eu posso subir, cacete! – E a Dê de sempre não gosta de palavrão.

Finalmente ele tirou o telefone do gancho, discou o interfone do escritório do meu Lipe e perguntou:

— Senhorita Manuela... Sim, esqueci, só Manu. Tem uma moça... Pode subir? Tem certeza?

Subi os catorze andares e encontrei Manuzinha. Uma moça jovem, os olhos como os da mãe dela, o cabelo irregular todo branco, solto na altura da cintura, piercing no septo, as sobrancelhas muito marcadas e a boca pequena, num vestido preto de laço, tule e fita, os braços, os dois, cheios de tatuagem. Brincos enormes de plástico. Muito colar e muita pulseira.

Me olhando muito, dos olhos estalados dela escorreu maquiagem preta pelos cantinhos do rosto. Manuzinha Monstrenha. Tão linda! Tão fofa e tão... esquisitinha! Numa das mãos segurava um pirulito, na outra, a maçaneta.

Fui tomada num abraço longo que não mereci.

— Eu não vou te julgar, Dê. Eu, no seu lugar, tinha feito o mesmo, mas você tem que se preparar para encontrar o que vem pela frente, ‘tá ligada? As coisas aqui estão pior que o Talibã e a mãe não colabora.

— Manuzinha, eu quero saber tudo sobre você.

— Se até o meio dia de amanhã você não estiver enroscada no meu irmão, almoça comigo? Também quero te conhecer. Eu lembro bem pouco de você e você me deixa curiosa.

— Curiosa?

— É, quero desmontar você, para ver se entendo.

— Amanhã, então.

— Tá. Bom, vou deixar você encarar a fera sozinha, porque você não veio me ver, né?

— Tia Fê tá aí?

— Se a mãe chegar em casa depois das sete horas não entra em casa, rola divórcio. Maluco, se eu fosse a mãe, cê ia me ver dando cada voadora naquele velho chato do caralho... Aquele lá também, tá velho e só sabe mandar nos outros. Tá, agora chega de conversa. Tchau.

— Tá bom – Ri, recebendo um beijão no rosto.

— Dessa... ?

— Oi.

— Veio para ficar?

— Para ficar.

— Aumenta o reforço da muralha e se prepara, que o cu doce que ele vai fazer vai ser de foder.

— Sim, senhora.

— ... E se não puder fazer meu irmão feliz, só cai fora, tá?

— Deixa que disso cuido eu.

— . – Coçou o queixo com o polegar e o indicador de um jeito pensativo, os olhos longe, um meio sorriso na cara – Torque baixo com rotação rápida, bem que ele falou. Não se esquece de almoçar comigo amanhã, tá?

Sorri para ela, olhando a figurinha exótica vestida de princesa das trevas. Eu sou simples de entender. Coração e cabeça que andam descompassados; ideais, motes e boca que não se ornaram; pulmões fortes numa figura fraca, dentes que travam palavras, mãos nervosas e pés que cansaram de vagar sem lar. Esqueci alguma coisa?

Ah, sim. Da banha.

Entrei no escritório dele sabendo que aquele era o espaço do meu Lipe. Um mural de camurça com datas e prazos de dois anos atrás, sofás, pufes e cadeiras abarrotados de livros, estantes (as quais deviam abrigar os livros, mas com mil latinhas vazias de coca-cola, garrafas d'água, canecas sujas, além de maquetes encostadas de projetos passados). Era uma sala ampla e única aquela, a janela de vidro com a persiana escancarada para uma noite sem luar, o ar-condicionado ligado.

No meio, uma mesa de reunião de vinte lugares, um rolo de papel quadriculado estendido. Era ali que estava o meu Lipe. Jeans, sapatos e camisa ofertados a um novo projeto, trabalhando sem me ver.

O peso dos dez anos, se já não tivesse caído, cairia ali, outra vez, tudo de novo. Ele era um homem, então. O mais bonito que já vi. A roupa alinhada, embora cansado, limpo depois de um dia de trabalho, um cotoco de lápis segurado nos lábios. As sobrancelhas grossas unidas, a expressão vincada por ter diante de si um desafio, as mangas da camisa arregaçadas até o cotovelo. Era

esse o Felipe Ferreira de vinte e sete anos. Todo ali. Um dos braços tatuados até onde pude ver, apoiado na mesa.

Poucas tatuagens daquele braço são pintadas. A maioria dos desenhos eu não faço ideia do que são. Todas as tatuagens pintadas de outra cor que não preto, são azuis.

Azuis como o colar da vó.

Azuis como os meus olhos agora oceanos, que um dia foram lagoas.

As tatuagens daquele homem têm a minha cor.

Compenetrado como estava, ele não me via. Tinha olhos apenas para os projetos. Demorei um tempo para falar só porque o Lipe, aquele adolescente indisciplinado e genial, que seria capaz de andar de skate na contramão da Afonso Pena, agora é todo homem. Cresceu diante dos meus olhos, o ideal de Príncipe Perfeito. Era o homem mais lindo do mundo e indisciplina e desordem não são adjetivos que contemplem homens feitos.

— O que aconteceu com a sua mão? – Com o calor dos acontecimentos, esqueci da mão. O corpo ainda estava quente, todo raiva e processamento lento. Olhei para a minha destra, inchada, os anéis perdidos dentro da bolsa. Você mandou e desmandou, fez e aconteceu, colocou a irmã em helicóptero e o escambau, tudo com a mão neste estado?

— Prendi na porta.

— Tá feio isso, precisa de gelo – Beijou a minha mão com candura e carinho, foi até a cozinha do escritório e voltou com uma bolsa térmica – A sorte é que a Manu vive se estatelando por aí, aí a mãe deixa essa bolsa aqui para emergências. – Segurou a minha mão e colocou a bolsa sobre os meus dedos, num sorriso lindo de menino, me beijando a bochecha – Ganhou o mundo, mas continua não sabendo brincar de mão.

Dava beijinho para sarar e me contava de como a irmã dele adorava um tombo. Das vezes em que ele ou o Guto pregavam peça na Manu, puxando a cadeira quando ela ia se sentar, a fazendo cair no chão. Das vezes em que a Mona machucava a Manu de tanto que brincavam no quintal.

— E Mona, falando nisso?

— Foi como viveu a vida toda: - disse, sorrindo, lembrando da cachorra – no tapete da cozinha. Morreu ano passado.

Olhando para ele, a doçura de um menino e o coração de herói, eu desabei. Chorei sozinha sem que ele entendesse. Eu dei a sorte de encontrar uma pessoa como ele, que não tem vergonha do que sente, ou das coisas que faz pelo que sente.

Olhando tanto assim para ele, os olhos confusos por me ver chorar, segurando o gelo e a minha mão, que eu entendi. Faltava experiência no menino

de dezessete anos, mas ele sempre esteve pronto. Aquele menino se reflete claramente no homem que ele é hoje.

Só alguém que confia tanto no que sente é capaz de esperar tanto. Ele me deu o maior voto de confiança que alguém podia dar. Ele foi comigo até onde pôde e depois me deixou voar sozinha. Voei, Lipe. Fez diferença você ser respeitoso comigo quando a gente namorava, fez diferença você ser respeitoso comigo quando eu quis ir longe. Fez tanta diferença que eu sei separar abuso de amor, coisa que a Bia não sabe.

Mentir para ele assim, depois de tudo isso? Era mau-caratismo. O Lipe que me beija a mão, que ainda vai ser meu marido, que me sorri e cuida de mim mesmo muito triste e apagado, tem que saber de tudo. Todas as vezes em que eu precisei usar o soco inglês e todas as vezes que eu passei a perna em concorrente desleal. Precisa saber de tudo meu, porque só quando ele souber tudo o que eu me tornei, todas as coisas ruins e boas que fiz, que ele será capaz de escolher continuar comigo ou não, porque, eu já tive essa prova uma vez, amor não é tudo. Amor não coloca comida na mesa e não te faz sentir orgulho de si mesma. Uma hora, olhando o outro conquistar terrenos, você vai olhar para si e vai ver que não tem nada só seu. Isso fere. Você amar loucamente alguém sem ser ninguém. Isso fere, vai por mim.

— Desculpa, Lipe – Comecei, depois que ele me trouxe papel para enxugar os olhos – Eu preciso te dizer a verdade, não preendi a mão na porta.

Contei sobre o Jorge. Depois da esposa do Jorge. Da Bia eu não contei, não achei que fosse coisa de contar, a própria Bia ainda não me contou tudo.

— Você se arriscou demais. – Me disse. Desde que falei do Jorge, que ele me olhava apaixonado de novo, do jeitinho que me olhava quando tínhamos dezessete anos e ele ainda não tinha dito que me amava. Tinha gosto de casa, de Brasil finalmente, tudo aquilo. Poder contar para ele todas as minhas loucuras que ninguém nunca vê.

— Você não imagina o medo que eu fiquei – Confessei.

— Você bebe cerveja?

— Não é minha bebida favorita.

— Como você disse que ia passar aqui na hora da janta, eu te comprei aquele vinho que você bebeu no almoço. – Foi para a cozinha e eu só ouvi o barulho da rolha saindo de dentro da garrafa e alguns barulhos de louça – ... Só que vai ter que ser na caneca, aqui a gente não tem taça, não.

— Obrigada. – Sorri, recebendo a caneca com o logotipo do CREA, brindando com ele. Mudamos, verdade, mas não tanto assim ao ponto de não nos reconhecermos mais.

— Você podia ter me ligado. – Comentou.

— Não, você está ocupado. Não vou nem demorar muito aqui porque eu sei que você tem prazo para cumprir.

— ... Mas era uma emergência, você podia ter me ligado. Se o Jorge bate na mulher dele, o que ele não faz com a mulher dos outros? Dê, você deu foi muita sorte.

— Para você ver, dinheiro não compra tudo.

— Isso vindo de você até que fica irônico, ô, Oito Carros.

— Falou o pobretão, né, ô, BiciReta? Você tem cara daqueles esportistas ecológicos que protestam na Paulista montado numa bike de dez mil reais.

— Eu ando de Bike porque eu gosto. E eu ainda te ponho montada na minha.

— Montada na sua o quê?

— Na minha bike, ué.

— Uma pena.

— Só atira para matar agora, né, Vaca Megera?

Bebi o vinho rindo um pouco e ele arrumou a bolsa de gelo sobre a minha mão.

— Depois que a mão melhorar, te ensino como é que soca, tá bom? Os pais nunca ensinam as meninas como é que soca.

— É que os pais nunca esperam que as meninas precisem dar um soco.

— Eu preferia que você não precisasse socar também, mas estou feliz que você tenha socado quando precisou. – Me beijou a boca num estalido rápido e eu fiquei sem reação nenhuma. Ele fez no automático, nem percebeu que o fez e nem percebeu que estávamos há anos sem nos beijar. – Obrigado por não ter mentido para mim.

— Lipe.

— Oi.

— Me beija.

Ele tinha um jeito bonito de sorrir triste. Como se abdicasse de uma coisa importante, como se fizesse algo que fosse contra seus próprios princípios. Baixava os olhos e a cabeça, mas mantinha o sorriso. *Não, ele não vai me beijar.*

— Não tô legal para te beijar.

— Desculpa, não peço mais.

— Eu quero você de volta, inteira de volta, toda minha, mas não tudo de uma vez.

— Eu não estou com pressa – Menti.

— Não vou dizer que não te amo, você sabe que sim, mas não tô pronto para ter você outra vez.

— Tudo bem.

— ... A verdade é que eu não confio em você. Não quero me derramar todo de novo por alguém que vai embora na primeira oportunidade.

— Eu pedi seis meses, você me deu seis meses e cá estou.

— Me mostra que eu virei prioridade, que eu te ponho como prioridade. O Mundo é seu, Nina, mas eu, não. E eu quero ser. É a primeira e a última chance que eu te dou.

— Engraçado você dizer que quer ser prioridade. – Sorri – Você só deixou de ser prioridade quando foi embora.

— Dez anos te fizeram bem – Disse, me analisando enquanto dava um gole na própria caneca.

— Que nada, minha bunda caiu.

— Caiu nada.

— Tá, vai, cair não caiu, mas ganhei umas estrias.

— Arranco dente.

— Assim fica bem difícil te amar de longe, Ferreira. Você me nega beijo, mas fica jogando sujo.

Ele riu. Alto e para fora, como o meu Lipe ria. E que risada gostosa ele tinha.

— Ainda mais agora que a mão da siririca está inchada, né?

— Tô aceitando ajuda – Devolvi.

— Eu vou pedir comida, a princesinha come porcaria?

— Eu como quase qualquer coisa.

— Ufa, achei que você só vivesse à base daquela salada de molusco, lá. Troço horrível.

— Nossa, Ferreira, mas você é de uma classe, né?

— Fia, eu lambo prato até hoje.

— Só prato?

Capítulo 39

Era não mais que seis horas da manhã. Comprei um chip de celular brasileiro passando numa farmácia vinte e quatro horas, ontem. Me despedi do Lipe e quase que não trocamos telefone, o tipo de descuido que só tem quem tem uma relação de anos – quem acaba de se conhecer sai logo pedindo telefone. Deitada sozinha na cama de hotel, eu ainda não tinha levantado. Um sorriso no rosto e uma comichão debaixo do rim que não saía de mim.

— Liguei muito cedo? – Ele ainda não tinha dormido. Estava ligeiramente acelerado, como toda vez que fica insone. – Eu fiquei esperando dar seis horas para poder te ligar.

— Você pode me ligar a hora que quiser – Por mim, você estaria deitado aqui comigo.

— Você vai ver aquele Jorge hoje, de novo?

— Ficou preocupado com isso?

— Se ele dá um murro em você quem vai para a cadeia sou eu.

— Passou a noite pensando nisso, não foi?

— Nem consegui trabalhar. Chamei a mãe no Skype para ver se saía alguma coisa, mas daí que não saiu nada, mesmo. Junta eu e ela, parece dupla de colégio. Ninguém trabalha.

— Não precisa responder, só preciso dizer que te amo. – Sorri. É bonito, esse cuidado. Senti falta.

— Tá, – respondeu, emburrado – mas pode repetir, estou precisando ser muito amado.

— Vem tomar café comigo?

— Você vai dizer que pareço ativista gourmet, se eu for de Bike?

— Desde que venha, pode vir montado até no jegue.

Dei o endereço. Era perto, ele disse. Dei o número do quarto e fui para o banho. Preciso voltar para Portugal logo, as roupas que eu tenho só dão para mais dois dias.

Fiquei na sacada olhando lá para baixo. A avenida Vergueiro que começava a acordar, seis e um pouco, o frio úmido da São Paulo que parece brisa fresca perto do frio que já enfrentei. Pedi uma garrafa de café e tive que implorar um pouco. Eles queriam me vender a unidade da xícara, mas eu queria era uma garrafa térmica, bastante café para ficar bebendo. Olhando lá para baixo, a manhã me dando bom dia, eu vi o Lipe chegar.

Camisa e jeans limpas, gato até dizer chega, na bicicleta dele. Andava a todo vapor, correndo mesmo. A janela do meu quarto era alta, mas eu sempre fui

boa de ver de longe. A camisa grudando no tórax e nos braços com o vento e um leve sorriso de satisfação de sentir o vento bater no rosto. Louco de pedra, ele. E lindo. Lindo de parar o trânsito. Ainda não acostumei com aquele Lipe todo encaixado e perfeito. Chega a subir um calor.

A bicicleta e ele eram uma só. Parecia pedalar sem esforço, sem a mão no guidão, sem fones de ouvido. Só ele e a rua. Estacionou a bicicleta dele num poste de farol e amarrou a corrente. Com as duas mãos na cintura, lá embaixo, ele olhou para o hotel, rindo consigo. No que é que você pensou, Amor?

Demorou pouco para bater à porta. Atendi, mas demorei para cumprimentá-lo. Sequer suave, sequer respirava ofegante. Armado num sorriso lindo, ele parecia feliz em me ver. Avançou para me cumprimentar, mas eu o parei.

— Espera. – Pedi.

— O que foi, agora?

— Deixa eu te ver mais um pouco.

Apoiou uma das mãos no batente, baixando os olhos como se pensasse “Nina, sua boba”. Olhei-o mais um pouco, como eu queria ter feito quando o vi pela primeira vez, de novo. Todos os detalhes, até a camisa um pouco puxada para a esquerda e um pouco fora da calça. O jeans justo. As botas meio de trilha, meio de sei lá do que eram. Arrumei-lhe a camisa do jeito que os maridos têm que ser arrumados pelas esposas quando saem de casa, um gesto tão bobo que a minha mãe fazia com o meu pai, quando ele saía para trabalhar.

— A sala de espera acabou – Disse, mais para si, que para mim. – Acabou, não acabou?

— Acabou. – Beijei-lhe o rosto de cumprimento, enlaçando-o pelos ombros, num carinho. Nunca foi de colocar perfume, eu lembro, mas se arrumava para me ver. Naquela manhã não tinha perfume, só o cheiro dele. O seu cheiro está mais grave agora, perdeu um pouco do seu cheiro de menino. Você tem um cheiro muito só seu, Lipe. Não sei dizer de quê, mas eu sempre vou reconhecer. Mesmo quando ficar velhinha.

Me cheirava por baixo dos cabelos, ele também. De um jeito que ainda não tinha feito. Atrás da orelha, focinhando, reconhecendo que eu voltei, voltei inteira e voltei para ele. Me dava um abraço mais forte do que aquele abraço no restaurante. Toda vez que me abraçar, vai perceber algo novo em mim. Toda vez que eu o abraçar, vou reconhecer algo novo nele. O jeito como as mãos dele continuam pesadas. Envelheceu e não tem como melhorar. Eu amo a nova versão de você, Lipe. Quando me sorri e baixa esses olhos sem me dizer o que pensa, eu amo você mais do que amava aos dezessete.

Pertinho assim, meu coração concordando com tudo o que você é, com

tudo o que você diz, Lipe, eu me arrependo de não ter ficado. A versão sã de mim, a versão revolucionária de mim, ela sabe que foi melhor assim; mas a versão romântica e louca por você, ela lamenta. A gente perdeu um tempo que não vai dar para recuperar e, se a gente perder nosso tempo tentando recuperar, não vai viver. Eu sei, é para eu tocar o barco, eu é que tenho que desprender a gente deste intervalo, mas te abraçando assim, sentindo o seu corpo no meu finalmente (e não imaginando e fantasiando este momento), eu confesso que fica difícil.

Dá para deixar tudo para trás, dá para esquecer do mundo lá fora quando você me segura assim. Estamos melhores, Lipe. Estamos maiores. É a Dessa e o Lipe de dezessete com sonhos conquistados, com anos feitos, com dias completos e ainda é a Dessa que chora sozinha e o Lipinho Lindo que lambe a tampinha do danone e dorme agarrado na irmã quando se sente sozinho.

— Não chora – Ele disse, baixinho e perto do meu ouvido. Como se me segurasse da queda, é como ele me abraçava. Como se eu não tivesse perna. A sua voz está mais gostosa, agora. Eu amei a sua voz de dezessete anos, mas nada como esta, Amor. Nada como a voz do presente. Toda vez que eu ouvir a sua voz, Lipe, eu vou sempre achar que é a melhor versão dela. Mais grossa, mais áspera, mais baixinha, mais minha. Mais Lipe, mais pai dos meus filhos, mais meu marido.

— Lipe, me perdoa...

— Olha pra mim – Disse, mais incisivo, mais sério. Descolei do peito dele e nos olhamos. Ele também tinha os olhos cheios – Chega de me pedir desculpa.

Empurrou meu cabelo para longe, penteando-o. Beijava a borda do meu rosto, com as duas mãos nele. Me vendo inteira. Na porta do quarto, as mãos dele, mais quentes, mais pesadas, ele me reconhecia. Me tocava, mexia no meu cabelo. Me olhando muito nos olhos. Ele gosta de ouvir, mas a gente se reconhece no toque, como dois cegos que precisam do tato para saber o que tem adiante. Descia a mão dos meus ombros para a linha da minha coluna, formando a linha horizontal que as sobancelhas dele formavam comigo, as lágrimas pelos cantos.

Me beijou a testa, o nariz, as bochechas. Mexia nos meus cabelos, enrolando eles nos dedos. Sem me dizer nada. Era saudade, o nome. O gosto bom e o gosto ruim.

— Oi, Nina – Me disse, a voz quebradinha. O lábio de baixo preso pelo lábio de cima, sem querer chorar.

— Oi, Amor.

— Seja bem-vinda de volta. – Sorriu, expulsando um pouco de choro,

junto. Sempre foi imenso, o meu menino. Nasceu grande.

— É bom voltar. É bom te encontrar, Lipe. — Sorri, sem largá-lo, mais chorosa que ele. Beijei-lhe o peito, os ombros, o queixo. Por ser baixinha, guiei a cabeça dele para baixo, beijando-lhe a testa, as bochechas. Pertinho assim, a minha boca da dele, os olhos dele dos meus, eu quis beijá-lo. Não por sexo, não por tesão. Só saudade. Só queria te beijar porque queria te beijar. Para sentir o seu gosto e o seu jeito. Um beijo é coisa muito íntima, eu sei, você não está pronto, você me disse.

Mas como é que faz para mandar o coração se aquietar? Como é que faz para ignorar esse impulso? Como eu te olho tão fundo nos olhos, mas não te toco a alma? A gente sempre se beijou assim, Amor, você lembra. Você sempre tempestade e eu sempre névoa fina. Você sempre ímpeto e eu sempre estável. Você sempre furacão e eu, montanha. A gente forma uma paisagem linda, Amor, você e eu. Como é que eu faço para calar um coração que está doido para te beijar, Lipe? Fui embora porque precisei, volto porque posso. Volto porque minha casa é onde você estiver.

Volto porque agora eu habito bem em mim, antes de coabitar você.

— Eu posso te beijar agora?

— Beijo não se pede — Sorria bonito do jeito que meu Lipe me sorri. Calmo e com aquela pontinha de maldade. Calmo e nada calmo também. Te conheço o bastante para saber que você está de pau duro, menino.

Beijei meu homem daquele jeito que ele gostava de ser beijado, do único jeito que eu sei beijá-lo. Beijo-carinho, beijo-cuidado, beijo-lambida.

Não atolou a mão na minha bunda, mas me agarrou pela cintura daquele jeito que me envergava toda. As duas mãos cruzadas nas minhas costas, as mãos quentes, a boca na minha, as sobrancelhas cerradas, uma empurrando a outra. Fica vermelho pra mim, Lipe. Lembra que sou eu quem mexe com teu ânimo e me deixa mexer nele também. Sei que você ainda está magoado comigo, mas isso não supera o circo que a gente faz, o espetáculo que a gente é. Calmo ou não calmo, a gente ainda forma uma paisagem linda e você lembra bem.

Com os olhos abertos, do jeito que eu sempre te beijei, te olhando todo, eu vi as lágrimas escorrerem pelos cantinhos dos olhos mais bonitos do mundo. A recuperação é mais dolorosa que o descobrimento. Lembra, você descobrindo o meu corpo, eu descobrindo o seu, a gente descobrindo uma coisa juntos? Lembra da delícia que era aquilo, Amor? Lembra de como eu era envergonhada? De como você tirou a minha camisola e, atrevido como sempre foi, me fez pedir para tirar?

Como é que um homem de quase trinta anos fica, quando quer ser atrevido? Como eu digo essas coisas de um homem lindo, adulto, formado?

Sensual e criativo? Me encanta como você é das exatas, mas não é quadrado. Me encanta esta sua bravura e valentia. Acho que é isso o que você é, Lipe. Valente. E corajoso, corajoso e macho de um jeito que eu nunca vi ninguém.

Porque eu já convivi com muito macho corajoso, Amor, mas nenhum deles esperaria dez anos só para não trair o que sente.

Audacioso e temperamental de um jeito que me mata de orgulho. Macho e doce, meu Futuro Marido. Conserva o meu menino porque não tem vergonha dele. Conserva o que tem de melhor e me mostra o que tem de pior porque não tem medo. Destemido. Se mete na bicicleta no meio deste trânsito louco e passa arrancando suspiros. A plebe não está acostumada com tudo isso de nobreza, Amor, pega leve. Só os heróis são destemidos. Só os Príncipes, aqueles que nasceram das Rainhas, é que têm esta nobreza de espírito que você tem.

— Te amo, - soltou, sem que eu esperasse – sempre te amei, sempre vou te amar e te odeio por isso.

— Não diga que me odeia.

— Um não é avesso do outro. – Me beijou a têmpora, me cheirando. – E eu detesto esse seu xampu novo.

— A gente troca – Ri baixinho. Vai de zero a cem em três segundos.

— Te amo, Nina. Obrigado por voltar.

— Obrigada por me aceitar de volta, homem da minha vida.

O grande dilema dos nossos funcionários é justamente a troca da matriz para o Brasil. Enquanto ocupávamos a sede da Coudelaria, eles estavam perto da família e dos amigos, mas, quando eu os chamei para uma reunião, metade dos funcionários dos cargos mais altos ainda não decidiu se virão para o Brasil, ou se vão ficar por lá. De todo fato, o braço da Holding *Botelho - Breed & Race Horses* está tornando a Coudelaria numa filial e a matriz vai ser o Jockey. Ao mesmo tempo em que os cavalos estão prontos para vir para o Brasil, todo o nosso management está se instalando em Lisboa, não mais em Santo Estevão porque não teremos cavalos mais em Portugal, então não faz sentido ocupar um haras quando podemos ter duas salas de escritório.

Não vou largar Portugal porque muito do meu trabalho ainda está na Europa, embora, daqui uns três anos, eu queira abrir um pequeno escritório no Marrocos, só para cuidar dos negócios com os árabes.

Fernandes, o contador, me ligou. Disse que podia vir ao Brasil hoje mesmo, mas eu o acalmei um pouco. O bom do Fernandes é que ele é Proativo, mas o ruim dele é que ele parece um pouco desesperado. Acalmei-o dizendo que

não tinha necessidade que ele viesse ao Brasil tão rápido e pedi que ele estudasse as leis trabalhistas brasileiras.

Mais louca para voltar ao Brasil era só a minha vontade de me livrar de qualquer resquício de Amarantes e Delgado e da Máfia Portuguesa. Ainda tenho acionistas com porcentagens pequenas, mas nenhum deles têm voz sobre o que eu faço, só servem para injetar dinheiro.

Não consegui me adaptar a secretária nenhuma, nenhuma delas entende meu esquema de cores e isso me irrita. Meu assistente existe para tapar os buracos que eu não consigo tapar, mas da minha agenda cuido eu. Não adianta secretária ser organizada e bilíngue, se ela não vai dispor a organização de um jeito que eu entenda. Se até meu pai conseguiu aprender meu esquema de cores, por que é tão difícil uma secretária entender?

Boa, pensei comigo, a tampa do notebook aberta ao lado da caneca de café com a marca do hotel, centenas de e-mails para mandar. Será que se eu peço ajuda para o meu pai, por uma semana só, ele me ajuda? Eu queria muito um braço direito nessas horas e eu sempre servi de braço direito para ele. Má-Botelho. Pedindo troco dos favores que fez. Que feio. Não é essa a intenção, mas é isso o que vai parecer.

De todo caso, não custa pedir.

— Dessa, amor meu. — A voz do meu pai sempre me acalma. Faça a tempestade que for lá fora, ouvir meu pai falando me dá um alívio — Pai tá com saudades.

— Também estou com saudades. — E muita.

— E aí, o que é tem feito de bom? Sua mãe está mandando um beijo e está bem brava por você ter enviado Bianca para cá, mas não ter vindo junto.

— Tem uma coisa muito delicada acontecendo, na verdade — Não contei do caso da Bia, mas contei da moça loira e da Bebê. Pedi desculpa por ter sido tão repentina, disse que ela só precisava de um tempo para descansar e pensar na vida e que a Bia estava lá pelo mesmo motivo.

— E você acha que sua mãe ligou? — O pai deu uma risadinha rouca e amorosa, pelo lado da linha dele — Soube que tinha bebê vindo para casa, até já deu pulinho. Conquistam o mundo, as minhas filhotas, mas a mãe delas quer mesmo é neto.

— Você também tá doido para ser vô.

— Não, aquele negócio todo de fralda e mamadeira de novo, não — Riu, e eu ouvi a velha cadeira dele ranger, de quando ele encosta no espaldar para rir com os olhos mirando o teto. Saudades e das grandes — Brincadeira, filhota, não quero acelerar ninguém, mas se tiver neto a caminho, você não vai ouvir o pai reclamar.

— Confessa que tá doido para ser vô.

— É, quem sabe? – Disse, num desdenhar beeeem falso – A casa tem sido silenciosa demais. Sua mãe até tenta fazer barulho às vezes, mas não é a mesma coisa.

— A gente volta aí para fazer barulho, prometo.

— E as coisas com a transição para o Brasil? Tudo certinho? O pai pode ajudar em alguma coisa?

— Pai... - e eu me senti de novo uma mocinha de treze anos que inventa um sistema de cores na agenda – Eu tô sem secretária. Tá pesado.

— Eu te emprestaria a Rosa se eu soubesse viver sem ela, Gatinha.

— Pai, o que eu quero pedir mesmo é a sua ajuda.

— A minha? – Se sorrisos fossem audíveis, eu ouviria o sorriso de fora a fora que ele deu.

— Quebra essa para mim? Vira meu braço direito por uma semaninha só? A Bia não está em condições de ficar fazendo translado Brasil-Portugal e sozinha eu não vou dar conta.

— Dessa, explica uma coisa para o pai: – Ele pigarreou e eu ouvi a cadeira dele ranger de novo – Só aqui, entre eu e você, não vou contar para a sua mãe. Você sabe que pode confiar no pai, não sabe?

— Com todo meu coração, sei sim.

— O que aconteceu com a esposa do Jorge aconteceu com a Bia também, não aconteceu? Porque... Eu sei que este tal Jorge foi namorado da Bia antes de vocês irem para Portugal, então, eu tô achando muito estranho a esposa dele ter apanhado e a Bia, não.

— Ela é esposa do Jorge?

— Você não sabia?

— Eu não parei para perguntar nada sobre ela.

— É esposa.

E ele deu um beijão na Bia com a esposa carregando o bebê deles????

— Vou ser sincera: o buraco é tão mais embaixo, que eu acho que não tenho o direito de te contar – E como falar disso sem se abalar? Funguei o nariz e busquei um pouco de papel no banheiro – Acho que não tá na hora de a gente colocar a Bia contra a parede, ela só precisa de um tempo e ela mesma conta. Você sabe como é a Bia, pai.

— Eu não ia colocar a Bia contra a parede... - Fungou do lado dele, também – Só espero que esta cabecinha sua esteja planejando um jeito de afundar esse Jorge de uma vez por todas. Você não parece, mas é a pior filha que eu tenho. As vinganças da Bia parecem coisa de criança quando você dana a ferrar alguém. Espero que não tenha mudado isso.

— Tive a quem puxar. – Ri, porque meu pai é tão ou mais tihoso que eu. Somos parecidos. Em tudo. – Então, me ajuda? Preciso dar alívio para a Bia, ela precisa espairecer e ajudar a moça loira, mas eu preciso continuar. Eu tenho prazos para cumprir, já vendi a área da Coudelaria e tenho um mês para sair de lá com mala e cuia.

— E seus oito carros, né, Silvia Santos?

— Não me culpe pela vaidade. O Porsche Carrera é seu, você sabe.

— Cruzes, não quero nem pensar no IPVA dessa bodega.

— Não é para o senhor pensar nisso. – E pedi de novo – Pai, tô quase implorando, ajuda a sua filhotinha, pelo amor de Deusssssssss!

— Tá bom, gatinha, o pai ajuda. Se eu... - fez uma pausa e eu bem posso supor que ele folheava a agenda colorida dele – Se eu sair daqui amanhã de noite, você acha que está bom? Eu tenho que renovar o contrato com o gado leiteiro do Rubens antes de poder te ajudar. Tem mais de vinte anos que a gente não renova. Tio Carlos morreu e a gente deixou quieto. Agora está na hora. Me dá até amanhã de noite, para eu pôr ordem no barraco? Sou todo seu, depois disso.

— Não vai querer conversar com a mãe antes de dizer que pode vir me ajudar?

— E sua mãe vai querer saber de mim? Tem visita, um bebê e a Bia! A esta altura, ela já se enfiou num avental e está preparando a janta. Bem que você podia vir também, né? Nós dois voltaríamos para São Paulo juntos, amanhã de noite. Daí só vai faltar a Alice... Ô saudade da casa cheia... !

— Alice já falou que está esperando a vigilância sanitária liberar os navios da Espanha.

— Ela ainda tá com aquele loiro agnado? – Eu rio quando ele fala assim do italiano delícia que a minha irmã arrumou para casar – Tá certo, eu sou loiro, mas aquele cara lá... Trem esquisito demais, sô.

“Trem”. Nunca fui a típica mineira, mas dá saudade quando meu pai ataca com o mineirês dele.

— E eu ainda pedi quase com pelo amor de Deus para o Digo fazer mais um filho homem... - Continuou reclamando. O sonho do meu pai é ver todas as Botelho casadas com os Ferreira. De homem que não ele, meu pai só confia nos filhos do Tio.

— Pai, só eu que vou casar com Ferreira, esquece a Bia e a Alice.

— Ah, mas oração de pai não falha. O Guto ainda vira meu genro. Marido da Bia ou da Lice eu não sei, mas que vira meu genro, ah, isso vira.

— Tá bom, Santo Antônio. – Vou acabar dando um pulinho em Poços também. Deu saudade daquelas bem fortes.

— Filha? Desliga não, deixa o pai falar mais um negócio.

— Diga.

— O Pai tá feliz demais de virar seu secretino.

— Secretino? – Desatei a rir. É caladão o meu pai, mas quando se empolga...

— É, dá um vazão filho se dar bem e não precisar de ajuda. Parece que a gente fica inútil.

— Não fala isso, pai. Só “me dou bem” porque aprendo muito com você.

— Tirando a parte que não terminou a faculdade, né, mocinha?

— Prioridades – Faculdade não é pré-requisito para nada nessa vida e eu só aprendi isso depois que vi que oligopólio e fordismo não me acrescentaram em nada.

Nos despedimos e desliguei, o coração todo cheio de ternura e calor que amaciou a minha carne às vezes um pouco dura e ranzinza demais, pelo resto da tarde. Pedi comida pelo serviço de quarto e, entre planilhas e e-mails formais, passei a tarde.

Estranglei todos os impulsos de ligar para o Lipe. Querer eu queria, mas achei abuso. Ele tem trabalho para fazer e o prazo dele é menor que o meu. Aguentei bem aos cinco anos e afundei tudo quanto era mágoa, tesão e saudade, no trabalho; mas agora, ele todo ali, tão pertinho, fica ruim de resistir.

Capítulo 40

Revisitei a casa dos meus pais, beijei Dona Angélica que eu já não via há seis meses, avental de novo, a barriga no fogão, o cabelo castanho e bonito, sempre meio suspenso numa piranha de plástico. Ainda vestia a roupa do trabalho, o pai não aguentava lidar com tudo sozinho e a mãe, com três filhas criadas, voltou a trabalhar. Mexia o molho de tomate cantando sozinha uma música que não tocava. De volta ao Brasil, então. É assim que é voltar, respirei fundo, pensando comigo. A cozinha da vó me dando oi.

Ê, *Dona Teresa*, sorri encostando na geladeira ouvindo minha mãe falar das irmãs dela. *Nem sempre consegui ser pacífica com meus negócios*. Fui mais feroz do que a maioria. Passei a perna em gente que só vai entender que lhes passei a perna daqui cinco ou seis anos. Escolhi os negócios ao amor mais de uma vez. Sofri calada e não foi só choro de paixão. Eu lembro a senhora me dizendo, mais de uma vez, que não é bom esconder o que está sentindo, isso, aos seis anos, mas eu nunca consegui desabafar. Vó, sem querer, aprendi a esconder o pranto com a senhora.

De volta em casa, Dona Angélica correndo com a janta, meu pai colocando a mesa, arrumando um espaço confortável para a moça loira e a bebê no quarto da Bia, o único quarto entre as filhas que tinha cama de casal.

— Suba para o seu quarto, Gatinha, vai tomar um banho antes da janta, você parece cansada.

— Prefiro tomar banho só para dormir, que daí já desabo na cama.

— Você, quando fica com problemas, é igual seu pai – Disse, descansando a colher de pau na pedra da pia, mergulhando um pacote de espaguete na água fervente – Ficam ao redor da gente sem dizer nada. Conta pra mim, filha.

— Só pensando na vida.

— Pica esta salsinha aqui pra mãe?

Avancei para a pia, tomando a faca parada na tábua de bater carne. Não foram raras as vezes em que vim ajudar a mãe na cozinha. Quando eu era mais nova, era bem comum que de domingo todas as filhas fossem para a cozinha. Eu gostava, a Bia ficava tirando sarro da nossa cara, cheia de piadinhas de mau gosto, e, mesmo antes de namorar o Lipe, o assunto da cozinha eram os irmãos Ferreira.

O Guto era sempre o anjinho lindo que ainda vai dar trabalho para a mãe e o Lipe, o moleque endiabrado. A mãe ficava falando que queria a gente casando com eles, mas a Bia e a Alice sempre recuavam, com nojo da ideia.

Eu era a patinha feia que me calava porque eu até que queria ser esposa de Ferreira, mas o Ferreira que eu queria, nunca que ia olhar para mim.

Cortando um maço de salsa, eu ria sozinha: olha só como a vida dá voltas.

— Tá feliz de estar de volta, Gatinha?

— Tô, mãe. É estranho, mas é bom.

— Estranho por quê?

— Parece que voltei no tempo. É engraçado, estou com vinte e sete, mas me sinto com doze de novo.

— Ai, filha, nem fala que você tem vinte e sete, chega a me dar gastura.

— Uai, por quê?

— Se a minha filha do meio está com quase trinta, eu estou com quase sessenta. A mãe tá entrando na terceira idade, filhota.

— A senhora está muito bem, deixa disso. Quem dera se eu chegar linda assim nos meus sessenta.

— Fala isso só para me agradar – Riu, puxando os punhados de salsa já picados da tábua – E Lipe, por que não veio?

— Está trabalhando, prazo apertado, ainda não o chamei para vir para cá. De verdade, estou aqui só de passagem, amanhã volto para São Paulo e vou levar seu marido comigo.

— É, ele disse.

Jantamos, a Bia, a outra parente-celebridade, contando de Portugal, dos dias felizes, a bebê quietinha pulando de colo em colo. Bia e eu levamos a louça da mãe e subimos, aos cacos, ela para o quarto da Alice, eu, para o meu.

Entrar no quarto da Antiga Dê foi como entrar na Antiga Dê. O passado e as ânsias daquela Dê confrontadas com esta Dê. De fato, olhando o guarda-roupas da Antiga Eu, eu sabia que vendia mais que sêmen de cavalo a cada contrato, eu vendia também aquela Dê da faculdade e cálculo 1. Eu tento não pensar muito nas ânsias daquela Dê, porque eu não me arrependo de muita coisa destes dez anos, mas pensar na Dê me faz sentir falta dela e o como o Lipe foi importante na construção desta Dê aqui. Versace e Dior olhando um espelho que não custou mais de quinze reais, na época.

Meus livros distópicos e meus romances sensuais que Alice e eu líamos. Mundo Novo me sorriu enquanto eu me desfazia das sandálias.

Lembra daquela Dê brava consigo e descontando no Lipe? Daquela Dê que ouvia conselho de sogra e dava tanto valor como conselho de mãe? Lembra todo mundo mandando aquela Dê se valorizar, mas odiando a Dê que foi embora também por isso? “A mosca-morta” que chorava pelos cantos que tinha que ter mais pulso firme, mas quando teve, todo mundo achou que era pulso firme

demaís.

Puxei Admirável Mundo Novo da Estante e me desfiz do blazer. Saudades. Abri e constatei: tinha uma florzinha murcha perdida nas páginas. Esquecida ali, tão linda. Vai saber que flor é, tem cara de maria-sem-vergonha, dessas florzinhas que dão em todo lugar e todo mundo chama de praga.

Com Admirável Mundo Novo aberto em mãos, a florzinha tímida me olhando, o blazer na cama, as sandálias jogadas, eu o entendia mais um pouco: Lipe, você está doando seu tempo e esforços para realizar o sonho da sua mãe, assim como doou tempo para que eu pudesse realizar o meu, não é?

Lipe, amor, e você? O que é que você sonha? Eu sempre perguntei e você nunca me disse.

Seu Sonho é ser Pai e Marido, não é? É por isso então que você falava de casamento logo aos dezessete anos? Foi por isso que você esperou dez anos?

Não eram só os planos dele, então. E a vida me caçoa e me estapeia, na mesma proporção.

Que sangue de barata eu teria, se tivesse deitado meu corpo cansado no travesseiro e dormido. Coloquei Admirável Mundo Novo na minha mala, calcei as sandálias e bati no quarto dos meus pais.

— Filha, tudo bem? – O pai atendeu, me colocando para dentro do quarto.

— Pai, me empresta o carro?

— Vai aonde a esta hora, menina? – A mãe disse, sentada na própria cama, passando creme nas pernas.

— Está no porta-chaves da sala. O documento do carro está dentro da minha pasta – O pai respondeu me sorrindo. Sempre me leu, continua me lendo.

— Dê, tá muito tarde para sair – A mãe continuou, brava por ver meu pai me apoiando – Fica em casa, Gatinha.

— Acabei de entender uma peça fundamental da minha vida, não vai dar para ficar aqui.

— Uai, e vai para São Paulo? – Calçava as chinelas e se erguia da cama – Vai pegar a estrada a essa hora?

— Preciso.

— Ficou cinco anos sem nem ver o focinho do Lipe e agora não aguenta nem vinte e quatro horas?

— Gê, deixa a menina.

— Tô preocupada, sô. Não tá certo moça sair de casa a essa hora.

— Preciso – Repeti – Acabei de descobrir uma coisa que muda tudo.

— E o que é que você descobriu de tão importante?

— Só caiu a ficha. – O que o Lipe fez e o que ele disse, as coisas que ele

deixou de dizer, as coisas que eu deixei de captar. Vivi a vida brigando contra a necessidade de dizer, mas eu própria não reparei nas coisas que ele não disse.

Quer saber de uma coisa? Dá para ter tudo sim. Era o que a Dê de dezoito anos queria. Tudo. Sorte no amor, no jogo, um marido lindo, um projeto lindo e contínuo, uma irmã feliz em fazer potrinho nascer.

— Caiu a ficha de quê, amor meu? – O pai me acarinhava a crina.

— O sonho da vida do meu marido é ser pai.

— O sonho da vida do Lipe é o sonho da mãe dele, todo mundo sabe.

— Não, mãe, eu entendi tudo errado. – Chorei mais um pouquinho, limpando as lágrimas, o pai mexendo no meu cabelo, eu nos braços da minha mãe.

— É filho de quem é mesmo, aquele menino. – A mãe riu sozinha, me beijando a testa.

— Vai tomar pelo menos um banho, filha.

— É, vai lá tomar um banho que a mãe te faz um café bem quentinho e bem forte. São quatro horas de viagem e você está derrubada de cansaço.

Concordei e me afastei deles, limpando os olhos. Uma coisa muito estranha me perseguia desde que deixei o Lipe no Brasil, dez anos atrás. Como se algo não encaixasse. Eu o esperei por amor, mas ele não me esperou só por amor. Ele acharia moças melhores, menos mesquinhas, mais amáveis, menos complexadas por aí. Não era só amor. Ligando o chuveiro, água quente me acarinhando a carne dura, eu chorava. Ser o sonho da vida de alguém. Vai de zero a cem, sempre foi. Me beijou na fogueira, quis filho comigo, largou o ITA, foi viver escondido na mãe. Vinte e sete anos de macho maravilhoso que mora com os pais. Vinte e sete anos de príncipe encantado que dorme esperando a princesa derrotar o próprio dragão.

Lavei o corpo reconstruindo passos. O Jockey do Jorge precisa de reforma. Vamos demolir a Casa Grande, vamos demolir os escritórios, vamos trazer todos os cavalos para o Brasil, reformar as pistas de corrida. O Lipe, se quiser, vai construir a nossa casa e a gente vai se casar. E vai ter filho. Por dez anos você foi sua, Dê, só sua e de mais ninguém.

Talvez eu tivesse passado a vida toda procurando confiança na pessoa errada, por isso eu nunca fui capaz de desabafar. A Bia tinha problemas demais consigo, para receber os meus. Meu porto seguro nunca foi a Bia, concluí, me secando na toalha. Eu sou o porto-seguro da Bia, mas é o meu pai, o meu porto seguro.

E que sorte a minha, ter meu pai de melhor amigo.

De cabelos molhados, procurei um casaco no armário da antiga Dê e coloquei por cima de uma camisola que bem podia se passar por vestido, vesti

meias sete oitavos porque estava frio lá fora. Calcei os saltos outra vez e fechei a mala. Desci a escada e meus pais conversavam à mesa, me esperando.

— Disseram que iam só fazer um café... - Resmunguei – Não era para colocar mesa de café da manhã, não quero dar trabalho.

— Você passou cinco anos longe de casa, o mínimo que a gente podia fazer é um café decente.

— Obrigada. – Beijei-lhe o topo da cabeça, recebendo uma xícara cheia enquanto me sentava. O vento lá fora estalava nas janelas. É diferente uma noite na cidade, da noite na fazenda. Na cidade, a noite é extensão do dia, na fazenda, é fim do mundo. Você não ouve um bicho, uma cobra, só o vento forte estalando nas janelas e eriçando o mato. Parece que o frio da madrugada na fazenda tem uma densidade grossa.

— Gê, - o pai cortou meus devaneios, um sorriso meio triste nos lábios – O que foi?

Olhei a minha mãe, que enxugava uma gota de emoção com a manga do roupão atalhado. Os vincos da face invertidos num sorriso saudoso e alguma melancolia como se esse fosse o fim de tudo.

— Se a Geca mocinha visse o que a filha dela seria, ela não teria chorado tanto por causa de nada. Teria poupado um montão de emoção para poder chorar agora.

— E por que é que teria que chorar agora, mãe? – Sorri, olhando a minha mãe que também chora como quem deixa a alma escorrer pelos olhos.

— Tudo do jeitinho que Deus quer – Falou, mais consigo que conosco – Deus escreve por linha torta mesmo, né?

— Por que tá dizendo isso, o que foi?

— Era para o seu Tio Digo e eu sermos casados, era esse o meu destino, mas olha só para você, filhota, a cara do seu pai, o jeitinho igual o dele, tão especial e tão linda...! A mãe nunca fala porque eu sonhei outro futuro para você, mas graças a Deus você não me ouviu e foi atrás do seu próprio futuro, porque, Gatinha, a mãe é tão orgulhosa de você...

Vivi para ouvir isso da Dona Angélica. Desviei os olhos dos olhos dela porque as palavras dela sempre foram golpes à mão armada. Sempre pesaram e sempre me influenciaram mais do que qualquer outra. A mulher que passou a vida inteira me mandando fazer dieta finalmente disse que tinha orgulho de mim.

Olhei para o meu pai e o rosto dele estava desfigurado de choro tanto quanto o meu. Segundos de suspensão de diálogo só para a gente sentir o sabor de como é não falhar com a Dona Angélica.

— Por que tá chorando, marido?

— Você disse para ela, mas parece que foi pra mim...

A mãe beijou as mãos do pai do mesmo jeitinho que a Bia beijava as minhas. Os olhos fechados e a cabeça baixa. Depois beijou-lhe o rosto, as lágrimas, a boca. Eu gosto do jeito que a minha mãe usa para amar meu pai porque não é sempre, mas quando ela mostra, quem assiste consegue sentir.

— Vem cá você também, Gatinha.

Sobrou amor até para mim.

— Quer que eu te faça um mingau antes de ir?

— Não, ainda estou cheia da janta.

— Nem quer que embrulha um pedaço de bolo para você levar?

— Não, obrigada.

— Então leva o café naquela garrafa de bico que o seu pai tem. Vai bebendo na estrada, eu sei que você gosta de café quentinho para ficar bebendo, então leva.

— Tá bom.

— Vou lá pegar a garrafa do seu pai, ‘péra aí.

— Toma cuidado com a minha garrafa, ouviu? – O pai sorriu, me beijando o rosto – Foi a minha filha que deu.

— Qual delas?

— A pior.

Dei uma garrafa térmica para o pai daquelas que você bebe direto dela, sem precisar de caneca ou copo. Era grande, cabia bastante café e a mãe deixa pronta para o pai todo dia de manhã quando ele vai trabalhar.

Parti com a chave e o documento do carro do meu pai, a carteira de motorista internacional, sentindo falta do conforto do meu Rolls Royce. O carro do meu pai é daquelas caminhonetes de cabine dupla, barro nos pneus, de cowboy endinheirado, mas não é nada, em nada, parecido com meu Phantom.

Das excentricidades de rico, a única que eu confesso são os carros. Sou apaixonada, mesmo. Não me acrescentam em nada e eu gasto muito dinheiro em imposto, mas eu gosto. Gosto da sensação de direção e, se você está na estrada certa, é outra experiência. Pega um Porsche e entra na Autobahn alemã, para ver a delícia que é; não tem limites de velocidades, diferente da Adhemar Pereira de Barros, que liga Minas a São Paulo.

Confesso também que vai ser bem chato fazer esse trajeto sempre. Talvez, penso eu, um pouco mais alto que devia, talvez valesse a pena pagar umas multas só para ter o prazer de dirigir velozmente.

Ou, deixar um dos meus bebês na garagem no novo escritório de Lisboa. Talvez isso seja melhor do que correr o risco de perder a carteira de trânsito. É, isso. Boa-Botelho. Mas que vai dar saudade de encostar o ponteiro do velocímetro no lado direito, ah, isso vai.

Lipinho Lindo andando de bicicleta e você reclamando do carro do seu pai. Lipinho de Bike, coisa mais linda. Dou um gole no café quentinho da minha mãe, sorrindo para a estrada vazia e escura, dividindo pista com caminhão de tomate.

Esqueci que era bom andar sozinha. A Bia tem estado muito comigo nestes últimos anos, tempo o bastante para que eu me desacostumasse comigo. Sozinha na estrada, telefone servindo de GPS, um friozinho gostoso, o café da minha mãe, Lipinho desfilando de bike do lado de dentro da minha cabeça. Farei muito este caminho, entre Minas e São Paulo, que sorte. Daqui para frente, talvez seja este o único momento em que ficarei sozinha.

Daqui para frente, a prioridade é erguer o Jockey, fazer a transição. Ferrar com o Jorge. Ainda não engulo que aquele cowboy apaixonado que chorou a partida dela no aeroporto é o mesmo nojento covarde que bate em mulher. Se o homem fosse um imundo desde o começo, se tratasse mulher que nem rato, se fosse baixo e vil logo de uma vez, eu não ficaria surpresa. Difícil é saber que eu própria quis a minha Bia sendo feliz com aquele porco e ela nunca sequer admitiu que o Jorge também bateu nela do mesmo jeito que bateu na Roberta.

Trinta anos de cowboy e uma ferida que não cura. Seria ganância e abelhudice a minha desejar que o Guto volte e cuide da minha Bia do jeito que eu não posso cuidar? As Irmãs Botelho e os Irmãos Ferreira. Coisa de interior, casinha cerca-com-cerca, clichê do clichê. Imagina? Filharada nossa tudo com a mesma cara, tudo brincando junto, no mesmo quintal, do jeito que o Lipe e eu crescemos. Os olhos chegam a encher d'água. Que vida feliz seria esse clichê de gente simples, logo comigo, que nunca achei que me casaria.

Logo eu, sorrio entrando na Marginal Tietê, que nunca fui boa pessoa.

Capítulo 41

Fazia frio lá fora, mas aqui dentro estava quente. Mandamos o primeiro esboço para o cliente e ele agora quer um elevador panorâmico (coisa que ele sabe que eu não mexo) e escadas rolantes (coisa que ele sabe também que não mexo). Estou apagando quase toda a estrutura interna, todas as vigas primárias da merda do prédio, pois eu as fazia correr junto com os frisos do elevador, para poupar concreto e custos para o imbecil que só quer saber de me foder.

Francamente, não foi para atender capricho que eu me formei em três anos. A mãe já xingou um monte, quase já catou o telefone da minha mão para mandar o cliente ir se foder, a Clau, que tirou férias para curtir filho e marido, é que não deixou. A Clau, na verdade, é que lembrou a gente que o Cliente só está nos testando, que logo vem projeto bom por aí, que a gente precisa deste predinho de merda para poder pegar as delícias depois.

Pelo fato de a minha mãe não ser nenhuma flor que se cheire, cliente vem logo tratar comigo. Devo ter cara de otário, porque bomba de bosta eles só soltam na minha cara, nunca na cara da mãezoca querida.

Uma vez o barato ficou tão louco (e olha o vocabulário da Manu me consumindo), que a Manu chamou o pai. Eu sou calmo, eu não perco as estribeiras, mas tem cliente que só por Deus. A Petroleira Estatal do México chegou aqui (sabe-se lá como é que me acharam), pedindo milagre do mesmo jeito que fizemos lá na Índia, o negócio de construir um dique novo por sobre um dique condenado. Chegaram aqui, dois mexicanos sisudos, primeiro direto comigo. Trataram a minha mãe, logo a dona da porra toda, como secretária. Chegaram até a pedir café para ela.

O mais engraçado é que Dona Fernanda entregou o café para eles (mas eu não duvido nada que tenha cuspidado nas xícaras).

— Quer café também, filho? – Respondeu, sorrindo o sorriso pelo qual o pai é muito apaixonado.

— Não, mãe, obrigado.

— Então, bando de cucaracha, – ela disse, se sentando à frente do próprio computador, vestindo os óculos, encarando os dois mexicanos já putos da vida – O Nome desta porra é *Miller & Miller & Machado, Consultoria*. Ele é um Miller, eu sou a outra. A gente não tem secretária aqui. Vocês quem vieram procurar a gente, então deviam ter se informado que tem mulher engenheira no Brasil, tá?

— Senhora Miller, -

— Esclarecido isso, - sorriu outro sorriso, um mais amigável, cruzando

os dedos, cotovelos sobre a mesa – como podemos ajudar a República do México?

O pai entrou em ação na segunda etapa da construção do dique. A mãe e eu saímos de cena e o pai quem assumiu as negociações. Seu Rodrigo te manda tomar cu e você fica feliz em poder ir. Mágicas que só quem tem dom com pessoas pode fazer.

Pelo Dockstation em cima da mesa soava uma música ambiente, daquelas que você coloca para esquecer que está lá. Só vocal feminina, eu gosto de vocais femininos, se estão acompanhadas de violão, fico feliz. A mãe nunca gostou de voz e violão, mas eu gosto e só consigo pôr isso para tocar quando assim, no silêncio da madrugada, depois que o pai já obrigou a mãe a ir para casa.

Esqueci de ligar para a Dê, aliás. Já são quatro da manhã e ela já está dormindo, provavelmente. Quatro da manhã e eu aqui, xingando cliente, engolindo sapo. É para isso que a gente tem pressa em sair da faculdade, né? Mal sabia Lipinho Lindo. Do jeito que ando dormindo mal e engolindo sapo, não duro até os cinquenta.

Do jeito que mal durmo, que bebo café e consumo açúcar, eu vou dar sorte se chegar nos quarenta. A sorte mesmo é que eu ando de Bike e a Manu teima em me arrastar para treinos calistênicos, porque senão, era uma vez Lipinho.

Treino calistênico a Manu diz que faz bem. Começou com uma moda fitness e quer que eu vá atrás porque eu, anos atrás, inventei de meter a minha irmã em tudo que era idiotice minha e agora, que ela tem idade para fazer idiotice por conta própria, ela quer me enfiar nelas também. Quer chegar ao patamar de se pendurar numa barra de ferro só com os braços, o corpo na horizontal. Chamam isso de bandeira humana. Calistenia é você fazer academia só com o corpo, sem esteira, sem peso, sem máquina. A monstinha quer ficar monstrona e quando o pai disse isso a primeira vez lá em casa, a Manu revirou os olhos, mas agora faz esta mesma piada com os outros e ainda ri, coitada, sozinha.

A Manu e a Mãe têm o dom de rir das próprias piadas sempre muito ruins e isso só pode ser dom, tipo um talento não-reconhecido.

De saco cheio do meu próprio café, desci para a padaria vinte e quatro horas na rua de trás. Pedi um pingado e um pão na chapa para o chapeiro que me chama pelo nome. Noite fria. Mais uma, no mundo de noite fria que me acompanha. É a maldição dos Ferreira se sentir mal quando sozinho, não saber lidar com a solidão – meu pai sofre do mesmo mal, só o Guto que escapa. Nem a Manu escapa do mal dos Ferreira do jeito que Guto escapa.

Pensando bem, o Guto é um Universo todo à parte. O pai aprendeu a lidar com o silêncio dele, mas não tira de letra. Ninguém sabe lidar com o Guto porque, embora seja meu irmão e pau para toda obra, ninguém sabe como ele é. Eu posso passar dez minutos descrevendo qualquer membro da família, até mais, só não posso fazer isso com o Guto. Quando chega a hora de falar dele, todo mundo gagueja e bota reticências.

Engraçado, né? Você dividir o quarto com alguém a vida toda e ainda não saber tudo sobre ele.

— Onde você está? – Meu telefone tocou na mesma hora em que o chapeiro colocou o meu pão frito sobre o balcão.

— O que você está fazendo acordada a essa hora?

— Pensei que estivesse no escritório!

— Saí para tomar um café...

— Tá aonde?

— Na padaria da rua de trás, ué. Dê? – Desligou.

E aí está mais um integrante da minha vida que, em vez de colocar ordem no meu caos, fode com tudo. Nem o jornal da manhã começou, só tem filme ou série ou sei lá, ainda. Eu gosto de ver jornal de manhã, porque o resto dos jornais é tudo repeteco do primeiro. Viu um, viu todos; a não ser que aconteça alguma catástrofe durante o dia, que daí dá uma variada.

— Achei você. – Ela disse, brincando, se sentando na banquetta alta ao meu lado. Os cabelos úmidos e o rosto visivelmente cansado.

— Que tá fazendo aqui?

— Bom dia para você também, Amor. – Num ânimo que confrontava sua feição cansada, chamou o chapeiro – Me vê o mesmo que o dele, por favor?

— Veio de helicóptero?

— Olha a Hilux do meu pai lá fora...

— Veio dirigindo?! – Por que é que você não pode ser normal por só um dia na vida, caralho? – Porra, de madrugada, no meio desse monte de caminhoneiro sem noção?

— Eu achei esse livro lá na casa da minha mãe... - Puxou Admirável Mundo Novo do bolso do casaco.

— “Fui” e “serei” me deixam doente – citei –; um grama e com o “sou” fico contente.

— Você ainda lembra!

— Até que para dois moleques de dezoito anos, nossos diálogos não eram nada maus...

— Pelo contrário. – Me sorriu, desviando os olhos de mim para o livro, folheando-o rapidamente.

— Veio dirigindo até aqui só porque achou o Huxley?

— Não, na verdade, não. – Colocou o livro sobre o mármore do balcão e se virou para mim – Vim porque solucionei o maior mistério da minha vida.

— Que é... ?

— Por que nunca me disse que o sonho da sua vida era ser pai?

— Dez anos que mandei você se acostumar comigo enquanto seu marido e você ainda acha que eu tô brincando...

— NÃO!

— Como não, caralho? Por que é que eu diria que quero ser pai dos seus filhos se não quisesse ter filhos?

— Que você quer filhos eu tô cansada de saber, mas não estou falando disso. Isso são planos, Lipe, tem diferença. Eu sempre achei que você planejasse filhos comigo, não que sonhasse filhos comigo.

— E qual a merda da diferença?

— Por um sonho você espera dez anos, por um plano, não.

— Ah, - desdenhei – então você acha que eu escolhi esperar você por tudo isso.

— Presta atenção no que eu tô falando, para de querer puxar briga! – Respirou fundo. Fala que eu vivo vincando a testa, mas ela não é muito melhor que isso – O que eu estou falando, Lipe, é que agora eu entendo tudo o que está acontecendo.

— E o que está acontecendo, Andressa? Me explique, que eu tô bem perdido nessa porra toda.

— Eu não sei como nem porquê, mas tudo o que eu sei é que você fez tudo o que fez e que faz por querer ser pai e marido. – Sorriso no rosto, lágrimas nos olhos – Largou o ITA e entrou na POLI porque dá para se engenheiro civil lá em Poços de Caldas, mas não dá para se engenheiro aeronáutico lá. Aguentou um ano de ITA porque terminar engenharia em três anos era mais atraente, pois assim você se casaria logo, faria dinheiro logo e nós teríamos filhos logo. Você disse que não aguentava mais tanta teoria, mas você sempre viveu de teoria. Engenheiro não mete a mão na massa e não bate laje, não mistura cimento e não coloca azulejo, vê se não me engana. Engenheiros são práticos, mas não saem da teoria e do ar-condicionado que eu sei bem. Daí... - o chapeiro entregou o pão na chapa dela, mil vezes mais rápido do que tinha entregue o meu - Obrigada, moço. – Puxou guardanapos do suporte e pegou uma das metades do pãozinho – Daí eu virei para você e te disse que o sonho da minha vida era voar com a minha irmã. Tudo o que eu disse depois disso não fez a menor diferença para você, né?

— ... não.

— Porque para você – chorou, limpando as lágrimas na manga do casaco
– Porque para você bastaria ser pai e marido, né?

— Mais do que bastaria.

— E por que é que não fez isso com outra pessoa?

— Mas que porra de pergunta é essa?! Se você quer voltar para a merda da Europa, vai, mas não me faz mais de palhaço, que eu não sou moleque.

— ... quando eu disse que não me bastaria ser só sua mulher, não quis dizer que eu não queria ser. Eu sempre quis, há mais tempo do que você quer. – Colocou o pãozinho de volta no prato, desistindo de comê-lo – Só que antes disso eu precisei lidar bem comigo. Que tipo de mãe eu seria e o que eu ensinaria para as minhas filhas, se eu própria nunca aprendesse a lidar comigo? Questão de prioridades. Eu quis ser mercadora de cavalo, eu quis ter oito carros na garagem, eu sonhei com tudo isso e graças a Deus já consegui boa parte dos meus sonhos.

“Eu nunca tinha entendido que você sacrificou o seu sonho para que eu tivesse o meu. É isso o que eu tô falando. Eu nunca tinha entendido que não era plano ser pai – era sonho. Eu sempre achei que o grande sonho da sua vida fosse ser engenheiro grande do jeito que a sua mãe e a sua avó foram e são. Isso é o que todo mundo acha. Todo mundo trata casamento e filhos como coisa normal, que acontece, não como o ponto alto da vida. Seu talento e sua engenhosidade falam por você e eu ouvi o que elas falavam, mas nunca dei atenção aos seus atos. Nunca parei para te ler porque supus que você fosse do tipo que falava as coisas”.

— É, nem tudo eu disse.

— E você, já que resolveu me dar tempo para eu alcançar meu sonho, resolveu dar tempo para que a sua mãe também fosse atrás do dela, não é? Por isso a chamou para abrir empresa, não foi? Porque assim você se sentiria útil de novo, fazendo alguma coisa, no meio do progresso de alguém. É ou não é?

— O sonho da minha mãe sempre foi ter alguém a quem ela pudesse ensinar tudo o que sabe.

— Essa é a coisa mais linda que você já fez por alguém.

— Tá, mas será que agora você vai parar de correr de mim e me dar o que eu quero?

— Por que é que você não fez isso com outra pessoa?

— Por que isso só virou vontade depois que você entrou na minha vida. Ser engenheiro foi sonho desde moleque, mas você chegou e mudou tudo – essas merdas destas conversas têm me cansado mais do que ficar sem dormir têm. Ela fala do sonho dela abertamente comigo, mas eu não consigo e nunca conseguirei porque tem coisas que eu não quero ter que falar – Agora... Dito tudo isso, será

que agora você vai parar de correr de mim e me dar o que eu quero?

— ... daqui para frente a minha casa vai ser no Jockey.

Fugiu da resposta. Ela fugiu da merda da resposta.

— Não, nem ferrando, quero Minas. – Contestei – Eu conheço você e a mala sem alça que você chama de irmã, ela vai torrar seu saco até você trocar de ideia e ir para Minas, então eu não quero medir força com ela. Vamos ficar logo em Minas, que-

— Você tem que entender uma coisa sobre a Bia, Lipe – mordeu o pão e continuou de boca cheia – Ela vai para onde eu for.

— Então vamos resolver isso da forma mais adulta e justa que eu conheço: - Sugeri.

— Qual?

— Jo-ken-po.

— Sério mesmo que vai fazer jo-ken-po para decidir se a gente mora em Minas ou SP?

— Você quer três vias autenticadas, reconhecimento de firma e mais dois advogados de ambas as partes como testemunhas?!

— Não, mas...

— Então, eu, Felipe Miller Ferreira, escolho que a gente more em Minas. Faz sua aposta, Botelho.

— Eu, Andressa Botelho, embora seja totalmente contra esta forma de decisão-

— Deixa para chorar depois.

— Não tô chorando, não me provoca!

— Então escolhe logo, pô.

— Mas Lipe, já estou dizendo que por mim a gente fica aqui na sua terra, por que é que você tá querendo Minas?!

— Eu sempre vi a gente morando lá. Estava nos meus planos desde o ITA, de todo jeito. Terminar a faculdade e ir morar com você.

— Não, não tem porquê. Você trabalha aqui, a maioria dos voos internacionais partem de São Paulo, o porto de Santos fica logo ali. Eu já tinha pensado tudo isso desde Portugal, é economicamente viável que eu fique na sua terra. Não tem motivo você mudar toda a sua vida por minha causa, deixa que eu mudo, aproveitando que está tudo de pernas para o ar, mesmo... - Deu o primeiro gole no próprio pingado e continuou – Só faço uma imposição, Lipe: A Bia vem comigo.

— Depois de tudo isso sobre o Jorge, eu acho até bom que venha. – Confessei – Só acho ela abelhuda pra caralho, mas ela cuida bem de você, então... - Bebi meu pingado um pouco frio, também – Eu só não quero você

correndo para a saída da Bia a cada briga que a gente tiver, entendeu? Eu gosto da Bia, gosto mesmo, mas não é com ela que eu vou casar, então mantenha seu cavalinho bem longe da minha chuva.

— Como você quiser.

— Você falando manso assim até que engana. — Ri, enquanto ela revirava os olhos, puro deboche — Tá, todos os termos esclarecidos, qual Pokémon você joga na arena?

— Pokémon?

— Minas ou São Paulo? Eu já escolhi Minas.

— Jogo São Paulo então, né...

Ela venceu no Tira-teima. Jogamos três vezes e ela venceu as duas últimas. Joguei papel tentando cobrir pedra, mas ela me cortou com uma tesoura. Venceu, a Maldita, como sempre vence. Sorriu e contou vitória do mesmo jeito adulto que tínhamos dez anos atrás.

Pensando bem, quando estamos juntos, ainda parecemos dezessete anos.

— A gente é tão romântico, né? — Riu, mordendo o pãozinho dela — Decidimos casamento no balcão da padaria.

Não planejei fazer nenhum pedido mais elaborado. De fato, pensei que fizesse parte do acordo que ninguém assinou, ela voltar de Portugal para a gente casar. Quero dizer, houve aquele término fajuto que não resolveu nada para ninguém, mas mesmo assim, pensei que ela soubesse que quando fosse para voltar, que se casaria comigo. Pensei que fosse óbvio.

— Você faz questão que eu te compre um anel e te faça um pedido do jeito tradicional?

— Não. — Pegou nas minhas mãos, escorregando para a beirada do banquinho, virando-se para mim — Quer que eu me ajoelhe e te peça em casamento?

— Quero que se ajoelhe, mas não para me pedir em casamento.

A Antiga Dê ia rir e esconder o rosto na mão, ou morreria de vergonha, ou congelaria. A Antiga Dê jamais cruzaria a fronteira comigo, em público. A Antiga Dê tem as linhas muito bem traçadas: assunto de quarto, assunto de rua. Sequer gostava de me beijar muito em público, sequer transava comigo quando tinha mais gente em casa. Era tão reservada que dava raiva.

A Nova Dê... Pega na minha mão num carinho cínico e coloca no próprio quadril, na barra do casaco que mede o comprimento de um vestido, abotoado e amarrado na cintura.

— Lipe?

— Oi.

— Você já viu a sua Nina vestida em meias sete oitavos? — Disparou.

Deslizei o dedo de onde ela colocou a minha mão, em direção à dobra dos joelhos. Sentindo a diferença da textura da pele macia e quente, para a renda da meia. O monstro que muito vagou e que, de tanto resmungar, dormiu, acordou inteiro e faminto. Nenhuma das que eu tentei colocar no seu lugar deu conta de acalmar o bicho insatisfeito que fez morada em mim. Eu menti para ele dizendo que a mamãe já volta, mas ele entendeu que ela não voltaria tão cedo e dormiu de tédio.

Voltou agora, ele entende. A minha casa nunca fica tão bonita como quando ela está perto. Cantando o hino secreto que o faz acordar, trazendo-o de volta para o mundo, o tirando da suspensão em que viveu por tanto tempo. Com o rosto perto do meu, ela me olhava. Os olhos azuis, muito azuis, de cobiça, para cima de mim. Enfiei dois dos meus dedos para dentro da renda e ela me sorriu um sorriso inédito, que eu nunca vi na Dê de dezessete anos.

Cresceu, então. E é assim que é a Dê de vinte e sete. Mulher então, a minha ex-namorada da adolescência. Me bota de quatro salivando que nem cachorro só de comentar, por alto, o que é que tem debaixo do casaco.

— Você ainda vai ficar de cu doce dizendo que não está bom para me beijar?

— Golpe baixo.

— Por que se você ainda precisa me ver inteira antes de ser o meu Lipinho Lindo, precisa me ver sem roupa. — A quatro dedos, três dedos da minha cara. Os olhos azuis bem perto dos meus, a boca entreaberta e o sorriso escorregando pelos cantos dos lábios — Cadê Lipinho Lindo que antes uivava para a Lua, mas que agora mia?

— Miando é como eu vou deixar você daqui a pouco, maldita.

— Ainda tem que voltar para o trabalho?

— Só preciso passar lá para desligar as coisas que deixei ligada e trancar tudo.

— Então vem, — Me disse, caminhando para o caixa — e avisa sua mãe que você só vai aparecer para trabalhar depois do almoço.

Sentada do outro lado da mesa do meu escritório, o cotovelo apoiado, a cabeça equilibrada entre o polegar e o indicador. Ela me analisava. Eu precisava deixar ao menos um nó no prédio-bunda, que é para a minha mãe ter de onde continuar. Quando saí para comer qualquer porcaria, larguei o projeto de qualquer jeito.

Mais sucinto que o e-mail que eu mandei para a minha mãe, impossível:

“acabei com as vigas de apoio, o prazo ainda é o mesmo, esquece que eu existo”. Paciente, alheia à minha correria multitarefa, minha Nina me olhava. A grande novidade do momento é que ela agora sabe que o moleque que atravessou estados só para dar feliz aniversário já queria ser chamado de marido.

Ninguém nasce com esta vontade, você vê seu pai fazendo tudo por sua mãe e o acha um idiota. O que sua mãe quer, ela tem, o pai bem pouco exige. Manda que ela volte cedo do trabalho mais pelo bem dela, que por capricho. Você olha seu pai todo babaca ao redor da sua mãe, sem nunca querer abrir filial do próprio restaurante por medo de carga extra de trabalho e não entende. Até dá asco ficar otário que nem ele, escravo de mulher, torto de tão idiota.

Até que você também fica. Ganha um beijinho bobo na borda da fogueira, uma mocinha virgem que você nem nunca reparou direito te dá o carinho mais doce de toda a sua vida e pronto. Aqui jaz Felipe Ferreira. Nasce outro idiota.

Não sei porque fiquei com vontade de beijar ela. Não sei. Só sei que fiquei e, impulsivo como era aquele lá, foi lá e fez. Talvez eu já gostasse dela, talvez não. Não sei. Era minha prima, todos os natais, anos novos, dias especiais. A festa de quinze anos, tudo sempre fizemos juntos. Daí veio a faculdade querendo separar a gente, obrigando a gente a crescer (como se uma matrícula plantasse juízo) e eu uni a gente de novo.

A vida, o ITA, Portugal, tudo querendo separar a gente e o imbecil aqui querendo colar. Quietinho calado esperando, também. E agora que ela se toca. É esperta, inteligente, manipuladora também, toda analítica, organizada.

Mas quando dá para fazer merda, esta daí tira de letra. Quando enfia o pé na jaca, se lambuza. Me olha toda apaixonada fazendo planos para a gente, agora que se tocou o que queremos da vida.

O que eu quero da vida não é ser um Rodrigo 2.0. Eu não estou nem um pouco a fim de servir de capacho (embora interprete bem o papel), eu só quero um pouco de sossego na vida. Só quero a sensação de lar, de casa, de ser importante. Eu também quero um projeto para a vida toda, eu quero filhos. Engenharia perpetua seu nome na história? Chile e as pontes Miller estão lá, firmes e fortes, mas não venha me dizer que as duas pontes Miller têm tanto valor quanto Dona Teresa e seu Alcides. Toda esta história, esta árvore genealógica, Dona Teresa adotando as Botelho como netas legítimas, Seu Alcides que se mata por não saber viver sozinho.

O que mais me marcou na infância foi isso. Isto e a cumplicidade com a minha mãe. O modo como ela, baixinho, explicou para o Guto e para mim como é que o vô morreu:

— Não aguentou o mundo sem a vovó: o vovô morreu de amor.

Eu sempre me perguntei como que alguém se mata por amor. Por que alguém faria isso? Por que alguém desistiria de viver por causa de amor? Olhando a mercadora de cavalos que faz planos enquanto me contempla, eu ainda não entendo. Estive morto por dez anos. Num beijo me deu uma outra vida, num adeus, me tirou. Ela quem tem este poder, ou sou eu quem o dá a ela? Não sei, é engraçado. Eu próprio nunca tinha parado para pensar qual o grande sonho da minha vida. Estas questões muito distantes e filosóficas me irritam, não sirvo.

Eu tentei, como o leitor sabe, outras moças. Eu quis outras moças, de primeira eu não quis outras moças, é claro, mas depois, eu quis. Eu procurei. Procurei nas outras o mesmo estado de espírito que a Dê me deixa. Não é possível que só haja uma mulher no mundo que me faça me sentir bem comigo. O que é que a Dê tem que as outras não? Não sei, nem quero investigar muito. Desisti de procurar e coloquei o monstro para dormir. Acaba que procurar a Dê em outras foi desonesto com elas. Elas não tinham culpa de eu ser um cara que não convive bem sozinho.

Só sei que... De todos os sorrisos, as amizades, as festas, os lugares, nenhum me deixa bem comigo do mesmo jeito que ela. Depois que a caravana passa, que todo mundo vai embora, depois que acaba o carnaval, a luz permanece – não se apaga. Com a Dê, depois que tudo fecha e as pessoas vão se deitar, eu não me sinto só, do mesmo jeito que não me sinto só quando estou acompanhado dos outros Ferreira. Como se eu e a minha bagunça ainda fizéssemos sentido mesmo quando não tem mais ninguém olhando.

Só sei que eu gosto dela. Tem que bastar. Só isso faz sentido para mim, eu gostar dela. Não entendo como não fui capaz de gostar de mais ninguém do jeito que essa daí me pegou pelas bolas. Parte talvez seja o babaca egoísta que não sabe ouvir um não. “Como assim ela se atreve a dizer que vai para Portugal e vai me deixar?!”. Vai saber. Se fosse só isso, agora eu teria a decência de terminar nosso namoro/rolo/noivado/sei lá que contrato implícito assinei com ela.

Mas só sei que não quero terminar nada.

— Lipe.

— Oi.

— Quer que eu vá embora?

— Não, ué, por quê?

— Não quero atrapalhar seu prazo.

— Depois que me pediram um elevador panorâmico nos acréscimos do segundo tempo, estou cagando para prazo. Só estou preocupado em deixar um nó aceitável para a mãe continuar, amanhã. Nem meu computador eu vou tirar

daqui, eu realmente não quero saber de projeto.

— Tem alguma que eu possa fazer para ajudar?

— Tem, - respondi, brincando – Só pare de me olhar. Me desconcentra.

Andou até mim, ao lado da minha cadeira, encostou-se na borda da mesa, de frente para mim. Ela e a tela de computador dividiam a minha atenção. Abriu o laço do casaco me olhando muito. Um decote na camisola rosa que a Dê de dezessete jamais ousaria comprar. Um comprimento de camisola que a Dê de dezessete jamais ousaria. Uma fenda de cada lado da perna, as meias 7/8 cortando as coxas grossas na metade.

— E assim? – Disse, apoiando as mãos na mesa, de costas para ela – Tô ajudando?

Esquece trabalho. Não vai dar para continuar nada neste ritmo. Sem sutiã, o decote dizia. Provavelmente, sem calcinha também. Saiu na rua assim, sentou no banquinho da padoca, conversou comigo. Tudo isso, vestida assim.

Dez anos te fizeram mais que bem.

— Me diz quem te ajudou a ficar assim – Comentei, segurando o botão de liga/desliga do computador, para que desligasse logo de uma vez – Quero mandar um presente para este ser.

Sorrindo, sensual feito uma filha da puta, o rosto na altura do meu, curvada em minha direção, sem me beijar. Perto assim, olho no olho, a fenda do decote me rouba a atenção. Olhava por cima das sobrancelhas, sugestiva, me esperando.

Cheia de promessas, me beijou. Não o beijo que a gente tem se beijado desde que voltou. Beijo daqueles que você não está preparado para ser beijado. Delicada, a Dê ainda é toda delicada, eu é que não sou. Ataquei o corpo dela como não faço há anos. Desci a mão da cintura coberta pelo casaco para a parcela nua das pernas, o espaço de um palmo sem pano e depois subi, por dentro da roupa. Sem calcinha. Lipinho Lindo perdeu muito das estribeiras de perceber isso.

Ela me olhava como sempre me olhou quando a gente se beijava. Me sorria por baixo da boca curvada de tanto desejo quanto eu. Tinha gosto de conclusão, de lugar certo, de nada fora do lugar, de coisas que estão do jeitinho que elas têm que ser. Tinha gosto de que estávamos prontos.

Eu não vou ser clichê e melado e dizer que todas as mágoas foram embora só porque ela agora se apresenta numa versão melhor. Entrei naquelas águas mais do que desconfiado. Me preteriu uma vez, quem dirá que não o fará de novo? Tesão, por esta mulher de vinte e sete, por aquela de dezessete, isso eu terei sempre. Ela é a minha Nina e o peso que isso tem, para mim, nem balança, nem paquímetro nenhum medem; mas, por saber o que ela fazia comigo, o

quanto me provocava, de primeira instância eu não mergulhei de cabeça, não. Não vou mentir logo agora.

Beijei-a com a mão na bunda, sentindo a falta de calcinha, o rosto dela, os olhos dela bem perto dos meus, as mãos dela na gola da minha camisa. Um monte de beijinho que se espalhou pelo rosto. Deixei que ela comandasse, o Antigo Lipe jamais se aguentaria quieto como este, aparentemente, se aguenta.

Me beijando como me beijava, ela tirou as fraldas da minha camisa de dentro da calça, subindo a mão de barriga para o peito. E depois, antes de abrir os botões, parou.

— Chame o táxi, Lipe – Pediu, afastando o computador, sentando-se na mesa, no lugar que ele ocupou. Pelo interfone e muito rápido, pedi este favor ao segurança noturno – Agora, senta aqui.

Ela sentada na mesa, eu, na cadeira diante dela. Tirou as sandálias e colocou ambos e os pés no meu colo. Se eu olhasse para cima eu veria um rosto vermelho e azul, mas, se eu olhasse para baixo...

— Eu não vou te dizer o quanto te amo e não posso viver sem você. Nesta altura do campeonato é suposto que você saiba. É suposto que não acredite, mas você sabe.

— Olha, Dê, eu...

— Eu vou te dizer como foi me contentar com machos menores – Jogou os cabelos ainda úmidos para um dos lados, se desfazendo do casaco – O problema de enriquecer rápido é que você acha que dinheiro compra tudo. Por três anos da minha vida, depois que você terminou comigo, eu simplesmente esqueci que era mulher. Interpretei bem o papel de cowboy e de empresária, mas esqueci que tinha um órgão no meio das pernas que só serve para gozar.

“Um dia, estava eu numa festa do Príncipe de Mônaco (aparentemente, Alberto II é apaixonado em cavalos eu fui lá para vender. Não cheguei nem perto do príncipe, mas meus cavalos chegaram. Depois que ele aprovou meus PSI é que fui conhecê-lo, mas isso não vem ao caso agora). Aconteceu que lá vi um garoto. Tinha uns vinte anos, eu acho. De costas, ele era igual a você, Lipe. Os ombros largos, o pezinho do cabelo, a nuca. Igual. Depois de três anos, ao te ver, reconhecer você, tudo o que eu empurrei para debaixo do tapete veio. E foi tão forte, Lipe, tão forte, que naquela noite, num hotel pelo mundo, eu sonhei com você. Eu não tive coragem de chegar no tal garoto, mas a minha cabeça, enquanto eu dormia, veio ao Brasil”.

“Na manhã seguinte eu encontrei este mesmo garoto. Era um michê. Ele veio até mim durante o café da manhã e eu perguntei o quanto ele custava. Por cinco mil libras ele se vendia. Eu nunca soube quem ele era, ou o que fazia, mas por uma hora e cinco mil libras, você quase foi meu de novo”.

— Que merda.

— Eu disse quase porque ele não sorria como você. – Sorriu um pouco triste – Foi a única vez que eu tentei achar o meu Lipe em outra pessoa. O chamei para o quarto, paguei seu preço, ele sorriu errado, baixou a calça do jeito errado, não amarrou as sobancelhas. Dois anos depois daquilo eu me encontro de novo com você, o original. Um pedaço de mau caminho tão grande... Lipe, você me deixa sem palavras, é o homem mais lindo do mundo. Toda vez que a gente se fala, eu fico que não me aguento. Toda vez que você me sorri eu fico muito doida para te chupar. Tirar sua camisa, te arrastar pelos cabelos. Lipe, o que você faz comigo sem a intenção de fazer qualquer coisa, não é coisa que se faça: É desrespeitoso e muito mau.

“Só que eu não posso comprar você, não posso te convencer, não posso negociar. Cinco mil libras não vão resolver nada, nem dez, nem um milhão. Eu só tenho isso que você vê: Um corpo perdido no espaço e bem pouco juízo. Eu não posso te prometer felicidade eterna, nem amor eterno, nem nada. Eu só posso me colocar diante de você como estou fazendo e torcer pelo melhor. Tá na sua cara que você desconfia de mim, mas eu não quero me casar, nem morar em Jockey nenhum com um homem desconfiado. Se você não está pronto, ou, se você não quer, você tem o direito de recusar, é um direito seu, mas eu não vou te aceitar pela metade. Um pouquinho por vez eu aceito, juro que aceito, mas hora em que for para me comer, eu quero você todo, tá entendendo?”

— É muito interessante como você é organizada e inconsequente.

— Inconsequente.

— Por exemplo, - arrastei-a do tampo da mesa para o meu colo. A Dê é gorda, a gente cola um inha no fim da palavra para amenizar o fato de que é gorda, é sim, então que fosse gorda no meu colo – Se eu vou embora e te deixo sozinha porque só posso me dar pela metade, o que você faz?

— Primeiro eu choro.

— E depois?

— Me acabo na mão.

— Qual mão, a que você prendeu na porta?

— Balarino manco dá show também.

— Mas você não está esperando dormir sozinha esta noite, está?

— Não, claro que não.

— Inconsequente, – chamei – sempre foi. Eu que não vi.

— Sê inconsequente comigo. – Abria os botões da minha camisa, um sorriso desafiador e lindo, os olhinhos pidões – Deixa o amanhã para amanhã.

Tirou a própria camisola e todo o resto foi previsível. No intervalo entre o segurança chamar o táxi e o táxi chegar, ela arrancou de mim o que queria.

Nua no meu colo, a pele arrepiada de frio, quente em contato com a minha. Beijei-a não como o moleque de dezessete anos beijaria, mas como eu era ali. Não só ela tem novidades para mostrar.

A grande merda da espera é que você não quer esperar nem mais um segundo. A minha mão enganchada entre os cabelos dela, a Dê me abrindo o zíper da calça, ofegante com bem pouco.

Mordi queixo e pescoço, mordida de gado, para marcar mesmo, quando ela montou em mim, ao redor do meu pau, quente e molhada, sem cerimônia alguma e zero preliminares. A Nina cavalgando, para cima e para baixo, gemendo baixo no meu ouvido, a minha mão uma na bunda, a outra enlaçando a cintura, que é para ela não fugir nunca mais.

Cinco anos de espera não resulta num sexo romântico e bonitinho. Tanto tempo de espera te faz, com sorte, durar uns quinze minutos. Foi assim que eu aceitei a Dê de volta ao meu mundo com as bagagens, os cavalos, a irmã abelhuda e o tal Jockey que vai me servir de casa. Me beijava com a boca dura, dançando ao redor de mim, as meias roçando a minha jeans, na cadeira sem braço do escritório que tenho com a minha mãe.

Me exauriu em quinze minutos, menos até, a Maldita. Só serviu de insatisfação e necessidades. Saiu de cima de mim, vermelha, vazando porra minha, os seios inchados, mais emergencial e louca que eu. Foi assim que a gente deu “oi” um para o outro.

Respirava ofegante. Inteira trêmula, um tremor que você via, que sentia. A pele eriçada de frio, mas tesão, também. Devolvi-lhe a camisola, ajudei-a a vestir o casaco e dei-lhe apoio para que calçasse as sandálias, mas não dissemos nada, não precisávamos. Só o jeito que ela me olhava eu entendia tudo.

Demorou muito pouco para que eu estivesse pronto para outra. E queria outra, depois desta. Talvez o tempo fosse exponencial: a cada foda, talvez duremos quinze minutos a mais que a anterior.

Fechei o escritório enquanto ela chamava o elevador. Não nos tocamos lá dentro. Me olhando fundo nos olhos, fazia amor comigo sem me tocar. Me devorava, duas ondas com fome. Catorze andares no silêncio que era dela, o silêncio que custei a entender.

O silêncio dela agora era o meu silêncio e ele não era esquisito, desconfortável, alheio. A filha da puta me comia com os olhos, onda que quebra na praia e me deixa de pau duro, louco por mais uma. Olhava para a minha camisa mal arrumada, para a minha boca inchada, para o pescoço ao qual esteve agarrada e mordendo, para as minhas mãos. Me invadia. Explicitamente, me invadia. Nenhuma vergonha, nenhuma palavra.

Inconsequente. E incrivelmente organizada. Está no rosto dela, nos olhos

dela, nas mãos dela. Esta mulher me ama. Ama, e não é pouco. Se com Admirável Mundo Novo nas mãos foi que me entendeu inteiro, eu, naquela caixa de elevador, também a entendi. O silêncio dela não era nulo, nunca foi. Era forte como toda forma de amor. Só no silêncio dos catorze andares é que eu entendi quem era Andressa Botelho.

Não a Andressa Botelho de vinte e sete anos, mas toda dela. E as meias sete oitavos que estou muito doido para tirar no dente.

Depois daquilo eu não pude mais julgá-la, ou me arrepender por não ter feito diferente. Isso não era mais trabalho meu. Coisas acontecem, os dois tomaram no cu. Os dois são imbecis. Ela me olhando daquele jeito, olhos nos olhos, ela era a mulher certa para mim e eu, o homem certo para ela. O moleque de dezessete, de vinte e sete, de trinta e sete e todas as demais dezenas. O certo. Encaixado num espaço-tempo perfeito.

Espaço-tempo perfeito este que se encaixa no silêncio dela. Sem desilusões, sem mágoas, sem erros, sem famílias. Só eu. E também, só ela.

Meu lugar favorito no mundo passou a ser aquele elevador. Nunca mais falei mal de elevador nenhum, nem mesmo dos panorâmicos.

— Puta merda, - ela disse, quebrando o próprio silêncio, olhando o taxista descontente por nos esperar, estacionando atrás da Hilux do pai dela – esqueci que estava de carro e você nem para me lembrar!

— Eu não estava muito preocupado com isto.

— Fica parado aí.

Fiquei. Na porta dupla automática do edifício em que alugo uma sala. De casaco e meias, arrumada para sair à rua, a Dê se debruçou sobre a janela do taxista, conversando com ele, pedindo desculpas.

Se eu já não estivesse pronto para outra, ali, eu tinha ficado. Porra minha e dela brilhava na luz do poste, escorrendo entre as pernas dela. As pernas esticadas, a bundinha arrebitada, o casaco tampando só uma parte. Sem vergonha, também, além de inconsequente.

— Você me desculpa, viu, moço? – Ouvi ela dizer, antes de o taxista arrancar com o carro de volta para a avenida.

O vento frio do novo dia que amanhecia anunciava, finalmente, um tempo bom. Voltou do meio fio, sorrindo bonitinha e cínica, sabendo que eu não desgrudei os olhos nem por um segundo.

— Você sabe algum hotel nesta cidade que seja flat? Quero te fazer café da manhã amanhã quando a gente acordar, que nem quando éramos moleques e você ia me ver naquele apartamento em Minas.

— Café da manhã já almoço, você quis dizer, né?

— Café da manhã, se Deus quiser, café da tarde.

Ou janta.

Amanhecia quando ela abriu a porta do quarto de hotel. Cansada, visivelmente exausta, os olhos cozidos. Me sorria um sorriso limpo, sem farsas, nem mágoas.

— O que você quiser, você pede. — Eu disse, me referindo a sexo mesmo, enquanto ela colocava a bolsa sobre o aparador da pequena antessala do quarto — Nunca fui bom de ler mentes.

— Tira a camisa, então, — Disparou, à queima roupa, se desfazendo das sandálias altas e do casaco outra vez. — que esse monte de tinta no seu braço me deixa muito curiosa.

Tirei, botão por botão, a camisa. Ela me ajudou na gola. Lenta e sorridente. Tirei a camiseta sem manga que eu usava por baixo da camisa. O braço direito fechado de tatuagem matemática, constelações, números da casa do Pi formando um bracelete, na altura do bíceps. Um fractal azul pouco abaixo do cotovelo, do lado de dentro do braço. A maioria, tudo tatuagem desconexa que eu fui ligando uma com a outra conforme o tempo. Nem todos os desenhos têm significado sentimental, só a cor azul é que tinha.

Preto também tinha, além do azul. Até o ombro, só tatuagem autoexplicativa, as que todo mundo já tinha visto. No peito, pouco acima da teta, do mesmo jeito que Antônio tem o nome da Clau, dez pauzinhos de presidiário tatuados. Um para cada ano. Terminei com ela para não sofrer. Funcionou? Porra nenhuma. Olha lá o filho da puta derretido, apaixonado, besta e babaca com a volta da Vaca Megera.

Sorridente, beijou os dez pauzinhos, lágrimas nos olhos. De volta para a estaca zero. Tem gente que perdoa traição, tem quem perdoe marido negligente (abraços, seu Rodrigo), tem quem nunca supere fim de namoro. Enquanto ela beija a tatuagem que mais parece cicatriz, dez cortes profundos no couro do Lipinho Lindo, eu ainda penso se casamento e filhos é meu sonho.

Nunca pensei desta forma. Nunca parei para pensar nos meus atos, mas faz sentido. Faz mais sentindo isso, do que um engenheiro que até que se anima com Dubai e Chile, mas não se empolga.

Ter um moleque de olho azul para acabar com o resto de sono que não tenho. A possibilidade de ela ir embora de novo. Ela beija minhas tatoos e eu penso nos ademais. Virar pai solteiro quando ela se cansar do Terceiro Mundo. O medo de ser abandonado e a vontade de deixá-la entrar.

Carpe Diem, Lipe. Disse um sábio, uma vez. Tatuei isto também.

Imerso nela, o beijo, o toque, anoitecer num quarto de hotel enquanto lá fora amanhece. Realidade, finalmente, dois adultos. Um moleque engenheiro que empilha tijolo, mas que não sabe ser sozinho. Nem fala do próprio trabalho com tanto amor. Vinte e sete anos, sozinho. Com medo, mas com vontade. Olhando para uma mulher que se diz pronta.

Acabei de gozar nela, numa foda mal-dada de quinze minutos. Na Nina que eu sempre amei. E se sai mesmo um moleque de olho azul? Esqueci deste detalhe, de como é que os bebês vêm ao mundo.

— Do que é que tá rindo? – Ela perguntou.

— Acabei de pensar numa idiotice.

— Normal. – riu também. – Me conta?

— Esqueci de como é que os bebês vêm ao mundo.

— Como é?

— É, gozei em você e nem me toquei. Fiquei maravilhado com a bocetinha esportada, mas nem me toquei. Dê, e se sai um bebê daí?

— A Dê de dezessete estaria em pânico.

— E a de agora?

— ...

— Você não está com medo?

— Não. Quer dizer, também não me toquei que a gente não usou camisinha, mas agora que você me lembrou, homem bonito, eu não estou me importando muito, não.

— Você me dá um monte de apelido.

— É, - se desculpou – ainda não achei um apelido bom para você. Oscilo porque nenhum parece certo.

— Pode me chamar de Lipe, é como todo mundo me chama.

— Mas, ô, bicho besta! – revirou os olhos, as mãos apoiadas na minha barriga – Hoje eu acho que achei seu apelido, já que você tocou no assunto.

— É?

— Sempre ouvi minha mãe chamando meu pai por “marido” e hoje, quando eu chamei você de marido para os meus pais pareceu tão certo...

— Meu apelido agora vai virar “marido”?

— Você gosta?

— Chama, deixa eu ver.

— Marido – falou, mais baixo e sorridente – Gostou?

— Chama de novo, deixa eu ver.

— Marido.

— É, gostei. Melhor que Príncipe.

— Gostou? – Ela insistiu – Marido?

— Calma, vai. Deixa eu fazer do jeito certo.

— O que foi? Lipe, o que é que-

Ajoelhei. Segurando as mãos da minha Nina, ajoelhado do jeito que os namorados se ajoelham, sem anel como o Lipe de dezessete anos teria feito (por que aquele imbecil, nem dinheiro, nem planos para comprar anel teria). Disse que não queria pedido formal, mas chora que nem cabrito desmamado, agora que me tem de joelhos.

— Nina-

Escondeu o rosto na mão para se debulhar.

— Se você ficar chorando eu não consigo fazer o pedido.

Ela riu um pouquinho, limpando os olhos. É, é ela que eu quero. É mole e é dura. Inconsequente e organizada. Mineirinha come-quieto e manipuladora, também.

— Casa comigo? Cria filho comigo também? Sem futuros, estou falando agora. Eu, você e um moleque de olho azul.

— Caso. – Disse – Na segunda. A gente vai num cartório e-

— Sem futuros.

— Como assim? Segunda-feira não é futuro.

— A gente formaliza depois. Eu sei que você vai encher um estádio só de cafetão de cavalo, mais uma comitiva só para dirigir seus carros, três meses me obrigando a experimentar canapés sem gosto nenhum até você escolher o que mais parece vômito... Não, não, pelo amor de Deus, não me fode. Tô falando sério, depois a gente vê esta merda toda.

— Então não estou te entendendo.

Expliquei como o eu de hoje explicaria. Ergui-me dos joelhos e, enquanto a beijava, tirava-lhe o casaco. A Nina acende fácil. Suspirava pouco depois que afastei os cabelos do pescoço. Ainda não gosto de como eles cheiram, mas ainda são os meus cabelos. A maciez do pescoço dela me pareceu rija. Ela estava inteira assim, não por tenacidade dos músculos, mas por expectativas. Mordi enquanto ela sorria. Aquele tipo de sorriso que não é de graça, nem divertimento. Ela queria aquilo. Gosto de sucesso. Sorria a boca entreaberta roçando no meu ouvido. Eu, abaixado na direção dela, ela, erguida em minha direção.

— Você sabe o que eu vou dizer, não sabe? – Sorri, passado e presente, dez anos atrás e o agora.

Aquela merda de que confiança é um espelho que quando partido não volta ao original, tudo mentira. Confiança se conquista. Confiança é assinada por duas mãos. Ela quebrou a minha uma vez, mas se estou dando uma segunda chance, então tenho que catar um novo espelho e torcer pelo melhor, não vou

trabalhar remendando espelho partido, senão não vai ser confiança, vai ser orgulho. Jogar na cara dela de que ela não pode errar comigo (pois já o fez uma vez) não é parte de mim. Cabe a ela inovar na pisada na jaca, mas não repetir.

— O que você vai dizer, Lipe?

— Eu não sou mais seu primo – Sorri, olhando nos olhos dela – A partir de agora, deste momento, neste quarto que não é o nosso, eu sou seu marido. O pai dos seus filhos, o macho que ainda vai te comer muito, ainda. Passa a se conformar que casou comigo e não importa o que a lei ou o estado digam, é comigo que você casou, ouviu?

— Dá a mão para mim – Pediu, caçando a minha mão. Com ela bem perto do peito, ela parou de se justificar, se defender, falar o tanto que tem falado. Só disse o que a Nina precisa dizer: - Eu te amo, Marido.

Do mesmo jeitinho doce e apaixonado que ela me faz feliz quando diz e que já me liquidou uma vez.

Era só a metade do caminho, aquele. Me sorrindo como me sorria, eu a conduzi para a cama. Casamos do jeito que as crianças acham que casam, assinando contratos implícitos que só os adultos assinam. Depois vai ter festa, a família toda dando pitaco, padre e essas coisas, mas só depois. Ali foi importante que fôssemos só nós. Que nos entendêssemos como Marido e Mulher.

— Quer que eu vá para o banho, antes? – Me perguntou, enquanto eu desabotoava suas sandálias, depois que ela se sentou na cama.

— Não.

É branca a parcela de perna que escapa da meia entalada no meio das coxas. É macia e quente. Descansadas, paradas na cama, são lindas. Beijei uma enquanto deslizava a meia para fora das pernas. A mão de cafuné, quente e carinhosa, veio depois, enfiadas no meu cabelo.

— Tem certeza que você não quer que eu tome banho?

— Tenho, para de fazer pergunta.

Sem dizer nada, eu, aos pés da cama, ela sentada, se abriu toda, me recebendo e me convidando. Ofegante, sempre com muito pouco, ela colocou a minha cabeça no meio das próprias pernas para limpar a lambança que a gente fez não tinha nem meia hora.

Eu nunca tinha feito isso antes, de limpá-la. Eu lembro de ela falando que porra não é sujeira, mas isso de ela me guiar para si depois que a gente já terminou, isso nunca houve. O gosto é estranho, pega na língua, tem gosto de fluído de bateria (é, eu sei o gosto que tem um fluído desses), mas depois, passados os três segundos de estranhamento, ela me olhando com os olhos apaixonados e nublados, tudo ficou simples.

Sempre gostou de beijinho. Nunca se empolgou com mordida ali, nem

chupada forte. A Nina sempre gostou de beijinho. Sorri ao me lembrar disso. A primeira vez que a coloquei na boca ela morria de vergonha. Agora se oferece e me olha. Esboçaria sorriso se não contraísse a face.

— Deita, Amor – Ofereci, puxando a camisola dela um pouco mais para cima, enquanto ela se deitava na cama que não era a nossa.

Voltei com a boca onde estava, sentindo a mão pequena de volta para o meu rosto e cabelos. Tateei com os dedos e a palma da mão o corpo da nova Nina. Continua gorda, graças a Deus. Continua com as pernas roliças, as ancas redondas, os quadris largos. Perdeu um pouco da minha barriga, para onde é que eu me lanço, agora? Ainda dá para apertar? Ufa, dá. Com as mãos em cima da minha, quatro mãos sobre a minha barriga redondinha, ela se curva, flexionada, apertando a minha cabeça entre as pernas.

As costelas cobertas pela camisola, cintura mais fina que o quadril desde a época da Forbes. O que eu já gozei para aquela imagem não está escrito. Tudo o que eu imaginei fazer com aquela imagem se concretizando na minha mão. A Nina na minha cama geme mais bonito que a Dê da revista e tão bonito quanto a primeira Nina. Mais bonito, talvez, por que esta Nina não tem vergonha, nem pudores quando me puxa pelos ombros para a altura do próprio rosto.

Gosto de como ela é macia. Me beijando com as mãos no meu rosto, ela é Rainha do meu Mundo. Ela sorri me olhando nos olhos, o rosto vermelho, num espaço entre um beijo e outro. Ela também não tem nojo do melado da minha boca, me beija com gosto e com fome, suspirando, baixinho, só para mim.

— Você ainda gosta disso – Constatei quando ela fechou bruscamente os olhos enquanto eu entrava com os dedos.

— Amo.

— Ama?

— Amo – Suspirou, os olhos cerrados e a boca desfeita da minha – Lipe...

— Não é este o meu novo nome.

— Lipe...

— Me chama do jeito certo.

Não se prevê a nova Nina. É a fortaleza e as armas engatilhadas, tudo em miniatura. Baixinha, as mãos pequenas, o rosto pequeno. Deu conta de me virar na cama e montar em mim. Escorrendo em cima do meu zíper fechado. Sorria, sacana, sem vergonha, os cabelos bagunçados, jogados para um dos lados, sensual como um diabo, entregue e no comando.

— Marido.

Assinou contrato com o Diabo, esta daí. E vendeu foi a minha alma.

Desceu para me beijar, linda e de bochechas rosadas, sentindo o meu e o

gosto dela misturados, me comendo pelas beiradas como eu costumava comê-la, boca pelo pescoço e queixo, não muito lenta, força na boca e dentes para me deixar marcado. Beijou a tatuagem dos dez cortes profundos e me lambeu até a orelha.

— Se eu não estivesse com muita vontade de dar, tentaria te colocar todo na boca. — Riu baixinho quando me viu perder o tampão da cabeça. Silenciosamente, escorregadia, abriu o meu zíper por baixo de si, me caçando. Tirou a camisola quando se encaixou, os olhos nos meus, sem nunca me perder de vista. Sentada em mim, dona de mim e de tudo o que tenho, ela me olhava, nua rebolando devagar, cavalgando de leve, as duas mãos espalmadas no meu peito.

Um show particular. Paguei o ingresso a prestações. É para me converter que você faz isso, Maldita? Imaginar uma cena dessas nas improbabilidades, já imaginei. O moleque de dezessete anos que nunca morreu em mim está que não se contém. O de vinte e sete, também. Olha as tetas balançando devagar, os ombros em cima delas, o rosto levemente alucinado, baço de desejo, abandonado longe do meu.

Forcei a bunda dela para acelerar o ritmo, automaticamente, ela apoiou os cotovelos na cama, o rosto quente bem. Nas costas ela ainda tem as minhas dobrinhas. Agarrei nelas como se eu fosse me perder. Ela dançava. A cada vez que roçava a barriga na minha, um passo mais perto da perdição. Sentei-me na cama com ela no colo, o rosto na altura dos peitos. Ali. Ali, as duas Ninas cheiravam igual. Ali. A Nina dançava em cima de mim, o melhor balé do mundo, a bochecha encostada na minha cabeça, as mãos cravadas nas minhas costas. Com as pernas cruzadas atrás de mim ela gemia alto.

— Perfeito. — gemeu entre os dentes — E eu sou a mulher mais sortuda do mundo.

— Já vai?

Ela sorriu, me atacando, enchendo a minha boca num beijo comprido, duro, que imitava o quadril. Urgente, mordidas.

— Vem junto. — Pediu.

A gente pulou do precipício assim, uma vez. Ela me deu a mão e eu menti que era seguro. Pulamos. Escalamos tudo de novo: Ela mente para mim que é seguro e, desta vez, meu turno de confiar.

Pulamos.

Ele ainda dorme igualzinho. Nunca consegui trocar o dia pela noite e

acordei, sem querer, com o Sol me queimando o rosto. Onze da manhã, o relógio diz. E ele dorme de bruços, os cabelos despenteados, delícia de homem que dorme. Os dois braços debaixo do travesseiro, num arco acima da cabeça. Será que ele conseguirá dormir mais do que as poucas horas que tem dormido? Será que exaustão é a chave para o meu Lipe dormir melhor?

Sensação de mulher bem-comida. Mulher bem-amada. Acordar todo dia assim vai me deixar mal-acostumada. Escovei os dentes longe do banheiro, observando-o dormir. De cuecas e fora da coberta, Lipe, você que é o dono do meu mundo. Dono de mim, de tudo o que eu tenho, de tudo o que eu sou. Ele brinca entre a adolescência e a vida adulta, nunca decide um lado. É lindo e eu amo isso nele, também.

Olhei a cozinha pequena do flat e olhei o que tinha dentro dos armários. Nada, um par de pratos, dois pares de talheres, um par de xícaras, um par de copos, um par de taças. Mais nada. Nem mesmo uma leiteira. Devia ter olhado isto antes de querer mimar seu homem, espertona. Calcei, mais uma vez, as sandálias e vesti o casaco por cima da camisola. Ignorei as meias. Nem me olhei no espelho embora a probabilidade de estar com um belo de um chupão no pescoço fosse grande. Perguntei às pressas para o atendente da recepção onde tinha um mercado.

Viver em hotel não vai dar certo. Nem que a gente alugue um quarto-e-cozinha até o Jockey ficar pronto, mas em hotel, mesmo estes com cozinha, não vai dar certo.

Três quadras. Tinha um mercado há três quadras. Montada num salto, cabelo bagunçado, sem banho, lá vai Dessa Botelho exhibir um chupão do marido para o mundo.

Marido. Parei para esperar o farol fechar para os carros, pensando na palavra Marido. Virei mulher de alguém. É isso mesmo, Vaca Megera? Mulher de alguém?

Entrei no mercado, só senhorzinho de idade. Contabilizei os danos: se eu comprasse chaleira e estas coisas, quanto de benefício eu teria? Onde eu enfiaria este monte de tralha? Uma cafeteira simples me sorriu. Menos trabalhoso. Peguei a caixa na mão. Filtro, pó, açúcar, pãezinhos, vai, Dê, corre, daqui a pouco ele acorda.

Nossa Senhora das Manhãs Pós-Núpcias, não deixeis o Lipe acordar. Duas sacolas cheias. Cheguei no caixa, desejei bom dia e esperei a escorregada que ela deu dos meus olhos, para meu pescoço. Desenvolvi uma ótima técnica de passar vergonha sem parecer: só empine o nariz. Empinar mesmo, lá em cima. Isso. Agora passa o seu cartão de crédito e corra.

Subi o elevador desejando que o Lipe dormisse. Duas sacolas pesadas.

Nenhum Marido delícia dormindo, pelo contrário, um furacão que larga uma zona. A minha mala de viagem escancarada no meio do quarto, revirada. Minhas meias largadas do avesso num canto. A porta do banheiro aberta e o barulho de xixi caindo no vaso. Acabou o encanto, vida real, Dê.

Me enfiei para a cozinha e os desenganos não acabaram. A tomada da cafeteira não entra na tomada da parede da pia. Será que é tão difícil fazer café nessa cidade?! Que ódio! Com calor, (é um tal de tira e põe casaco que puta merda) tirei o casaco e as sandálias, tentando enfiar a droga da tomada da cafeteira na droga da tomada da parede.

— Faz assim, Nina – O Lipe segurava a minha escova de dente na boca, pasta escorrendo pelos cantos, uma faquinha de serra na mão. Tirou a parte plástica da tomada e só deixou dois fiozinhos. Torceu-os separadamente, depois.

— Precisava destruir o fio da cafeteira? Acabei de comprar!

Enfiou um fiozinho torcido em cada buraco da tomada da parede e ligou o aparelho. Funcionou e ele, que nunca foi humilde, estendeu os braços para longe do corpo, um em cada direção, cueca branca e peito nu, fazendo cara de algo que eu entendi como “O engenheiro aqui sou eu”. Destruíu minha cafeteira e ainda tripudiou. Saiu balançando aquela bundinha linda dele para dentro do banheiro, de novo.

Ouvi as cusparadas na pia enquanto colocava água dentro do jarro da cafeteira. Tão sexy e tão romântico... No frigobar debaixo da pia, coloquei as coisas sobressalentes enquanto, sobre a mesa, coloquei quase tudo o que comprei. O pão francês (que eu estava morrendo de saudade!) podia pelo menos estar quentinho, mas já era mais de onze da manhã, eu tive é sorte de encontrar pão a esta hora.

— Bom dia. – Me beijou com a boca de hortelã, a voz rouquinha por ter acabado de acordar. Um sorriso de homem que me tem. Algo nele mudou de ontem para hoje. Não sei o quê, mas algo. Ele parece... vistoso? Alegre?

— Bom dia, Marido. – Respondi. Ele jogou meu cabelo para trás do meu ombro e fez carinho com o polegar numa parte do meu pescoço que doeu.

— Desculpa ter machucado – Disse, dando beijinho.

— Não tem problema, eu não senti.

— Nem eu – riu baixinho, me laçando a cintura.

— Só não deixa outro, tá? – Pedi – Você não sabe a vergonha que eu passei no caixa do mercado.

— Posso deixar um onde ninguém vai ver?

— Não, sem vergonha!

— Ah, eu que sou o sem vergonha. – Riu, me soltando, procurando coisa no frigobar, sendo que em cima da mesa já tinha um monte de coisa de comer –

Eu quem ontem fiquei rebolando no pau dos outros, né?

Nossa. Nossa. Não dá para passar cartão de crédito e se fingir de rica esnobe com ele. Senti o rosto esquentar na hora. Por esta eu não esperava, não estava nem preparada. Tiro à queima roupa e de fogo-amigo, ainda.

— Eu sabia. - Riu, lambendo a tampinha do danone que pescou dentro do frigobar, os olhos desafiadores para cima de mim. – Eu sabia.

— Você pelo menos podia avisar quando fosse soltar uma.

— Dê?

— Oi.

— Rebola no meu pau de novo?

— Não, Lipe, vai para o banho, deixa eu terminar o café.

— Mas eu não estou sujo.

Sorrindo, em chamuscas, gostoso como eu nunca vi, baixou a cueca branca, ficou pelado na minha frente como ainda não tinha ficado, o peito carente de pelos, pelos do umbigo numa linha fina e tímida me guiando para o meu pau, pronto para outra. A menina de dezessete já tinha alertado que o macho de vinte e sete a derreteria. Profecia cumprida. Extasiada e um pouco boquiaberta, também. Me seduzia sem palavras. Me tinha na mão, comendo quietinha e pedindo mais. Me olhava, as sobrancelhas unidas, os olhos que me servirão de farol daqui para o resto da eternidade. O sorriso sem vergonha, forte, majestoso. Ele é todo assim.

Puxou a cadeira para longe da mesa pequena encostada na parede e se sentou, as pernas abertas, relaxadas, as mãos abandonadas no colo, o Danone sozinho triste porque não tem mais língua para ele. Nu, de cima a baixo, o cabelo torto sem modos, o sorriso que sumiu. O problema comigo é que eu não queria parar de olhar. O problema comigo é que eu vou acabar dependente dele, cega por ele, alucinada e balbuciando coisas sem sentido.

Fui, e a gente encaixou certinho. Sem me mexer, eu só o sentia lá dentro, quente e inteirinho meu. Só meu. Ele me olhava com aquela monocelha que ele forma quando fica com tesão e o maxilar travado.

— Lipe, - falei baixinho na orelha dele, para falar com o animal enlouquecido e sem ciência – tira a minha camisola.

Me atacou com força. Ele próprio esqueceu do meu chupão e já preparava o terreno para mais outro. Me mordida a beirada do rosto raspando o dente, os olhos fechados, o rosto vermelho. Tirou minha camisola passando a mão pelo meu corpo, a mão grande e pesada que ele tinha, me apertando no processo.

Ele morde enquanto eu danço. Dá tesão enquanto ele morde e força a minha bunda. Me deu um tapa estalado na bunda e me sorriu, me testando. Dei

um tapa no rosto dele, tudo de teste. A gente não se conhece mais e ele não só travou o dente de ódio, como estocou com força, acelerando o ritmo. E deu mais um tapa na minha bunda.

Me puxou gentilmente pelo cabelo, sem força bruta. Quase um carinho. Enlaçando a minha cintura com os dois braços, me impedindo de rebolar. Com a boca entreaberta, ele lambia a tudo o que encontrava. Como eu, descontrolada e insana, ele ia longe. Rápido e forte, mas sem ser bruto. Eu não gosto que ele seja bruto e violento, nessas horas eu pego um pouco. Violência me intimida.

Eu gosto dele assim. Safado e quente, mas com as mãos que por vezes me dizem “eu te amo”. Ele é todo assim, bate na minha bunda e me sorri, me testando. Me beija com boca assassina e acarinha meu cabelo. Isso faz diferença para mim.

— Rebola, Nina— Pediu, baixinho, deslizando as mãos para os meus quadris — Acaba comigo.

Fiz. E descobri que ele gosta de uns tapas, também. Com as mãos em mim a gente foi longe. Ele gosta da minha bunda do jeito que ela é, da minha barriga, das minhas costas, das minhas dobrinhas. Ele demonstra isso enquanto geme e mete a mão e isso, nele, é lindo.

Sempre vou me sentir e sempre serei a mulher mais gostosa do mundo, no colo dele. Rainha do Universo. As coisas que ele me ensina sobre o amor e resistência, as coisas que ele quer aprender junto comigo, que quer construir junto de mim. Me aperta e me morde sem esquecer que eu sou a mulher dele, a Nina dele.

Sorrindo. Travado de tesão e loucura que me sorriam. Dono do meu Mundo. Dono de tudo o que eu tenho. Se a Forbes chamou de Império, então é tudo seu, Lipe. Faz o que quiser comigo, com meus cavalos, com a minha vida. É tudo seu, sou toda sua. Faz o que quiser comigo, Amor. Te coroo.

Te coroo, marido. Faz comigo o que quiser.

Epílogo

Avance a fita um pouco: Um ano depois

— Você tem que voltar, Guto, pelo amor de Deus, volta para o aniversário do seu irmão, pelo menos. Eu tô te pedindo – Falei, quase aos prantos. Eu só via dezenas de milhares de reais escapando pelo meu cartão, tudo gasto com hospital e ficava louca. Escondia os boletos do cartão para que o Lipe não visse, mas, mesmo assim, sem poder dizer nem perguntar, eu só sabia tremer de medo com o que quer que o Guto estivesse aprontando. – Por favor, Guto, volta para casa.

— Você é a única pessoa que eu atendo o celular por achar que me entenderia – Respondeu, muito bravo.

— Guto, eu te entendo!

— ENTÃO PARA DE ME MANDAR VOLTAR! – Gritou e soltou o ar nervoso, atarefado, cansado. Alguma coisa de muito ruim aconteceu e ele não tinha a decência nem de pedir ajuda.

— Desculpa. – Pedi.

— Desculpa gritar – O Guto que eu conheço não grita.

— Você tá caindo?

— Já caí.

— Consegue se erguer sozinho?

— ... não.

— Vem para casa, eu cuido de você. Somos sua família, Guto, a gente não existe para te fazer mal.

— Você não entenderia. – E desligou.

Em um ano desde que voltei, muita coisa mudou. O Tio Digo gostava de dizer que a gente erguia, tijolinho por tijolinho, a versão mais moderna da fazenda do vô. Uma versão moderna e chique, pronta para cavalos ultravelozes e feita, em partes, para o público.

Refizemos tudo praticamente do zero. Das pistas de corrida às piscinas de fisioterapia, dos estábulos às áreas do clube com campo de futebol e salões. Abrimos uma ala cirúrgica para cavalos ao lado do estábulo aos moldes do antigo hospital hípico que a Bia trabalhou como estagiária, em Belo Horizonte.

Derrubamos a casa do Jorge e, num canto afastado, separado das áreas públicas, fizemos uma pequena vila. Na entrada, a casa de temporada dos cavaleiros portugueses que comandavam nossos cavalos e treinavam com eles para provas olímpicas e, aos fundos, casinhas confortáveis aos trabalhadores do

Jockey que quisessem se mudar para lá. Dos seguranças aos peões, às copeiras, cozinheiras e chefs dos três restaurantes da área, dos peões aos jardineiros e todo o pessoal que quisesse morar e criar filho lá, uma mais lindinha que a outra, com porteiro e vigilância vinte e quatro horas, praças com playground e piscina infantil, o Lipe quem projetou, com ajuda da Manu, todas elas.

E, no outro extremo do Jockey, uma vila só nossa. Três casas exatamente iguais, pequenas e charmosas, de madeira, uma para mim, outra para a Bia e a terceira para a Roberta, ex-mulher do Jorge.

Jorge, falando nele, saiu sob fiança. Processos correm sob sigilo de justiça contra ele, um pela Lei Maria da Penha, outro, por desvio e lavagem de dinheiro, outro por divórcio e mais um, por pensão. Ele ainda queria a guarda da bebê da Roberta e fazia a vida dela um inferno, mesmo com medida protetiva e mesmo não entrando no Jockey, vivia telefonando ameaçando tirar a bebê dos braços da mãe e prometia, toda vez de uma forma diferente, acabar com a vida dela.

Ele me ligou também, para ameaçar. O Lipe queria que eu comesse a andar com seguranças, mas eu não sou louca de perder minha liberdade para uma pessoa que não tem nem coragem de aparecer na minha frente. Eu juro de pé junto que ele ameaça a Bia também, mas ela não diz, não abre a boca. Vive para cuidar dos estábulos e tomar café da manhã com os peões, não diz nada nem sobre ter apanhado do Jorge ou não, nem sobre ter sido ameaçada por ele.

Aos poucos, Portugal também vai se alinhando. O escritório em Lisboa também se adaptou ao fuso horário brasileiro, parte do quadro de funcionários que não quiseram vir ficaram aliviados ao saber que não seriam mandados embora, Tobias da Áustria foi o último a saber que eu vim ao Brasil e não gostou de saber que agora iria beber vinho Moscato sozinho.

A Bia corre com a égua temperamental e tenta fazer dela a estrela da reabertura do nosso Jockey. Tudo novo, tudo, como o Lipe diz, Lindo. Com a mesma égua que a fez comer por um canudinho por seis meses, agora ela monta e dá show. Nossos cavaleiros olímpicos Leonardo e Benício, por mais que montem com classe em Ulisses e Heitor, meus dois cavalos favoritos, morrem de ciúmes da Bia na Bel. É lindo de ver, parece que elas se entendem um grau que ninguém mais é capaz de entendê-las.

A árvore que a Bel é, quando cai, a Bia ouve. E segura na guia com mais cuidado, menos pressão, não empurra a barriga escura da égua com a bota. Sempre lê os movimentos da Bel antes de vê-la fazê-los e sempre sabe como reagir. Brincam de gangorra, a égua domada tardiamente, enquanto batem qualquer outro cavalo da pista.

No silêncio, as duas, eu tenho certeza que a Bia faz a Bel bater recorde

de velocidade, mas não contou a ninguém para não ter trabalho. Ela me conhece, sabe que se temos um cavalo dono de recorde, eu a faria competir pelo mundo todo até que todos desejassem um filhote do meu bicho.

Da borda do hipódromo reformado, retinho, todo circulado por cadeiras e pequenos camarotes, eu vejo a Bia na Bel e me derreto. É lindo demais, a peonada toda se derrete porque as duas combinam.

E quando a Bia salta da Bel, agarra logo no pescoço de um Encrenca que virou o nosso campeão de adestramento. Venceu Mônaco, Marrocos, França, México e Espanha. É pentacampeão de prova de adestramento porque parece que ele entende que a gente deu tudo o que tinha para vê-lo bem. Em tempo seco come no chão, não no comedouro como os outros cavalos e sempre coloca as patinhas na água para continuar fortificando os pulmões.

No fundo, o Encrenca é o Lipe. Dois potrinhos lindinhos e sensíveis no peito, mas que cresceram e ficaram dois cavalões maravilhosos.

Chorei de alegria o dia que vi, sem querer, o Lipe debruçado num projeto novo e secreto. O projeto da nossa casa, do jeitinho que ele queria, com piscina atrás de casa porque o Lipe é louco por piscinas, mas com poucos quartos, uma sala de jantar bem grande, igual de Poços. Chorei de alegria, para falar a verdade, muitas vezes. Fazia tudo compensar. Chorei de alegria também, um ano depois que estávamos juntos, quando fiz xixi num copinho e vi dois palitinhos azuis no teste.

A Bia só chamava o Lipe de Gala Seca. A gente tentou por um ano todinho, sem camisinha, nem proteção, só bênção de mãe e pai, até que um dia a menstruação atrasou, minha compulsão por doces na época da TPM parece que ficou pior, eu fiquei mais inchada do que o normal e pronto.

Grávida. Ê, bênção. A Dê de dezoito anos surtaria com um resultado desses. Filho tem que vir assim, se vier, quando a gente quiser e puder dar para ele tudo o que tiver e mais um pouco.

Cortei, tentando esconder do Lipe, café e vinho. Só suco e água. Às vezes eu morria de vontade de dar um golinho num Moscato e mandava alguém comprar suco de uva integral para mentir a mim mesma que era vinho.

Lógico que não funcionou e aí sim que eu percebi que eu virei alcoólatra. Tremia de vontade de beber. Como todo mundo, achei que conseguiria parar quando quisesse, mas assim que cortei tudo de uma vez por causa da gravidez, percebi que era dependente.

Contei para o meu pai na hora e lembrei de quando ele me fez prometer de não carregar o mundo nas costas. Liguei para ele, fiz o que sempre faço, pego o telefone sem medo. Contei da minha vontade de beber gigante, das vezes que eu recorri ao vinho para não surtar e do buraco no meu peito que eu tapei sempre

com uma garrafa do lado.

Ao Lipe eu não contei, fiquei com vergonha. Me fazia parecer menor. Ele percebia que eu bebia muito, uma garrafa não durava um dia na minha mão, mas não disse nada. Talvez ele saiba, ele não é burro, muito pelo contrário. Não sei como ainda não descobriu que seremos pais.

De todo jeito, eu preferia contar a ele num dia especial. Meu presente de aniversário.

Dia vinte e oito de agosto é o dia dele e aquele seria o primeiro ano que comemoraríamos o aniversário dele na nossa casa. O Lipe inventou uma maluquice de cinema no nosso quarto: chama de Box in a Box, parece. Você enfia um quarto dentro do outro e não deixa as paredes se encostarem por uma grossa camada de óleo. Virei noites ouvindo sobre como a LucasFilms tinha a única sala do mundo com o índice de ruído zero justamente por causa desta tal Box in a Box.

O que ele pretendia com isso? A mãe dele olhava para mim e ria, nem escondia. Ela é a mulher doida com tara maluca, ele é o filho dela e você, leitor que a esta hora está rindo mim, já pode imaginar até onde um menino que faz da mãe a melhor amiga é capaz de ir.

De todo jeito, era quinta-feira de manhã e eu acordei envergonhada e com frio com a quantidade de xixi que havia naquela cama. Não pergunte, nunca responderei o que aconteceu naquele quarto, morro de vergonha antes. Fui para o banheiro da suíte e ri com a quantidade de sal de banho espalhado no chão.

É engenheiro de ITA, POLI e o escambau, mas na hora que encheu a banheira e quis se enfiar lá dentro comigo, esqueceu que bastava um quarto de banheira cheia. Voou água para tudo quanto é lado quando a gente começou... é, você imagina. E de manhã tinha ramo de erva seca até colado na pia do banheiro.

Meus pais estavam na minha casa desde o dia anterior, justamente por conta do aniversário do Lipe e eu agradeci muito pelo “Box in a Box”. Nenhum ruído. A gente podia perder a linha, ficar louco e tudo o mais que, ao sair do quarto eu ainda seria Andressa e ele, Felipe.

Casa tem três quartos já pensando em um ficar para hóspedes. O Sheik viu o tamanho da nossa casinha e riu alto, achando engraçado e excêntrico uma mulher como eu “se contentar” com só aquilo.

Eu disse, em resposta, que eu cresci com “só aquilo” e que aprendi que “só aquilo” era o suficiente. E se for para descrever a quantidade de frescura que a gente enfiou numa casa de três quartos, eu começaria com o sistema de som integrado bluetooth que o Lipe instalou no quarto.

Desci de camisola esperando que todos estivessem dormindo, para

preparar um café da manhã para ele. Não adianta: eu amo coisa de café da manhã, sempre vou amar. Odeio o fato de não poder tomar café, mas eu dei um jeito, conheci vários chás que fazem bem para as grávidas, que têm um pouquinho só de cafeína e que não fazem mal.

Subi com Danones só para vê-lo lambendo a tampinha. Tudo o que a gente costumava fazer aos dezessete anos virou simbólico, até lamber prato, até dar flor, até as distopias que líamos, as fotos que mandávamos. Tudo ganhou o dobro do peso porque a gente só consegue ficar junto hoje porque confiamos cegamente aos dezoito.

Por isso, de aniversário, comprei uma raridade que nem vai fazer tanta diferença assim ao Lipe, porque eu o conheço o bastante para saber disso. Ele ri falando que o Jockey de São Paulo é o quintal dele, fala que ele tem cavalo no quintal, que tem cinco piscinas em casa, mas ainda sai de bicicleta para trabalhar, ainda paga aluguel da sala da empresa dele, ainda vai comer no próprio pai e traz, quando lembra, um bolinho para mim.

Eu gosto do como ele não mudou quase nada. Ainda vai se entupir de tatuagem e que vai enfiar desenho até onde o braço deixar, planeja tatuar o outro braço, o esquerdo ainda vazio, vive desenhando e pedindo que Manuzinha aprimore os rabiscos dele, mas ainda é o mesmo.

E a graça de voltar é encontrar as pessoas que deixei para trás, quando parti.

Olhando-o dormir, ele ainda dorme como aos dezessete anos e só dorme pesado assim ainda porque custou muito a dormir, noite passada. Eu, caindo pelas tabelas de tão cansada, ele rindo e fazendo piada, buscando me acender de novo, me lambendo para ver se eu me animava.

Até a hora que eu falei sério, “chega, Lipe” e ele quase fez bico, coitadinho, me deu colo e ficou brincando com o meu cabelo até virar uma teia, de tanto nó, no dia seguinte.

Pentear meu cabelo depois a gracinha não quer, mas dar nó... Olhando-o dormir de bruços, os braços apoiando a cabeça, o azul no braço e a bundinha linda. Umas coxas que você fica pensando: Jesus, como é possível ser meu, né?

De olho fechado, o sem vergonha fica sorrindo. Tá acordado, já.

— Você é previsível – Ele sorri, me olhando com a bandeja na mão, acha isso a maior graça – Eu sabia.

— Já escovou os dentes?

— Já. Antes de você.

— E por que é que fingiu que estava dormindo??

— É você. Eu te conheço.

— Viu a lambuzeira que você fez na banheira, Lipe?

— EU? — sentou-se na cama com cara de quem não presta — Ah, sim, porque eu transei sozinho, né?

— Foi você quem calculou o volume de água. — Coloquei a bandeja na cama e procurei no criado-mudo o presente dele. — Feliz aniversário, Marido.

Era a primeira edição de Admirável Mundo Novo, em inglês. Comprei de um finado bibliófilo maníaco cuja família não sabia o quanto o acervo do falecido valia. A capa tão bem conservada, as páginas amareladas com aquele cheirinho de livro de sebo que eu gostava muito quando era menina.

Dentro, ele sorriu assim que viu. O teste de gravidez com dois pauzinhos.

— Você é tão previsível. — Sorri por entre as lágrimas, olhando meu Lipe desmontar de emoção.

Cruzou as sobrancelhas cheio de amor, a boca desmontou do sorriso e os olhos foram se enchendo aos poucos. Não disse nada, nem era capaz de dizer, só me olhou naquele diálogo mudo que criamos, os olhos molhados cada vez mais cheios, as mãos que me procuraram e sequer queriam saber do livro.

É, amor. Teu moleque de olho azul está vindo.

Feliz aniversário.

(Dio)

O Lipe assumiu uma postura que eu gosto de ver, com a Dê. Protetor. Macho da espécie. Sempre ao redor dela, preocupado, atencioso. Ele leva o meu sorriso, mas o cuidado da mãe dele. Leva no peito algo que eu não tenho, que veio da Nina. A Nina, com os filhos, é leoa. Enquanto profissional, é leoa. O Lipe com os dele, com as coisas dele, a casa dele, a mulher dele, a empresa dele, o Lipe é leão. Veio de quem veio. Ruge tão ou mais alto que a mãe. Posso padecer aqui e agora, que eu cumpra a minha missão.

Se não fosse a Manu que não terminei de criar e o ingrato... Eu poderia padecer aqui e agora. Morreria feliz. Um já foi, está pronto, formado, perfeito.

Sempre muito coladinhos que nem casal novo, sempre sentados muito perto, um dando comida na boca do outro, dois adolescentes de trinta anos. Terminávamos a sobremesa debaixo daquela chuva de xingamento gratuito que os Ferreira soltam quando se juntam com os Botelho, quando a Dê virou para o marido dela e cochichou alguma coisa. Ele olhou para ela um pouco surpreso. Não importa o que tenha sido dito, fez o Lipe secar as lágrimas na mão, cochichar algo de volta e suspirar fundo, antes de dizer o que eu já sabia que seria dito:

— Vocês estão todos prontos para ser avós? – Disparou, sorrindo muito, o meu filho sonhador que tem a conquista pintada nos olhos.

— Não fode – A minha Nina disse, já se derretendo toda, se enchendo de lágrimas e mais lágrimas, segurando na minha mão por debaixo da mesa. – Verdade verdadeira?

— Não é uma bolsa Chanel, mas...

Os pais da Dê se olhavam, conversando mudos, um olhando muito para o outro, sem dizer nada. Não souberam até que o Lipe comunicou. A mão da Geca que foi no rosto do próprio marido tremia, emocionada e besta. Mal se contiveram, os dois pularam para o pescoço do genro e da filha, felizes e agradecidos, beijando muito.

Demorou pouco para que a mesa fosse um festival de beijo. A Nina olhava, as mãos no rosto, os olhões de comer gente que ela ainda tem, chorosa e feliz. Mais criança em casa. Deus do Céu, que felicidade. Beije a nora e meu filho de novo, os dois que não se continham, brilhantes e felizes do jeito que tem que ser.

— Tava preparado para isso, Digo? – A Geca me disse. – De todos esses anos e depois tudo o que a gente passou, você tava preparado para isso?

Depois do almoço de reencontro dos Ferreira com as Botelho, uns meses atrás, a Geca veio conversar de canto comigo. Me agradeceu por a gente não ter casado e pediu desculpas por coisas que aconteceram lá atrás, coisas que hoje, olhando para o meu filho feliz da vida com a filha dela, não fazem a menor diferença.

O André veio me abraçar, depois, com alguma gratidão paterna. O André é o tipo de cara certo para ser pai de menina, eu não, funcionei melhor sendo pai de menino. Eu nunca falei de sexo com a Manu do jeito que falei com os meninos. Na minha cabeça eu sabia tudo o que dizer, inventei uma cartilha e a decorei toda, o problema era olhar para o rostinho adolescente e alegre da minha menina e recitar. Nunca consegui dizer. A Nina é que foi a grande responsável pela educação sexual da Manu e eu não quero nem ver o que vai ser de mim quando a minha Monstrinha chegar na minha casa com Namorado.

A Bia, que devia ser a porta-voz das piadinhas, sentada na ponta da mesa que a Dê a obrigou a sentar, olhava para a irmã, o chapéu preso no encosto da cadeira, a trança desarrumada, os olhos nublados de tantas lágrimas, em choque. As sobrancelhas primeiro duras, depois amolecidas, de amor. No semblante da Bia, ela saber que seria tia, era como se ela própria fosse a mãe. Cheia de um amor cego que se via.

Coitado desse bebê que está para vir. Vai ser tanto tio e vô babão, tanta gente brigando para segurá-lo, que não vai conseguir dormir muito. Ri com a

hipótese e depois me entristeci.

Estou velho o suficiente para ser avô. Meu filho mais velho tem quase trinta. Cinquenta e cinco. Graças a Deus não perdi cabelo nem vigor, mas tenho cinquentão, já. A Nina olhou para mim pensando na mesma coisa. Filhote mais velho nosso já tem idade para casar. Foi triste constatar isso, a Síndrome do Ninho vazio vai bater tanto na gente, que vai ser duro segurar.

E olha que ele era só o primeiro filho.

— Eu ouvi barulho de portão! — A Monstrinha disse, depois que a gente se sentou para comer outra vez, depois que tínhamos parado de chorar e só sobrava o sorriso grato nos cantos das bocas. — Eu ouvi barulho de portão!

E disparou porta afora como se tivesse dez anos outra vez. De primeira instância eu pensei que fosse o Guto, mas não alimentamos essa esperança, nem atender o ingrato atende, nem ligar, liga. Aniversário do Lipe, ano passado, o Guto não veio, por que viria esse ano?

Descrentes, nem eu, nem a Fê nos abalamos. Só quando o Lipe se ergueu da mesa atrás da Manu, que o resto de nós seguimos atrás.

Seria felicidade demais para nós, para a Nina principalmente, virar avó no mesmo dia em que o Guto estava de volta. Fazia sentido que fosse ele, estar de volta no dia do aniversário do irmão, mas não acreditamos muito que fosse verdade.

Parado de mochila de trilha no meio do jardim, jaqueta pesada para o clima ameno, nós vimos quando a Manu, com a meninice presa nos braços elásticos, fez que ia pular no colo de irmão, cega de saudade.

— Não pula, Manu. — Disse, sério, parando uma bolsa de lona no chão e abrindo a jaqueta pesada.

Cabelos um pouco compridos, sem corte, a barba por fazer. Voltava. Mais que voltava, tinha os olhos brilhantes, muito diferentes do espectro de Doutor Gustavo que foi embora. Voltava alegre. O que te aconteceu naquelas terras, meu filho, que te deu a luz de volta?

Abrindo o casaco para uma Manu ofendida por não poder abraçar o irmão como queria, ele olhava para a irmã, ignorando o resto da família que, parada na varanda, também olhava para ele.

Brotou do meio da figura do meu filho, conforme ele abria o casaco, uma coisinha minúscula de fraldas. Amarrada presa ao peito do pai, uma mocinha, pequeninha de tudo, dormindo naqueles slings que a Nina usou muito na gravidez da mais nova.

Manu perdeu as estribeiras. Olhou para o bebê do irmão, tia duas vezes num dia, e foi caindo. Os joelhos da minha filha mais nova não aguentaram e se não fosse a mão do Guto, aquele que serve de suporte, sempre serviu de suporte

para os outros dois, a menina teria caído.

E então sim, só aí que se abraçaram. Chorou tão alto, a minha filha mais nova, agarrada no ombro do irmão.

Eu até olhei ao redor, me certificando se havia uma mulher com o meu filho, mas não havia. Voltava para casa só o Guto, não interessa o que aconteceu com a mãe biológica do bebê, a nenhum de nós interessava. Guto era pai e mãe da menina. Médico e pai solteiro.

O Lipe foi depois se juntar com os irmãos. A Nina se aninhou no meu peito e não saiu. Chorava tão ou mais emocionada quanto o resto de nós, olhando os três filhos, os três projetos da nossa vida, a continuação do nosso amor em forma de gente. O Lipe também chorou, no abraço do irmão. Saudades e outra coisa. Também tem o coração fraco como o meu, meu filho mais velho. O único de coração forte como o da mãe era o Guto, que recebia no peito aos dois irmãos que se debulhavam em lágrimas, misto de mágoa e amor, e os beijava.

O Lipe pegou a mala do irmão e a Manu deu a mão para ele, beijando-o muito e cochichando alguma coisa no ouvido. Menina que não cresce. Dois corações moles e um duro a gente fez, Nina. Tem que ter um coração muito duro para virar médico. Tem que ter um coração muito forte, muito corajoso, para sair de casa e enfrentar o mundo de peito aberto. O Lipe é a casa, a Manu são os cômodos. Filho de construir, filha de destruir. A Manu e o Lipe são idênticos. Os mais parecidos com a mãe por fora, são os pais parecidos comigo, por dentro. O Guto? O Guto habita nos irmãos. Dentro e fora, pertence e não pertence. O Guto, entendi, meu filho, o Guto é do Mundo. Fiz só um filho para o mundo: os outros dois são meus.

Voltaram para a varanda, os meus três paladinos, o combatente do front e os dois irmãos de coração fraco, o Guto olhando muito a mãe, a mãozona dele aparando a cabecinha da filha. Macacão rosa, o bebê vestia. É menina.

— É por isso que você não voltava para casa. — A Nina disse para o filho, baixinho, ainda colada em mim.

— Fui porque precisei, mãe. — E eu já ouvi isso uma vez, vindo da boca da esposa do meu filho mais velho. — Volto porque agora dá.

A Nina o atacou com a mesma meiguice nos braços que a Manu tinha. Aninhou a cabeça do cão de briga que atende por filho nos ombrinhos curtos, acarinhando-o com amor e dando-lhe as boas vindas. Voltava. Sensação de casa cheia, completos outra vez. Não falta mais ninguém.

— Eu te amo, mãe. Desculpa não ter atendido a senhora todas as vezes que me ligou.

— Tudo bem, Gutinho — Beijou o rosto barbado, as mãos de mãe ao

redor do rosto dele – Qual o nome da minha neta, filho?

— Madalena.

— Madalena? – A mãe dele estava que não se cabia. Madalena era a música secreta da infância do Guto e do Lipe. *Madalena do Jucu*, o nome da Música. Nascida lá, para ser criada aqui. Madalena. – Madalena, da nossa música?

— Gostou? – Ele sorria e de tanto vê-lo amargo esqueci que filho meu tinha um sorriso lindo.

— Madalena Ferreira. – A mãe disse, num pranto de orgulho. – Que nome forte.

— Nome forte para uma princesa forte. – O Guto disse, olhando a bebê com carinho, enquanto a mãe o ajudava a tirar o sling. Depois, olhou para mim, os olhos cheios d'água, dizendo: – A Minha Nina é ela.

E aí foi a minha vez de chorar feito um condenado, tomando nos braços o paladino que ficou maior que eu em todos os sentidos. Completo. Posso padecer aqui e agora. Eu também, completo.

Fui o primeiro dos Ferreira a segurar a Lena no colo. Tão quietinha, a mocinha. Tão pequena. Tinha na mãozinha a identificação do hospital, ainda. Não entendi o que aquilo significava. Eu tive três filhos e aquele bebê não tinha acabado de sair da barriga da mãe, já tinha mais de três meses de vida com toda a certeza.

— Vem para dentro, Guto – O Lipe chamou e todos nós entramos. A Manu atrasou o passo um pouco, louca de vontade de pegar o bebê no colo, enquanto o Guto cumprimentava o resto das Botelho.

— Tão verdes! – A Manu disse, quando pegou a bebê no colo – Olha o olhão dessa menina! Tão verdes!

Tão verdes, mas tão verdes, que se joga na terra, nasce. Madalena Ferreira. O Gosto que tem esse nome deixa a gente marcado. Fez nascer alguma coisa no meu filho aqueles olhos, aquela pele pretinha, as bochechas gigantes. Estava mudado, dava para ver. Sentando à mesa do lado do irmão e a esposa dele, o Guto era outro. Mais feliz, menos estressado, tranquilo. Calado, o Guto nunca gostou de falar, mas a figura dele dizia. Sorria feliz olhando para o irmão e chorou que nem todos nós choramos, ao saber que a Dê estava grávida e que logo, o Lipe também seria pai.

— Marido, - a Dê disse, a cabeça encostada no ombro do meu filho – vamos dar o quarto do nosso bebê para o Guto?

— Quer vir morar com a gente, Guto? – O Lipe perguntou. – O quarto é branco, não tem tudo ainda, a gente estava montando aos poucos, mas se você quiser, a gente acelera.

— Eu quero. — O Guto disse, sem cerimônia, tomando o irmão num afago apertado — Fiquei com medo de chegar de volta e não morar mais com você.

— A minha filha e o seu filho vão dormir no mesmo quarto, igual a gente fez a vida toda. — O Lipe sorria, recebendo no colo a sobrinha. — Tão linda! Olha para ela, Nina, tão linda!

— Igual a gente fez a vida toda. — O Guto repetiu, mais baixo, pertencente, admirando o irmão e a cunhada, bestas e babões por cima da menina.

— Bem-vindo de volta, Guto — A Dê disse, por cima do ombro do marido chorão, ela que entende melhor que ninguém a necessidade de ir buscar alguma coisa que falta, fora do ninho.

Sem dizer nada, A Bia se levantou da mesa, enterrou o chapéu na cabeça e, mansamente, saiu de casa. Deu tempo de ver os olhos manchados, profundamente escorridos. A Bia quando chora, parece que sai a essência pelos olhos. Desde que deixou de ser menina, raramente a vi chorar.

Cowboys, diziam, não tem que ficar de pranto.

Saiu porta afora e não voltou. Olhei para a Geca primeiro, depois para o André.

Pois é, não é?

Antes que você vá embora:

Gostaria de pedir desculpa pela demora excessiva da publicação da continuação da Saga dos Ferreira. Houve uma editora interessada no mesmo e, por sugestão deles, não publiquei independente para (quem sabe) publicar por editora.

Com isso, atrasei em mais de um ano todos os meus livros, até que dei um ultimato, e, aos poucos, estou os disponibilizando por e-book e físico independente.

Se você gostou, não deixe de avaliar. Entre em contato, sempre que quiser, pelo e-mail camila@aquelavelha.com.br e pelo site: www.aquelavelha.com.br. Também sou achável no Facebook, é só caçar Camila Marciano (prazer!) por lá.

O Livro do Guto vem aí. Sete de Novembro é nós que voa, irmão.

Obrigada por tudo e desculpe o incômodo.